DA ASIA
DE
JOÃO DE BARROS

Dos feitos, que os Portuguezès fizeram no descubrimento, e conquista dos mares, e terras do Oriente.

DECADA QUARTA.

PARTE SEGUNDA.

LISBOA

Na Regia Officina Typografica.

ANNO MDCCLXXVII.

Com Licença da Real Meza Censoria, e Privilegio Real.

INDICE
DOS CAPITULOS, QUE SE CONTÉM NESTA PARTE II. DA DECADA IV.

LIVRO VI.

CAP.

LIVRO VII.

de-

de

sa

LIVRO VIII.

LIVRO IX.

LIVRO X.

CAP.

DECADA QUARTA.
LIVRO VI.
Governava a India Nuno da Cunha.

CAPITULO I.
Em que se descreve a origem dos póvos Mogoles, e que parte da terra habitáram.

ORQUE a guerra dos Mogoles com ElRey de Cambaya, e o que della succedeo foi cousa mui notavel, e de que coube grande parte ao Estado da India; e que aos Portuguezes causou muito trabalho, convem darmos noticia particular desta gente, e em que parte da terra estava escondida, dos quaes té aquelle tempo, em que vieram ter guerra com o Soltam Badur Rey de Cambaya, os nossos que na India andavam não tinham conhecimento algum; e para maior satisfação dos que se deleitam em saber historias, repetiremos de longe a origem delles. Esta gente, a que commum-

mente os noſſos chamam Mogores, e propriamente Mogoles, elles entre ſi ſe chamam Chacatais [a], por virem de huma linhagem antiga, e nobre dos Tartaros, aſſi chamada, de que elles ſe gloriam muito, como os Heſpanhoes ſe jactam (ſem razão) de vir dos Godos, como ſe os Godos, e os Chacatais não foſſem dos Barbaros, que povoam as terras frias do Norte. A região que eſtes Chacatais habitam he chamada Chacatá [b], vizinha á Provincia Turqueſtan, mui natural, de que procedêram os verdadeiros Turcos. E poſto que todos os Chacatais ſejam Mogoles, os nobres ſómente ſe nomeam Chacatais, aos quaes he grande injuria chamar-lhes Mogoles, tanto como ſe lhes chamaſſem vilãos, o que não he no povo, que por iſſo ſe não eſcandaliza.

Os Perſas, que foi a gente daquellas partes Orientaes, que mais cedo recebeo a ſeita de Mafamede, por as vitorias que delles houveram os Arabios, e que com a ſeita tambem recebêram a Eſcritura, eſcrevêram em ſuas Chronicas, que eſtes Mogoles deſcendem de Magog neto de Noé Patriar-

ca

a Impropriamente são chamados Zagatais, e a Provincia em que habitáram Zagatai.

b Diogo do Couto *eſcreve, que a eſta Provincia Chacatá deo nome Chacatai filho de Chingiſchan, Senhor das Provincias Sogdiana, Bactriana, Aracoſia, Aria, Parthia, Perſia, e Armenia.*

ca das gentes, filho de Jafet [a]. E assi dizem, que Magog foi hum Rey poderoso naquellas partes de Tartaria, de que procedêram muitas, e diversas familias, e linhagens, como diremos em nossos Commentarios da Geografia, em que fallamos da origem dos Tartaros Asiaticos. Em vida deste Magog, e depois per todo o tempo que reinou seu filho Tarahan, as gentes que estavam debaixo de seu Imperio guardavam a religião, costumes, e adoração de hum só Deos, segundo tinham recebido de Noé seu progenitor. Mas falecidos estes dous Reys, succedêram outros Principes, que seguíram suas proprias inclinações, com que os póvos se deram a varias seitas, e opiniões contrarias aos preceitos dos seus antigos Padres. Daqui se causou derramarem-se per diversas

a Faz Diogo do Couto *larga relação dos Mogoles, e de sua descendencia, a qual deduz, seguindo as historias Tartaras, de hum Turco neto de Noé filho de Jafet, (do qual não fazem menção os Historiadores,) como se póde ver nos cap. 1. e 2. do liv. 10. E no cap. 7. do liv. 1. escreve, que quando no anno de 100. de nossa Redempção baixáram do Norte os Mogoles, com as outras gentes, ficáram elles povoando o Reyno de Mandou; e que naquella Cidade se vem ainda hoje tres sepulturas de Reys Mogoles, como consta dos letreiros dellas; e he presumpção bem fundada, que foram estes póvos antigamente senhores de toda a India, onde no maritimo della fundáram as duas Cidades de Mangalor, huma na costa de Dio, e outra na de Canará, e nesta ha sepulturas de muita antiguidade, per cujos epitafios se conhece que jazem nellas Reys Mogoles.*

partes, e habitarem novas Provincias. E posto que esta gente per aquella grande Tartaria tinha este nome de seu primeiro Principe Magog, e fosse havida por vagabunda, como aquella que discorre per diversas partes, onde se mais conservou esta geração foi na região que ora he chamada Mogalia, ou Mogostá do nome delles, a que Ptolomeu chama Paropanisus, posto que elles se extendam mais, porque vam vizinhar ao presente com o Reyno Horacan, chamado per Ptolomeu Aria, de huma Cidade sua Metropoli, a que hoje chamam Here. E pela parte do Norte vam beber as aguas do rio Geum [a], chamado dos Geografos Oxo, que passa pela Provincia Bactriana, nomeada de sua metropoli Bactria, que ora se chama Bohára, estudo mui célebre, e antigo, como reliquias do grande Zoroastres [b], a que os Persas

a Outros chamam a este rio Abia.

b Zoroastres, como refere Suidas, foi Persa Medo, viveo em tempo de Nino Rey dos Assyrios, antes da guerra Troiana 500. annos; persuadio aos Assyrios que depois de sua morte, que foi com fogo do Ceo, guardassem as suas cinzas, se queriam que se perpetuasse o Reyno delles. Escreveo quatro livros da Natureza, hum de pedras preciosas, e cinco de Astrologia judiciaria. Plinio escreveo no cap. 16. do liv. 7. que rio Zoroastres no mesmo dia que nasceo; e no cap. 1. do liv. 30. que foi o inventor da Arte Magica, e o primeiro que a praticou em Persia. Outros Authores affirmam que foi Zoroastres Rey de Bactriana, e que teve guerra com Nino, na qual foi morto. E não póde ser viver Zoroastres antes da guerra Troiana 500. annos, e em tem-

ſas chamam Zoac. Neſta Bohára eſtudou Avicenna, Medico celebrado, por ſer natural da terra, ſegundo eſcrevem os Perſas, o que lhe não tira ſer natural de Cordova, conforme a opinião de alguns; porque póde ſer que por ter eſtudado em Bohára, o queiram os Perſas fazer ſeu natural. Tem mais os Mogoles da banda do Nordeſte a região Sogdiana, a que elles ora chamam Queximir, e aſſi o monte Caucaſo, que devide a India de outras Provincias, e regiões Boreaes. He verdade que neſta noſſa idade, como he gente belicoſa, correm da parte de Meiodia té os montes a que Ptolomeu chama Parveti, e Bagous [a], e elles Angon.

Eſte Eſtado era de huma gente chamada Patane, que ſenhoreava eſtas montanhas; e como os que habitam nos confijs dos montes Pyreneos, daquém, e dalém delles, são ſenhores dos paſſos perque paſſamos de Heſpanha a França, e de lá para cá, aſſi eſtes póvos Patanes são ſenhores de duas entradas, que a India tem, para aquelles que per terra querem ir a ella; porque os que vam da Perſia do Reyno Horacam, de Bohára, e de todas as partes Occidentaes, caminham té a Cidade, a que os naturaes chamam corru-

pa de Nino, como diz Suidas, porque Nino morreo no anno do Mundo 2048, e Troia foi deſtruida 824. annos depois, no anno do Mundo 2872.

a Ptolomeu na nona Taboa da Aſia.

ruptamente Candar, havendo de dizer Scandar, nome per que os Perſas chamam Alexandre, por elle (como eſcreve Arriano [a]) edificar eſta Cidade, e do ſeu nome ſe chamou Alexandria ſituada ao longo do rio Aria. Eſta Cidade he huma das mais illuſtres, e célebres daquellas partes, por ſer ponte, e porto per que ſe caminha para a India; porque as Serranias da Provincia Ciſtou, que vem cortando para o Meiodia té os deſertos de Mazeran, deixam no meio huma aberta, onde como porto eſtá Scandar ſituada. Nella ſe tomam dous caminhos; quem quer ir pelos deſertos de Mazeran, vai paſſar o rio Indo na Cidade Batcar ſituada nas correntes delle, (a qual por a ſituação que tem, podemos dizer ſer aquella a que Ptolomeu chama Ariſtobatia [b];) e querendo della ir ao Reyno de Cambaya, tomam á mão direita pelo rio abaixo, e vem entrar nelle pelas Serranias dos Resbutos, e vam ter á grande Cidade delles chamada Patane, e dahi a Lavaia. E querendo ir ao Reyno do De-

a Arriano faz menção de quatro Cidades, que Alexandre Magno fundou, e á que deo ſeu nome. A primeira em Egypto, na boca Occidental do rio Nilo. A ſegunda nas fraldas do monte Caucáſo, não longe da Cidade de Bactra. A terceira no rio Iaxartes, chamado de Arriano Tanais, (outro do que divide Aſia de Europa.) A quarta ao pé do monte Paropaniſo, e eſta parece que quer entender João de Barros *que ſeja Scandar.*

b Na Taboa nona de Aſia.

Delij, vam pelo rio acima té a Cidade de Moltan Metropoli dos póvos Mòltanes. E deixando á esquerda o rio Indo, caminham per terra chã a mais povoada de toda a India, té chegar á Cidade de Delij, que he a cabeça daquelle Reyno, que della se nomea, situada nas correntes do rio Iamona, a que Ptolomeu chama Diamuna [a], e Plinio Iomanes [b].

Estes caminhos de que fallamos são as estradas geraes das Cafilas, que ás vezes são de tres, e quatro mil homens; porque a terra além de ser deserta, e em muitas partes montuosa, he de muito perigo, por causa da gente montanhez, e campestre, que vai buscar as estradas para roubar os caminhantes. O caminho de Candar a Batcar não o seguem as Cafilas senão em tempo de guerras, por ser muito deserto, e ter quatro, ou cinco jornadas sem agua, e de muita arêa, temendo que se forem pelo de cima, que está á parte do Norte, além dos montes Angon dos Patanes, por ser per meio do Reyno dos Mogoles, podem ser delles roubados. Este caminho de cima, para quem quer ir ao Reyno de Delij, he mais breve, e povoado, posto que mui fragoso em partes; e na Cidade de Candar põe o rosto quasi a Les-

a *Na Taboa 10. de Asia.*
b *Liv. 6. cap. 17. 19. e 20.*

Leſte, atraveſſando toda a terra Hozara, e vai ter á antiquiſſima Cidade Cazrij meia arruinada, e dahi á Cidade Cabol Metropoli dos Mogoles. A qual tambem por cauſa das montanhas, e ſerranias he outra ponte que vam demandar, não ſómente as Cafilas, que vem de Candar, mas ainda as de Camarcant, e de toda a Provincia de Turqueſtan, e Caxcar. E deſta Cidade Cabol té outra por nome Ingoxan, em que haverá tres dias de jornada, tem as Cafilas bom caminho; mas como chegam a huma Villa chamada Haibar, dahi té a Cidade de Nilao, e della té as portas per onde entram na India, que ſerá caminho de cinco dias, he elle tão eſtreito, e fragoſo, que ſe não póde ir por elle ſenão a fio, e olhar para o cume das Serranias, e pôr os olhos nas nuvens. E chegando á porta per onde os Perſas dizem que entrou Alexandre Magno, a qual elles chamam Darbande, que quer dizer porta fechada, e os Indios com a meſma ſignificam Dangalij, deſcobre-ſe o campo da Comarca chamada Guzar, onde eſtá ſituada a Cidade de Beera nas correntes do rio Bet; eſta campina he já da terra da India. E como quando da aſſomada de huma montanha ſe vem grandes campinas, em que a viſta ſe perde, aſſi paſſada eſta porta, que fica ſoberba, apparecem aquellas do Reyno

do Delij, povoadas de muitas Cidades, e lugares, sem achar nem huma só pedra em que tropecem. Esta terra he em si fertil, e graciosa á vista, por ser regada destes cinco notaveis rios, que fazem o corpo do Indo, Bet, Satinague, Chanao, Raué, e Bea.

Desta porta té a Cidade de Candar, que fica atrás, onde se estremam os dous caminhos que dissemos para a India, tudo são Serranias, e terra aspera, parte da qual era do Estado dos Mogoles, principalmente a que está mais ao Ponente, e Norte, que he a menos fragosa. E a que está ao Sul dos montes Bagous, ou Parveti, como lhe Ptolomeu chama, e a que está ao Oriente té a porta Darbande, que he dos póvos Patanes, tudo são serranias asperas. E posto que as Cafilas, que per estes dous póvos passavam, lhes pagavam seus direitos, segundo seu costume antigo, quando viam aquellas riquezas Orientaes que vinham da India, e as Occidentaes que entravam nella, onde se commutavam humas cousas por outras, fazialhes grande cubiça do Senhorio della; e por duas causas crescia a esperança que tinham de conseguir seu desejo: a primeira, por serem elles Mouros, e os póvos da India Gentios, quasi té o maritimo da India baixa, cuja costa nós navegámos, muita parte da qual he já sujeita aos Mouros; a outra cau-

sa

ſa era, ſerem elles todos gente belicoſa, e bem armada, e ſoffredora de trabalho, coſtumada a pelejar a cavallo por a grande cópia que delles tem. O que tudo viam pelo contrario nos Gentios da India, por ſer gente fraca, e imbelle, mais induſtrioſa, e inclinada ao uſo mecanico, e de commercio, que ao exercicio das armas, e as de que uſam ſerem fracas, e ſem cavallos, e eſſes que tem de ſua terra ſerem fracos, e poucos, e os que vem de fóra de tanto preço, que os não podem ter ſenão Senhores, e peſſoas de muita fazenda.

Mas ao deſejo deſtes dous póvos havia dous inconvenientes que os impediam. Aos Patanes, que eram os mais vizinhos da porta Darbande, ter ElRey do Delij poſto nella hum Capitão de muita fidelidade com muita gente de armas para guarda della, e aſſi para arrecadação dos direitos, que ſe pagavam das mercadorias que per ella entravam, e ſahiam. E os Mogoles, que eram mais conquiſtadores que eſtes Patanes, além de terem o impedimento da entrada, tinham Cidades, Villas, e Lugares dos meſmos Patanes, que lhes convinha conquiſtar primeiro que chegaſſem ás portas Darbande. Por a qual cauſa eram os Patanes mui cioſos deſta entrada, e bem entendiam que todas as contendas, e guerras que os Mogoles com elles

les tinham, mais eram per ſe fazerem ſenhores deſta entrada, que por terem cubiça das ſuas terras, e Eſtado, por ſer mui fragoſo, e eſteril, e differente do ſeu delles. Com eſte receio que os Patanes tinham, quando das partes da Perſia, de Bohára, de Camarcante, e Caxcar vinha alguma grande Cafila para entrar na India, como era de quatro, ou cinco mil homens, não os deixavam entrar em ſuas povoações, nem paſſar avante ſem primeiro darem arrefens, e outros ſeguros, per que ficaſſem delles ſatisfeitos, e certos não ſer aquella gente algum artificio, e ardil dos Mógoles. Outras taes cautelas tinha ElRey do Delij na entrada da ſua porta; e por cauſa deſtas ſuſpeitas, e vigias, e guerras em que os Mogoles andavam com os Patanes, per que algumas vezes as Cafilas eram roubadas, ou ao menos lhes faziam pagar direitos dobrados, como ellas chegavam á Cidade de Candar, deixavam eſte caminho de cima, e tomavam o de baixo, que era deſerto, poſto que mais comprido, e eſteril foſſe.

CA-

CAPITULO II.

Dos coſtumes, e trajos dos Mogoles, e da ſeita que tem, e de ſua lingua.

JÁ que tratamos da origem, e habitação dos Mogoles, pareceo-nos neceſſario dizer de ſuas peſſoas, de ſua lei, e de ſeus coſtumes, e trajos, e da ordem da ſua milicia. Os Mogoles são da lei de Mafamede, ſua lingua he Turqueſtan, por lá terem ſua origem, e por a vizinhança que tem com os Perſas tambem fallam a ſua lingua; geralmente são homens bem diſpoſtos, alvos, e de olhos algum tanto pequenos, ao modo dos Tartaros, e Chijs: tratam-ſe todos muito bem, veſtindo-ſe os nobres de ſedas, brocadilhos, e lans finas, e o povo de algodão, e no inverno de acolchoados, e de feltros para a chuva. A maneira de ſeus veſtidos he ſemelhante á dos Perſas, que são ſaios compridos abertos por diante, de pouca fralda, cingidos por cima, como ſe cingem os Venecianos. As barbas trazem compridas, e as cabeças rapadas, nellas trazem barretes altos de feltro tezo redondos, e não agudos, recheados de algodão, ou de outra couſa, com que andem ſempre irtos, e ao redor das cabeças ſobre os barretes toucas de algodão brancas, aſſi poſtas, que

do meio para cima já fóra do caſco da cabeça lhes fique o barrete deſcuberto, por o qual trajo do barrete lhes chamam os vizinhos Cachabax, que quer dizer cabeça de feltro, como chamam mais propriamente aos que vivem na Comarca de Camarcant, na Cidade Metropolitana da região Caxcar, a que as outras nações chamam cabeça de feltro, porque o trazem na cabeça mais alto que o dos Mogoles. Os homens nobres ſe tratam com muita policia, ſervem-ſe de baxellas de prata, alumiam-ſe com vélas de cêra. Quando caminham levam o fato que tem em arcas encouradas, malas, e almofrexes cubertos com repoſteiros, ou alcatifas, ſobre Camelos, e levam mui boas tendas para ſe agazalharem no campo. Fóra da guerra, em ſuas terras são gente pacifica, branda, e de bom gazalhado aos eſtrangeiros, e verdadeiramente em ſeus negocios. As mulheres deſta nação são formoſas, e para apparecerem em toda a parte.

As armas de que uſam, aſſi as offenſivas, como as defenſivas, coſtumam de trazer mui ricas, principalmente os nobres trazem pelotes forrados de laminas douradas, que lhes dam por baixo do giolho hum palmo com cravações douradas, e muito bem guarnecidas, nas cabeças trazem celadas, e capacetes guarnecidos de ouro com

ſuas

ſuas plumagens. As offenſivas são lanças, terçados, maças de ferro, machadinhas, que levam penduradas nos arções das ſellas, arcos, e fréchas, que he a ſua natural arma para pelejar; e tirando os Tartaros Uzbeques de Camarcant, e da Provincia Caxcar, e dahi para cima, té contra o Norte, nenhuma nação que á nóſſa noticia vieſſe, chega aos arcos, e ao modo de tirar dos Mogoles; e quanta vantagem os Perſas fazem neſtes arcos aos Turcos de Grecia, e da Natolia noſſos vizinhos, tanta fazem os Mogoles aos Perſas. Toda ſua guerra fazem a cavallo, porque o eſtilo, e curſo delles não ſoffre trazerem gente de pé, porque andam tanto, que anoitecendo aqui, ao outro dia amanhecem dahi a dez, e quinze leguas. Os cavallos são como quartaos, correm pouco, mas andam muito, e pelejam com elles acubertados. Não he gente que ſitue Cidades, e dem combates com artilheria, e artificios, que cá uſamos neſtas partes. Todo ſeu feito são corridas, talhando os frutos, e novidades dos campos, roubando povoações, e com aquelle furor do primeiro impeto tudo accommettem, no que são tão preſtes, que não dam lugar a algum apercebimento; e quando ſe cuida que ſe põem em fugida, muitas vezes ficam vitorioſos, porque aſſi frécham fugindo como quando

com-

commettem. Coſtumam fazer ciladas, e tem niſto grandes modos, e ardijs. E fazem mais conta de ſerem ſenhores do campo, que das povoações; e eſta ſómente he a ſua maneira de cerco, porque ſabem que quem do campo for ſenhor, que o ſerá do mais. Finalmente elles, e os cavallos em que andam são grandes aturadores, e ſoffredores do trabalho. Trazem artilheria em carretas, cada peça de comprimento de hum covado, as groſſas tiram pelouros de tamanho dos de falcões, os das miudas como nozes.

Com eſta gente anda muita de diverſas nações, como Tartaros, Turquimães, Coraçones, e outros, aos quaes tambem chamam Mogoles por andarem com elles. O ſeu Rey trata-ſe com muita mageſtade, e deixa-ſe ver poucas vezes, tem grande guarda em ſua peſſoa, aſſi na paz, como na guerra, na qual o guardam dous mil de cavallo a cada quarto, em que entram cem Senhores principaes, e todos comem de ſua cozinha. Dos mais uſos, e abuſos deſta gente diremos em noſſa Geografia, quando eſcrevermos de ſua região, e das a ella vizinhas, baſta o que aqui temos dito para ſe ſaber o valor deſta gente.

CAPITULO III.

Da causa, que os Mogoles tiveram para entrar no Reyno do Delij: e como ElRey Babor se fez Senhor delle, e do mais que nelle succedeo.

ESTando os Reys dos Mogoles, e Patanes tão intentos em hum mesmo pensamento de se fazerem Senhores na India, para gozarem as riquezas della, como os estados do Mundo estam postos em casos que o tempo traz, aconteceo que hum Rey do Delij chamado Babul veio a ter guerra com outro seu vizinho, contra o qual elle mandou pedir ajuda de gente de cavallo a Abrahemo Rey dos Patanes, cuja Metropoli he Niláo, que distará da porta Darbande quinze leguas. Abrahemo, como nenhuma cousa desejavá mais que entrar naquelle Reyno do Delij, veio a elle o mais poderosamente que pode, e em lugar de soccorrer a Babul, lhe tomou o Reyno; e fazendo-se Senhor delle, mandou vir do seu Reyno muita mais gente, que foi depois causa de o perder, como adiante diremos.

Vindo este a morrer, deixou dous filhos, o maior que ficou por successor do Reyno se dizia Escandar, o menor Alamo Chan. Falecendo Escandar, ficou o Reyno a seu fi-

filho Abrahemo, eſte por ſer homem cruel, e de máo governo, ſentindo Alamo ſeu tio que elle lhe procurava a morte, fugio com ſua mulher, e filhos para o Reyno do Guzarate, em tempo de Modafar Rey delle, que lhe fez muita honra, e lhe deo terras, e renda com que ſe pudeſſe ſuſtentar como filho de quem era. E depois de eſtar em Cambaya, não tardou muito que ſeu ſobrinho Abrahemo fez taes couſas, que muita parte dos Grandes eſcrevêram a Alamo, que ſe tornaſſe ao Delij, que o queriam levantar por Rey; porque ainda que não houvera mais razão que as cruezas, e maldades que Abrahemo uſava, era bem que o depuzeſſem do Reyno, quanto mais ſer elle filho legitimo de Abrahemo primeiro, a quem mais pertencia, que a Abrahemo ſegundo, que tinham por certo ſer adulterino, e não filho de Eſcandar. Alamo havidas eſtas cartas, as foi moſtrar a Soltam Modafar, pedindo-lhe licença, e ajuda para ir cobrar aquelle Reyno, que com tão juſtas cauſas lhe offereciam per que ſe via ſer elle o verdadeiro ſucceſſor. Modafar trabalhou muito por o deſviar daquelle propoſito, dando-lhe para iſſo muitas razões; mas quando vio que Alamo todavia ſe determinava ir, por cada dia lhe virem recados, e cartas dobradas, tornando elle Ala-

 mo

mo a lhe dar conta da preſſa que os do Reyno lhe davam, conſentio que ſe foſſe; mas uſou com elle de huma cautela, aconſelhando-lhe que não levaſſe ſua mulher, e filhos, dizendo, que o negocio a que hia eſtava mui incerto; e como podia ſucceder bem, podia ſucceder ao contrario, como couſa que dependia da vontade da gente do povo, que ſempre foi vária, e inconſtante; por iſſo ſeu parecer era, que deixaſſe ſua mulher, e ſeus filhos comendo as terras que lhe elle tinha dadas, e que quando eſtiveſſe pacifico, elle lhe mandaria a mulher, e os filhos como quem eram.

Eſte conſelho, poſto que foi proveitoſo a Alamo, por os trabalhos em que ſe vio, a tenção d'ElRey era, parecer-lhe que ſe Alamo cobrava aquelle Reyno do Delij, por a vizinhança que tinha com elle, que era bom penhor ter-lhe a mulher, e os filhos em poder para qualquer negocio, e com a licença lhe deo boa ſomma de dinheiro por não ir eſcandalizado delle; e quanto á gente que Alamo lhe pedia, diſſe, que lha não dava por não romper as pazes, e amizade antiga que havia entre ſeu Reyno, e aquelle do Delij. Alamo ſatisfeito d'ElRey com aquellas razões, e com outras, deixando ſua mulher, e filhos como lhe aconſelhou, partio caminho do Delij

lij com ſeus ſervidores ſómente; mas com o dinheiro que levava fez hum bom exercito de gente ſolta do Guzarate, e Mandou, e de outra que ſe a elle ajuntou pelas terras per onde paſſava.

Os Grandes do Delij quando ſouberam de ſua ida, o vieram receber, e levantáram por Rey, intitulando-ſe por eſte nome de Soltam Laudij; e accreſcentando mais ſeu exercito, começou fazer guerra a Abrahemo, o qual por algumas vezes que pelejou com o tio, ſempre o venceo, té que na derradeira batalha vendo-ſe Laudij deſamparado da maior parte da gente, que logo no princípio o ſeguia, com alguns poucos foi pedir ſoccorro a Babor Rey dos Mogoles por razão do parenteſco que tinha com elle. O qual já a eſte tempo tinha tomado parte do Reyno a Abrahemo; porque como eſtes dous Principes, o dos Patanes, e o dos Mogoles, deſejavam de tomar aquella porta Darbande para entrarem no Reyno do Delij; tanto que Abrahemo o velho o tomou pela traição que commetteo contra ElRey Babur, deſcêram os Mogoles ſobre as terras dos Patanes, e começáram de os conquiſtar. E já no tempo que Soltam Laudij lhe foi pedir ſoccorro, lhes tinham tomado eſtas Cidades, Ingoxauz, Haibar, Haibarij, Senará, e a ſua Metro-

poli Niláo, que eſtam no caminho das Cafilas, que entram na India por a porta Darbande, entrada tão deſejada delles.

A cauſa por que eſtes Mogoles em tão breve tempo conquiſtáram eſtes, e outros lugares do Reyno dos Patanes, havendo tanto tempo que o deſejavam, foi, que Soltam Abrahemo o velho, tanto que tomou a Cidade de Delij, começou a deſpejar o ſeu proprio Reyno de gente, por a neceſſidade que tinha della para a conquiſta do outro, que elle mais eſtimava, por a differença que havia de hum Eſtado ao outro, com que ficou tão deſpovoado, que tiveram os Mogoles azo de entrar nelle, e em breve conquiſtáram a maior parte das povoações de baixo, porque as que eſtam nas montanhas ainda hoje as não entram, mas ſe defendem os Bagounes fortemente, e muitas vezes deſcem do cume das ſerras, e vem aos paſſos fragoſos per onde paſſam as Cafilas, as quaes não deixam paſſar té que lhes dem hum tanto por iſſo, como gente que não quer perder a poſſe dos direitos, que lhe as Cafilas pagavam daquella paſſagem.

Babor Patxiah vendo o requerimento de Laudij, por o deſejo que tinha de entrar naquelle Reyno, depois de o receber com muita honra, e gazalhado, como parente, em poucos dias ſe veio com elle, trazendo quin-

quinze mil homens de cavallo, ao qual ſe ajuntáram alguns Capitáes que andavam com Laudij, e o deixáram no desbarato da derradeira batalha. ElRey Abrahemo junta ſua gente, algumas vezes pelejou com ſeu tio em lugares que delle ſe podia ajudar, té que em huma batalha campal que ambos tiveram, em que Abrahemo trazia dous mil elefantes, cuidando que elles baſtavam para lhe darem vitoria, foi elle vencido, e morto dos meſmos ſeus elefantes. Porque querendo com elles romper a batalha dos Mogoles, aſſi como vinham furioſos para romper, aſſi tornáram a virar tanto que ſe ſentíram feridos de huma chuva de fréchas dos Mogoles, que os não conſentíram chegar a elles. Com eſte impeto de fugida, e fréchadas com que os hiam perſeguindo, trilháram, e rompêram a batalha em que Abrahemo vinha, com que puzeram tudo em desbarato. Eſta vitoria confirmou a Laudij ſer havido dos Patanes por ſeu Rey; mas porque Abrahemo ſeu pai não tinha pago a maldade, que commetteo contra Babul em lhe tomar o Reyno, chamando-o elle para o ajudar a defender, a juſtiça Divina diſſimulou com elle para o pagar eſte ſeu filho por o meſmo modo, e ainda com maior damno.

Porque Babor Patxiah como a maior parte de ſeu Eſtado era montuoſo, e aſpe-

ro

ro de soffrer nos temporaes do anno, e não tinha a fertilidade, ares, e riqueza, e tão grande número de povoações como o Reyno do Delij, do qual boa parte elle vio, e passeou naquella guerra, quiz tomar por premio de seu trabalho o proprio Reyno. Para effectuar este proposito, pegava-se Babor a tres razões que a isso o moviam: a primeira, o exemplo de Abrahemo no que fez a Babul, a quem aquelle Reyno fora roubado, e não pertencia a quem o possuia: A outra razão era dizer, que sabia que os Capitães de Laudij lhe aconselhavam que lançasse mão delle Babor antes que se fosse, té lhe entregar as Cidades que lhe tinha tomadas do Estado de seu pai, que era a entrada do Indostan, de que estava em posse, e que por este modo ficaria seguro delle: a terceira, e principal razão, era dizer, Babor ter mais direito no Reyno que o mesmo Laudij; porque dizia que o grande Tamur Lang natural Chacatai em sua vida dera o Reyno de Cabol, que elle conquistou té o rio Indo a seu neto Pir Mahamed Janguir, e este casára depois hum filho seu com huma filha d'ElRey do Delij por a vizinhança que tinham, o qual foi avô delle Babor Patxiah [a]. E huma das pesso-

[a] *Foi o Tamur Lang, o Langar, (como lhe chama* Diogo do Couto, *) que quer dizer felice manco, natural de Quex, Cidade vizinha a Samarchande, o qual depois*

ſoas que a Babor deo muito animo, e ajuda para totalmente ſe fazer Senhor daquelle Reyno, foi hum Mouro de nação Patane, per nome Xer Chan, de que fazemos eſta lembrança por o muito que nos livros ſeguintes delle hemos de dizer.

Finalmente Babor per força de ſuas armas ſe foi entregando do Reyno, té de todo ſe fazer Senhor delle. Polo que vendo-ſe Laudij deſpojado, e cativo, como homem abatido da fortuna, e deſconfiado do remedio, pedio a Babor uſaſſe com elle [illegible] de

que com as armas ſe fez Senhor das Provincias de Horacan, (ou Coraçone,) Perſia, Armenia, e todas as mais que jazem perto do Mar Caſpio, (a que os Turcos chamam Tanguis Xor, que quer dizer Mar Salgado, e os Armenios Xor Guilan, Mar de Guilan, Cidade ſituada nas ſuas praias,) ſahio a conquiſtar o Indoſtan, e do que ganhou nelle, com vitoria de hum Rey do Delij, deixou por Rey a Pir Mahamed ſeu neto, filho de Janguir ſeu filho mais velho, que já era morto, o qual poz a ſua Corte em Cabol. Por morte de Tamur, que foi no anno de 1405. lhe ficáram tres filhos; Omar Miruxiah com o Imperio de Samarcant, com tudo o que ſe comprehende entre os rios Oxo, e Jaxartes, Miraxaroc com o Reyno de Coraçone; e Haomar Xiab, a que chamáram Balobo, que ficou ſem Eſtado. Eſte ſe paſſou ao Delij feito Calandar, matou ao Rey daquelle Reyno, e apoderado do ſeu Eſtado, ſahio a conquiſtar outros do Indoſtan. Herdou-os por ſua morte Abuſſeir ſeu filho, a quem ſuccedeo Babor ſeu filho pai de Omaum Patxiah. E ſegundo eſta relação de Diogo do Couto, *era Babor biſneto de Tamur Lang. Cap. 2. do liv. 10, e no cap. 13. do liv. 1. da 5. Decada, faz outra relação dos ſucceſſores de Tamur Lang, que differe em alguma couſa deſta, como nella ſe póde ver.*

de clemencia, pois o chamára para o ajudar a cobrar o que restava do Reyno, que fora de seu pai, e não para lhe tomar o acquirido, e quizesse dar-lhe liberdade, porquanto queria ir acabar o reste de sua vida na casa de Méca, porque lhe parecia que por seus peccados o quizera Deos castigar. Babor lho concedeo, respeitando ser seu parente, e lhe mandou dar largamente o necessario para seu caminho, e pôr nos confijs do Reyno de Guzarate, onde deixára sua mulher, e filhos em poder de Soltam Modafar, que naquelle tempo faleceo. E não querendo Laudij ir a Méca, se deixou estar no Guzarate em serviço de Soltam Badur, que a seu pai Modafar succedêra.

Do exemplo destes Principes, e de outros que o tempo mostrou, se póde ter quasi por regra geral, que os Principes que sahem do seu Reyno por conquistar o alheio, muitas vezes perdêram o proprio, e o que quizeram conquistar; e que todo o Principe que mette em seu Reyno ajudas d'outro mais poderoso, em lugar de se defender daquelle contra quem pede o favor, vem ser vencido do que chamou para soccorro.

CA-

CAPITULO IV.

Como ElRey Badur de Cambaya começou fazer guerra a ElRey Omaum dos Mogoles, e a Rainha de Chitor lhe negou a obediencia, e a deo a Omaum.

OS Mogoles com estas suas vitorias, e conquistas dos Reynos de Bagou, e Delij foram terror áquelles póvos da India não costumados a guerra da gente do Norte dura, e animosa, e por esta razão receava Babur Rey de Cambaya romper com Omaum Patxia filho de Babor, e assi instou muito na concordia com elle, como atrás dissemos [a], que não podendo conseguir, e vindo a rompimento de guerra, a primeira cousa, que ordenou contra Omaum, foi mandar hum Capitão seu per nome Terca Chan com vinte mil de cavallo, e muita gente de pé, que entrasse nas terras do Mogol.

A causa, por que mandou este Capitão, e não outro, sendo elle ainda muito moço, era por ser hum dos filhos de Soltam Laudij, que elle deixou em Cambaya por conselho d'ElRey Modafar, o qual deo a Laudij terras que comia, além das que lhe tinha dado, quando Babor o deixou em li-

ber-

a Liv. 5. cap. 16.

berdade, e o mandou pôr nos confins do Guzarate, e neste tempo ainda era vivo, e servia a Soltam Badur. E por o direito que este mancebo tinha ao Reyno do Delij, o mandava Badur com aquelle poder a dous fins, assi para elle com maior animo pelejar com os Mogoles, que o deserdáram do seu, como porque a gente Patane sua natural em o vendo com tanto poder o ajudasse, rebellando-se contra Omaum, pois era Senhor estrangeiro, e não natural.

Espedido este Capitão, escreveo Badur á Rainha Crementij mulher do Sanga velho, mãi do moço, que então reinava, que lho mandasse com a gente com que era obrigado villo servir na guerra, porque então tinha muita necessidade delle, e de sua gente. A isto respondeo a Rainha, que de mui boa vontade, e que logo o fazia prestes; mas por não ficar orfa de dous filhos que tinha, lhe pedia por mercê, que para sua consolação lhe mandasse o outro que andava em sua Corte; o que lhe Badur concedeo, e lho mandou a Chitor mui honradamente per dous Capitães, dos quaes hum era Cuja Chan, e outro Mina Hocen. Apresentando elles este Infante a sua mãi, pedíram-lhe que lhe entregasse o herdeiro Sanga, porque vinham para o levar, e que com elle tambem fosse Botiparao seu cunha-

do

do delle Sanga, que era filho do Salahedin. A Rainha mandou muito bem agazalhar os Capitães, e tratallos com muita honra, dizendo-lhes que repousassem, porque em breve tempo acabaria de aperceber seu filho; e a grão pressa mandou fazer prestes muita gente de cavallo, e de pé, com todo o apparato de guerra, dando a entender que era para ir com ElRey seu filho a servir a Soltam Badur.

Entretanto teve a Rainha Crementij alguns conselhos com os principaes Capitães, e com elles assentou que muito mais proveitosa cousa lhe era obedecer a Omaum Patxiah Rey dos Mogoles, que a Soltam Badur, por muitas razões que para isso foram apontadas. E antes que se determinassem a dar este desengano a Badur, secretamente mandou seu Embaixador a Omaum Patxiah, notificando-lhe sua tenção; e que querendo acceitar a protecção, e defensão daquelle Reino de Chitor, seu filho lhe daria a obediencia de vassallo, como a Emperador de todo o Indostan, que elle era. Tanto que a Rainha teve certa a acceitação de Omaum, mandou dizer aos dous Capitães do Badur, que se fossem em boa hora, que seu filho era moço, e mal disposto, e não podia por então sahir de seus braços para o curar, e como estivesse em

boa

boa diſpoſição , ella faria niſſo o que lhe bem pareceſſe. Os Capitães porque inſiſtiam em não ſe partir ſem levar ElRey , mandou-lhes a Rainha dizer, que ſe foſſem logo, ſenão que os mandaria deitar fóra do Reyno, o que elles fizeram ſem eſperar outra reſpoſta. Soltam Badur tanto que ſoube que a Rainha, e os do ſeu Conſelho ficavam naquelle propoſito de lhe não obedecer, e que mandava arrazar aquelle monte, de que a Cidade fora combatida, para delle outra vez não tornarem a receber damno, bem ſentio que iſto era alguma confiança que tinha em Omaum Patxiah.

Paſſado aquelle inverno , em ſe Badur aperceber para ir buſcar eſte ſeu inimigo, tanto que foi tempo, ſe poz em caminho. Mas Rume Chan o tirou de ir buſcar o Mogol, e lhe aconſelhou que foſſe primeiro a Chitor, dando-lhe ſuas razões per que devia caſtigar eſta deſobediencia , por lhe não ficar nas coſtas aquelle Reyno rebellado , que lhe podia fazer damno ſe algum trato tinha com Omaum Patxiah. Movido ElRey com as razões de Rume Chan, partio com cem mil de cavallo, e quinze mil eſpingardeiros; a gente de pé a que pagava ſoldo ſeriam quatrocentos mil homens. De artilheria levava mais de mil peças , dellas groſſas de bateria , em que entravam tres

ba-

basiliscos, e tres meios, e outros canhões grossos, e outra leve de campo, e seiscentos elefantes, todos armados de laminas de aço com seus castellos para de cima pelejarem, e em cada castello quatro homens, e dous berços; levava seis mil carretas, em que sómente hia a fardagem d'ElRey, dellas tiravam bois, e dellas cavallos. Além desta fardagem d'ElRey, hia a dos Capitães, que era outro grande número. Por ordenança dos que governavam aquelle exercito, no lugar onde se cada Capitão agazalhava, tinha propria praça, a que acudiam todos os mantimentos, que os seus regatães eram obrigados a trazer, e assi todo Official mecanico, sem o ir buscar a outra parte, a qual ordem era mais espantosa, que o número da gente, e abundancia de todas as cousas.

CAPITULO V.

Como Soltam Badur foi cercar a Cidade de Chitor, e de algumas vitorias que os Mogoles houveram de seus Capitães, tendo elle cercada a Cidade, que tomou: e do que depois disso fez.

APressou-se ElRey no caminho de Chitor, por lhe vir nova que Terca Chan, que elle tinha enviado ao Reyno do Delij com

com vinte mil de cavallo, pelejára com os Mogoles, e em hum recontro que teve com elles, ficára no campo com a vitoria, pondo-se elles em fugida. Com esta nova, chegando a Chitor, a situou com a mais da gente que levava, a outra mandou com Soltam Laudi, pai de Terca Chan, e com Mompalrao, e outros, com huma cópia de gente, ao extremo do Reyno do Delij, para que vindo os Mogoles per aquella parte, que era mais suspeitosa, os entretivesse, té per elles ser avisado da vinda delles, por o não tomarem de improviso occupado naquelle cerco. Pola qual razão, cercada a Cidade, começou a dar os combates tão apressados, com a muita gente que tinha, que dava muita oppressão aos cercados, que tambem com grande animo se defendiam, no que elle perdia muita gente; e foram-lhe mais trabalhosos estes combates, que os da outra vez, por falta do monte Chitorij fronteiro da Cidade, que a Rainha mandou arrazar; e tambem por ella ter muita artilheria que Badur lhe deixou, quando da outra vez combateo a Cidade para se defender, se os Mogoles a viessem cercar. E como Badur era accelerado, e não tinha paciencia para esperar o tempo, e conjunção das cousas, e diante dos seus olhos via que os cercados com esta artilheria, e gran-

des

des artificios de fogo, matavam muita gente, e não consentiam chegarem a combater o muro, mandou perante si pôr huma meza com muito dinheiro em ouro, e lançar pregão, que por cada pedra do muro que lhe trouxessem daria hum tanto, com o qual partido a gente pobre se aventurava de maneira, que de cento não ganhava hum, ficando lá os outros mortos, e feridos. E com tudo vendo a gente logo o pagamento na mão, tornava-se aventurar, com o que ElRey gastava algumas mil peças d'ouro cada dia.

Estando neste entretimento, por ser já hum pedaço do muro desfeito, por a bateria, e despejo das pedras que a gente tirava, vieram-lhe novas que Terca Chan, que elle mandára com vinte mil de cavallo, e houvera huma vitoria dos Mogoles, e com o favor della, entrára tanto pela terra das campinas do Delij, que hia já mui perto da Cidade de Agara, que era a mais notavel do Reyno, como homem que se hia empossando daquelle Reyno, de que elle era Principe herdeiro, como filho de Soltam Laudij Rey despojado delle; e tendo já andado seis jornadas sem algum contraste, se lhe apresentáram té dous mil Mogoles de cavallo, que comsigo traziam alguma gente de pé da terra, os quaes fingin-

do

do temor de Terca Chan, começáram de se recolher em huma batalha cerrada para hum certo lugar, em que se pudessem amparar. Terca Chan alvoroçado com a mostra de temor que nelles sentia, e com a vitoria que já de outros houvera, os rompeo. Mas elles não curando de lhe resistir, foram-se recolhendo concertadamente, como gente destra naquelle mester, defendendo-se segundo seu uso, tirando com seus arcos per cima das ancas dos cavallos, té entrarem em huns valles de entre humas serras. Os Guzarates como hiam naquelle alvoroço, seguíram sua corrida, té irem dar em duas ciladas que os imigos lhes tinham encubertas, nas quaes os Mogoles matáram tantos, que de vinte mil homens de cavallo, sómente escapáram quatro mil. Neste desbarato morreo Terca Chan, não fugindo, mas pelejando como esforçado cavalleiro que elle era, com alguns que o quizeram seguir nas voltas que fez, e com elle muitos homens nobres, e Capitães Guzarates. E porque os Mogoles seguíram o alcance quatro dias, ainda esses poucos que escapáram foi com favor de Soltam Laudij, o qual por estar naquella parte por onde estes fugiam, acudio com seis mil de cavallo aos recolher, e se foi per huma serra, que era de hum Principe Gentio, que o favoreceo, sem té

en-

então ſaber ſe era ſeu filho morto. Mas depois que de ſua morte foi certificado per peſſoas que o víram matar, mandou eſta nova a Soltam Badur, per que elle ficou mui triſte, e receoſo, aſſi por a peſſoa de Terca Chan, e por os Capitães conhecidos, como porque neſte desbarato conheceo o poder dos Mogoles. Logo mandou ceſſar dos combates da Cidade, por entender nas exequias de Terca Chan, que mandou fazer mui ſolemnes por a nobreza de ſeu ſangue, e amor grande que lhe tinha; e não ſómente elle, que de todos era amado por ſuas boas qualidades, mas os outros que com elle perecêram, foram de todos mui chorados per todo o arraial, e fez mui grande eſpanto a morte deſta gente, e a perda da riqueza do arraial, que ſegundo ſeu coſtume ſoem levar os Guzarates, de que os Mogoles ficáram ricos.

Os cercados quando víram que ſe lhes não davam aquelles continuos combates dos dias atrás, e ouvíram o rumor dos prantos, que no arraial ſe faziam, parecendolhes por elles que ſeriam mortas algumas peſſoas notaveis, deſcêram abaixo á outra cerca onde eſtavam os inimigos, e deram nelles com grande grita, em que fizeram muito eſtrago, por eſtarem ſeguros daquelle ſobreſalto. Indignado diſto Soltam Badur,

mandou logo a grande preſſa dar combates, como que nelles ſe queria vingar da vitoria que os Mogoles houveram. Eſtando neſta furia, lhe veio outra nova, que Mompalrao ſeu Capitão houvera outro recontro na parte onde eſtava com os Mogoles, em que lhe matáram tres mil homens, os mais delles Decanijs, que era a melhor gente que elle trazia daquellas partes, entre os quaes morrêra hum Capitão Gentio daquella meſma gente chamado Bargi, que elle muito ſentio, e aſſi toda eſta indignação que tinha contra os Mogoles, convertia contra os cercados. E tanto fez com dadivas, e promeſſas de rendas, e accreſcentamentos a quem o bem fizeſſe, té que a Cidade foi poſta em ſeu poder á cuſta das vidas de muita gente nobre, e Capitães de nome, em que entráram quatro Portuguezes. Neſte cerco morrêram, ſegundo diziam, quinze mil homens, dos quaes os quatro mil eram de cavallo. O Sanga, e ſua mãi, com toda ſua caſa, e familia, e gente nobre que os quiz ſeguir, ſe ſahíram hum dia antes da entrada da Cidade per huma porta que nella ha da parte da ſerra, pelo qual caminho elles ſeguramente ſe puzeram em ſalvo, deixando queimado quanto movel tinham, que não puderam levar [a]. Soltam

Ba-

a Neſta guerra de Chitor, eſcreve Diogo do Couto, *que ſe acháram Diogo de Meſquita, Lopo Fernandes Pinto, Manoel Mendes, Duarte da Gama, e todos os mais*

Badur não entrou na Cidade com tenção de matar, e roubar a gente que nella ficou, como vitorioso, antes a mandou reformar logo de muros, e segurar toda a gente que andava fugida pela serra, e na Cidade deixou per Capitão Minao Hocem com doze mil homens, a maior parte de cavallo.

Acabadas todas as cousas que tocavam ao socego, e segurança da Cidade, e feitas grandes exequias por os que alli morrêram, partio-se ElRey dalli, levando seu exercito repartido em tres batalhas, como homem que a cada encuberta esperava de lhe sahir huma cilada dos Mogoles; porque ElRey assi como para commetter qualquer cousa ardua, seu espirito era audaz, e sem medo, assi em recear vir-lhe algum mal era timido, como são os tyrannos. O temor dos imigos se lhes dobrava cada dia, e já naquelle caminho que hia fazendo lhe chegou outra nova, como os Mogoles tinham tornado a tomar a Cidade de Chandarij, que o Sanga velho cobrára delles, e destruido muita parte do Reyno de Mandou,

 té

Portuguezes que Badur tinha cativos, aos quaes deo armas, cavallos, e criados, e tudo o mais necessario com largueza, e os fez da guarda de sua pessoa, confiando-a mais delles, que de seus vassallos. E no cerco da Cidade de Chitor Diogo de Mesquita, e seus companheiros mostráram bem o costumado valor Portuguez; e que na tomada de Chitor foram cativados a Rainha, e o Sanga seu filho. Cap. 3. do liv. 9.

té tomarem a Cidade de Sarangue, que diſta quarenta leguas do Mandou, couſa mui notavel.

Indo ſeu caminho com o exercito em boa ordem contra huma Comarca que chamam Doçor, por cauſa de huma Cidade do meſmo nome, alli aſſentou ſeu arraial, ſem querer ir mais avante, per conſelho de Rume Chan, per quem então ſe governava naquellas couſas. Neſte lugar em que ElRey aſſentou ſeu arraial, de huma parte eſtava hum rio grande, e da outra hum tanque d'agua, que elles coſtumam fazer naquellas partes; porque como ha poucas ribeiras para recolhimento das aguas do Inverno, fazem eſtes tanques, (a que mais propriamente podiam chamar lagoas,) todos empedrados. Eſtes são tão grandes, que muitos delles paſſam de legua em circuito, dos quaes beve a gente, e o gado, e eſte que ElRey tomou para defenſa de ſeu arraial, era hum daquelles; e da outra parte onde eſtava o rio obra de duas leguas e meia, per duas partes fez duas cavas per que mettia o rio té o levar ao tanque de maneira, que de todas as partes ficava cercado d'agua, que lhe ſervia de força, e proviſão para o arraial: e per aquella parte per onde os Mogoles o poderiam accommetter, fez hum baluarte, no qual mandou aſſentar mui groſſa artilheria.

Neſ-

Neste tempo os Mogoles tomada a Cidade de Neranguepor, e vindo caminho do Mandou, foi-lhes dada nova como Soltam Badur tinha tomada a Cidade de Chitor [a], que muito sentíram, porque vinham para a soccorrer; e assi com esta nova, deixando o caminho do Mandou que levavam, vieram-se direitamente onde ElRey estava, té assentarem seu arraial duas leguas delle, á vista hum do outro, por a terra ser chã.

CAPITULO VI.

Como Omaum Patxiah teve por perdido a Soltam Badur, por a maneira em que tinha assentado seu arraial: e como foi morto o Capitão Coraçan Chan.

TEndo Soltam Badur, e Omaum Patxiah assentados seus arraiaes hum á vista de outro, cada hum começou de entender como seu inimigo estava para se melhorarem, e saberem per que modo melhor poderiam accommetter. Omaum como vio que Badur estava fortalecido em seu arraial, houve-o por perdido, vendo que fazia mais conta da segurança de ser accommettido, que do campo, do qual elle se fez senhor a dous fins:

a *A esta Cidade diz* Diogo do Couto *que chegára Omaum Patxiah, vindo em seguimento de Soltam Badur, a qual logo se lhe entregou, e que della passára ao Reyno do Mandou, no qual não achára resistencia. Cap. 5. do liv. 9.*

fins : hum mandando ás vezes ſua gente a eſcaramuçar , e ver ſe podia provocar os Guzarates a ſahirem á batalha ; outro a lhes tolher que não lhes vieſſem mantimentos de fóra , entendendo que tanta gente havia de comer , e não ſe havia de manter do vento, e que não podiam ter comſigo tanta proviſão que em poucos dias ſe não gaſtaſſe , na qual neceſſidade Badur ſe vio dentro de hum mez. E para remedio della , mandou hum ſeu Capitão a hum Rao , que era Principe Gentio , que não reconhecia ſuperior , e confinava com as terras do Sanga , e de outra parte com o Reyno de Guzarate , que o proveſſe de mantimentos , mandando-lhe hum preſente de cavallos , armas , e outras couſas. Mas como elle naquelle tempo tanto temia a Omaum , como a Badur , reſpondeo-lhe , que ſe elle quizeſſe paſſar per ſuas terras , que o caminho aberto eſtava , que elle o não podia tolher a hum tão grande Principe como elle era ; mas que ajudallo não podia , porque não comprava inimigos com fazer boas obras a outros ; e ſem querer tomar alguma couſa , eſpedio o menſageiro de Badur. Deſta reſpoſta ficou elle mui enfadado , por ver que já no ſeu arraial era tanta a falta dos mantimentos , que aſſi para a gente , como para as beſtas , valia tudo em muito grande preço , com que os po-

bres

bres pereciam. E se alguma pouquidade vinha para o arraial, era tomada pelos Mogoles, os quaes por lhes escaparem dous Capitães que com huma pouca de vitualha entráram seguros no arraial, trouxeram dahi em diante melhor vigia, elles per huma parte, e o Sanga de Chitor, que era vindo em sua ajuda contra Badur, per outra, de maneira, que té os homens que hiam segar huma pouca de herva, eram logo tomados.

ElRey Badur vendo a destruição, e mortes de tanta gente, e alimarias daquelle arraial, e que muitos desesperados se sahiam delle a buscar que comer, e se podiam de noite, ou de dia fugiam, querendo antes cahir na mão dos inimigos, que morrer de fome, mandou lançar grandes pregões, defendendo aos Capitães que não consentissem alguem de sua Capitanía sahir do arraial sob pena de morte. E por animar a gente, e a não desesperar, mandou Coraçan Chan buscar mantimentos a huma fortaleza que hi estava perto: era Coraçan Chan hum seu Capitão de muita authoridade, o qual tinha debaixo de sua bandeira todos os Coraçones, Mogoles, e Persas que em seu Reyno andavam, e assi gente da terra, com que fez dous mil de cavallo. Partido de noite, foi sentido dos Mogoles, e deixaram-o caminhar té hum certo passo, per onde enten-

tendiam que elle havia de ir, e alli lhe armáram huma cilada entre huns matos. E sahindo-lhe de rosto com té seiscentos homens, foram-lhe alargando o campo té os metterem nella, onde lhe matáram a mais da gente, e elle muito ferido foi levado ante Omaum Patxiah, huns dizem que foi morto por não querer confessar o estado em que Soltam Badur estava, outros que por dizer algumas palavras descortezes a Omaum, o matáram, e lançáram seu corpo pelo rio abaixo, para ir ter onde os seus estavam, e ser conhecido por o vestido que levava. Esta morte de Coraçan Chan, e dos outros homens de preço que com elle foram, foi mui sentida; porque posto que quanto á nação fossem estrangeiros, eram já havidos por naturaes, e sentiam a falta que fariam ao Reyno, por serem muito cavalleiros, e valerosos.

CAPITULO VII.

Como Soltam Badur, por a morte de Coraçan Chan, e outras perdas, desamparou seu arraial, e se poz em salvo, e o arraial foi saqueado: e das riquezas que se nelle acháram.

SOltam Badur vendo as muitas vitorias que seus inimigos tinham havidas delle, e que o tinham em cerco com fome, e que de

de cem mil de cavallo que trouxe, não tinha cincoenta mil, e para pelejarem não seriam quinze mil, e que de seiscentos Elefantes não teria já cento, e os bois eram mortos, e comidos, como homem desesperado determinou de pôr sua pessoa em salvo. Porque além de lhe faltarem tantas cousas como havia mister para sua defensão, foi avisado, que alguns Capitães seus, offendidos delle, tinham ordenado de o entregarem aos Mogoles. E ou isto fosse verdade, ou temor delle, ou artificio para se acolher, elle o poz em effeito, de que deo primeiro conta a Rume Chan, e a Frangue Chan, ordenando-lhes que logo aquella noite mandassem carregar bem a artilheria grossa para arrebentar. E no tempo do estrondo, por não ser sentido, se sahio com alguns do seu Conselho, o que foi a 25. de Abril de 1535; e por ser grande escuro, e não se poder ver o caminho, levou ante si huma tocha baixa, que o encaminhou té sahir de todo fóra do arraial.

Tanto que nelle houve rumor que El-Rey era ido, cada hum trabalhou de se pôr em salvo. E alguns Portuguezes que alli andavam se foram para os Mogoles, e alguns Guzarates, entre os quaes foi Melique Liaz, por desgostos que tinha d'El-Rey; porque além de em sua pessoa rece-

ber muito mal, e damno na fazenda, matara-lhe com peçonha seu irmão Melique Saca, e a Melique Tocam mandára degollar per conselho de Rume Chan, que lhes queria grande mal. Foram nesta fugida tomados muitos Capitães, e Senhores Guzarates, e outros por se disfarçarem em trajos pobres se salváram, não sendo conhecidos dos Mogoles, que delles não faziam caso. ElRey não parou menos de Mandou, levando em sua companhia Rume Chan, Frangue Chan, e Duarte da Gama, e Francisco Vaz Portuguezes.

Omaum Patxiah tanto que foi avisado de noite, que ElRey era partido, por lhe parecer que sua ida sería para a serra de Mandou, por ser acolheita que mais perto tinha, mandou apôs elle hum Capitão com dez mil de cavallo, que lhe fosse tomar a dianteira, o qual neste caminho matou grande número de gente da que hia fugindo; e quando soube que ElRey não era lá, deixou-se estar á vista da Cidade, que está ao pé da serra, o que deo grande trabalho a Badur, porque o fez rodear por outra parte, e foi entrar na Cidade per hum postigo falso encuberto aos Mogoles. E tanto que foi dentro na Cidade, mandou fazer á porta della huma torre, de que fez Capitão a Rume Chan. Mir Mahamud Xiah, sobri-

nho

nho d'ElRey, não ſabendo que caminho levava ſeu tio, foi-ſe para a Cidade de Champanel, e neſte caminho foi roubado dos póvos Collijs, e ferido hum ſeu Capitão per nome Suja Chan, e foi tão desbaratado, que eſcapou com cinco de cavallo ſómente, com que chegou a Champanel.

Omaum Patxiah quando veio a manhã, apôs a noite que Soltam Badur fugio, mandou entrar no arraial; e indo todos direitamente ás tendas d'ElRey, que eram de riquiſſimo brocado, e tamanhas que occupavam hum grande eſpaço, onde eſperavam de achar maior preza, acháram muitos Abexijs, e Arabios, os mais delles ſeus eſcravos, os quaes ſe puzeram em defenſa, não ſe deixando entrar té todos morrerem, e com elles os Mogoles, que lhes deram a morte. Deſta maneira o arraial de Soltam Badur foi poſto em poder dos Mogoles, os quaes por mandado de Omaum a todo Guzarate davam a vida, e nenhum outro algum damno lhe faziam, que rouballos, ſe lhes achavam alguma couſa de preço; porque o arraial tinha tanto ouro, e prata em moeda, a fóra as baixellas, e vaſos de ſerviço, e tanto movel, de que eſtava cheio, aſſi dos que eram mortos á fome, como dos vivos que fugíram, e dos que ficavam, que gaſtáram muitos dias em o ſaquear. E por

ſer

ſer couſa ſem eſtima, nem conto o que ſe achou, não ſe póde eſcrever, ſómente ſe póde affirmar, que parecia ſer igual ao deſpojo que havia no arraial de Dario, quando Alexandre o venceo, eſte que Omaum Patxiah houve do Soltam Badur. E quando adiante dermos razão da riqueza, que eſte Principe Badur tinha ao tempo que começou a reinar, e o que deſpendeo, e perdeo neſte arraial, ſe verá a ſua potencia.

CAPITULO VIII.

Como Rume Chan temendo-ſe que Soltam Badur o queria matar, ſe paſſou a ElRey dos Mogoles: e ElRey Badur ſendo lançado da ſerra do Mandou, fez levar de Champanel ſuas mulheres, e theſouro para Dio.

TAnto que Omaum Patxiah Rey dos Mogoles cevou os ſeus no deſpojo do arraial de Soltam Badur, e ſoube que elle ſe recolhêra á ſerra do Mandou, veio em buſca delle, e aſſentou ſeu arraial tres leguas da Cidade em duas partes, onde concorriam dous caminhos, por impedir algum ſoccorro do Guzarate, ſe vieſſe a Badur. E ſabendo elle como Omaum Patxiah aſſentára ſeu arraial tão perto, como homem que lhe tinham cuſtado caro os conſelhos

de

de Rume Chan, e eſtava arrependido de ter mortos os filhos de Melique Az, que per ſeu conſelho matára, e por tambem ter ſuſpeita que ſe carteava com os Mogoles, determinou de o matar. A determinação deſta morte foi praticada com quem a havia de executar, que era hum Abexijs criado do meſmo Badur. Eſte vindo Rume Chan chamado d'ElRey para o mandar matar, o aviſou no caminho por haver recebido delle boas obras. Rume Chan ſem ir mais adiante, nem tornar a caſa, tomando comſigo algumas peſſoas a elle mais acceitas, diſſimuladamente deo comſigo no arraial de Omaum Patxiah, que o recebeo como a homem com quem já tinha prática ſobre ſua ida [a]. Soltam Badur quando o ſoube ficou mui anojado, porque quizera tomar vingança daquelle homem que lhe fora traidor. Além diſſo receava, que por o muito que ſabia de ſeus ſegredos, e couſas que com elle communicava, e das do Reyno, lhe perjudicaſſe em algumas com ſeus inimigos.

E antes que Rume Chan proveſſe em ſuas mulheres, filha, e fazenda que tinha em a Cidade de Champanel, mandou Badur a grande preſſa que ſe recolheſſe tudo, e eſ-

[a] *Eſcreve* Diogo do Couto, *que antes da fugida de Soltam Badur do ſeu arraial, delle ſe paſſára Rume Chan com oito mil de cavallo para Omaum Patxiah.*

e eſtiveſſe a bom recado. Mas ſe ElRey ſe quiz vingar de Rume Chan, mais ſe vingou elle d'ElRey, porque tanto andou induzindo por ſeus meios, e promeſſas de Omaum Patxiah certos Capitães da ſerra, que tinham de guarda ás portas principaes, que elles lhe abríram a entrada huma noite, e primeiro que pelos cercados ſe ſentiſſe, eram já dentro dous mil homens. E acudindo Badur a iſſo, matou a Botiparao filho de Salahedin, por lhe dizerem que elle fora naquella traição, e aſſi a Soltam Alamo que era Capitão de Raoſinga; mas entendeo-ſe que nenhum delles teve culpa, e que ElRey, como ſuſpeitoſo que era, e vingativo, e grande executor de ſeus appetites, os matára. Outros affirmavam, que eſte Soltam Alamo morreo pelejando com os Mogoles, defendendo a entrada, e aſſi morreo nella Recenal Maluco Capitão da meſma Cidade de Mandou. A preſſa d'El-Rey foi tanta neſta entrada dos inimigos, que ſómente levou comſigo eſtes cinco Senhores, Malu Chan, Baergij ſeu cunhado, irmão de ſua mulher, Cancaná filho do grande Cancaná, o mór Senhor do Guzarate, que era já falecido de nojo das couſas d'El-Rey, e Somandar Chan, e hum ſeu filho naturaes do Mandou.

Chegando com eſtes Senhores a Cham-

panel a mata-cavallo, vieram depois Madre Maluco, Mujate Chan, e Alu Chan, homens de grande casa, e renda, e outros, cada hum como se podia acolher. Soltam Badur sem mais detença mandou logo tirar todo seu thesouro [a], que na serra tinha, e sua mãi, e mulheres, e as mandou com a fazenda caminho de Dio, e Sofa Chan com gente para sua guarda. Feito este despejo, sómente das mulheres, ouro, prata, e pedraria, por irem mais á ligeira, temendo o grande curso dos Mogoles, começou de ordenar para guarda da serra, onde ainda deixava todo seu movel, a Tear Chan por principal Capitão, e outro que era Gentio chamado Rao Barsinga com cinco mil de cavallo. Estando neste trabalho, lhe sobreveio nova, que os Mogoles estavam em hum lugar chamado Lunipor, que era de Champanel quatro leguas, com o qual aviso mandou arrebentar quanta artilheria grossa tinha em baixo ao pé da serra,

a *Este thesouro era o que Badur tomára ao Madre Maluco, em que havia cento e vinte cofres de cobre, cada hum delles com trezentos mil pardaos, que montavam trinta e seis milhões, e hum cofre com mil adagas d'ouro, e pedraria, e outro que pezava quatro quintaes cheio de perolas, e aljofar, a fóra muito mais que se não levou, por ser em moedas de prata, o que tudo o Madre Maluco tirára de hum thesouro o mais pequeno de tres muito antigos que havia no Reyno.* Francisco de Andrade *cap. 3. Part. 3. e* Diogo do Couto *Dec. 5. liv. 1. 6. 11.*

ra, para que os Mogoles a não levassem acima, e se aproveitassem della. Tambem poz fogo a humas casas que tinha em baixo, e as mulheres velhas de seu pai, que nellas se agazalhavam, e outras escravas, soltou que se fossem onde quizessem.

Passado hum quarto da noite, por ninguem ver para onde hia, partio para a Cidade de Barodar [a], que dista seis leguas de Champanel, onde chegou já alta noite com trezentos de cavallo, e ahi se deteve té pela manhã, que partio para Cambaya, á qual chegou no mesmo dia, sendo treze leguas de caminho. E porque ainda alli achou suas mulheres com seu thesouro, logo as mandou passar hum rio, que está além de Cambaya contra Dio, o qual de maré cheia se não póde passar, e tendo-o passado, vindo os Mogoles estariam em seguro, e elle deixou-se ficar na Cidade. E por os inimigos se não aproveitarem da Armada que alli tinha, a mandou queimar.

No dia que Badur chegou a Cambaya, chegáram os Mogoles á Cidade de Champanel. E como Rume Chan soube que Badur lhe levava suas mulheres, e filha, pedio a Omaum Patxiah que lhe désse cinco mil de cavallo, porque com elles queria ir to-

a *A esta Cidade chamam os Portuguezes corruptamente Berdorá.* Diogo do Couto *cap.* 5. *do liv.* 9.

tomar ſua mulher, o que Omaum lhe concedeo. Rume Chan ſeguindo a ElRey, com o deſejo de cobrar ſuas mulheres, e filha, ſendo já junto de Cambaya, achou muita gente que ſeguia a ElRey, com a qual pelejou, e entre outros foi morto Jamperus Rey do Sinde, que era ſogro d'ElRey Badur. E por Rume Chan levar o tento nas mulheres, como ſe deſembaraçou deſte impedimento que o entreteve, ſeguindo ſeu caminho tão apreſſado, que entrando a ſua gente que hia na dianteira per huma porta de Cambaya, ſahia ElRey per outra de maneira, que travåram alli os Mogoles com elle, e lhe conveio arrancar, e ferir, té que ſe eſpedio, e ſe poz em corrida por alcançar ſuas mulheres. E por eſcapar, e ſalvar ſua peſſoa, mandou entreter as mulheres, e filha, e familia de Rume Chan, porque ſeguindo elle o ſeu alcance, achando iſto que buſcava, o deixaſſe de ſeguir; e a ſuas mulheres, e theſouro mandou ir per outro caminho deſviado, e não pela eſtrada de Dio per onde hiam. E ainda por ſe mais deſpejar, mandou pôr fogo a duas, ou tres carretas daquellas que diſſemos que andavam muito, em que levava muitas joias, e pedraria, por lhe não ſer impedimento á ſua corrida, e para que ſe os Mogoles chegaſſem, não tomaſſem o que vi-

vinha nellas, e desta maneira escapou em Dio. Porque Rume Chan, tanto que chegou a suas mulheres, e fazenda, não curou de ir mais avante, e tornou-se com a gente da sua guarda. E querendo os Capitães della saquear a Cidade de Cambaya, os mercadores que nella havia, por a não metterem a saco, lhe deram quantidade de dinheiro; mas recebido o preço, os Rumes começáram de a roubar, ao que Rume Chan acudio, mostrando ser desmando de gente de guerra. Dahi se partio Rume Chan para Champanel, onde já estava Omaum Patxiah com seu arraial assentado ao pé da serra, porque a seu parecer bastava a vista della para perder toda a esperança de a tomar, senão fosse por algum ardil não cuidado, ou traição; mas determinou de acabar per dinheiro o que se não podia acabar per guerra, e assi o fez, peitando, e dando tanto ouro, e promessas aos Capitães que guardavam esta serra, que de alta, e aspera que era, a fizeram branda, e facil de subir, e desta maneira entrou nella Omaum Patxiah, e ficou espantado de ver cousa tão inexpugnavel. Alli foi cativo Francisco Chan, que antes se chamava João de Sant-Iago, e carregado bem de ferros. Omaum Patxiah nesta segunda vitoria quiz usar de liberalidade, assi do ganhado, como do que es-

estava por ganhar, e deo o Reyno do Mandou a hum filho do Rey passado, que andava com elle, e o Reyno de Cambaya deo a hum irmão seu, ao qual espedio com quarenta mil de cavallo para ir invernar a Amadabad, e as terras de Baçaim deo a Melique Liaz, e a Rume Chan Surat, e Reyner; e pedindo-lhe elle a Dio, se escusou, por o ter guardado para os Portuguezes em sua vontade, como adiante se verá.

CAPITULO IX.

Dos respeitos per que ElRey de Cambaya se não defendeo na serra de Champanel d'ElRey dos Mogoles: e do sitio, e fortaleza, e sumptuosidade dos edificios della.

SEndo natural dos Principes, que não tem clemencia, temerem muitos, assi como elles são temidos de muitos, Soltam Badur por as obras que usava, como temia todos, não achava de quem se fiasse, nem lugar que lhe parecesse seguro. Polo que sendo a serra de Champanel lugar tão forte per natureza, e per arte, que nelle se podia defender per muito tempo de todo o Mundo, e muito mais dos Mogoles, que não sitiam Cidades, nem se detem muito nos lugares a que vam, não se fiou de ficar alli,

tomando mais desconfiança dos homens que comsigo trazia, que confiança naquelle lugar com quão inexpugnavel era; porque como elle tinha mortos tantos dos nobres, e escandalizado tanta gente, temia-se que se os seus o vissem em algum aperto, ou necessidade, o desamparassem, e a todos tinha por suspeitos, não sabendo de quem se fiasse; por tanto teve por mais seguro ir a Dio, porque alli tinha os pés em terra, e as mãos no mar, para fugir se lhe cumprisse. E para que se saiba quanto enfraquece o medo que tem huma consciencia culpada, e como este Principe estava seguro naquella serra todo o tempo que se quizera defender, descreveremos a fórma della, e tambem por ella em si ser cousa mui notavel.

Esta serra, por razão de huma Cidade situada ao pé della chamada Champanel, tem o mesmo nome, está em meio de humas campinas, e levanta-se dellas em tanta altura [a], que de dezoito, e vinte leguas ao mar apparece aos navegantes, estando ella trinta leguas affastada da costa. A maior parte della he tão a pique, e de viva penedia, que só para aves he subida. De outra parte, onde ha algumas quebradas, he cer-

[a] *A altura desta serra diz* Diogo do Couto, *que he de quatro leguas e meia de subida.*

cercada de muro, e perto delle eſpaço de meia legua eſtá ſituada em hum lugar chão a Cidade de Champanel, cuja povoação ſerá de vinte mil vizinhos, de edificios mui nobres, em que ha grande tráfego de mercadores, e não he cercada de muro. Junto deſta Cidade corre hum rio, que ſe vai metter no rio Narbanda, hum dos maiores que entram na enſeada de Cambaya, e ſe mette no mar na Cidade de Baroche. Sahindo de Champanel para ir ao pé da ſerra, que he o lugar por onde ſe a ella ſobe, eſtá hum templo grande, e ſumptuoſo, que foi de Gentios, e agora ſerve de Meſquita aos Mouros. Deſte templo ſahe huma muralha de huma banda, e da outra, que ſerve de rua para ir ter á primeira cerca que a ſerra tem pelo pé. No qual lugar pela parte de dentro da primeira cerca eſtá huma povoação tamanha como huma honrada Villa, na qual eſtam dous mil Soldados que guardam aquella entrada, e a vigiam de dia, e de noite; e pelo muro deſta primeira cerca, em lugares convenientes, eſtam cem peças de artilheria groſſa, e duzentos bombardeiros para ella, os mais delles eſtrangeiros, os quaes tem ſuas mulheres, e filhos em cima na ſerra, como em arrefens. Acima deſta cerca, em outra parte, vai outra por nome Reguiguir, onde ha outra povoação do

ta-

tamanho da outra Villa atrás, em que ha mil e quinhentos Soldados, e cincoenta peças de artilheria, e vinte bombardeiros, que tambem tem mulheres, e filhos em cima. O muro della tem tres guaritas, e todo o modo de boa defensão com ſua artilheria, e doze trabucos, e dous quartaos, porque o ſitio o requer. Indo pela ſerra mais acima, ha outro muro cercado de huma cava aberta na viva pedra, a qual no inverno ſe enche d'agua, e ſobre eſta cava eſtá huma ponte elevadiça de madeira, a qual colhem per cadeias com cabreſtantes, e vai-ſe reter em argolas groſſas de latão, que eſtam embutidas nas pedras do muro. A porta per onde entram, e ſe ſervem per eſta parte, he tão grande, que cabe per ella hum elefante carregado com ſeu caſtello, he forrada de capas de cobre com grandes laçarias de dentro, e de fóra, ſem apparecer o páo em que eſtam pregadas. Neſte muro ha cinco cubellos grandes, em cada hum dos quaes ha ſeis peças de artilheria do tamanho das noſſas esferas, e pelo muro vam poſtas outras peças pequenas, como os noſſos falcões, e quatro quartaos grandes, e dezoito trabucos. Aqui ha de guarda tres mil homens, em que entram quinhentos eſpingardeiros, e cem bombardeiros, que todos são Rumes, Mouros Garabijs deſta

Afri-

Africa noſſa vizinha, e Janiçaros. Eſtes tem ſeus apoſentos em caſas baixas ao longo do muro. Pela maneira deſtas tres cercas primeiras vam mais outras tres, huma acima da outra, com que fazem o número de ſeis que ha neſta ſerra, cuja ſubida cada vez he mais defenſavel, cada huma dellas tem cavas, baluartes mui bem artilhados, bombardeiros, e gente ordenada para ſua guarda, e huma povoação com muita abundancia d'agua, e todas eſtam provídas de mantimentos para mais de tres annos, ſe hum cerco tanto duraſſe. Na ultima deſtas ſeis cercas ha huma grande povoação, e a huma parte os paços dos Reys, que occupam hum pedaço de terra tão grande, como o de huma boa Cidade, os quaes são riquiſſimamente lavrados de obras antigas de Moſaico, e relevo, com muito ouro, e prata, e ladrilhadas muitas das caſas de azulejos de eſtranhas pinturas, e cores. Neſtes paços ha muitos banhos, e jardins, com toda diverſidade de arvores, e plantas, hervas cheiroſas, e flores que no Mundo ha, e todo o modo de delicias, e paſſatempos; a huma parte ha eſtrebarias, em que tem muitos cavallos para ElRey, e os ſeus ſe deſenfadarem quando lá vam, com mui ricas ſellas, e arreios para elles. Alli tem os Reys ſuas mulheres, e ſeus theſouros, e os arma-

mazens das armas, e de ſua artilheria, e as caſas da fundição della, e mantimentos em grande abundancia. Deſtes paços d'ElRey vai huma ſerventia ſecreta para o pico da ſerra, ſobre o qual pinaculo eſtá outra fortaleza grandemente artilhada, com todas as munições, e artificios de guerra neceſſarios para ſua defensão, e gente de guarnição, em que os Reys tem outros ſeus apoſentos. Finalmente eſte he hum dos mais fortes, defenſaveis, e deleitoſos ſitios do Mundo, aſſi per natureza, como per artificio, e riqueza que nelle tem os Reys de Cambaya. Tudo iſto não baſtou a Soltam Badur para ſe aquietar, e defender-ſe alli: tanta inquietação tem hum eſpirito culpado, que não ſem razão o comparam as Santas Eſcrituras a hum mar picado; e aſſi ſe foi metter em Dio, onde já tinha mandado ſuas mulheres.

CAPITULO X.

Do que fez Soltam Badur em Dio: e como Martim Affonſo de Souſa quizera ir ver-ſe com elle, e Nuno da Cunha lho eſtorvou, e mandou Simão Ferreira ao meſmo Soltam ſobre a fortaleza de Dio.

ELRey Badur, poſto que tão desbaratado, conſolou-ſe quando chegou a Dio com a vinda de ſuas mulheres, e de ſeu

thesouro, tomando esperança que ainda cobraria seu Estado, considerada a condição, e costume dos Mogoles, que mais tratam de roubar as terras, andando em suas corridas, que de as possuirem, e guardarem habitando nellas. E para que se o Mogol viesse o não pudesse entrar, mandou logo fortificar a Cidade, e fazer dous baluartes em dous passos da terra firme para a Ilha, que se podiam passar de maré vazia. A Damam, e áquella Comarca que confina com Chaul [a] mandou seu sobrinho Mirao Muhmald a fazer gente, e defendella do Nizamaluco, se lhe quizesse fazer guerra, ordenando-lhe que se se visse em algum aperto, se fosse a Chaul, e se entregasse a Martim Affonso de Sousa Capitão mór do mar, que sabia que invernava ahi. Mirao Muhmald para saber o acolhimento que acharia em Martim Affonso de Sousa, tanto que chegou a Damam, lhe mandou pedir seguro, para se lhe cumprisse ir a Chaul com suas mulheres, e fazenda, se se visse apertado dos Mogoles, ou do Nizamaluco. Martim Affonso de Sousa, e Simão Guedes Capitão da fortaleza lho mandáram mui largo. E Martim Affonso lhe escreveo huma carta [b] de muitos cumprimentos, e so-

bre

[a] Fernão Lopes de Castanheda *no cap.* 98. *do liv.* 8.
[b] Castanheda *no mesmo cap.*

bre elles, que sería ElRey de Cambaya bem aconſelhado em obrigar ao Governador Nuno da Cunha para o ajudar na neceſſidade em que eſtava, com lhe dar huma fortaleza em Dio, e não ganharia pouco em ter tão boa amizade como a ſua, e que de outra maneira não havia o Governador de confiar nas pazes que fizeſſem, pois tão mal cumpríra a principal condição das que tinham feitas, que foi mandar-lhe logo os cativos que lá tinha, que não mandára. E que para desfazer ſuſpeitas, lhe devia dar a fortaleza, com que ElRey de Cambaya ficaria livre de ſeus inimigos. Tudo iſto eſcreveo logo Mirao Muhmald a ſeu tio, e as boas palavras, e vontade que achára em Martim Affonſo de Souſa.

Além deſta carta, eſcreveo Martim Affonſo outra a Soltam Badur de conſolações ſobre ſeus trabalhos, e offerecimentos de ſua peſſoa, e Armada para o que lhe cumpriſſe, e ao Governador eſcreveo o eſtado em que ficava Soltam Badur, e lhe pedio licença para ir com ſua Armada a Dio na entrada de Agoſto, por a boa occaſião que havia de impetrar a fortaleza, eſtando ElRey aſſi desbaratado, por o que folgaria com a amizade dos Portuguezes, e juntamente recearia de ſe ajuntarem com os Mogoles ſeus inimigos, e por Dio eſtar mui fal-

falto de gente, e artilheria. E que estando elle Martim Affonso no mar, o poderia pôr em grande aperto, tolhendo-lhe os mantimentos, e vir-lhe soccorro do mar Roxo.

Nuno da Cunha como de Portugal viera encarregado de tomar Dio, ou haver nella huma fortaleza, e tinha já tomada sobre si esta obra, como de empreitada, a que ElRey per todas as Armadas que de Portugal vinham, o incitava, e que já lhe tinha custado tanto, não queria que ninguem nisso puzesse as mãos, nem ganhasse honra nessa empreza, senão elle. E quanto mais valor via em Martim Affonso, e mais authoridade tinha ante ElRey de Cambaya, que lhe era mui affeiçoado, tanto mais se ceava delle. Polo que o Governador mostrou a carta de Martim Affonso a alguns Fidalgos seus parentes, e amigos, dandolhes algumas razões para ElRey de Cambaya naquelle tempo mais que em outro negar a fortaleza, das quaes era huma, por ser Dio o lugar principal em que se podia salvar, e ter nelle suas mulheres, e thesouros. E que ainda que Badur lha quizesse dar, primeiro havia de fazer a fortaleza de Baçaim com que se contentava, cuja segurança era o maior proveito que queria das perdas que Soltam Badur houvera. Deste parecer foram todos aquelles Fidalgos amigos

gos

gos de Nuno da Cunha ; mas outros dos quaes eram Aleixo de Soufa Chichorro, Francifco de Soufa Tavares, e alguns mais, votáram que Martim Affonfo de Soufa devia de ir por a mefma razão , que o Governador dava para o contrario , porque por não ter Soltam Badur outro lugar para fua falvação mais conveniente que Dio , e nelle ter fuas mulheres , e thefouro , havia de querer confervallo , e tello feguro , o que não podia fer fem amizade dos Portuguezes , e fem lhes dar a fortaleza que pediam nella para o defender dos Mogoles ; e fabendo que pelo mar lhe podiam tolher os mantimentos , que lhe não vinham per terra : e que em tempo eftava Badur para de feu offerecer a fortaleza , quanto mais fendo-lhe pedida ; polo que a ida de Martim Affonfo lhe parecia de muito ferviço d'El-Rey de Portugal , e não ir o contrario. Como os defte voto eram menos em número, affentou-fe , que Martim Affonfo não foffe a Dio , e affi lho efcreveo o Governador.

Porém tanto que Agofto veio , e o tempo deo lugar á navegação daquella cofta , defpedio o Governador a Simão Ferreira , que fora feu Secretario , para Dio em huma fufta , com tres catures que o acompanháram , com embaixada a ElRey Badur, mandando-o vifitar , e offerecer-lhe fua aju-

da

da contra ſeus inimigos, com eſperança que ElRey lhe daria a fortaleza por a adverſa fortuna em que ſe achava. E a eſſe fim deo procuração baſtante a Simão Ferreira para fazer todos os concertos que cumpriſſem na acceitação da fortaleza: e com Simão Ferreira foi Coge Xacoez Embaixador de Soltam Badur, que andava em Goa.

CAPITULO XI.

Como Soltam Badur mandou pedir ſoccorro ao Turco; e ſabendo da tomada de Champanel, ſe quizera ir a Méca; e mudado o conſelho, eſcreveo a Martim Affonſo de Souſa ſe foſſe logo ver com elle: e como os Reys Badur, e Omaum eſcrevêram ao Governador, offerecendo-lhe ambos Dio.

VEndo-ſe Soltam Badur em Dio fóra dos perigos, e medos de que eſcapára [a], e que naquellas Comarcas não havia movimentos alguns de guerra; e o que Martim Affonſo de Souſa eſcrevêra a Mirao Muhmald, e depois a elle, tomou animo, e teve-ſe por mais ſeguro do que cuidou que ſería quando partio de Champanel fugindo. E por a certeza que tinha para ſi de os Mogoles não poderem entrar naquella ſerra, parecia-lhe que tão impoſſivel era toma-

[a] Fernão Lopes de Caſtanheda *no cap.* 100. *do liv.* 8.

marem elles Dio, e outros lugares que tinha fortes na costa de Cambaya, como era tomarem Champanel. E assi se persuadia que bem se poderia sustentar contra o mesmos Mogoles, sem com os Portuguezes fundar novas amizades para lhes dar fortaleza em Dio, parecendo-lhe que assás era ter-lhes dada a de Baçaim, com que elles se teriam por satisfeitos. Polo que para effeito de cobrar seu Reyno, se determinou em mandar pedir soccorro ao Turco, tendo por certo que lho daria, e com elle cobraria seu Estado, e deitaria os Portuguezes fóra da India, e se faria Senhor della. E para provocar ao Turco, que com melhor vontade, e brevidade o soccorresse, lhe mandou hum presente de joias, armas, e roupas ricas, que dizem foi avaliado em seiscentos mil cruzados [a]. E para dez, ou doze mil homens que lhe mandava pedir, affirmam que mandou mais de tres milhões. Isto tudo entregou a hum seu Capitão principal cha-

[a] *De muito maior preço foi este presente, segundo o que escreveo* Diogo do Couto *no cap.* 11. *do liv.* 1. *da* 5. *Decada; porque diz que era huma cabaia de fio d'ouro, lavrada toda de perolas de tanto preço, que a menor valia quinhentos pardáos d'ouro, e os botões della de diamantes do tamanho de tremoços. Huma cinta d'ouro, e pedraria, com hum terçado, e adaga do mesmo feitio, e riqueza que a cabaia. Huma coroa imperial d'ouro, e pedraria, que diziam os que a víram, que valia mais de dous contos d'ouro.*

chamado Saf Chan, de quem confiou esta embaixada, mandando-lhe que fosse per mar té Judá, e dahi per terra ao Cairo, e do Cairo se iria aonde o Turco estivesse, e para ir em sua companhia lhe deo hum Portuguez arrenegado, per nome Jorge, que era seu Patrão mór. E posto que era ainda o tempo verde, quiz que partisse Saf Chan na entrada de Setembro, porque houve medo que partindo mais tarde, os encontrasse Martim Affonso de Sousa Capitão mór do mar, que corria a costa com sua Armada. E porque as cousas que Saf Chan levava eram de tamanho preço, deo-lhe tres galeões, em que elle fosse por Capitão de hum, e do outro Jorge o arrenegado, e em sua companhia duas caravellas, e duas fustas, todas estas vélas mui bem artilhadas [a].

Enviada esta embaixada, logo veio nova a Soltam Badur como Omaum Patxiah estava apoderado da serra, e Cidade de Champanel, com a qual ficou mui confuso, e desesperado de se poder restituir a seu Estado, porque para elle era caso não imaginado tomar-se a serra, que por natureza, e arte parecia inexpugnavel. E por se ver entalado entre seus inimigos, que eram de huma parte os Mogoles, e da outra os Portu-

[a] Diogo do Couto, e Francisco de Andrade, *escrevem, que mandou Badur a mais principal de suas mulheres com Saf Chan, o que reprova* Castanheda.

tuguezes, que o poriam per mar em cerco, em tempo de tanta falta como tinha de gente de artilheria, e de mantimentos, que lhe não podiam vir senão per mar, e que com suas Armadas lhe poderiam tolher todo o soccorro que pelo mar Roxo lhe viesse, se determinou em fugir para Méca, e deixar seu Reyno, e tornar a elle, se impetrasse o soccorro que mandára pedir ao Turco. Querendo pôr em effeito a partida, sua mãi, Nina Rao Capitão de Dio seu tio, Coge Sofar, e outros lhe deram tantas razões, que deixou de fazer jornada. E Coge Sofar lhe aconselhou que désse a fortaleza em Dio ao Governador, que o ajudaria, e que com sua ajuda se poderia restaurar; e que depois que cobrasse seu Reyno, ahi lhe ficava poder tomar a fortaleza, e lançar della os Portuguezes, se quizesse.

[a] Com este proposito pareceo bem a ElRey dar a fortaleza, e logo escreveo a Martim Affonso de Sousa, que vista sua carta, se fosse a Dio para tratar com elle huma cousa de muito serviço d'ElRey de Portugal, e lhe mandou outra carta para o Governador Nuno da Cunha, em que lhe dizia o mesmo, porque lhe queria dar a fortaleza. E com o Embaixador que levou estas cartas, mandou a Martim Affonso Dio-

go

a Fernão Lopes de Castanheda *no cap.* 101. *do liv.* 8.

go de Meſquita, Lopo Fernandes Pinto, Diogo Mendes, que tivera prezos em Champanel, e os mais cativos, que era obrigado a mandar pelas Capitulações paſſadas. [a]

Pouco tempo antes que o Embaixador d'ElRey Badur chegaſſe a Chaul, e déſſe as cartas a Martim Affonſo de Souſa, lhe foi dada outra carta d'ElRey dos Mogoles para o Governador, em que lhe offerecia a fortaleza em Dio; porque como Nuno da Cunha vio a ElRey dos Mogoles fazer guerra a ElRey de Cambaya, e o grande poder que tinha, per que lhe parecia tomaria o Reyno de Cambaya, como já tinha tomado o de Chitor, e o de Mandou, ſecretamente lhe mandou pedir Dio. Polo que tanto que ſe ElRey dos Mogoles vio ſenhor da ſerra de Champanel, eſcreveo ao Governador huma carta, que mandou a Martim Affonſo, que elle logo enviou a Nuno da Cunha, antes de ſe partir para Dio, per João de Mendoça, que tambem levou o Embaixador de Cambaya; e ao Governa-

[a] *Eſtes cativos*, *diz* Diogo do Couto, *que os mandou Soltam Badur ao Governador Nuno da Cunha por Simão Ferreira, quando foi a Cambaya a ver jurar as pazes paſſadas. Cap. 3. liv. 9.* E Francifco de Andrade *eſcreve, que depois de desbaratado Badur, dera liberdade a Diogo de Meſquita, e a ſeus companheiros; e que por Diogo de Meſquita eſcrevêra ao Governador que o vieſſe ſoccorrer, offerecendo-lhe a fortaleza em Dio. Cap. 3. da 3. Parte.*

dor escreveo Martim Affonso de Sousa de sua ida a Dio.

CAPITULO XII.

Como Martim Affonso de Sousa foi a Dio, e elle, e Simão Ferreira Procurador do Governador assentáram pazes com El-Rey de Cambaya, e lhe deo a fortaleza em Dio, entregando a Martim Affonso o baluarte do mar.

VEndo Martim Affonso de Sousa [a] a carta d'ElRey de Cambaya, e quanto importava ao serviço d'ElRey ir elle a Dio, por não se lhe ir das mãos tão boa occasião, que ás vezes depois de ida não se cobra, posto que o Governador lho tivesse defezo, e por o negocio estar em outros termos, sendo elle á pressa chamado de Badur, partio-se logo com tres catures, em que levou sessenta homens, em hum delles hia elle, em outro Simão Guedes Capitão de Chaul, deixando recado a Vasco Pires de Sampayo que se fosse apôs elle com a outra Armada. E proseguindo sua viagem, perto de Dio achou Simão Ferreira, de que ambos ficáram espantados, Simão Ferreira de ver Martim Affonso de Sousa ir a Dio, or-

a *Este capitulo, que em* João de Barros *he breve, se accrescentou com o que escreve* Fernão Lopes de Castanheda *no cap.* 102. *do liv.* 8.

ordenando-lhe o Governador que não fosse, que não havia para que; e Martim Affonso de ver Simão Ferreira, porque passou sem tomar Chaul, e de saber ao que hia, por o pouco fundamento que Nuno da Cunha mostrava de se lhe dar a fortaleza em Dio, na carta que lhe escrevêra. Mas Martim Affonso disse a Simão Ferreira como hia chamado d'ElRey, e com esperanças de lhe dar a fortaleza, que sem ella não assentaria nada com elle.

Chegados ambos a Dio [a], ElRey mostrou grande gosto de ver Martim Affonso, e lhe deo conta do estado em que estava, e que o que queria do Governador era, que o ajudasse contra seus inimigos, assi para se defender delles, como para lhes fazer guerra; e que a maior ajuda que queria delle era, que elle Martim Affonso fosse seu companheiro, por a confiança que em o valor de sua pessoa tinha; e que em recompensa disto queria dar ao Governador huma fortaleza em Dio. E por o Governador estar em Goa, que era lugar mais remoto, mandára chamar a elle Martim Affonso, assi para o ajudar a defender, se os Mogoles fossem contra elle, como para assentar com elle a data da fortaleza, e Capitulações das

E ii pa-

[a] *Chegáram a Dio a 21. de Setembro.* Francisco de Andrade *cap. 4. Part. 3.*

pazes, té o Governador as haver por boas. E que pois Simão Ferreira trazia procuração para fazerem pazes em nome do Governador, que logo as assentassem. E que a fortaleza se faria da banda dos baluartes do mar, ou da terra, onde o Governador elegesse, quão grande quizesse, porque em ambos os lugares lha daria, e na parte do mar lhe parecia melhor, porque era o mais forte da Cidade. E concertando ElRey com Martim Affonso com que condição se as pazes haviam de fazer, o mandou logo metter de posse do baluarte do mar, e alli se aposentou com os Portuguezes [a].

Os Capitulos foram estes: *Que ElRey de Cambaya era contente de dar lugar a ElRey de Portugal na Cidade de Dio para fazer huma fortaleza em qualquer lugar que o Governador quizesse, da banda dos baluartes do mar, ou da terra, e da gran-*

a Martim Affonso mandou cortar huma ponta que fazia a Cidade desde o rio ao mar, onde abrio huma cava de largura de duas braças, e huma de altura, recolhendo para dentro a pedra, e terra que da cava se tirava, com que se fez hum vallo assás alto, e lançou sobre ella huma ponte de madeira. E per hum Judeo mercador do Cairo escreveo logo a ElRey D. João, que Badur dera em Dio lugar para se fazer a fortaleza tanto de S. A. desejada. E pelo mesmo Judeo escreveo Badur a ElRey, dando-lhe conta de suas desgraças, e pedindo-lhe soccorro; e para assegurar a jornada, porque poderia morrer nella o Judeo, mandou Badur em sua companhia hum Armenio morador, e casado em Dio. Francisco de Andrade *cap. 4. Part. 3.*

grandeza que quizeſſe, e aſſi lhe dava o baluarte do mar. E que havia por bem de confirmar a doação que lhe fizera de Baçaim, com ſuas terras, e rendas, e tanadarias, como tinham contratado.

Com condição, que todas as náos de Méca, que por virtude do contrato das pazes paſſado eram obrigadas ir a Baçaim, foſſem a Dio aſſi como de antes, ſem lhes ſer feita força alguma. E quando alguma per ſua vontade quizeſſe ir a Baçaim, o pudeſſe fazer, e as náos de outras partes poderiam ir, e vir para onde quizeſſem; porém que humas, e outras navegariam com cartazes.

Que os cavallos de Ormuz, e de Arabia, que pelo contrato paſſado eram obrigados ir a Baçaim, vieſſem a Dio, e pagariam os direitos a ElRey de Portugal ſegundo o coſtume de Goa; e não os comprando ElRey, ſeus donos os levariam aonde quizeſſem. Mas que os cavallos que foſſem do Eſtreito para dentro, não pagariam direitos alguns.

Outra condição era, que ElRey de Portugal não teria em Dio direitos, nem rendas, nem mais que ſó a dita fortaleza, e baluartes; e todos os direitos, rendas, e juridição da gente da terra ſería do Soltam Badur.

Pu-

Puzeram mais por condição, que ElRey de Portugal, nem ſeu Governador por ſeu mandado, fariam guerra, nem damno no eſtreito do mar Roxo, nem nos lugares da Arabia, nem ſe tomaria náo de preza, e todos navegariam ſeguramente. Porém que havendo no eſtreito, ou em outra parte Armada de Rumes, ou Turcos, poderiam ir pelejar com ella, e deſtruilla.

E que ElRey de Portugal, e Soltam Badur ſeriam amigos de amigos, e inimigos de inimigos, e ſe ajudaria hum a outro per mar, e terra com tudo o que pudeſſem com ſuas gentes quando lhes cumpriſſe.

A ultima condição foi, que ſe alguma peſſoa, que deveſſe dinheiro, ou fazenda a ElRey de Portugal, ſe paſſaſſe ás terras do Badur, elle os mandaſſe entregar, e outro tanto faria o Governador quando ſe paſſaſſe aos Portuguezes alguem que deveſſe a Soltam Badur.

Feitas eſtas Capitulações, e aſſignadas por ElRey, Martim Affonſo as mandou ao Governador por Diogo de Meſquita, e com elle mandou ElRey a Xacoez com huma carta [a] ao Governador, em que lhe rogava que ſe vieſſe logo a Dio.

CA-

a *A copia deſta carta eſcreve* Fernão Lopes de Caſtanheda *no cap. 103. do liv. 8. e* Diogo do Couto *no cap. 8. do liv. 9.*

CAPITULO XIII.

Como o Governador Nuno da Cunha foi a Dio ver-se com ElRey de Cambaya.

NUno da Cunha quando vio as cartas dos Reys de Cambaya, e dos Mogoles [a], nas quaes ambos lhe offereciam Dio, Badur porque receava de a perder, e Omaum porque esperava de a ganhar, posto que o Mogol lhe fazia largas promessas, pareceo-lhe melhor tomar a fortaleza da mão d'ElRey de Cambaya que tinha Dio, que d'ElRey dos Mogoles que a esperava ter, e havendo-a, lha daria, ou não; e porque lhe vinha melhor a amizade d'ElRey de Cambaya, por quão pouco podia, que a d'ElRey dos Mogoles, que andava tão poderoso, e pertendia conquistar a India, e daria mais que fazer aos Portuguezes, que nenhum Rey della, e quanto menos elle pudesse, tanto o Estado d'ElRey de Portugal na India ficava mais seguro: por tanto determinou de se liar com ElRey de Cambaya, e ajudallo contra os Mogoles. E sem mais se deter que o dia em que João de Mendoça chegou, se partio ao outro [b]

em

a Fernão Lopes de Castanheda *no cap.* 103. *do liv.* 8. *onde escreve a copia da carta d'ElRey dos Mogoles.*

b *Frota da India do anno de* 1535. *Antes do Governador partir de Goa, chegáram a ella sete náos, que este*

em huma fusta, levando sómente em outra Garcia de Sá, Francisco de Sousa Tavares, Diogo Lopes de Sousa, e Antonio Galvão, deixando recado a Manoel de Sousa que o seguisse com a Armada o mais prestes que pudesse [a]. Passando por Chaul, foi ter a Baçaim, onde achou Vasco Pires de Sampayo com a Armada que levava a Martim Affonso de Sousa, que trouxe comsigo. Dalli partio para Dio, onde chegou com novecentos homens, sendo já o mez de Outubro. Á barra o mandou ElRey receber per Nina Rao Capitão de Dio seu parente, acompanhado de muita gente nobre, que com elle hia em huma galé; e depois de o visitar da parte d'ElRey, e lhe dar o parabem de sua

anno de 1535. partíram do Reyno, das quaes era Capitão mór Fernão Peres de Andrade, e os Capitães das outras náos eram Martim de Freitas, Thomé de Sousa, Jorge Mascarenhas, Luiz Alvares de Paiva, Fernão Camelo, e Fernão de Moraes: levâram estas náos muita, e boa gente, e muito cabedal. Fernão Lopes de Castanheda *cap.* 108. *do liv.* 8. *e* Diogo do Couto *cap.* 8. *do liv.* 9. Francisco de Andrade *diz, que chegáram estas náos a Goa, estando o Governador em Dio, onde lhe levâram a nova, e seiscentos soldados dellas. Cap.* 8. *da* 3. *Parte.*

a *Escreve* Diogo do Couto, *que o Governador partio de Goa com cem navios, em que hia embarcada muita, e mui lustrosa gente, e todas as cousas que lhe parecêram necessarias para a fabrica da fortaleza, e que parára em Baçaim, aonde o foi encontrar Xacoez com huma carta do Badur, e com os Capitulos do contrato da fortaleza de Dio, com que o Governador se partio logo para aquella Cidade. Cap.* 8. *do liv.* 9.

ſua chegada, o acompanhou té onde El-Rey o eſtava aguardando, que era em huma caſa ſem armação alguma; parece que por a deſgraça paſſada. E elle jazia deitado em hum catle, que não tinha outro paramento, nem riqueza mais que ſerem os pés d'ouro, e veſtido em huma cabaia de algudão branco. Còm elle eſtavam dez, ou doze Senhores, dos quaes hum, que parecia de idade de ſetenta annos, fora irmão d'El-Rey do Delij, e outro filho de outro Rey aſſentados no chão alcatifado junto com o catle, e os outros em pé, porque diante d'ElRey de Cambaya ſe não aſſentavam ſenão Reys, ou filhos de Reys. Com o Governador entráram quarenta Fidalgos; e tanto que vio ElRey, lhe fez huma mezura, e outra entrando mais na caſa, e aſſi fizeram os Fidalgos que com elle hiam. A cortezia que lhe ElRey fez, foi agazalhallo bem com os olhos, como a peſſoa que muito folgava de ver; e paſſando entre elles palavras geraes, Nuno da Cunha ſe deſpedio d'ElRey, e ſe foi apoſentar no baluarte do mar, que eſtava apparelhado de feſta, e embandeirado com as inſignias de Portugal [a]. Depois deſte dia ſe vio o Governador com El-

[a] *Da deſembarcação do Governador, do veſtido que levava, do recebimento que lhe fez Soltam Badur, e das palavras que lhe diſſe, eſcreveo com particularidade* Diogo do Couto *no cap. 9. do liv. 9. E que de novo foram*

ElRey algumas vezes, nas quaes ElRey pedio ao Governador lhe mandasse per hum de seus Capitães tomar huma fortaleza, que os Mogoles lhe tomáram a elle no rio Indo, que se chama Varivene. Para isso mandou logo o Governador Vasco Pires de Sampayo com huma Armada de doze fustas, e alguns bargantijs, em que levou duzentos e sincoenta Portuguezes, de que foram Capitães Miguel de Aiala, Rodrigo Alvares Vogado, Affonso Figueira, e outros, cujos nomes não vieram á nossa noticia; e em sua companhia, e debaixo de sua bandeira hia Coge Sofar Capitão d'ElRey de Cambaya com trezentos Turcos. Tambem lhe pedio ElRey que mandasse defender a Cidade de Baroche, que está dez leguas da Cidade de Cambaya, por quanto se temia que os Mogoles se apoderassem della; para o que o Governador mandou logo fazer prestes Dom Gonçalo Coutinho com outra Armada para a defender. E estando para partir, chegou Manoel de Macedo, a quem o Governador deo a capitanía, ficando D. Gonçalo [a].

C A-

renovadas as Capitulações, e juradas as pazes por ElRey, e pelo Governador com grande solemnidade, e magestade.

[a] *Manoel de Macedo chegou a Baroche a tempo que Ascan Mirza irmão de Omaum Patxiah, com dez mil cavallos, entrára na rica Cidade de Barodar, que seus vizinhos despejáram com medo dos Mogoles; e com o mesmo, sem os verem, fugíram os moradores de Baroche, e a deixáram deserta, posto que Manoel de Macedo os anima-*

CAPITULO XIV.

Da notavel façanha que fez Diogo Botelho em vir da India a Portugal em huma fusta por mostrar sua lealdade a ElRey, ante quem fora calumniado falsamente.

DA nação dos Portuguezes [a] quão natural seja, mais que de outras gentes, serem leaes a seu Rey, e quantos exemplos ha de muitos, que por guardar incorrupta sua lealdade, morrêram, e passáram trabalhos incriveis, cousa notoria he aos que de suas cousas sabem; mas o admiravel, e audaz feito que Diogo Botelho fez para mostrar como falsamente o calumniáram ante ElRey, não sómente de commetter deslealdade, mas de a imaginar, he digno que entre todas as gentes, e em todos os tempos houvesse delle memoria. Sendo pois este Cavalleiro filho bastardo de Antonio Real, (Capitão que fora de Cochij em tempo do Viso-Rey D. Francisco de Almeida,) e de Iria

va, e com elles, e com os Portuguezes que tinha se offerecia a defendella; pelo que vendo-se só, deixou-se ficar na Cidade té apparecerem os inimigos; e não a podendo defender com os poucos Portuguezes, por ter mais de huma legua de circuito, se embarcou, e voltou a Dio. Diogo do Couto *cap. 9. do liv. 9. e* Francisco de Andrade *cap. 16. da 3. Parte.*

a Fernão Lopes de Castanheda *no cap. 105. do liv. 8.*

Iria Pereira mulher Portugueza, e ſervindo elle na India, onde naſceo, a ElRey Dom Manuel nos primeiros annos de ſua milicia, e depois a ElRey D. João ſeu filho, vindo a Portugal a requerer ſatisfação de ſeus ſerviços, por elle ſer muito curioſo, e prático na Geografia, e ſaber fazer cartas de marear, fez huma grande, em que deſcreveo tudo o que do Mundo era deſcuberto, e a apreſentou a ElRey D. João. Tendo-o ElRey em boa conta, e querendo-lhe fazer mercê, e ſervir-ſe delle, como neſta terra ſempre houve boa novidade de homens invejoſos, e maldizentes, que a todos os bons eſpiritos, e utiles á Républica procuráram acanhar, e eſtorvar-lhe o bem, e melhoramento, aos quaes parece doer mais o bem alheio, que o mal proprio, houve quem diſſe a ElRey, que Diogo Botelho trazia penſamento de o deſervir, e ir-ſe a ElRey de França. Polo que movido ElRey per aquelles interpretes de penſamentos, na Armada em que Martim Affonſo de Souſa foi o anno de 1534., o mandou degredado para a India [a]. Diogo Botelho, que ſentia por

[a] Franciſco de Andrade *eſcreve, que ElRey mandou prender Diogo Botelho, e que eſteve prezo té que foi á India por Viſo-Rey o Conde Almirante, que o pedio a ElRey para o levar comſigo, e S. A. lho concedeo, com que não tornaſſe mais a Portugal. Cap. 13. da 3. Parte. O meſmo affirma* Diogo do Couto *cap. 2. do liv. 1. da 5. Decada.*

por maior affronta a cauſa do degredo, que o meſmo degredo, como foi na India, pedio ao Governador Nuno da Cunha licença para fazer huma fuſta, para andar nella ſervindo a ElRey, com propoſito de ſe ir na meſma fuſta a Portugal, para manifeſtar a ElRey ſua innocencia, e lealdade, e a maldade dos que ante elle o accuſáram, e que como ſe hia da India para Portugal, ſe pudera ir para França, ſe quizera. Com eſta determinação fez huma fuſta em Cochij de vinte e dous palmos de comprido, doze de largo, e ſeis de pontal, que he da quilha té a primeira cuberta. Acabada a fuſta, como tambem na India havia Portuguezes, e os que andam as terras, e paſſam o mar não mudam por iſſo a condição, nem a natureza, que ſempre levam comſigo, não faltáram na India outros maldizentes, que affirmavam que Diogo Botelho fizera aquella fuſta para ir nella ao eſtreito do mar Roxo, e dahi ao Turco. Ouvindo iſto o Doutor Pero Vaz Veedor da Fazenda que então era, lhe tomou a fuſta, do que Diogo Botelho ſe queixou muito, e lhe diſſe, que attentaſſe bem o que fazia, que aquillo montava mais, que tomar-lhe ſua fuſta; porque ſabendo ElRey que havia delle tão má ſuſpeita, lhe mandaria cortar a cabeça. Pero Vaz lhe tornou a fuſta, com elle primeiro

ju-

jurar ſolemnemente, que ſenão iria a parte alguma onde deſerviſſe a ElRey de Portugal. E por não eſperar outro encontro, que lhe tolheſſe effectuar ſua determinação, e por a boa occaſião de naquelles dias ſe conceder a ElRey D. João a fortaleza de Dio, que elle tanto deſejava, de que lhe podia levar novas primeiro que outrem, ſe foi a Dabul para dahi fazer ſua viagem. E por elle entender mui bem a arte de marear, não levou comſigo outro que della ſoubeſſe, por não haver entre elles duas contradicções, que ſería cauſa de ſe perder. Nem para marearem a fuſta levou mais que ſeus eſcravos, e cinco Portuguezes, tres delles criados ſeus, e o Comitre da fuſta, e hum Manoel Moreno, e com boa proviſão de mantimentos ſe partio de Dabul o primeiro dia de Setembro do anno de 1535 [a], dizendo

a Eſcrevendo de Dio o Governador ao Veedor da Fazenda, que lhe mandaſſe navios, e gente, com eſta occaſião fez Diogo Botelho a fuſta para vir nella a Portugal, publicando que era para levar nella gente a Dio; e recolhendo vinte ſoldados, e outros tantos eſcravos ſeus, partio de Cochij, e chegou a Baçaim, onde deixou a fuſta, fingindo que fazia muita agua, e em hum catur paſſou ſó a Dio, onde foi bem recebido do Governador; e tomando com diſſimulação a planta da fortaleza que ſe fundava, e a cópia das Capitulações das pazes, para dar inteira relação em Portugal a ElRey, voltou eſcondido a Baçaim, e dizendo ao Capitão que o Governador o mandava com muita preſſa a Chaul, ſe embarcou na ſua fuſta, e partio para Portugal em Novembro de 1535. Francisco de Andrade *no cap. 13. da 3. Parte.*

do a todos que ſe hia ajuntar com noſſa Armada, que andava na coſta de Cambaya. E porque ao atraveſſar do golfão ſe hia affaſtando muito da terra, e lhe aconſelhava o Comitre que o não fizeſſe, lhe deſcubrio a elle, e aos outros Portuguezes ſua determinação; e receando que ſe rebelaſſem quando o ſoubeſſem, levava veſtida debaixo huma ſaia de malha, e na cinta huma eſpada. E esforçou a todos para aquella viagem, dizendo-lhes quanto lhe cumpria fazella, e promettendo-lhes grande ſatisfação de ſeu trabalho; e ao Comitre deo dinheiro, e pagou tudo o que na India lhe ficava. Contentes com iſto, e com verem que tomou terra na coſta de Arabia ao tempo que diſſe que a havia de tomar, ſendo couſa em que os Pilotos que per alli navegam não atinam por cauſa das grandes correntes, ſe aquietáram.

Feita a aguada, e carnes em hum porto chamado Jubo, ſe partio, e foi ſurgir no Cabo das Agulhas, duas leguas de terra, onde lhe deo hum tão rijo temporal do Sul, que arribou duas vezes, e ſe vio de todo perdido, por ſerem os mares mui groſſos, que entravam per huma parte da fuſta, e ſahiam pela outra, e milagroſamente eſcapou. Com eſte meſmo temporal dobrou o Cabo de Boa Eſperança a 20 de Janeiro

do

do anno ſeguinte de 1536. Depois paſſou maiores trabalhos de tormentas, de fome, e de ſede, por não poder tomar a Ilha de Santa Elena com névoas [a]. Os Marinheiros não podendo já com tantos trabalhos, determináram de matar a Diogo Botelho, e aos outros Portuguezes, e irem-ſe a terra. Pelo que quando ſe víram na coſta de Guiné, levantáram-ſe huma noite [b], huns com machados, e outros com eſpetos, e fiſgas, e deram em Diogo Botelho, e nos outros Portuguezes, de que logo morreo hum, e feríram mal a Diogo Botelho, e o Comitre, os quaes com os outros dous companheiros de tal maneira apertáram com os Marinheiros, que ſe lançáram ao mar, onde alguns ſe afogáram, e outros perdoados ſe recolhêram á fuſta. A qual com eſte levantamento ficou ſem Marinheiros, ſem Piloto, e ſem Comitre, e ſem terem os feridos com que ſe pudeſſem curar. Diogo Botelho eſteve quatorze dias ſem poder fallar, e per eſcrito mandava governar, polo que muitas vezes eſtiveram em riſco de ſe perder, ao que ſe ajuntou a falta da agua; e por a eſtreiteza da regra que era neceſſario fa-

a Diogo do Couto *diz, que tomou a Ilha de Santa Elena, na qual varou a fuſta, e a concertou, em que ſe deteve alguns dias.*

b *Eſte levantamento diz* Franciſco de Andrade, *que foi antes de chegar ao Cabo de Boa Eſperança.*

fazer-se, padecêram immenso trabalho, com o qual chegáram á paragem das Ilhas Terceiras, que Diogo Botelho não tomou, com medo de o prenderem. Mas com força de vento arribou á Ilha do Faial, onde acaso acertou de estar o Corregedor das Ilhas, que Diogo Botelho teve por outro infortunio maior, por o perigo que corria sua vida, e sua honra, podendo-se então acabar de ter por certo que vinha fugindo do degredo que lhe deram, com tenção de ir-se a França, e ficar havido por traidor, e desleal, onde cuidava que se salvava disso. E como se não podia encubrir, desembarcou, fingindo que levava a ElRey hum recado do Governador da India de grande importancia; e para que se lhe cresse, fez hum maço de cartas feitiço.

Ao desembarcar o foi receber o Corregedor com toda a gente da terra, como cousa estranha, e milagrosa, sabendo que vinha da India em huma tão pequena embarcação, e assi lhe fizeram festa, e corrêram touros. Estando-os Diogo Botelho vendo de huma janella, foi conhecido do Corregedor que estava com elle; e porque sabia que Diogo Botelho fora degredado para a India, pareceo-lhe que vinha fugindo, e que por isso se aventurára a vir naquella fusta; e determinando de o prender, per-

guntou-lhe se era elle parente de hum Botelho, que fora degredado para a India, fingindo que lhe não sabia o nome; porque se negasse que era aquelle, teria sua presumpção por verdadeira, e prendello-hia logo. Diogo Botelho suspeitando a tenção do Corregedor, disse-lhe, que elle era o mesmo Diogo Botelho que fora degredado, e que Nuno da Cunha por não achar outrem que se offerecesse a tamanho perigo, o mandára, por não estar bem com elle, e que fizera aquella viagem por o recado que levava ser de grande importancia, e de tanto segredo, que de ninguem fiava as cartas, senão de si mesmo, e mostrou-lhe o maço que comsigo trazia. O Corregedor crendo o que lhe dizia, o não prendeo, mas rogou-lhe lhe dissesse que recado levava; ao que elle respondeo, que de nenhuma maneira lho podia dizer, porém que por amor delle, posto que fosse contra juramento, lhe deixaria huma carta em que lho referisse, com tanto que lhe désse sua fé, que a não abriria senão oito dias depois de sua partida, e assi o fez.

Na carta que lhe deixou, dizia o modo de que hia, com que o Corregedor ficou mui desgostoso por o não prender, e muito mais o foi, quando no dia que abrio a carta chegou ás Ilhas Simão Ferreira Secreta-

tario da India, que por mandado do Governador trazia a nova a ElRey D. João da fortaleza que Soltam Badur dera em Dio. E posto que Nuno da Cunha espedio a Simão Ferreira com grande pressa em hum navio ligeiro, logo apôs Diogo Botelho, quando soube que era partido, para que por elle não soubesse ElRey primeiro a nova da fortaleza que per Simão Ferreira: succedeo porém assi, porque Diogo Botelho chegou em Maio a Lisboa muitos dias primeiro que Simão Ferreira, e se apresentou a El-Rey, que estava em Almeirim [a], indo na fusta pelo Téjo acima té Salvaterra, e lhe disse a causa per que viera da India daquella maneira para mostrar sua lealdade, e lhe deo as novas da fortaleza de Dio, que lhe Soltam Badur dera. ElRey se maravilhou daquella viagem, e as novas festejou muito, e seu leal animo, e o tornou á sua graça, mas não com a satisfação que aquella façanha merecia [b]; (ao costume da terra,

 na

[a] Francisco de Andrade *escreve, que ElRey estava em Evora, aonde fora logo Diogo Botelho.*

[b] Diogo do Couto *diz, que Diogo Botelho esteve alguns annos em Portugal, sem ElRey lhe fazer mercê, e á cabo delles lhe deo a capitanía de S. Thomé, polo ter fóra do Reyno, e depois o despachou para a India com a de Cananor. Escreve mais* Diogo do Couto, *que ElRey logo mandou fazer solemnes Procissões por as novas de Dio, e as escreveo ao Summo Pontifice Paulo III. que as celebrou com outra solennissima Procissão, e Missa Pontifical,*

na qual raras vezes ſe pagáram bem ſerviços aſſignalados,) e foi tamanho o eſpanto della, que muita gente, aſſi naturaes, como eſtrangeiros, foram ver aquella fuſta a Salvaterra, como couſa admiravel, a qual depois foi levada a Sacavem, onde ſe mandou queimar, por não ſer viſta, e ſe divulgar pelo Mundo, que em tão pequeno navio ſe podia navegar á India.

CAPITULO XV.

Como o Governador Nuno da Cunha fundou a fortaleza de Dio: e como Vaſco Pires de Sampayo tomou aos Mogoles a fortaleza de Varivene no rio Indo.

TAnto que Nuno da Cunha ſe vio entregue do baluarte, e do ſitio em que ſe havia de fundar a fortaleza, poz grande diligencia em ajuntar os materiaes para ella neceſſarios, no que ſe deteve té Novembro; e hum Domingo 20 dias daquelle mez, acabando de ouvir Miſſa ſolemne, acompanhado de todos os Capitães, e Fidalgos, e mais gente, com muita feſta, deo elle a primeira enxadada nos aliceces que ſe começáram abrir, o que ſe continuou com tan-

na qual fez huma Oração Fr. Theofilo da Ordem de Santo Agoſtinho em louvor d'ElRey D. João, e da nação Portugueza, a qual traduzida em Portuguez refere Diogo do Couto *no cap. 2. do 1. liv. da 5.* Decada*, onde ſe póde ler.*

tanta preſſa, que quando foi aos 21 de Dezembro; (dia do Apoſtolo S. Thomé Padroeiro da India,) aſſentou Nuno da Cunha a primeira pedra da fortaleza com muitas moedas d'ouro debaixo della; e por comprazerem ao Governador, os Fidalgos lançáram outras muitas, no que todos moſtravam contentamento, e alvoroço, e ſe feſtejou com grande eſtrondo de artilheria, e de trombetas, atabales, e charamellas. Soltam Badur para moſtrar que tambem lhe cabia a elle parte daquelle contentamento, e que a obra ſe fazia por ſua vontade, mandou logo a Nuno da Cunha quinze mil pardáos d'ouro em nome de almorço para os ſervidores da obra, dos quaes elle mandou muitos. Mas não menos trabalhavam os Fidalgos que a outra gente, e todos eram repartidos per quartos, e os Capitães delles andavam á inveja de quem daria melhor meza aos do ſeu quarto; e como cada hum lha dava, aſſi ſe lhe ajuntava a gente, e creſcia a obra. E por eſſa cauſa hum baluarte, que Garcia de Sá tinha a cargo; (que tem o ſeu nome, poſto que lhe puzeram o de Sant-Iago;) creſceo mais que todos, porque o fez todo, e gaſtou nelle muito. E tanta preſſa ſe deo á obra, que antes de ſe acabar o mez de Fevereiro, era a fortaleza acabada, á qual foi poſto o nome São

Tho-

Thomé; e provendo-a o Governador de muita artilheria, e munições, fez Capitão della a Manuel de Sousa Fidalgo de sua pessoa mui valeroso, e esforçado, como na vida, e morte mostrou, e lhe deo para guarda della novecentos homens Portuguezes. E porque Nuno da Cunha em tudo desejava de comprazer a Soltam Badur, e por lho elle rogar, mandou pedir ao Nizamaluco que lhe não fizesse guerra, porque estando seguro de lha não fazer, tiraria da sua fronteira a Mirao Muhmald com a gente que nella tinha, que lhe era necessaria para outra parte. Com esta embaixada mandou a Gaspar Preto, que era homem para muito, e de grande recado, o que negociou tambem, que não sómente Badur ficou seguro do Nizamaluco lhe fazer guerra, mas ainda deo gente a Mirao Muhmald para a fazer a outros. O que sabendo Badur do Governador, ficou agradecido, e desalivado.

[a] Entretanto Vasco Pires de Sampayo proseguindo sua viagem, tambem em serviço de Soltam Badur, chegou á fóz do rio Indo, hum dos mais famosos da Asia. Surto aqui Vasco Pires, vasou a maré mais de meia legua, e ficáram os navios em secco, pelo que foi avisado que os despejasse,

[a] Fernão Lopes de Castanheda *no cap.* 109. *do liv.* 8. e Francisco de Andrade *no cap.* 16, *da* 3. *Parte.*

ſe, para que ficaſſem leves quando tornaſſe a montante d'agua, porque ſe eſtiveſſem carregados, ſe perderiam, por trazer grande força, enchendo com macareo; e por tanto elle mandou aboiar a artilheria, para o que foram poſtos ſobre ella os maſtos, e vergas dos navios. E quando a maré tornou, vinha o macareo tão alto, e com tamanho impeto, e rugido, que os Portuguezes recéaram que os ſoçobraſſe, e aſſi deram os navios tão grandes pancadas na praia, que parecia que ſe eſpedaçavam. Paſſada eſta furia, foi recolhida a artilheria com o mais, e apparelhados os navios, entrou a Armada no rio, onde achou Vaſco Pires o Capitão d'ElRey de Cambaya, a que os Mogoles tomáram a fortaleza, o qual ſabendo que Vaſco Pires hia, o foi alli eſperar com a gente que tinha embarcada, e lhe contou como os Mogoles ſabendo de ſua vinda, queimáram logo a povoação de Varivene, e ſe recolhêram na fortaleza, a qual era pequena, poſta á borda d'agua, com quatro, ou cinco berços: os Mogoles que nella eſtavam eram cento e cincoenta. Vaſco Pires, levando eſte Capitão, foi pelo rio acima, e ſendo já noite chegou á fortaleza, e ſem querer ſaber mais da diſpoſição della, pela manhã cedo começou de a combater, repartindo o combate per tres eſtancias, huma

ma que elle tinha com os Portuguezes, outra Coge Sofar com os Turcos, e a outra o Capitão d'ElRey de Cambaya com os seus, que eram espingardeiros, que não haviam de fazer mais que tirar aos Mogoles que apparecessem sobre o muro para os Capitães subirem por escadas. Os Mogoles, posto que fossem tão poucos, se defendêram mui valentemente com essa pouca artilheria que tinham, e com sua arca buzaria, e muitas fréchas, com que ferîram oitenta Portuguezes, que não puderam chegar as escadas ao muro, salvo Miguel de Aiala, que foi o primeiro que subio, e foi lançado delle com grande perigo seu; e assi Martim Affonso de Mello o punho, Manuel Machado, e João de Freitas, que hiam após elle, que foram mal feridos, e João Ferreira que cahio abaixo morto de huma fréchada. Vendo Vasco Pires o damno que os seus recebiam, mandou-os affastar, determinando de descoroar as ameas do muro, para a gente poder melhor subir, e assi se fez logo com a artilheria que mandou tirar em terra, e por esta bateria se acabar perto da noite, deixou de commetter a entrada para o outro dia; mas não esperando por isso os Mogoles, fugîram aquella noite, e desampararâram a fortaleza. E sendo Vasco Pires avisado de sua ida, desembar-

cou,

cou, e foi apôs elles, e matou os que alcançou, e tomada a fortaleza a entregou ao Capitão d'ElRey de Cambaya; e por não ter mantimentos, e entre elle, e Coge Sofar haver alguma desavença, não fez mais guerra aos Mogoles, e se tornou a Dio.

CAPITULO XVI.

Como querendo Soltam Badur ir visitar algumas partes de seu Reyno, pedio ao Governador lhe désse por companheiro a Martim Affonso de Sousa: e como indo os Mogoles sobre Baçaim, se tornáram com temor dos Portuguezes, e Mirao Muhmald os foi lançando de Cambaya.

FAbricando-se a fortaleza de Dio, vieram novas a Soltam Badur, que ElRey dos Mogoles, depois de ter tomado Champanel, tomára Amadabad, Cidade principal de Cambaya, por lha entregar o Capitão della, a qual elle pertendeo com tenção de ir logo tomar a Cidade de Dio, e dalla ao Governador Nuno da Cunha, por lha ter promettida; e por saber que já estava nella fazendo a fortaleza, deixou de vir. Polo que conhecendo ElRey de Cambaya o favor que já achava com a fortaleza, e que á sombra della podia defender sua pessoa, e estado, e muito mais com a

as-

aſſiſtencia de Nuno da Cunha em Dio, determinou de ir dar huma viſta a algumas partes de ſeu Reyno de Cambaya, aſſi por dar aos ſeus moſtra de ſi que era vivo, e com eſperança de os poder ſoccorrer com favor dos Portuguezes, e cobrar ſeu eſtado, como para ſaber as fortalezas, e lugares que eſtavam de ſua devoção. Para o que tomou conſelho com o Governador, que lho approvou, e para eſta jornada lhe pedio houveſſe por bem que Martim Affonſo de Souſa foſſe com elle; porque além do valor de Martim Affonſo nas armas, e conſelho na guerra, e aprazivel converſação, e outras boas qualidades, era-lhe ElRey Badur mui affeiçoado, e dizia, que tanto eſtimaria levar comſigo Martim Affonſo, como levar mil Portuguezes. O Governador lho concedeo, e mandou mais alguns Fidalgos que o acompanhaſſem. [a]

ElRey ſe partio, deixando encommendadas ao Governador ſuas mulheres, e ſua mãi,

[a] *Eſcreve* Diogo do Couto, *que os Portuguezes, que fôram com Martim Affonſo de Souſa, eram quinhentos. E os Fidalgos que o acompanhâram foram Fernão de Souſa de Tavora, Franciſco de Sá dos oculos, D. Diogo de Almeida Freire, Martim Correa da Silva, Manoel de Souſa de Sepulveda, Antonio Moniz Barreto, e outros. Cap.* 10. *do liv.* 9. Franciſco de Andrade *diz, que os ſoldados eſpingardeiros eram cento, e de cavallo cincoenta Fidalgos, e gente nobre, a que Badur mandou dar os cavallos. Cap.* 11. *da* 3. *Parte.*

mãi, e familia, e correo alguns lugares de seu Reyno, de que achou alguns serem leaes, e estarem as fortalezas por elle; e dos que estavam pelos Mogoles soube, que tinham mui fracos presidios, e que os poderiam facilmente cobrar. Porque como os Mogoles não fazem longa habitação nos lugares, assi não occupam gente militar, de que tem necessidade, em presidios, e os que deixáram eram de pouca gente, e essa mal provída, por não serem elles senhores do campo, e terem longe o soccorro. Mas como ElRey não hia fazer guerra, nem a restituir-se de alguma maneira; senão a dar vista de si a seus vassallos, nem levava campo formado; e lhe deram novas que os Mogoles abalavam contra elle com grande exercito de pé, e de cavallo, não se atrevendo a pelejar com elles, determinou retirar-se a Dio. Mas animado per Martim Affonso de Sousa [a], com seu conselho se subio a hum monte vizinho, para onde se recolhia grande multidão de gente, que vinha fugindo dos Mogoles, a qual Martim Affonso fez reter, e alojar ordenadamente, e no cume do monte mandou plantar as insignias Reaes; porque vendo-as o inimigo, e cuidando que aquella gente era de guerra, não ousaria commetter o monte. Respondeo o successo

ao

[a] Diogo do Couto *no cap.* 10. *do liv.* 9.

ao discurso de Martim Affonso, porque logo appareceo no campo hum irmão d'ElRey dos Mogoles com oito mil de cavallo, que estando em Abmadabad, teve aviso de como Badur andava pelo Reyno com pouco poder, e vinha com aquella gente escolhida para o prender. E como chegou áquelle campo, e vio sobre o monte as insignias Reaes, e tanta multidão de gente, parecendo-lhe que toda era de guerra, foi dando vista pelo pé do monte, e sahindo-se do campo. Martim Affonso contra vontade d'ElRey com os poucos da sua companhia desceo a baixo para reconhecer o caminho que levavam os inimigos, e os vio entrar per algumas Aldeas, e queimallas; e não podendo remediar aquelles damnos, por não ter gente, tornou-se a ElRey, que ficou no monte aquella noite com grandes vigias. E sabendo que os Mogoles se hiam recolhendo, mandou alguns Capitães que os seguissem té de todo se sahirem do Reyno. E receando-se de outra volta, se recolheo a Dio mui satisfeito dos Portuguezes que o acompanháram, aos quaes fez muitas mercês.

[a] Sabendo o Governador que os Mogoles se moviam, receou que fossem sobre Baçaim, e o tomassem, pelo que mandou Garcia

a Fernão Lopes de Castanheda *no cap.* 122. *do liv.* 8. *e* Francisco de Andrade *no cap.* 12. *da* 3. *Parte.*

cia de Sá que fosse para lá, e lhe deo quatrocentos Portuguezes que fossem com elle, e assi lhe mandou, que entretanto ajuntasse os materiaes necessarios para elle ir fazer naquelle lugar huma fortaleza como se acabasse a de Dio. Estando Garcia de Sá em Baçaim, chegou Gaspar Preto que vinha do Nizamaluco sobre deixar a guerra de Cambaya, o qual lhe deo novas, que vindo de lá para Dio, soubera que hia hum Capitão d'ElRey dos Mogoles sobre Baçaim com vinte mil de cavallo, e gente de pé sem conto para o tomar, e dallo a Melique Liaz, que se lançou com ElRey dos Mogoles, como fica dito atrás. E que os corredores desta gente chegáram tão perto delle, que lhe cativáram algumas pessoas de sua companhia, pelo que lhe fora forçado deixar o caminho que levava, e ir a Damam, e dalli viera per mar a Baçaim. Garcia de Sá, que já ouvíra esta nova, ficou mui triste quando vio que a confirmava Gaspar Preto, com cujo parecer, e de outros muitos determinou de não esperar os Mogoles, vindo já tão perto, porque lhes parecia temeridade, não sendo mais de quatrocentos, e os inimigos sem conto, esperallos em campo, polo que se apercebeo para embarcar-se, e ir-se. A gente da terra, e os mercadores estrangeiros que ahi resi-

di-

diam, e ſe tinham por ſeguros com a preſença de Garcia de Sá, ſe deram por perdidos, e tudo eram lamentações, e alaridos das mulheres, e meninos quando viam entrouxar os Portuguezes.

Antonio Galvão que alli eſtava, vendo a grande quebra, e deſcredito que era para os Portuguezes irem-ſe daquella maneira, principalmente em tempo em que toda a confiança d'ElRey de Cambaya eſtava nelles, parecendo-lhe mal aquella determinação, fez huma falla a Garcia de Sá, dizendo-lhe, que não lhe podia negar, que quando alli veio para defender Baçaim dos Mogoles, não ſabia que os homens que trazia não eram mais dos que agora eram em reſpeito dos inimigos. E que neſſe tempo imaginára mui bem quantos haviam de ſer, pois queriam tomar aquella terra, a que o Governador o mandára para lhes reſiſtir. E que tambem lhe não negaria, que bem ſabia quando alli o mandáram, que não tinha onde ſe defendeſſe, ſenão no campo pelejando. E que pois ſe então não eſcuſára de acceitar eſſa empreza, podendo-o fazer ſem deſhonra, pois ninguem o ſabia, que não era decente eſcuſar-ſe agora com ficar deshonrando a ſi, e aos Portuguezes com tamanho deſcredito, pois era em público; e que por ſuſtentar o credito que ſeus paſſados tinham ga-

ganhado na India á custa do sangue de tantos, cumpria a serviço de Deos, e d'ElRey, e da sua Patria não degenerar delles, e alli perder as vidas, que duram tão pouco, e que assi lho requeria o fizessem: quanto mais, que sem as perder, se poderiam defender com a artilheria, e espingardaria que tinham, que lhe defenderiam a dianteira, e as costas o mar, e brevemente fariam huma tranqueira da muita madeira que alli tinham, que com huma cava ficaria fortissima. A gente plebea não approvava o que Antonio Galvão dizia; mas primeiro que Garcia de Sá lhe respondesse, começáram de dizer, que o que Antonio Galvão dizia era escusado, o que elle sentio muito, vendo que se não punha em prática o que havia proposto. Mas Garcia de Sá, a quem aquelle conselho pareceo bem, lhe louvou as razões que deo, e lhe pedio tomasse a seu cargo fazer ametade da tranqueira, e assi a fez. A gente da terra, e os estrangeiros se ajuntáram com Garcia de Sá, e o ajudáram. O Capitão dos Mogoles sabendo quão fortalecidos os Portuguezes estavam, deixou a ida de Baçaim, e tornouse, no que os Portuguezes ganháram muito credito, e honra, a qual toda se attribuhio a Antonio Galvão, que deo o conselho.

Vindo á noticia de Mirao Muhmald sobri-

brinho d'ElRey de Cambaya, que os Mogoles não ousáram ir a Baçaim, e que elle não tinha já que fazer na fronteria de Damam, estando amigo com o Nizamaluco, e que ElRey dos Mogoles era ido caminho de Bengála, e a gente que deixava em algumas forças de Cambaya não era bastante para lhe impedirem andar pelo Reyno com a que elle tinha, e com outra que lhe Soltam Badur mandou, e com a que lhe Nizamaluco deo, lhes fez logo guerra, e lhes tolheo os mantimentos, de que tinham muita falta, por não estarem senhores do campo, de maneira, que foram alargando as fortalezas, e se foram huns para suas terras, outros para Emirzaman cunhado de seu Rey, que se passou a ElRey de Cambaya; e acudindo-lhe dahi adiante mais gente, poz a cousa em estado, com que Badur depois cobrou todos os seus senhorios.

CAPITULO XVII.

Como Soltam Badur se arrependeo de dar a fortaleza de Dio aos Portuguezes, e quizera fazer entre ella, e a Cidade hum muro, com que a cegára: e como o Governador o pacificou, e se foi a Goa.

SEndo Soltam Badur naturalmente de sua condição inquieto, e inconstante, que lhe não durava muito huma vontade, e esta-

va

va já desapressado do Nizamaluco, e em esperanças de o ser dos Mogoles, quando vio a fortaleza de Dio acabada, arrependeo-se em grande maneira de a ter concedida aos Portuguezes; e já que a não podia desfazer, determinou de a cegar, com mandar fazer hum muro entre ella, e a Cidade de maneira, que a Cidade não ficasse subjugada da fortaleza, com tenção que, ido Nuno da Cunha, faria no muro baluartes, com que pudesse bater a fortaleza, e tomalla. Com esta determinação mandou dizer ao Governador por Nina Rao Capitão de Dio, que havia de fazer o muro. O Governador, havendo conselho com seus Capitães, assentáram, que Fernão Rodrigues de Castello-branco lhe fosse dizer, que a fortaleza era sua, e elles seus, que por isso era escusada aquella parede. ElRey lhe respondeo, que aquella parede queria fazer para evitar escandalos entre os seus, e os Portuguezes, e não se quebrar a amizade que tinha com ElRey de Portugal. E passando alguns recados de parte a parte, mandou dizer ao Governador, que elle não se obrigára pelo contrato das pazes a ser sujeito a Portuguezes, senão a dar-lhe lugar para huma fortaleza, e que elles o queriam forçar a que não fizesse huma parede em sua terra; e porque Fernão Rodrigues levava ordem do Governador, que insistin-

do ElRey em fazer a parede, o desenganasse, que o Governador lho não havia de consentir, elle o fez assi, de que Badur ficou mui resentido, parecendo-lhe que era grande quebra sua tão secco desengano, e bem se entendeo delle, que se pudéra, logo se vingára do Governador. Mas como tinha pouco poder, e ainda os Mogoles andavam em Cambaya, dissimulou este odio, determinando de tomar-lhes a fortaleza a seu tempo.

Estando alguns dias, que de arrufado se não víra com o Governador, lhe mandou dizer por Nina Rao, que lhe désse a gente que lhe promettêra para ir contra os Mogoles; e escusando-se elle disso, por ser inverno, e dilatando-o para o verão seguinte, com receio que dando-lha, a matasse á traição: queixou-se ElRey muito de lhe o Governador não cumprir o contrato, dizendo, que elle buscaria seu remedio; e fez com Nina Rao que dissesse ao Governador em segredo, como de seu, que ElRey Badur queria ir-se para Méca, para que entendesse o Governador que sua ida sería para trazer soccorro do Turco. E posto isto em conselho, crendo todos que sería assi, segundo ElRey era voluntario, e determinado, assentáram, que convinha detello por a divisão que havia em Cambaya. E fazendo

do o Governador que se vissem ambos, por ElRey estar na quintã de Melique Az, viram-se na ponta de Dio, aonde o Governador foi em huma fusta, e com elle Martim Affonso de Sousa, Manoel de Sousa, D. Gonçalo Coutinho, Fernão Rodrigues de Castello-branco, e João da Costa Secretario do Governador. ElRey esperou em outra fusta, acompanhado de quatro, ou cinco Senhores grandes de seu Reyno.

O Governador se metteo na fusta d'ElRey, e ambos na popa, ficando os Fidalgos, e Senhores de fóra. Alli fez ElRey huma longa prática ao Governador toda de queixumes de lhe não cumprir o contrato, como elle cumprio. E por o Governador estar doente, pedio a ElRey que permittisse responder por elle Fernão Rodrigues, que sabia bem daquelle negocio; o qual lhe disse, que S. A. era o que não cumpria o contrato, porque lhe concedêra huma fortaleza, e a víra fazer, e agora lhe tirava os olhos, e a vista, pois com a parede ficava céga, e imperfeita, e differente das outras fortalezas; e que as doações, que os Principes faziam, se entendia per direito de todas as gentes, que haviam de ser largas, e liberaes, e não diminutas, e inutiles, que não honrassem a quem as dava, nem aproveitassem a quem as recebia. E que a for-

taleza era para S. A. tão proveitosa, como para os Portuguezes, que já eram seus, e estavam alli para o servir, e morrer em sua defensão quando cumprisse. E que a gente que lhe pedia, que ainda que lha agora désse, não podia fazer com ella cousa alguma, porque por ser inverno não podia estar em campanha, que no verão, quando lhe poderia servir, lha daria quanta quizesse. E que o mesmo fizera, ainda que não estivera capitulado no contrato, por a vontade que tinha de o servir, e que não cuidasse outra cousa. Com aquellas razões, e outras se abandonou ElRey, e prometteo de se vir para a Cidade, dizendo, que não hia logo, porque não cuidassem os Mouros que o levavam forçado. E o Governador se tornou, e ao outro dia se foi ElRey para a Cidade como tinha promettido, e se reconciliou com o Governador, ainda que não de coração, porque determinava de lhe tomar a fortaleza como visse tempo.

Havendo pois o Governador fundada a fortaleza, e estando de acordo com Soltam Badur, e deixando Manoel de Sousa bem provído de gente, mantimentos, e munições, e do mais que cumpria para sua defensa [a], antes de se partir para Goa, teve com

a Deixou o Governador por Capitão do baluarte do mar a Lionel de Sousa de Lima com trinta espingardeiros. Fez a Antonio da Veiga Feitor, e Alcaide mór. A Pedralva-

com ElRey todos os cumprimentos devidos, dizendo-lhe, que alli deixava Manuel de Souſa com toda aquella gente, e armas, mais para o ſervir, que para guarda da fortaleza, e que iſſo era o que lhe deixava mais encarregado; e que todas as vezes que foſſe neceſſario acudir elle Nuno da Cunha em peſſoa com todo o Eſtado da India, o faria por o ſervir. E que hia contente de ſi, por ver que já tinha cobrado parte de ſeu Reyno; e que eſperava em Deos, que por aquelle ſerviço que fizera a ElRey ſeu Senhor, em lhe dar lugar para aquella fortaleza em Dio, ſería cauſa para elle Soltam Badur ter mais ſeguro, e mais quieto dahi em diante o ſeu Eſtado. Com eſtes offerecimentos, e outros neceſſarios ao tempo, ſe deſpedio d'ElRey, ficando ambos muito amigos. Nina Rao o tio d'ElRey Capitão de Dio, receando-ſe que não faltaſſe hum achaque, com que ElRey hum dia o mandaſſe matar, como tinha feito a muitos,

pe-

res de Almeida Ouvidor. No rio deixou duas albetoças, huma caravella, huma galé, e quatro catures para o ſerviço; e na fortaleza ſeſſenta peças de artilheria, a melhor que então havia na India. Na Igreja, (que ſe fez no alto da fortaleza, e tão forte, que della podia jogar a artilheria, ſendo neceſſario,) poz Vigario com ſeis Sacerdotes. Fez pagamento a toda a gente de ſeis mezes, e entregou ao Feitor dez mil pardáos para o que foſſe neceſſario, e para ſe continuar com as obras da fortaleza. Franciſco de Andrade *cap. 17. da 3. Parte.*

pedio a Nuno da Cunha em muito ſegredo, que deixaſſe dito a Manoel de Souſa, que, ſendo-lhe neceſſario, o recolheſſe a elle com ſua mulher, e filhos, e familia na fortaleza, porque ſe temia da inconſtancia d'El-Rey, e que elle o ſerviria. Nuno da Cunha o deixou mui encarregado a Manoel de Souſa, folgando muito de ter por amigo hum homem tão principal como aquelle. Ordenadas todas eſtas couſas, partio Nuno da Cunha de Dio a 20. de Março do anno de 1536., e foi a Baçaim, onde chegou com toda ſua Armada; e vendo a tranqueira que ſe fez por conſelho de Antonio Galvão, gabou-a muito, e foi ver o ſitio onde ſe havia de fazer a fortaleza, a qual começou logo; e por fazer honra a Antonio Galvão, quando ſe abríram os aliceces, mandou-lhe que déſſe elle as primeiras enxadadas, e que puzeſſe a primeira pedra, e deixando Garcia de Sá para acabar a obra, partio-ſe para Goa, onde foi recebido com muita alegria, por deixar mais duas fortalezas de huma viagem, tão importantes como a de Dio, e a de Baçaim, accreſcentadas ao eſtado da India.

CA-

CAPITULO XVIII.

Como Garcia de Sá Capitão de Malaca, por engano d'ElRey de Achem, lhe mandou Manoel Pacheco em hum galeão á boa fé: e elle, e os que levava foram mortos á traição.

GUardando a ordem, com que começámos de tratar das couſas de Malaca, e Maluco após as da India, das quaes por as não interromper, ha muito que não fallamos, he tempo de relatarmos o que naquellas partes ſuccedeo. Dito temos atrás, como em tempo de Lopo Vaz de Sampayo foi morto Simão de Souſa Galvão, indo para ſervir de Capitão mór do mar de Maluco, com a maior parte dos que levava, e outros ficáram cativos, e entre elles Jorge de Abreu, e Antonio Caldeira. Feita aquella maldade por ElRey de Achem, e fingindo elle que lhe pezava daquelle ſucceſſo, não ſatisfeito com tão pequena preza, mandou dos cativos tres a Pero de Faria Capitão que então era de Malaca, dizendo, que elle folgaria de ter paz com Malaca, e queria tornar-lhe a galé, e os cativos que lá tinha, para o que lhe enviaſſe alguma peſſoa para aſſentar eſta paz com elle, e lhe então fazer entrega de

tu-

tudo [a]. Pero de Faria vendo quanto importava á navegação de Malaca ter paz com aquelle Rey, que hia crescendo em poder, e que não lhe faltava mais para fazer-se Senhor da maior parte de Samatra, que tomar o Reyno de Arú vizinho de Malaca, com o qual elle então estava de guerra, houve que Deos lhe movia o animo para nosso beneficio na paz que commettia, e logo mandou armar huma lanchara com alguns Portuguezes sómente para saber se era verdadeira aquella sua tenção, para nisso prover conforme ao que achasse nelle. Os Portuguezes foram mui bem tratados delle, e lhe

a Tendo o Achem aviso que em Malaca estava hum Embaixador d'ElRey de Arú, amigo dos Portuguezes, que vinha pedir soccorro contra elle ao Capitão Pero de Faria; e sabendo que se aprestava o soccorro, receando que com elle lhe faria muita guerra ElRey de Arú, para o estorvar mandou Antonio Caldeira, offerecendo a paz, com as condições referidas, que parecendo-lhe a Pero de Faria que dellas ganhava mais que no soccorro d'ElRey de Arú, deixou de lho dar, posto que com grande contradicção de Martim Correa, que conhecendo as traições do Achem, lhe aconselhava que não deixasse de dar soccorro ao Arú pelas falsas promessas do Achem. Mas persuadido Pero de Faria de Antonio Caldeira, espedio ao Embaixador d'ElRey de Arú sem soccorro, e mandou dous homens a Malaca a tratar das pazes, que aportáram a huma Ilha na costa do Achem, onde foram mortos. E ao Arú mandou Fernão de Moraes em hum galeão a dar-lhe satisfações de o não ajudar naquella occasião contra o Achem, que foram d'ElRey mal recebidas. Fernão Lopes de Castanheda *cap.* 83. *do liv.* 7. Diogo do Couto *Dec.* 4. *liv.* 5. *cap.* 8. Francisco de Andrade 2. *Parte cap.* 37.

e lhe deo grandes dadivas, que confirmavam o que elle mandára dizer a Pero de Faria. Mas como elle era traidor, e sem fé, mandou saltar com elles ao caminho, e foram todos mortos, e a lanchara mettida no fundo, porque não apparecesse. [a]

E havendo seis mezes que tinha isto feito, sendo já Garcia de Sá Capitão de Malaca, que succedeo a Pero de Faria, escreveo-lhe este Mouro huma carta com sobrescrito para Pero de Faria, em que lhe dizia, que havendo tanto tempo que lá mandára huma lanchara com certos homens sobre o negocio da paz que queria ter com elle, estando esperando por sua resposta té então não víra seu recado. E porque elle estava na mesma vontade, lhe pedia mandasse lá alguma pessoa notavel para isso, por não irem, e virem recados, e fez escrever a Jorge de Abreu, e aos outros Portuguezes

[a] *Estes Portuguezes diz* Diogo do Couto, *que foram mandados por Garcia de Sá em companhia de hum Embaixador do Achem, per quem elle maudou pedir pazes a Garcia de Sá, com as condições que offerecêra a Pero de Faria. O qual Embaixador entrou com grande apparato em Malaca, sobre hum elefante, com hum prato d'ouro nas mãos, em que levava a carta d'ElRey do Achem para o Capitão, e diante delle hia hum homem como Rey d'armas, que ao som de alguns instrumentos publicava em alta voz que ElRey do Achem mandava commetter pazes, e amizades aos Portuguezes.* Diogo do Couto *cap. 9. do liv. 5.* Francisco de Andrade *cap. 46. da 2. Parte.* Fernão Lopes de Castanheda *cap. 99. do liv. 7.*

zes que lá tinha cativos, quanto elle desejava a paz, e que logo os soltaria. E que a causa principal por que a desejava era por ter guerra com ElRey de Arú, e queria favorecer-se com Malaca, e ter os Portuguezes por amigos. E como homem falso que era, neste tempo tratava estes cativos com muito mimo, para elles escreverem a Garcia de Sá este bom tratamento, e debaixo desta simulação armava a traição mais a seu proposito, como aconteceo, posto que o caso mais foi descuido, e simplicidade dos nossos, que astucia sua.

Porque vendo Garcia de Sá este recado, parecendo-lhe que não havia outra maior verdade, segundo lhe os nossos escreviam, mandou apparelhar o galeão S. Jorge, que era de duzentos toneis, armado com sete bombardas grossas, tres falcões, e vinte berços, e muitas panellas de polvora, com oitenta e cinco Portuguezes, os principaes de Malaca, ordenado tudo com cautela de as lancharas deste tyranno lhe não poderem fazer damno. Deste galeão mandou Garcia de Sá por Capitão a Manuel Pacheco, que era mui bom cavalleiro, o qual com seu descuido o foi entregar ás lancharas de Achem, assi como hia armado. Porque chegado ao porto de Achem, hum pouco ao mar, por lhe calmar o vento, vieram logo a elle algu-

gumas lancharas da parte d'ElRey ſaber quem eram, e o que queriam. Ao que elle reſpondeo o a que vinha, e que ao outro dia, ſenão ventaſſe, lhe mandaſſe lancharas para o rebocarem, e metterem no porto. ElRey como iſto lhe vinha á popa do que tinha ordenado, mandou logo ſoltar ſuas lancharas, com alguns baileus altos, que andam no meio dellas, donde pelejam á maneira das redes que cá uſamos, e os remeiros ficam per baixo, e todos com grandes feſtas, moſtrando que o faziam por honra dos noſſos. Muitos que não eram acoſtumados á guerra das lancharas, quando as víram, eſpertáram os Capitães, dizendo, que lhes não parecia bem aquelle modo de feſta, que por qualquer maneira que foſſe, os deviam de receber armados, e poſtos em ordem de peleja. O Capitão Manuel Pacheco, a quem parece que ſua hora o enganava, e aſſi a de muitos que alli eram, começou a bradar que ſe não armaſſem, que damnavam todo o concerto, e ordem que levava de aſſentar a paz, que o não deshonraſſem, e ſe deixaſſem eſtar, nem fizeſſem alvoroço, porque na deſconfiança que moſtravam, damnavam o a que vinham. E como homem que recebia irmãos, e não inimigos, deixou-ſe eſtar cégo, e contumaz naquella perfia de maneira, que o galeão

fi-

ficou per todas partes cercado, e dos baileus saltáram os Mouros dentro, ferindo alguma gente: quando Manuel Pacheco acordou daquella modorra que tinha, foi o primeiro que os Mouros matáram ás fréchadas, sem elle ter arma na mão com que se defender. O mesmo aconteceo aos outros, que estavam na propria cegueira. Os que se puzeram em defensão, eram tão poucos em respeito do grande número dos inimigos, que quasi todos morrêram [a]. O galeão foi apresentado a ElRey com muita festa, que para os cativos que estavam esperando sua redempção foi a mesma morte, e então entendêram que o bom tratamento que lhes dantes fizeram era para aquelle fim.

O tyranno como vio que por fabricar aquella maldade havia de ficar perpetuamente em nosso odio, assentou pazes com ElRey de Arú, com fundamento que com seu favor, e com ajuda de outros Mouros vizinhos, com que naquelle tempo estavamos de guerra, podia tomar Malaca. Esta pertenção lhe facilitava hum Mouro honrado de Malaca, por nome Sinaia Raja, que ácerca dos Malaios tinha muita authoridade,

a *Os que escapáram vivos foram levados com o galeão a ElRey, que os mandou matar, e aos outros Portuguezes da galé de Simão de Sousa, que tinha cativos.* Fernão Lopes de Castanheda *cap.* 99. *do liv.* 7.

de, com quem efte Rey de Achem fe carteava, e por cujo confelho, e inftrucção tomou o galeão per aquelle engano; o qual lhe mandou dizer, que bufcava tempo para lhe dar nas mãos a fortaleza de Malaca, como lhe dera o galeão, e a galé. E correo muito rifco de fer affi, fe a coufa fenão defcubríra por os mefmos Malaios. Porque andando muitos Mouros de Achem de Armada ao longo da cofta de Malaca [a], ajuntáram-fe alguns Malaios com os Achens, onde chamam o Tanque, e alli fizeram hum banquete, em que os Achens, depois de fe efquentarem com o vinho, contáram aos Malaios como por inftrucção de Sinaia, El-Rey de Achem tomára o galeão, e como mandára matar no mar fecretamente o Embaixador de Pero de Faria para mais diffimulação, e tinham concertado de tomar a fortaleza em hum certo dia, ao tempo que Garcia de Sá eftiveffe na Igreja com toda a gente. Difto foi logo avifado Garcia de Sá per alguns daquelles Malaios, que eram feus amigos, e affentou de matar Sinaia com o menos alvoroço que pudeffe fer. Polo que logo o mandou chamar, e vindo com hum feu enteado por nome Tuam Mahamed, e dando-lhe razão do que tinha fabi-

[a] Fernão Lopes de Caftanheda *no cap.* 10. *do liv.* 7. *e* Diogo do Couto *no cap.* 7. *do liv.* 5.

bido da ſua traição, lhe mandou atar as mãos atrás, e lançallo da torre de homenagem abaixo, e aſſi foi morto. A Tuam Mahamed que não tinha culpa conſolou, e acompanhado o mandou para ſua caſa, o qual com ſua mãi, e com toda ſua fazenda o mais ſecretamente que pode ſe ſahio de Malaca, e ſe foi para ElRey de Ujantana. Os Malaios ficáram eſpantados, e comparavam aquelle caſo ao de Utimuta Raja, em tempo de Affonſo d'Alboquerque, e diziam, que os Portuguezes ſabiam muito, que não ſe lhes eſcondia nada. E deſta morte de Sinaia Raja ficou ElRey de Achem muito triſte, por ſe deſcubrir o que tinha feito, e o que pertendia fazer.

CAPITULO XIX.

Como Gonçalo Pereira indo a Maluco mandou viſitar a ElRey de Borneo: e como chegando a Ternate, a Rainha lhe mandou pedir juſtiça de D. Jorge de Menezes, e que ſoltaſſe ſeu filho.

GOnçalo Pereira [a], que ElRey D. João mandou deſte Reyno provído da capitanía de Maluco, havendo de fazer ſua viagem, o Governador Nuno da Cunha lhe deo

[a] *Eſte Capitulo, e os dous ſeguintes, e o Capitulo vinte e quatro, ſe ampliáram quanto pareceo neceſſario, por deixar* João de Barros *eſcrita a ſubſtancia delles em mui poucas regras.*

deo regimento , que de Malaca fizesse seu caminho pela Ilha de Borneo, para de sua parte visitar a ElRey, e tomar alli alguma mercadoria necessaria para Maluco. E partindo elle de Malaca em Agosto de 1530, e fazendo seu caminho per entre muitas Ilhas, chegou ao porto da Cidade de Borneo, da qual como mais principal se denomea toda a Ilha, e logo mandou hum presente a ElRey per Luiz de Andrade , que hia por Alcaide mór da fortaleza de Ternate, e dizer-lhe, que ElRey de Portugal, e o seu Governador da India o mandava alli para o servir no que lhe mandasse, porque desejava muito sua amizade, e que seus vassallos fossem tratar a Malaca , como hiam d'antes, onde seriam mui bem recebidos, e tratados, e que os Portuguezes fossem a seus portos, e tivessem nelles commercio. Com o recado do Governador mostrou ElRey muito gosto, e respondeo a elle com muitas palavras de agradecimentos, e offerecimentos de sua amizade, e de fazer tudo o que se lhe pedia; e despachado em breve Luiz de Andrade, mandou com elle dous Mandarijs visitar a Gonçalo Pereira, e levar-lhe hum presente.

Era este Rey de Borneo na seita Mouro, como tambem eram os seus, rico, e poderoso, e que se servia com grande esta-

do;

do; tinha hum Governador, que por elle regia o Reyno, a que em ſua lingua chamam Xabandar. São os daquella Ilha gente báça, mas bem diſpoſtos, no trajo dos veſtidos, e lingua são como os Malaios. He terra mui abaſtada de carnes, arroz, e outros muitos mantimentos, e de mercadorias da terra de muito preço. Naſcem nella pelas praias do mar junto da Cidade de Tanjapura diamantes mais finos, e de maior valia que os da India [a], e per toda ella naſce a verdadeira canfora em arvores, como na Europa naſce a reſina, e eſta he a que na India tem grande preço, que a que lá vai da Perſia he falſificada [b]. A Cidade de Bor-

a Em duas partes da India ſe acham Diamantes, em Biſnagá, e no Decan na terra de hum Senhor Gentio, perto do Eſtado do Madre Maluco. Em Biſnagá ha duas, ou tres rocas; ou minas delles, e no Decan huma, que chamam a Roca velha, cujos diamantes são melhores, poſto que não tão grandes como os de Biſnagá. Eſtes de Tanjapura na Ilha de Borneo são de muita eſtima por ſua perfeição, como diz João de Barros, *mas pézão muito. Criamſe neſtas rocas os diamantes em eſpaço de tres annos. Os Arabios, e Mouros lhe chamam Almaz: os Gentios de Biſnagá, e Decan, Irá: e os Malaios, Itam. Não ſe abranda, nem ſe lavra o diamante com ſangue de cabrão, não tira a virtude á pedra de Cevar, com qualquer martello, e pouca força ſe quebra, e os ſeus pós não são peçonha, nem matam, contra o que eſcrevem Authores graves, e a vulgar opinião.* Garcia d'Orta *no livro dos ſimples, e drogas da India, Colloquio* 43.

b A Canfora, a que chamam os Arabios Capur, e Cafur, he huma goma de arvores grandes, altas, e eſpaçoſas da feição da Nogueira, que tem a folha branca como a do

Borneo he grande, cercada de muro de ladrilho, de nobres edificios, onde os Reys residem, e tem huns paços sumptuosos. Habitam em Borneo, Lave, Tanjapura, Moduró, Ceravá portos principaes desta Ilha, muitos, e mui ricos mercadores, que tratam em Malaca, Samatra, Sião na China, e outras partes, a que levam diamantes, canfora, páo de aguila, e mantimentos, e hum vinho que chamam Tampor, que he o melhor que ha entre os artificiaes.

Daquella Cidade partio Gonçalo Pereira, deixando ElRey muito amigo, e chegou a Ternate em Outubro do anno de 1530. D. Jorge de Menezes quando soube que Gonçalo Pereira hia provído da capitanía de Ternate por ElRey, e que levava comsigo Lionel de Lima, que era seu inimigo, temeo que per elle seria mexericado com o Governador, e se deo por prezo; e para não ficar tão affrontado, se o fosse,

Salgueiro, e a madeira como a da Faia. Acha-se na China, e em Borneo: esta não se traz á Europa por haver della mui pouca, e ser dos Borneos tão estimada, que val huma libra della quanto vàl hum quintal da Canfora da China. Esta vem á Europa em pães, que péza cada hum delles quatro onças, e a de Borneo he toda em grãos apartados por huma jueira de cobre, per que se jueira o Aljofar, e o maior delles péza hum adarme. Tambem se acha Canfora em Pacem, e em Bairros perto de Malaca. Garcia d'Orta *Colloquio* 12. *e* Christovão d'Acosta *no tratado das Drogas, cap.* 33.

ſahindo receber a Gonçalo Pereira, depois de lhe entregar a fortaleza, e as chaves della, e a ElRey Cachil Daialo, tomou na mão huns guilhões, que lhe levava hum criado debaixo da capa, e diſſe a Gonçalo Pereira, que ſe tinha neceſſidade daquelles ferros para lhos lançar, alli os trazia, e eſtaria mui obediente para os receber. Ao que reſpondeo Gonçalo Pereira, que elle não vinha para o anojar, ſenão para o ſervir no que pudeſſe, cumprindo a obrigação de ſeu cargo. Com iſto entráram na fortaleza, onde D. Jorge banqueteou a Gonçalo Pereira, e deixando-o nella, ſe foi para ſua pouſada, que já tinha fóra della.

Tanto que a Rainha ſoube da vinda de Gonçalo Pereira, ella, e os Mandarijs que com ella ſe ſahíram da Cidade, lhe mandáram hum Mandarin, homem prudente, e que bem fallava a lingua Portugueza, o qual lhe fez hum grave razoamento ſobre as grandes injurias que os Portuguezes lhe fizeram, recontando juntamente os beneficios que dos Ternates recebêram, recolhendo-os elles com muito favor, e amizade por a fama que delles havia de esforço, e juſtiça; pelo que ElRey Boleife lhe deo ſitio para fazerem ſua fortaleza, ſem outro intereſſe mais que o goſto da ſua amizade. E que em pago deſtas boas obras, a mulher,

lher, e filhos do meſmo Rey, e ſeus vaſſallos, vieram ſer tão perſeguidos dos meſmos Portuguezes, que deixadas ſuas caſas, e a terra em que naſcêram, foram buſcar outras; de maneira, que cuidando que mettiam amigos comſigo, ſe achâram com inimigos, e como taes os tratáram. Porque a ElRey Bohaat filho maior do meſmo Rey Boleiſe, que os agazalhou, contra direito da hoſpitalidade, que todas as gentes, por féras, e barbaras que ſejam, reconhecem, ſendo moço, e innocente, o prendeo Antonio de Brito ſem cauſa; e depois ſuccedendo D. Garcia Henriques, não o quiz ſoltar, e D. Jorge de Menezes proſeguio na prizão do dito Rey té que morreo nella. E para que ſempre tiveſſe prezo hum Rey de Ternate, morto Bohaat, prendeo a El-Rey Cachil Daialo ſeu irmão, ſem mais culpa que haverem agazalhado os Portuguezes. Do qual D. Jorge recebêram tantas injurias, que não as podendo ſoffrer, mudáram a terra, e o eſtado, porque a Cachil Vaidua tio d'ElRey, e Caciz mór, depois de D. Jorge o prender por huma couſa tão vil como he huma porca, ſendo do ſangue Real, e de tanta dignidade, por menos preço de ſua peſſoa lhe untáram ſeu roſto com huma poſta de toucinho, por ſer carne entre elles abominavel, o que foi injúria

 com-

commum de todo o povo, por ser contra os preceitos de sua lei, e para lhe não faltar genero de crueza, que não fizesse, sendo o Regedor de Tabona homem de tanta estima, e authoridade, o mandára o mesmo D. Jorge com as mãos atadas deitar a seus cães; que com espanto dos que o víram morrer a huma morte cruel, e para magoar a seus mesmos inimigos. E que sobre este, e outros muitos excessos que fizera, matára a Cachil Daroez irmão d'ElRey, e Governador do Reyno, e a pessoa principal delle, que tanto fizera por os Portuguezes se conservarem em Ternate, donde per muitas vezes foram lançados se os elle não defendêra. E que temendo a Rainha, e os nobres do Reyno, que tambem matasse a elles, se ausentáram da terra. Polo que a Rainha, e os Mandarijs se mandavam queixar a elle Gonçalo Pereira, e pedir-lhe lhes fizesse justiça de D. Jorge de Menezes, e lhes désse seu Rey para os governar, e manter em justiça, e para o casarem, e haver filhos que lhe succedessem. E a Rainha particularmente lhe pedia com grande instancia lhe deixasse lograr seu filho esses poucos dias que havia de viver, pois não tinha outro, e o maior lhe tiveram na prizão té á morte, sem haver delinquido.

Ouvido o Embaixador, Gonçalo Pereira

ra poz em conſelho a ſoltura d'ElRey, em que houve differentes pareceres. Huns tinham, que lhes não cumpria ſoltallo, porque a Rainha, e os Mandarijs ſentíram muito a prizão d'ElRey, a fóra os mais aggravos que lhes eram feitos, de que muito ſe eſcandalizáram; e que como tiveſſem ſolto ElRey, ſe levantariam para ſe vingarem dos aggravos paſſados, e evitarem outros de futuro. Outros diſſeram, que antes para os deſaggravar, e apaziguar ſe devia ſoltar ElRey, porque ſe Gonçalo Pereira continuaſſe na prizão d'ElRey, cuidariam que todos os Capitães lhes prenderiam ſeus Reys, e os haviam ſempre de aggravar, e como deſeſperados trabalhariam de lançar fóra os Portuguezes, que eram tão poucos, que não poderiam reſiſtir aos Mouros ſe ſe ajuntaſſem em huma vontade, o que eſtava certo ſer, ainda que entre ſi eſtiveſſem diſcordes, por ſer contra Chriſtãos inimigos de ſua lei, que os queriam dominar, e opprimir, e que em fim nenhum Imperio violento era muito duravel, e a longa paciencia dos males, que aquelles padeciam, tantas vezes offendida, ſe lhes tornaria em furor. E que ſe viſſem que elle Gonçalo Pereira lhes ſoltava ſeu Rey, e não perſeveravam nas ſem razões dos Capitães paſſados, creriam que entre os Portuguezes havia homens humanos,

e cle-

e clementes, de quem podiam eſperar boa vizinhança, e bom tratamento, e aſſi lhes ganhariam as vontades, e teriam a terra pacifica, e quieta. Eſte parecer contentou a Gonçalo Pereira; mas aſſentou-ſe, que a ſoltura d'ElRey ſe dilataſſe com algum pretexto honeſto té ſe acabar a fortaleza para ſegurança dos Portuguezes. E aſſi a reſpoſta que o Capitão deo ao Embaixador da Rainha, foi, que era contente de ſoltar a ElRey ſeu filho, e lho entregar, e fazer-lhe a vontade em tudo o poſſivel, que aſſi o queria ElRey de Portugal, e lho mandava o Governador, e que lhe pedia muito, que logo ſe tornaſſe com ſeus Mandarijs a Ternate, e que eſtiveſſe na amizade que antes tinham.

A Rainha não ſe aquietou com eſta reſpoſta, mas replicou que lhe déſſe primeiro ſeu filho, e então ſe iria para a Cidade. E havendo ſobre iſto muitas altercações de parte a parte, por remate dellas ſe aſſentou, que ElRey ſe entregaſſe como os navios partiſſem para a India, e que Gonçalo Pereira juraſſe de o cumprir aſſi, o que fez nas mãos do Vigario ſobre huma Cruz, ſendo preſentes os Officiaes da fortaleza, e os principaes Mandarijs de Ternate. Com eſta promeſſa, e juramento fizeram os Ternates grande feſta por a eſperança da liberdade de

ſeu

ſeu Rey, e a Rainha com ſeus Mandarijs ſe tornou logo á Cidade. Gonçalo Pereira mandou viſitar a Rainha com hum bom preſente, e os Mandarijs principaes com outros, e recado que folgaria de os conhecer, e ſervir, pedindo-lhes que o foſſem ver á fortaleza. Aos quaes indo lá fez muita honra, e gazalhado, e por contentar a Rainha, veſtio a ElRey de veludo de cores á Portugueza, e com certos Portuguezes que lhe ordenou para ſua guarda, fez que o levaſſem pela Cidade a ſe deſenfadar, do que todos ſe alegráram, parecendo-lhes que Gonçalo Pereira cumpriria ſeu juramento, a quem moſtravam ter amor. A eſte contentamento ſe accreſcentou fazer-lhes Gonçalo Pereira hum Governador do Reyno á vontade da Rainha, e dos Mandarijs, que ſe chamava Cachil Ato, da geração dos Reys. Neſte meſmo tempo, por ſe queixar ElRey de Tidore, que não podia pagar as pareas do cravo que lhe D. Jorge de Menezes impuzera, porque não lhe ficava de que ſe manter, lhas levantou Gonçalo Pereira té vir recado de Nuno da Cunha, por o que ficou muito ſeu amigo, e tambem ratificou as pazes com Fernando de la Torre Capitão mór dos Caſtelhanos, mandando-o elle viſitar da boa vinda.

CA-

CAPITULO XX.

Como Gonçalo Pereira prendeo a Dom Jorge de Menezes, e o mandou prezo á India, e executou hum regimento que o Governador lhe deo ſobre a compra, e venda do cravo: e como a Rainha de Ternate o mandou matar.

VEndo Gonçalo Pereira a terra aſſocegada, e em paz, moſtrando huma carta do Governador a D. Jorge, em que mandava lhe tomaſſe a homenagem, e prezo ſobre ella ſe foſſe apreſentar ante elle na India, e tiraſſe devaſſa do tempo que fora Capitão de Maluco, lhe tomou a homenagem perante os Officiaes da fortaleza, pedindo-lhe perdão, e deſculpando-ſe de não poder al fazer, por lhe ſer mandado. Quando os Portuguezes víram a prizão de Dom Jorge, feita com tanta quietação, e ſilencio, os que de ſi ſabiam culpas, receáram de ſe tratar delles, e muito mais quando ao Feitor, e a outros Officiaes paſſados recenſeáram ſuas contas. E per eſta viſita que ſe fez dos Officiaes, ſe vio quão diſſipada andava a fazenda d'ElRey; mas Gonçalo Pereira diſſimulou então com tudo, por não haver outra gente para guarda da fortaleza. E como eſtes foram deſenganados que aquelle

le anno não haviam de ir á India, mandou apregoar o regimento que levava de Nuno da Cunha ſobre o cravo, que na ſubſtancia era o meſmo que D. Jorge de Menezes levava quando foi a Ternate, do que ſe cauſou grande eſcandalo nos Portuguezes, e nos Mouros; neſtes por ſe lhes tirar a liberdade de venderem ſuas novidades, como, e a quem quizeſſem; e nos Portuguezes, por lhes defender comprar aos Mouros, e ficarem neceſſitados comprarem da mão dos Officiaes d'ElRey per certo preço, ſem lhes ficar o ganho que antes tinham. Mas como per a diſcordia que ſempre havia entre o Capitão que entrava, e o que ſahia, ſe tratavam as couſas de maneira, que eſte regimento ſe não executava, vendo elles que por eſta cauſa ſe não deixaria de executar pela amizade, e conformidade que havia entre Gonçalo Pereira, e D. Jorge, determináram de metter entre elles tal zizania, que entendendo em ſi, ſe deſcuidaſſem dos outros, e da execução do regimento. Aſſi o fizeram, e com tanto artificio tramáram eſta tea, que vieram Gonçalo Pereira, e D. Jorge a grande odio, e a temer-ſe cada hum do outro. Polo que quando veio Fevereiro de 1531, tempo para partir para a India, entregou Gonçalo Pereira prezo D. Jorge de Menezes a Lio-

nel

nel de Lima, a quem deo as devaſſas que tirou, e carta para Nuno da Cunha, a quem tambem a Rainha de Ternate eſcreveo per dous criados que a iſſo mandou, pedindolhe juſtiça de D. Jorge. Elle foi ter á India, e Nuno da Cunha o mandou a Portugal, onde foi condemnado em degredo para o Braſil, e nelle morreo pelejando contra o Gentio. E eſte foi o primeiro caſtigo dado per culpas daquellas partes, ſendo eſte Fidalgo hum dos principaes que na India mereceo outro galardão.

Gonçalo Pereira como ſe vio deſembaraçado com a partida de D. Jorge de Menezes, entendeo com muita diligencia em acabar a obra da fortaleza, de que os Capitães paſſados ſe deſcuidáram [a]. Tambem executava a pragmatica do cravo com mais rigor, do que demandava tão pouco número de Portuguezes em terra tão remota, poſtos entre tantos inimigos, para o que havia miſter tellos contentes, e concordes. Polo

[a] *Para eſta obra mandou Gonçalo Pereira Luiz de Andrade pedir madeira a ElRey de Tidore, que elle lhe deo com boa vontade. E porque o Regedor de Mequiem eſtava levantado, e não queria pagar as pareas que D. Jorge lhe puzera, mandou Gonçalo Pereira contra elle Vicente da Fonſeca, e Cachil Ato com armas, e gente. O Regedor fugio para Geilolo, cujo Rey, e Fernão de la Torre o reconciliáram com o Capitão; e tornando a ſeu Eſtado, pagou as pareas que devia.* Franciſco de Andrade *cap. 72. da 2. Parte.*

lo que indignados com estes rigores, e instigados de seu interesse, e ganho, que per tantos perigos, e tão longa peregrinação foram buscar, não sómente desamavam ao Capitão, e lhe desejavam a morte, mas lha procuravam, para o que persuadíram á Rainha, e aos Mandarijs, que se não matassem a Gonçalo Pereira, elle tinha em tenção destruir a todos, e que fóra estava de soltar a ElRey.

A Rainha vendo que Gonçalo Pereira lhe não soltava seu filho como havia jurado, (o que elle deixava de fazer, por não ter acabada a obra da fortaleza, e receava que a estorvasse a soltura d'ElRey, e que tendo-o prezo o ajudariam os Ternates,) creo o que os Portuguezes lhe diziam, e determinou de mandar matar a Gonçalo Pereira. Para isto lhe pareceo boa occasião estar ElRey seu filho na fortaleza, e com elle seus irmãos, e muitos Mandarijs mancebos que hiam a folgar com elle, e o Governador Cachil Ato, aos quaes, pola continuação de irem, e estarem, não buscavam se levavam armas, polo que as poderiam levar secretas. Vindo o dia da vespora de Pentecoste daquelle anno de 1531, em que estava assentado de matarem a Gonçalo Pereira, e a todos os Portuguezes, para se livrarem do seu jugo, que lhes era mui peza-

zado; ſendo horas de ſéſta, e Gonçalo Pereira recolhido na ſua camara a repouſar, Cachil Ato ſe foi á fortaleza com Cachil Cabalou ſeu ſobrinho, e outros nove mancebos conjurados para aquelle feito. O porteiro conhecendo a Cachil Ato, e ſabendo que hia muitas vezes áquellas horas a fallar a Gonçalo Pereira, o deixou entrar, ſem o buſcar ſe levava armas, nem a algum dos outros.

Neſte tempo hia da fortaleza para a Cidade hum Portuguez, o qual vendo na Meſquita junto da fortaleza gente de armas, que alli eſtava recolhida para acudir a Cachil Ato, e ſeus companheiros, parecendolhe que não era ſem algum myſterio, fez volta á fortaleza. Os Mouros temendo que foſſem per elle deſcuberto, ſahíram alguns ao matar, e andando com elle ás cutiladas, huma eſcrava do Capitão que aſſomou a huma janella, e o vio, bradou que matavam os Mouros a hum Portuguez. Aos brados acordou Gonçalo Pereira, e com huma eſpada, e adarga abrio a porta da camara para ſahir fóra, e achou Cachil Ato, e os mais companheiros com ſeus criſes arrancados para o matar; e poſto que Gonçalo Pereira defendeo a entrada mui esforçadamente, os Mouros entráram pelo repartimento da camara que derrubáram, e com muitas fe-

feridas matáram ao Capitão. Aos mesmos brados da escrava acudíram seus criados, dos quaes hum per nome Diniz de Araujo deo com huma chuça pelos peitos a Cachil Cabalou, que assi ferido, e atravessado o ferio de maneira, que ambos cahíram mortos a hum tempo. Isto se fez tão de repente, que os Mouros não tiveram tempo de fazer o signal que estava entre elles ordenado aos que estavam escondidos na Mesquita, e nos matos que cércam a povoação dos Portuguezes, que foi causa de se elles salvarem, e a fortaleza, e de serem mortos todos os Mouros que se acháram dentro, tirando ElRey, e tres irmãos seus, e Cachil Ato, para se saber por elles como fora a morte de Gonçalo Pereira, e ficarem em arrefens, para os Mouros não fazerem guerra á fortaleza, da qual logo Luiz de Andrade tomou as chaves, e se metteo em posse por ser Alcaide mór della.

CA-

CAPITULO XXI.

Como Vicente da Fonseca foi feito Capitão de Ternate pelos inimigos de Gonçalo Pereira; e por a necessidade de mantimentos em que o poz a Rainha de Ternate, veio a soltar-lhe seu filho ElRey Cachil Daialo.

SEndo Luiz de Andrade Alcaide mór, e Feitor da fortaleza de Ternate, e tendo as chaves, e posse della, e Braz Pereira Capitão mór do mar, e parente do Capitão Gonçalo Pereira, cor[illegible]ndêram ambos aquelle dia do insulto qual havia de ficar com a capitanía, allegando cada hum suas razões. Mas como homens sezudos, que procuravam o serviço d'ElRey, concertáram-se, que delles dous fosse Capitão qual per mais votos fosse elegido, o que se determinaria o dia seguinte, que era do Espirito Santo. Tanto que os inimigos de Gonçalo Pereira souberam da eleição que se havia de fazer, ajuntáram-se aquella noite com o Vigairo da fortaleza, chamado Fernão Lopes, que era homem inquieto, e atrevido, e determináram de elegerem por seu Capitão a Vicente da Fonseca, que era hum delles; porque se faziam Luiz de Andrade, que era grande amigo de Gonçalo Pereira, e exe-

e executor da pragmatica do cravo, ficariam perdidos, pobres, e deſtruidos; e ſe elegiam Braz Pereira, era peor, por ſer parente mui chegado de Gonçalo Pereira, que havia de querer vingar ſua morte, e devaſſa della, no que elles paſſariam mal, por ſerem os que incitavam a Rainha a que o mandaſſe matar. Polo que não tinham outrem que mais proveitoſo Capitão lhes foſſe, que Vicente da Fonſeca, por elle ſer o principal que contradizia a pragmatica do cravo, e que na morte de Gonçalo Pereira fora mais parte que elles. Com a qual eleição ficariam ſeguros de devaſſas daquella morte, e do proveito, e ganho do cravo que pertendiam; e elegendo algum dos dous oppoſitores, eſtava certo ſeu damno, e o riſco de ſuas peſſoas.

Juntos ao outro dia Luiz de Andrade, e Braz Pereira, e jurado nas mãos do Vigairo de obedecer cada hum delles ao que dos dous foſſe eleito; e começando o Ouvidor Pero Moreira tomar os votos, por haver alguns a que parecia que a capitanía per direito era de Luiz de Andrade, por ſer Alcaide mór; o Vigairo, e os do bando de Vicente da Fonſeca, temendo que ſe acabaſſe de votar, Luiz de Andrade ſahiria por Capitão, mettêram a couſa a vozes. Impedido o Ouvidor com eſte tumulto, ſem

lhe

lhe valer muitos proteſtos, e requerimentos, não deſiſtíram, e ſem deixar ir a eleição ao cabo, nomeáram Vicente da Fonſeca, e todos em hum corpo abríram as portas da fortaleza com grande arroido de trombetas, e vozes, que diziam: *Viva, viva Vicente da Fonſeca.* O qual depois de hum banquete que deo aos da ſua facção, pedio a Luiz de Andrade as chaves da fortaleza, que lhe elle não quiz dar; e não havendo daquella parcialidade quem ſe atreveſſe tomar-lhas, o Vigairo remetteo a Luiz de Andrade, e ajudado de outros homens, e per força lhas tomáram, ſem o Ouvidor ouſar bulir comſigo. Iſto commettêram aquelles Portuguezes, por os mais delles ſerem homens plebeos, que áquellas partes tão remotas leva o intereſſe de trazerem dellas aquelle ganho do cravo, que ſe lhes tirava com o haverem de comprar aos Officiaes d'ElRey, e por o preço que elles queriam. A eſtes deſconcertos, e outros ſemelhantes dam cauſa os Miniſtros dos Reys mais zeloſos de ſua fazenda, que de ſua honra, não entendendo quanto mais ganham os Principes quando a ſeus ſubditos alargam, e quitam os tributos, que quando lhos impõem; e de quantos trabalhos, e rebelliões foi cauſa não lançarem conta qual importa mais, ſe a receita dos dinheiros,
ou

ou a perda dos corações, e das vontades dos vaſſallos.

A Rainha, que eſtava com grandes eſperanças da liberdade de ſeu filho, e de ſua Cidade, e ver-ſe izenta da ſujeição dos Portuguezes com a morte de Gonçalo Pereira, ficou mui anojada vendo ſeus intentos fruſtrados, e ſó a conſolou a eſperança que tinha em Vicente da Fonſeca, que lhe promettêra, ſe ſe viſſe Capitão daquella fortaleza, lhe entregaria ſeu filho. E para ſe mais ſegurar, mandou logo recado ás Ilhas de Moutel, e Maquiem, que lhe prendeſſem todos os Portuguezes que lá eſtavam. Mas quando lá foi ſeu recado, já os Mouros, por terem ſabido da morte de Gonçalo Pereira, ſe haviam levantado contra os Portuguezes que lá andavam negociando cravo, e matáram alguns, dos quaes o primeiro foi aquelle, que no tempo de D. Jorge fez a injúria a Cachil Vaidua. E chegado o recado da Rainha, ceſſáram de os matar, e prendêram os que acháram, e lhos leváram. Per hum deſtes mandou a Rainha viſitar a Vicente da Fonſeca, ſignificando o contentamento que tinha de elle ſer Capitão, por entender que ſempre fora ſeu amigo, e dos Mouros, e confiar delle ſe haveria melhor com ſuas couſas do que os Capitães paſſados o fizeram, e pedindo-lhe cumpriſſe ſua pa-

palavra, entregando-lhe ſeu filho, e offerecendo-lhe ſua paz, e amizade. Vicente da Fonſeca reſpondeo á Rainha, que déſſe ella primeiro os Portuguezes que tinha prezos, e pagaſſe a perda que os Mouros lhe deram na noſſa povoação quando matáram Gonçalo Pereira, e que elle lhe daria ſeu filho. A Rainha que eſperava outra reſpoſta de Vicente da Fonſeca, por a promeſſa que lhe fizera, ficou mui eſcandalizada, e ſoltando hum Portuguez, lhe mandou por elle dizer, que ſem aquellas condições lhe devêra elle logo ſoltar ſeu filho, porque maiores penhores eram para aquellas perdas tres irmãos d'ElRey, e Cachil Ato, que lhe ficavam prezos em ſeu poder; e que ſe aquillo lhe mandava dizer com tenção de lhe não dar ElRey, lhe não mandaſſe mais recado algum, e anojada ſe paſſou com ſeus Mandarijs a huma Villa que chamam Limatao, e defendeo com grandes penas que não levaſſem mantimentos á Cidade. Com a falta de mantimentos que começou haver, ſe vio Vicente da Fonſeca mui atribulado, não achando remedio, ſó tinha eſperança em hum junco, que havia de vir de Banda com roupa, e mantimentos. Mas hum Franciſco de Sá, que delle era Capitão, chegando a Ternate, e ouvindo a maneira per que Gonçalo Pereira fora morto, parecendo-

do-lhe que Vicente da Fonſeca era levantado, não quiz ir á fortaleza, temendo-ſe que lhe tomaſſe o junco, polo que ſe foi a Tidore para vender, e fazer emprego do que levava. Eſtando naquelle porto, a Rainha de Ternate mandou pedir a ElRey de Tidore ſeu ſobrinho, que fizeſſe repreza naquelle navio, e na fazenda delle, e nas peſſoas dos Portuguezes que nelle vinham, parecendo-lhe que por aquella preza, e por os Portuguezes que ella tinha, lhe daria ſeu filho Vicente da Fonſeca, a quem mandou dizer a razão por que fizera tomar aquelle navio, e gente. Mas Vicente da Fonſeca a reſpoſta que a iſto deo, foi prender a ElRey, e mtetello em hum ſotão per ante o meſſageiro da Rainha, e com elle ſeus irmãos, e em ferros os mancebos Fidalgos que com ElRey eſtavam, e as mulheres que os ſerviam. E conſtrangido da muita neceſſidade que a gente padecia, mandou pedir a ElRey de Geilolo que por ſeu dinheiro mandaſſe que em ſua terra lhe deſſem mantimentos. Com eſta occaſião ElRey de Geilolo, e Fernão de la Torre que lá eſtava, acabáram com Vicente da Fonſeca que déſſe á Rainha ſeu filho, e com a Rainha que ſoltaſſe os Portuguezes, e déſſe arrefens a Vicente da Fonſeca té lhe ſatisfazer os damnos, que eram feitos aos Portuguezes,

para o que deo quatro Mandarijs dos principaes de Ternate. ElRey de Tidore mandou soltar Francisco de Sá, e os mais Portuguezes, e restituir-lhe o seu junco. E na Villa de Limatao, onde a Rainha estava, se ajuntáram Fernão de la Torre, e o Governador de Geilolo, e Vicente da Fonseca, que levou ElRey para o entregar a sua mãi, depois de jurarem de cumprir o que tinham assentado, e logo ElRey foi solto com grande prazer de todos, e assi ficáram em paz.

CAPITULO XXII.

Como Pate Sarangue Regedor de Ternate, com ajuda de Vicente da Fonseca, fez que Cachil Daialo fosse despojado de seu Reyno, e posto em seu lugar Tabarija seu irmão: e como fizeram que a mãi de Tabarija casasse com Pate Sarangue, e a mulher de Cachil Daialo fugisse ao marido para casar com Tabarija.

A Grande soltura que os Mouros viam naquelles poucos Portuguezes que na Ilha de Ternate estavam, e quão pouco castigo haviam por os excessos que faziam, e a pouca reputação em que os Reys estavam, lhes deo causa de tentarem cousas novas, mórmente na capitanía de Vicente da Fonse-

ſeca, homem audaz, que não receava dizer, e fazer o que queria. Polo que ſe ordenou outra rebellião contra a peſſoa d'ElRey, como a que ſe fez contra Gonçalo Pereira. Havia em Ternate hum Mandarim per nome Pate Sarangue, homem velho, e ſabedor, e que ácerca do povo tinha muita authoridade, a que Vicente da Fonſeca fez Regedor do Reyno, por o ter de ſua mão em quanto ElRey Cachil Daialo não governava por ſua menor idade. Eſte por ver que ElRey ſe hia chegando á ſua legitima idade para governar ſeu Reyno, e que ſeu cargo de Regedor expirava, como homem ambicioſo que era, determinou de tirar o Reyno a Cachil Daialo, e dallo a hum ſeu irmão baſtardo per nome Cachil Tabarija [a], moço de quatorze annos, para elle entretanto governar por elle té ſer de idade devida. Dando conta deſte penſamento a Vicente da Fonſeca, e propondo-lhe os proveitos que ſe lhe ſeguiriam, e quão mais abſoluto ſeria no que quizeſſe, não

ſen-

[a] *Tabarija era filho legitimo d'ElRey Boleiſe, irmão inteiro dos Reys Bohaat, e Daialo, e filhos todos tres da Rainha Neachile Pocaraga filha d'ElRey Almanſor de Tidore, como conſta do teſtamento de Tabarija, que eſtá regiſtado nos contos de Goa. Aſſi o eſcreve o P.* João de Lucena *no cap. 6. do liv. 4. donde trata da conversão deſta Rainha Neachile mãi de Tabarija per meio da doutrina, e orações do B. P. M. Franciſco, a que no Baptiſmo elle poz nome Iſabel.*

ſendo Cachil Daialo Rey, não houve muito que fazer em Vicente da Fonſeca approvar o conſelho inſtigado de avareza, e ambição, e do odio que elle tinha áquelle Rey, ou receio que ElRey lho tiveſſe a elle por o haver prezo, e maltratado. Havido eſte conſentimento, com ajuda de hum Travanelo, homem velho, aviſado, e de muita authoridade, começou Pate Sarangue a ordir a traição, deſacreditando primeiramente a peſſoa d'ElRey, e diffamando delle, não sómente em Ternate, mas em os outros lugares de ſeu Eſtado, que era homem no ſaber mui fraco, e na condição mui forte, e não para governar, aſſacando-lhe além diſſo outras muitas faltas, per que fizeram crer a muitos que não era habil para Rey, e que deviam privallo do Reyno, e levantar em ſeu lugar a Tabarija ſeu irmão.

Não parando aqui, foram grandes as perſecuções que Pate Sarangue, e Vicente da Fonſeca faziam a ElRey, e os falſos teſtemunhos que lhe levantavam. E qualquer homicidio, ou delicto de que ſe não ſabia author [a], que foſſe feito contra Portuguezes, tudo carregavam ſobre ElRey, e lho davam em culpa, ſendo diſſo innocente. Pelo que Vicente da Fonſeca deſejava de tornar ElRey á prizão, e o fizera, ſe ElRey não

a Fernão Lopes de Caſtanheda *cap.* 56. *do liv.* 8.

não se guardára de ir á fortaleza. E vendo que o não podia prender, determinou de o matar com conselho de Pate Sarangue; o que sendo descuberto a ElRey, por furtar o corpo a tantos trabalhos, se foi com sua mãi a Turutó meia legua da Cidade. E sabendo que Vicente da Fonseca não desistia de seu máo proposito, se foi mais longe onde chamam a Terra alta. Vicente da Fonseca fazendo disto culpa, e publicando que ElRey se fora á Terra alta para dalli fazer guerra á fortaleza, o foi buscar com muita gente; e podendo-se ElRey defender, por não ser offensa a Portuguezes, com quem se creára, e a que era mui affeiçoado, e mui leal a ElRey de Portugal, lhes fugio, pondo a cura destes males nas mãos do tempo, e esperando que se acabasse a furia a Vicente da Fonseca, ou o tempo da sua capitanía, e assi se passou a Tidore com sua mãi, onde ElRey seu primo, e já cunhado, o consolou, e prometteo de trabalhar por o reconciliar com Vicente da Fonseca; e que tambem escreveria aos Reys de Bacham, e Geilolo que o ajudassem nisso, com as quaes palavras, e promessas ficou com alguma esperança.

Mas seus inimigos não quizeram mais que vello fóra da Ilha, para levantarem por Rey a Tabarija. E para mais confirmação

da-

daquelle levantamento, andáram com Tabarija ao longo da costa pelos lugares della, publicando-o por Rey levantado, e por deposto a Cachil Daialo, dando por causa daquelle levantamento ser Cachil Daialo com a Rainha sua mãi culpado na morte de Gonçalo Pereira, e não ter qualidades de sua pessoa para ser Rey. E receando Pate Sarangue que, com o favor d'ElRey de Tidore, Cachil Daialo tornasse a cobrar seu Reyno, fez com Vicente da Fonseca que com huma grossa Armada fosse sobre ElRey de Tidore, o que elle mui em breve fez; e chegado a Tidore, mandou dizer a ElRey as causas acima ditas, porque elle, e os seus priváram do Reyno a Cachil Daialo, e levantára por Rey a Tabarija; e que por Daialo ser inimigo dos Portuguezes, era elle Vicente da Fonseca vindo alli a requerer-lhe que lho entregasse, e o thesouro que levava comsigo, que era do que fosse Rey, e não seu; e que não o fazendo, o havia por inimigo d'ElRey de Portugal, pois lhe agazalhava, e favorecia seus inimigos. ElRey de Tidore que era moço, lhe respondeo, que se aconselharia com os seus, e lhe daria a resposta. Vicente da Fonseca sem esperar por ella, com a furia que levava, sahio em terra sobre a Cidade de Tidore, e fez nella grande destruição, ma-

tan-

tando muita gente, com que ElRey, e Cachil Daialo se acolhêram a huma serra que estava sobre a Cidade, e com esta vitoria de pouca honra sua se tornou Vicente da Fonseca a Ternate.

Estava neste tempo prezo na fortaleza de Ternate hum Mouro principal Regedor de Toloco, o qual vendo as grandes sem razões que se faziam a Cachil Daialo, e quão injustamente pela maldade daquelles homens era despojado do Reyno, desejando de vingar o mal que lhe era feito, determinou de matar a Tabarija que estava na mesma fortaleza, a quem arremettendo com hum cutello que trazia escondido, escapou Tabarija fugindo; e não o podendo alcançar o Regedor, por estar carregado de grossos ferros, alcançou hum filho de Vicente da Fonseca, moço de sete annos, e o degollou, vendo que se não podia vingar de quem quizera, e acudindo gente, o matáram. Vicente da Fonseca que com a morte de seu filho ficou mais encruado, e indignado contra Cachil Daialo, e porque muitos dos principaes de Ternate não queriam obedecer a Tabarija, e por desprezo lhe chamavam o Rey de Vicente da Fonseca, fez outra Armada, e Capitão mór della a Pate Sarangue, com que todos lhe obedecêram, e houve o thesouro de Cachil Daialo, que es-

eſtava em mão de Ourobachela ſeu Theſoureiro, o qual foi entregue a Tabarija.

Finalmente tanta vexação foi a que fizeram a Cachil Daialo, que té ElRey de Tidore ſeu primo, vendo ſuas couſas irem de mal em peior, e as de Tabarija ſerem cada vez mais proſperas, e que Vicente da Fonſeca tambem o perſeguia em odio de ſeu primo, veio aſſentar paz com elle. Mas vendo Cachil Daialo que eſta paz lhe era a elle ſuſpeitoſa, e pouco ſegura, por a converſação que os Portuguezes com ElRey de Tidore haviam de ter, dos quaes ſe não fiava por o que nelles víra os dias paſſados, que tomava por meſtres dos preſentes, e futuros, determinou de viver em Geilolo. E antes que para lá ſe foſſe, foi ElRey commettido de Vicente da Fonſeca, que lhe entregaſſe Cachil Daialo. E por não commetter tão grande traição, e entregar ſeu primo, e hum Rey que ſe acolheo á ſua caſa para lhe valer, concedendo-lhe todavia per importunação dar-lhe a mãi de Tabarija, que andava com a mãi de Cachil Daialo para caſar com Pate Sarangue. Não contente com iſto Vicente da Fonſeca, tratou com a Rainha mulher de Cachil Daialo, que era irmã d'ElRey de Tidore, que fugiſſe ao marido, e lhe levaſſe o dinheiro que tinha, e ſe foſſe a Ternate, e caſaria com El-

ElRey Tabarija, e ſeria Rainha, o que nunca havia de ſer ſendo mulher de Daialo, que já mais ſeria Rey. A Rainha guardando pouca fé a ſeu marido, ſe foi ſecretamente a Ternate, levando-lhe a maior parte do theſouro que lhe ficava; e chegando a Ternate, a caſou Vicente da Fonſeca com ElRey Tabarija. Alguns diziam, que neſte concerto conſentio ElRey de Tidore, por ver ſua irmã Rainha, e crer que Cachil Daialo já não cobraria o Reyno. O qual ſentio menos perder o Reyno, que a mulher, por o amor que lhe tinha: e tambem ſentio levar-lhe o theſouro, porque ficava vivendo do que pediſſe a outros, havendo ſido Rey, e rico, que a outros dava, e ſem ter com que ſuſtentar aquelles que o acompanhavam. E como de ſua natureza era magnanimo, não deſmaiou com todos ſeus infortunios, nem ſe mudou da determinação de ir viver a Geilolo. E porque ſua mãi havia de ficar em Tidore, deixou com ella aquelles que o acompanhavam, encommendando-lhos muito, e pedindo-lhes a elles perdão de os não levar comſigo, e de lhes não poder fazer mercês como coſtumava. E fazendo aſſi ElRey, como elles grande pranto por o apartamento, elle ſe partio para Geilolo ſó, e tão pobre, que não tinha mais do que lhe ElRey

da-

dava para comer, onde esteve, té que tornou outro tempo, como se dirá adiante.

CAPITULO XXIII.

Como Vicente da Fonseca mandou á India prezo a Braz Pereira, e de lá veio por Capitão de Maluco Tristão de Taíde, o qual mandou prezo á India a Vicente da Fonseca: e como Fernão de la Torre, e os Castelhanos se vieram para os Portuguezes: e da morte d'ElRey de Geilolo.

SEndo Braz Pereira homem Fidalgo [a], e parente do Capitão Gonçalo Pereira, e Capitão mór do mar, como pertendêra a capitanía da fortaleza de Ternate, que se deo a Vicente da Fonseca per méra força, e não per justiça, estava em odio com elle, ao que se ajuntou pedir-lhe Braz Pereira a capitanía de hum junco que havia de ir para Malaca, e elle negar-lha por a dar a Affonso Pires seu amigo. Polo que soffrendo Braz Pereira mal não lhe dar Vicente da Fonseca tão pequena capitanía, tendo usurpada a da fortaleza, que a elle Braz Pereira era mais devida, além do escandalo de ser elle grande parte na morte de seu parente Gonçalo Pereira, dalli por diante não se falláram mais. E de tal maneira se [illegible] ac-

a Fernão Lopes de Castanheda *no cap.* 55. *do liv.* 8.

accendeo o odio entre elles, que Braz Pereira ſoltou muitas palavras contra Vicente da Fonſeca, e fez requerimentos que o prendeſſem por traidor, por aconſelhar aos Mouros que mataſſem o Capitão Gonçalo Pereira, e que como a Capitão não legitimo lhe não obedecia. Polo que Vicente da Fonſeca prendeo a Braz Pereira, e alguns outros da ſua valia; e por ſe não haver ſeguro delles, os entregou prezos a Gaſpar Veloſo, que hia por Capitão do bargantim para Malaca, para dahi os levarem á India. Os quaes partíram de Maluco no anno de 1532, e per elles ſoube Nuno da Cunha os deſconcertos que hiam em Maluco, polo que mandou logo por Capitão a Triſtão de Taíde, filho baſtardo de Álvaro de Taíde, que chegou em Outubro de 1533, e d'El-Rey Tabarija, e de Vicente da Fonſeca foi recebido com muito prazer, e muito mais de Vicente da Fonſeca, per o aperto em que andava em caſa com os Portuguezes, e fóra com os Geilolos, que lhe faziam guerra. Mas como elle era malquiſto de muitos, logo foi mexericado delles a Triſtão de Taíde, dizendo-lhe, que como Vicente da Fonſeca ſoubera que elle chegára, recolhêra em ſua caſa quanta fazenda d'ElRey havia na Feitoria, para ſe pagar a ſi, e a ſeus amigos de ſeus ordenados. Por a qual

no-

nova Triſtão de Taíde lhe mandou buſcar a caſa, onde ſe achou ſer verdade o que lhe diſſeram, e por iſſo o mandou prender, e a fazenda foi tomada á Feitoria. Sobre eſta culpa, e ſobre a morte de Gonçalo Pereira, e ſobre deſpojar do Reyno a Cachil Daialo, e outros caſos, em que os mais dos Portuguezes o culpáram, começou Triſtão de Taíde a devaſſar, e pela reſidencia o prendeo, e prezo o mandou entregar ao Governador da India por Jordão de Freitas. [a]

Eſ-

[a] No principio do governo de Triſtão de Taíde duas coracóras de Mouros ſaqueáram, e deſtruíram huma Cidade da Ilha do Moro, chamada Momoja. Indo de Ternate, pouco depois deſte ſucceſſo, áquella Cidade hum Portuguez chamado Gonçalo Veloſo, o Sangage della, (que era Gentio, como todos ſeus vaſſallos,) ſe lhe queixou daquelles Mouros ſeus vizinhos, pedindo-lhe conſelho, e ajuda para a vingança. Para o que Gonçalo Veloſo lhe offereceo a amizade dos Portuguezes, com que ſeguraria ſeu Eſtado, e o perſuadio a que ſe fizeſſe Chriſtão. Determinado o Sangage de o ſer, por as razões de Gonçalo Veloſo, com que Deos o moveo; embarcou-ſe em algumas coracóras com os principaes da Cidade, e foi a Ternate, onde Triſtão de Taíde lhe fez hum grande recebimento, e o entregou a hum virtuoſo Sacerdote chamado Simão Vaz para o catechizar, e a todos os ſeus; e como eſtiveram inſtruidos nos Artigos de noſſa Santa Fé, foram com grande ſolemnidade baptizados, e ao Sangage foi poſto nome D. João, e mui contente ſe tornou para Momoja, levando comſigo alguns Portuguezes, que Triſtão de Taíde lhe deo para o acompanharem, e guarda de ſua Cidade, e ao Sacerdote Simão Vaz, que viveo naquella Cidade algum tempo, exercitando com grande caridade o officio de bom Paſtor daquellas novas ovelhas. E porque ellas creſciam em número, e elle era ſó, e não podia acudir aos muitos Gentios que pediam o Baptiſmo, man-

Eſtava neſte tempo ElRey de Geilolo de guerra com a fortaleza de Ternate, em que moſtrou querer perſeverar; porque ſendo coſtume entre aquelles Principes, que eſtam de paz com os Portuguezes, quando chega algum novo Capitão mandar-lhe os parabens da vinda, e mandando viſitar a Triſtão de Taíde os Reys de Tidore, e de Bacham, e outros, o de Geilolo o não fez. E porque Fernão de la Torre Capitão dos Caſtelhanos que em Geilolo eſtavam, mandára pedir a Nuno da Cunha per hum Pero de Montemaior, embarcação para ſe irem á India, e dahi para Portugal nas náos da carreira, e Nuno da Cunha mandára Pero de Monte maior com Triſtão de Taíde, e o encarregára que tiraſſe os Caſtelhanos de Geilolo, e os embarcaſſe, e elle ſe temia que ElRey os não deixaria vir por cauſa da guerra, para o ajudar nella, e lhes não conſentiria tirar ſua artilheria, nem lhes daria as armas que tinham empenhadas a ElRey, por lhes dar que comeſſem; foi ne-

ceſ-

dou-lhe Triſtão de Taíde o Padre Franciſco Alvares para o ajudar, e ambos em poucos dias acabáram de fazer Chriſtãos todos os moradores de Momoja, e de outros lugares, derribando os pagodes, e purificando os principaes, fazendo das caſas de abominação Templos, em que Deos começou a ſer venerado, e louvado. Eſte foi o principio, e primeiro fundamento da Fé naquellas Ilhas. Diogo do Couto *cap.* 13. *do liv.* 8. *e* Franciſco de Andrade *cap.* 7. *da* 3. *Parte, e* Fernão Lopes de Caſtanheda *cap.* 93. *do liv.* 8.

cessario usar de manha, que communicou com o Pero de Montemaior, para a dizer a Fernão de la Torre, que estivesse avisado, e foi este o ardil. Mandou pedir seguro a ElRey para lhe mandar hum recado, o que ElRey lhe concedeo, e per Antonio de Teive, com quem foi o Pero de Montemaior, mandou dizer publicamente a Fernão de la Torre da parte do Governador Nuno da Cunha, que ElRey de Portugal, e o Emperador eram concertados sobre a posse daquellas Ilhas [a]; e que o Emperador mandára pedir a ElRey de Portugal que désse embarcação aos Castelhanos, que naquellas partes estivessem, para virem a Portugal, e dahi se virem a Castella, e que o Governador da India per seu mandado estava prestes para lha dar; e que a elle Tristão de Taíde fora mandado, que quando per sua vontade não quizessem ir, os fizesse ir per força: por tanto lhe notificava da parte do Governador, que logo se passasse a Ternate para dahi se embarcarem.

Com este recado fingio mostrar-se Fernão de la Torre mui queixoso a ElRey de Geilolo, dizendo, que não se havia de ir para os Portuguezes, e que antes se deixaria

a *A cópia do contrato, que ElRey D. João fez com o Emperador sobre as Ilhas de Maluco, escreve* Diogo do Couto *no cap.* 1. *do liv.* 7.

ria matar, quanto mais que com o favor d'ElRey se esperava defender. ElRey, e os de seu conselho lhe disseram, que não se agastassem, que elle os ajudaria a defender. Com esta determinação appellidou Tristão de Taíde aos Reys de Ternate, e de Tidore, e de Bacham, para todos irem com huma grande Armada a Geilolo tirar os Castelhanos que lá estavam. E foi a cousa tão bem ordenada, que quando se elles haviam de defender dos nossos, se recolhêram, e embarcáram com elle, com toda a sua artilheria, e armas que tinham [a]; e quando foi para entrarem em a Cidade de Geilolo, acháram que ElRey, e a gente a despejáram toda com temor, e entrada por Tristão de Taíde, a mandou queimar. Alli deixou Tristão de Taíde a Diogo Sardinha Capitão mór do mar com huma Armada, e Antonio de Teive com té sessenta Portuguezes, e muitos Mouros Ternates, e elle se partio com esta vitoria para a fortaleza, donde Fernão de la Torre, e os Castelhanos partíram para a India com Jordão de Freitas, que levava Vicente da Fonseca.

Diogo Sardinha, e Antonio de Teive assi fizeram guerra aos de Geilolo, que lhe ti-

[a] *O modo que tiveram os Castelhanos para se ajuntarem com os Portuguezes, escreve particularmente* Fernão Lopes de Castanheda *no cap. 71. do liv. 8. e* Francisco de Andrade *no cap. 94. da 2. Parte.*

tiravam o ſeu principal mantimento, que era ir peſcar ao mar. Polo que Cachil Catabruno Regedor de Geilolo per conſelho dos do Reyno pedio paz a Diogo Sardinha. Para eſta paz foi o meſmo Catabruno fallar a Triſtão de Taíde, e á tornada a Geilolo deo peçonha a ſeu proprio Rey; mas de maneira que duraſſe alguns dias, o que dizem que tinha aſſentado com Cachil Daroez em tempo de D. Jorge de Menezes. E alguns diziam, que deſta morte fora ſabedor Triſtão de Taíde, por Catabruno commetter iſto logo quando foi de Ternate. E por eſte Rey ſer muito moço, e não ter filhos, nem outros herdeiros, Catabruno ſe metteo de poſſe do Reyno.

CAPITULO XXIV.

Como Triſtão de Taíde per calumnias de Samarao prendeo a ElRey Tabarija, e a ſua mãi, e outros, e os enviou prezos á India ao Governador, que os mandou para Maluco ſoltos, e livres: e como Tabarija ſe fez Chriſtão em Goa, e morrendo em Malaca, deixou o Reyno a ElRey de Portugal.

NEſte tempo contra vontade d'ElRey de Ternate, e de Pate Sarangue ſeu Governador, e dos de ſeu conſelho, levantou

tou Triſtão de Taíde o degredo a Samarao, que fora criado de Cachil Daroez, e Almirante do mar, o qual D. Jorge degredou por dizer que fora participante nas culpas, per que Cachil Daroez ſeu amo fora degollado. Deſte perdão do degredo, a ElRey Tabarija, e ao Pate Sarangue muito pezou, por ſer homem de máo animo, e ſe temerem que por elle lhes vieſſe algum mal, como depois veio. E como eſte Samarao era muito ſagaz, aſſi ſe metteo na benevolencia, e familiaridade de Triſtão de Taíde, cuja feitura confeſſava ſer, e tantos ardijs lhe dava para accreſcentar fazenda, que elle lhe dava muito credito. E para elle ter juntamente o favor d'ElRey de Ternate, como tinha o do Capitão, imaginou de fazer tirar o Reyno a Tabarija, como ſe tirou a Cachil Daialo, e que ſe levantaſſe por Rey Cachil Aeiro ſeu irmão mais moço de idade de quatorze annos, confiando da amizade de Triſtão de Taíde, que o faria a elle Regedor do Reyno, té Cachil Aeiro ſer de idade para governar. Polo que aſſacou a Tabarija, que elle per conſelho de ſua mãi, e Pate Sarangue ſeu padraſto, e de Regabao Juſtiça mór do Reyno, tratavam de matar a Triſtão de Taíde, e a todos os Portuguezes, e tomar a fortaleza. Perſuadido diſto Triſtão de Taí-

de, dando conta a alguns Portuguezes, determinou de prender ElRey; e para que em ſua prizão não houveſſe alvoroço, ordenou que dous Portuguezes fizeſſem hum arroido feitiço, e que mandando-os elle prender, pediriam a ElRey rogaſſe por elles a Triſtão de Taíde que os ſoltaſſe; e que indo ElRey ſobre iſto á fortaleza, o prenderia com a mãi, e os outros. Aſſi o fez Triſtão de Taíde, e per conſelho de Samarao levantou logo por Rey a Cachil Aeiro, filho baſtardo d'ElRey Boleife, irmão de Tabarija. [a]

Como a prizão d'ElRey, e daquellas peſſoas tão principaes ſe ſoube, muitos fugíram da Cidade, e entre elles os do Conſelho d'ElRey, cuidando que tambem ſeriam prezos, ou mortos. E foi couſa laſtimoſa ver naquelle ſubito rebate a preſſa, e deſatino com que fugiam, e como os ſeguiam as mulheres, filhos, e criados, deſamparando ſuas caſas, que deixavam aber-

tas,

[a] *Mandou Triſtão de Taíde huns criados ſeus a caſa da mãi de Cachil Aeiro a pedir que lho entregaſſe para o levantarem por Rey. Vendo ella o infelice fim, que os paſſados Reys tiveram, depois que os Portuguezes entráram naquella Ilha, com muitas lagrimas, e laſtimas não alargava o filho, querendo-o antes ſeguro em humilde eſtado, que arriſcado no Real. Os Portuguezes lho tiráram com força dos braços, e a ella com deshumanidade de feras, lançáram per huma janella fóra, do que logo morreo.* Diogo do Couto *cap.* 13. *do liv.* 8.

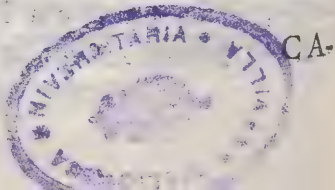
tas, e os gritos da gente popular quando via fugir os maiores. Ouro Bachela Thesoureiro que fora d'ElRey Daialo, por ser do Conselho, querendo-se ir desculpar a Tristão de Taíde, o matáram á porta da fortaleza, o que foi causa de a Cidade se despovoar mais. Deste caso se desculpou Tristão de Taíde de palavra com os presentes, e per cartas com os Reys vizinhos, os quaes respondêram, que lá se aviessem os Ternates, pois per sua vontade quizeram receber Portuguezes, e entregar-lhes sua terra, e ajudallos contra elles seus parentes, e naturaes, e de sua lei. Dada esta desculpa, publicou Tristão de Taíde o levantamento de Cachil Aeiro, e o teve na fortaleza, donde não sahia em figura de hum cativo mimoso, porque era servido dos seus, e tratado em tudo como Rey, mas sem juridição alguma, nem liberdade, e os Officiaes todos d'ElRey proveo de novo, e ao Samarao deo o officio de Regedor do Reyno, por cuja pertenção elle ordio esta maldade.

Quando veio o tempo de haverem de ir navios a Malaca, e dahi para a India, de que hia por Capitão Lionel de Lima, Tristão de Taíde lhe entregou ElRey Tabarija, e sua mãi, e a Pate Sarangue, e Regabao prezos, com os autos que man-

dou

dou fazer de ſuas culpas. Os quaes vendo-ſe tirar da prizão para os levarem de ſua terra para outra tão remota, donde não eſperavam tornar, ſendo innocentes da culpa que lhe impunham, faziam grande pranto, e diziam muitas mágoas. Então conheceo Pate Sarangue que pagava a maldade que commettêra em fazer tirar o Reyno a ſeu Rey Cachil Daialo injuſtamente. Sendo eſtes prezos na India, Nuno da Cunha vio as devaſſas que contra elles foram, e os achou ſem culpa, polo que os deo por livres, e julgou que o Reyno de Ternate ſe reſtituiſſe a Tabarija, o qual converteo a injúria que lhe foi feita em maior bem que tornarem-lhe ſeu Reyno, porque na demora que fez em Goa, Deos inſpirou nelle, e de ſua propria vontade ſe tornou Chriſtão, e no Baptiſmo tomou o nome de Manoel, em memoria d'ElRey D. Manoel, que as Ilhas de Maluco mandou deſcubrir, e que foi cauſa de ſua conversão. Tornando para ſeu Reyno, adoeceo, e falleceo em Malaca a 30 de Junho do anno de 1545, onde fez ſeu teſtamento, e nelle, por não ter herdeiros, deixou per herdeiro de ſeu Reyno de Ternate a ElRey D. João de Portugal, como diſſemos na terceira Decada. [a]

CA-

[a] *Liv. 5. cap. 6.*

CAPITULO XXV.

Como Triſtão de Taíde ſem cauſa fez guerra a ElRey de Bacham: e como os Reys de Maluco ſe conjuráram contra elle, e do que ſobre iſſo ſuccedeo.

TRiſtão de Taíde como vio que tinha a ElRey Cachil Aeiro como ſeu cativo, e ao Regedor de Ternate por tão familiar, determinou de haver para ſi todo o cravo que houveſſe na terra por o preço da Feitoria, que era a mil reaes o bahar, que he hum pezo de quatro quintaes, para o que o Samarao mandou pregoar per todo o Reyno de Ternate ſob graves penas, que nenhum Mouro, nem Gentio vendeſſe cravo ſenão a Triſtão de Taíde, ou a quem elle ordenaſſe. Com eſte pregão creſceo o preço do cravo a tanto que chegou a valer hum bahar cincoenta, e ſeſſenta cruzados; porque como os Portuguezes tinham muita fazenda para empregar, e viam o Maluco em riſco de ſe perder por as deſordens dos Capitães, todos compravam cravo; e como os Mouros de Ternate ſe aventuravam a grandes penas, ſe Triſtão de Taíde o ſoubeſſe, vendiam o riſco que niſſo corriam por grande preço. Por rogos de Triſtão de Taíde mandáram pregoar a meſma defeza em

ſuas

ſuas terras os Reys de Tidore, e de Geilolo, o que ElRey de Bacham, ſendo requerido por elle, não quiz fazer, poſto que era mui leal ſervidor d'ElRey de Portugal, e amigo antigo de Portuguezes, e que para acudir a ſuas neceſſidades nunca aguardou ſer rogado; porém parecia-lhe injuſta a poſtura do cravo, e muito mais a prizão d'ElRey Tabarija; e por eſtas, e outras deſordens havia dias que não hia á fortaleza de Ternate como de antes fazia; mas Triſtão de Taíde eſcandalizado de lhe não fazer a vontade no negocio do cravo, tentou fazer-lhe guerra, e mandou huma Armada contra elle, a cujos Capitães ElRey fez muitos requerimentos, que lhe não fizeſſem guerra, pois ſempre fora, e era leal ſervidor d'ElRey de Portugal, e não commettêra couſa porque lha fizeſſem; porém não querendo elles ſenão inſiſtir, o que niſſo ganháram foi morrerem alguns Portuguezes, e os outros tornáram com pouca honra.

Indignado diſto Triſtão de Taíde, quiz ir elle em peſſoa, e levar comſigo em ſeu favor os Reys de Ternate, e de Tidore [a], e foi com huma groſſa Armada, de que hiam por Capitães Diogo Sardinha Capitão mór do mar, Antonio de Teive, Balthazar Vo-

[a] Fernão Lopes de Caſtanheda *no cap. 95. do liv. 8.* Franciſco de Andrade *no cap. 7. da 3. Parte.*

Vogado, Antonio Pereira, Balthazar Veloſo, Liſuarte Caeiro, Fernão Henriques, Jorge Goterres, Affonſo Pires, e outros, e aſſi aquelles Reys, e ſeus Regedores, e Sangages. Como os de Bacham ſouberam que os Portuguezes hiam contra elles, lhe atopíram o rio com muita madeira, e deſatopindo-o os noſſos, os Bachões lhe mudáram a corrente per huma madre antiga per que já corrêra, e aſſi ficáram os navios dos Portuguezes em ſecco; mas mandando Triſtão de Taíde dar nos que trabalhavam no rio, deixáram a obra, e tornou a correr por onde antes hia. Deſconfiado ElRey de poder reſiſtir a Triſtão de Taíde, deſpejou a Cidade de todo, de gente, e fazenda, e foi-ſe para o ſertão. Os Portuguezes porque não achâram vivos com que pelejar, pelejáram com os mortos, quebrando as ſepulturas dos Reys Mouros que alli havia, e a tudo puzeram o fogo. E querendo Triſtão de Taíde entrar pela Ilha, o não fez, por a terra ſer alagadiça, e ſe tornou para Ternate, deixando Diogo Sardinha com parte da Armada, e com elle o Samarao com a de Ternate, para lhe tolher o ſerviço do mar, polo que ElRey de Bacham lhe commetteo paz com dar cada anno duzentos bahares de cravo a ElRey.

Mas poſto que elle fez eſta paz, ficou

em

em ſeu animo em viva guerra, e mui eſcandalizado da má paga que houve por a grande lealdade que ſempre teve a ElRey de Portugal, e pelos beneficios que fizera a Portuguezes, a que tão affeiçoado era. Polo que ſabendo elle como os outros Reys de Maluco eſtavam eſcandalizados de Triſtão de Taíde, e dos Portuguezes, poſto que o diſſimulavam, per cartas, e menſageiros ſe vieram a concordar que ſe viſſem, e em caſa de Cachil Mir Rey de Tidore ſe ajuntáram, ElRey Cachil Daialo que fora de Ternate, ElRey Cachil Catabruno de Geilolo, e ElRey de Bacham, onde cada hum em particular recontou as couſas do odio que tinha, para procurar a total deſtruição de Triſtão de Taíde, e dos Portuguezes; e alli juráram todos ſobre hum Moçafo, que he o livro de ſua lei, de fazerem guerra á fortaleza de Ternate té a tomarem, e matarem a Triſtão de Taíde, e a todos os Portuguezes. A eſte juramento, e viſtas deſtes Reys não foi preſente o Samarao Regedor de Ternate; mas ſendo o principal dos conjurados, com ſimulada amizade que moſtrava ter a Triſtão de Taíde, ficava fazendo maior guerra, ſabendo ſeus diſenhos todos, e ſecretos para aviſar delles aos Reys. Naquellas viſtas aſſentáram duas couſas: huma, que a guerra havia de co-

começar em Ternate, e que té não irem bem com ella por diante, os Reys a não haviam de mover; a outra foi, que o Samarao com ſeu conſelho, e induſtria fizeſſe divertir a Triſtão de Taíde com mandar Armadas a outras partes, para aſſi ſe gaſtar, e ficar com menos gente.

A primeira couſa que o Samarao niſſo fez, foi fazer crer a Triſtão de Taíde que nas Ilhas dos Celebes, e dos Macaçares, e na de Mindanao havia muito ouro, para que com a cubiça delle mandaſſe alguns navios a eſte deſcubrimento para aſſi ficar com menos gente. E como o cubiçoſo, e o trampoſo, (como diz o proverbio,) ſe concertam facilmente, com eſte conſelho do Samarao, e por lhe dizerem que a Geilolo chegáram certas coracóras que vinham de Mindanao, per que ſe ſoube que lá havia muito ourô, mandou logo armar hum navio, de que fez Capitão a hum João de Canha Pinto, o qual não achou o ouro que hia buſcar, mas hum perigo, em que ſe elle por ſua culpa quiz metter de querer cativar huns Mouros na Ilha de Seriago, que como amigos vieram a ſeu navio, tendo feito paz com elle. Polo que os da terra corrêram apôs elle, e alli com hum temporal que lhe deo lhe foi neceſſario lançar a artilheria ao mar, e ſem fazer outra couſa tornou a Ternate.

Quan-

Quando os Reys conjurados víram quão poucos Portuguezes foram a Mindanao, ordenáram outro modo, e foi, que ElRey de Geilolo concertou com huns póvos que chamam Tanares que fizessem guerra ao Senhor de Bonacora, e ao Moro por andarem lá muitos Portuguezes, ao que estava certo que Tristão de Taíde havia de acudir, como logo acudio, mandando a Bonacora huma Armada, e por Capitão della a Jorge de Taíde seu sobrinho, e outra ao Moro, de que hia por Capitão Diogo Sardinha. Com esta despedida de gente, alguns dos Ternates secretamente se foram em seus navios a Batochina do Moro, junto de Geilolo, onde alguns Portuguezes andavam com Vicente Correa Mestre de náos cortando madeira para navios que Tristão de Taíde mandava fazer. E mandando elle hum batel carregado daquella madeira para a fortaleza, estes Ternates matáram a gente do batel, de que não escapou mais que hum Arabio a nado, que levou a nova a Vicente Correa, o qual com temor se acolheo em outro batel para Ternate, e achou no caminho os mesmos Ternates que matáram os que elle mandára; mas elles dissimuláram, e passáram a Geilolo. ElRey Catabruno sabendo per elles o que deixavam feito, por mais segurar a Tristão de Taíde na

ſua amizade fingida, mandou-lhe logo hum recado, per que lhe fazia a ſaber como entendêra que os Ternates fizeram aquelle inſulto, para que não cuidaſſe que couſa ſua fora niſſo. E por moſtrar mais amizade, mandou certas coracóras apôs Vicente Correa, para que o acompanhaſſem, e levaſſem ſeguro dos Ternates. Não ſabendo Triſtão de Taíde deſte conluio, mandou agradecer a ElRey o que fizera, e ficou mui confuſo por não ſaber a cauſa que moveo aos Ternates fazer aquella traição.

Mas muito mais ficou, quando dahi a poucos dias a Cidade de Ternate foi deſpejada de todos ſeus moradores ſubitamente em hum ſó dia, tendo já tirado della ſuas fazendas, e quando acudio achou já mui poucos, aos quaes rogando que ſenão foſſem, e ſe tinham aggravos lhos emendaria, o não quizeram ouvir; e por os não eſcandalizar, não lhes quiz fazer força. Como a Cidade ſe deſpejou, o Samarao ſeu Governador, que era ido fóra com grande Armada, veio; e tanto que deſembarcou com os de ſua caſa, os Mouros que ficavam nos navios, como gente que eſtava fallada, viráram as proas, e foram-ſe. Chegado o Samarao á noſſa fortaleza, moſtrou-ſe mui eſpantado a Triſtão de Taíde do levantamento da gente da Cidade de Ter-

na-

nate; e como homem que fingia não saber parte deste caso, começou de lhe contar os medos que tivera daquelles que té alli o trouxeram, dizendo que o queriam matar, como gente indignada delle, e que cria, que se o deixáram de fazer, fora porque seu filho se fora com elles. E per taes termos fallou com Tristão de Taíde, que se enganou com elle, e parecia-lhe ter nelle hum grande amigo, e como tal per seu conselho fez huma Armada de quantas vélas estavam no porto, e das d'ElRey de Geilolo, que ainda estavam nelle como espia do que Tristão de Taíde fazia; na qual Armada levavam a ElRey Cachil Aeiro, para que vendo os Mouros dos lugares maritimos seu Rey, se movessem ao obedecer, e se tornassem a povoar a Cidade. Mas elles estavam tão indignados contra Tristão de Taíde, que quando lhes diziam que obedecessem a seu Rey, e que se tinham queixas do Capitão, se remediariam a seu contentamento, respondiam todos, que não tinham, nem conheciam tal Rey; e se alguma hora lhe obedecêram, fora per força, e não per vontade, que seu Rey natural era Cachil Daialo, e que quanto á amizade com os Portuguezes a tinham como d'antes, e que se elles matassem a Tristão de Taíde, se ajuntariam com elles, e sem isso não.

Fi-

Finalmente não fez outro effeito a Armada; e os Ternates que fugíram da Cidade fizeram huma povoação affaſtada donde os Portuguezes pudeſſem ir, e de noite vinham dar rebates na noſſa povoação; e andavam tão frequentes neſtes aſſaltos, que cumprio a Triſtão de Taíde fazer repairos, e vigias para ſua ſegurança. Acabado de ſe divulgar per outras partes eſte levantamento dos Ternates contra a noſſa fortaleza, onde havia Portuguezes, os cativavam, e matavam, e aſſi foi morto o Vigairo Simão Vaz [a], que na Ilha de Chião, principal do Moro, eſtava fazendo alguns Chriſtãos, e com elle os que o acompanhavam, e os novamente bautizados, e outros em batéis que hiam buſcar mantimentos.

Em quanto eſtas couſas ſe faziam, Cachil Daialo tinha já quaſi toda a Ilha de Ternate por ſi, e o reconheciam por Rey, e tinha mandado fazer gente a Banda contra os Portuguezes. Com eſta nova, em hum junco que alli foi ter de Portuguezes fazer

nós,

[a] *Hum Mouro dos que matáram Simão Vaz, e aos novos Chriſtãos, quebrou em pedaços hum retabulo de N. Senhora, que o Vigairo tinha; e não ſoffrendo Deos eſta offenſa feita a ſua ſagrada Mãi, ſubitamente ſe lhe aleijáram as mãos ao Mouro, e morreo brevemente, e dentro de hum anno toda a ſua geração de deſaſtres; e o lugar que era mui grande, em poucos annos ſe conſumio per guerras de maneira, que delle não ha memoria alguma.* Diogo do Couto *cap.* 4. *do liv.* 9.

nós, de que era Capitão Lopo Alvares, foram mortos elle, e a gente toda, e tomado o junco, e a artilheria delle levada a Cachil Daialo. O qual indo a requerimento d'ElRey do Geilolo a fazer-lhe entregar certos lugares que tinha perdidos no Moro [a], em tomando o primeiro lugar, logo os moradores de Sugalla o mandáram chamar para lhe entregar hum Clerigo per nome Francisco Alvares, que alli bautizára al-

a Tomados estes lugares, foi Cachil Daialo sobre a Cidade de Momoja, de que era Senhor D. João, (como atrás dissemos,) o qual determinou de se defender com os Portuguezes que tinha em sua companhia, para o que ordenou huma forte tranqueira, que sendo commettida polos inimigos, os Portuguezes sem resistencia se passáram a elles, desamparando com grande infidelidade a D. João, que os persuadia que quizessem antes morrer como Christãos, que entregar-se a Mouros; e com ajuda de alguns poucos dos seus defendeo a tranqueira todo hum dia; e sahindo da briga com muitas feridas, e sem esperança de soccorro, determinou de perder antes a vida, que a liberdade; e porque sua mulher, e filhos, que eram Christãos, depois de sua morte não viessem ao poder dos Mouros, que os convertessem como fracos á sua perversa seita, lhes deo a todos a morte. Os seus o entregáram a Cachil Daialo, e foi levado a ElRey de Geilolo, que sabendo o que D. João fizera, e perguntando-lhe a causa porque matára sua mulher, e seus filhos, lhe respondeo com estremado valor, que lhe dera a morte, porque melhor era que fossem reinar com Christo morrendo, que não servirem vivendo a Mafamede, e que elle não havia de deixar a Fé de Christo por todas as suas ameaças, e tormentos. Espantado ElRey de huma tão rara constancia, o deixou livre sem castigo. Francisco de Andrade *cap. 29. Parte 3. O Padre* João de Lucena *no cap. 16. e 17. do liv. 3.*

alguns Gentios, e aſſi alguns Portuguezes que ahi eſtavam fazendo hum junco. O que entendendo Franciſco Alvares fugio em huma coracóra, levando comſigo os ornamentos com que dizia Miſſa. Mas como a Armada d'ElRey de Geilolo que alli eſtava o ſentio, foi trás elle, e o alcançáram, e na revolta que houveram lhe deram dezeſete cutiladas, pelejando elle, e os companheiros mui valentemente; e o que os ſalvou foram os ornamentos que o Clerigo alijou ao mar, na preza dos quaes os inimigos ſe detiveram, e neſſe tempo por ſer já de noite ſe ſalváram na noſſa fortaleza.

Sabendo deſte ſucceſſo Triſtão de Taíde ficou mui triſte, e agaſtado em perder a amizade d'ElRey de Geilolo, que ſempre o achára mui leal, e logo entendeo que os outros Reys ſeus amigos ſe haviam rebellado. Os quaes vendo como ElRey Cachil Daialo ſe hia apoderando do Reyno, e que ElRey de Geilolo ſe havia deſcuberto, os Reys de Tidore, de Bacham, de Maquiem, e de Moutel ſe declaráram com Triſtão de Taíde, que lhe queriam fazer guerra, lançando fóra os Portuguezes, que em ſeus Reynos andavam. E ſabendo os Ternates eſta deſpedida que os Reys davam aos Portuguezes, os ſalteáram, e matáram todos. Em vingança diſto foi logo Triſtão de Taíde

ſobre hum lugar chamado Mongue, perto da fortaleza, e o tomou; mas ſenão foram Antonio de Teive, Jorge de Taíde, e Balthazar Vogado, e outros, houvera de cuſtar a vida a muitos Portuguezes, e foram mal feridos Jorge de Brito, Henrique Jorge, Affonſo Teixeira, e André Pinto.

Neſte tempo chegou de Malaca Simão Sodré em hum navio, o qual mandou Dom Eſtevão da Gama, que lá eſtava por Capitão, que animou muito a Triſtão de Taíde por a gente freſca que trazia, e logo per Simão Sodré mandou fazer guerra aos Ternates, a que tomou Turutó, Palacia, Calamata, Gico, e outros lugares, cujos moradores ſe hiam ajuntar com outros mais longe; e alguns delles foram fazer huma povoação em ſitio affaſtado, e aſpero, que Triſtão de Taíde não podia ir a elle, té que houve cativos á mão, que lhe enſináram o caminho, e dando no lugar per duas partes, foi entrado, e queimado, e muitos Mouros mortos. A tomada deſte lugar, por ſua aſpereza, ſentíram os inimigos muito, polo que deſpovoáram todos os lugares vizinhos da fortaleza, e foram fazer outros longe della da banda de Levante, com que a fortaleza ficou algum tanto deſapreſſada de rebates; mas a maior guerra que os Mouros faziam, era tolher os mantimentos, pa-

ra o que os Reys conjurados mandáram ſuas Armadas, com que os Portuguezes ſe não atreviam ſahir a buſcallos, principalmente depois que os Mouros houveram á mão hum paráo, de que ficáram mui orgulhoſos por ſer a primeira vitoria que contra Portuguezes houveram no mar.

Triſtão de Taíde por iſto ſer couſa tão nova, quiz logo vingalla, e ſe embarcou em huma Armada, e foi-ſe a Tidore com propoſito de deſtruir a Cidade. Os Mouros confiados na vitoria que houveram, o vieram receber, de que os Portuguezes ſe eſpantáram; porém poſto que o número delles era grande, e com ſua artilheria, que era pouca, reſpondêram á dos Portuguezes, que era mais, deixáram de abalroar com os noſſos por ſuas embarcações ſerem mui leves, e temêram ſerem mettidos no fundo. Mas como eram muitos, andáram esbombardeando com os Portuguezes tanto tempo, que vendo Triſtão de Taíde que lhe faltava a polvora, começou de ſe recolher, e os Mouros tambem mui contentes, porque não ficáram vencidos como ſohiam a ſer, poſto que foram bem eſcalavrados.

CAPITULO XXVI.

Como Tristão de Taíde proseguio a guerra com os Reys do Maluco com varios successos, té a vinda de Antonio Galvão, que vinha por Capitão de Ternate.

ESTava per aquelle tempo no porto de Talangame, que he da Ilha de Ternate, huma náo de Francisco de Sousa, que tambem andava com Tristão de Taíde nestes trabalhos de guerra, e em terra se acabava hum junco de Francisco Henriques, os quaes navios estavam naquelle porto, porque nelle podiam estar vélas grandes, e não em o de Ternate, por causa do recife, como já dissemos. E por estes navios terem mui pouca guarda, determináram os Mouros de os queimar com jangadas de fogo, entremettido pela madeira, breu, e alcatrão, e em quanto apercebêram estas cousas, cessáram da guerra como homens que estavam cansados della. E como tiveram tudo apercebido, subitamente appareceo sobre o porto de Talangame huma Armada de trezentas vélas, que cubria o mar, cousa não esperada dos nossos, nem parecia que entre Mouros podia haver tanto navio. Tambem per terra appareceo muita gente de guerra, com proposito, que em quanto os do mar

mar queimassem a náo, elles romperiam a tranqueira, e dariam sobre o junco, a que tambem poriam fogo. Francisco de Sousa vendo tanto apparato de vélas, e hum cardume dellas mui espésso, onde vinham jangadas, como era soldado prático, entendeo o caso, e em continente cercou sua náo de vigas lançadas na agua de maneira, que as jangadas tivessem impedimento para não chegar á náo, e nisto gastou a maior parte do dia, em que se os Mouros detiveram em chegar ao porto. Como foi noite, mandou Francisco de Sousa recado a Tristão de Taíde, fazendo-lhe saber o estado em que estava, pedindo-lhe que lhe acudisse. Tristão de Taíde mandou logo por Capitão mór de hum navio, e de outras embarcações a Estevão de Chaves, hum Fidalgo de authoridade, e idade, e com elle estes Capitães: Antonio de Teive, Antonio Pereira, Jorge de Brito, João Figueira, Balthazar Vogado, Balthazar Veloso, e Jorge Goterres, que como foi noite partíram, e em chegando a tiro de berço, começáram a varejar naquelle cardume de vélas. Francisco de Sousa com a gente que tinha, e seus paráos ajudou aos outros; e como as jangadas dos Mouros com a maré ficáram em secco, os Portuguezes lhe puzeram o fogo, e elles se defendêram de maneira,

que

que entre todos houve huma grande requeſta. Por derradeiro os Mouros deſeſperando de fazer algum damno, e vendo que o recebiam, ſe foram recolhendo para ſuas caſas, e os Portuguezes para a fortaleza.

Triſtão de Taíde vendo que a fortaleza eſtava em tanta neceſſidade, que vieram os noſſos a comer cães, gatos, e bogios, e valer hum alqueire de arroz cinco cruzados, e huma jarra de ſagú mantimento da terra vinte e cinco, e trinta cruzados, huma cabra vinte cruzados, hum porco cincoenta, huma gallinha quatro, hum ovo trinta reaes, e aſſi de todas as outras couſas era tamanho o preço, que não havia homem que tiveſſe cabedal para comprar o comer, pareceo-lhe que como os Mouros do recontro paſſado ficáram quebrados de ſua opinião, era boa conjunção para lhe commetter paz, que elle antes tão pouco procurava, e que então lhe convinha mais que a guerra. O medianeiro que niſto metteo foi o traidor Samarao, que era o que mais impedia a paz; e aſſi como os inimigos per elle ſabiam o eſtado de Triſtão de Taíde, não lha concedêram, e ficáram na inimizade em que eſtavam.

Neſta neceſſidade dos noſſos veio de Banda em ſoccorro D. Fernando de Monroi Fidalgo Caſtelhano, que o Capitão Henri-

rique de Vaſconcellos mandou em hum junco, e Luiz Froez Piloto em outro, em que trouxeram mantimentos, e gente, e outras proviſões, que Triſtão de Taíde mandára buſcar. Com eſte ſoccorro renovou a guerra com os Mouros, e lhes tomou dos portos os melhores que tinham, que eram Toloco, e Tabanga. E porque os Mouros mudáram a Cidade de Toloco de junto do mar para dentro do ſertão pegada a huma ſerra, elle foi a ella per mar, e Franciſco de Souſa per terra, e lhe deo nas coſtas tão ſubitamente, que tomáram a Cidade, e houveram os mantimentos della, que foi o melhor deſpojo que então deſejavam. Depois mandou Triſtão de Taíde a Geilolo, e o mais que alli fizeram foi queimar huma Meſquita; e querendo ir mais adiante a hum lugar, não puderam por acudir tanta gente, que cauſou embarcarem-ſe de preſſa.

Os Mouros, porque deſejavam de deſpejar de todo a Ilha de Ternate, e irem-ſe para Geilolo, e não o podiam fazer ſem grande perigo ſeu, por Triſtão de Taíde lhe ter pejado com ſeus navios os portos onde haviam de embarcar, lhe mandáram commetter pazes pelo Samarao, moſtrando eſtarem canſados de continuar a guerra, e que lhes convinha juntarem-ſe por andarem todos derramados. Triſtão de Taíde foi diſ-

ſo contente, não advertindo o engano, e deſembaraçados os portos, poucos, e poucos ſe recolhêram nas embarcações que lhe levavam os de Geilolo, e ſómente ſe deixou ficar Poio filho de Samarao com alguns de ſua valia, moſtrando que queria ficar com os Portuguezes. E para melhor ordenar, e curar ſua maldade, mandou pedir a Triſtão de Taíde, que para ſe virem para a Cidade de Ternate, lhe mandaſſe alguns Capitães ſeus que lhe deſſem guarda. Para iſto lhe mandou Triſtão de Taíde dous bargantijs, e por Capitães delles Franciſco de Souſa, e Balthazar Vogado, os quaes foram em tal hora, que a Armada d'ElRey de Geilolo que eſtava em cilada, ſaltou de ſubito com elles, e foi tomado o bargantim de Balthazar Vogado, que hia diante, e morto elle, e quantos levava comſigo. Franciſco de Souſa vendo que lhe não podia valer, e que ſe offerecia á morte ſem fructo, ſe tornou para a fortaleza. Deſte ſucceſſo ficáram os Mouros tão ſoberbos, e atrevidos, por ſerem os primeiros que ouſáram abalroar navio Portuguez, que leváram o bargantim a ElRey de Geilolo. Os de Tidore tendo grande inveja deſta vitoria, foram tomar hum navio de remo, em que hia Franciſco Henriques de Talangame buſcar hum leme; e como eſtavam em cilada,

da, ſahíram a elle, e matáram-lhe logo dez Portuguezes, e quarenta eſcravos; e ſe a ſua tranqueira não fora tão perto, onde ſe acolheo a mais gente, toda perecêra. Triſtão de Taíde ſahio ſómente a ſaber deſte deſaſtre de Franciſco Henriques, e huma Armada de Tidore o veio eſperar ao caminho, da qual elle metteo no fundo hum navio, e recolhido, não quiz mais ſahir, nem mandar fóra da fortaleza peſſoa alguma, e ſe deixou eſtar, té que veio Antonio Galvão ſucceſſor no cargo, que o tirou daquelles trabalhos.

DE-

DECADA QUARTA.
LIVRO VII.
Governava a India Nuno da Cunha.

CAPITULO I.

Dos Principes, que ficáram no Reyno do Decan per morte d'ElRey Mamud Xiah: e das guerras que entre elles houve.

EM quanto paſſavam no Reyno de Cambaya, e nos a elle comarcãos, as couſas que atrás eſcrevemos, houve outras entre os Principes do Decan, em que tambem interveio ſuor, e ſangue dos Portuguezes; o que querendo nós eſcrever, convem repetir algumas de longe para entender as que ſuccedêram, té chegar ao tempo de Nuno da Cunha, que he o fim de noſſo intento. Eſcrevendo nós na ſegunda Decada deſtes Livros [a], como o Reyno de Decan, per morte d'ElRey Mamud Xiah, ficou repartido em ſete Capitães ſeus, conta-

[a] *No cap. 2. do liv. 5.*

tamos como todos ſe fizeram tyrannos das terras, e comarcas que tinham a ſeu cargo, e não ſómente conquiſtáram dos Gentios outras, mas ainda huns com outros contendêram quem ſe faria maior de maneira, que de ſete ficáram em cinco, cujos nomes, e Eſtados são eſtes. O Hidalchan filho de Sabaio, que morreo quando Affonſo d'Alboquerque tomou Goa, eſte foi ſempre o principal deſtes ſatrapas, porque ſe fez tyranno da peſſoa d'ElRey, que per morte de ſeu pai Mamud Xiah ficou moço de doze annos, poſto que no acatamento, e reverencia o Hidalchan o tratava como a ſeu Rey, e Senhor. E para ſe fazer maior, e ter mais authoridade, e aução para o que pertendia, tomou por mulher huma ſua irmã, para que falecendo elle, moſtraſſe que per ella lhe pertencia o Reyno, e a herança. E tendo elle nas ceremonias apparentes poſto em muita mageſtade a ElRey para enfrear os outros, lhe deo peçonha, mas de tal maneira, que de vagar o foſſe conſumindo, e que pareceſſe doença, da qual veio a morrer, e aſſi lhe ſuccedeo no Eſtado, o qual he ao longo da coſta do mar, que corre de Norte a Sul, e começa no rio Domel, que fica oito leguas de Dabul, e acaba em Cintácola abaixo de Goa onze leguas, em que haverá ſeſſenta leguas pouco

mais,

mais , ou menos de diſtancia, e na maior largura cincoenta. Da parte do Norte confina com o Nizamaluco, que he o ſegundo Capitão, cujo Eſtado era de coſta maritima quinze leguas , começando no meſmo rio Domel , e acabando para o Norte no de Nagotana, termo commum ſeu, e do Reyno do Guzarate. Da parte do Sul vai enteſtar o Hidalchan com o Reyno de Canará, que he d'ElRey de Narſinga, com quem a maior parte do tempo anda em guerra; e pela de Levante cércam ao Hidalchan, e ao Nizamaluco os outros tres Capitães Madre Maluco, Melique Verido, que fica em meio , e Cota Maluco mais ao Sul. Eſte por ter tomado muitas terras ao Rey de Orixá ſeu vizinho , e por a ſua terra ſer mais montuoſa, e aſpera que a dos outros, e ter de ſeu muitos elefantes, he muito temido , e quer competir em poder com o Nizamaluco. Aſſi que de dezoito Capitães per que Mamud Xiah tinha repartido o governo, e defensão de ſeu Reyno, quando elle proſperava , veio a ficar em ſete , té que per morte de huns, e per violencia de outros, que ſe fizeram mais poderoſos, ficáram eſtes cinco de que fallamos , cujos animos, e odios veremos no que ſe ſegue.

Eſtes todos em alguma maneira ſempre tiveram algum reconhecimento de ſuperiori-

ridade ao Hidalchan, o qual tambem tinha alguma reverencia, e reſpeito ao Nizamaluco, como rico que era, por cauſa da noſſa fortaleza de Chaul, per onde tinha entrada de cavallos, e de noſſas mercadorias, e por eſſa cauſa lhe dera a irmã por mulher. O Madre Maluco era caſado com a irmã do Hidalchan, o qual tratava a eſte ſeu cunhado, e a Melique Virido como a ſeus vaſſallos, principalmente ao Virido, a que dera algumas terras por vaidade de vaſſallagem. Eſte ao tempo que faleceo ElRey Mamud Xiah era guarda, e governador de ſuas mulheres, e eſtava ſempre com ellas na Cidade de Bider, onde as tinha ElRey. Morto Mamud Xiah, e ſeu filho, que em poder do Hidalcan eſtava, uſava dellas como Mamud Xiah fazia. O Cota Maluco vindo ter differenças com elle, como com vizinho com quem partia ſuas terras, deſejando de lhas tomar, per cartas lhe eſtranhou muito a traição que naquillo fizera a ſeu Senhor, e lhe eſcreveo, que não ſem razão ſe diſſera, que elle por ficar á ſua vontade com ſuas mulheres, e o Hidalchan por lhe uſurpar, e tyrannizar ſeu Eſtado, matáram com peçonha a ElRey Mamud Xiah, e outras palavras, com que culpava ambos de traidores, e por ellas ſe lhe tornáram ambos inimigos, e com a reſpoſta

que

que o Virido mandou ao Cota Maluco, vieram romper em guerra, em que o Cota Maluco perdeo muita gente, e desbaratado ſe tornou para ſuas terras, tendo entrado pelas do Virido, poſto que ajudado do Hidalchan, que o ſoccorreo com gente, como a vaſſallo ſeu; mas a principal cauſa era para ſe vingar das palavras do Cota Maluco, que o infamava de traidor.

CAPITULO II.

Como o Hidalchan foi cercar a Cidade de Goulacondá do Cota Maluco, que a defendeo com grande eſtrago da gente do Hidalchan, per conſelho, e ajuda de doze Portuguezes ſeus cativos: e da morte do Hidalchan, e prizão de Abrahemo ſeu filho ſegundo, que ſe queria levantar com o Eſtado.

NEſte tempo que Cota Maluco provocára com palavras ao Hidalchan, acertou elle de adoecer, cuja doença diziam ſer peçonha, induſtriada per huma de tres peſſoas, pelo Açadachan ſeu Capitão, e vizinho noſſo de Goa, ou per Cota Maluco, ou per Melique Abrahemo filho do meſmo Hidalchan, mancebo ouſado, e temerario, ão qual o Cota Maluco dizem corromper com promeſſas, que matando a ſeu pai com peçonha, o caſaria com huma ſua neta, indo-

do-ſe para elle, e o metteria em poſſe do Eſtado de ſeu pai. O Hidalchan entendendo ſua doença, e ſendo certo que huma deſtas tres peſſoas lhe dera a peçonha por o odio que tinha ao Cota Maluco, creo mais que elle ſeria o author. E tanto que foi são, por lhe acudirem logo, ſem mais eſperar, com todo ſeu poder foi pôr cerco a Cota Maluco na ſua Cidade de Goulacondá, que he huma das Cidades mais inexpugnaveis de todo o Reyno do Decan, por razão do ſitio, eſtando aſſentada no alto de huma ſerra mui ingrime, e aſpera, onde em hum pico tem huma fortaleza cercada de tres cercas, em que ſe podem agazalhar quatro mil homens, que fica como torre de homenagem da Cidade, que eſtá ao pé da fortaleza, e he de grande povoação. E além da defensão natural que tinha por cauſa do ſitio, era ainda mais defenſavel, por a muita artilheria, e munições de guerra que nella havia.

O poder que o Hidalchan ajuntava era tão grande, que o Cota Maluco ſenão eſperava defender, porque ſegundo fama, tinha cem mil de cavallo, e quatrocentos mil de pé. E por ſer ajudado de Madre Maluco, e de Melique Virido, e do Açadachan, que eram tão poderoſos, tinham muitos para ſi, que aquelle apparato era para

ir

ir contra ElRey de Biſnagá, poſto que com elle eſtava então de paz. Mas ElRey de Biſnagá por a grande amizade, e vizinhança que tinha com Cota Maluco, lhe mandou muita gente, por ſe dizer, que o Hidalchan não hia com tão grande exercito para ſómente lhe tomar aquella Cidade, que era cabeça de ſeu eſtado, mas toda a mais terra que tinha, o que não podia ſer ſem grande perjuizo do Reyno de Biſnagá. O Cota Maluco vendo ſua peſſoa, e eſtado em tanto perigo, buſcava todos os meios para ſe defender; e porque elle tinha doze Portuguezes cativos, que comprára a El-Rey de Orixá, mandou-os fazer ante ſi, e ſe aconſelhou com elles, que modo teria para defender aquella Cidade, em que conſiſtia ſua honra, e ſeu eſtado. Elles lhe deram taes modos, e traças para aſſegurar a Cidade, que Cota Maluco lha entregou, moſtrando ter mais fé em ſua lealdade, e esforço, que nos ſeus Capitães; mas os Portuguezes a não quizeram acceitar ſem lhes dar Capitão para mandar a gente, porque a elles que víram, havia tão pouco, em eſtado ſervil, não haviam de obedecer, polo que Cota Maluco lhes deo hum Capitão de que mais ſe fiava. Vindo o Hidalchan com todo o ſeu exercito, poz cerco á Cidade, e a começou a combater; mas os de
 den-

dentro ſe defendêram de tal maneira, que nos primeiros tres combates lhe matáram mais de vinte mil homens, do que o Hidalchan ficou tão indignado, que determinou de ſe não mover dalli ſem tomar a Cidade, em cuja defensão os doze Portuguezes fizeram couſas maravilhoſas; e entre elles acertou de eſtar hum daquelles, a que Affonſo d'Alboquerque em Goa mandou cortar os narizes, e orelhas por ſe lançar com os Mouros, que era grande artilheiro, e andava ganhando ſoldo com o Cota Moluco.

Em quanto a Cidade ſe combatia, andava o Cota Maluco no campo tomando todos os mantimentos que ao Hidalchan vinham, com que o poz em tanta neceſſidade, que de fome, e do trabalho dos combates que ſe deram, lhe morrêram mais de cem mil peſſoas, em que entráram quinze mil de cavallo; e no arraial andavam mais de dez mil homens ſem orelhas, e ſem narizes, daquelles que hiam buſcar mantimentos, e os mais delles eram de Melique Virido, aos quaes o Cota Maluco mandava ſoltar, e que ſe foſſem apreſentar de ſua parte ao Hidalchan, e lhe diſſeſſem que mandaſſe a Melique Virido que lhe puzeſſe outras orelhas, e outros narizes, dos que elle mandára cortar aos ſeus quando com elle tivera guerra.

Neste tempo do nojo que o Hidalchan trazia do máo succeſſo daquella guerra, que elle não eſperava, e de indiſpoſições ſuas, lhe veio naſcer huma apoſtema de que morreo. Sua morte dous mezes eſteve encuberta, ſem ninguem do arraial o entender. A cauſa de ſe encubrir era ter elle dous filhos, hum mais velho chamado Maluchan, que houvera de Aresbabá ſua primeira mulher filha d'ElRey Mamudj Xiah; e outro menor por nome Melique Abrahemo, de outra ſua mulher Chandebibij, irmã do Nizamaluco, mancebo atrevido, e leve, e apparelhado para commetter qualquer feito por traveſſo que foſſe, e com iſſo mui aprazivel ao povo, cujas mãis de ambos eſtiveram á morte do Hidalchan ſeu marido. E porque na morte dos Reys, e Principes daquelle Oriente he couſa mui commum haver alevantamentos de gente, que anda a roubar a terra do Senhor morto, per tempo de tres mezes, e mais, ſe lhe não acodem, por terem por opinião, que naquillo moſtram a dor, e ſentimento que tem de ſeu Rey, para que todos ſaibam que perdêram nelle o amparo de ſuas couſas, e a paz da terra: naquelle arraial não ſe atrevêram os filhos denunciar a morte de ſeu pái, por eſtar tanta gente junta, e a tiveram aquelles dous mezes encuberta. Os irmãos

mãos entre ſi eſtavam tão receoſos hum do outro, que nem da tenda de ſeu pai ouſavam ſahir, por cauſa de algum theſouro que ſeu pai tinha comſigo, porque o mais groſſo tinha elle na Cidade de Biſapor, que era a cabeça de ſeu Eſtado.

Finalmente ſabendo Maluchan de ſua mãi, como ſeu pai o deixava por herdeiro de ſeu Eſtado, e ao Açadachan por ſeu Governador, elle em ſegredo o deſcubrio ao Açadachan; e depois de algumas diligencias que ſe fizeram para evitarem o alevantamento, de que a principal foi ſegurar o theſouro que eſtava no arraial, e a Cidade de Biſapor com algumas forças principaes, foram todos os Capitães chamados á tenda, onde lhe foi denunciada a morte do Hidalchan. E ſendo aberto o teſtamento, per que ſe vio como o Açadachan [a] ficava

M ii por

[a] O cargo de Açadachan correſponde em dignidade ao de Condeſtabre, e he de tamanha preeminencia no Reyno do Hidalchan, que quem o tem ſe aſſenta á ſua mão direita acima de todos os Senhores, e Capitães do Reyno, aos quaes precede em tudo, e com differença notavel faz a cortezia, (a que elles chamam Sumbaia,) a ElRey, porque os outros Capitães a fazem todas as Luas novas em hum campo grande, pondo a mão direita no chão, e depois ſobre ſuas cabeças, ſignificando que ſobre ellas põe a terra que ElRey piza, o qual eſtá em huma varanda vendo eſta ceremonia, e paſſar cada hum delles com ſeus Camelos, e Elefantes, e com as inſignias, e inſtrumentos de guerra. E o Açadachan em dias aſſinalados chega com dez, ou doze mil cavallos, que ſuſtenta, a huma caſa de prazer fóra

por Governador, houve em todos muita indignação, dizendo, que como podia ser que hum escravo os havia de governar, havendo tantos homens notaveis, e de limpo sangue? Todavia a causa se dissimulou por medo do Açadachan, e elle fez logo que antes que dalli sahissem, fosse obedecido Maluchan por Senhor do Estado de seu pai. E segundo seu costume, os mais lhe vieram fazer sua çalema, que he como entre nós beijar a mão ao Rey per reconhecimento de Senhorio.

Quando Melique Abrahemo vio o testamento de seu pai, e que seu irmão ficava Senhor de seu Estado, como elle era pouco prudente, e impaciente em seus desejos, e achou disposição, começou logo a metter o arraial em revolta, buscando valias, e ajudas para romper em guerra com seu irmão, aproveitando-se então do que lhe custava pouco, que eram palavras, e promes-

da Cidade, onde ElRey vai, e alli lhe faz o Açadachan a sumbaia a cavallo, ou a pé, como ElRey estiver. O proprio *nome deste Açadachan era Cufo, (a que* João de Barros *chama Sufo; e por ser natural do Reyno de Lara vizinho ao de Ormuz, se chamava Cufo Larim. Sendo mancebo, veio ao Reyno do Hidalchan, a quem servio com tanto valor nas guerras contra os Portuguezes, que vagando naquelle tempo o cargo de Açadachan do Reyno, lho deo o Hidalchan, e o governo do Concan, onde elle para sua estancia fez a fortaleza de Pondá.* Diogo do Couto cap. *6. do liv. 7. da 4. Decada.*

meſſas que fazia da governança que tinha Açadachan, a qual promettia a cada hum que o ajudaſſe, como fazem homens que pertendem haver Reynos, ou Eſtados que lhes não pertencem, os quaes ſe alcançam, ficam malquiſtos de muitos, porque não podem dividir o Eſtado, ou officio que promettêram a todos. Andando Abrahemo neſtes ſubornos, lhe eſcreveo o Cota Maluco huma carta, em que lhe dizia, que ſe lançaſſe com elle, como lhe já outras vezes commettêra, e que o caſaria com ſua neta, e lhe faria haver o Reyno do Decan. E que o que elle víra naquelle cerco, lhe dava por fiador, e as perdas de gente, e de fazenda que ſeu pai o Hidalchan recebêra delle, e que trabalhaſſe por grangear alguns Capitães, e havellos de ſua parte, e logo alli commetteſſe o negocio. Melique Abrahemo, como não deſejava outra couſa, não houve para elle neceſſidade de mais eſporas, e avocando a ſi dous principaes Capitães Albocane, e Melique Cuf Sarandiná [a], começou ajuntar hum grande número de gente de cavallo. Porém ſabendo Açadachan do levantamento que elle intentava, antes que a mais procedeſſe, foi Melique Abrahemo prezo em ferros, e os dous Capitães Alboçane, e Melique Cuf, e foram logo en-

[a] *Xandivar lhe chama* Diogo do Couto.

entregues a hum Capitão dos principaes chamado Corgetechan, o qual com vinte mil homens os levou á Cidade de Panella, que tem hum mui forte castello, onde os metteo, ficando elle em sua guarda. [a]

CA-

[a] Diogo do Couto *trata do principio, e successão dos Reys do Decan, e da rebellião dos Capitães daquelle Reyno mui differente do que* João de Barros *escreve nestes capitulos primeiro, e segundo, e no segundo do livro quinto da segunda Decada; porque diz* Couto *no cap. 4. do liv. 10. da 4. Decada, Que pelos annos de 1312 houve hum Rey do Delij, que com grande exercito baixou á India, e conquistou a maior parte do Canará, povoado naquelle tempo de Gentios; e tornando vitorioso para seu Reyno, deixou naquella Provincia que ganhára hum parente seu, cujo nome foi Thogalaça, primeiro Rey della da seita de Mafamede. Este assentou sua Corte na Cidade de Ultadab, e por sua morte lhe succedeo seu filho Soltam Singabupa, o qual poz o nome de Decan áquelle Reyno, de que os naturaes delle se chamáram Decanijs. Soltam Perá filho de Singabupa mudou a Corte para a Cidade de Cabun Bargui, onde residíram sete Reys seus descendentes, Singa, Mahamed, Mugerdar, Daul, Mahamed II, Xadom, e Dilagar. Morreo este cerca dos annos de 1415, e succedeo-lhe seu filho Soltam Piros, que foi Rey moralmente virtuoso: fundou duas Cidades, huma chamada Pirosxobat, (que he hoje das principaes do Reyno do Idalxiah,) e outra Xar Bedar, ou Bider, para a qual mudou sua Corte. A este Rey succedêram outros sete Reys, Mahamed III, Homahú, Hamed, Homém, Mahamed IV, Valebar, e Daudar, homem fraco, e de pouco governo, que repartio o Reyno do Decan em capitanías, huma deo a Adelcan, (a quem chamamos Hidalchán,) que era Justiça maior de seus Reynos, cuja capitanía se estendia pola costa do mar quasi sessenta leguas, desde Angediva té Cifardam. De Cifardam té Nogotana, que são pouco mais de doze leguas de costa, deo a Nizaman Moluc, (que he o Nizamaluco,)*

CAPITULO III.

Como levando Maluchan o corpo de ſeu pai a ſepultar, lhe veio ao caminho Cota Maluco, e houve batalha com Melique Virido: e como Abrahemo foi ſolto por Cogertechan, e ſoccorrendo-o Nizamaluco ſeu tio, foi prezo Maluchan.

TAnto que a Maluchan veio nova como Abrahemo, e os Capitães Albocane, e Melique Cuf eram prezos em Panella, par-

pagem da ſua lança. Na terra, que fica ao Levante deſtas duas capitanías, na Comarca dos Talingas, que confina com o Reyno de Canará polo Norte, e polo Oriente com o de Orixá, poz Soltam Daudar a Coth Moluc ſeu Theſoureiro mór, a que erradamente chamamos Cota Maluco. E aquella parte de Hadaverar, (que quer dizer terra de caſamentos, porque alli vam todos os Gentios do Decan fazer ſuas vodas,) que fica ao Noroeſte do Eſtado do Cota Maluco, e confina com o do Miram, e Virgi, que já são de Cambaya, deo a Idmad Moluc Condeſtabre mór do Reyno, que com a meſma corrupção chamamos Madre Maluco. Reynou Soltam Daudar ſete annos, ficou-lhe hum filho de pouca idade debaixo da tutoria de hum Capitão chamado Virido, Ungaro de nação, Armeiro mór d'ElRey. Em tempo deſte, nos annos de 1440, ſe levantáram os quatro Capitães cada hum com as terras que governava, e o Virido ſe entregou do moço Rey, e da pequena parte do Reyno de Decan, que lhe deixáram os Capitães rebellados, na qual ficou a Cidade de Xarbedar. E como eſte Rey teve idade, Virido o caſou com huma filha ſua, de que houve hum filho, que depois foi caſado com huma filha do Idalxiah, e he o verdadeiro herdeiro de todos eſtes Eſtados uſurpados, dos quaes poſſue o menor quinhão.

partio com o corpo de ſeu pai para lhe dar ſepultura na Villa de Gogij, oito leguas de Biſapor, contra as terras do Cota Maluco, onde tinha ſeu jazigo. E porque o corpo havia de paſſar neceſſariamente per hum paſſo entre humas ſerras tão aſpero, que ſe não podia ir per elle ſenão a fio, alli veio Cota Maluco eſperar a Maluchan; e como na

O Hidalchan poz a ſua Corte na Cidade de Biſapor; andava nella hum Turco chamado Cuſo, que em tempo de Soltam Daudar foi ter a Xarbedar, mancebo, e pobre em huma cafila de mercadores; e quando ſe levantáram os Capitães, ſe paſſou Cuſo para o Hidalchan, que ſe lhe affeiçoou tanto, que era por elle governado. Matáram ao Hidalchan ſeus vaſſallos, juſto caſtigo de ſua traição, como o tiveram os outros Capitães, cujos Eſtados não lográram ſeus herdeiros, e vieram a poder de outros tyrannos. Deixou o Hidalchan hum filho de poucos annos, apoderou-ſe Cuſo delle, e do Eſtado per ſua morte, que ſuccedeo hum anno depois que matáram ao Hidalchan. Eſte titulo tomou tambem Cuſo: eſtendeo os limites de ſeu Senhorio, e conquiſtou a Ilha de Goa, que poſſuia hum Senhor Canará chamado Savay, vaſſallo d'ElRey de Canará. E por não ſer verdadeira a informação que deſtas couſas deram a João de Barros, *confundio o nome do Gentio Savay com o de Cuſo Hidalchan, que era já Senhor de Goa quando as armas Portuguezas entráram na India. Viveo Cuſo té o anno de 1505: ficáram-lhe dous filhos, Iſmael, e Meale, Iſmael como maior herdou o Eſtado, e titulo de Hidalchan, a quem o grande Affonſo d'Alboquerque tomou Goa. Morreo Iſmael Hidalchan no anno de 1534: ſuccedêram-lhe dous filhos, Maluchan, e Abrahemo, que são eſtes dous, de que trata* João de Barros *nos dous capitulos paſſados.*

Affirma Diogo do Couto, *que tirou eſta relação das Chronicas dos Reys do Decan, e o ſoube per informação, que lhe deram Embaixadores deſtes Principes, e Mealechan filho de Cuſo Hidalchan.*

na avanguarda do exercito hia Melique Verido, e no corpo da batalha Maluchan com o corpo de ſeu pai, e ſuas mulheres, e familia, e o Açadachan na retaguarda, deo Cota Maluco na avanguarda com quatro mil homens eſcolhidos para eſte feito; e conhecendo a diviſa que era de Melique Verido ſeu grande inimigo, com maior impeto rompeo a gente, e foi de maneira, que logo ferio a Verido de huma fréchada em hum braço, e com hum zarguncho lhe paſſáram hum ombro. Tanto que eſta nova veio ter ao Açadachan, ainda que vinha longe, acudio, e querendo-o as mulheres do Hidalchan entreter, pedindo-lhe que não paſſaſſe adiante, e que foſſem rodear per outra parte, elle reſpondeo: *Nunca Deós queira, que levando eu aqui o corpo de meu Senhor, e ſuas mulheres, que he a minha honra, deixaſſe de ir avante; porque, que maior gloria poſſo eu deſejar, que morrer diante dellas, por defender o corpo de meu Senhor, e ſuas peſſoas?* E não ſe detendo, paſſou adiante, e a revolta ſe acabou com o Cota Maluco perder mil homens, em que entráram quatro Capitáes, hum era ſeu genro, e hum Abexij ſeu Capitão geral, e elle foi ferido levemente. Com eſte damno ſe retirou Cota Maluco pela eſpéſſura das matas, que per alli ha mui grandes, como

quem

quem ſabia as veredas della, por ſerem em ſua terra, e ou para o não buſcarem, ou para alguma eſtratagema que determinava ordenar, fez que lançaſſem os ſeus fama, que naquelle recontro fora morto; e maior foi o damno que alli recebeo, que o que teve na Cidade Goulaconda, que lhe defendêram os Portuguezes; mas elle tambem ſe vingou, matando da gente do Verido, e do Açadachan tres mil e quinhentos homens, a fóra os feridos, em que tambem o Açadachan entrou.

Tornando-ſe ajuntar, e ordenar o exercito, quizera Maluchan com aquella nova da morte do Cota Maluco, que antes que foſſem mais adiante, tornaſſem á Cidade, que tiveram cercada para lha tomar, e aſſi todo o Eſtado. Mas eſte conſelho não approvou o Açadachan, porque como ſagaz que era, e tinha tratado o Cota Maluco muito tempo, e ſabia ſer manhoſo, e cheio de aſtucias, diſſe que ſua morte era fingimento, que foſſem em boa hora ſeu caminho, e aſſi ſe fez, deixando aquella empreza para outro tempo mais conveniente, porque naquelle primeiro anno aſſás tinha que fazer Maluchan em aſſentar as couſas de ſeu Eſtado. Chegados a Gógij, onde ſepultáram ao Hidalchan, e lhe fizeram ſuas exequias ſegundo ſeu uſo, foi-ſe Maluchan

á Ci-

á Cidade de Bisapor, e dalli despedio à Madre Maluco, e Melique Verido para irem pôr cobro em suas terras. E porque com os alevantamentos que em as proprias havia, andava tudo revolto, e não ousava ninguem caminhar, mandou a Açadachan com hum grosso exercito a pacificar os levantados.

Neste tempo Melique Abrahemo, que estava prezo, começou a cartear-se com seu tio o Nizamaluco; e sua mãi Chandebibij, que com elle estava, fazia o mesmo, chorando com muitos queixumes a prizão de seu filho, pedindo-lhe como a bom irmão que o viesse tirar della, dizendo, que não faltava para ser livre mais que mover-se elle a isso, segundo o tinha entendido de Cogertechan, que só com quatrocentos homens de armas estava em guarda de seu filho. O Nizamaluco, que desejava succeder caso para se fazer Senhor do Estado que Abrahemo pertendia, se fez prestes com pretexto que o queria ir livrar da prizão em que estava; mas quando chegou, já Cogertechan o tinha solto, com as promessas que lhe Abrahemo fez de lhe dar o governo do Estado, e outras cousas, a fóra o que a mãi de Abrahemo lhe deo em dinheiro, e joias, como mulher rica que era. E ao tempo que o Nizamaluco chegou á

Ci-

Cidade de Panella, já Abrahemo tinha mais de quatro mil homens tomados a ſoldo, com o dinheiro que lhe a mãi dera, e outra mais gente que Corgetechan ajuntou, della a ſoldo, e della que vinha a ſeguir a ventura daquelle Principe, por ſer conhecido por benigno, e liberal, partes que mais ganham os corações dos homens, e per que muitos Principes de pequenos principios vieram a ſer mui grandes, e celebrados. A cauſa por que Cogertechan ſoltou a Abrahemo, e aos dous Capitães que com elle eſtavam, além das dadivas, e promeſſas que lhe foram feitas, foi, porque receava que o Nizamaluco lho tomaria per forças, e perderia elle o beneficio de o ſoltar, além de perder na defenſa o Eſtado, e a vida, polo que ſe quiz anticipar.

O Nizamaluco chegou com grande exercito junto á Cidade de Biſapor, onde Maluchan eſtava, cujos Capitães o entregáram prezo ao Nizamaluco, por temerem o grande poder com que vinha, o qual logo fez levantar por Senhor a ſeu ſobrinho Abrahemo, com as ceremonias que entre elles uſam; e em pago da prizão de Cuf, que por amor delle Abrahemo teve, lhe entregou a ſeu irmão Maluchan prezo em ferros, para que ficaſſe com elle alli em Biſapor, e o guardaſſe com tres mil homens de armas.

Me-

Melique Verido como ſoube que o Nizamaluco ſoltára ſeu ſobrinho Abrahemo, e o mettêra em poſſe do Eſtado, parecendo-lhe que aſſi o tio, como o ſobrinho poderiam ter neceſſidade delle, por as couſas ſe armarem de maneira, que ſe podia eſperar guerra, eſcreveo ao Nizamaluco, que elle ſería em ſeu favor, quando lhe cumpriſſe, e ajudaria com todo ſeu poder a Melique Abrahemo, com tanto que lhe déſſe ſua irmã Chandebibij por mulher. Quando Chandebibij ſoube da carta de Melique Verido, ficou tão indignada por aquelle atrevimento de hum vaſſallo de ſeu marido, e ao preſente de ſeu filho, a pedir per mulher, que pondo-ſe ante ſeu irmão, e ſeu filho, com muitas lagrimas lhes pedio ambos juntamente foſſem logo vingar aquella grande injúria. O Nizamaluco, que (como diſſemos) mais ſe moveo a vir ſoltar ſeu ſobrinho para tomar para ſi o Eſtado do Hidalchan, que para o pôr nelle, apazigou a irmã com palavras, dizendo-lhe, que tudo tinha ſeu tempo, e que aſſi o haveria para aquelle caſtigo tão bem merecido; mas que o que cumpria então era diſſimular todas as offenſas, té ſegurar ſeu filho naquelle Eſtado. E por não deſeſperar da pretenção a Melique Verido, lhe reſpondeo brandamente, dando-lhe eſperança

de

de o contentar no que fosse nelle; e que sua irmã não tinha ainda enxugado as lagrimas pola morte do Hidalchan seu marido, e polos trabalhos em que víra, e via a seu filho, que por isso a deixava satisfazer a seus nojos té passar algum tempo, que cura todas as paixões daquella qualidade, e que entretanto elle acceitava seu offerecimento, e o punha á sua conta para o pagar quando lhe cumprisse.

CAPITULO IV.

Como indo o Açadachan a Bisápor livrar da prizão a Maluchan, Melique Cuf, que o guardava, lhe arrancou os olhos, e com elle, e com o thesouro se foi para Abrahemo: e das differenças que trouxeram muitos Capitães do Decan: e da morte de Melique Cuffo Cocheca.

O Açadachan antes que partisse para ir assentar os levantamentos do Reyno do Decan, tirou do thesouro do Hidalchan quatrocentos mil pardáos d'ouro, dizendo serem necessarios para despeza da guerra que hia fazer. E o primeiro caminho que fez, foi para as fraldas da serra de Gate, (que he aquelle grande espinhaço, e corda de serranias, que vai do Norte para o Sul, té acabar no cabo de Comorij,) que cahem pa-

para o mar, nas terras de Curale, Salsim, Parvolide, e Banda, que ficam acima de Goa. Nestas terras andam salteando tres Capitães Gentios, Berugij, Verugij, e Ramugij, que eram da geração daquelle Comogij, que antigamente fora Senhor dellas, como na terceira Decada dissemos [a], quando Ruy de Mello Capitão de Goa as tomou ao Gentio desta linhagem. Estes traziam quinze mil homens de pé, e por a terra ser mui aspera, e de serrania, se embosscavam de maneira, que o Açadachan andava em busca delles, como quem andava monteando, dando ora em huns, ora em outros.

Andando neste trabalho, lhe deram novas de como Melique Abrahemo era solto, e levantado por Senhor do Decan, e prezo Maluchan, e posto em guarda de Melique Cuf. A qual nova o intristeceo tanto, que deixada a montaria em que andava, partio logo caminho de Bisapor a soltar Maluchan, para o que ajuntou a mais gente de cavallo que pode. Melique Cuf que o tinha em guarda, temendo esta ida do Açadachan, e que lhe podia tomar Maluchan, por o muito poder que levava, com tamanho atrevimento, como crueldade, lhe arrancou os olhos, e tomando-o a elle, e

ao

a *Capitulo 5. do livro 4.*

ao thesouro que tinha comsigo, foi-se ter com Melique Abrahemo á Cidade de Calberga. O Açadachan como teve nova que Maluchan estava cégo, e elle, e o dinheiro em poder de Abrahemo, deixado o caminho de Bisapor, tomou o de Calberga.

Sabendo Abrahemo da ida de Açadachan, e parecendo-lhe que por haver sido feitura do Hidalchan seu pai, folgaria de o servir, já que a Maluchan o não podia fazer, lhe mandou ao caminho muitas cartas com todos os mimos, e branduras com que podia aplacar-se, dizendo-lhe, que pois Deos aquillo ordenára per mão daquelle máo homem, cegando seu irmão, enganado por lhe parecer que com aquelle feito se escusavam muitas mortes de entre elles, houvesse por bem de lhe ir obedecer, porque elle lhe promettia de o fazer seu Governador, como era de seu irmão, com mais accrescentamento de honra, e estado do que elle tinha; dizendo mais, que senão castigára logo a Melique Cuf, por o grande crime que commetteo, era porque andavam as cousas tão revoltas como elle sabia, polo que não cumpria buscar novos odios, senão paz, e concordia; mas que elle lha tinha guardada para seu tempo, como veria. O Açadachan, como homem que se não fiava de tantos mimos, e cumprimen-

mentos, tanto que chegou á Calberga, assentou seu arraial, segundo o uso que elles tem assi na paz, como na guerra; porque como os tyrannos todo o tempo, e lugar, e pessoas lhes são suspeitas, tinha Açadachan sua tenda só no meio de huma grande praça, despejada ao redor hum bom espaço de todas as outras tendas; em torno della em modo de cerca estava toda a gente de cavallo, e esta tambem apartada de toda a outra gente outro espaço; e além deste, estavam os elefantes pela mesma maneira de cerca; e na mesma ordem, e distancia ficava a gente de pé de maneira, que quem quizesse ir fallar ao Açadachan na tenda, havia de passar por todos estes muros, e escampados para ser visto de todos.

Tendo o Açadachan alojado o seu arraial nesta ordem, cinco leguas do de Abrahemo, mandou per hum seu criado chamado Cacem pedir-lhe hum seguro para ir a elle, ao qual Melique Abrahemo recebeo com muita honra, e gazalhado. E passadas muitas cousas entre elles, por Abrahemo achar disposição em Cacem, lhe commetteo que matasse ao Açadachan, e que elle lhe promettia de lhe dar todo o seu Estado, além de outras mercês, e que per este modo ficava livre de ser escravo de

hum escravo. Acceitado o partido, e tornado Cacem ao Açadachan, despejou a tenda por ser de noite, e ficou só com elle ouvindo o que passára com Abrahemo, e o contentamento que mostrára ter delle, e desejo de se verem ambos. Huns dizem, que o Açadachan foi avisado per via de algum amigo, que tinha no Conselho de Abrahemo, com quem elle communicou este caso; outros, que o Açadachan era tão agudo de engenho, e suspeitoso de sua condição, que nos meneos, e prática de Cacem entendeo que trazia o animo damnado; e como era já alta noite, o matou com suas mãos com hum punhal; e ao outro dia, sem disso dar conta a ninguem, deixando seu arraial assentado como estava, se partio a grande pressa só com doze de cavallo, que levou para guarda de sua pessoa. E sendo já alongado do arraial espaço de huma legua, mandou ao Capitão, que tinha cargo de o assentar, o levantasse, e o seguisse com boa ordem caminho de Bilgan, onde tinha seu assento. Melique Abrahemo como teve nova, que o arraial era levantado, e o Açadachan desapparecido, e que Cacem fora achado em sua tenda morto, entendeo que o que com elle passára fora sabido pelo Açadachan, e mandou alguma gente que fosse em seu segui-
men-

mento, a qual não o podendo alcançar, degollou alguma da retaguarda.

Melique Abrahemo com a partida do Açadachan se foi a Bider, que era de Melique Virido, para o castigar da ousadia, que tivera em mandar commetter ao Nizamaluco, que lhe désse por mulher a mãi delle Abrahemo. Para esta guerra o vieram ajudar o Madre Maluco, e Cota Maluco, que era o que mais desejava destruir a Verido, por serem inimigos antigos, e vinha tambem por a pretenção de ter Abrahemo por genro. Melique Verido sabendo que estes dous Capitães vinham em companhia de Abrahemo, e que o Nizamaluco se fora fingindo huma necessidade subita, entendeo que o não queria defender; e não se atrevendo esperar o impeto daquelles seus contrarios, desamparou a Cidade de Bider, e fugio só, levando o mais dinheiro que pode haver. Abrahemo foi o primeiro que chegou a Bider, e tomou posse della, onde achou muitos cavallos, e elefantes, de que se forneceo, tendo delles necessidade. Havendo já tres dias que estava na Cidade, chegou Madre Maluco, e Cota Maluco, e assentáram seus arraiaes duas leguas da Cidade, por saberem ter já tomado Abrahemo posse della sem peleja, e que o Verido desapparecêra. Estes Principes ambos per-

N ii ten-

tendiam ter por genro a Melique Abrahemo, querendo Cota Maluco dar-lhe huma neta, e o Madre Maluco huma filha; mas Madre Maluco se anticipou; e quando o outro o soube, calou-se sem fallar nisso a Abrahemo, tendo-lhe já fallado havia dias, como temos dito atrás. Porém Abrahemo quando vio que lhe não fallava Cota Maluco, o commetteo; mas elle se escusou dizendo, que sua neta era menina mais para crear, que para casar, que elle para isso a creava, que entretanto bastava a filha de Madre Maluco, e que por esta causa, e ser seu amigo deixára de lhe fallar nisso. Melique Abrahemo, porque desejava de se liar com estes dous homens per casamentos, por lhe cumprir assi para suas cousas, tanto apertou com Cota Maluco, que lhe prometteo sua neta, como tornasse para seu Estado. Acabados estes concertos, Melique Abrahemo se partio para Bisapor; mas não quiz alli estar mais que em quanto deo ordem para deixar naquella Cidade seu irmão prezo, assi cégo como estava, onde lhe deixou guardas de sua pessoa, e o necessario em abundancia para seu sustento, e daquelles que o servissem, e dahi se tornou a Calberga, e o Madre Maluco, e Cota Maluco para suas terras.

Cogertechan per o beneficio que a Meli-

lique Abrahemo fizera de o ſoltar, e lhe dar o ſer que tinha, eſperava que fizeſſe delle muita conta, e lhe déſſe o governo de ſeu Eſtado, como lhe promettêra. Polo que vendo que o fazia ao contrario, indignado daquella ingratidão, ſecretamente ſe foi para o Açadachan, e ſe confederou com elle em odio de Abrahemo, e ſe foram contra a Cidade de Calaçá. Era ainda vivo hum irmão do Hidalchan [a], e tio de Melique Abrahemo, ao qual eſcrevêram ambos, animando-o que ſe quizeſſe levantar, e vir para elles, que o fariam Senhor do Eſtado que fora de ſeu irmão, de que elle era mais digno que ſeu ſobrinho, que per tão máo titulo o houvera. Mas como elle ſempre fora de fraco animo, e froxo, não reſpondeo ao propoſito delles. Polo que declarados o Açadachan, e Cogertechan por inimigos de Abrahemo, determinãram de metter em ſua liga a Melique Cuſſo Cocheca, e para iſſo foram buſcallo á Cidade de Calará, de que era Senhor, e achando nova que era ido contra a parte da ſerra de Gate, que cahe ſobre Dabul, com propoſito de ir roubar aquellas terras, folgáram muito, por ſer elle tambem levantado, e fóra da obediencia de Abrahemo. E logo ambos eſtes novos amigos lhe eſ-

[a] *Eſte era Mealechan.*

escrevêram, que o vieram buscar para tratarem algumas cousas, que lhe a elle relevâram, que assignalasse o lugar onde queriam que se vissem ambos. O fundamento com que Melique Cuffo sahio de Calará, foi escorchar Mujatechan Tanadar de Dabul de algum dinheiro. Ao qual de cima da serra mandou dizer, como andava na guerra servindo o Hidalchan, e que elle Mujate era rendeiro, que estava mui descançado em Dabul enchendo-se de dinheiro, que lhe mandasse logo huma certa quantidade para pagar o soldo a quatro mil homens que trazia comsigo. Mujatechan sabendo que sahia elle de Calará para o vir destruir, se lhe não respondesse á sua vontade no que lhe pedia, e que tambem vinha em proposito de ir tomar as terras de Parvolide, que então eram de Aga Mustafá, mandou-lhe aviso da determinação de Melique Cuffo, e que se fizesse prestes. E posto que antes não estavam correntes na amizade, se fizeram então amigos na commum defensão, e em odio de Cuffo, e se víram na terra de Chaporan; e jurada sua amizade, com dez mil homens se foram ao cume da serra do Gate em busca de seu inimigo. Melique Cuffo ou porque os temeo, ou porque naquelle tempo lhe deram o recado que dissemos do Açadachan, e

de

de Cogertechan, deixou-os com ſeus apercebimentos, e foi-ſe ver côm o Açadachan, e com Cogertechan; e indo primeiro ao arraial de Cogertechan, elle lhe ſahio ao caminho, e encontrando-ſe ambos, e abraçando-ſe, Cogertechan arrancou de huma adagà, e lhe deo duas adagadas, de que logo lhe cahio aos pés morto; e ſem mais eſperar, nem o fazer ſaber a Açadachan, a grande preſſa ſe foi metter de poſſe da Cidade, e de quanta fazenda Melique Cuſſo tinha. O Açadachan, que com elle eſtava contratado, que o ganho que naquella empreza a que hiam houveſſem, foſſe repartido entre elles igualmente, por Cogertechan o não querer cumprir, e ſe eſcuſar dizendo, que como lhe havia de dar parte do que elle por ſi ſó ganhára, ſem ajuda ſua? ſe anojou muito delle, mas ſoffreo a indignação daquelle caſo por não haver tempo para ſe vingar, e deixando o caminho que levava, ſe tornou ás fraldas do mar.

CA-

CAPITULO V.

Como o Açadachan fez que o Achandegij viesse a tomar as terras, que foram de seus avós, dando-lhe para isso favor, e ajuda: e do que elle fez com outros Capitães.

LOgo que o Açadachan foi da outra parte da serra, mandou recado a Achandegij, que fora filho do Senhor de Parvolide, e andava em Cambaya, que viesse tomar as terras que foram de seu pai, e avós, e que elle o favorecia com gente, e dinheiro para as cobrar; o que logo Achandegij fez, e chegado áquellas terras, achou recado do Açadachan, e dinheiro, com que logo fez dous mil homens, com os quaes começou de roubar as Tanadarias dos Mouros. E por elle ser natural Senhor da terra, o Gentio se ajuntou a elle de maneira, que em pouco tempo lhe vieram mais de outros mil homens. Aga Mustafá, que era Capitão daquellas terras por o Hidalchan, acudio com gente grossa a este damno; mas não pode dar batalha a Achandegij, por lhe andar fugindo por lugares asperos, e montuosos, na qual retirada hia roubando, e destruindo a terra, e per este modo matou a Mustafá mais de dez mil ho-

homens. E foi correndo do Norte para o Sul per toda aquella fralda do mar até as terras de Cural, e Antruz, que são já das terras firmes de Goa. Aqui se ajuntou com os outros Capitães Gentios Berugij, Verugij, e Ramugij, que tambem per aquellas partes andavam fazendo outro tanto damno.

Neste tempo estava já Açadachan recolhido na sua Cidade de Bilgan, e dalli escreveo muitas vezes a Mujatechan Tanadar de Dabul, que entrasse na sua liga, fazendo guerra per aquella parte, e elle faria per baixo outro tanto, e ficariam ambos Senhores dos portos do mar, e dando obediencia ao Governador da India, ficariam seguros, do qual não seriam tão respeitados como eram de Melique Abrahemo, e que fazia fundamento de lhe entregar as terras firmes de Goa. Desta confederação se escusou Mujatechan dizendo, que o Governador Nuno da Cunha não havia de acceitar tal cousa, por ter assentadas pazes com o Hidalchan, nem elle havia de desobedecer a seu Senhor, por não ser havido por traidor. Vendo Açadachan este desengano, o fez logo saber a Cogertechan, que estava na Cidade de Calará, tornandose a reconciliar com elle, provocando-o que fosse sobre Mujatechan. O que elle logo determinou fazer; mas primeiro mandou

dou dizer a Mujatechan, que bem ſabia como lhe dera a vida em o livrar de Melique Cuffo Cocheca, que elle matára; e pois com aquella morte tudo o que tinha elle lho dera, lhe mandaſſe os ſeus elefantes, e alguns bons cavallos Arabios, e alguma ajuda de dinheiro para pagar á gente que trazia, com que ſe haveria por ſatisfeito, ſenão que ſe apercebeſſe ao caſtigo, que lhe logo iria dar, como a homem ingrato. Cogertechan não contente da reſpoſta de Mujatechan, mandou dizer a João Criado Feitor d'ElRey de Portugal em Dabul, que poſto que lhe diſſeſſem que elle hia ſobre Dabul, que não temeſſe, por quanto elle não havia de tocar em peſſoa alguma, nem couſa d'ElRey de Portugal, e ſómente hia a caſtigar ao Tanadar Mujatechan. João Criado lhe reſpondeo, que não fizeſſe tal caminho, porque elle havia de defender o Tanadar de quem mal, ou damno lhe quizeſſe fazer, como ſe foſſe natural Portuguez. E porque entre elles houve outros mais recados, mandou João Criado pedir ſoccorro a Chaul, que eſtá dalli dezoito leguas, com que ajuntou vinte bargantijs, e algumas fuſtas, que Nuno da Cunha lhe mandou de Goa para aquelle caſo. Com eſte favor Mujatechan foi eſperar Cogertechan no lugar onde elle eſperava a Meli-

lique Cuſſo ; mas Cogertechan não ouſou vir buſcallo , por ſaber que eſtava favorecido do Feitor.

Paſſados alguns dias , e partido João Criado, por acabar ſeu tempo da Feitoria , tornou Cogertechan repetir a meſma contenda, até que vieram a batalhar no lugar onde Mujatechan o foi buſcar da outra vez. Neſte rompimento perdeo Mujatechan quatrocentos homens de cinco mil que levou ; e outros favorecêram o vencedor , lançando-ſe com elle , que eſte he o coſtume daquellas gentes , por a pouca lealdade que nelles ha ; e o vencido ſe acolheo a unha de cavallo á ſua fortaleza de Chaporan ſeis leguas de Chaul , onde tinha a maior parte de ſua fazenda. Cogertechan com eſta vitoria ſe foi logo caminho de Dabul , mandando dizer diante que ninguem fugiſſe , porque elle não hia mais que a tomar a fazenda do Tanadar , por os roubos que fazia na terra ; mas não querendo experimentar ſua verdade os Guzarates , e outros mercadores ricos , ſe recolhêram ; e Cogertechan o cumprio tambem , que não fez nojo a peſſoa alguma , ſómente ſe contentou com tomar a fazenda de Mujatechan , além do mais que trazia do ſeu arraial , que eram elefantes , e cavallos. E por aſſi entrar ſem offenſa de alguem , e uſar de muita tem-

pe-

perança, foi recebido de todos de boa vontade, a qual elles não tinham a Mujatechan por os despeitar mui cruamente. O qual desbaratado, e recolhido na sua fortaleza de Chaporan, esteve nella todo o inverno, sem ousar de ir a Melique Abrahemo, que se já chamava Hidalchan como seu pai, porque lhe era forçado passar por as terras de seu inimigo Cogertechan. Nem tambem ousava ir per mar buscar o Governador Nuno da Cunha, em que elle tinha muita confiança, por causa do inverno, em que se não podia navegar.

Cogertechan, passados alguns dias, depois desta vitoria, foi-se para a Cidade de Calará, e segundo diziam, já perdoado da morte de Melique Cuffo Cocheca. O qual Cuffo tinha hum filho, e vendo que por duas peitas, que este matador de seu pai deo, o Hidalchan o tornou em sua graça, andou hum dia ao redor de Calará vendo se achava azo de o matar, e quando não pode, com alguma gente que ajuntou andou a roubar as terras, como os outros faziam. Cogertechan tomada posse de Calará, e de todas suas rendas, e perdoado do Hidalchan dos males que tinha feitos, determinou de com grande apparato de casa, e gente ir a Bisapor a fazer çalema ao Hidalchan, e ao servir. Mas porque ao tem-

tempo que chegou soube que havia dous dias que elle mandára cortar as orelhas a Melique Cuf Sanadiná, que era aquelle, que cuidando que nisso o servia, arrancára os olhos a Maluchan, não quiz experimentar em sua pessoa outro tal galardão, como o que o Hidalcan deo a quem lhe deo a vida, e o Estado; e dahi a poucos dias, fingindo certa necessidade, se tornou a Calará, lembrando-lhe o que tinha feito. Como foi em Calará, se carteou com o Nizamaluco, commettendo-lhe que o recolhesse em seu serviço; e como teve seu recado, com toda sua fazenda se foi para elle. O Nizamaluco com a lealdade, e fé que naquella nação ha, como com elle foi, lhe tomou quarenta elefantes, que levava, e duzentos cavallos, e grande movel de casa, e muito dinheiro, sem lhe deixar mais que quanto tinha vestido. Outros dizem, que alguma cousa lhe deo por o que lhe tomou, principalmente por os elefantes, e cavallos, dizendo que os havia mester, mas que foi tão pouco, que elle o não quiz acceitar. E porque Cogertechan com temor pedio ao Nizamaluco licença para se embarcar para Méca, o Nizamaluco mandou com elle hum seu Capitão per nome Coscam com quatrocentos de cavallo a Chaul para ahi se embarcar, mandando

áquel-

áquelle Capitão que se não viesse sem o deixar embarcado.

Simão Guedes, que estava por Capitão da fortaleza de Chaul, como soube que elle estava no Argao, que será da fortaleza huma legua, por a informação da pessoa, e qualidade de Cogertechan, lhe mandou dizer, que se houvesse por bem de se recolher naquella fortaleza, que elle o agazalharia nella de boa vontade, até se determinar no que queria fazer de si. Elle com palavras de homem, que vinha em tão triste estado, lhe mandou agradecer muito aquella offerta, e a acceitou, e Simão Guedes per sua pessoa o foi buscar, e o trouxe á fortaleza, onde lhe mandou dar o melhor aposento que havia, com todo o necessario para seu serviço. E tendo Nuno da Cunha, que então estava em Dio, recado de Simão Guedes, do estado em que Cogertechan alli chegára, e quem era, o mandou levar a Dio para lhe fazer algum bem, como fez, provendo-o do necessario. E porque elle estava de caminho para Goa, e Soltam Badur era ido a visitar algumas partes de seu Reino, como atrás dissemos,[a] lhe escreveo sobre Cogertechan, pedindolhe houvesse este homem por hum dos seus acceitos, por quem elle era, e por lhe fa-

[illegible] zer

a *No Cap. 16. do Liv. 6.*

zer a elle mercê, e assi o encommendou a Manoel de Sousa Capitão da fortaleza de Dio, e ao Ráo Capitão da Cidade. E quando ElRey veio por a recommendação que lhe fez Nuno da Cunha, e por saber quem era Cogertechan, o recolheo por seu Capitão, como os outros mais principaes. E como naturalmente era magnífico, e liberal, logo de boa entrada lhe mandou dar para se aperceber do necessario vinte e sete mil pardáos d'ouro, e elle foi depois hum dos principaes Capitães de Cambaya.

CAPITULO VI.

Como o Hidalchan mandou rogar ao Açadachan que se fosse para elle: e como o Açadachan trabalhou porque Nuno da Cunha tomasse as terras firmes de Goa.

ANdavam neste tempo os tres Capitães Gentios que dissemos, Berugij, Verugij, e Ramugij nas terras de Goa mui prosperos, destruindo, e roubando as cousas dos Mouros, sem perdoar a alguma, com cujo temor os Tanadares Mouros deixavam as terras, recolhendo-se em Goa. Os Mouros Naiteas, que são os naturaes da terra, fugiam com suas mulheres, e filhos para as terras de Goa, sómente ficou na forta-

le-

leza de Pondá hum Tanadar por nome Genetechan, homem principal, e bom cavalleiro, ao qual puzeram cerco; e tão apertado foi delles, que esteve para deixar a fortaleza, como elles fazem quando se vem em algum aperto destes ladrões, ou para melhor dizer, destes seus Senhores naturaes, e antigos daquellas terras. Neste cerco não sómente Genetechan perdeo gente, mas os agressores muita mais. E porque em huma cilada, que Genetechan lhes armou, morrêram alguns dos principaes, elles se foram a outras partes, onde não esperavam achar tanta resistencia, fazendo muito damno por o muito que recebêram em Pondá; e com desejo de se vingarem, tornáram sobre Genetechan, o qual se vio tão apressado delles, que lhe veio a mover concerto, que deixassem elles as terras de Pondá, e Salsete, e se fossem para as terras de Singuiçar, Cacorá, e Bailim, e as tomassem com a Tanadaria de Cintacora, e as comessem livremente para sempre, com o qual partido se foram contentes. Genetechan, e os Mouros, que estavam recolhidos nas Ilhas, tornáram-se para suas casas, o que não ousáram fazer os Tanadares, temendo que como a gente estava levantada, por ser toda quasi Gentia, não lhe quizessem obedecer. Os Gançares dellas, que são as cabeceiras

obri-

obrigados aos pagamentos das rendas das Tanadarias, vendo que as terras ficavam assi desamparadas de Tanadares, enviáram muitos recados ao Governador Nuno da Cunha, que mandasse tomar posse dellas, porque elles as queriam entregar antes a elle, que aos Mouros, por serem delles mais vexados, e roubados. Nuno da Cunha dissimulou com este requerimento, não o acceitando, nem engeitando a offerta, esperando vir occasião para as elle haver com mais causa, por não romper a paz, que tinha assentada com o Hidalchan.

O Açadachan, como quem de algum lugar alto, e seguro está olhando algum grande fogo, que anda nos campos alheios, assi elle da sua fortaleza de Bilgan estava olhando em que haviam de parar todas estas cousas, que ardiam per tantas partes, cujo fogo elle accendêra, até que o negocio veio a parar no termo que elle mais desejava, que foi, escrever-lhe o Hidalchan cartas mui mimosas, rogando-lhe nellas muito que se fosse para elle, porque com seu conselho, e prudencia esperava governar melhor aquelle Estado; que lhe pedia por a obrigação que tinha aos ossos de seu pai, folgasse de lhe fazer aquelle prazer, e que elle lhe promettia mostrar-lhe logo per obras quanto isto estimaria. O Açadachan, que

era mui aſtuto , e diſſimulado, toda a ſua reſpoſta foi, pedir ao Hidalchan o houveſſe por eſcuſo, por ſer já mui canſado dos trabalhos da vida; e eſſa que tinha por paſſar, que ſeria mui pouca, ſegundo ſua idade, queria deſpender em ſe encommendar a Deos, ſem entender em outro negocio, e mais que elle tinha promettido de ir morrer a Méca, para lá fazer penitencia de ſeus peccados; que lhe pedia por mercê houveſſe por bem não lhe eſtorvar eſte caminho de ſua ſalvação; e para o melhor poder fazer, lhe fizeſſe mercê de huma carta para o Governador da India o recolher em Goa, para ahi embarcar para Méca; e que eſta licença haveria por maior mercê que quantas delle tinha recebidas; por tanto, que mandaſſe tomar poſſe das terras que ſeu pai lhe dera, porque elle com eſta ſua ida as deſpejava. O Hidalchan o tornou outras vezes apertar, ſem poder delle tirar outra couſa, de que indignado determinou de o ir deſtruir. Aviſado o Açadachan por alguma peſſoa, com quem o Hidalchan communicou o caſo, eſcreveo logo a Nuno da Cunha, fazendo-ſe grande ſeu amigo; e por lhe Nuno da Cunha ter eſcrito antes diſto ſobre as terras firmes; e como os Guançares o importunavam que mandaſſe tomar poſſe dellas, por eſtarem devolutas, e per-

di-

didas, o que elle deixava de fazer por amor delle Açadachan, e por a amizade que tinha com o Hidalchan. Nesta carta lhe respondeo, que elle as devia tomar, porque o Hidalchan não estava em tempo que as pudesse defender do Gentio; e porque melhor seria ter ElRey de Portugal o rendimento daquellas terras, que estarem em poder de quem as tinha. Nuno da Cunha vendo esta conjunção, que era a principal causa, com que se podia desculpar com o Hidalchan, que não mandára tomar aquellas terras por cubiça de seu rendimento, mas por estarem desamparadas: para atar bem este negocio, e mais a seu proposito, mandou ao Açadechan Christovão de Figueiredo, que era hum Cavalleiro da casa d'ElRey morador em Goa, de que já fallámos, por ser mui conhecido, e amigo do Açadachan, e mui acceito de todos os Senhores do Balagate; ao qual o Açadachan entre outras cousas lhe descubrio, que o Hidalchan, como homem ingrato, e vário que era, estava mal com elle, carregando sobre elle muitas culpas, e que por isso fazia muito fundamento da amizade de Nuno da Cunha: que lhe dissesse de sua parte, que lhe pedia por mercê, que sendo-lhe necessario recolher-se a Goa, o quizesse receber como amigo, e servidor seu, porque elle

ſe achava mui velho, e canſado, e não queria experimentar condição de novo Senhor, que logo começou ſeu reinado tirando os olhos a ſeu irmão, e depois matou o author diſſo, e fazendo outras couſas de mancebo cruel, e de pouco governo. E quanto ás terras, ſe o Governador Nuno da Cunha quizeſſe delle alguma ajuda para as tomar, elle a daria; e para mais confirmação da amizade com Nuno da Cunha, fez logo voto que ſempre ſeria em favor dos Portuguezes, e nunca per modo algum conſentiria ſerem aquellas terras tiradas a Goa, por ſerem erança da meſma Cidade. Ultimamente indo, e vindo Chriſtovão de Figueiredo com recados, aſſentou com o Açadachan per eſcritura, que viſto o eſtado em que aquellas terras eſtavam, e a grande deſtruição, que os Gentios nellas tinham feita, ſem o Hidalchan a iſſo acudir, por ter muitas occupações, e trabalhos; que o Açadachan, como vizinho mais chegado, a quem competia defendellas, per muitas razões que o moviam, deſiſtia dellas. Pelo que o Governador as podia tomar, e que em elle as acceitar fazia huma grande amizade ao Hidalchan; porque mais lhe importava o favor, e boas obras que recebia d'ElRey de Portugal, que o rendimento daquellas terras, que não era igual á deſ-

pe-

peza, que o Hidalchan fazia em as defender dos ladrões; e que por este serviço, que elle Açadachan fazia ao Hidalchan seu Senhor, era digno de o tornar á sua graça, da qual ao presente estava fóra, por se querer aquietar na velhice, e não o poder ir servir á sua Corte em cargos, e officios, que requeriam forças de homem mancebo, e mais são do que elle era. Assentado isto assi, Nuno da Cunha mandou tomar as terras,[a] como lhas tambem os Gançares offereciam.

CAPITULO VII.

Como o Açadachan se foi para ElRey de Bisnagá por descontentar ao Hidalchan, e Melique Verido foi perdoado.

SEndo a natureza, e estudo do Açadachan inventar enganos, e buscar escapulas de humas culpas com a fabrica de outras, tratou de insinuar-se na benevolencia d'ElRey de Bisnagá, a fim de metter o Hidalchan em grandes necessidades, e fazer que

[a] *Estas terras firmes de Goa foram já do Estado em tempo do Governador Diogo Lopes de Sequeira, e de Ruy de Mello Capitão de Goa, que as tomou, e os Mouros as cobrarám, governando a India D. Duarte de Menezes, sendo Capitão de Goa Francisco Pereira Pestana.* João de Barros *na 3. Decada no Cap. 5. do Livro 4. e no Cap. 10. do Livro 7.*

que o temesse a elle. Para o que mandou hum messageiro com cartas a ElRey de Bisnagá, perque lhe pedia seguro para se ir ver com elle sobre cousas que importavam muito a seu Estado. E para metter mais em suspeita de sua lealdade ao Hidalchan, e lhe dar mais em que cuidar, esperou a melhor occasião que podia ser. Esta era hum ajuntamento que ElRey de Bisnagá faz mui grande em cada hum anno, levando hum seu Idolo principal com muita solemnidade, com o qual corre com aquelle seu grande exercito por as partes principaes do Reino. A este Idolo se ajuntam todos os outros do Reyno, e feitas suas ceremonias, deixando o Idolo principal em seu templo, os outros se tornam para seus pagodes. E porque este anno quiz ElRey celebrar esta festa com maior exercito, do que levava quando hia á guerra, dizia o povo, que esta sua ida sob especie de festa, era para tomar a Cidade de Rachol, que o Hidalchan lhe tinha tomada, tendo-a o de Bisnagá ganhada ao Hidalchan, como na terceira Decada dissemos [a]. O Açadachan como teve o seguro d'ElRey, e cartas de muito contentamento de sua ida, partio de Bilgan com treze mil homens, de que os tres mil eram de cavallo, e duzentos elefan-

[a] *Liv. 4. Cap. 5.*

fantes. E ainda neſte caminho quiz enganar a Nuno da Cunha, a que mandou dizer, que enviaſſe com elle Chriſtovão de Figueiredo, porque faria com ElRey de Biſnagá, que por razão do Senhorio que tinha antigamente nas terras de Goa, fizeſſe doação dellas a ElRey de Portugal. Nuno da Cunha, poſto que o direito dellas ſe fundava no poder das armas contra os Mouros, quiz comprazer ao Açadachan; e para ao diante ter mais huma cauſa, ainda que fraca, mandou com elle Chriſtovão de Figueiredo.

O Açadachan como não queria perder aquella conjunção da offerta d'ElRey de Biſnagá, e para dar mais ſuſpeita de ſi ao Hidalchan, apreſſou-ſe tanto, que quando Chriſtovão de Figueiredo chegou a Bilgan, era já partido, e o foi tomar ao arraial d'ElRey de Biſnagá, de quem o Açadachan foi recebido com grande honra, e de boa entrada lhe deo logo duas Cidades, Tungé, e Turugel, vizinhas huma da outra, e pegadas no eſtremo da ſua Cidade de Bilgan, e lhe fez preſente de cem mil pardáos d'ouro, e peças que valiam outros tantos. Além diſſo lhe fez a maior honra que elle ſoe fazer aos mais principaes ſeus acceitos, que he dar-lhes a primeira entrada, quando pela manhã lhe vam fazer ça-

le-

lema, que he a adoração que fazem a ſeus Reys, e o antepoz neſta honra a todos os ſeus, do que os Senhores da Corte muito ſe anojáram por elle ſer Mouro, e que fora eſcravo do Hidalchan, e determináram de o matar. Mas ElRey ſe achou grande com ſua vinda, e ſe havia por o maior Rey do Mundo em o Açadachan o vir ſervir, deixando o Hidalchan, porque entendeo delle, que por cauſa de aggravos o fazia, e eſperava que com a indignação que trazia o ſerviria lealmente na guerra. Tambem o Açadachan fez preſente a ElRey de cavallos Arabios mui formoſos, e de elefantes.

O Hidalchan como ſoube da ida do Açadachan a Biſnagá, ſe deo por morto, e ſem Eſtado; e chamados com diligencia o Madre Maluco, e Cota Maluco, ajuntou quatrocentos mil homens, em que entravam nove mil de cavallo, e ſetecentos elefantes, e foi ter a hum lugar doze leguas donde eſtava ElRey de Biſnagá, o qual tinha comſigo quinhentos mil homens, dos quaes os doze mil eram de cavallo, e mil e ſetecentos e trinta elefantes, e o Açadachan com ſeu arraial eſtava apartado do d'ElRey, mas perto delle. O Hidalchan enviou hum meſſageiro a ElRey, que a elle lhe foi dito, que o Açadachan ſeu eſ-

cra-

cravo era fugido para ſua Corte; e porque nas pazes que tinham aſſentadas ſe continha, que todo o eſcravo, ou devedor, que fugiſſe de Reyno a Reyno, ſe reſtituiſſe, lhe pedia lho mandaſſe reſtituir, e entregar. ElRey ſem reſponder ao meſſageiro o mandou ao Açadachan, para que elle déſſe a reſpoſta, e que eſſa haveria por ſua. O Açadachan o reteve como prezo, e paſſados alguns dias o deſpachou, ſem ſe ſaber o que por elle mandou dizer ao Hidalchan, e enganou a ElRey, dizendo-lhe o recado que deo ao contrario do que o mandou, do que ElRey ficou mui contente.

Por eſte meſmo tempo Melique Verido, como fugio de Bider á furia do Hidalchan, per conſelho que lhe deram o Madre Maluco, e o Cota Maluco, eſtando ambos com o Hidalchan, ſe veio metter em ſuas mãos. E entrando na ſua tenda em habito vil, com huma machadinha ao peſcoço, ſe lançou aos ſeus pés, e em voz alta, que todos ouviam, diſſe: *Vês aqui, Senhor, o teu eſcravo Verido, a quem o Demonio enganou em fallar couſa, que quando agora, que eſtou em meu ſizo, caio nella, me foge a terra debaixo dos pés. Mas pois eſtou ante os teus confeſſando meu peccado, aqui trago neſte ferro o algoz delle, que me póde tirar a cabeça fóra dos*

om-

ombros. E ſe eu não ſou digno de tão honrada morte, ſeja qual tu mandares, que para iſſo eſtou aqui apreſentado, porque nunca Deos queira que eu viva, ſe minha vida te deſaprouver, que a mim não ſeria vida a que eu tiveſſe, eſtando fóra de tua graça. E aſſi a não tenho eu, pois offendi tuas orelhas com minha ouſadia de palavras, porque de então para cá ando converſando com as alimarias, comendo, bebendo, e dormindo nos campos, ſem ouſar de apparecer entre a gente. O Madre Maluco, e Cota Maluco, ainda que ſeu inimigo, interrompendo eſtas palavras, que já vinham com muitas lagrimas, intercedêram por elle com o Hidalchan de maneira, que lhe não ſoube reſponder, ſenão: *A bom tempo veio pedir perdão.* Per eſte modo foi Melique Verido perdoado do Hidalchan, e logo ſe começou a ſervir delle naquelle arraial por ſer havido por cavalleiro, e induſtrioſo. Mas não viveo muitos dias de paixão, ſegundo diziam, de ſe ver deſerdado do ſeu; e o Hidalchan por comprazer aos Capitães que com elle o ſerviam, deo a ſeu filho, que era menino de quatro annos, o ſeu Eſtado, de que mandavã recolher os rendimentos para lhos ter em depoſito, até ſer de idade para ſe governar.

CA-

CAPITULO VIII.

Do engano que o Açadachan fez a ElRey de Bisnagá, e a Christovão de Figueiredo: e como se veio fugindo para o Hidalchan, que por outros taes enganos o desejava matar.

TAnto que ElRey de Bisnagá assentou seu arraial ao longo do grande rio Nagundin, vendo que o Cota Maluco se viera para o Hidalchan, sendo elle antes grande inimigo de seu pai, por lhe querer tomar o Estado, e elle Rey o favorecêra como amigo, lhe mandou dizer, que huma das causas per que se deixava de chegar mais ao Hidalchan, e apresentar batalha, era por saber que elle ahi estava para o ajudar naquella guerra, o que elle não acabava de crer por duas razões: a primeira por ser filho de seu pai, que em quanto vivêra fora sempre perseguido do Hidalchan passado, e que o presente, depois que viera ao Estado que tinha por tão máos meios, ainda não sabia se lhe faria outra tal perseguição. A outra razão era, por elle Rey de Bisnagá ser tanto seu amigo, e mais certo que o Hidalchan, como tinha experimentado; e que do que mais se espantava, era dar-lhe sua neta por mulher, sendo ain-

da

da criança, e que ſe temia de a não poder caſar por falta de dote, que elle lhe promettia tal ajuda, com que a caſaſſe honradamente. Sobre eſtas razões lhe mandou dizer outras, para o tirar dalli, e o metter em odio com o Hidalchan. A eſte recado reſpondeo Cota Maluco em poucas palavras, dizendo, que eſtava em outro tempo, e que elle mudava as couſas. Como ElRey ouvio eſte deſengano, e ſoube que do Açadachan hiam, e vinham recados ao Hidalchan, houve-o logo por ſuſpeito, não que lhe tiraſſe a entrada honroſa que tinha, mas mandou a hum ſeu Capitão que tiveſſe olho nelle.

Neſte tempo o Açadachan pedia a ElRey, que da muita gente que alli tinha lhe déſſe alguma eſcolhida, porque com ella, e com a ſua ſe atrevia tomar todo o Eſtado do Hidalchan, em quanto o elle entretinha alli. ElRey lha não deo, e ſe poz em caminho para a Cidade de Rachol a lhe pôr cerco, como já fizera outra vez, quando a tomou ao Hidalchan velho; e indo já duas jornadas, e o Açadachan com elle, quando veio á terceira, que ElRey levantou ſeu arraial, dahi a duas horas levantou o Açadachan o ſeu. E como já tinha mandado ver o lugar per onde o rio Nagundin ſe podia vadear, chegou-ſe a elle,

le, e mandou paſſar a ſua gente da outra banda para ir ter com o Hidalchan. Vendo iſto o Capitão, que o trazia em olho, foi a grande preſſa aviſar ElRey, que logo fez volta, cuidandò que o pudeſſe alcançar; mas como o Açadachan levava grande vantagem de tempo, era já mui alongado do váo. Com tudo mandou ElRey alguns Capitães que o ſeguiſſem, como fizeram per eſpaço de algumas leguas, em que lhe matáram, e cativáram muita gente, e tomáram grande parte de ſua recovagem, e o Açadachan ſe vio em tanta preza, que á unha de ſeu cavallo eſcapou, ao qual elle depois teve tão mimoſo, por o perigo de que o livrou, que lhe mandava fazer a cama de colchões. Quando determinou de fugir, tres dias antes deſpedio a Chriſtovão de Figueiredo, a quem trazia enganado, detendo-o em palavras ſobre o negocio das terras firmes de Goa, que havia de tratar com ElRey de Biſnagá, como promettêra a Nuno da Cunha. Per eſta maneira ſe ſalvou o Açadachan no arraial do Hidalchan, que logo em chegando lhe fez mercê das terras de Curale, e Salſete, que começam em Banda, e chegam até as de Ceptapor, e Sarapatam, com que lhe ficavam terras, que pela coſta do mar tomavam vinte e oito leguas.

ElRey de Bisnagá tornado do caminho que levava contra o Açadachan, encaminhou seu exercito para Rachol, e mandou dizer ao Açadachan, que estava triste por haver dado gloria a seus Capitães de ficarem verdadeiros, e elle Rey enganado; porque quando o recolheo o avisáram, que se não fiasse delle, porque homem que não tinha fé com o Senhor, cujo escravo era, menos a teria com elle; mas que a desculpa que tinha era, que como elle vinha fugido, e buscava amparo de sua vida, e era proprio dos Principes soccorrerem a pessoas miseraveis, e condoerem-se dos necessitados, quanto lhe diziam seus Capitães contrariava; e que nenhuns homens são mais faciles de enganar que os Reys, e homens de espiritos generosos, porque as vilezas, e astucias de que não usam, não as entendem quando outros lhas fabricam. E que se sua vinda a elle fora para provar o seu dinheiro, mais honesto lhe fora mandar-lhe pedir mercê, e elle lha fizera maior, e não per aquelle modo de traição. O Açadachan lhe respondeo, que não havia Deos de permittir pollo em tanta necessidade, que fosse servir a quem não tinha conhecimento do mesmo Deos. E que quanto ao dinheiro, que muito mais lhe devia do que lhe dera, por fazer com o Hidalchan passado seu Senhor

nhor

nhor que ſe tornaſſe do cerco que lhe hia pôr á ſua Cidade de Biſnagá, onde houvera de gaſtar a vida, quanto mais tão pouco dinheiro, e aſſi iria huma couſa per outra.

O Cota Maluco, porque queria grande mal ao Açadachan, vendo que ſendo tantas vezes traidor ao Hidalchan, em chegando donde o fora offender, lhe fazia mercê de terras, que podia dar a hum filho, fingindo ter recado, que ElRey de Biſnagá lhe mandava entrar em ſuas terras, ſe deſpedio do Hidalchan, dando-lhe ainda hum remoque ſobre as mercês que fazia ao Açadachan, dizendo, que não queria perder o que tinha ganhado com tanto ſangue, pois até aquelle tempo não tinha medrado mais que o que elle ganhára pela lança. ElRey de Biſnagá como ſoube que o Cota Maluco era partido para ſuas terras, parecendo-lhe que o fizera por razão do recado que lhe mandára, enviou-lhe cem mil pardáos d'ouro, com os quaes elle fez gente, e foi pôr cerco á Cidade de Naiteguir, que era do Hidalchan.

Neſte tempo abalou o Hidalchan do lugar onde eſtava; e tanto que chegou ao rio Nagundin, não ouſou de paſſar, nem menos tornar atrás, ſabendo que ElRey tinha poſto em grande aperto a Cidade de Rachol,

chol, porque concorriam duas cousas, que o faziam não se mover dalli, saber que ElRey estava mais poderoso que elle, e ter experiencia do que acontecêra naquelle mesmo caso, e lugar, quando lhe tomáram aquella Cidade de Rachol; e o principal era ver o Cota Maluco partido, e não se fiar elle do Açadachan por suas malicias, e artificios. E temia que hum, e outro tivessem ordenado alguma cousa com ElRey, de que tinham recebido dinheiro, e boas obras, com que perdesse o Estado, e a vida. Pola qual razão se concertou com ElRey per esta maneira, que a Cidade de Rachol estivesse por elle Hidalchan como estava, e tivesse todas as terras que lhe pertenciam da parte de Oeste até Sudueste, e que ElRey de Bisnagá as de Leste até Suesste, que eram de maior rendimento, em recompensação do corpo da Cidade, que ficava com elle Hidalchan. E com este concerto ficáram em paz, e cada hum se foi para sua parte.

O Açadachan, porque não ousava de ficar com o Hidalchan ocioso, temendo que o matasse, por quantas maldades tinha commettidas contra elle, andava sempre ao longe, e offereceo-se que queria ir contra o Cota Maluco; que além de ter tomada a Cidade de Naiteguir, por cerco que lhe puze-

zera, andava deſtruindo outras Cidades, que não eſtavam providas. O Hidalchan lho agradeceo, e lhe mandou que foſſe diante, que elle em peſſoa queria ir ſobre a Cidade de Bichocondá. E como o Açadachan hia a eſte negocio de boa vontade, apertou tanto com o Cota Maluco, que o fez ſahir logo da Cidade; e aſſi como o Hidalchan hia de caminho, o Cota Maluco ſe foi metter em ſuas mãos, levando comſigo ſua neta, que lhe tinha promettida por mulher, e aſſi meſmo ſeu filho maior para caſar com huma irmã do Hidalchan. Com eſtes caſamentos ceſſou toda a furia da guerra, e ficáram em paz; mas com todo eſte parenteſco, em hum paſſo de ſerras, per onde ſe entra no Eſtado do Cota Maluco, mandou o Hidalchan da parte das ſuas terras fazer huma fortaleza, como freio contra o Cota Maluco.

CAPITULO IX.

Como ElRey de Cambaya mandou ao Hidalchan as insignias Reaes, para que se intitulasse Rey, e lhe désse obediencia, e como não quiz tal titulo: e das inquietações, em que andou o Açadachan, até que com medo do Hidalchan se lhe veio metter nas mãos com hum grande presente de dinheiro.

NEste tempo, que por os casamentos, e amizades com os Principes vizinhos, o Hidalchan estava quieto na sua Cidade de Bisapor, Soltam Badur Rey de Cambaya, que como altivo, e ambicioso se prezava de ter grandes Senhores por vassallos, e o Hidalchan era tão grande em estado, e riqueza, desejava de o trazer á sua amizade, e obediencia. Pelo que para o provocar mais a isso, o tentou com lhe offerecer titulo de Rey, que o Badur como maior Rey do Indostan dizia poder dar. Para este effeito lhe mandou huma embaixada per Xacoez, (que já a Nuno da Cunha mandára por Embaixador,) mandando-lhe por elle huma cabaia, huma touca, e hum sombreiro de Sol, vermelho, que são insignias Reaes, pedindo-lhe que por amor delle, como de amigo, acceitasse aquellas peças,

pois

pois com ellas ficava intitulado Rey, por o poder que elle como Rey de Cambaya tinha, ſegundo o coſtume do Indoſtan. E tambem lhe pedia quizeſſe chamar-ſe Badur, em memoria de receber de ſua mão o titulo de Rey, e que com iſto ficariam todos liados, e para ſempre amigos, pois ſeu tio o Nizamaluco, e Madre Maluco tinham acceitado ſua amizade, e lhe déſſe tambem ſua obediencia, como elles deram. Ao Embaixador fez o Hidalchan muita honra, e lhe deo grandes dadivas, e daquellas peças tomou a cabaia, e a touca, e não o ſombreiro, por não ficar com titulo de Rey, reſpondendo a Soltam Badur, que elle ſe contentava com o nome de ſeu pai, que era o de Hidalchan, e acceitava as outras peças como ſeu ſervidor, e amigo, em cuja amizade, e graça queria, e deſejava eſtar, com outras palavras de grande agradecimento. Procurava Soltam Badur eſta nova amizade do Hidalchan em odio dos Portuguezes, como adiante ſe verá, e logo aproveitou ao Hidalchan, porque o Nizamaluco eſtava para lhe fazer guerra, de que ceſſou por eſta nova liança. E o indicio diſto foi, que naquella conjunção o Nizamaluco mandára dizer a Nuno da Cunha, que lhe pedia por mercê lhe déſſe licença para tomar a Cidade de Dabul,

mandando ſahir della ſeu Feitor , e como a tomaſſe , o mandaſſe eſtar outra vez de aſſento nella como eſtava , e ficariam na meſma Cidade as pareas , que de antes pagava , e tudo o mais que elle ordenaſſe ſe faria. Nuno da Cunha lhe reſpondeo , que elle não conſentiria tal , por ſer amigo do Hidalchan , e que por nenhum intereſſe quebraria a paz , e amizade que com elle tinha , antes o ajudaria muito como bom amigo , e que outro tanto faria por elle Nizamaluco ; mas não em offenſa , e damno do Hidalchan , nem de qualquer outra peſſoa a que eſtiveſſe obrigado por lei de paz , e amizade , por a natureza dos Portuguezes ſer guardar verdade a quem o promettem. Com a qual reſpoſta , e com alinça de Soltam Badur , o Nizamaluco não procedeo em ſeu propoſito.

Entretanto o Açadachan , como ſe não ſegurava em ſeu animo , com aquella inquietação , que os homens , que não ſeguem virtude , comſigo tem , trazia ſempre diante as teſtemunhas de ſua conſciencia , que são os maiores algozes que huma alma póde ter. E como tal , temia que o Hidalchan tomaſſe vingança de ſeus feitos , como ſe viſſe ſem neceſſidade delle. Pelo que perſuadio ao Cota Maluco que ſe foſſe para ſuas terras , e começaſſe fazer guerra ao Hidal-

dal-

dalchan, em pagamento de quanto mal lhe tinha feito, e que elle faria outro tanto per sua parte, e assi haveriam satisfação de suas perdas. Cota Maluco assi o fez; e o Hidalchan entendendo que tudo procedia da maldade do Açadachan, e não o podendo acolher para o matar, como desejava, teve conselho com alguns seus privados, que remedio teria para isso, propondo-lhes as escapulas que o Açadachan buscava para o não acolherem, porque era tão manhoso, que quando lhe havia de ir fazer a çalema, ninguem sabia a hora, por variar elle os tempos, e sempre havia de ser quando elle Hidalchan estivesse só, e a ida, e a vinda era com muita gente, como quem se temia, e que não se podia commetter descubertamente, porque era mui poderoso em gente, e não era bem que por castigarem hum homem ruim, perecessem muitos bons, e a gente de cavallo que trazia era melhor que a delle Hidalchan, porque como estava em Bilgan, vizinho de Goa, escolhia os melhores cavallos que vinham de Arabia. Finalmente apontando outras muitas cousas, veio assentar com o parecer daquelles seus conselheiros, que devia despachar ao Açadachan para ir defender dos ladrões as terras, que lhe tinha dadas Genetechan, e as que o Governador da India tinha to-

ma-

madas. E que antes que o Açadachan partisse, mandasse ao Capitão de Meriche, que era seu criado, e tinha aquella Cidade por elle desde o tempo que lha dera Maluchan, que quando o Açadachan per hi passasse, (o que de necessidade havia de ser,) o prendesse; e quando o não pudesse fazer, lhe não obedecesse, posto que seu Senhor fosse. E que tanto que o Açadachan passasse a serra, e andasse na fralda do mar occupado na guerra com os Portuguezes, elle Hidalchan fosse com todo seu poder, e lhe tomasse Bilgan sua acolheita, e depois os passos da serra, para não poder tornar assima; e que per esta maneira huma de duas cousas o haviam de matar, ou á fome, porque lhe não iriam do Baluarte mantimentos, ou morreria em alguma batalha, se com os Portuguezes pelejasse. Para melhor córar esta partida, depois que o Hidalchan teve este conselho particular, e secreto, teve outro geral, para que mandou chamar ao Açadachan, e diante delle propoz a todos, como elle tinha feito mercê ao Açadachan da maior parte das terras firmes de Goa, e por isso a elle pertencia recuperallas de qualquer mão em que estivessem, e que isto era para que os mandára chamar, e assi a elle Açadachan, para logo ordenar de se partir antes que mais da-

mno

mno se fizesse. Approvada de todos esta proposta do Hidalchan, ficou o Açadachan mui contente por se alongar delle, cuja presença muito receava; e como homem que havia de fazer a guerra per aquella fralda do mar, e havia de pelejar com os Portuguezes, quiz levar dalli alguma gente a soldo, para que mandou pedir algum dinheiro ao Capitão de Meriche seu criado. O qual como estava já amoestado do Hidalchan, não respondeo ao Açadachan ao que pedia, dando por escusa, que nas obras da fortaleza, que lhe mandára fazer, tinha gastado muito. No modo desta resposta, o Açadachan como era suspeitoso, e astuto, pareceo-lhe que fallar este seu criado tão seccamente, vinha de alguma confiança que tinha em outrem, que o podia livrar do castigo. Com esta suspeita tanto trabalhou, que os privados do Hidalchan, a que dava parte de seus segredos, a quem elle grossamente peitava, lhe vieram a descubrir, que o Hidalchan desejava de o acolher para o castigar; mas não lhe disseram quando, nem o modo, sómente que se guardasse. E para descubrir mais a vontade do Hidalchan, hum dia pela sésta, sabendo que estava só, entrou com elle, e com duzentos mil pardaos que levava, se lançou a seus pés, dizendo: *Senhor, dizem-me que me queres*

pren-

prender, e matar: não ſei porque! Se meus inimigos to aconſelham, iſſo ſerá por inveja dos ſerviços que te faço, e verem que no tempo que eſtás mais eſcandalizado de mim, me vou eu offerecer com a peſſoa, e fazenda; e tem razão, porque outro tanto não fazem elles. Se me tens algum odio por cauſas que paſſáram depois do fallecimento de teu pai, e differenças entre ti, e Maluchan teu irmão, tirado o pezar que então tiveſte, por iſſo ſou eu digno de mercê, por comprir o teſtamento de teu pai, e querer ter mais conta com ſua alma, que com teu contentamento. Depois que quiz Deos que ficaſſes no Eſtado que ora tens, ſempre te ſervi. Verdade he que algumas couſas commetti por me aſſombrarem homens, que deſejavam ver-me poſto em odio comtigo; e eu por fugir a tua indignação, buſcava todo o modo, e cautela para ſalvar minha peſſoa, mais que por te deſervir, porque couſa natural he aos filhos fugirem a indignação dos pais, e aos ſervos a dos Senhores, porque o temor eſte ſó amparo, e refugio tem de auſentar-ſe do lugar do perigo. Porém ſempre com eſtas mudanças que fazia, ſempre perſeverei em te ſervir com toda a lealdade, obediencia, e fé. Se te diziam que tinha muito dinheiro, e que vendo-te em neceſſidades

não

não te ſervia como era obrigado , eu não tenho filhos , nem parentes para quem o haja de enthesourar , essa pouquidade que possuo tua he , pois ſou teu eſcravo. E o engano que tinha feito a ElRey de Biſnagá , moſtrando que o hia ſervir , acabou em tirar-lhe da mão eſſes duzentos mil pardaos d'ouro , que te aqui apreſento , delles em moeda , e delles em joias. O Hidalchan em quanto lhe o Açadachan dizia eſtas couſas , lançado a ſeus pés , eſteve ſempre mui prompto ao ouvir ; e tanto que vio o preſente , o levantou nos braços , dizendo : *Açadachan , eu tenho ouvido voſſas razões , e verdadeiramente que eu as recebo em meu animo por juſtas , e honeſtas. Verdade he que com algumas couſas que commetteſtes , depois que eu eſtou neſte eſtado , mais accidental que prudentemente me eſcandalizaſtes , lembrando-me voſſo ſaber , e idade ; mas no fim dellas , como vós dizeis , entendi , e vi que podia mais em vós a lealdade , que a paixão , por me acudirdes no tempo , em que maior neceſſidade tinha de voſſa peſſoa. Terdes inimigos , não vos eſpanteis , porque couſa he mui coſtumada aos homens que tem voſſas qualidades , moverem á inveja os que não são taes. Tende bom animo , e não vos agaſteis , certificando-vos que nunca poderei crer de vós*

ſe-

ſenão muita lealdade. E poſto que tambem de mim vos vão dizer alguma couſa que vos aſſombre, ſerá per boca de homens, que deſejam de vos pôr em odio comigo: por tanto ivos em boa hora, onde vos Deos dará tantas victorias, per que vos eu faça mais mercê do que importam as terras que is conquiſtar. Com iſto o deſpedio.

CAPITULO X.

Como o Hidalchan mandou hum meſſageiro ao Governador, que lhe alargaſſe as terras firmes, a quem dilatou a reſpoſta para Dio, para onde eſtava de caminho: E como Soleimão Agá per mandado do Hidalchan as veio correr, e cobrar, e lhe foi reſiſtido.

O Açadachan, como de ſua natureza era inquieto, e infiel a todos, tendo antes tramado com Nuno da Cunha, como atrás diſſemos, que houveſſe as terras firmes de Goa, lá negoceou com o Hidalchan que as cobraſſe, e impediſſe haverem-as os Portuguezes, parecendo-lhe que ficava deſculpado com elle do que com Nuno da Cunha tratára. E do que aſſi com o Hidalchan ordenou, procedeo enviar logo o Hidalchan hum Mouro por nome Suzaga a Nuno da Cunha, eſtando em Goa, no mez

de

de Setembro do anno de 1535., per quem lhe mandou huma carta de crença, e dizer-lhe de ſua parte, que Genetechan ſeu Capitão, que eſtava em Pondá, lhe eſcrevêra, como as terras firmes de Goa elle Nuno da Cunha as acceitára dos ladrões, que lhas tinham tomadas; e que Genetechan lhas pedíra da ſua parte, a que elle reſpondêra, que não via recado delle Hidalchan, que quando o viſſe, então reſponderia, e que para iſſo mandava Suzaga a pedir-lhe que as mandaſſe entregar. E que tambem lhe pedia que déſſe entrada aos cavallos para os levarem á ſua Corte, por a neceſſidade que tinha delles. Nuno da Cunha, que áquelle tempo era chamado á preſſa d'ElRey de Cambaya, e eſtava já quaſi embarcado, reſpondeo ao Mouro, que elle ſe partia para Dio, por a neceſſidade que de ſua preſença tinha Soltam Badur, para negocio que não ſoffria dilação, pelo que não podia então reſponder, que ſe podia ir em boa hora, e que de Dio mandaria ſeu meſſageiro ao Hidalchan.

Deſpedido eſte Suzaga, não tardou muito, que hum Soleimão Aga, Turco de nação, Capitão dos Pages do Hidalchan, (que he officio como ácerca de nós Capitão dos Ginetes,) arrendou ao Hidalchan as terras de Goa, dizendo, que á ſua cuſta as queria ir

to-

tomar das mãos dos Portuguezes, pois o Governador da India as não queria soltar. O Hidalchan lhas concedeo, e lhe deo comissão para prender Genetechan, por quão mal o tinha feito em não defender aquellas terras aos ladrões, e consentir que os Portuguezes as tomassem. Partido este Soleimão da Corte do Hidalchan, trouxe comsigo cem Turcos, e tornou com elle a Suzaga que dissemos, e pelo caminho veio ajuntando gente até chegar á fortaleza de Pondá, onde estava Genetechan, ao qual logo prendeo em ferros, e a seus Officiaes; e além de o assi ter prezo, o vituperava cada dia de fraqueza, e covardia, que não fora para defender aquellas terras. Ao que respondeo Genetechan, que o tempo dava por testemunha se o fizera bem, ou mal depois que elle tivesse algum recontro com os Portuguezes, que elle fallava como homem que os não experimentára. A gente vulgar como vio Capitão novo, e que se jactava de suas valentias, começou de se chegar a elle, parecendo-lhes terem nelle boa comedia. Com isto ajuntou quatro mil homens, a fóra mil que estavam em Pondá, e quinhentos que trazia em sua companhia com os Turcos.

Dom João Pereira Capitão de Goa, por Nuno da Cunha ser ido a Dio, per hum

Ca-

Capitão Gentio, (a que elles chamam em ſua lingua Naique,) mandou viſitar a Soleimão, como a homem vindo de novo a ſer ſeu vizinho tres leguas de Goa. Soleimão lhe não quiz reſponder, antes quizera prender ao meſſageiro, mas depois per intercesſão de Suzaga o deſpedio ſem reſpoſta alguma. E logo mandou lançar pregões, que ſob pena de morte ninguem levaſſe mantimentos a Goa, nem lenha, nem outra couſa alguma; e com quatro mil Soldados, de que cento e cincoento eram de cavallo, ſe partio logo, e foi correr as terras de Cocorá, que os Gentios comiam, por lhas Genetechan ter dado pelo concerto que atrás eſcrevemos. O primeiro lugar que tomou foi huma Aldea chamada Curturij, depois tomou Margam; que he hum templo, e pagode de Gentios cercado á maneira de fortaleza.

Neſte tempo mandou Chriſtovão de Figueiredo, que era Tanadar mór, e eſtava no pagode de Mardor, recado a Dom João Pereira, como eram entrados Mouros nas terras firmes, e que parecia que não vinham a pelejar: mas tanto que foram na Aldea de Verná meia legua de Mardor, mandou a Dom João outro recado já mais apreſſado, como homem que ſabia a tenção da vinda dos Mouros. Com eſte recado mandou

dou logo Dom João o Feitor Miguel Froes, genro de Chriſtovão de Figueiredo, com ſeis de cavallo, e alguns peães, e dizer a Soleimão que ſe ſahiſſe daquellas terras, pois não moſtrava eſcritura do Hidalchan, perque pediſſe a Nuno da Cunha que lhe ſoltaſſe as terras que tinha tomadas ao Gentio, polo que lhe amoeſtava, que ſe não metteſſe na conquiſta dellas, por não dizer depois o Hidalchan, que o Governador quebrára as pazes em pelejar com ſeus vaſſallos. Chegado Miguel Froes a Mardor, acertou de ir á Aldea Verná hum homem da terra, já feito Chriſtão, que por amor de Nuno da Cunha tomou ſeu appellido, e ſe chamou Manoel da Cunha, e era tão fiel, e tão cavalleiro de ſua peſſoa, que ſervia de Capitão. Eſte indo com alguma gente a Verná, (que antigamente fora huma Cidade de Gentios,) eſtava nella gente de Soleimão Agá, que como houve viſta delle, o foi commetter. Manoel da Cunha como homem prudente ſe fez em hum corpo, e deſpedio logo hum peão a grande preſſa a Chriſtovão de Figueiredo, que elle ficava pelejando com aquella gente. Chriſtovão de Figueiredo acudio com brevidade, mandou ſeu genro Miguel Froes com ſeis de cavallo, e vinte homens de pé; e por a gente que acudia ſobre elle ſer muita, o mais que

Mi-

Miguel Froes pode fazer, foi recolher a Manoel da Cunha, antes que o mataſſem, e aos que com elle hiam, e todos em hum corpo com boa ordem ſe foram retirando para o pagode Mardor, onde eſtava Chriſtovão de Figueiredo. E porém eram já tão apertados dos Mouros, por ſerem muitos, que ſe Chriſtovão de Figueiredo lhes não acudíra ao caminho com cem homens, alli perecêram todos. E neſte tempo tinha já Miguel Froes duas fréchadas, e ſeu cavallo muitas: eram feridos Thomé Velloſo Eſcrivão do Tanadar mór, e muita gente de pé. Finalmente primeiro que todos ſe recolheſſem, nas voltas que Miguel Froes fez com Amador Monteiro, e Franciſco Monteiro, (que eram as principaes peſſoas que moſtráram valor naquelle feito,) matáram os Mouros oito Portuguezes, e entre elles Antonio Cardoſo, e hum Naique da terra. Tambem dos Mouros ficáram muitos no campo, e Soleimão Agá tambem fora morto de huma eſpingardada que lhe deo na cabeça, ſe as voltas da touca que trazia o não ſalváram.

Tanto que os Portuguezes ſe recolhêram em Mardor, Chriſtovão de Figueiredo mandou Diogo Gonçalves de Figueiredo, e hum ſeu Meirinho, a Soleimão Agá per modo de tregua, notificando-lhe o que Dom

João

João Pereira mandou dizer. Mas o Mouro como quem fazia pouca conta disso, virou as costas, levando estes dous homens comsigo, e foi-se alojar perto dalli como em cilada, para que se os nossos com temor se quizessem ir para Goa, lhes désse aquelle folego, e depois dando sobre elles, lho tirasse com a vida. Mas Christovão de Figueiredo, que esperava ser logo cercado per elle, espedio hum homem de pé com recado a Dom João Pereira, fazendo-lhe saber o estado em que ficava, e o que tinha passado com Soleimão Agá. Com este recado que a Dom João foi, á noite seguinte dos dezoito dias de Novembro, mandou lançar pregões, que pela manhã todos, assi de pé, como de cavallo, com suas armas se fossem ajuntar no passo de Agacim. Neste lugar se ajuntáram duzentos homens de cavallo, e aos trinta delles mandou que se passassem logo além do rio com Jordão de Freitas, que era Tanadar mór de Goa, para soccorrer a Christovão de Figueiredo, antes que recebesse algum damno maior. Os Mouros como sabiam que o soccorro havia de vir, estavam postos em atalaia; e havendo vista de Jordão de Freitas, porque para ir a Mardor havia de ser per hum passo estreito, foram a elle. Mas entendendo Jordão de Freitas o que elles haviam de

fa-

fazer, deixou alguns dos que levava com a fardagem de pé, ordenando-lhes que como elle defcesse ao baixo, se mostrassem todos em huma assomada em maneira que parecesse muita gente; o que vendo os Mouros do lugar do passo, onde estavam espiando aos nossos, temendo que vinha muita gente, o desampararam, e foram dar nova a Soleimão Agá, o qual a este tempo estava com a mais gente sua ao redor de Mardor, como quem fazia fundamento de os não deixar sahir dalli. Mas tanto que lhe deram a nova, dissimulando a causa porque o fazia, poz-se a fallar com Christovão de Figueiredo, dizendo, que não queria pelejar com elle; mas a sua tenção era assentar paz com o Capitão de Goa, e que assi lho podia mandar dizer, e com isto se despedio, levando ainda comsigo Diogo Gonçalves de Figueiredo, e o Meirinho. E levava tanto o olho sobre o hombro, receando que a gente que viram fosse trás elles, que como desapparecêram de huma assomada, donde podiam ser vistos dos nossos, indo até alli seu passo cheio, deram os mais delles a correr, e tanto, que alguns de temor, por não rodearem alguns caminhos, se mettiam per lagôas d'agua, que havia na terra do tempo do inverno, e não parâram daquella corrida menos do pagode

de Margam, onde dormíram eſſa noite, e lhes morrêram alguns homens dos que levavam feridos do dia paſſado.

CAPITULO XI.

De algumas dúvidas que houve entre os Portuguezes, que eſtavam com Chriſtovão de Figueiredo, que ceſſáram com a vinda de Dom João Pereira, o qual ſeguio a Soleimão Agá, até ſe lhe acolher desbaratado.

JOrdão de Freitas chegando onde Chriſtovão de Figueiredo eſtava, houve grande contenda entre os moradores de Goa caſados, com a outra gente de armas. Os caſados queriam que Chriſtovão de Figueiredo ſe recolheſſe com toda a gente, e ſe foſſe para Goa, e deixaſſe aquellas terras; porque eſtarem com ellas de guerra, era grande oppreſsão da meſma Cidade, e não ſe podiam manter. E porque Jordão de Freitas tinha ſabido de Dom João Pereira, que logo hia trás elle aos ſoccorrer, e tambem a dar de ſi moſtra áquelles Mouros, deſviou eſta prática por tirar perfias, dizendo que eſperaſſem recado de Dom João Pereira, que elle determinaria o que deviam fazer, que entretanto elle ſe não havia de mover dalli. A eſte tempo Bade, hum Gentio, que era hum dos Capitães, que comiam

[illegible] as

as terras de Cacorá, e Bailin, mandou huma carta a Jordão de Freitas, dizendo se queria dar nos Mouros, que elle os iria esperar em hum passo, em que lhe podia fazer muito damno. Ao que lhe respondeo, que estava esperando por Dom João Pereira, que como viesse lhe mandaria a resposta, agradecendo-lhe a offerta.

Ao outro dia á noite, que Soleimão Agá dormio em Margan, mandou Diogo Gonçalves de Figueiredo, e o Meirinho, que tinha reteudos, com recado, que elle não queria outra cousa senão paz, e isto podiam affirmar ao Capitão, antes que entre elles houvesse algum damno de mais sangue. E despedidos os dous Portuguezes, entre os seus começou a dizer grandes feros, que não sómente nos havia de lançar das terras firmes, mas de Goa, no primeiro dia que lhe vissem o rosto; e que o sinal que para isso dava, era ter-nos alli encerrados entre quatro paredes do pagode, com morte de muitos, que os Portuguezes tinham perdido, sem ousar sahir dalli. E que o recado que mandára per aquelles homens que soltára, era para melhor os enganar. Jordão de Freitas respondeo a seu recado, que se paz queria, que o esperasse, que o iria buscar, e então assentariam as condições della.

A este tempo chegou Fernão de Lemos, Escrivão da Matricula de Goa, com recado de Dom João Pereira a Jordão de Freitas, que o esperasse, porque o havia de ter comsigo por hospede, e assi o fez. Estando os nossos armados no campo para o receber, tanto que elle appareceo a huma assomada perto donde elles estavam com huma grande grita de prazer, arremetteo com cento e cincoenta de cavallo que levava, e ajuntando-se com os outros, começáram todos de escaramuçar, chegando-se ao pagode. Apeado Dom João, assentou-se em hum poial ao pé de huma grande arvore, posta em hum largo, e limpo terreiro, como tem os Gentios ante seus pagodes para fazerem sombra á gente que vem a celebrar suas festas, nos quaes ha algumas arvores tão grandes, que se podem agazalhar debaixo quinhentos homens de cavallo, porque com artificio estendem os braços dellas para fazerem grande cópa. Soleimão Agá, que parece tinha atalaia sobre o que os nossos faziam, quando soube da muita gente de cavallo que era vinda, entendeo que era o Capitão de Goa. E apenas Dom João tinha descançado da festa, e escaramuça em que andára, quando chegou hum messageiro de Soleimão, perque lhe mandou dizer, que o Hidalchan seu Senhor mandára dizer ao

Go-

Governador Nuno da Cunha per Suzaga seu criado, que lhe entregasse aquellas terras, que tomára das mãos dos ladrões Gentios, por ficarem desamparadas da gente que alli tinha, ao que elle per suas occupações não pudéra soccorrer naquelle tempo; e que Nuno da Cunha respondêra a Suzaga, que lhe não respondia por estar embarcado para Dio, que de lá lhe responderia, o que até então não tinha feito, por a qual razão o Hidalchan dera a elle Soleimão Agá aquellas terras de arrendamento, e que por isso era vindo arrecadar o que dellas era devido; o que elle Senhor D. João não havia de impedir por razão da paz que o Governador tinha assentada com o Hidalchan. A isto respondeo D. João, que ao tempo que o Governador Nuno da Cunha se partíra para Dio, nenhuma cousa lhe mais encommendára que a guarda, e defensão daquellas terras; e pois o Governador não era presente, e elle Soleimão entrára nellas com mão armada, havendo paz entre elles, que lhe requeria que dentro de huma hora e meia se fosse; e não o querendo fazer, elle o iria logo lançar. O messageiro vendo tão estreito termo, lhe replicou, que dava mui breve espaço, sendo já passado a maior parte do dia. D. João o despedio, e quasi nas suas costas se poz a cavallo com sua

gen-

gente; e quando chegou junto de Margam, ſoube que Soleimão era já partido, ſendo Sol poſto, e mui allongado dalli; e ſegundo a nova que lhe a gente da terra deo do caminho que levava ſer mui aſpero, e fragoſo, per que não podia ir ſenão a fio, era ſignal do temor com que partíra, e levava. Por a qual razão hum Henrique de Menezes Gentio, que ſe fez Chriſtão em tempo do Governador D. Henrique de Menezes, foi dar na retro guarda de Soleimão Agá, no eſtreito do paſſo, por ſaber bem a terra; e depois de fazer grande eſtrago nos Mouros, que hiam a grande preſſa fugindo, tornou com a lança quebrada, e o cavallo ferido; mas D. João bradou muito com elle, e o quizera caſtigar, dizendo, que em quanto Soleimão Agá, e os ſeus caminhavam, hiam ſeguros delle, pois cumpríram o que lhes mandára.

Soleimão, aſſi por o damno que lhe eſte fez, como porque ſoube que huns Naiques Gentios ſe adiantáram para lhe ir tomar outro paſſo eſtreito, onde poderia receber muito damno, mandou dizer a Dom João Pereira, que para que era perſeguir a hum caminhante, que não podia ir mais depreſſa, que lhe pedia por mercê mandaſſe dizer ao Bada Naique o deixaſſe paſſar ſeguro; o que D. João fez, e não ſe par-

tio

tio para Goa, ſenão depois que ſoube que Soleimão Agá eſtava em Pondá com menos cem homens dos que levára dalli, (de que os dezeſeis eram de cavallo,) e outros feridos. Deſte damno, que Soleimão recebeo, houve grande prazer Genetechan, por as cruezas que com elle tinha uſado, porque não fora homem para lançar os Portuguezes fóra da terra; ao que elle reſpondia, que outra couſa ſentiria, quando tiveſſe experiencia dos Portuguezes; e com ella tornou Soleimão mais manſo do que veio.

CAPITULO XII.

Como Soleimão Agá, vindo a Pondá, fez algumas couſas em rompimento da paz, que o Governador tinha com o Hidalchan; e D. João Pereira lhe deo batalha, e o venceo.

TAnto que Soleimão Agá foi em Pondá, mandou dizer a D. João Pereira, que elle tinha cumprido com o que lhe mandára dizer, e que agora fizeſſe elle outro tanto, que lhe mandaſſe deſpejar as terras dos Portuguezes, que eſtavam nas Tanadarias, cujo rendimento era do Hidalchan ſeu Senhor, proteſtando ſe o não fizeſſe, de haver por rompida a paz. Ao que D. João reſpondeo, que elle o não havia por Capi-

tão

tão do Hidalchan, antes o tinha per hum homem alevantado, por não moſtrar chapa ſua, nem carta para o Governador Nuno da Cunha, em que o Hidalchan lhe eſcreveſſe, que o enviava áquelle negocio; e que elle eſcreveria logo a Nuno da Cunha, que fizeſſe ſaber ao Hidalchan o modo que elle Soleimão Agá tivera na entrada daquellas terras, para o caſtigar por iſſo. Soleimão Agá vendo eſta reſpoſta, mandou pregoar ſob graves penas, que ninguem levaſſe a vender a Goa mantimentos, ou outra couſa alguma. Deſte mandado o reprendeo Genetechan, que elle tinha prezo, dizendo: *Eu não tenho razão de te amoeſtar iſto, pois mo não mereces, tendo-me ſem cauſa deſta maneira ha tantos dias, poſto que já deves eſtar certificado á tua cuſta, quanto mais duro he o ferro dos Portuguezes do que tu cuidavas, como te eu diſſe. Mas por ſerviço do Hidalchan meu Senhor, não calarei o que me parecer deſta defeza que fizeſte. Quem te aconſelha tolheres que não levem a Goa couſa alguma? Tu ſabes que deſtas terras o Hidalchan não teria rendimento algum, ſe Goa não foſſe. Que ha Goa meſter dellas mais que huma pouca de lenha, e betele, de que os Portuguezes não uſam? Porque arroz, e trigo, e outras couſas de que ella he abaſtada, lhe vem*

de

de Ancola, Baticalá, Bandá, e de Chaul; e os moradores destas terras a troco de lenha, e hervas, trazem de lá ouro, prata, e cobre, com que pagam ao Hidalchan; e pela mesma Goa lhe vem os cavallos, que he todo o seu governo da guerra. Soleimão por não dar gloria a Genetechan, que apontava bem o que cumpria ao serviço do Hidalchan, o desviou com palavras em contrario, dizendo, que bem parecia ser amigo dos Portuguezes, pois com razões apparentes, que pareciam ser em proveito do Hidalchan, queria que fossem provídos do que haviam mester.

D. João como soube desta prohibição de Soleimão, mandou que andassem alguns catures per os passos per onde costumava da terra firme trazer o Gentio algumas cousas a Goa, para que o defendessem. Os Gançares da terra, tanto que víram que Soleimão Agá se acolhêra a Pondá com temor dos Portuguezes, enviáram logo pedir a D. João, que mandasse Tanadares para recolher a renda, antes que os Mouros lhes dessem alguma cresta contra sua vontade, como costumavam fazer. Sómente os de Margam, que sempre foram reveis, não mandáram recado algum. Para aquella recadação, mandou D. João o Feitor Miguel Froes com quarenta de cavallo pela semana

de

de Natal. E como Soleimão Agá não vio correr o commercio, e quão estreitamente D. João defendia a passagem dos Portos, houve por melhor conselho o que lhe dava Genetechan, e mandou-lhe pedir tregoas até o mez de Abril, que esperava recado do Hidalchan, a quem tinha escrito, as quaes lhe D. João concedeo por aquelle tempo sómente; porque teve recado de Nuno da Cunha, depois que soube daquella revolta de Mardor, que lhe fizesse guerra a fogo, e a sangue. E vendo D. João como o Governador por aquelle recado queria suster aquellas terras, teve conselho se seria bom fazer huma força na boca de hum rio, em huma ponta da terra, a qual cortada ficasse em Ilha, porque até alli podiam ir os nossos por mar, e era o caminho mais breve, e seguro para as Tanadarias, em que os Portuguezes haviam de residir. A qual obra sendo approvada per todos, se começou, e cresceo de maneira, que ficou com quatro baluartes de pedra, e cal, e se chamou a fortaleza de *S. João de Rachol* [a]; mas

[a] *Escreve* Diogo do Couto, *que D. Gonçalo Coutinho (que succedeo a D. João Pereira na Capitania de Goa) desfez a tranqueira de Mardor, a que se deo fogo; e sobre hum teso, que cahia sobre o rio, fundou de madeira grossa de duas faces, terra plenada, esta fortaleza de Rochol, da qual o Governador fez Capitão Alvaro de Caminha,* cap. [illegible] *do liv.* 10. Fernão Lopes de Castanheda *diz, que* D. João *fez a fortaleza, e que a fundou no Rio de Sal-*

mas a obrigação de a defender custou depois caro, como adiante diremos. Soleimão Agá vendo o muito que importava não ser alli feita aquella força, mandou defronte, ficando o rio em meio, fazer huma parede em modo de amparo, para que estivesse sua gente escudada, e com tiros impedissem os nossos no serviço da obra, e os barcos que hiam, e vinham de huma, e outra parte. Esta parede lhe foi logo desfeita com huma peça de artilheria, com que lhe matáram alguns homens, e com os nossos saltarem em terra, despejáram os mais.

Neste tempo, sendo quatro dias de Janeiro do anno de 1536. chegou hum Coge Hamed criado do Hidalchan a D. João, e lhe disse, que elle era vindo a Soleimão Agá com recado de seu Senhor, em que lhe mandava dizer, que não fizesse guerra, e deixasse estar aquellas terras no estado em que estavam, até vir o Governador a Goa, por razão das pazes que com elle tinha assentadas. Ao que D. João respondeo, que por a mesma razão de pazes não fizera elle guerra, sómente acudíra á ousadia de Solei-

sete seis leguas de Goa, e huma do passo de Borij sobre hum morro grande pegado quasi com terra firme, a qual era de fórma triangular, com tres baluartes entulhados até o andar das ameas do muro, no meio huma torre de homenagem, e que a acabou em espaço de tres mezes, e deixou nella por Capitão a Miguel Froes. Cap. 108. do liv. 8.

leimão, e que ſempre lhe pareceo que eſte ſeu atrevimento não procedia da vontade do Hidalchan. O Mouro lhe diſſe, que Soleimão Agá ficava já amoeſtado per elle, e ſeguro de ſe mais mover dalli. O meſſage deſte Mouro foi fingido per Soleimão, para que dando-lhe credito, por vir do Hidalchan, ſe deſcuidaſſem os noſſos da obra, e elle entretanto ſe aperceber do que lhe convinha, como logo moſtrou. E para maior diſſimulação, mandou lançar grandes pregões per toda a terra, que foſſem a Goa como ſohiam a comprar, e vender. Tambem mandou alguns Capitães com gente que foſſem ás terras de Bailin, e Cinguiçar, onde andavam Verugij, e Berugij. Os quaes Gentios, com ajuda de duzentos peães Portuguezes, de que era Capitão Franciſco Falleiro, em hum lugar onde os foram eſperar, matáram mais de tres mil homens a Soleimão, e glorioſos com a victoria, lhe mandáram dizer, que vieſſe elle em peſſoa a elles, e não lhe mandaſſe outrem por ſi. Ao que o Agá reſpondeo, que ſe elle tivera licença do Hidalchan não eſperára eſte recado. Mas por lhe elle mandar que não ſahiſſe de Pondá, não tinham elles razão de ſe gloriar. Outros quinhentos homens mandou Soleimão Agá ás terras de Bardés, de que hia por Capitão hum

Tur-

Turco chamado Sarnabote, contra os quaes foi Jordão de Freitas Tanadar mór de Goa, com cincoenta homens sómente; e sahindo em terra de huns bargantijs, em que foi per hum rio dentro, lhe queimou humas tranqueiras, que tinha feitas, e matou, e ferio, e cativou muitos delles, e quebrou hum vallos, com que a maré lhe alagou muita parte das sementeiras de arroz em huma varsia. Manoel de Vasconcellos tambem per outra parte lhe foi desfazer hum baluarte, que começava fazer no passo do Borij, queimando algumas casas que estavam ao redor com morte de alguns delles.

Soleimão Agá por mostrar á gente da terra que elle não estava encurralado dentro em Pondá com temor dos Portuguezes, vendo que a gente começava de o não estimar, por levar sempre na cabeça, ajuntou a mais gente que pode, e fez seu caminho a Margam, e per outra parte mandou a Sarnabote com outros quinhentos homens, que fossem a Bardés. D. João Pereira vendo que Soleimão começava descubrir a fraude de sua fingida paz, com a mais gente que pode se passou além das terras firmes, contra aquella parte onde Soleimão fazia seu caminho, e mandou a Jordão de Freitas com vinte de cavallo, e oitenta de pé, que fosse lançar a Sarnabote das terras de

Bar-

Bardés, em quanto elle hia buſcar a Soleimão Agá. Mas Sarnabote como trazia vigia em ſi, tanto que ſoube da paſſagem de Jordão de Freitas, ſe poz em ſalvo, não ouſando de o eſperar, com a qual fugida foi Jordão de Freitas em buſca de D. João, que achou já no pagode de Margam, com toda a gente que levava, e com a que tinha Chriſtovão de Figueiredo, no qual ajuntamento havia quinhentos Portuguezes, de que os cento e cincoenta eram de cavallo, e ſetecentos Canarijs da terra, em que entravam duzentos eſpingardeiros. Eſtando D. João duvidoſo do que faria, chegou de Bailin o Capitão Gentio Verugij, e lhe deo nova como Soleimão Agá eſtava em propoſito de vir queimar o pagode de Margam, para os Portuguezes perderem aquella acolheita; e que quando ſoubera que elle D. João alli eſtava tão perto, ſe tornára para outra parte.

Andando aſſi em mudanças Soleimão, e não aſſentando em hum lugar certo, com medo dos Portuguezes, tornou o Capitão Verugij, que andava por mandado de Dom João trás o raſtro de Agá a lhe dizer, que o tinha amalhado ao pé de huma ſerra, que com dous braços que ſahiam della, fazia hum ceo á maneira de Lua em hum campo chão mui diſpoſto para pelejar. Dom

João

João informado daquelle ſitio, concertou com Verugij, (que a iſſo ſe offereceo,) que ſe foſſe a hum paſſo, per onde Soleimão havia de paſſar quando fugiſſe, e elle ſe foi a eſte lugar onde eſtava Soleimão; o qual como homem que receava aquelle dia, tinha as coſtas na ſerra que diſſemos. E quando ſoube que os noſſos eram tão perto, que não tinha tempo para ſe dalli ſahir, começou logo de ſe ordenar, ſe lhe quizeſſem dar batalha. D. João como ſoube da gente da terra que Soleimão eſtava já poſto em ordem de ſe defender, ordenou a gente que levava per eſta maneira. A Jordão de Freitas Tanadar mór deo a gente Canarij da terra, e os eſpingardeiros a Galvão Viegas, e mais a gente da terra que comſigo tinha; e Chriſtovão de Figueiredo, e D. João ficáram na retro guarda com a maior parte da gente de cavallo, e de pé. Soleimão Agá tinha tambem repartida ſua gente em tres batalhas, huma era de duzentos de cavallo, de que os quarenta eram acubertados, e entre hum, e outro, ao ſeu modo, cinco homens de pé frécheiros: outra parte era gente de cavallo, que tomou para ſi; e a outra era de pé. Tanto que lhe os Portuguezes deram viſta, por o não tomarem entallado, quando chegáram a tiro de eſpingarda, Soleimão arremetteo, na

qual

qual furia os peães de D. João, que eram da terra, começáram a remuinhar, e pôr-se em fugida, cousa que entre elles se não tem por infamia. Os espingardeiros de Galvão Viegas, porque elle se poz a cavallo, tambem se desordenáram de maneira, que poucos acertáram tiro. E o que a huns, e outros mais desordenou foram foguetes, e bombas de fogo, que os Turcos usam no primeiro rompimento, com que embaraçáram a gente, e os cavallos não acostumados a isso fugiam com seus Senhores, sem darem por freio. Quando D. João vio que estes se retiravam, arremetteo não como Capitão, mas como cavalleiro, de huma lança, que queria ganhar honra, dizendo: *Siga-me quem quizer, que eu com victoria espero em Deos de lançar estes inimigos daqui.* Com as quaes palavras assi o seguíram todos, que naquella primeira arremettida começáram logo os acubertados alijar as peças dos cavallos para ficarem mais leves. E quem fazia maravilhas com os instrumentos de fogo, era huma feiticeira em trajos de homem, a quem matáram seu marido os Portuguezes, quando corrêram os Mouros a Christovão de Figueiredo em Margam, e tinha dito a Soleimão Agá, que confiadamente podia accommetter aos Portuguezes, porque ella com seus encanta-

men-

mentos lhes ataria as mãos, e os pés, com que elle ficasse senhor delles, e de suas fazendas. Mas ella ficou mentirosa, porque parece que Deos deo dobradas, e mais desimpedidas mãos aos nossos; porque segundo no primeiro accommettimento o temor os encolhia, assi se houveram depois que D. João começou a pelejar, que logo Soleimão Agá foi de repente desbaratado, e desamparou seu arraial como estava inteiro, e se poz em salvo. E não sómente o despojáram os que o vencêram, mas os Gentios moradores da terra se carregáram bem de fazenda. Neste despojo se houveram duas tendas mui ricas, huma de Soleimão Agá, e outra de Abedechan Tanadar mór das terras de Pangij, que o veio ajudar, que com a tenda tambem perdeo a vida. Dos seus ficáram alli mortos passante de cincoenta, todos homens principaes, e outros tantos cativos da gente commum. E Fernão de Lemos, Diogo Mendes, Affonso Pico, e Crisná hum Gentio honrado, que foram no alcance quasi legua e meia, á passagem de hum rio, e pelo caminho matáram mais de cento e cincoenta, a fóra mais de trezentos que se affogáram mettendo-se pela agua, que por ser o lugar estreito, e a maré cheia, não se puderam salvar. Além deste damno, que aqui recebêram os dous Naiques de

Bailin, no passo onde os foram esperar, lhes tomáram cincoenta cavallos, porque nelle hum homem de pé podia desbaratar quatro de cavallo. Finalmente Soleimão Agá chegou a Pondá com perda de hum sobrinho que lhe matáram, e mais de oitocentos homens, em que entrou muita gente nobre. Dos nossos foram feridos dez, ou doze, sem morrer algum; e os principaes que naquelle feito se mostráram bem desatados dos ligamentos da feiticeira, foram Jordão de Freitas Tanadar mór, Fernão Ferreira, Paio Rodrigues de Araujo, Miguel Froes, Bastião Lopes Lobato, João Raposo, Belchior Botelho, Fernão de Lemos, Vasco Fernandes, Galvão Viegas, Bartholomeu Bispo, Mattheus Fernandes. [a] Alcançou-se esta victoria a 7. dias de Fevereiro daquelle anno de 1536. [b] e foi a mais notavel que até este tempo os nossos houveram naquellas terras firmes, sem perigo delles, e tanta mor-

te

[a] *De mais dos nomeados se achåram nesta batalha, Vicente Colaço, e Jorge Garces Vereadores de Goa daquelle anno, Galás Viegas irmão de Galvão Viegas, Pero Preto sogro de D. Diogo de Almeida Freire, Sebastião da Fonseca, Gregorio Martins, Francisco de Mendoça, Manoel de Vasconcellos, Affonso Pires do Valle.* Diogo do Couto *cap. 5. do liv. 10.*

[b] *Antes desta victoria, escreve* Francisco de Andrade, *que alcançou outra D. João Pereira do mesmo Soleimam Agá, de que nenhum outro Author faz menção. Cap. 9. da 3. Parte.*

te de ſeus inimigos. E dos Canarijs foi celebrada com grande feſta, por Soleimão Agá ſer hum homem de ſua condição cruel, e tyranno. O qual ſobre ſeguro, vindo-lhe fallar vinte e cinco Naiques das aldêas de Bailin, os mandou enforcar cada hum em ſua arvore, com que eſcandalizou todo o Gentio da terra. Outra couſa mui mal recebida de todos, foi tomar toda a fazenda de Abedechan, que por o ajudar morreo no arraial, dizendo que elle o desbaratára, porque a primeira gente que fugíra fora a ſua, e mandou que ſeu corpo não foſſe enterrado, e que ficaſſe no campo para ſer comido dos cães, não lhe lembrando que Abedechan morreo pelejando por elle como cavalleiro, e elle ſe ſalvou fugindo como covarde. Por os quaes feitos, e por outros, alguns homens principaes ſe ajuntáram, e foram a Bilgan a fazer queixume delle a Mir Mujale Capitão do Açadachan por elle não ſer preſente, pedindo-lhe que mandaſſe aquelle homem que não fizeſſe guerra aos Portuguezes, porque a terra ſe perdia, e não tinha a gente com que pagar os direitos, o que logo Mujale fez per hum requerimento, que mandou fazer a Soleimão, ameaçando-o com o Hidalchan, e com o Açadachan, ſe, até o Governador Nuno da Cunha vir, elle buliſſe comſigo.

Ao que elle obedeceo, e como anojado se sahio de Pondá, e se foi metter em huma Mesquita, onde esteve até a vinda do Açadachan, de que agora tornaremos a fallar.

CAPITULO XIII.

Como o Açadachan se partio per mandado do Hidalchan cobrar as terras firmes de Goa: e o que passou neste caminho, e depois com Nuno da Cunha.

O Açadachan partido do Hidalchan para ir conquistar as terras firmes de Goa, foi-se direitamente á Cidade de Meriche, onde Mahamed Barin Capitão della, que fora seu criado, o não quiz acolher por as razões que atrás dissemos. E passadas sobre isso muitas práticas, respondeo por derradeiro, que tinha recado do Hidalchan que o não recolhesse, nem obedecesse. Disto ficou o Açadachan mui indignado, e bem entendeo, que os recados que elle tinha do Hidalchan não eram sem causa, pois aquelle seu criado, e feitura, que elle alli puzera, lhe fallava tão soltamente. E desejando tomar vingança delle, mandou logo trazer de Bilgan muita artilheria para combater a Cidade, como fez, de que derribou hum lanço do muro. Mas quando quiz commetter a fortaleza, como elle mesmo a tinha forta-

falecido pouco tempo havia, deteve-se muito nisso. E antes que começasse a bateria, espedio a grã pressa hum messageiro ao Cota Maluco, fazendo-lhe saber o que achára em Meriche, e o engano que lhe o Hidalchan fizera no seu despacho, que lhe pedia muito que apertasse com elle pela entrada de suas terras, que então tinha tempo, porque elle pela sua parte lhe daria bem que fazer, e outro tanto fez ao Nizamaluco. O seu criado Barin como vio sua determinação, e o querer entrar per combate, fez saber ao Hidalchan o estado em que ficava, e o que mandava que fizesse. O Hidalchan como estava apercebido para este caso, espedio a grã pressa hum seu Capitão capado com dez mil de cavallo, e muita peonage, que se viesse lançar á vista do arraial do Açadachan, mas que não pelejasse com elle até ver recado seu. O Açadachan tinha comsigo tres mil de cavallo, e nove mil de pé, e como vio vir esta gente tão prestes, entendeo que o Hidalchan não tardaria muito, e logo lhe veio recado da Corte pelas intelligencias que nella tinha, como o Hidalchan ficava de caminho. Com esta nova disse o Açadachan publicamente: *Se querem que me vá daqui sem primeiro tomar vingança deste traidor, eu o farei, mas não para metter-me dentro em Bilgan, porque não*

não ſou eu o homem, que ha de morrer encerrado em caſa, ſenão no campo. Mas com todas eſtas razões ditas em público, como era manhoſo, e cheio de artificios, ſaltou em outro propoſito, dizendo, que pois o Hidalchan ſeu Senhor lhe eſcrevia que deſcercaſſe Meriche, e ſe foſſe para Bilgan, e dahi para onde o mandava, que queria mais cumprir ſeu mandado, que ſeu proprio deſejo, que era caſtigar aquelle traidor, e revel criado. Mas elle não fez mais caminho que deſabafar Meriche, e poz-ſe entre ella, e Bilgan, eſperando a mudança que o Hidalchan fazia. Dahi mandou recado a Soleimão Agá Capitão de Pondá, que em nenhuma maneira fizeſſe guerra aos Portuguezes, antes deixaſſe correr livremente o commercio de todas as couſas para Goa, porque aquelle negocio elle o havia de acabar per cartas ſuas com o Governador Nuno da Cunha, e não per o modo que elle até então tivera.

Não ſería o Açadachan apoſentado no lugar, que tomou para eſperar o que o Hidalchan fazia de ſi, que eram ſete leguas de Meriche, quando o Hidalchan per outro recado, que lhe o Capitão cercado mandou, partio ſómente com duzentos de cavallo, como pela poſta, e em dous dias andou vinte e oito leguas, que são da Cida-

de de Bisapor a Meriche, e quando chegou se foi aposentar no arraial do seu Capitão capado, não se fiando de entrar na Cidade. Da qual mandou sahir ao Capitão Barin, e o levou comsigo, tornando-se para Bisapor com todo o exercito. Dalli mandou recado ao Açadachan que mandasse pôr cobro na Cidade, porque elle lha deixava livre, e levava comsigo Mahamed por lhe não fazer mal com a indignação que delle tinha, ao qual não devia de culpar, porque tudo o que fizera fora por seu mandado; e que a causa de elle lho mandar fazer foram mexericos, que delle Açadachan lhe disseram nas costas da prática que com elle tivera. O que elle tinha sabido serem cousas de homens, que lhe tinham inveja á mercê, que lhe fizera das terras firmes que lhe mandára conquistar; mas como soubera a verdade, fizera aquelle caminho tão apressado a fim de o vir metter em posse do seu; que se fosse em boa hora a fazer o que lhe mandava, por quanto lhe era dito que os Portuguezes tinham tratado mal a Soleimão Agá. O Açadachan por este recado lhe mandou beijar os pés, e dizer, que elle se partia logo a fazer o que lhe mandava; mas não se fiava delle, nem o Hidalchan descançava em suas cousas, porque per huma parte era hum escravo seu muito sujeito, e hu-

humilde, e per outra via eram tudo traições, e maldades não pensadas, postas em effeito, como logo vio, tanto que chegou a Bisapor, onde lhe veio recado que o Cota Maluco entrava per suas terras, o que entendeo ser per incitamento do Açadachan; o qual sendo tornado a Meriche, se poz a reformar o damno que lhe fizera, e dahi se veio a Bilgan prover do necessario para a conquista das terras firmes, o que fazia algum tanto de vagar.

Neste tempo sesta feira antes de Ramos chegou o Governador Nuno da Cunha a Goa, deixando as cousas de Dio no estado que dissemos, quando tratámos d'ElRey de Cambaya, e logo mandou dizer ao Açadachan da sua vinda, e que estava espantado das cousas que achava feitas nas terras firmes, das quaes ainda que soubera em Dio per cartas, que lhe escreveo o Capitão de Goa, não lhe parecia ser tanto o mal, como sendo presente via: que se maravilhava muito de elle consentir que andassem aquellas terras tão revoltas, e tão destruidas com os damnòs que a gente tinha recebido, que antes de muitos dias não haveria quem as cultivasse, nem habitasse. E que segundo tinha sabido, a maior parte deste mal procedêra de hum homem tão cruel como era Soleimão Agá, que fez muitas cruezas á

gen-

gente mesquinha. E o de que mais se espantava era de lhe dizerem, (o que não cria,) que elle em pessoa vinha novamente sobre aquellas terras, que não sabia a que, por estarem tão enfermas, e feridas dos damnos passados, que nem para pastar as hervas o podiam soffrer, tanto mais as obras que fazem os soldados por mui comedidos que sejam, porque naturalmente he gente que vive do sangue dos lavradores. E que a lhe dizer verdade, a elle lhe fazia pouca cubiça aquellas terras, sómente as queria para que a sua gente d'armas tivesse onde ir montear, porque com as cousas de Cambaya, (como elle sabia,) ficava tão ociosa, que era necessario para se não amolecerem, e corromperem com o ocio, darlhes alguma honesta occupação como he a caça. E que se de Dio escreveo ao Capitão que as não soltasse, era a este fim, e por o concerto que com elle se fez, como sabia. Por tanto lhe pedia, e rogava, que a amizade, e paz que entre elles era assentada, não se rompesse, pois de a ter o Hidalchan com os Portuguezes, recebia mais proveito do que a elles lhe vinha. E bastava para saber quão proveitosos amigos eram os Portuguezes em o negocio presente, que ora estava á vista de toda a India, não achar Soltam Badur outro amparo, e segurança senão nelles.

O

O Açadachan como fora o author de Nuno da Cunha mandar tomar as terras pelo modo que atrás ſe vio, não ſe quiz deſcubertamente moſtrar culpado na ſua vinda, nem menos eſcuſo della, e mandou-lhe confeſſar o que tinha dito; mas que bem via elle quantos trabalhos tinha até então paſſados com o Hidalchan por inimigos ſeus, que lhe andavam á orelha, e que alli onde eſtava o não deixavam aſſocegar, e que elle muitas couſas lhe concedia, e em muitas lhe obedecia, não por lhe parecer bem, mas por ſer homem mancebo, appetitoſo, e deſconfiado; e contrariar-lhe qualquer couſa, em que elle moſtrava goſto, era total deſtruição ſua. E que como o Hidalchan neſta vinda ſobre as terras firmes, era a em que ao preſente mais appetite tinha, não podia elle tão deſcubertamente deixar de ir avante, e cumprir ſua vontade; mas que faria eſte caminho de vagar, porque por ventura neſte meio tempo lhe veria outra vontade. E aſſi o moſtrou o Açadachan logo nos apercebimentos da guerra, indo mui vagaroſo nelles. Mas tudo iſto era artificio para fazer com o Hidalchan ſeus negocios melhor, e não por reſpeito de Nuno da Cunha, porque a verdade deſte vagar era, que entendia per aviſos de ſeus amigos, que trazia em caſa do Hidalchan,

que

que como andasse envolto na guerra com os Portuguezes, lhe havia de ir tomar Bilgan, que era o seu coração, por ter alli sua fazenda, e segurança de todo seu ser. O Hidalchan lhe dava ainda maior suspeita, porque o apertava muito com cartas que fosse avante, e ainda lhe conveio escrever-lhe muitas palavras de mimo, e segurallo, até lhe mandar hum Capitão Abexij chamado Rahen, dizendo, que se o deixava de fazer, porque não tinha tanta gente como queria para accommetter aquelle feito, elle lhe mandava aquelle seu Capitão com quatro mil homens, e com elle mandou tambem Genetechan, que estava prezo em Pondá, a quem elle dava aquella Tanadaria, e mandava que se fosse della Soleimão Agá seu inimigo, por a má informação que tinha de como alli se houvera. Com estes quatro mil homens que de novo vieram ao Açadachan, ajuntou elle em Bilgan doze mil, em que entravam quatro mil de cavallo, e duzentos espingardeiros.

Estando assi alguns dias levando as cousas de vagar, veio-lhe recado como os Mogoles entravam pelas terras de Madre Maluco, o qual o mandou ao Hidalchan, dizendo, que se fizessem ambos em hum corpo para lhe defender a entrada. Com esta

no-

nova, dizem que o Hidalchan mandou ao Açadachan que não passasse abaixo ás terras firmes, até saber em que parava este aviso dos Mogoles. Outros dizem, que o Açadachan fazia nova mais verdadeira do que era, por ter escusa no vagar que levava; porque tendo elle já mandado fazer largos caminhos nos passos de Gate até Pondá, por ser cousa mui trabalhosa de passar hum tão grande exercito como elle trazia por elles, e muitas peças de artilheria, que era já posta em caminho para estar na fortaleza de Pondá, mandou que não fosse por diante. E elle tambem estando no campo fóra de Bilgan com suas tendas armadas, e o arraial assentado, tornou-se a recolher á Cidade, e ao Genetechan que tinha espedido para Pondá, e estava já em hum lugar chamado Chocolá, que he no Gate, mandou-lhe que se detivesse, e não passasse avante. Finalmente com grandes intervallos, fingindo ora huma cousa, ora outra, chegou a Pondá com vinte mil homens a 17. de Maio daquelle anno de 1536.

CA-

CAPITULO XIV.

Como chegando o Açadachan a Pondá, mandou huma carta do Hidalchan a Nuno da Cunha, è da resposta que a ella deo: e do que mais succedeo entre elles.

TAnto que o Açadachan chegou a Pondá, logo aos 20. dias do mez de Maio mandou a Nuno da Cunha huma carta do Hidalchan com o messageiro que trazia, cuja substancia era, que elle mandava o Açadachan com vinte mil homens a cobrar as terras firmes, que elle tinha usurpadas; e que aquella carta não era para mais que dar crença ao que lhe mandava dizer per aquelle messageiro. Nuno da Cunha o mandou receber, e depois de ter lida a carta, ouvio o que da parte de seu Senhor lhe dizia, que foi huma grande arenga, começando do tempo de Affonso de Albuquerque, e das pazes que fizeram com o Sabaio seu avô [a], e a continuação daquella amizade entre seu pai, e todos os Capitães que governáram a India, até elle Nuno da Cunha. E que elle como herdeiro de seu pai queria continuar esta paz pela maneira que sem-

[a] *Segundo o que escreve* Diogo do Couto, *houvera de dizer com o Cufo* Hidalchan *seu avô.*

ſempre tiveram, e não queria que houveſſe couſa entre elles para ſe quebrar. E ſobre iſto outras muitas palavras, cuja conclusão era, que lhe ſoltaſſe as terras, e pagaſſe os rendimentos que tinha recebido dos Gançares. Nuno da Cunha, como já com todos os Capitães, e peſſoas notaveis do conſelho da governança da India tinha aſſentado a ſubſtancia da reſpoſta que havia de dar, por ter ſabido a que o meſſageiro vinha, logo em público, onde elle fez ſua falla, lhe diſſe, que elle não queria dilatar reſpoſtas, como outros uſavam, trazendo os meſſageiros em dilações, nem traria razões dos tempos tão atrás, como era o de Affonſo de Albuquerque, mas ſómente do preſente, depois que o Hidalchan fora mettido em poſſe de ſeu Eſtado. E que a reſpoſta ſería para a elle dar ao Açadachan, que eſtava em Pondá, como elle dizia, com vinte mil homens, o qual ſe vinha com deſejo de pelejar com os Portuguezes, elles eram homens que não haviam de negar a luta, e que iſto diſſeſſe ao Açadachan. E que quanto ao Hidalchan, elle lhe eſcrevia largamente ſobre o negocio; e com iſto o eſpedio. A ſubſtancia da carta para o Hidalchan foi, que quando ſe tomáram aquellas terras dos Gentios que as roubavam, foi per conſelho do Açadachan, cujas cartas tinha, por elle Hidal-

dalchan eſtar naquelle tempo mui occupado em couſas do ſeu Eſtado, a que lhe convinha primeiro acudir; e como couſa que eſtava devoluta, e vaga, lançára mão dellas. E que como marco, e padrão da poſſe mandára fazer aquella força, ſobre o qual negocio eſcrevêra a ElRey ſeu Senhor, e por iſſo elle não podia ſem ſeu mandado ſoltar o que huma vez tomára. Antes lhe parecia que elle Hidalchan como peſſoa, que novamente ſuccedia no Eſtado de ſeu pai, que fora tão grande amigo d'ElRey ſeu Senhor, como elle dizia, devêra de folgar de o ter por eſſe, porque os Eſtados da India não eſtavam tão ſeguros que não houveſſem meſter por amigo hum tal Principe como ElRey de Portugal; e que bem preſente eſtava nos olhos de todos a proſperidade d'ElRey de Cambaya, o qual vindo a cahir della, nem em vaſſallos, nem em vizinhos de ſua ſeita achou ajuda, e amparo, ſenão em ſeu Governador da India, contra o qual antes ſe moſtrava tão izento, que pedindo-lhe as terras de Baçaim, não lhas quiz dar, e depois não ſómente lhas deo ſem requerimento, (o rendimento das quaes he dobrado do das terras firmes de Goa,) mas ainda huma fortaleza na Cidade de Dio, que elle tanto tempo negou, ſómente por ter o favor dos

Por-

Portuguezes, e não outro mais certo remedio, e amparo em ſua preſente neceſſidade. Tanto poder tinha a fortuna varia dos homens, que dos inimigos faz amigos, e em os acharem ſe tem por bemaventurados; e que quanto ao desfazer da fortaleza, ſobre que lhe ſeu meſſageiro fallára, ella tinha cuſtado tanto trabalho, e ſangue aos Portuguezes, que antes todos morreriam ſobre ella, que tal conſentir. Quando o meſſageiro veio buſcar eſta carta, e deſpedir-ſe do Governador, lhe pedio que lhe fizeſſe huma mercê, que elle teria por mui grande, que era mandar que não fizeſſem guerra até elle ir, e vir do Hidalchan, o que lhe o Governador prometteo. Mas como elle conhecia as aſtucias do Hidalchan, por o não tomar deſcuidado, mandou armar certos catures, e batéis, que andaſſem em capitanías per todos os rios, e eſteiros que vem ter a Goa, vigiando o que ſe fazia em terra, e ſe ordenavam os Mouros algumas jangadas de madeiras, em que elles coſtumavam a paſſar gente á Ilha.

O Açadachan paſſados alguns dias que diſſimulou eſte caſo, por cauſa da vinda do meſſageiro do Hidalchan, quando veio a ſete de Junho, deſpedio dous Capitães, Rahen que lhe mandára o Hidalchan com quatro mil homens, e Soleimão Agá Capitão paſ-

passado com outros quatro mil, e que se fossem ás terras de Salsete. Nuno da Cunha, porque isto não respondia ao petitorio do messageiro do Hidalchan, que lhe pedio não fizesse guerra até sua tornada com resposta, mandou hum Naique Capitão da terra denunciar ao Açadachan a guerra, o qual o reteve prezo. Como Nuno da Cunha soube que o Naique era reteudo, mandou a Ruy Dias Pereira Capitão mór dos navios de remo, fazer entradas pelos rios, e esteiros da Ilha de Goa, e em terra fazer todo o damno que pudesse nas aldeas, e lugares, o que elle fez, matando, e cativando muitos moradores das Tanadarias, principalmente em hum pagode, onde tomou trinta e tantas pessoas, e os mais se foram lamentar ao Açadachan deste damno, com a qual nova elle mandou logo soltar o Naique que tinha prezo, desculpando-se a Nuno da Cunha, que a causa de o deter tantos dias fora por ser homem, com que folgava de fallar, por o achar pessoa de substancia em sua prática, como por elle podia saber. E porque elle tinha mandado aos dous Capitães que levassem certas peças de artilheria grossa para pôr contra a nossa fortaleza, onde elle esperava de fazer huma defensão, tornou-lhes a mandar dizer que a não levassem adiante, e cada dia fazia

huma mudança, e mil artificios, para que Nuno da Cunha perdesse o rastro do que elle queria fazer. Mas elle entendia bem que tudo era ter o Açadachan mais o sentido no que fazia o Hidalchan, temendo que lhe viesse tomar Bilgan, que vontade de nos fazer então guerra. E a tanto chegou este seu temor, que algumas vezes se fazia doente na fortaleza de Pondá, e não se deixava ver, e de noite como pela posta com cavallos em paradas, per sua pessoa, sendo homem de muita idade, dava huma vista a Bilgan, e dahi a Bisapor, onde estava o Hidalchan, e onde tambem tinha os que lhe davam os avisos do que se passava sobre elle. Com estes temores não assocegava, nem se sabia determinar, porque ás vezes partia de Pondá para as terras de Salsete, e no caminho fingia enfermidade, ou impedimento de maneira, que elle mesmo se não entendia. Os seus Capitães o mais que faziam era dar huma vista á nossa fortaleza, sem os nossos sahirem, por assi lho ter mandado Nuno da Cunha, até que elles se enfadassem. E assi foi, porque as terras per que elles andavam serem alagadiças, e não as poderem andar senão com muito trabalho, a gente enfermava, além da fome que passavam, por não acharem que comer, porque os lavradores com

a con-

a continuação da guerra foram-se recolhendo para cima contra o Gate, e deixáram de cultivar as terras, e além da gente, lhe adoeciam, e morriam os cavallos, e elefantes, que elle muito estimava. E temendo perder mais cavallos, mandou alguns, que elle tinha mais mimosos, a Bilgan. Neste tempo em algumas entradas que os Portuguezes fizeram pelos rios, matáram muita gente da terra; e por desastre de hum catur dos Portuguezes ficar em secco com gente, carregáram alli tantos Mouros, que matáram os mais delles, de que os principaes foram Henrique Ribeiro, Vasco de Moura, Lopo Bugalho, e Jorge de Lemos.

CAPITULO XV.

Das cousas que succedêram na guerra das terras firmes de Goa: e da entrada que nellas fez D. João Pereira: e do bom successo que teve.

FAzia o Açadachan a guerra remissamente com o tento que tinha no Hidalchan, occupando-se em fazer caminhos largos para seu exercito, e ameaçando ora aqui, ora alli, como quem esgrime em vão. Nuno da Cunha pelo mesmo modo, como quem entendia os receios do Açadachan, tambem o entretinha com alguns saltos per esses rios,

ora em huma parte, ora em outra, fazendo o damno que podia, até que o Hidalchan lhe mandou resposta da carta que lhe escrevêra. A substancia della era remetter ao Açadachan todos aquelles negocios, pois Nuno da Cunha dizia ser elle muita parte de tomar aquellas terras, e que haveria por bem tudo o que elle fizesse. Sobre isto houve muitos recados entre Nuno da Cunha, e o Açadachan; mas tudo se vinha resolver em cada hum querer ficar com as terras, e não desistir da conquista, e posse dellas. Neste tempo veio nova ao Açadachan, que o Hidalchan estava em Bisapor, sem ousar de se mover dalli, por ter novas que huns Mogoles que andavam em Cambaya tinham concertado com o Madre Maluco, que lhe désse passagem per suas terras para ir ás delle Hidalchan, e dahi se passarem a Narsinga, onde elles muito desejavam entrar, por a fama das grandes riquezas que naquelle Reino hàvia. Estas novas tinha o Açadachan por suspeitas, e pareciam-lhe fingidas pelo Hidalchan para dissimular com elle. E com ellas tambem lhe vinham outras, que era ser muito culpado ante o Hidalchan, e seus Capitães, por quão pouco tinha feito depois que viera áquella empreza, promettendo elle quando da Corte partio, que as suas barbas brancas havia de levar verme-

lhas do ſangue dos Portuguezes , em que as havia de tingir, e que até então mais as tinha cheias de injuria, que do ſangue que dizia.

Nuno da Cunha per eſte tempo hia cevando a fortaleza de Rachol, mandando em modo de Capitanías alguns Fidalgos , e gente nobre , como foi Manoel de Macedo, e Joanne Mendes ſeu irmão, com trinta homens per huma vez , e per outra a Fernão de Lima , e Paio Rodrigues de Araujo com muitos eſpingardeiros , e depois Gonçalo Vaz Coutinho. A cauſa de Nuno da Cunha ir cevando eſta fortaleza com gente, era, porque os Mouros cada dia davam moſtra de ſi ſem commetterem, e receava que hum dia com grande impeto deſſem nella de ſubito. E principalmente ſe temia, porque foi aquelle anno o inverno tão grande em dous mezes delle, que andavam os homens mortos , e não podiam aturar o trabalho por os máos gazalhados que tinham, e aſſi ſe perdêram com as muitas chuvas todas as novidades , e ſementeiras da terra, e em Goa cahíram muitas caſas. E porque na outra parte onde eſtava Vaſco Fernandes por Tanadar, hum Capitão do Açadachan o vinha muitas vezes commetter , mandou Nuno da Cunha a Antonio Correa com alguns navios de remo , e vieram-ſe a revol-

volver com os Mouros de maneira, que lhe matáram os noſſos muita gente, e o Capitão delles eſcapou a pé, perdendo o cavallo em hum lamaçal per onde ſe foi metter com preſſa de fugida.

Depois por vir nova a Nuno da Cunha per eſpias que lá trazia, como ſe ajuntava no meſmo lugar muita gente em damno noſſo, a 10. de Agoſto, dia de S. Lourenço, fez paſſar áquella parte D. João Pereira Capitão da Cidade com cento e trinta de cavallo [a], e ſeiscentos Portuguezes de pé, de que foi Capitão Gonçalo Vaz Coutinho, e mil peães Canarijs da terra, de que era Capitão Criſná Gentio honrado. Os Mouros quando ſouberam que eſta gente entrava meia legua pelo ſertão, recolhêram-ſe mais ao pé de huma ſerra, e fizeram-ſe fortes em hum teſo, por eſtarem mais ſeguros, onde D. João os foi buſcar. E como per Galvão Viegas, que levava diante por adail, ſoube do eſtado em que eſtavam, or-

a Acompanhâram a D. João neſta jornada D. Pedro de Menezes, João de Mendoça, Chriſtovão de Souſa, Liſuarte de Andrade, Martim Correa da Silva, João Juſarte Tição, Manoel de Souſa de Sepulveda, Franciſco de Gouvea, Pero da Cunha, Manoel de Vaſconcellos, Galvão Viegas, Antonio de Reboreda, e hum filho ſeu, Pero Godinho, Diogo Fernandes o Adail, Paio Rodrigues de Araujo, Ruy Dias da Silveira. Fernão Lopes de Caſtanheda *cap.* 138. *do liv.* 8. *e* Franciſco de Andrade *cap.* 32. *da* 3. *Parte.*

ordenou sua gente per esta maneira. Os Gentios, de que era Capitão Crisná, por serem mais ligeiros, costumados á terra, hiam na dianteira, trás elles hia logo Gonçalo Vaz Coutinho com a pionage Portugueza. A gente de cavallo foi repartida em duas partes, huma levava o Adail, e a mais principal ficou com D. João. Indo nesta ordem, porque o monte onde os Mouros estavam era hum pouco espesso com arvoredo, e fazia hum passo estreito, que lhe podia prejudicar vindo por alli alguns Mouros a lhe dar nas costas com alguma cilada de que não soubessem, mandou D. João que ficasse alli Manoel de Vasconcellos com alguma gente de cavallo, e de pé. Chegados os nossos tão perto, que eram vistos dos Mouros, em lugar de a gente Canarij que levava Crisná haver de subir pelo teso assima a dar nos Mouros, começou a recear, até que sem vergonha tornáram para trás, e foram dar com impeto em João Rodrigues Homem, o qual por se querer mostrar que o era no animo, como no nome, com seu cavallo se metteo tão desenfreadamente entre os Mouros, que logo foi morto. E com a furia desta perda, D. João chamando por Sant-Iago, rompeo os Mouros com tanto impeto, que começáram a fugir, e descer a humas semeadas de arro-

zes,

zes, que eſtavam ao pé do teſo da outra parte. E como eſtavam cheias d'agua, onde os noſſos não ouſavam entrar, repartíram-ſe em duas partes, huns tinham aquella entrada, tomando o caminho aos Mouros para não ſahirem, outros foram rodear a tomarem huma ponte de hum eſteiro perque ſe acolhiam, na qual matáram muitos delles, e com o temor do noſſo ferro ficáram enterrados naquelle tremedal dos arrozes, entre os quaes foi o ſeu Capitão Janebec, que já levava duas lançadas. Finalmente dos Mouros de cavallo ficáram alli vinte, e muitos de pé: os cativos foram cincoenta, entre os quaes foi Sarnabote, que era Adail de Janebec. Dos noſſos morrêram quatro, além de João Rodrigues Homem, e alguns feridos, de que os principaes foram Pero da Cunha, e Diogo Vaz de Aragão. E os peior tratados foram os Gentios da terra, por ſer gente mal armada. Per eſta maneira ficáram os Mouros que andavam naquellas terras de Bardés tão amedrentados, que ſe quizeram paſſar ás terras de Caporá; mas os moradores dellas os não conſentíram, dizendo, que temiam que os Portuguezes os foſſem deſtruir, polo que ſe alongáram mais para as terras de Banda.

CA-

CAPITULO XVI.

Como o Açadachan andou em requerimento com Nuno da Cunha ſobre aſſento de pazes, e de ſe verem ambos, o que não houve effeito: e das victorias que houveram Antonio da Silveira nas terras firmes, e Gonçalo Vaz Coutinho na coſta.

NÃo tardáram muitos dias depois que D. João Pereira Capitão de Goa houve aquelle bom ſucceſſo nas terras firmes, que o Açadachan eſcreveſſe ao Governador Nuno da Cunha, pedindo-lhe por não andarem em ir, e vir com recados, e reſpoſtas, que lhe mandaſſe alguma peſſoa para praticar com elle algumas couſas, que convinha a ambos, e o Governador lhe mandou Chriſtovão de Figueiredo, com quem o Açadachan ſe deſenvolvia bem, e entre ambos ſe concertou que o Açadachan, e Nuno da Cunha ſe viſſem. Mas iſto não houve effeito, porque o Açadachan hum dia ſe fez doente, outro anojado, dizendo, que lhe viera nova que os Mogoles matáram hum filho do Madre Maluco em hum recontro que teve com elles, querendo entrar nas terras de ſeu pai; e ſegundo ſe depois ſoube, o Açadachan queria ganhar a vontade a Nuno da Cunha em lhe deſcu-

brir

brir per meio de Chriſtovão de Figueiredo o que ElRey de Cambaya andava ordenando com o Hidalchan, e com os Capitães do Reyno do Decan, e todos os outros Principes da India contra Portuguezes, como adiante diremos. Todavia paſſados oito dias, o Açadachan veio a hum outeiro do paſſo de Beneſtarin, e per derradeiro não foram mais as viſtas, que ir Chriſtovão de Figueiredo ao Açadachan, e Aga Mamud criado do Hidalchan vir a Nuno da Cunha; e por remate do negocio ficáram no eſtado em que antes eſtavam, e Nuno da Cunha com maior eſcandalo, o qual por ſe já deſpedir o inverno, mandou lançar ao mar todas as vélas. O Açadachan tambem por a meſma cauſa, antes que as armadas dos Portuguezes navegaſſem, e foſſem fazer algum damno pelos ſeus portos de mar, queria tomar mais alguma conclusão ſobre a fortaleza que elles tinham feita, e mandou-lhe dar algumas viſtas, com grande número de gente tão perto della, eſcaramuçando em hum campo a modo de deſprezo, que indignados os noſſos, lá os foram peſcar com duas, ou tres peças de artilheria, com que ficáram no campo vinte. Os Mouros eſcandalizados diſto, foram dar no paſſo que chamam Carambolij, e apertáram tanto com o Tana-

dar

dar Luiz Caſtanho, que o fizeram recolher a Goa.

Nuno da Cunha a primeira Armada que lançou ao mar foi de duas fuſtas, e tres catures, cuja Capitanía deo a Gonçalo Vaz Coutinho, que fez muito damno por todos os portos em que entrou. E tendo Nuno da Cunha conſelho para em peſſoa paſſar a Salſete, chegáram cartas d'ElRey de Cochij, e do Doutor Pero Vaz Veedor da fazenda, dizendo, que importava muito ſua ida a Cochij, por as guerras que os Reys de Cochij, e Calecut entre ſi tinham deſde o principio do inverno; e como Fernan-D'eanes de Sotomaior Capitão de Cananor por eſtar perto dalli tinha ſoccorrido com dez vélas de remo, e duzentos homens, que aproveitáram muito. Tambem lhe eſcrevia o Veedór da fazenda, que per terra lhe vieram novas que em Choromandel ſe levantava gente da terra contra os Portuguezes que lá eſtavam, por razão de huma náo que Antonio da Silva tomára paſſando para Bengála com ſua Armada. Com eſta neceſſidade, aos 19. de Setembro deſpachou Nuno da Cunha a Martim Affonſo de Souſa Capitão mór do mar com onze navios, para ir concertar eſtes dous Reys de Calecut, e de Cochij, e fazer niſſo o que lhe pareceſſe, até lhe mandar recado do eſta-

do,

do, e propoſito com que os achava. Partido Martim Affonſo, (do qual adiante eſcreveremos,) Nuno da Cunha por moſtrar ao Açadachan, que queria tomar concluſão com elle, e não andar perdendo tempo, como até então tinha feito por cauſa do inverno, no meſmo dia que Martim Affonſo partio, mandou lançar pregões, que toda a gente de cavallo, e de pé ſe apercebeſſe para paſſar ás terras firmes com Antonio da Silveira de Menezes, o qual paſſou com duzentos de cavallo [a], e ſetecentos de pé Portuguezes; e do Gentio da terra mil, e não ſe contentou com entrar pela terra firme menos de tres leguas. Na qual ida houve tal victoria dos Mouros, que

ma-

a Foram com Antonio da Silveira João de Mendoça, Franciſco de Mendoça, João Juſarte Tição, Antonio de Lemos, Manoel de Macedo, Franciſco de Gouvea, Liſuarte de Andrade, Pero da Cunha, Joanne Mendes de Macedo, Manoel de Vaſconcellos, Franciſco da Silva de Alcobaça, D. João Lobo, Ruy Dias Pereira, Diogo Botelho de Andrade, Chriſtovão de Souſa de Lamego, Pero Rodrigues Porras, Manoel de Azambuja, Antonio Cabral de Santarem, Jorge de Mello Punho, Alvaro de Mendoça, Luiz Coutinho, Pero Barriga, Franciſco Pacheco, Diogo Pereira, Antonio da Fonſeca, Diogo Lobato, Ruy Dias da Silveira, Chriſtovão Pereira, Duarte de Souſa, Antonio Caldeira, Alvaro de Figueiredo, Duarte Rodrigues Mouſinho, Franciſco de Souſa, Galvão Viegas, Diogo Fernandes Adail, Antonio de Freitas, João Gomes, Duarte de Taide, e outros. Fernão Lopes de Caſtanheda *cap.* 139. *do liv.* 8. *e* Franciſco de Andrade *cap.* 22. *da* 3. *Parte.*

matou trezentos, em que entravam dous Capitães do Açadachan [a], e Coge Mugor seu estribeiro, que elle muito sentio, e de feridos foi hum grande número. Dos Portuguezes foram mortos oito, de que os principaes foram Francisco da Silva, Belchior Velho, Bastião Paes, Diogo Zambujo, Pero Chamiço; e feridos cincoenta, os mais delles homens nobres, porque a peleja foi em lugar que os Mouros lhe tinham muita ventagem. E em hum certo passo, onde estava por Tanadar Vasco Fernandes, mandou Nuno da Cunha fazer hum forte, o qual sitio elle per sua pessoa foi ver, e em quanto se fazia estava Antonio da Silveira em sua guarda.

Sobre esta victoria chegou huma náo de preza, que Gonçalo Vaz Coutinho tomou no mar de Dabul, a qual por ser da mãi do Hidalchan, segundo Nuno da Cunha foi certificado, mandou soltar o Capitão della, e pôr a fazenda em boa recadação para lha entregar, como elle trouxesse carta do Hidalchan, a quem Nuno da Cunha o mandou com sua carta, dando-lhe conta particularmente daquella guerra das

ter-

a *O Capitão geral dos Mouros se chamava Carnabeque, homem de grandes forças, como se viram nos golpes que deo nesta batalha, em que foi morto, a qual escreve com particularidade* Castanheda, *e* Francisco de Andrade *nos Capitulos acima referidos.*

terras firmes, e como o Açadachan o demovêra a isso, por as haver tomadas dos Gentios, sem culpar ao Açadachan nos artificios que tinha usado, e dito contra elle, por o não metter em odio com o Hidalchan. E porque lhe pareceo que o Açadachan podia entreter este homem, se soubesse que levava cartas suas, o mandou per mar para entrar per Dabul, o que aproveitou muito, porque achou lá nova dos damnos que Gonçalo Vaz alli tinha feito, tudo por causa desta guerra que o Açadachan fazia, porque Gonçalo Vaz tinha entrado pelo rio acima, queimando todos os navios que achou, e lugares, de que trouxe muita artilheria; e quando entrou em Goa foi com mais de trezentas pessoas cativas, e muitos mantimentos que tomou per esses rios, de que em Goa havia muita necessidade. E parece que com aquelle damno que Gonçalo Vaz lhe fez, e cartas de Nuno da Cunha, que levou o Mouro, e principalmente porque os Tanadares dos portos do mar foram neste tempo encampar as Tanadarias, clamando tanta perda de mulheres, filhos, e parentes, huns mortos, e outros cativos; teve o Hidalchan conselho com os seus Capitães, os quaes todos culpáram ao Açadachan daquelles damnos causados da sua contumacia, com que tinha indignado o Go-

ver-

vernador da India, ſem lhe fazer guerra, mas levando boa vida na fortaleza de Pondá, donde não ouſava ſahir, com o qual procedimento tinha feito mais perda que proveito; e lançada bem a conta, mais importavam as entradas, e rendimentos dos portos do mar, que o Governador podia impedir, que quanto valiam as terras ſobre que ſe contendia. A eſtas queixas ſe ajuntou vir o proprio Tanadar de Dabul encampar a Cidade ao Hidalchan, e contar particularmente quanto damno Gonçalo Vaz deixava feito, dando muitas razões quanto importava a ſeu Eſtado, e rendimentos eſtar com os Portuguezes em paz. Para iſto dava por exemplo o que os Portuguezes fizeram a hum Reino tão poderoſo como o de Cambaya, que em menos de cinco annos lhe tinham queimados quaſi todos os ſeus portos de mar, até ElRey com ſeus trabalhos ſe vir a entregar nas mãos do Governador. E que tão grandes couſas como eſtas eram, não as havia de deixar no parecer, e vontade do Açadachan, cujo officio eram modos, e artificios de enriquecer, e fazer-ſe temido. E que quando o Governador ſoltaſſe as terras, que não era de crer haviam de ficar na mão do Açadachan, ſem elle Hidalchan ter algum proveito.

CA-

CAPITULO XVII.

Como o Hidalchan mandou ao Açadachan que desistisse da guerra com os Portuguezes, e elle se escusou: e como D. Gonçalo Coutinho foi desbaratado no passo do Borij, e o Açadachan veio assentar pazes com Nuno da Cunha, por evitar os damnos que recebia.

AS queixas dos Tanadares, e a carta de Nuno da Cunha obráram tanto ante o Hidalchan, que sem dilação alguma mandou recado ao Açadachan, que deixasse de fazer guerra, e se fosse a elle, por estar de caminho para as terras do Cota Maluco. Disto se escusou Açadachan, dizendo, que tamanha empreza como elle tinha tomado, e em que tinha gastado mais de trezentos mil pardaos, e posto nella sua honra, não era para deixar. E que elle era velho, e usado na guerra, e que aquelle pomar em que elle cavava era delle Hidalchan, e para elle o queria, que deixasse pollo no estado que desejava, e então faria o que fosse seu serviço. Sobre este recado mandou ao Hidalchan duas peças mui formosas á vista, hum cavallo, e hum terçado guarnecido d'ouro, e pedraria; o qual sendo-lhe apresentado, e querendo elle desenvol-

volver de huns pannos de ſeda, em que hia, não o conſentio ſua mãi, que eſtava preſente, e mandou que o deſenvolveſſe hum moço, que em acabando de o tirar dos pannos cahio morto. Polo qual caſo o Hidalchan não quiz ſubir no cavallo, ſem primeiro outrem tomar a ſalva, e tambem morrêram dous que fizeram a experiencia. Vendo a mãi do Hidalchan eſtes dous ſubitos caſos de morte, diſſe: *Aqui vejo eu, filho, ſer verdade, que eſte traidor matou voſſo pai, como eu ſempre tive para mim.*

Por eſte tempo, como Nuno da Cunha ſoube que o Açadachan fizera pouca conta do que o Hidalchan mandára, ſobre deſiſtir da guerra mandou Gonçalo Vaz Coutinho com trinta navios de remo, e trezentos homens Portuguezes, e outros tantos Canarijs da terra, e foi queimar o lugar de Banda, cuja fumaça ſe via de Goa, em que ardeo muita fazenda, que elle não quiz recolher, por lhe não acontecer algum perigo á embarcação. E aſſi meſmo queimou quantos navios achou, e fez todo o damno que pode, de que trouxe mais de trezentas peſſoas cativas.

O Açadachan como homem indignado por os damnos que tinha recebidos, e furioſo de ſuas couſas lhe não ſuccederem como elle deſejava, e tambem por acudir á ſua honra, por o que diziam delle ante o

Hidalchan os outros Capitães, que não ousava sahir de Pondá, passou-se ás terras de Salsete, onde tinhamos nossa fortaleza de Rachol, de que naquelle tempo era Capitão Jordão de Freitas, e da qual cada vez que os Mouros lhe davam vista, hiam escalavrados. E vendo o Açadachan que lhe convinha tolher a serventia, que esta fortaleza tinha pelo rio acima, mandou em hum lugar delle mais estreito fazer huma força, e pôr nella artilheria, para com ella tolher a passagem dos batéis. [a] Sobre esta força houveram tanta contenda os Mouros em a querer fazer, Nuno da Cunha em lha impedir, que passáram assi os Mouros, como os Portuguezes grande trabalho. Neste tempo veio hum Mouro principal do Hidalchan,

a Esta força se fez em hum passo do rio, que se chama Borij, sobre hum grande penedo, que pendia sobre a agua, o qual com huma ponta de arêa da outra banda chamada Lotilin estreitava de maneira o rio, que não havia passagem das nossas embarcações para Rachol, senão ao longo do penedo. E porque com todo o risco da artilheria, e arcabuzaria da força passavam os nossos, atravessáram os inimigos aquelle pequeno espaço com fortes cadeias de ferro, prezas em grossas traves mettidas na vassa, com que a passagem, e soccorros de Rachol ficáram de todo impedidos. Polo que o Governador mandou D. Gonçalo Coutinho a cortar a ponta de Lotelin, o que se fez com immenso trabalho, e perigo, e ficou aberto hum canal, per que de maré chea podiam passar embarcações pequenas, que todo aquelle inverno soccorrêram Rachol com grande risco. Diogo do Couto *cap.* 7. *do liv.* 10. *da* 4. *Decada.*

chan, por nome Sangerichan; e o que a fama de ſua vinda publicava era a tratar paz, e que iſto queria ſeu Senhor. Mas tudo iſto eram ardijs do Açadachan, para em quanto foſſem, e vieſſem recados a Nuno da Cunha, elle ir com ſua obra por diante. A qual era tal, que foi neceſſario acudir Nuno da Cunha com mais defensão, mandando Manoel de Vaſconcellos com batéis, e navios, que podiam tirar com peças de artilheria groſſa. Mas como na obra andava muita gente, creſceo tanto a pezar dos Portuguezes, que mandou Nuno da Cunha a D. Gonçalo Coutinho, Capitão que então era de Goa, que a foſſe desfazer. E porque os mais dos homens andavam já muito enfadados dos rebates de cada dia, de que não tinham mais premio, que o trabalho grande que paſſáram aquelle inverno, e os moradores, e caſados da Cidade eram os que mais contrariavam eſta guerra, porque não tinham vida ſem as terras firmes, e a elles era eſta guerra mui damnoſa; foi-ſe Nuno da Cunha pôr em o paſſo de Agaſim, e dalli fazia embarcar todos os homens, quaſi em modo de repique, e ſoccorro. Os principaes deſta ida, e que primeiro chegáram á tranqueira, foram D. Gonçalo Coutinho com gente que o ſeguio, Gonçalo Vaz Coutinho, D. João Lobo, Martim de

Caſtro, Lionel de Lima, Manoel de Vaſconcellos, Gaſpar Paes. Eſtes com toda a gente que levavam, onde lhe tomou a ſorte, ſahíram em terra, huns abaixo, e outros acima, e aſſi deſembarcáram, mais furioſos que ordenados, ſubindo por a ribanceira do rio á força que os Mouros tinham feita. O primeiro ſinal deſta deſordem foi quebrarem hum braço ao Capitão D. Gonçalo Coutinho com hum eſpingardão; e a voz da gente miuda foi logo que era morto. Com o qual rumor os nobres quizeram moſtrar tanto de ſuas peſſoas contra o grande número dos Mouros, que de cima ſe defendiam, que cahíram logo em baixo Lionel de Lima, e Simão de Lima ſeu irmão, ambos tão mal feridos, que levados dalli foram morrer a Goa, e alli ficáram mortos D. Franciſco de Lima, Dom Luiz, Gonçalo Vaz de Moura, Diogo Botelho de Andrade, Pero de Lemos, Joanne Mendes de Macedo, Jeronymo de Mello, Thomé de Brito, Franciſco Aires, Vicente Pires, João Carvalho, Lopo Sarrão, e outros homens nobres, que por todos foram trinta, e da gente pequena morrêram muitos. E os que eſcapáram deſte furor, embarcaram-ſe quaſi a nado, porque com o alvoroço de ſubir pelas tranqueiras, e cada hum ſe moſtrar ſer dos primeiros, deſ-

am-

amparáram os batéis em que sahíram, e como não tinham quem os governasse, andavam á vontade da agua de maneira, que quando os tornáram a buscar estavam no meio do rio. Dos Mouros foram mortos naquelle accommettimento quatrocentos, em que entráram quatro Capitães. [a]

Nuno da Cunha, posto que esta era huma

a O penedo em que estava a força dos Mouros, como entrava pela agua, fazia nella duas calhetas, nas quaes podiam entrar embarcações, e lançar gente em terra; e porque por ellas temiam os inimigos serem accommettidos, em huma abrîram na terra grandes cavas, que tapáram por cima com canas, palha, e terra, e na outra ensevâram huma ponte, em que se havia de desembarcar, e em ambas puzeram muitos arcabuzeiros, e frécheiros.

D. Gonçalo levava seiscentos Soldados em muitos navios grandes, e pequenos: chegando ao Borij, ordenou que Lionel de Lima, e Diogo de Azambuja com trezentos homens desembarcassem na calheta da ponte, e elle na outra com o resto da gente. E depois que ao outro dia se deo das barcaças huma grande bateria á fortaleza dos Mouros, Lionel de Lima, e Diogo da Azambuja accommettêram de salto a ponte, que como estava ensevada, escorregando della cahíram ao mar, onde se affogáram com o pezo das armas; e pelo mesmo modo, e ás arcabuzadas, e fréchadas fôram mortos outros cento e cincoenta Soldados, que desembarcáram no mesmo posto. D. Gonçalo Coutinho passou adiante á outra calheta, onde nas covas perecêram duzentos homens, e D. Gonçalo que não cahio nellas, com alguns que o seguiram foi cercado dos Mouros, e posto que pelejáram todos valerosamente, foram mortos, e D. Gonçalo com trabalho recolhido com hum braço quebrado. E assi nesta desgraciada jornada acabáram quasi quatrocentos homens, muitos delles Fidalgos, e foram cativos mais de quarenta. Diogo do Couto *cap. 8. do liv. 10.* Fernão Lopes de Castanheda *cap. 152. do liv. 8. e* Francisco de

ma grande perda de gente nobre, não podia deixar aquella fortaleza que eſtava feita; e temendo que com eſta victoria o Açadachan puzeſſe todo ſeu poder para a tomar, e que para a poder defender, e ſuſtentar convinha fazer outra no meio do rio, mandou alguns Capitães, e peſſoas intelligentés que lhe foſſem ver o ſitio para eſta obra, de que foi deſenganado, que ſe não podia fazer. O Açadachan aſſi por o grande eſtrago da ſua gente, que neſte combate os Portuguezes lhe fizeram, como porque ſentia que Nuno da Cunha tomava já eſte negocio a peito, mandou-lhe commetter pazes per vezes, até eſcrever ſobre iſſo aos Capitães, que elle ſabia ſerem contra eſta fortaleza eſtar alli feita, e principalmente a Pero de Faria, que já fora Capitão de Goa, e ſeu amigo, e á Camara da Cidade; o que lhe Nuno da Cunha não concedeo, até que elle per ſi meſmo, ſem ſer conſtrangido de alguem, a mandou derribar a cinco dias de Janeiro do anno de 1538. [a] E tambem por meio de Pero de Faria, que foi algumas vezes ao Açadachan, aſſentáram pazes; ficando porém no meſmo eſtado em

que

Andrade *cap.* 35. *da* 3. *Parte*, *referem eſte ſucceſſo do Borij differentemente.*

a O modo que teve Pero de Faria em derribar eſta fortaleza de Rachol, eſcreve Fernão Lopes de Caſtanheda *cap.* 153. *do liv.* 8. *e* Franciſco de Andrade *cap.* 35. *da* 3. *Parte.*

que eſtavam antes que começaſſem a guerra, ſem mais accreſcentar, nem diminuir couſa alguma, por entender o Governador quanto lhe cumprio acudir a Dio, e o perigo em que ficava Goa, eſtando de guerra com o Açadachan. E iſto ſe fez em nome de Nuno da Cunha, e não d'ElRey, porque tinha o Governador eſcrito a S. A. como fizera aquella guerra ás terras firmes, e tomára poſſe dellas, e não ſabia ſe ElRey ſería contente de deſiſtir dellas, e approvar as pazes. Com eſte concerto o Açadachan ſe foi de Pondá contente, e por a Cidade de Goa eſtar desfalecida de mantimentos, mandou a Nuno da Cunha para a feſta de Natal cem vacas, trezentos carneiros, e grande número de gallinhas, arroz, e manteiga. E neſta paz acabáram os trabalhos da guerra de todo aquelle inverno.

CAPITULO XVIII.

Como o Çamorij de Calecut á inſtancia d'ElRey de Cambaya veio com muita gente a Cranganor, fingindo huma certa viſitação por ter azo de fazer guerra aos Portuguezes.

ACabados [a] os trabalhos, que aquelle inverno Nuno da Cunha paſſou em Goa,

co-

[a] *Sendo os Chijs antigamente ſenhores de todo o maritimo do Malavar, por onde fundáram povoações, de que*

começáram em Cochij outros, por razão de outro vizinho tão perſeguidor das couſas dos Portuguezes como o Açadachan. Eſte era o Çamorij de Calecut, o qual por a preeminencia que tem entre os Reys do Malavar, que he (como já diſſemos) Emperador entre elles, queria ter ſuperioridade ſobre todos, principalmente ſobre El-

ainda hoje ha alguma memoria, reduzíram o governo, e ſenhorio daquelle Eſtado a duas cabeças, huma com todo o poder temporal com titulo de Samnorij, que quer dizer imperar ſobre todos; e outra com toda a jurdição eſpiritual com titulo de Bramane mór, cujo aſſento puzeram os Chijs na Cidade de Cochij, deixando por lei, que todos os Emperadores do Malavar foſſem tomar a inveſtidura do Imperio em Cochij da mão do Bramane mór, para o que deixáram naquella Cidade huma pedra, com obrigação que nella aquelles Emperadores ſe coroaſſem. Eſta ceremonia ſe foi guardando, e continuando muitos annos, até que o Rey de Calecut, (o qual entre os Reys do Malavar ficou com a dignidade de Çamorij, quando Perimal Rey de todo Malavar repartio ſeus Reinos, e ſe embarcou para Méca,) que deſtruio ao de Cochij, por a amizade que tinha com os Portuguezes, (como eſcreve João de Barros *na primeira Decada,) lhe tomou a pedra da coroação, e a levou a Repelim.*

O Çamorij preſente ſucceſſor de ſeu tio, que morreo no anno de 1536. *querendo-ſe ir coroar ſobre aquella pedra, porque não podia paſſar á Ilha de Repelim ſem conſentimento d'ElRey della, confederou-ſe com elle; o que ſabendo ElRey de Cochij, receando que daquella liga reſultaſſe ſua ruina, pedio a Pero Vaz do Amaral Veedor da fazenda, e Capitão de Cochij, que o ajudaſſe a defender os paſſos, de que ſe ſeguio a guerra, que neſtes Capitulos ſeguintes eſcreve* João de Barros. Diogo do Couto *cap.* 1, *livro* 1. *da* 5. *Decada.*

ElRey de Cochij, por causa da nossa amizade. Polo que naquelle inverno, por huma cousa leve, quiz passar pelas terras de Cochij, dizendo, que havia muitos annos que não eram visitadas, e queria elle em pessoa ir fazer correição, como era obrigado por antigo costume. A voz da sua jornada era esta; mas a principal causa era ser elle incitado per cartas d'ElRey de Cambaya, que andava armando o laço, em que depois cahio, e pela mesma maneira era o Açadachan convidado. Estes Mouros, e Gentios, quando hão de mover alguma guerra contra os Portuguezes, o fazem mais no inverno que no verão, porque no inverno não se póde navegar toda a costa da India, assi por os mares serem mui grandes, como porque se cerram as barras dos rios, com que as nossas fortalezas se não podem ajudar humas das outras, e assi ficam quasi em cerco todo aquelle tempo, como se vio pelo decurso desta historia. Pelo que o Çamorij favorecido da conjunção do tempo, e movido per aquelles nossos inimigos, partio de Calecut com muitos mil Naires, e veio assentar-se na Ilha de Cranganor, fronteira á outra chamada Vaipim, que era d'ElRey de Cochij, as quaes Ilhas não são mais que as que ácerca de nós se chamam

Le-

Leſiras, que são humas terras baixas repartidas com eſteiros do mar, e rios d'agua doce que vem da ſerra, com que toda a terra do Malavar he retalhada, e eſtá dividida em tres Senhorios, como já eſcrevemos. E porque os Reys daquellas partes tem por grandeza, e decóro de ſuas peſſoas caminharem pelas eſtradas Reaes, ſem por caſo algum deixar ſeu caminho, ſob pena de ſerem havidos por covardos, e commetterem couſa indigna da Mageſtade Real, porque em tornarem atrás, confeſſam ſer outro mais poderoſo que elles, determinou o Çamorij de levar aquelle caminho, e ir pôr a mão em huma pedra, per coſtume mui antigo de ſeus paſſados, em que elles põem ſua religião, e honra. Com eſte fundamento chegado a Cranganor quizera paſſar a Vaipim, ao que acudio Pero Vaz Veedor da Fazenda, que era Capitão de Cochij, para lho impedir, provocando tambem a ElRey de Cochij a iſſo. E por elle ſer homem avaro, e que não queria deſpender ſeu dinheiro, por ſaber que eſte negocio importava tanto aos Portuguezes, como a elle, queria que o cuſto daquella defensão ficaſſe á cuſta delles, e de ſuà Feitoria; natural aleijão de avarentos, que ſempre tem mais conta com a fazenda, que com a honra,

e a

e a vida. Mas todavia movido pelos ſeus, e pelo Veedor da Fazenda, mandou pôr nos lugares onde os noſſos ordenavam eſſa gente que tinha. E porque todo aquelle inverno ſe paſſou em fazer huma força de madeira com ſua artilheria no lugar per onde o Çamorij havia de paſſar, na fabrica deſtas defensões leváram os homens mais trabalho, e na invernada grande que ſuccedeo, do que puderam levar pelejando. E como ſe temiam, ſegundo andava fama, que ElRey de Calecut mandaſſe vir huma Armada groſſa per dentro do rio Chatuá, que era couſa mui perigoſa para defensão dos noſſos, mandou Pero Vaz a Vicente da Fonſeca, (que já eſtivera por Capitão em Maluco,) com ſeis catures, e hum batel grande com groſſa artilheria a impedir eſta paſſagem do rio. E para defender a barra delle, ſe a Armada vieſſe de mar em fóra, mandou armar huma caravella, e huma barcaça grande tambem com artilheria groſſa, das quaes deo a Capitanía a Franciſco de Souſa, que ſe affaſtou meia legua abaixo do paſſo perque o Çamorij havia de paſſar.

E porque huma das couſas de que ſe Pero Vaz mais guardava, era romper guerra com o Çamorij, por razão da paz que com elle tinha aſſentada, ſempre neſtes aperce-

cebimentos mais tratava de ſe defender, que de offender. E ainda para o Çamorij não tomar algum achaque, mandou a elle Gomes Carvalho, pedindo-lhe não quizeſſe fazer aquelle caminho, e lhe lembraſſe a paz que tinha aſſentada com Nuno da Cunha, e que não era muito eſperar por elle até a ſua vinda, que ſeria acabado o inverno, pois havia vinte annos, ſegundo dizia, que aquellas terras não eram viſitadas. Mas como elle não reſpondeo a propoſito, mandou Pero Vaz a Pero Froes com huma galé, e dous catures a ſe pôr no rio de Chatuá a impedir tambem ſe alguem quizeſſe vir por alli de Cranganor. E aſſi mandou fazer em modo de baluartes humas defensões de palmeiras onde puzeram artilheria.

Neſte tempo Fernand'eanes de Sotomaior Capitão de Cananor, ſabendo haver neceſſidade de ſoccorro, o mandou com ſeu filho Antonio de Sotomaior em ſeis catures, por ſerem navios ſutijs, para poderem andar polos rios, ao qual Pero Vaz deſpedio por não ſer neceſſario ao preſente, porque (como diſſemos) ſeu intento era entreter ElRey, o qual por ſua parte tambem com induſtria dos Mouros, defronte donde eſtavam os noſſos baluartes, e forças, mandou fazer outros com ſua artilheria,

ria. Era isto hum pouco affastado da casa do bemaventurado S. Thomé, e quasi ao amparo della estava hum seu Capitão chamado Pate Marcar com dezèsete vélas de remo, e doze dos Colamures, a fóra outras que andavam pelo rio. E porque os nossos lhes faziam damno com a artilheria grossa, a qual dando nas palmeiras com as rachas que escodeava os matava, amparando-se elles detrás dos pés dellas, arrombáram a casa do Apostolo Santo, e outra Igreja junto della da invocação de Sant-Iago, e puzeram-lhe o fogo; mas os mesmos Santos tiveram cuidado de sua defensão, porque nunca se pode accender. E posto que os Mouros víram aquella impotencia de fogo, não deixáram de ir avante com sua obra, tirando telha, e telha, páo, e páo, até a descubrirem, o que foi para seu damno, porque acudindo os Portuguezes a lho defender, houve entre elles hum jogo de tiros de polvora, e de fréchas, em que os nossos não recebêram offensa, e elles houveram o pago de sua infidelidade. Finalmente toda a peleja do inverno acabou aqui [a], sem haver outro sangue, e tudo fo-

ram

[a] Francisco de Andrade *escreve no cap. 21. da 3. Parte, Que querendo o Çamorij passar á Ilha onde estava a gente d'ElRey de Cochij, mandára embarcar mais de dez mil homens em jangadas, tonés, e almadias, amparados da nossa artilheria, com vinte fustas de Pate Mar-*

ram commettimentos , que os noſſos não queriam proſeguir por cauſa da paz. E os que á cuſta de ſuas peſſoas , e fazenda defendêram todo o inverno com grande trabalho as eſtancias que lhes couberam per ſorte , foram Lopo de Almeida Feitor de Cochij , Simão Botelho , Bartholomeu Dias , João Pereira , Antonio Carvalho , Antonio Chanoca , e Franciſco Rodrigues.

Vendo o Çamorij que ſe vinha o verão , em que o Governador podia acudir, converteo ſua indignação em damnar-lhe a carga da pimenta ; e o modo que para iſſo teve foi induzir para eſte effeito aos Reys de Paraú , e de Viamper , e a outros , os quaes temendo a potencia do Çamorij , em quanto o negocio não veio a mais rompimento , eſtiveram neutraes. Sendo já fim de

[illegible] Agoſ-

car ; e ſendo já deſembarcados na Ilha mais de tres mil, Vicente da Fonſeca fez com a artilheria das ſuas embarcações tal eſtrago na gente que já eſtava em terra , e nas jangadas de que o rio eſtava cuberto , que ficáram alli mortos mais de mil homens , e outros muitos feridos , e tres das fuſtas mettidas no fundo. E o Principe de Cochij com dous mil Naires , e oitenta Portuguezes , deram na gente deſembarcada com tanto impeto , que a fizeram fugir , e embarcar tanto ſem ordem , que ſe affogou hum grande numero delles , ſem os que matáram em terra : e que o Çamorij commetteo a paſſagem aquelle inverno algumas vezes , em que ſempre foi desbaratado.

E no cap. 24. trata da morte da mãi d'ElRey de Cochij , e das ceremonias do ſeu enterramento , pela qual cauſa ElRey foi a Cochij , e ſepultada ſua mãi , tornou continuar a guerra.

Agoſto, que o mar deo lugar, veio Fernand'eanes de Sotomaior Capitão de Cananor com dezeſeis fuſtas, e catures, em que trazia duzentos homens, de que os cento e cincoenta eram eſpingardeiros, com que pela coſta de Calecut veio fazendo algum damno. E porque Vicente da Fonſeca havia muito tempo que eſtava no lugar que diſſemos, foi repouſar do trabalho do inverno, e ficou alli Fernand'eanes, até que veio Martim Affonſo de Souſa, que (como atrás fica dito) Nuno da Cunha deſpedíra de Goa para vir remediar eſte negocio.

CAPITULO XIX.

Como Martim Affonſo de Souſa, indo acudir a Cochij, desbaratou os Colemutes, e lhes queimou o lugar; e defendendo d'ElRey de Calecut o paſſo do váo, ElRey ſe foi, e o não eſperou: e do caſtigo que deo a ElRey de Repelim.

A Dezenove de Setembro de 1536. ſe partio de Goa Martim Affonſo de Souſa com cento e cincoenta homens em quinze vélas, elle hia em huma caravella, e dos outros navios eram Capitães Vaſco Pires de Sampaio, D. Diogo de Almeida Freire, Franciſco Pereira do Porto, Manoel de Souſa de Sepulveda, Fernão de Sou-

ſa

ſa de Tavora, Martim Correa da Silva, Gaſpar de Lemos, D. Pedro de Menezes, Franciſco de Sá, Franciſco de Barros, Franciſco de Mello Pereira, Jorge Barroſo de Almeida, Jorge de Figueiredo, João de Souſa Rates, e Diogo de Reinoſo, Franciſco de Reinoſo, e Antonio de Sotomaior, filhos de Fernand'eanes de Sotomaior Capitão de Cananor, que eſtavam com ſeu pai naquella eſtancia que diſſemos, e ſe ajuntáram a Martim Affonſo. E antes que elle chegaſſe a Cochij, de paſſada deo huma viſta ao lugar de Calamute, onde achou dous mil Naires, que lhe quizeram defender a ſahida; mas elle á ponta de ferro ſe vingou delles com morte de muitos, e lhe queimou o lugar, e lhe tomou ſete ſuſtas. Chegando Martim Affonſo de Souſa a Cochij com o bom ſucceſſo do caſtigo que deo aos de Calamute, foi mui bem recebido d'ElRey, e do Veedor da Fazenda Pero Vaz, e de Jorge Cabral Capitão da Armada, de cinco annos que então fora de Portugal, em que hiam por Capitães das outras náos Duarte Barreto, Ambroſio do Rego, Gaſpar de Azevedo, e Vicente Gil.[a]

Vendo ElRey de Cochij os muitos Portu-

a Frota da India do anno de 1536. Aos 4. de Setembro chegou á barra de Goa a náo de Ambroſio do Rego, a que em Guiné quebrára o maſto grande, e tornára á Canaria a concertallo, e partindo della, depois de tantas de-

tuguezes que alli eſtavam, inſiſtio muito que Martim Affonſo de Souſa foſſe per terra á tranqueira que ElRey de Calecut tinha feita, para lha desfazer, e defender que não paſſaſſe o paſſo do váo. Iſto pareceo bem a todos; e ſendo aſſi aſſentado, Martim Affonſo partio para lá com perto de mil homens, em que entravam todos os Fidalgos, e peſſoas principaes que em Cochij ſe achâram. E o Mangate de Caimal, que he hum dos principaes Senhores do Reyno, e o Regedor delle hiam por Capitães da gente da terra, que ſeriam mais de dous mil. Tanto que ElRey de Calecut ſoube que Martim Affonſo de Souſa hia, não ſe atreveo a pelejar, e deſamparou a tranqueira, e ſe foi. Sabido iſto per Martim Affonſo, caminhou per terra na ordem que levava a dar hum caſtigo a ElRey de Repelim, por comprazer a ElRey de Cochij, que muito lho pedio, e por ver ſe lhe podia cobrar delle certa pedra de ſua religião, que lhe tinha tomada. E para iſſo mandou com Martim Affonſo ao Principe de Cochij, que o acompanhaſſe com todos os Naires que havia na terra. Entrou Martim Affonſo pelo Reyno de Repelim, que he huma Ilha, ou Lezira das que temos dito

tenças, chegou á India primeiro que as outras quatro náos: Franciſco de Andrade *cap.* 32. *da* 3. *Parte.*

que ha no Malavar, toda cercada de canaveaes das cannas que dá aquella terra, que são mui groſſas, e por ſerem baſtas, eſtavam tecidas de maneira, que fazia huma cerca, e muro mui defenſavel; e em algumas partes per onde ſe entrava eſtavam feitas tranqueiras de cannas, e madeira, e terra, e eſtancias com muita artilheria, e acompanhadas de muita gente de guerra, que as defendia.

Martim Affonſo ordenou que Antonio de Brito foſſe diante com trezentos eſpingardeiros, e elle ficou na retaguarda com toda a gente. Chegando Antonio de Brito a huma tranqueira daquellas, o vieram receber muitos Naires, que pelejáram per hum eſpaço mui esforçadamente. Mas as eſpingardas dos Portuguezes os fizeram recolher á eſtancia, onde de novo ſe tornou a travar a peleja, que durou até a chegada de Martim Affonſo de Souſa, com que todos foram acabados de desbaratar; e os que ficáram ſe puzeram em fugida para a parte do mar, onde eſtavam outras duas eſtancias, ſobre que Jorge Cabral a eſte tempo eſtava acabando de as desbaratar. O que ſabido per ElRey de Repelim, mandou que deixaſſem as eſtancias, e ſe recolheſſem na Cidade, em que haveria ſeis mil homens de peleja, de que muitos eram eſpingardeiros.

Sen-

Sendo desbaratadas as tranqueiras, aquelle dia quiz Martim Affonso descançar, e ao outro se partio para a Cidade, levando diante Francisco de Barros de Paiva com perto de duzentos espingardeiros, que hia defendendo que os inimigos que detrás dos vallos vinham atirar, não fizessem mal aos nossos, apôs elle hia Antonio de Brito com outros, e detrás Martim Affonso com toda a mais gente. Com esta ordem chegáram perto da Cidade, onde acháram hum Capitão com muita gente; e por o lugar ser de caminhos estreitos, e cercados de vallos, donde os Naires tiravam muitos tiros, recebiam os nossos muito damno, sem se poderem ajudar bem das armas. Neste lugar foi todo o trabalho da peleja que os nossos tiveram; mas Deos os ajudou de maneira, que os inimigos se desbaratáram, e começáram a fugir para a Cidade. Os que estavam nella fizeram o mesmo, sem ElRey os poder deter por mais que os reprendia, e ameaçava. Em fim elles desampazáram de todo a Cidade, e as casas d'ElRey, o qual foi dos derradeiros que della sahíram, e logo foi dos nossos entrada. Francisco de Barros de Paiva seguio o alcance d'ElRey com os seus, ferindo, e matando nelles. ElRey se vio tão apertado, que cahindo-lhe o sombreiro, (que se tem

por grande affronta perdello na guerra, por ser insignia Real,) não o pode cobrar com a pressa de salvar sua pessoa em huma almadia, em que se embarcou com poucos. Martim Affonso chegando a huma Mesquita, veio a elle hum tropel de Mouros, que nella estavam, determinados de o matar, segundo hum delles com grande furia, e ousadia arremetteo a elle com huma cutilada, que Martim Affonso tomou na rodéla, e lhe pagou a vontade que trazia, com o passar de huma parte á outra com hum zarguncho, com que o derribou a seus pés, e os seus o acabáram de matar, e assi morrêram os mais companheiros, pelejando como muito valentes homens. Na peleja morrêram muitos Mouros, e feridos foram tantos, que se lhe não soube o número. Dos nossos morrêram pelejando sómente Duarte de Miranda, e Estevão Gago, e dez, ou doze homens plebeos, que se desmandáram a roubar pela Cidade.

Desbaratados os inimigos, e fugidos, foi saqueada a Cidade, e as casas d'ElRey, em que foi achada a reliquia d'ElRey de Cochij, que era huma pedra branca como outra qualquer commum, da feição, e tamanho de huma meia mó de atafona, na qual estavam abertas humas letras Malavares. [a]

Tam-

[a] *Esta pedra era de marmore branco, roliça, de grossura de hum homem, e de altura de huma braça. Estava*

Tambem foram achadas humas tavoas de metal com humas ſerpes eſculpidas nellas, e humas letras dos Chijs, que ElRey de Repelim tinha em grande veneração. Depois que a Cidade ſe ſaqueou, e foi queimada toda, ſe tornou Martim Affonſo a Cochij, onde foi recebido com grande feſta, e muito mais d'ElRey, por a pedra que lhe reſtituio, e por o preſente das tavoas, e ſombreiro d'ElRey de Repelim, que era tanto como trazer-lhe a coroa de ſua cabeça, além da vingança que delle lhe deo.

CAPITULO XX.

Como Martim Affonſo de Souſa foi ao paſſo do váo defender que ElRey de Calecut o não paſſaſſe: e como pelejou com elle, e o desbaratou, e ElRey lhe fugio.

HAvida aquella victoria em tempo que ainda a gente não deſcançára, veio recado a ElRey de Cochij, que ElRey de Calecut vinha com todo ſeu poder para paſſar pelo paſſo do váo de Cambalão, que lie

em pé poſta ſobre huma lagoa. As letras nella entalhadas diziam o tempo em que alli fora poſta, que ſegundo a ſua conta, paſſava de dous mil e oitocentos annos, e eſtavam nella eſcritos os nomes dos Çamorijs, que nella ſe coroáram. Franciſco de Andrade *cap. 37. da 5. Parte.*

he nas terras do Mangate Caimal, que está duas leguas acima do outro passo de Cranganor. E porque por o passo de Cambalão ao vasante da maré podia passar, como já tentára o Çamorij antecessor deste em tempo de Duarte Pacheco, que lho defendeo [a], Martim Affonso de Sousa não esperando mais, se embarcou á pressa, e com elle perto de cem Portuguezes, de que os mais eram Fidalgos, e Capitães; e a Antonio de Brito mandou que o seguisse com a mais gente que pudesse, com o qual foi logo o Regedor de Cochij com alguns Naires; e a Francisco de Barros de Paiva mandou que com huma galé, e dous bargantijs se fosse a guardar o passo do rio de Cranganor, para que não entrassem per elle as fustas d'ElRey de Calecut, que se dizia mandára ir áquelle lugar, para que os catures não levassem soccorro aos nossos. A qual lembrança, e providencia se Martim Affonso não tivera, de nenhuma maneira se pudera tolher a passagem a ElRey de Calecut.

Ao outro dia pola manhã se achou Martim Affonso nas terras do Mangate Caimal, o qual não tinha comsigo mais de tres mil Naires, e delle soube que ElRey de Ca-

a *Como escreve* João de Barros *nos capitulos* 5. 6. 7. 8. *do liv.* 7. *da primeira Decada.*

Calecut com quarenta mil homens estava dahi a duas leguas, e que dahi a tres dias daria batalha, segundo seu costume, que era quando chegava á terra do inimigo dar batalha ao terceiro dia, no ultimo dos quaes mandava tocar hum atambor de tão excessiva grandeza, que quatro homens o não podiam abalar, cujo som se ouvia duas leguas, sem o qual sinal nunca dava batalha. Martim Affonso não curando d'essas abusões, como Capitão prudente que se não queria descuidar, foi-se logo ao passo, e nelle desembarcou; e por os tones em que hia não ficarem em secco, mandou-os affastar para o rio, e elle se poz no campo com sua gente. E estando-lhe o Mangate, e o Regedor dizendo que se cansava de balde, que ElRey não daria a batalha sem aquelle costumado sinal, nem antes do terceiro dia, começou apparecer hum corpo de gente dós inimigos, que seriam cinco mil homens, que com grandes gritas remettêram ao passo, e começáram de passar. Após isto começou apparecer o exercito d'ElRey, e sua bandeira Real, perque se mostrava vir elle alli. E a razão por que não usou de suas ceremonias, e signaes que costumava mandar fazer com aquelle grande atambor, foi por tomar os Portuguezes de subito, e desbaratallos logo; o que na verda-

dade fizera, se Martim Affonso com sua vigilancia, e bom aviso o não desviára. Quando a bandeira, e insignias d'ElRey de Calecut foram vistas dos Naires de Cochij, foi tanto seu pavor, que se affastáram hum pedaço de Martim Affonso, para fugirem, se vissem que os Portuguezes levavam o peor. O que sentindo Martim Affonso, os entreteve por fazer corpo com elles, e não dar animo aos inimigos vendo tão poucos Portuguezes, dizendo-lhes, que não houvessem medo, que elle esperava em Deos com aquelles poucos que tinha, que não seriam mais de sessenta, desbaratar aquella multidão que viam dos d'ElRey de Calecut; mas alguns dos nossos desconfiados daquillo poder ser, lhe aconselháram que se recolhesse ás embarcações, porque era temeridade esperar tão grossa gente. Porém elle, porque já grande número dos inimigos tinham passado o váo, e segundo eram ligeiros, antes de os nossos chegarem ás embarcações os matariam todos; e além disto, porque Gaspar de Lemos (a que elle mandou com trinta espingardeiros, se puzesse detrás de hum vallo, que estava perto do váo, para dalli fazer rostro aos inimigos) estava já cercado delles, e em estado de perecerem todos, sem mais esperar razões, deo Sant-Iago nelles, os quaes fe-

rio de maneira, que ſendo cinco mil, que todos tinham paſſado o váo, os fez retirar, e tornar paſſar per onde vieram com grande ſua affronta, e morte de trezentos homens que ficáram no campo, e os mais que hiam feridos, ao que ajudáram huns tres berços, que de dous batéis os varejavam. Quando o Mangate, e o Regedor, e os ſeus Naires víram feito de tanto esforço, que elles chamavam milagre, affrontados da covardia que moſtráram, remettêram tambem com grande grita onde era a batalha, em que já acháram pouco que fazer por os inimigos ſerem paſſados.

ElRey de Calecut com eſte deſcredito ſeu ſe tornou a ſeu arraial mui anojado, e os d'ElRey de Cochij ſe esforçáram tanto, que por a nova que correo acudíram logo aquella noite ao Mangate mais de quatro mil Naires; e ao outro dia ſeguinte da batalha chegou Antonio de Brito com quatrocentos Portuguezes, o qual veio a tempo que os d'ElRey de Calecut tornavam a provar paſſar o váo, para o que dando Martim Affonſo a dianteira a Antonio de Brito, pelejou com elles, e os fez tornar com maior preſſa, e affronta que da outra vez, e lhes matou muita mais gente. E porque o Principe de Cochij era chegado com vinte mil Naires, de que muitos eram eſ-

pin-

pingardeiros, vendo Martim Affonſo a muita gente que alli eſtava junta, e quanto importava acudir elle á Armada d'ElRey de Calecut que andava no mar, deixou a guarda daquelle paſſo a Antonio de Brito com os quatrocentos Portuguezes que comſigo trouxera, e os vinte mil Naires. O qual em vinte dias que alli ficou, veio á batalha ſeis vezes com a gente d'ElRey de Calecut, e de todas os venceo, e desbaratou, fazendo nelles grande eſtrago. Polo que ElRey levantou ſeu arraial, e com menos gente, e menos honra ſe tornou para ſuas terras, e com grande prazer d'ElRey de Cochij.

CAPITULO XXI.

Como Martim Affonſo de Souſa desbaratou a Cutiale Marcar Capitão mór da Armada d'ElRey de Calecut: e como foi ao paſſo do váo para pelejar com ElRey, e elle ſe recolheo, e desfez ſeu exercito.

TAnto que Martim Affonſo de Souſa chegou a Cochij [a], com muita brevidade ſe embarcou para ir em buſca da Armada de Calecut com trezentos Portuguezes. Dos návios que levava eram Capitães Vaſco Pires de Sampaio, D. Diogo de Almeida, Manoel de Souſa de Sepulveda, Fer-

[a] Fernão Lopes de Caſtanheda *no cap.* 148. *do liv.* 8.

Fernão de Sousa de Tavora, Martim Correa, Francisco de Barros de Paiva, Jorge Barroso de Almeida, Francisco Pereira, Gaspar de Lemos, Jeronymo de Figueiredo, Francisco de Sá, e outros; e correndo a costa achou em Chale Diogo de Reinoso com cinco fustas, que se recolhêra alli, fugindo de Cutiale Capitão mór da Armada de Calecut, com quem pelejou, e esteve em termos de se perder, e lhe foi tomada huma fusta das que trazia, e os inimigos o seguíram até aquelle porto. Recolhido Diogo de Reinoso á conserva de Martim Affonso, ao outro dia indo a nossa Armada a la mar com as galés, e fustas maiores, e as ligeiras ao longo da terra, appareceo a frota de Cutiale tambem ao longo da terra da parte de Calecut, a qual era de vinte e cinco fustas, em que andavam mil e quinhentos homens, muitos delles espingardeiros. E como apparecêram de subito, e os nossos hiam desejosos de os achar, remettêram a elles Diogo de Reinoso, e Antonio de Lima, e Antonio de Sotomaior Capitães de fustas, e outros que hiam em navios ligeiros, e deram com elles entre os Ilheos de Pandarane, tirando-lhes com muitas bombardadas. Cutiale sabendo que Martim Affonso andava já no mar, e que elle devia de vir alli, e da victo-

ctoria que houvera d'ElRey de Calecut, receou-o muito, e não o querendo esperar, determinou-se em se ir á véla, e a remo o mais que pudesse para dobrar a ponta de Coulete. Martim Affonso que vinha mais ao mar com os navios de alto bordo, tirou-se de hum galeão em que vinha, e metteo-se em huma fusta ligeira, e a sua gente mandou metter na fusta de Jeronymo de Figueiredo, e tomar a dianteira aos inimigos, para que não dobrassem a ponta, e comsigo levou Francisco de Barros de Paiva, por a sua fusta ser das mais pequenas. Diogo de Reinoso, e Antonio de Lima alcançáram huma fusta dos inimigos, e afferrando-a saltáram dentro com tanto esforço, que nenhum dos inimigos ficou vivo, mas dos nossos foram muitos feridos, e cinco mortos. Cutialé vendo-se cercado, porque Martim Affonso lhe tinha tomada a dianteira, e as outras fustas lhe hiam nas costas, e as galés lhe faziam rostro, e que não podia escapar, antes de o cercarem de todo, poz a proa em Tiracole, lugar daquella costa, que tem hum arrecife de penedos diante do porto com duas entradas, e os seus seguíram apôs elle, e ensecando as fustas quanto pudéram, saltáram em terra. Martim Affonso entrou no porto com Francisco de Barros, e Jeronymo de Figuei-

re-

redo pela entrada da parte do Sul, por não caberem todos dentro, e começáram a pelejar com os inimigos; e querendo-se chegar Martim Affonso muito a elles, ficou em secco no rolo do mar, o que vendo os inimigos, remettêram alguns á sua fusta com grandes gritas de prazer, por lhes parecer que a tinham tomada; e tanto se chegáram a ella, que lhe lançáram mão da appellação, querendo-a enseccar de todo, sobre que houve huma grande peleja, de que ficáram muitos Naires mortos, e a fusta em nado. E tanto se chegáram Francisco de Barros, e Jeronymo de Figueiredo ás fustas dos inimigos, que lhes queimáram algumas com panellas de polvora, e das tres horas do dia em que começáram até á noite sempre pelejáram, em que fizeram grande damno nos inimigos, e nosso muito pouco.

Sendo noite repartio Martim Affonso a Armada em duas partes, e com huma mandou a Manoel de Sousa de Sepulveda que guardasse a entrada do arrecife da banda do Norte; e a Francisco de Barros com a outra parte da frota que guardasse a outra boca do Sul, porque receava que, por aquelle arrecife ter duas entradas, por huma dellas se lhe acolhessem os inimigos, com tenção de dar nelles pela manhã. Mas elles

com

com esse receio, temendo-se que lhe queimassem as fustas, vigiáram toda a noite, e fortalecêram-se com estancias, em que puzeram a artilheria, e na mesma noite acudíram os de Coulete, Termapatão, e de outros lugares da costa, com que se ajuntáram mais de seis mil homens. O que visto dos nossos, tratou Martim Affonso em conselho do modo que teria em os commetter; e considerando-se a disposição do porto, que não dava lugar para toda a nossa Armada poder entrar dentro, e posto que todos fossem juntos, eram muito poucos para pelejarem com tanta gente tambem fortificada. E por a este tempo chegar huma carta d'ElRey de Cochij, perque pedia muito a Martim Affonso que lhe acudisse sem dilação, porque ElRey de Calecut tornava a commetter o passo do váo, e que sem dúvida não vindo elle o passaria, porque trazia todo seu poder; assentou-se no conselho que deixassem Cutiale, e fossem soccorrer ElRey de Cochij. Polo que mandou logo Martim Affonso dar á véla; e entrando com toda a Armada per o rio de Cranganor, achou ahi Antonio de Brito com os mais que com elle estavam guardando o passo, os quaes festejáram muito a sua vinda, porque cada hora esperavam por ElRey de Calecut. O qual sabendo

do que Martim Affonſo era chegado, que elle cuidou não podia vir tão á preſſa, e por iſſo tornára ao paſſo, ficou tão deſgoſtoſo, e quebrado do animo, que não commetteo mais paſſar a Repelim; e recolhendo-ſe para dentro da terra, desfez o campo deſpedindo a gente. O que entendido por Martim Affonſo, ſe tornou outra vez a correr a coſta, onde tambem não achou a Armada, que com medo delle ſe recolheo, e ficou a coſta aquelle anno deſpejada, polo que nelle não foi eſpeciaria ao Eſtreito. E no Maio ſeguinte ſe foi Martim Affonſo para Cochij a invernar, no que ElRey levou muito goſto, e ſe moſtrou muito obrigado.

CAPITULO XXII.

Como Madune Pandar Rey de Ceitavaca, com ajuda de huma Armada de Malavares cercou a ElRey Boenegobago ſeu irmão na Cidade da Cota, e Martim Affonſo o foi ſoccorrer, e pelejou com a Armada, e a desbaratou.

NÃo deixáram as couſas de Ceilão deſcançar Martim Affonſo de Souſa muito tempo em Cochij [a], porque perſeverando Madune Pandar Rey de Ceitavaca em ſuas

[a] Diogo do Couto *cap. 6. do liv. 1. da 5. Decada.*

ſuas imaginações, e continuando na pertenção do Senhorio de toda a Ilha de Ceilão, (como atrás diſſemos,) ſuccedeo irem em Agoſto deſte anno de 1536. huns ſete paráos de Malavares a Columbo, a tempo que Nuno Freire de Andrade Alcaide mór, e Feitor daquelle porto eſtava na Cidade da Cota com ſete, ou oito Portuguezes. Os Mouros dos paráos mandáram pedir a El-Rey Boenegobago Pandar que lhes enviaſſe logo aquelles Portuguezes: reſentido El-Rey de tamanho atrevimento, determinou de o caſtigar, de que deo conta a Nuno Freire, que polo que lhe tocava pedio a ElRey aquella jornada, e elle lha concedeo, e ſeiscentos homens com Samlupur Arache ſeu Capitão, que o acompanhaſſem. Partio de noite Nuno Freire com elles, e com os oito Portuguezes, e foi amanhecer a Columbo, onde tomando os Malavares em terra deſcuidados, os desbaratou, matou muitos, e os que pudéram eſcapar, huns ſe mettêram pelos matos, e foram parar a Ceitavaca, e outros ſe lançáram ao mar, e ſe acolhêram em tres paráos, ficando os quatro em poder dos noſſos.

Madune Pandar pezaroſo do ſucceſſo, recolheo, e agazalhou os Malavares que fugíram para Ceitavaca, os quaes tendo noticia de ſeus intentos, lhe aconſelháram, que man-

mandaſſe pedir ſoccorro ao Çamorij, com que conſeguíra facilmente ſua pretenção, e lhe offerecêram encaminhar, e acompanhar ſeus Embaixadores. Madune approvou o conſelho, eſcolheo entre os ſeus os Embaixadores, e os eſpedio logo com hum rico preſente para o Çamorij, e peças para ſeus Regedores, pedindo-lhe huma boa Armada, cuja deſpeza pagaria largamente.

Recebeo bem o Çamorij os Embaixadores de Madune; e perſuadido dos Mouros, e vencido do intereſſe, mandou logo recolher os navios que andavam fóra, e armar outros, e com muita preſſa apercebeo huma Armada de quarenta e cinco navios, em que mandou embarcar dous mil homens, e por Capitão della Ali Abrahem Marcá Mouro grande coſſairo, e muito cavalleiro. Chegou eſta Armada a Columbo na entrada de Outubro; e como Madune eſtava já no campo com hum grande exercito, ajuntando-ſe com elle os Mouros, foram todos pôr cerco á Cidade da Cota. Eſta Cidade eſtá ſituada em meio de huma grande alagoa, e per hum paſſo eſtreito perque ſe ſerve, ſe ajunta com a terra. Eſte paſſo fortificou Nuno Freire com hum baluarte, e tranqueira, em que poz a artilheria que ſe tomou nos quatro paráos dos Malavares, e ordenou que houveſſe embarcações

para defender a paſſagem aos inimigos, ſe em outras, ou em jangadas a intentaſſem.

ElRey Boenegobago deſpedio logo hum meſſageiro ao Governador, pedindo-lhe o mandaſſe ſoccorrer naquelle aperto em que eſtava, pois era vaſſallo d'ElRey de Portugal; e outro mandou a Martim Affonſo de Souſa, que ſabia eſtava em Cochij, rogando-lhe que com a Armada victorioſa da empreza de Repelim o vieſſe livrar daquelles inimigos communs. Madune entretanto continuou o cerco, dando grandes aſſaltos, e commettendo os paſſos muitas vezes, que lhe foram com muito valor defendidos, haſendo os poucos Portuguezes que alli havia os primeiros nos perigos, de que ſahíram muitas vezes feridos, os quaes ElRey mandava curar com grande cuidado, porque nelles tinha a ſua maior defensão, e aſſi ſe foi o cerco dilatando por eſpaço de tres mezes.

O inviado que hia ao Governador chegou a Cochij, onde achou Martim Affonſo de Souſa, a quem deo a carta d'ElRey, e outra de Nuno Freire, e repreſentou o aperto em que ElRey ficava. Conhecendo Martim Affonſo a obrigação que lhe corria de ſoccorrer aquelle Rey vaſſallo da Coroa de Portugal, apreſtou-ſe com diligencia;

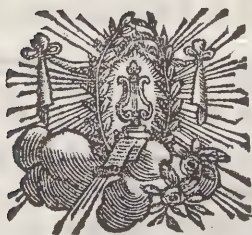
cia ; e deixando as galés da ſua Armada na coſta do Malavar para guarda della, com as fuſtas ſe fez na volta do Cabo de Comorij, o qual paſſado, e correndo a coſta até os baixos de Manar, delles atraveſſou a Ceilão, e foi demandar Columbo, donde quando chegou já eram idos os Malavares; porque tendo elles aviſo da partida de Cochij da noſſa Armada, temendo perder os navios, ſe deſpedíram de Madune Pandar, e embarcados ſe paſſáram á outra coſta, e Madune levantou tambem o cerco da Cidade primeiro que Martim Affonſo chegaſſe, e ſe reconciliou com ElRey ſeu irmão.

Vendo Martim Affonſo, que ſem elle arrancar a eſpada deſcercáram os inimigos a ElRey, pareceo-lhe conveniente, e devida cortezia viſitallo: polo que deſembarcando, partio para a Cota, onde ElRey o recebeo com grandes moſtras de agradecimento daquelle ſoccorro. Martim Affonſo lho offereceo por parte d'ElRey de Portugal, e do ſeu Governador da India, ſempre que lhe foſſe neceſſario, o que ElRey eſtimou muito, entendendo quão certo tinha o favor dos Portuguezes, e conhecendo a vontade, e diligencia com que acudiam á ſua defensão.

Deſpedio-ſe Martim Affonſo d'ElRey

por não haver alli occasião de mais detença, e embarcado, se passou á outra costa, e em breves dias chegou ao Malavar, onde soube que não eram ainda recolhidos os paráos de Ali Abrahem. E porque duas fustas da nossa Armada, de que eram Capitães Francisco de Mello Pereira, e João de Sousa Rates, tomáram na paragem de Monte Delij hum paráo de Malavares, e delles souberam que a Armada de Ali estava em Mangalor, com esta nova voltou Martim Affonso em busca do inimigo; e indo hum pouco affastado da terra, houve vista delle perto de Coulete. Os Mouros tanto que conhecêram a nossa Armada, voltáram para terra, com tenção de se salvarem nella; mas os nossos navios ligeiros apertando o remo os atalháram; e afferrando com os paráos dos inimigos, os embaraçáram, e entretiveram em quanto chegou toda a nossa Armada, que mettendolhes logo alguns navios no fundo, e desapparelhando outros, depois de huma porfiada peleja, os desbaratáram de todo, e rendêram a maior parte, com perda de mais de mil e duzentos Mouros, e muito pouca nossa, com que ficou a victoria mais gloriosa. O Çamorij ficou com a perda desta Armada mui quebrantado, e os Mouros de Calecut mui pobres, porque elles

fo-

foram os armadores da maior parte deſtes navios; e Martim Affonſo de Souſa andou na coſta todo o reſto do veram, até ſer tempo de ſe recolher.

DECADA QUARTA.
LIVRO VIII.
Governava a India Nuno da Cunha.

CAPITULO I.

Como o Governador Nuno da Cunha foi avisado per muitas vias do que ElRey de Cambaya movia contra os Portuguezes, para lhes tomar a fortaleza de Dio, e o lançar da India: e do que sobre isso fez.

NÃo estava ainda Nuno da Cunha descançado em Goa dos trabalhos que passou sobre a defensão das terras firmes, quando teve novas de cousas que o Soltam Badur Rey de Cambaya movia, para restituir-se da fortaleza de Dio, e lançar os Portuguezes de seu Reino, e de toda a India, se pudesse. E como os meios que para isso buscava eram muitos, e os negociava com muitos, vieram facilmente a descu-

cubrir-se, e ter Nuno da Cunha por certo o de que antes estava duvidoso. Porque posto que quando o Açadachan lhe mandou pedir as pazes que assentáram, para o mais mover a ellas, o avisou dos intentos d'ElRey de Cambaya, que o incitava a fazer guerra aos Portuguezes, como a outros potentados da India, e o mesmo soubera o Governador do Hidalchan; ainda lhe parecia que seriam artificios, e invenção do Açadachan para lhe outorgar a paz que pedia, ou que ElRey de Cambaya mudaria a vontade, e proposito que então tinha, porque poderia ser que (como muitas vezes acontece) com indignação, ou escandalo que tivesse, como homem voluntarioso, e mudavel que era, accommetteria o que depois não traria a effeito. Mas todavia como elle conhecia bem a pouca constancia d'ElRey, e ser homem mui audaz, e que (como dizem) vivia de pressa, mettendo-se sempre nos perigos, até que acabou nelles; temia-se delle como de Principe que era tão poderoso, e rico de tantos thesouros, que são o nervo da guerra, e que buscava ajuda de tantos Principes Mouros, cuja causa ficava commum a todos, por ser contra Christãos, que os queriam dominar, começou tambem prover-se para o não tomarem desapercebido.

Es-

[a] Eſtando o Governador neſtas dúvidas, deo ElRey huma inconſiderada moſtra do que determinava em ſeu animo, per que pudéra correr perigo de ſua peſſoa, querendo ſegurar a Manoel de Souſa Capitão da fortaleza de Dio; e foi, que vindo elle áquella Cidade depois de dar fim a ſuas guerras, a 10. de Outubro daquelle anno de 1536. logo no meſmo dia á noite hum Mouro ſe foi á porta da fortaleza, dizendo, que queria dar huma palavra ao Capitão que importava. E eſtando elle ſó da banda de dentro a portas fechadas, e o Mouro de fóra, lhe diſſe, que ſe ao outro dia ElRey o mandaſſe chamar, não foſſe, porque o havia de matar; e que porque não tiveſſe para ſi que lhe dizia iſto por algum intereſſe, não ſe nomeava quem era. Iſto não deſcubrio Manoel de Souſa a peſſoa alguma, até ver em que parava. Ao outro dia ſeguinte o mandou ElRey chamar, e não embargante o que o Mouro lhe diſſera, determinou de ir, lançando conta, que ſe ſe eſcuſaſſe, ElRey tomaria achaque para romper em guerra, o que elle muito queria evitar, e que o aviſo do Mouro poderia ſer falſo, porque ElRey por o ma-

a Diogo do Couto *na* 5. *Decada liv.* 1. *cap.* 8. Fernão Lopes de Caſtanheda *no cap.* 155. *do liv.* 8. *e* Franciſco de Andrade *no cap.* 34. *da* 3. *Parte.*

matar a elle não ganhava a fortaleza. Polo que encommendando a guarda, e defensão della ao Alcaide mór, e deixando toda a gente armada, e a artilheria posta em ordem, se foi a ElRey, não levando comsigo mais que os de sua guarda, e seus criados. ElRey recebeo a Manoel de Sousa com muito gazalhado; e depois de lhe perguntar como estava, em signal de honra, e amizade ao seu costume, lhe mandou dar huma cabaia rica, e Manoel de Sousa lhe deo de presente hum montante bem guarnecido, e huns estribos, e esporas do mesmo theor. E por ser a primeira vez que via a ElRey, não lhe tocou na morte de alguns Portuguezes, que os Mouros na Cidade sem razão tinham morto, e se tornou á fortaleza, mostrando ElRey que ficava seu amigo.

Mas ElRey, cuja natureza era não estar ocioso, nem quieto em huma vontade, determinando-se em tomar a fortaleza, o poz em conselho com os seus, os quaes todos foram de parecer que o não fizesse; e sua mãi, que era mulher prudente, lho rogou muito, impossibilitando-lhe aquelle negocio, e mostrando-lhe que o que ganharia dahi seria ter os Portuguezes por inimigos, que lhe destruiriam a Cidade, e lhe fariam outros damnos, como já fizeram a

el-

elle, e a outros Reys, de que recebêram offensas. O conselho de João de Sant-Iago, que já se chamava Rumechan, de quem ElRey fazia muita conta, foi, que se desenganasse de tomar a fortaleza, por ser tão forte, e bem provída d'artilheria, e munições; e que os Portuguezes eram taes, que primeiro todos haviam de morrer, que a perdessem. Que o remedio para a tomar sería fazer-se mui amigo com Manoel de Sousa, e com este pretexto illo ver algumas vezes á fortaleza, para o tirar de suspeitas; e que vindo o Governador a Dio, com esta mesma amizade, e conversação continuasse ir á fortaleza, e que assi poderia matar nella o Governador, e que morto elle, os Portuguezes não teriam animo para se defenderem.

Este parecer contentou a ElRey; e como elle era precipitado, e impaciente em seus appetites, quando veio aos 13. de Novembro, sendo já oito horas da noite, sem nenhum proposito, e sem ter mandado recado a Manoel de Sousa, bateo á porta da fortaleza. E sabendo Manoel de Sousa como era ElRey, mandou tocar as trombetas; e os Portuguezes como andavam receosos da guerra, e dos movimentos que se sentiam em ElRey, em hum momento foram todos armados, os quaes faziam núme-

mero de novecentos ; e poſtos no terreiro da fortaleza em huma rua com muitas tochas entreſachadas , faziam huma formoſa viſta com o reſplendor das armas. Abrindo Manoel de Souſa o poſtigo da fortaleza, entrou ElRey ſó com o Ráo, e dous grandes Senhores, mandando á outra gente toda ficar de fóra , e logo diſſe, que ſe fechaſſe o poſtigo, por Manoel de Souſa não ter algum receio. E vendo tantos armados tão de ſubito , perguntou a que fim ſe armavam, ſendo elle tão amigo d'ElRey de Portugal, e dos Portuguezes ? Manoel de Souſa lhe reſpondeo, que aquillo era coſtume dos Portuguezes, quando os ſeus Reys entravam nas fortalezas de Portugal. Quando ElRey entrou no apoſento de Manoel de Souſa , porque o Ráo lhe tinha deſcuberto o odio que ElRey tinha aos Portuguezes, receando-ſe que hi o mataſſe, em voz baixa lhe diſſe : *Capitão, prende, e não mates*. Ao que Manoel de Souſa reſpondeo, que não faria huma couſa, nem outra. E eſtando ElRey em praticas com Manoel de Souſa , lhe gabou aquellas caſas; e dizendo-lhe elle, que as caſas, e a fortaleza eram de S. A. diſſe ElRey: *As caſas são tuas, e a fortaleza he d'ElRey teu Senhor*. E detendo-ſe com elle eſpaço de meia hora, ſe ſahio, levando-o per huma

mão

mão Manoel de Sousa, e pela outra o Ráo, e se foi para sua casa, cuidando que deixava Manoel de Sousa fóra de suspeitas. Mas como elle conhecia a condição d'ElRey, nunca se tanto temeo delle.

Succedendo depois algumas cousas, perque Manoel de Sousa entendeo o animo damnado que ElRey trazia contra os Portuguezes, escreveo tudo ao Governador, e como ElRey fora á fortaleza, onde o não prendeo, por não saber sua vontade; e como soubera do Ráo que ElRey determinava de tomar a fortaleza, e que com brevidade acudisse a Dio, porque esperava ser cercado. [a] O Governador lhe escreveo logo de sua mão, estranhando-lhe não prender ElRey, tendo-o na fortaleza só, e desacompanhado, e que elle iria mui em breve; mas que se entretanto ElRey tornasse, o prendesse. Esta carta mandou Nuno da Cunha per hum Pero de Chaves criado seu de confiança, que a levava comsigo no gibão, e foi em hum catur esquipado. E como Nuno da Cunha era mui prudente, e estava neste tempo em concerto de pazes com o Açadachan, as quaes fazia de má vontade, só por receio da guerra com ElRey de Cambaya, e dos Principes do Decan, que o haviam de ajudar, quiz com mais fundamen-

a Fernão Lopes de Castanheda *no cap.* 156. *do liv.* 8.

mento ſaber de ſeus propoſitos. E porque ſabia que ElRey era em ſuas acções mal attentado, e que com peſſoas que o apraziam era mui deſcuberto, mandou diante a Dio Manoel de Macedo [a] com alguma gente (o qual ſabia que era mui acceito a ElRey) para o tirar de algumas paixões, e ver ſe podia deſcubrir ſeus intentos, porque cria que ſe abriria com elle. Mandoulhe que diſſeſſe a Manoel de Souſa, que como elle chegaſſe a Dio, fizeſſe deſparar toda a artilheria, e moſtraſſe grande feſta, dizendo, que chegáram quatorze náos de Portugal com muitos mil homens; e aſſi foi feito, perque ElRey mudou o conſelho de tomar a fortaleza per outra maneira, e não per prizão do Governador.

Indo Manoel de Macedo ver ElRey, na primeira prática entendeo delle deſejar muito de ſe ver livre da ſujeição dos Portuguezes, e ver-ſe Senhor inteiro de Dio; e entre muitas couſas, em que ſe deſcubrio com Manoel de Macedo, foi, fazer-lhe queixume de Manoel de Souſa de quão mal ſe havia com elle, porque chegando elle a Dio para ir contra Ramugij, que ſe lhe alevantára, e ſe acolhêra aos Resbutos, para que havia meſter toda ſua Armada, que ti-

a *Ou Diogo de Meſquita, como diz* Diogo do Couto, *e* Franciſco de Andrade.

tinha em Dio, na qual quizera mandar Coge Sofar seu Capitão mór, e ir elle per terra, Manoel de Sousa lho impedíra, e sómente lhe concedêra tirar dezoito fustas, e bargantijs, como se elle não fora Rey, e Senhor de Dio, sendo elle o que deo lugar para se a fortaleza fazer, e ajuda, e dinheiro para ella, e déra Baçaim, e suas terras por a amizade d'ElRey de Portugal. E que fazendo com Nuno da Cunha pazes com condições de se ajudar hum ao outro, e com especial promessa do mesmo Nuno da Cunha lhe dar ajuda contra os Mogoles, nunca lha dera, e agora era impedido per Manoel de Sousa ir castigar hum seu vassallo rebelde, o que elle não cria que vinha de Nuno da Cunha, que tinha por seu amigo, e por homem agradecido, e Capitão prudente. Além disto soube mais Manoel de Macedo, como fora certo que ElRey de Cambaya fora a principal causa, perque ElRey de Calecut movêra guerra no Malavar contra ElRey de Cochij, (por a amizade que tinha com os Portuguezes,) e o Hidalchan, e Açadachan nas terras firmes de Goa. E que o mesmo Rey de Cambaya escrevêra a ElRey de Xael em odio dos Portuguezes, perque se elle atreveo prender a D. Manoel de Menezes, de que adiante diremos. Tornando Manoel de Mace-

cedo em fim de Dezembro daquelle anno de 1536., e contando ao Governador o que com ElRey de Cambaya paſſára, ſe reſolveo em fazer paz com o Açadachan com as condições que diſſemos; e para ſe melhor certificar, determinou ir a Dio, e não ſe fiar de juizos alheios, ſenão do ſeu em julgar as couſas d'ElRey de Cambaya, cuja paz, e guerra tanto importavam ao Eſtado dos Portuguezes na India, e ver o procedimento que com elle havia de ter.

CAPITULO II.

Da embaixada, que Soltam Badur Rey de Cambaya mandou ao Governador, pedindo-lhe ſe foſſe ver com elle; e como ſabendo elle da traição, que lhe ElRey ordenava, partio logo: e do que mais ſuccedeo.

ESTANDO Nuno da Cunha tão informado dos movimentos d'ElRey de Cambaya, e em propoſito de ir a Dio, chegou a Goa hum ſeu Embaixador por nome Mur Mahamed filho de Luchan Senhor principal do Reino de Guzarate, e homem de grande authoridade, com que ElRey communicava ſeus conſelhos mais ſecretos, e que ſabia a traição que ElRey ordenava, com o qual vinha Xacoez, que já ElRey mandára a Nuno da Cunha com outra embai-

baixada. Os quaes elle recebeo com muita honra, e gazalhado, e para os acompanhar lhes deo por companheiro hum Persiano, que havia muitos annos que estava em Goa, per nome Coge Percoli, homem honrado, de que Nuno da Cunha fiava muito por ser amigo leal dos Portuguezes. A substancia da embaixada era, mandar ElRey dizer ao Governador, que por quanto elle estava de caminho para huma comprida jornada, e não sabia o tempo da sua detença, desejava muito communicar com elle algumas cousas, que lhe importavam muito á segurança de seu Estado: que lhe pedia muito por amor delle o quizesse ir a ver, e que receberia muito prazer em ser o mais em breve que ser pudesse. [a] Agazalhados os Embaixadores, Nuno da Cunha rogou a Coge Percoli, que soubesse per algum modo do Embaixador Mur Mahamed a determinação d'ElRey; e da mesma maneira rogou a Xacoez, que tinha por amigo, e lhe tinha descuberto como ElRey tratava de comprar todo o arroz, e mantimentos que houvesse em Baçaim, e em sua Comarca, para que os Portuguezes os não achassem, e que nisso lhe parecia que ElRey pretendia fazer guerra á fortaleza de Dio. Elles se deram nisto tão boa manha, que dando hum dia

hum

a Fernão Lopes de Castanheda *no cap.* 157. *do liv.* 8.

hum banquete com bons vinhos ao Embaixador, depois de ficarem todos tres sós sobremeza, Percolim, e Xacoez começáram de praguejar dos Portuguezes, por as sem justiças, e males que faziam aos Mouros; e para assegurarem mais ao Embaixador, e tirarem delle o que sabia, culpavam a fraqueza de animo de Soltam Badur, que sendo tão grande Senhor, e tão rico, os não deitava da India, e que em huma hora acabaria ElRey tudo, se prendesse ao Governador, porque prezo, elle facilmente lhe podia tomar a Armada, e a fortaleza; e que havendo o Governador ás mãos prezo, o devia mandar ao Turco mettido em huma gaiola para sua fama se estender per todo o Mundo, e que esta seria mór honra, que ser Senhor do Guzarate. Como estes todos eram Mouros, e pela conversação da pousada, e meza já amigos, o Embaixador quente, e alegre com o que havia bebido, rindo-se para elles, lhes disse, que ElRey o tinha assi determinado, e que para isso havia de dar hum banquete ao Governador, e a seus Capitães na quintã de Melique, em huma horta que tinha cercada de forte muro, e hi prendellos; e que quando não pudesse ser, o mataria na Cidade em seus paços. Estas palavras do Embaixador ouvio hum Portuguez, que sabia

a lingua, que eſtava em huma camara pegada com a do banquete, o qual eſcreveo tudo o que alli paſſou, e o deo a Nuno da Cunha. Quando o Governador acabou de certificar-ſe daquillo que não acabava de crer, determinou comſigo de fazer todo o poſſivel por prender a ElRey, ou na fortaleza, ou em ſeus proprios paſſos, levando comſigo alguns Fidalgos, homens de feito, armados ſecretamente. Tendo em ſegredo o que ſabia, e o que determinava, propoz em conſelho, que ſobre iſſo teve com os Capitães, e peſſoas notaveis que eſtavam em Goa, algumas razões geraes que havia para ir a Dio, e muito mais ao preſente, ſendo chamado, e rogado por ElRey. Mas não declarou o modo que com elle havia de ter, ſe lhe achaſſe o animo damnado, nem que ſabia delle alguma couſa mais que o que ſe dizia geralmente, porque entendia quão perigoſo era tratar com muitos o que ſe requeria ſer poſto em effeito per poucos. E o que mais movia ao Governador abbreviar ſua ida, era por não deixar a ElRey crear mais forças no mar das que tinha, porque cada dia mandava fazer mais navios de remo; e tardando elle, podia vir alguma Armada de Rumes, para o que diziam ElRey mandára muito dinheiro a Méca, como ſe depois

vio.

vio. Polo que a reſpoſta que deo aos Embaixadores de Cambaya, foi, que por ſervir, e comprazer a ElRey ſe faria logo preſtes, e partiria o mais em breve que pudeſſe, ſem embargo de ſua enfermidade, e lhe ſer a Cidade de Dio mui contraria a ella, por ſer terra de campina deſabrigada, e mui ventoſa. Os Embaixadores ſe quizeram deter para ir em ſua companhia; mas Nuno da Cunha os eſpedio com dadivas, e não conſentio que ſe detiveſſem mais por eſtar aviſado per carta de Manoel de Souſa, que elles haviam de commetter ir em ſua companhia a fim de notar todas as couſas, que fizeſſe naquelle caminho, e aviſar diſſo a ElRey. Partidos os Embaixadores, Nuno da Cunha ordenou huma Armada de quarenta vélas [a], de que muitas eram náos groſſas, galeões, e galés; e mandou recado a Martim Affonſo de Souſa, que andava no Malavar, que logo á preſſa partiſſe para Dio, porque importava ſer aſſi, o que elle logo fez. Nuno da Cunha partio de Goa a 9. de Janeiro de 1537.; mas

 co-

[a] *A Armada, diz* Diogo do Couto, *que era de cinco juncos grandes de Malaca carregados de mantimentos, oito náos do Reino, quatorze galeões, duas galeaças, doze galés Reaes, dezeſeis galeotas, e mais de duzentas e vinte fuſtas, catures, e bargantijs; e ſem eſtas vélas hiam náos, zambucos, e cotias de taverneiros da gente da terra, repreſentando huma grande povoação. Cap. 9. livro 1. Decada 5.*

como a Armada era grande, e não pode toda ſahir aquelle dia, deixou Manoel de Macedo para levar os navios que ficavam, e o ſeguir com elles. Os Capitães das vélas groſſas eram Liſuarte de Andrade filho de Simão de Andrade do galeão S. Mattheus, em que Nuno da Cunha hia. Os mais eram D. João Lobo, Ruy Vaz Pereira, Henrique de Mello, Fernão de Souſa, Antonio da Cunha, Antonio da Fonſeca, Manoel Ribeiro, Antonio de Sá, Manoel de Macedo, Antonio Cardoſo, Antonio Correa, Diogo de Lemos, Rodrigo do Couto, Antonio de Figueiredo, Gil Pinto, Gonçalo Martis, Franciſco Rodrigues, Lourenço Botelho, Baſtião Nunes, Gaſpar Rodrigues, Diogo Paes, Garcia Alvares, Garcia Anes Patrão mór, Aſcenſio Fernandes, Affonſo Bernaldes, Aleixo do Monte, Vicente Fernandes, Franciſco Gonçalves, Affonſo Fialho, e Lopo Pinto, que com quatro catures hia ordenado para entrar no eſtreito ſaber novas dos Rumes; mas ſuccedeo de outra maneira por eſta ida com o Governador.

CAPITULO III.

Do que o Nizamaluco tinha paſſado com Simão Guedes em Chaul, antes que Nuno da Cunha alli chegaſſe: e dos indicios que achou dos propoſitos d'ElRey de Cambaya.

TEndo Simão Guedes nova, no mez de Abril do anno paſſado de 1536., que o Nizamaluco vinha com exercito a Chaul, poſto que a terra, e comarca foſſe de ſeu Eſtado, tomou delle má preſumpção, por ſer couſa que nunca fazia, e parecia-lhe que ſeria ſobre alguns recados que entre elle, e Nuno da Cunha houve, querendo o Nizamaluco tomar as duas fortalezas Carná, e Sangueſá, que ElRey de Cambaya tinha dadas aos Portuguezes quando deo Baçaim, as quaes haviam ſido do Nizamaluco, e ElRey de Cambaya lhas tomára, quando com elle teve guerra, ſobre o qual negocio Nuno da Cunha chegou a tanto, que lhe queria mandar queimar a ſua povoação de Chaul, que eſtá acima da noſſa fortaleza. Polo que o Nizamaluco ſe deſceo diſſo; mas como elle era o mais malicioſo daquelles Capitães do Decan, Simão Guedes ſe proveo de maneira, que quando elle chegou a Chaul no fim de Maio, ti-

nha pouco temor delle, posto que estivesse acompanhado de tres mil homens de cavallo, e cinco mil de pé. E como soube que elle estava junto da povoação da Cidade, o mandou visitar per Fernão Mendes Feitor d'ElRey, fazendo-lhe os geraes offerecimentos. Ao que elle respondeo com palavras de agradecimento; e por lhe dizerem que Simão Guedes se acautelava de sua vinda, como de inimigo, lhe mandou dizer, que não tinha razão de o fazer, porque elle era grande amigo, e servidor d'El-Rey de Portugal, e por folgar de ter sua amizade consentíra de se fazer a fortaleza, que alli tinha feita; e que sua vinda não fora mais que a folgar, e querer comprazer a suas mulheres, que desejavam ver o mar, e que lho vinha mostrar, que lhe pedia lhe mandasse dar alguma embarcação para andarem folgando pelo rio. Simão Guedes nestas duas cousas se houve mui bem, porque per huma parte sem algum alvoroço segurou a fortaleza, e per outra, assi no mar, como na terra, o festejou muito, até lhe mandar jogar cannas ao longo da ribeira, que elle, e suas mulheres as estavam vendo do mar nos catures, e navios de remo, que lhe Simão Guedes mandou concertar, como para serviço de hum grande Principe. Mas não lhe consentio com toda

a ami-

a amizade que elle entrásse na fortaleza como elle quizera, senão com cinco, ou seis de seus Capitães. E como isto soube, não quiz ir a ella, dizendo, que por não descontentar os seus, em deixar fóra huns, e levar outros, o não fazia, e então deo licença que seus Capitães de dous em dous, e de tres em tres entrassem na fortaleza para verem como estava provída; e para mais segurança de Simão Guedes, mandou quatro mulheres suas que a fossem ver, a qual estava de maneira, que se o Nizamaluco trazia algum máo pensamento, elle se lhe tirou; e por derradeiro se foi com os seus oito mil homens, que assi no rastro que de si deixáram, como em não restituirem todos os escravos que para elles fugíram da fortaleza, se houveram tão vilmente, que Simão Guedes ficou desavindo com o Nizamaluco.

Isto tudo era passado, quando Nuno da Cunha chegou a Chaul, a quem Simão Guedes o contou por extenso, posto que per Patamares, que são correios de pé, lho tinha escrito, e como o Nizamaluco estava dalli doze leguas dentro pelo sertão com gente d'armas. Quando o Nizamaluco soube estar Nuno da Cunha em Chaul, por encubrir sua estada tão perto, e não dar má suspeita de si, por o que já tinha pas-

sa-

ſado, mandou-o viſitar, e dizer-lhe, que elle viera contra aquella parte por razão da fortaleza de Galeana, e outras terras, que lhe Soltam Badur tinha tomadas nas differenças paſſadas que com elle tivera, para com eſte fingimento moſtrar que não eſtava tão corrente com Soltam Badur como cuidavam. E a verdade era, que elle eſtava alli eſperando ſeu recado, por o que ambos tinham concertado de virem ſobre Chaul. Nuno da Cunha não lhe querendo dar a entender a má ſuſpeita que delle tinha, lhe reſpondeo palavras de agradecimento da viſitação, e outras geraes.

Partido Nuno da Cunha de Chaul, chegou a Baçaim, onde eſtava por Capitão Antonio da Silveira ſeu cunhado, que poucos dias havia alli mandára em lugar de Garcia de Sá, que aquelle anno havia de ir a Portugal, por ElRey aſſi o mandar por informação falſa, que delle lhe deram homens de animo damnado, ſendo elle hum Fidalgo, em que concorriam grandes, e honrados ſerviços, e muita bondade, e liberalidade exercitada no ſerviço d'ElRey, perque não faltáram outros homens mais verdadeiros, que informáram a ElRey do contrario, com que elle ficou na India, e depois a governou per ſucceſsão de D. João de Caſtro Viſo-Rey della. E como Nuno

da

da Cunha aſſi por o que Manoel de Souſa lhe eſcrevêra, como por a eſtada do Nizamaluco tão perto de Chaul, e per outros muitos indicios hia achando ſinaes da má vontade d'ElRey de Cambaya, quiz levar comſigo hum homem de tanta importancia como era Antonio da Silveira, para o que lhe podia acontecer, e principalmente para ſervir de Capitão da fortaleza de Dio, e tirar della a Manoel de Souſa para Capitão de Ormuz, em lugar de D. Pedro de Caſtello-branco, por algumas culpas que lhe davam, e por ſentir que entre Manoel de Souſa, e Soltam Badur havia alguns queixumes, que elle queria evitar; e Antonio da Silveira, quando Nuno da Cunha chegou a Baçaim, como já tinha ſeu recado, eſtava preſtes.

Eſtando Nuno da Cunha em Baçaim, onde ſe deteve cinco dias, provendo a Armada de algumas couſas, veio alli ter hum Capitão d'ElRey de Cambaya com dezeſete fuſtas, e outros navios de remo; e vindo elle a ver Nuno da Cunha, lhe perguntou mui diſſimuladamente, a que era ſua vinda com aquella Armada; ao que elle reſpondeo, que ElRey lhe mandára dar huma viſta áquella enſeada, por ter nova que andavam alli alguns ladrões de Onor, e em Baroche alguns Mogoles. Nuno da Cunha diſ-

dissimulando o que entendia daquella sua vinda, (da qual conheceo mais descubertamente a tenção d'ElRey de Cambaya,) offereceo-lhe qualquer cousa que houvesse mester para serviço d'ElRey ácerca da sua vinda. E provída a fortaleza, segundo a suspeita que lhe estas cousas davam, deixou por Capitão della a Ruy Vaz Pereira, e partio-se a seis de Fevereiro, e em sua companhia o Capitão d'ElRey de Cambaya com suas fustas. E sendo tanto avante como a Maij, que he seis leguas acima de Baçaim, espedio-se este Capitão de Nuno da Cunha; dizendo, que hia a terra fazer aguada, e elle foi-se á enseada de Cambaiet esperar recado de Coge Sofar, cujo Capitão era, segundo se depois soube.

CAPITULO IV.

Como ElRey de Cambaya mandou visitar a Nuno da Cunha ao caminho: e como por vir doente o foi ver ao galeão chegando a Dio.

SAbendo Nuno da Cunha, antes que partisse de Baçaim, como ElRey Badur andava á caça ao redor de Dio, mandou visitallo per Diogo de Mesquita; mas ElRey se anticipou, mandando-o primeiro visitar per seu privado João de Sant-Iago, o qual quan-

quando chegou a Baçaim, ſoube que era já Nuno da Cunha partido; polo que veio trás elle até o tomar em Madrefabat. Nuno da Cunha quando ſoube da vinda de Sant-Iago, ſe fez ainda mais doente do que vinha, vindo-o elle muito, e deitou-ſe em cama, parecendo-lhe que com eſta nova de ſua enfermidade remetteria ElRey algumas couſas de ſeu furor, e elle teria tempo de praticar primeiro com Manoel de Souſa, e Antonio da Silveira, por quem eſperava, que tardava já, por vir em hum galeão mui máo de véla. E por João de Sant-Iago ſer Chriſtão, e haver tido muita communicação Nuno da Cunha com elle, lhe fez grande gazalhado, e por ſer tão grande a valia que tinha com ElRey. E tratando com elle muitas materias, aſſi de graças, e boa converſação, como de couſas d'ElRey, para o tirar a terreiro, Sant-Iago lhe diſſe: *Senhor, ElRey não tem ainda unha; mas como as elle tiver, crede que vos ha de arranhar.* Deſta palavra, e de outras que elle ſoltou, acabou Nuno da Cunha de aſſentar que ElRey tinha o animo mais damnado do que elle cuidava, poſto que já o conhecia por homem não são, e mui vário, e inconſtante em ſeus ditos, e feitos.

Deſpedido Sant-Iago, veio aquella noite Manoel de Souſa fallar com Nuno da

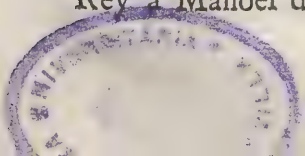
Cu-

Cunha, sem alguem saber que estava fóra da fortaleza; e entre muitas cousas que lhe contou do que ElRey dizia, foi, que quando o prendesse o havia de mandar de presente ao Turco, e que isto soubera do Ráo Capitão da Cidade de Dio, que era muito seu amigo. Ao da prizão disse Nuno da Cunha rindo: *Esperança tenho eu em Deos, que dará essa sentença ao contrario, e que seus máos pensamentos lhe fiquem quebrados em sua cabeça.* E posto que Manoel de Sousa moveo algumas cousas, que quizera que Nuno da Cunha logo determinára, elle espaçou a resolução para depois que fosse em Dio, e viesse Antonio da Silveira, por quem esperava, e com isto despedio a Manoel de Sousa.

Ao outro dia, que eram quatorze de Fevereiro, quarta feira de Cinza, Nuno da Cunha se fez á véla de vagar, por esperar por Antonio da Silveira, que ainda não viera, e chegou ante a Cidade de Dio ás duas horas depois de meio dia. E ainda não era surto, quando veio huma fusta d'ElRey com hum presente, que elle lhe mandou a Madrefabat; e quando o messageiro achou ser partido Nuno da Cunha, o veio alli tomar. O presente eram vinte e tantos viados, e gazéllas com este recado. Que elle andára monteando o dia passado, e que na

na boa dita da ſua vinda fizera aquella monteria, que lha mandava, porque os homens que andam no mar folgam com carne freſca. Chegado Nuno da Cunha a bordo do galeão ver o preſente, vio a veação alaſtrada per toda a fuſta, esfarrapada das unhas, e dentes das onças que a tomáram, porque como são feras na maneira de prear, não deixam a caça inteira, e aſſi não dava deleitação á viſta. Neſte tempo eſtava João de Paiva Feitor da Armada com Nuno da Cunha, a que era mui acceito, e ſem ſaber o que dizia, lhe diſſe: *Prazerá a Deos, que aſſi verá V. S. cedo ſeus inimigos mortos, como eſtá aquella triſte veação.* As quaes palavras foram huma profecia, que antes de duas horas ſe cumprio na propria fuſta em que vinha a caça. E no recado que ElRey mandava dizer da monteria que fizera, dizia verdade; porque como Nuno da Cunha chegou a Chaul, pelas eſpias que ElRey trazia no mar, depois que dalli partio para Baçaim, e dahi para Dio, cada hora lhe levavam nova de quantas voltas dava. No qual tempo ElRey andava ao longo da coſta monteando com ſuas onças, de que os Principes daquellas partes muito uſam. E a noite que Nuno da Cunha chegou a Madrefabat, veio ElRey dormir a Novanaguer quintã de Melique, que eſtá cinco milhas de Dio.

Aca-

Acabando Nuno da Cunha de despedir o messageiro d'ElRey, que lhe levou o presente, a que fez mercê, chegou Manoel de Sousa em hum catur, e disse-lhe como ElRey viera á quintã de Melique mui alvoroçado com sua vinda, e a Manoel de Sousa mandou Nuno da Cunha, que tanto que ElRey entrasse na Cidade o fosse visitar de sua parte, e dizer-lhe, que por vir mui doente de enfermidade, que não era para estar entre Principes, não desembarcava logo, que ao outro dia trabalharia de o fazer, dando-lhe ella lugar para isso. Não seria partido Manoel de Sousa quando veio Coge Sofar, e hum filho de hum dos principaes Capitães de Soltam Badur, que da sua parte o vieram visitar, aos quaes elle se mostrou doente; e dando-lhe graças da visitação, mandou per elles dizer a ElRey o que tinha dito a Manoel de Sousa. E pareceo que assi o tinha Deos ordenado, que vindo ElRey da quintã de Melique, e querendo passar o braço da agua, que se mette entre a Cidade, e a terra firme, chegou a fusta que trouxe a veação a Nuno da Cunha, e juntamente Manoel de Sousa, e os dous visitadores; e dando-lhe nova como o Governador vinha mal disposto, e a desculpa de logo não sahir em terra, disse ElRey a Manoel de Sousa: *Com os amigos quan-*

quando são doentes, em quanto os homem não vê, não cumpre com sua amizade, eu quero ir ver o Governador: e deixando a embarcação que lhe traziam para sua passagem, se metteo na fusta da veação com oito, ou nove Capitães [a], e sós dous pagens, hum que lhe levava o terçado, e outro o arco, e as settas. Manoel de Sousa quando vio aquelle subito não pode mais fazer que metter-se com ElRey, e dizer a hum pagem seu que fosse correndo naquelle catur, e dissesse ao Governador que ElRey o hia ver. ElRey foi tão á pressa, que apenas o recado era chegado quando elle chegava, que não houve tempo para o Governador communicar cousa alguma, nem haver conselho sobre o que se havia de fazer, nem mais espaço que para alcatifar o lugar da náo per onde ElRey havia de passar, e deitar sobre a cama de Nuno da Cunha hum cobertor de cetim avellutado carmesim, e elle tomar huma loba aberta de chamelote. Tanto que ElRey começou a chegar-se, foi o estrondo das charamellas, trombetas, e atabales tamanho, que se não ouviam. Nuno da Cunha o veio receber ao bordo do galeão [b]; e como era homem gran-

a *Os Capitães, que hiam com ElRey eram 13. e todos grandes Senhores.* Lopo de Sousa Cout. *no trat. do cerco de Dio.*

b *Escreve* Diogo do Couto, *que o Governador aguardou a Soltam Badur na camara do seu galeão, deitado em*

grande de corpo, e a enfermidade o tinha debilitado, em o ElRey vendo tão desfigurado, lhe disse: *Se eu soubera que tão mal tratado o tinha a enfermidade, eu lhe mandára dizer que se não levantára da cama; mas já que assi foi, vamo-nos assentar na vossa camara.* E tomando-o pelo braço o levou a ella, sem entrarem mais que os seus Capitães, nem com Nuno da Cunha mais que dous pagens seus, e João de Paiva, que fechou a porta sobre si. Assentado ElRey em huma cadeira, que para elle estava posta, e Nuno da Cunha em humas almofadas de seda, e os Capitães em alcatifas, começou ElRey de lhe perguntar per sua disposição, e viagem que trouxera, e outras cousas geraes, em que ambos gastáram hum bom espaço.

Manoel de Sousa por o animo damnado que conhecia d'ElRey, e que tambem sabia de Nuno da Cunha que determinava prendello, começou agastar-se sobre a resolução que se havia de ter com ElRey naquella conjunção de o terem na náo, e tão só; e porque lhe pareceo necessario fazerlhe lembrança, mandou Jorge Barbosa pagem de Nuno da Cunha, que per fóra da [illegible] náo

huma camilha, armado secretamente, e com huma espada ao longo de si, e que alli o recebeo acompanhado de Antonio da Silveira, Gonçalo Vaz Coutinho, Antonio de Sá o Rume, João Jusarte Tição, e D. Manoel de Lima.

náo pela exarcea fosse á varanda della, e entrasse onde estava Nuno da Cunha, e lhe dissesse á orelha de sua parte, que lhe mandava que fizesse. Entretanto este pagem chegou-se em giolhós a Nuno da Cunha, que estava mais perto da varanda, para lhe dar o recado, e em lho querendo dar á orelha, ElRey, como o seu animo culpado tudo o que via fazer lhe parecia suspeitoso, e em seu damno, começou de se confranger, e acudio com a mão a huma adaga, e a poz mais adiante do lugar onde a trazia. João de Sant-Iago, que servia de lingua, e sabia a tenção d'ElRey, disse apressadamente a Nuno da Cunha: *Senhor, não ouçais recado algum, olhai para ElRey, que vos falla.* Polo que Nuno da Cunha deo de mão ao moço, e o não quiz ouvir; e voltando-se para ElRey, tornou a enfiar sua prática, por assentar-lhe a alteração que lhe vio, e mui bem entendeo, como quem estava prompto nos géstos que ElRey fazia. O qual não se detendo muito, levantou-se, e chegando á porta, como de outras náos eram vindos os Capitães, e Fidalgos, e elle conhecia alguns, em os vendo lhes fallou, e agazalhou a seu modo. Levantado ElRey, Nuno da Cunha chamou a João de Paiva; e como que se ajudava a levantar ao hombro delle, indo assi

arrimado, lhe disse: *Dizei logo a Manoel de Sousa, que se vá apôs ElRey, e que trabalhe muito por o levar á fortaleza para lha mostrar como a tem apercebida para seu serviço; e que eu mando todos os Capitães trás elle para o seguirem, e que o não deixe sahir até eu ir, nem entrar mais gente que a que leva; e quando não quizer, que no mar o entretenha: e dizei aos Capitães, que lhes mando que acompanhem a ElRey com seus catures, e bateis, e a Manuel de Sousa até a fortaleza.* Ditas estas palavras, deixou Nuno da Cunha o hombro de João de Paiva, e foi-se trás ElRey, até que a bordo se despedio delle. E deixou-se alli estar sempre com os olhos em sua pessoa por cortezia, e tambem por o segurar, que não tinha que mandar em a náo, nem fallava com alguem.

Em quanto se ElRey embarcou per este bordo, em que Nuno da Cunha estava, se embarcou Manoel de Sousa pelo outro no seu catur, por o recado que lhe João de Paiva deo; e dando-lhe a mão ao descer, sentio que as tinha frias, e lhe disse: *Que he isto, Senhor, á cousa tão quente, como levais as mãos tão frias?* Ao que Manoel de Sousa respondeo: *São mãos de homem, que ha oito dias que come dieta; mas eu espero em Deos que hoje vos pare-*

ce-

cerão bem quentes. As quaes dahi a pouco eſpaço de hora ſe tornáram de todo frias, com a morte que lhe ſobreveio. Tão ignorante he a mente humana dos caſos que lhe eſtam por vir. Nuno da Cunha depois que ElRey deſappareceo de ſua viſta, e olhou para trás, e vio os Fidalgos, e Capitães, que eſtavam ao redor delle, diſſe: *Senhores, que fazeis, que não is acompanhar a ElRey como mandei? embarcai-vos, e ide trás Manoel de Souſa*; o que cada hum fez a grande preſſa.

Quando os Fidalgos, que eſtavam nos navios, vieram ao galeão do Governador, por ſe acharem preſentes á viſita d'ElRey, tendo ouvido geralmente dizer que elle deſejava tomar a fortaleza de Dio, e fazer todo o mal que pudeſſe aos Portuguezes, parecia-lhes que cumpria prendello, ou matallo, e que nenhuma occaſião havia melhor que tello o Governador em ſeu poder tão ſó como veio ao galeão. E aſſi foram de parecer com Manoel de Souſa, que mandaſſem perguntar ao Governador por aquelle ſeu pagem, que ordenava que fizeſſem. E á ſahida d'ElRey tambem puzeram os olhos nelle, dando-lhe a entender que eſtavam preſtes para o que lhes mandaſſe. Mas a Nuno da Cunha não pareceo tempo, nem conjunção de executar então ſeu

propofito ; ou porque lhe não parecia honrofo feito, nem fidalguia, prender hum tão grande Rey, não declarado por inimigo, vindo-o vifitar como amigo a feu galeão, e affaftado huma legua de fua Cidade, acompanhado fómente de nove homens, fiando-fe delle, e dos Portuguezes; ou porque lhe parecia que coufa de tanta importancia, e perigo não fe havia de executar fem confelho dos principaes Capitães, affi dos que efperava cada hora, que eram Antonio da Silveira, e Martim Affonfo de Soufa, como dos que alli tinha, a que, por a fubita, e não cuidada vinda d'ElRey, não teve tempo de fallar; porque a ninguem tinha defcuberta fua tenção fenão a Manoel de Soufa, com o qual ainda não tinha affentado o modo perque havia de prender a ElRey; ou perque lhe não pareceo feguro prendello no mar, polo que podia acontecer antes que chegaffe á Cidade, onde ElRey tinha cincoenta mil homens d'armas, e huma tão grande Armada, deixando a execução do que determinava para a fortaleza de Dio, onde tinha por certo que ElRey o foffe vifitar eftando doente, pois a ella hia ver ao Capitão Manoel de Soufa fendo são; ou tambem fe dilatou aquella obra, (o que he mais de crer,) porque quiz Deos que ElRey não foffe prezo, como

mo Nuno da Cunha determinava, senão morto, por o que a serviço seu, e a salvação dos Portuguezes cumpria, que não estava segura com sua prizão.

CAPITULO V.

Como foram mortos Soltam Badur Rey de Cambaya, e os Senhores que com elle hiam, e Manoel de Sousa Capitão de Dio.

DO galeão de Nuno da Cunha, donde ElRey sahia, havia huma legua á Cidade; e como a fusta d'ElRey hia melhor remada que o catur de Manoel de Sousa, já quando elle chegou onde podia ser conhecido de longe, começou acenar, como que levava algum recado a ElRey. O qual entendendo que Manoel de Sousa hia a elle, mandou entreter o remo, até que o pudesse ouvir; e elle tomando com a mão huma ponta de huma alcatifa, como quem a queria concertar, disse em alta voz a João de Sant-Iago, que era o interprete: *Dizei a ElRey, que se queira passar a este meu catur, que vai mais limpo de sangue, e de caminho lhe irei mostrar como tenho apercebido a fortaleza para seu serviço, porque assi me manda o Governador que o faça.* Quando Sant-Iago ouvio estas palavras,

não

não ficou contente, e respondeo: *Não he isso cousa para eu dizer a ElRey*, mostrando indignação por ouvir aquellas palavras, e entendendo serem peiores do que eram. Ao que ElRey perguntou, que dizia o Capitão? e sabendo que palavras eram, como cousa de que não fazia muita conta, como João de Sant-Iago, nem tinha dúvida de ir á fortaleza, disse: *Porque não irei lá? Sabeis, Senhor, porque?* (disse Sant-Iago) *porque me parece que vos querem prender. Prender?* (disse ElRey) *dize ao Capitão que entre cá dentro nesta minha fusta.* Em chegando Manoel de Sousa á fusta d'ElRey, deo de pancada com seu catur nella, e como estava no bordo para saltar, foram-se-lhe os pés, e cahio ao mar, trás o qual se lançou hum pagem seu, e tornando a surdir acima, o pagem, e Diogo de Mesquita, que hia no mesmo catur, o mettêram dentro da fusta d'ElRey, como elle mandava; e assi molhado como estava foi levado per seus Capitães ante elle. Naquelle instante acertou de chegar huma fusta, em que hia Lopo de Sousa Coutinho, Pedr'Alvares de Almeida Ouvidor geral, e Antonio Correa, que vendo a cahida de Manoel de Sousa, por lhe soccorrerem, per cima do seu catur, de que fizeram ponte, passáram adiante, e com aquella pressa entráram

na

na fuſta d'ElRey. O qual quando os alli vio entrar aſſi com impeto, (porque ſua conſciencia lhe fazia temer tudo,) diſſe aos ſeus Capitães, que eſtavam mais junto delle, que leváram Manoel de Souſa, que o mataſſem. Diogo de Meſquita entendendo eſta palavra, por aprender alguma couſa da lingua no tempo que foi cativo em poder do meſmo Soltam Badur, e vendo que Xabardin Agar [a], genro de Coge Sofar, punha o ferro em Manoel de Souſa, com que o matou [b], arremetteo a ElRey; e tomando-o pelos peitos, lhe deo huma ferida, a que elle bradou: *Matem-o, matem-o.* Por eſtes brados d'ElRey houve hum bravo jogo de cutiladas entre os Capitães d'ElRey, e os noſſos, dos quaes o primeiro morto foi o Ouvidor geral Pedr'Alvares de Almeida, defendendo-ſe mui esforçadamente em quanto a vida lhe durou, cujo corpo lançáram ao mar com o de Manoel de Souſa. Os outros tres que ficavam, que eram Lopo de Souſa Coutinho, Diogo de Meſquita, e Antonio Correa, ſómente com as eſpadas andavam entre aquelles Capitães com tanto esforço, quanto era o perigo em que

es-

a *Aſetchan lhe chama* Diogo do Couto.

b *Deſta maneira foi morto Manoel de Souſa Fidalgo de grande valor, e esforço, como moſtrou neſta occaſião, e na paſſada quando foi a caſa de Soltam Badur, eſtando aviſado que o chamava para o matar.*

eſtavam poſtos. E poſto que o animo lhes não faltava, tendo já mortos ſete dos Mouros, como elles eram muitos, os lançáram a braços no mar mal feridos; mas pelos noſſos, que em ſuas fuſtas, e catures chegáram, foram ſalvos.

ElRey neſte tempo aſſi eſtava cortado com temor da morte, que como atonito não fazia mais que olhar a peleja. O pagem que lhe trazia o arco, e fréchas, que era hum moço de dezoito annos Abexij, de grande animo, quando o vio aſſi paſmado, tirando com o arco tão a miude, que parecia que punha as fréchas de duas em duas, matou logo Antonio Cardoſo, e Affonſo Fialho, e ao pagem de Manoel de Souſa, e ferio a João Juſarte Tição, e a Martim de Caſtro, e outros dez, ou doze, e matára todos, ſe o não acertára de matar com huma eſpingardada, do qual aſſi haviam medo os remeiros dos catures, em que os Fidalgos vinham, que não ouſavam chegar á fuſta d'ElRey. A maior couſa que elle fez, foi mandar aos ſeus que remaſſem para a Cidade.

No meio deſta revolta acertáram de vir tres navios de remo de gente d'armas da que ElRey tinha em Mangalor; e quando víram a requeſta dos noſſos ſobre ſua fuſta, que conhecêram, e ouvíram a grita da gen-

te

te da Cidade, que eſtava poſta ſobre os muros, e lugares altos, a grande preſſa remettêram aos noſſos, e como era gente d'armas, e vinha bem apercebida dellas, principalmente de eſpingardas, e fréchas, travàram com elles outra nova, e mais perigoſa peleja. Mas Deos ajudou os noſſos de maneira, abalroando com elles, que não tiveram eſpaço de armarem os arcos, e cevarem as eſpingardas, e em breve eſpaço matáram hum bom número de Turcos, e os outros ſe lançáram no mar para eſcaparem, no qual tempo por os noſſos andarem envoltos com elles, ſe alargáram da fuſta d'ElRey. O qual vendo-ſe deſabafado, apreſſava aos remeiros da fuſta para ſe acolher á Cidade, e ſe ſalvar nella. Mas atraveſſou-ſe diante neſte tempo hum impedimento que o entreteve, que foi hum catur que vinha da noſſa fortaleza a grande preſſa, como quem acode a arruido, de que era Capitão Baſtião Nunes, a que chamavam Pantafaſul. O qual com hum berço que trazia fez hum tiro á fuſta d'ElRey, que ſe hia acolhendo, e levou-lhe tres, ou quatro remeiros, com que a fuſta ſe eſtorceo; e ficando atraveſſada, e impedida, ſem ir mais por diante, a maré que vaſava lançou a fuſta ſobre os noſſos, que ſe hiam deſembaraçando dos Mouros á cuſta do ſeu ſangue.

gue. ElRey quando se vio naquelle estado, confiando que a nado se poderia melhor salvar que na fusta, porque acudiam dos nossos muitos batéis, e catures a ella, lançou-se ao mar, e outros que com elle hiam; mas o pezo da agua que o impedia surdir, o detinha, e já de cansado começou de se nomear, dizendo: *Badur*, *Badur*, parecendo-lhe que quem o ouvisse o salvaria. Tristão de Paiva, hum cavalleiro de Santarem, quando o conheceo, fez chegar a sua fusta a elle; e dando-lhe hum remo para se pegar, e o recolher, veio hum homem da mesma fusta, executor da Divina justiça, e deo-lhe com huma chuça pelo rostro, e sobre este vieram outros que o acabáram de matar, ficando sobre a agua hum bom espaço, até que foi ao fundo, sem mais apparecer elle, nem o corpo de Manoel de Sousa, por muita diligencia que Nuno da Cunha sobre isso mandou fazer per toda aquella costa, para dar a cada hum sua devida sepultura, e tambem por memoria daquelle feito.

João de Sant-Iago, que foi author de toda aquella tragedia, tambem nadando foi ter ao nosso baluarte, que está na boca da barra, onde bradou que o recolhessem; mas como elle não merecia tornar mais a terra, naquelle mar o matáram. Sómente dos homens

mens de nome que hiam com ElRey escapou Coge Sofar, o qual andando tambem nadando foi ter a huma fusta, em que hiam Antonio de Soto-maior, Francisco de Barros de Paiva, e Antonio Mendes de Vasconcellos; e por ser conhecido de Antonio de Soto-maior, lhe deo a mão, e recolheo, já com huma cutilada que lhe deram na fusta, com que se elle lançou ao mar; e quanto proveitosa foi sua vida naquelles dias para dar luz a algumas cousas das d'ElRey de Cambaya, tanto trabalho deo depois aos Portuguezes, como se ao diante verá.

Finalmente esta revolta custou as vidas das pessoas notaveis dos nossos, que já dissemos, e assi a de Alvaro Mendes hum cavalleiro mancebo, que por se mostrar quem era entrou em huma fusta de Mouros, onde com outros dous companheiros que o seguiam, pelejou tão valerosamente, que matou os mais delles, e outros fez saltar ao mar, e foi morto de huma fréchada pelo estomago, e em todos os catures, e fustas houve muitos feridos. Dos Mouros, segundo se depois soube, morrêram mais de cento e quarenta, dos quaes alguns corpos vieram ter á praia da costa com a maré, mas não de pessoas notaveis. Dos Capitães da fusta d'ElRey que morrêram, que todos eram grandes Senhores, foram os principaes del-

delles Efcandarchan natural do Reyno de Mandou, Languerchan filho de Maluchan, Xabardin Agar genro de Coge Sofar, que chamavam por fua valentia Tigre do Mundo, Minacem Camareiro mór d'ElRey, Gulpao Rao Gentio irmão de Nina Rao Capitão de Dio, e tio d'ElRey, e outros Senhores de grandes eftados, e rendas.

Efte foi o fim daquelle Rey tão poderofo em Eftado, em terras, em gente, e em thefouros, com que podia competir com Dario, e com os maiores Principes que houve naquelle Oriente. Mas como a profpera fortuna que em feus negocios tivera o embebedára, e lhe faltou a prudencia para fe bem governar nella, veio a não foffrer a boa, como foffria a má, quando feito Calandar andava peregrinando pelo Mundo. Era Soltam Badur de fua condição homem fragueiro, e que foffria bem os trabalhos da guerra, para que teve excellentes Capitães, perque viera ter ainda maiores Eftados dos que teve, fe feguíra o parecer dos bons confelheiros; mas os de que fe contentava eram os que tinham mais vicios que virtudes, mais jactancia que animo, mais aftucia que verdade, e dos em que achava mais lifonjas que defenganos, como foram Rumechan, e Franguechan, que antes fe chamava João de Sant-Iago, que o puze-

ram

ram no eſtado de ſua perdição, e eſte no artigo da morte. Foi Soltam Badur de meã eſtatura; e por ſer de largos, e groſſos membros parecia mais pequeno do que era, da côr era báço por ſua mãi ſer Resbuta da nação do Gentio da terra, que geralmente são báços. Tinha o roſto largo, os olhos grandes, e esbugalhados, e ſempre inquietos, mas em ſua acatadura não era mal aſſombrado. Foi mui ligeiro em ſaltar, e correr, e prezava-ſe muito de huma leviandade, que nem em peſſoa particular merecia louvor, que era correr com grande ligeireza per cima das ameas de altos muros, e torres, e convidando a iſſo outros, a que, porque o não faziam, chamava covardos. Fallava mui bem tres, ou quatro linguas. De ſua condição foi liberaliſſimo, e que não ſabia dar pouco, e aſſi tinha alguns Capitães, e homens nobres eſtrangeiros em ſeu ſerviço, a que deo grandes terras, e Eſtados; e a outros de mui baixa condição fez muito grandes. Era tão vão, que lhe pezava de gabarem em ſua preſença a Alexandre Magno; e na verdade os eſpiritos tinha mui grandioſos, ſe uſára bem delles. Por ſe moſtrar magnanimo, a primeira vez que Nuno da Cunha ſe vio com elle, querendo-o conſolar de ſeu desbarato com os Mogoles, reſpondeo-lhe, que a guerra era

jo-

Jogo, que ſem cabedal ás vezes hum homem per huma boa ſorte ficava rico de Eſtados, e ás vezes perdia os que tinha, e depois os tornava a cobrar com dobrado ganho; e dizia que naquella ſua deſgraça ſó per huma couſa era triſte, e o ſeria toda ſua vida, que foi perder hum muſico, que era todo ſeu goſto, que ſenão podia cobrar como os Eſtados, que a fortuna trazia em almoeda. E depois vindo-lhe nova que eſte ſeu muſico era vivo, alegrou-ſe com Nuno da Cunha, dizendo, que folgaſſe com ſeu bem, que era vivo o ſeu muſico. Tudo iſto era por moſtrar que não fazia conta de perder, ou ganhar Reinos. Finalmente pezando bem ſuas obras, nelle havia mais audacia que fortaleza, mais temeridade que audacia, e aſſi ſe mettia muitas vezes nos perigos ſem cauſa, nem fruto, como foi ir ver á fortaleza de Dio a Manoel de Souſa de noite, e deſacompanhado, onde arriſcou ſua liberdade, e a Nuno da Cunha ao galeão, acompanhado ſómente de nove homens, per onde perdeo a vida.

CA-

CAPITULO VI.

Do que se fez na Cidade de Dio com a morte de seu Rey: e do que Nuno da Cunha ordenou para conservar a mesma Cidade em paz, e quietação dos moradores della.

AO tempo que a peleja que dissemos foi no mar, toda a gente da Cidade estava posta nos muros, e lugares altos, de que se podia ver a nossa Armada, e tambem o seu Rey; e antes disso quando souberam que ElRey era ido ao galeão do Governador, e víram a sua tornada, o fim da peleja, e ouvíram a morte d'ElRey, foi tamanho o terror na gente, que todo seu intento era em salvar suas vidas, sem o marido ter conta com a mulher, nem as mãis com os filhos, todo o parentesco, e toda a razão se esquecia, sómente nos pés tinham toda a lembrança. Tanta era a pressa com que fugiam, que por não caber o concurso da gente pelas portas da Cidade, muita se afogou, principalmente a que era fraca, como velhos, meninos, e mulheres, com que obrigáram a outros lançar-se per cordas per cima dos muros. E porque o Capitão da Cidade mandou logo tomar todas as embarcações para a mãi d'ElRey, e pa-

ra ſi, e os principaes da Cidade faziam outro tanto, huns caminhavam para certos paſſos que tem a Ilha, perque ſe paſſa á terra firme de maré vaſia; outros ſe lançavam a nado, paſſando para a Villa dos Rumes, dos quaes com preſſa alguns ſe afogáram. Tanto poder tem o temor, que tira a eſperança de ſalvação onde a póde ter, e vai pelos perigos da morte. Finalmente como na imaginação de todos era cuidar que tanto que vieſſe a manhã Nuno da Cunha havia de entrar na Cidade, e não havia de perdoar á ninguem, e dar ſaco nas fazendas, ninguem levava mais pezo que quanto lhe podia caber na mão. Os prezos foram ſoltos, porque para fugir todos eram deſembaraçados; mas a gente d'armas como era mais odioſa aos Portuguezes, receando que por eſte odio haviam de fazer-lhe mais cruezas, paſſáram-ſe á terra firme, fugindo para os lugares mais longe da Cidade. Nuno da Cunha, porque entendeo quanto deſmancho ſe havia de fazer na Cidade com a morte d'ElRey, per meio de Coge Sofar, que elle recebeo com muitas palavras de eſperança de lhe fazer bem, mandou lançar pregão per todas as náos, que eſtavam no porto, que ſeriam cincoenta vélas, que elle ſegurava a todos, e não lhes ſeria feito aggravo, antes haveriam bom deſpacho, e

lhe dariam ſeus cartazes quando ſe foſſem; ſendo certo que partindo-ſe ſem licença, os mandaria tomar por cativos, e perderiam ſuas fazendas.

Quando veio pela manhã, per meio do meſmo Coge Sofar mandou lançar outros pregões na Cidade, que cada hum eſtiveſſe em ſua caſa, e ſe não foſſe, nem temeſſe; e ſe alguns moradores naturaes da terra, ou mercadores, que alli eram vindos por razão de fazer ſeus commercios, aquella noite eram idos para a terra firme, podiam tornar a ſuas caſas, e pôr cobro ſobre ſua fazenda, porque por ſerviço d'ElRey D. João ſeu Senhor, e em ſeu nome elle os havia a todos por ſeguros; mas a gente d'armas, cujo officio era viver da guerra, elle os amoeſtava que dentro de dous dias ſe ſahiſſem da Cidade, e que ſendo depois achados, a pena ſeria perderem as vidas. Outros pregões mandou tambem lançar, que nenhum Portuguez, de qualquer qualidade, e condição que foſſe, ou peſſoa, que venceſſe ſoldo d'ElRey de Portugal, entraſſe na Cidade, nem fizeſſe mal, e damno aos moradores della, nem lhe foſſe tomado o ſeu, per qualquer via que foſſe, ſob pena de morte. Com eſtes pregões ficou tudo tão aſſocegado, que dahi a tres, ou quatro dias a mais da gente ſe tornou

 a ſuas

a ſuas caſas. E poſto que alguns acháram muitas couſas menos, e aſſi do que lhe cahia pelas ruas com preſſa da fugida, foram furtos dos proprios ſeus, ſómente hum bombardeiro dos noſſos, Framengo, por tomar hum pedaço d'ouro per força a hum Guzarate, o mandou Nuno da Cunha enforcar, e tornar o ouro á ſeu dono, o que fez aſſocegar a gente, vendo o caſtigo que elle mandava dar áquelles, que offendiam aos naturaes da terra. Iſto foi muito louvado dos Mouros, e Gentios da Cidade, e dahi notáram que a morte de Soltam Badur mais fora culpa ſua, que cubiça noſſa, pois tanta juſtiça, e moderação ſe teve em huma Cidade órfa de ſeu Rey, e cheia de todo o theſouro que havia em Cambaya, porque por razão da guerra dos Mogoles, e de ſe ElRey alli recolher, e os Capitães que andavam com elle, tinham recolhido no meſmo lugar o melhor de ſua fazenda. E para Nuno da Cunha moſtrar a pouca cubiça que havia nelle para tomar a fazenda d'ElRey, e que ſua morte não foi induſtriada a eſſe fim, ſómente cauſada por ſua pouca prudencia, logo ao dia ſeguinte ſahio em terra em tres catures, ſem eſtrondo de gente d'armas, mandando-a ficar toda nas náos, por não aſſombrar a gente da Cidade, e foi-ſe metter na fortaleza, onde

ha-

havia mil e duzentos homens, que eram da guarda della, á cuja porta, e á da Cidade mandou pôr guarda, por ninguem entrar, e sahir, e não haver alguma cousa de escandalo.

CAPITULO VII.

Do razoamento, que Nuno da Cunha fez aos Capitães, e pessoas principaes da Armada: e do comprimento que teve com a Rainha mãi d'ElRey Badur: e como mandou pôr cobro na fazenda d'ElRey: e do que se lhe achou per sua morte em seu thesouro, e armazem.

AQuella manhã, que o Governador Nuno da Cunha se metteo na fortaleza, depois de ouvir Missa, mandou chamar todos os Capitães, e principaes pessoas da Armada, a que propoz estas palavras:

Querer-vos, Senhores, repetir o que he feito sobre esta Cidade de Dio, que ora temos em nosso poder pola morte de seu Rey, não servirá de mais, que para vos trazer á memoria vossos trabalhos, pois quantos aqui estais presentes, per elles, e per o suor de vosso rostro, até derramar vosso sangue, o tendes em lembrança, que a todos deve ser doce, e deleitosa, pois tudo o que fizestes foi per honra, e gloria de Deos,

accreſcentamento do Eſtado de noſſo Rey, e louvor do nome Portuguez; porque ſe vemos tanto número de eſcritores pôrem tanto eſtudo, e trabalho em eſcrever a expedição de Alexandre, que partindo de Grecia, vizinha a eſta Aſia, com tão alto eſtilo celebráram a guerra, que teve com Dario Rey de Perſia, e com Poro Rey de huma parte do Delij, e encarecem tanto a navegação de ſeu Capitão Nearcho [a] *por ir pelo rio Indo abaixo até as ſuas fózes, que aqui temos por vizinhas, e paſſar pelo noſſo Eſtreito de Ormuz, e entrar pelas boccas dos rios Tigris, e Eufrates, até Babylonia, cujas hiſtorias nos deleitam, que poderáõ eſcrever de nós, que vindo de tão remotas regiões, per mares nunca viſtos, nem navegados, nos fizemos ſenhores deſſes meſmos mares, e da navegação, conquiſta, e commercio delles, e contendemos per mar, e per terra com tantos Reys, e Principes, de que houvemos tão aſſignaladas victorias, e entre elles com Soltam Badur, mais poderoſo em gente, e em armas, e artilheria, e elefantes, e mais rico em ouro, prata, e pedraria, e todas as delicias Orientaes, do que eram Dario, e Poro? Certo que ſe os eſcritores diſſerem verdade, contaráõ, que não ſendo nos Gre-*

gos

a *Eſta navegação eſcreve* Arriano *no livro* 8.

gos vizinhos da Asia, mas Portuguezes mais remotos de todas as gentes vindos do ultimo do Mundo, donde o Mar, e a Terra, e o Ar fazem sua demarcação, não peregrinando per terra, como os Gregos; gozando dos refrescos, e delicias della, repousando em partes, onde os homens tem paciencia para soffrer o frio, e a calma, e alterações dos tempos, mas que navegamos per mares de climas differentes, atravessando toda a grandeza do mar Oceano, comendo o duro, e podre biscouto, e salgada carne, bebendo agua corrupta, e mal cheirosa, com mais frio, e ardor do Sol, do que a natureza dos homens póde soffrer; e para allivio destas cousas, padecendo assombramentos de tempestades, que não obedecem aos homens, nem temem suas armas, e ardijs, nem algum artificio humano, a que se não póde fugir, nem buscar acolheita. Chegados a este Oriente, achamos os inimigos mui mais contrarios, e infestos do que os acháram os Gregos, que adorando Jupiter, Apollo, ou Baccho, achavam os inimigos que adoravam os mesmos, e assi eram todos confrades de huma seita. E confessando nós hum Creador do Ceo, e da terra, achamos Gentios remotos do conhecimento deste mesmo Deos, em todas as suas opiniões contrarios, e nas vontades mui-

muito mais. Achamos Mouros professores da torpe, e abominavel seita de Mafamede, cujo preceito he perseguir com armas os servos de Christo, e morrer por os extinguir. Achamos Judeos, que blasfemão seu santo Nome, per cuja Fé nos offerecemos a padecer martyrio; pois se sómente a esperança, que pomos na misericordia de Deos, nos salva de tantos perigos, e nos fez poderosos para amançar tão soberbo inimigo, como era Soltam Badur Rey de tantos Reynos, mais poderoso, mais cavalleiro, e mais rico que todos os Reys do Oriente; devemos dar muitas graças a Deos vermos sua morte per permissão Divina, mais ordenada por ella, que procurada per nós, com que ficamos vencedores de sua fortuna, que foi a maior que se vio em Principe algum, em tão breve tempo; porque sendo hum filho menor desprezado de seu pai, e por isso desterrado, e feito Calandar, lhe matou Deos a seu pai, e elle a seus irmãos maiores, e herdeiros da casa Real, perque em mais breve tempo, que elle desejou, veio ser herdeiro do Reyno de seu pai, e de seus grandes thesouros, juntos per tantos Reys passados. E não contente com tão opulento Reyno, como he o de Guzarate, conquistou, e ganhou os grandes Reynos do Mandou, e de Chitor. E se tivera governo em sua pessoa,

ſoa, como tinha bons Governadores, e Capitães, vencêra a Omaum Patxiah Rey do Delij, e dos Mogoles, que era hum grande Emperador. Mas como a juſtiça de Deos muitas vezes per algum tempo diſſimula com as culpas dos máos, e os deixa gloriar dos triunfos de ſeus deſejos, para os caſtigar no maior prazer delles, e ſentirem mais o caſtigo, aſſi eſte Rey tão glorioſo de ſuas victorias, no primeiro encontro com Omaum Patxiah tão quebrantado ficou de ſua ſoberba, que veio buſcar noſſo amparo, e fazendo-lhe nós tanto beneficio, por ſua inquieta natureza, e inconſtancia ordio huma têa, e armou laços, em que elle em fim veio a cahir, perque ficamos ſenhores deſta Cidade requeſtada de tantos annos, da qual ſe ſua morte não fora, não ſómente foramos lançados, mas de toda a India, por eſtar concertado com os mais dos Potentados della, onde tinhamos noſſas fortalezas, que contra nós, por ſeu reſpeito, eſtavam conjurados. Polo que a Deos mais que á noſſa induſtria devemos o inteiro dominio, que agora temos neſta Cidade tão deſejada d'ElRey Noſſo Senhor. E os que niſto fomos o inſtrumento perque Deos nos fez entrega della, devemos eſperar de S. A. aquella mercê, que de ſua grandeza ſe eſpera, e elle coſtuma fazer. Quiz, Senhores,

res, propôr-vos estas cousas para dellas tirarmos hum novo conselho sobre o que devemos fazer desta Cidade, que nos Nosso Senhor tem dado, porque não merece menos quem bem, e fielmente aconselha, que quem animosamente peleja.

Acabando Nuno da Cunha de fazer esta prática a seus Capitães, entrou em outra ácerca do governo da Cidade, e cousas que convinha serem logo provídas. E sobre diversos pareceres vieram os mais dos Capitães a concordar com o de Nuno da Cunha. A causa em que primeiro entendeo, foi entregar a Capitanía daquella fortaleza a Antonio da Silveira de Menezes, não tanto por ser seu cunhado, como por commum voto de todos, por as qualidades de sua pessoa, de cuja eleição se depois não acháram enganados, como adiante veremos. Apôs o Capitão nomeou logo por Alcaide mór da fortaleza a hum Fidalgo havido por mui bom cavalleiro, per nome Paio Rodrigues de Araujo, por Juiz da balança a Manoel de Vasconcellos, que era o officio mais proveitoso, e honrado da Cidade, a Francisco Henriques de Aguiar Thesoureiro, a Jorge Barbosa Escrivão. E para despacho das náos que alli estavam com mercadorias, fez Gaspar Paes Juiz da Alfandega da Cidade, e na da Villa dos Rumes

poz

poz Gaſpar Preto para recadação dos direitos dos mantimentos: fez Juiz, e Theſoureiro Diogo Rodrigues de Azevedo, e Eſcrivão Ruy Lopes; e das couſas que vinham da terra firme, poz por Juiz, e Theſoureiro Franciſco Pacheco, e Eſcrivão André Villela.

Ordenados os officios, quiz logo fazer comprimento com a Rainha mãi d'ElRey, que eſtava em Novanaguer, e com o Ráo Capitão de Dio, que eſtava com ella, e mandou-a viſitar, deſculpando-ſe da morte de ſeu filho, que fora mais culpa delle meſmo, e accidente, por cauſa da morte de Manoel de Souſa, que induſtriada per elle Governador; porque ſe elle tivera tenção de o matar, na camera do ſeu galeão o tinha mais á ſua vontade, pedindo-lhe que ſe não moveſſe donde eſtava, em quanto o Reino não tomava algum aſſento; e que querendo-ſe ella vir para a Cidade á ſua caſa, elle a teria em ſua guarda com aquella lealdade, e reſpeito, como a huma Princeza mui conjunta per parenteſco d'ElRey Dom João ſeu Senhor. A Rainha não quiz ouvir o recado, do que o Ráo a mandou deſculpar, que com o grande nojo que tinha o não ouvíra.

Paſſado aquelle dia, tendo já Nuno da Cunha mandado lançar cadeados, e ſellos

nas

nas casas d'ElRey, e assi nas casas da Rainha, além dos que já tinha, ao outro dia seguinte mandou Antonio da Silveira, Fernão de Sousa de Tavora, o Secretario João da Costa, e Estevão Toscano Feitor da Armada com seus Escrivães fazer inventario de toda a fazenda, que estava nas casas d'ElRey, e da Rainha, a qual toda se entregou ao Feitor Antonio da Veiga. O que se em casa d'ElRey, e da Rainha achou em moeda d'ouro, e prata, e algum metal por lavrar, dizem que seriam duzentos mil pardáos, a fóra algumas joias, e pannos de brocado, e seda. Mas os que sabiam os grandes thesouros d'ouro, prata, e pedraria, baixellas, arreios de cavallos d'ouro, e pedraria, e outras riquezas, que ficáram de seu pai na serra de Champanel, a fóra o que o mesmo Badur acquirio nas conquistas dos Reynos de Mandou, e Chitor, e de outras partes, espantavam-se do pouco que se lhe achou. E como os homens naturalmente são pronos ao mal, e como dizem dos máos vizinhos, sabiam o que entrou em poder d'ElRey Badur, e não inquiríram o que sahio, attribuíram ser muita parte de seu dinheiro, e móveis roubada pelos ministros que lhe fizeram o inventario, e tomáram entrega do que se achou, até não perdoarem á pessoa de Nuno da

Cu-

Cunha. Porém os que víram ſeu teſtamento, e ſua fazenda depois de ſua morte, e o pouco que em ſeus herdeiros ſe enxergava, e outros muitos ſignaes de ſua limpeza, tinham aquillo por calumnia; mas a verdade era que não tinham achado mais, porque ElRey veio afforrado a Dio, e muita parte do que tinha deixou em Mangalor, e per algumas addições dos livros de ſua deſpeza ſe ſoube per informação de ſeus Officiaes, que nas guerras que fez no Decan, e quando foi ao Reino de Mandou, gaſtou cinco contos d'ouro. Os Mogoles lhe tomáram no arraial que deſamparou, tres contos e meio d'ouro, a fóra muita pedraria, e toda ſua recamara de joias, e movel de grande preço. Seu tio Nina Ráo quando lhe foi fazer gente em Chitor contra os Mogoles, lhe gaſtou hum conto e meio d'ouro. Outro Capitão, perque mandou fazer gente aos Resbutos, lhe deſpendeo hum conto d'ouro. Para lhe trazer gente de guerra, mandou per Safchan ao Cairo tres contos d'ouro, e ſegundo outros quatro e meio, a fóra joias d'ouro, e pedraria, que valiam ſeiscentos mil cruzados em preſente ao Turco. Fugindo de Champanel, no caminho, além de muitas joias, perdeo hum conto e meio. A Mãi quando ſe foi de Dio para Novanaguer, levou (ſegundo ſe dizia) dous con-

contos d'ouro, a fóra muitas joias. Destas poucas addições, que montão dezenove contos d'ouro, se póde colligir o que gastaria em outras guerras, e em dadivas excessivas, e mercês que cada dia fazia, que era cousa inextimavel. [a]

Mas o que per morte d'ElRey Badur se achou em seus armazens de polvora, materiaes para fazer outra, muitos artificios de fogo, espingardas, arcos, e fréchas sem conto, e todas outras munições, grande número de sellas, e ricas cubertas de cavallos, e armas de todo genero, e tantos mantimentos de toda sorte, foi cousa maravilhosa, e que em vinte annos parecia se não poderiam gastar. A Armada que se achou era de cento e sessenta vélas, em que havia muitas, e formosas galés, galeões, e náos de carga, e fustas todas mui bem apparelhadas. [b] A artilheria, assi dos navios, como dos armazens, era de grande número de peças de metal mui grandes, em que havia tres basiliscos de admiravel grandeza, dos quaes hum que fora do Soltam de Ba-

a Pelo que se referio do thesouro de Soltam Badur na nota do cap. 8. do livro 6. e do presente que elle mandou ao Turco per Safchan, como se escreve na nota do cap. 11. do mesmo livro, se poderá colligir a grandeza dos thesouros deste Rey.

b Eram dezoito galés, e galeotas, trinta fustas, e catures, tres galeões, quatro náos de carga, e quatro taforeas. Francisco de Andrade *cap. 42. da 3. Parte.*

Babylonia, que Rumechan trouxe quando veio a Dio, por ſer peça notavel, Nuno da Cunha mandou a ElRey de Portugal [a], e as peças de ferro eram ſem número, e dellas mui formoſas, e grandes.

CAPITULO VIII.

Da juſtificação, que Nuno da Cunha moſtrou aos Mouros, e Gentios ácerca da morte de Soltam Badur.

AO tempo, que ſe fez inventario da fazenda d'ElRey Badur, entre papeis, e cartas que ſe acháram em ſua caſa, e em caſa de Abdelcader ſeu Theſoureiro mór; ſe acháram algumas cartas, em que o Safchan, que era irmão do Theſoureiro, eſcrevia a Soltam Badur o que lá em Méca, onde eſtava, negociava, ſobre os Turcos que mandava buſcar para a guerra contra Portuguezes, e outras que eram reſpoſta das que o meſmo Soltam eſcrevia aos Reys de Ádem, e de Xael em damno dos Portuguezes, e o que ordenava ſobre iſſo. As quaes cartas, e huma inquirição que Nuno da Cunha mandou tirar per Jacome Pires Ouvidor de Baçaim, teſtemunhada per Mouros, e Chriſtãos, jurando cada hum ſobre

ſua

a *He o que hoje eſtá no Caſtello de Lisboa, a que chamam Tiro de Dio.*

ſua lei, lhe deram motivo para por abono, e honra ſua, e lealdade dos Portuguezes, mandar chamar Coge Sofar, de que naquelle tempo uſou como de hum inſtrumento neceſſario para aſſentar as couſas daquella Cidade, por a muita authoridade que tinha entre Mouros, e Gentios, e per ſeu meio ſe ajuntáram os principaes mercadores, Cacizes da Cidade, a que o povo dá grande credito por lhe adminiſtrar os preceitos, e ritos de ſua ſeita.

A eſtes todos fez Nuno da Cunha hum razoamento, dizendo, que elle mandava logo deſpachar toda a mercadoria que eſtava na Alfandega, aſſi dos naturaes, como eſtrangeiros, para ſe irem em boa hora com ſeus retornos, com todo favor, e juſtiça, ſem lhe ſer feito aggravo algum; e que a cauſa porque mandára lançar pregões, que ninguem ſe foſſe ſem ſeu mandado, fora por não levarem as orelhas, e os olhos cheios de eſcandalo, do que era paſſado naquelle deſaſtre da morte de Soltam Badur, nem irem denunciando mal dos Portuguezes injuſtamente; e que como elle era Governador daquellas partes da India, por o mais Chriſtão, e virtuoſo Principe da Chriſtandade, e que nenhuma couſa mais encommendava em ſeus regimentos aos Governadores, que verdade, e fé no promettido, e

leal-

lealdade na communicação que tivessem com todo genero de homens, do mais pequeno mercador até o mais alto Principe da India; elle se queria justificar de suas obras, e que tinha cumprido com o que lhe ElRey seu Senhor mandava, principalmente nas cousas que tocavam a Soltam Badur. Sobre o qual S. A. particularmente escrevia, mandando-lhe que trabalhasse per todo modo, e arte de assentar paz com elle, e nunca dar causa de se quebrar; e que quando elle fosse tão duro, e mal attentado que não quizesse ter esta paz, e acceitasse antes a dos Turcos, e Rumes seus inimigos, e competidores nas cousas da India, em tal caso lhe fizesse guerra a fogo, e a sangue, porque isto era o que convinha ao Rey que tivesse alma, e honra, e nunca commettesse cousa contra alguem per modo de traição; e aos seus amigos, e alliados ajudasse quando de suas Armadas, e gente tivessem necessidade. As quaes cousas, depois que elle entrára na India no anno de 1529, até o presente de 1537, tinha usado com Soltam Badur, primeiramente fazendo muitos comprimentos para tratar com elle paz, sem o poder chegar á conclusão della, do que se causou fazer per muitos annos guerra pública, e descuberta, como lhe ElRey seu Senhor mandára, sem nunca

ca per modo algum lhe armar traição, ou engano, até que ſuas fortunas o tratáram de maneira com traição de hum Turco de que elle confiava, que foi Rumechan, (como a todos era notorio,) que veio ElRey Badur a dar Baçaim, e aquella fortaleza de Dio, em que eſtavam, a qual o meſmo Badur tomou por abrigo, e amparo de ſeus trabalhos; e que todos ſabiam, que ſe ElRey Badur não confiára ſua peſſoa daquella fortaleza, e dos que nella eſtavam, elle ſe ſahíra fóra do ſeu Reyno para Méca, e não ſómente com ella ficou ſeguro de não perder a poſſe de ſeu Reyno, mas ainda por eſta paz concorrêram áquella Cidade de Dio tantas náos, e mercadorias, que ſe tornou a reſtaurar todo o Reyno de Guzarate com os rendimentos das entradas, e ſahidas dellas, de quão perdido, e deſtruido eſtava das guerras dos Mogoles. E com todos eſtes beneficios, e proveitos tão manifeſtos, que Soltam Badur via, como homem inimigo de ſeus proprios naturaes, e por ſeu pouco diſcurſo, movido de ſeus impetos, e não per conſelho de homens nobres, e que amaſſem ſeu Eſtado, mas per gente baixa, e vil, ſempre com elle Nuno da Cunha andou em manhas, e cautelas, deſejando quebrar a paz que com elle tinha aſſentada, e (o que peior era) movendo a to-

todos os Principes do Decan, e a ElRey de Calecut, e aos Reys da costa da Arabia, que cada hum no que pudesse se levantasse contra os Portuguezes, porque elle ordenava de os lançar fóra da India; e por não parecer a elle Coge Sofar, e aos mais, que estavam presentes, que isto era assacado, lhe mostrava alli aquellas cartas, cujos signaes conheciam, que se acháram entre os papeis de Soltam Badur, e de Abdelcader, e assi naquella inquirição, que mandára tirar, do que Soltam Badur tinha ordenado; e que sómente a fim de prender, ou matar a elle Nuno da Cunha, e a quantos Capitães pudesse em hum banquete que lhe havia de dar, o mandára chamar a Cochij. E sabendo elle muita parte destas cousas, quando foi ao galeão visitallo, onde pudera fazer ao Soltam, e aos Capitães que comsigo levava, o que elle esperava de lhe fazer, tudo soffrêra por cumprir com os mandados d'ElRey seu Senhor, que era não fazer contra elle cousa alguma per engano, ou má fé; mas parece que permittio Deos de matar elle a Manoel de Sousa da maneira que elle Coge Sofar víra, para que se armasse o arruido, em que foi morto, para se cumprir a justiça de Deos. E porque elle queria dar boa conta de si a ElRey D. João seu Senhor, e assi denunciar

a todos os Principes Mouros, e Gentios daquellas partes Orientaes, com que os Portuguezes tinham communicação, que a morte de Soltam Badur foi mais accidente de culpa ſua, e juizo de Deos, que induſtria delle Nuno da Cunha, pois ſem morte de Capitães o pudera elle prender no ſeu galeão, elle os mandára chamar como a teſtemunhas de viſta, para lhes moſtrar aquellas cartas, e a inquirição, que per mãos de Mouros, e Chriſtãos tão honrados eſtava aſſignada, e jurada, para que do que ElRey ordenava fazer lhe deſſem inſtrumento; e como depois de elle vir do ſeu galeão, aonde o foi ver, tornando para a Cidade, mandando-lhe elle Nuno da Cunha recado per Manoel de Souſa Capitão da fortaleza, elle o mandára matar ante ſi, ſem ter cauſa para iſſo, antes muita para lhe fazer muitas mercês, por a verdade, e lealdade que lhe Manoel de Souſa tinha guardado, por as vezes que Soltam Badur o foi ver á fortaleza, e encoſtado na ſua cama, lhe dizer: *Capitães, agora tens ElRey em teu poder, faze o que quizeres.* Da morte do qual Manoel de Souſa ſe levantou o arroido entre quatro Fidalgos, que com elle hiam, e os Capitães delle Badur, no qual elle ſe metteo, e foi ferido, e per ſi meſmo ſe lançou no mar, onde ſe afo-

afogou. As quaes certidões que pedia per muitas vias aſſignadas per elles, e pelos Cacizes, havia de mandar a Portugal, e aos Principes Mouros, e Gentios, para ſer a todos notorio, que os Portuguezes ainda que faziam crua guerra a ſeus inimigos, não eram commettedores de traição, mas mui leaes em ſeus feitos, e eſta fama tinham em toda a Chriſtandade onde eram conhecidos, e que com eſtas certidões queria mandar pelas meſmas náos eſtrangeiras, que hi eſtavam, denunciar a todos os que com ſuas mercadorias quizeſſem vir áquella Cidade de Dio, que o podiam fazer, onde lhe ſeria guardada ſua juſtiça tão inteiramente como em vida de Soltam Badur; e que os que vieſſem direitos para aquella Cidade, poſto que não trouxeſſem cartazes, não lhes ſeria feito damno algum per as Armadas dos Portuguezes; porém que quando tornaſſem os levariam, para ſaber como vinham alli como mercadores, e não como gente d'armas, de que os Turcos uſavam por cautela ſua.

Deſta maneira juſtificou Nuno da Cunha entre aquelles Mouros a cauſa da morte d'ElRey Badur ſer por ſua culpa, e não ordenada per elle; e nas linguas Arabica, e Perſiana houve muitas cartas, como teſtemunhaveis, ſegundo as elle pedio, aſſignadas

per Coge Sofar, e per os principaes mercadores, e pelos Cacizes, das quaes huma mandou aos Principes do Decan, a ElRey de Narſinga, e ao de Ormuz, e outras á coſta de Arabia, até a ElRey de Adem; e além deſta juſtificação que Nuno da Cunha quiz moſtrar de ſua peſſoa, e da verdade dos Portuguezes ácerca da morte d'ElRey de Cambaya, tambem o fez por quebrar o animo daquelles, que com Soltam Badur eſtavam confederados em damno dos Portuguezes, principalmente por desfazer algum fundamento, que as galés de Suez teriam no favor de Badur, e ſe ver como aquelles, que armando laços de morte aos Portuguezes, vinham a cahir nelles por juizo de Deos, com mais favor ſeu do que eſperavam.

CAPITULO IX.

Do mais que ordenou Nuno da Cunha para bom governo, e quietação do povo: e como mandou a Portugal a nova da morte de Soltam Badur: e da vinda de Mir Mahamed Zaman ao Reyno de Cambaya.

EM quanto Nuno da Cunha ordenava as couſas do aſſento, e governo da Cidade, e dava ordem para deſpacho dos negocios correntes, tambem entendia em ou-

tros a que convinha logo acudir por aquietar, e alegrar os animos dos Guzarates da terra; e o principal que fez, foi mandar que todas as couſas ordenadas per Soltam Badur na Cidade correſſem como d'antes, como foi acudir com mantimento ás peſſoas a que o ElRey dava, e que ſe alumiaſſem as alampadas das Meſquitas, prover de eſmola aos pobres, como ElRey fazia, e pela ordem que elle ordenára, e que tudo ſe pagaſſe das rendas da Cidade, por quanto elle havia por ſerviço d'ElRey de Portugal, e conſervação daquella Cidade não ſe mudar couſa alguma das que ſe faziam antes da morte de ſeu Rey, e tinha muito tento em não eſcandalizar os animos dos Mouros. E entre outros que ante Nuno da Cunha vieram a requerer confirmação das tenças, ou manteças que Soltam Badur lhes dava, foi hum homem monſtruoſo de idade de trezentos e trinta annos, ſegundo affirmavam todos os principaes da Cidade, e o meſmo Badur, que como couſa rara o fez vir ante ſi, e moſtrára a Nuno da Cunha quando o foi ver a Dio. Lembrava-ſe eſte homem ſer toda Cambaya de Gentios, e não haver povoação em Dio. A prova que havia de elle ſer de tanta idade, era dizerem homens muito velhos moradores de Dio, que ouvíram a ſeus pais, que ouvíram

a ſeus avôs, que já em ſeu tempo eſte homem era havido por muito velho; e não ſabendo ler, nem eſcrever, contava couſas mui antigas de Dio, que havia eſcritas, dizendo haver ſido preſente a ellas, e aſſi as relatava como teſtemunha de viſta, e não como quem as ouvíra. Tinha hum filho de noventa annos, e outro de doze: dizia que quatro, ou cinco vezes lhe cahíram os dentes, e lhe tornáram a naſcer, e outras tantas vezes lhe cahíram as cans, e lhe naſcêram cabellos pretos de novo. Em ſeu aſpecto parecia homem de ſetenta annos. Era de pequena eſtatura, magro, e de pouca barba, de nação Bengala, e homem ſimples naturalmente, a que os longos annos não fizeram ſabedor. De Gentio que era ſe fizera Mouro havia pouco tempo. O Governador lhe mandou ver o pulſo per hum Medico, que lho achou mui esforçado, e lhe confirmou a tença que o Soltam lhe dava. [a] Deſta maneira compria o Governador com as obrigações d'ElRey Badur; e quanto á juſtiça, e demandas que os Mouros tinham entre ſi, mandou que elles meſmos elegeſſem juizes, ſegundo ſeu coſtume; mas que não julgaſſem á morte peſſoa alguma ſem da-

a Era vivo eſte homem no anno de 1547., porque depois do ſegundo cerco de Dio, em tempo do Viſo-Rey D. João de Caſtro, o víram naquella Ilha, e não ſe ſoube de ſua morte. Diogo do Couto *cap.* 12. *liv.* 1. *Decada* 5.

darem razão do delicto a elle Nuno da Cunha; e para isto melhor ser, mandou que os Juizes fossem consultar sobre estes taes casos com a Rainha mãi de Soltam Badur, e com o Ráo Capitão de Dio, que estava em Novanaguer; mas a Rainha estava tal, que nunca acudio aos comprimentos de Nuno da Cunha, antes entendendo que elle estaria escandalizado della, por não responder a seus recados, e offerecimentos, temeo sua indignação, e que fosse a ella, e lhe tomasse o que levou quando se sahio de Dio. Pelo que se foi de Novanaguer para huma fortaleza chamada Talajá, do que se ella depois arrependeo, como se ao diante dirá.

Neste mesmo tempo soube Nuno da Cunha, que as vinte fustas que achou em Baçaim, quando elle per hi passou, que o Capitão dellas era criado de Coge Sofar, pelo que fez com o mesmo Sofar, que lhe escrevesse huma carta que entregasse as fustas a Gonçalo Fernandes; e Nuno da Cunha lhe escreveo outras. Mas o Mouro, que naquelle tempo estava em Surat, como sagaz que era, beijou as cartas, dizendo, que obedecia a ellas, e que o notificaria á gente. Porém com a nova da morte d'ElRey Badur, que então souberam, se alvoroçáram de maneira, que lhe não quizeram obedecer;

cer; e quando Gonçalo Fernandes ſe vio ſalvo do alvoroço, e no ſeu catur em que hia, houve que eſcapára de hum grande perigo, e tornou dar recado a Nuno da Cunha do que achára, o qual mandou lá Thomé Gonçalves da Frota com tres catures, e dinheiro para tomar gente que remaſſe as fuſtas; mas os Mouros as tinham já mettidas tanto pelo rio adentro, e a terra eſtava tão levantada com a morte d'ElRey Badur, que não ouſou metter o negocio á força por não levar poder para iſſo, e tornou-ſe para Dio. Nuno da Cunha não quiz perfiar, eſperando que paſſaſſe aquelle impeto do nojo da morte d'ElRey, e de as haver depois á mão a pouco cuſto, como houve; e mandou per terra a eſte Reino hum Judeo per nome Iſac do Cairo, com nova a ElRey da morte de Soltam Badur, ao qual ElRey deo de alviceras huma groſſa tença em ſua vida.

Antes que eſta nova da morte d'ElRey Badur foſſe ter ao Reino de Mandou a Mirhan Mahamed Xiah ſeu ſobrinho filho de ſua irmã, era partido de lá para Dio Mir Mahamed Zaman cunhado de Omaum Patxiah Rey dos Mogoles, o qual trazia cartas deſte Mahamed Xiah de rogo para ElRey Badur ſeu tio, em que lhe encommendava eſte Zaman, que o favoreceſſe, e ſuſtentaſſe com a honra que o ſohia tratar;

por-

porque posto que elle o tinha servido bem, e lealmente contra Omaum Patxiah seu cunhado, depois que Badur foi por elle desbaratado, e que a principal causa da guerra que entre elle, e Omaum se fez, fora o mesmo Zaman, tinha-lhe Badur tanto aborrecimento, que o não podia ver. E sentindo Zaman este desgosto em Soltam Badur, foi-se a Mandou, onde andava seu sobrinho Mirhan Mahamed, parecendo-lhe que com os serviços que lhe lá fizesse tornaria restituir-se em sua graça. E achando elle no caminho nova da morte d'ElRey, e que sua Mãi, e o Capitão Nina Ráo eram sahidos de Novanaguer para a fortaleza de Talajá, fez para lá seu caminho. E como elle levava dous mil homens de cavallo, que o seguiam naquella guerra, como a hum principal Capitão, e cavalleiro de sua pessoa, o Ráo que estava com a Rainha o não quiz recolher dentro, e veio-lhe fallar fóra da fortaleza. Elle disse ao Ráo a causa de sua vinda; e que sabendo no caminho a nova da desastrada morte d'ElRey, que para elle fora a mais triste que na vida se lhe pudera dar, se vinha apresentar á Rainha para saber della que mandava que elle fizesse, porque sua vontade era offerecer a vida em vingança da morte d'ElRey seu Senhor por tal traição. O Ráo lhe agradeceo os of-

offerecimentos, e lhe disse daria disso conta á Rainha sua Senhora; e deixando-o no campo, lhe tornou dar as graças da parte da Rainha do que dizia, mas que ella ao presente não entendia em mais que em lagrimas por seu filho, que elle se podia tornar em boa hora para Mandou donde viera.

CAPITULO X.

Como Mir Mahamed Zaman foi nomeado por Rey do Guzarate com favor de Nuno da Cunha.

INdignado Zaman por a sequidão com que a Rainha o tratou, e lhe respondeo a seus offerecimentos, não lhe querendo dar entrada para lhe fallar, nem a ver, desconfiando delle, começou a imaginar como della tomaria vingança. Polo que fingindo que se tornava para o Mandou, se foi lançar em hum passo per onde soube que a Rainha havia de passar para outro lugar maior, não se tendo por segura naquelle em que estava, no qual passo Zaman a esbulhou de quanto ella salvou quando se foi de Dio, que dizem seria em dinheiro, e ouro por lavrar, a fóra joias, dous contos d'ouro, deixando-lhe sómente o movel, por se não embaraçar com elle. A mais da gente que hia em companhia da Rainha eram Persas, Ara-

Arabios, Abexijs, e outras nações, que seguem mais o soldo que lhes dão, que o Senhor a quem servem. Zaman conhecendo a natureza daquella gente, denunciou soldo dobrado, com que todos o seguíram, que faziam número de cinco mil homens, os quaes movidos da utilidade presente, e da que esperavam, intituláram logo a Zaman por Rey do Guzarate. Com aquelle nome se veio metter em Novanaguer; e por lhe parecer que proceder em tamanha empreza não poderia ser sem favor dos Portuguezes, e que delles se podia muito aproveitar, mandou hum messageiro a Nuno da Cunha, pedindo-lhe pois já com seu cunhado Omaum Patxiah tivera prática sobre as cousas de Soltam Badur, e viera a partido com elle de lhe pedir certos portos de mar do Reyno de Guzarate, e elle estava intitulado por Rey delle, per consentimento de mais de seis mil homens, e ElRey Badur não tinha filhos; e posto que os tivera, era tão grande o odio que todos tinham aos de sua linhagem, por suas cruezas, que antes tomariam por senhor que os governasse a hum estrangeiro, que a algum de seu sangue: Que o quizesse acceitar por amigo, e favorecer naquelle nome que lhe deram, quanto mais, que per justiça a elle pertencia a succesſão daquelle Reyno, por ser da

Co-

Coroa do Reyno de Delij, e elle descender dos Reys delle, pola qual razão (como elle Governador sabia) Omaum Patxiah seu cunhado pertendeo haver aquelle Reino. Mas como elle não queria perseverar na posse em que estava, sem vontade delle Governador, e o queria tomar nisso por favorecedor, lhe pedia que na Mesquita da Cidade mandasse que seu nome fosse encommendado com titulo de Rey do Guzarate, e elle lhe faria qualquer partido dos que queria fazer com Omaum Patxiah. Nuno da Cunha tendo recebido este messageiro honradamente, lhe respondeo com palavras de seu contentamento. E travada mais prática sobre este negocio, per recados que hiam, e vinham entre Zaman, e Nuno da Cunha, com conselho que elle teve com seus Capitães, em que se examináram muitas razões, que per huma parte, e outra se deram, assentou com Zaman estes Capitulos.

Que elle Mir Mahamed Zaman Rey do Guzarate dava a ElRey de Portugal todas as terras da costa do Reyno de Guzarate, começando da Cidade de Mangalor até á Ilha de Beth, com todos os portos, e povoações que nellas houvesse, e entrando pelo sertão duas leguas. E pelo mesmo modo lhe dava a Villa de Damam na enseada de Cambaya até Baçaim, com todas

das as terras, e paraganas, com toda a jurdição, e rendimentos, assi como estavam encabeçadas, segundo se continha nos foraes dellas.

Que se ElRey de Portugal quizesse naquelles lugares mandar bater moeda, para correr entre os Guzarates, fosse o proveito seu, mas o cunho seria com a chapa, e signal delle Mir Zaman.

Que todos os navios de guerra de Soltam Badur, e assi os de carga, com fazenda, ou sem ella, onde quer que fossem achados, ou vindo de fóra, os mandaria entregar.

Que em nenhum de seus portos consentiria fazer navios de guerra, sómente se fariam náos de carga para mercadoria.

Que os cavallos que viessem per mar pagariam os direitos que pagavam em Goa, e os direitos delles seriam para ElRey de Portugal.

Que os escravos dos Portuguezes, que fugissem para terra firme aos Mouros, e assi os que já lá estavam, os mandasse entregar.

Que qualquer Portuguez, que lá andasse sem licença do Governador da India, ou do Capitão de Dio, ou Baçaim, o mandasse entregar prezo.

Que os mercadores não fossem impedidos

dos de ir , e vir com ſuas mercadorias, ainda que houveſſe guerra entre os Portuguezes , e Guzarates , antes haveriam todo favor , e ajuda , nem lhes ſeriam levantados os direitos que ordinariamente pagavam.

E que Mir Zaman daria a ElRey de Portugal a quintã de Melique , que eſtá em Novanaguer.

Eſtes apontamentos feitos em lingua Portugueza , e na Perſea , foram aſſignados, e ſellados com o ſello de Zaman , ſegundo nós vimos donde tirámos eſtes Capitulos. E para confirmação de tudo , deo logo de boa entrada cincoenta mil pardáos d'ouro para pagamento dos ſoldos da gente d'armas, que Nuno da Cunha mandou entregar ao Secretario João da Coſta , e da ſua mão ſe deſpendêram em ſoldos da meſma gente, e compra de pimenta.

Por eſta amizade , e paz que aſſentáram Nuno da Cunha , e Zaman , ſe atreveo elle confiadamente mandar pedir conſelho a Nuno da Cunha ſobre o que faria para levar avante eſta ſua pretenção , e ficar obedecido pelos Guzarates. Ao que Nuno da Cunha reſpondeo , que por a morte de Soltam Badur , a primeira couſa em que os grandes do Reino haviam de entender , era elegerem Rey para terem cabeça a que ſeguir.

E que ſegundo lhe tinham dito, todos os principaes do Reyno eram já para iſſo juntos, e queriam levantar por Rey hum moço de doze annos ſobrinho de Badur, per nome Mamud, como ſeu pai Soltam Mamud, que Badur matou, como elle tinha ſabido, e iſto por ſe dizer que era falecido Mirhan ſobrinho d'ElRey, que elle deixou no Mandou: Que ſeu parecer era aſſi como eſtava, antes que eſtes grandes levantaſſem Rey, ir elle dar nelles, e os eſpalhar de maneira, que lhe não déſſe repouſo, nem tempo para ſe ajuntarem. E per eſta maneira, como a gente ſegue a quem tem poſſe, e elle ao preſente era Senhor das armas, com que ſe a guerra faz, que he o dinheiro, facilmente levaria os animos da gente trás ſi; e que não perdeſſe a conjunção do tempo, porque quem ſabia uſar della, tinha a fortuna de ſua parte. Mir Zaman, poſto que eſte conſelho de Nuno da Cunha lhe pareceo bem, alguns lho interpretáram mal, e deixou-ſe eſtar em Novanaguer, no qual tempo os Principes do Reino levantáram por Rey o moço Mamud, que diſſemos, nomeando por Governador do Reino Madre Maluco, Luchan, e Driachan, que naquelle tempo eram os mais principaes homens do Reino de Guzarate. Eſtes ſouberam logo do titulo que Mir Maha-

hamed Zaman tomára de Rey do Guzarate, e que com o favor de Nuno da Cunha, na Mesquita de Dio era nomeado por esse, mas que elle como homem que não sabia sahir de seu abrigo, se deixava estar em Novanaguer; e posto que determináram de ir sobre elle, não quizeram logo entender nisso, temendo que estando Nuno da Cunha em Dio, dalli lhe podia mandar ajuda, com que elles não pudessem conseguir seu proposito, e determináram de esperar, até ver se o Governador hia invernar a Goa.

Nuno da Cunha posto que por o caso da morte d'ElRey de Cambaya quizera invernar em Dio, com a flor da gente da India, por ter bem provídas as cousas do Malavar com Martim Affonso de Sousa Capitão mór do mar, todavia sua doença apertou de maneira, que per conselho de Fysicos, e requerimento de Capitães, e Fidalgos, lhe foi necessario ir-se para Goa, por ser terra mais quente, e appropriada para sua enfermidade, que Dio, a qual he mui fria, e sujeita a ventos Nortes, pelo que no inverno estava em risco de perder a vida; mas primeiro que partisse, mandou diante Martim Affonso de Sousa com alguns navios de remo dos que foram de Soltam Badur, e lhe deo dinheiro para pagamento da gente d'armas, que havia de trazer nelles.

Tam-

Tambem eſpedio a Fernão Rodrigues de Caſtello-branco Veedor da Fazenda, os quaes juntos eram vindos a Dio, (por Nuno da Cunha lhes eſcrever quando partio de Goa, que ſe foſſem ambos trás elle,) onde chegáram depois da morte de Soltam Badur cinco dias. E aſſi mandou Manoel de Macedo a ſervir de Capitão da fortaleza de Baçaim, e a Ruy Vaz Pereira, que ſe vieſſe a Dio, a que mandou dar duzentos homens, e que tiveſſe na Cidade cuidado dos Mouros.

Neſte anno de 1537. partio deſte Reino huma Armada de cinco náos [a], que hia para trazer a carga de eſpeciaria, das quaes eram Capitães D. Pedro da Silva filho do Conde Almirante para Capitão de Malaca, Jorge de Lima para Capitão de Chaul,

[a] *Frota da India do anno de 1537. Diz* Diogo do Couto, *que as náos eram cinco, das quaes hia por Capitão mór Jorge de Lima; e o Capitão que* João de Barros *não nomea era D. Fernando de Lima. Eſtas duas náos, e a de Lopo Vaz Vogado chegáram juntas a Goa: as outras duas de D. Pedro da Silva, e de Martim de Freitas foram tomar Dio, como lhe ElRey mandára, onde deixáram a gente, e munições que levavam para provimento daquella fortaleza: de Dio partíram para Goa. D. Pedro chegou a ella no fim de Setembro, e Martim de Freitas foi demandar á coſta de Damam; ſurgio defronte della, e embarcado no batel, com huma ſomma de veludos, e damaſcos, para os ir vender a Surat, deſappareceo neſte caminho, de que ſe não ſoube nunca couſa alguma. Cap. 13. livro 2. Decada 5.*

Lopo Vaz Vogado, e Martim de Freitas, que todos chegáram a ſalvamento á India. Martim de Freitas com Diogo da Silva filho de Franciſco de Faria, e outro Diogo da Silva ſeu primo, e outros Fidalgos, e peſſoas nobres, com deſejo de ſe ir a Baçaim ver huns amigos ſeus, deixando a náo, ſe mettêram em huma fuſta, e tiveram naquella pequena traveſſa tal tempo, que foram ter á Villa de Damam; e com neceſſidade de fazer aguada, ſahindo no rio, foram os mais delles mortos, e os outros cativos em huma cilada que lhe os Mouros armáram. Do qual deſaſtre ſe mandou deſculpar o Tanadar da Villa a Manoel de Macedo Capitão de Baçaim, que não foſſe cauſa de ſe quebrarem as treguas que o Capitão de Dio tinha aſſentado com os Governadores do Reino, e que mandaſſe pelos cativos. Manoel de Macedo mandou logo hum bargantim armado com cincoenta homens, que tornou ſem elles, por os terem já mandados á Corte d'ElRey. Neſtas quatro náos tornáram Lopo Vaz Vogado, Antonio de Brito, Manoel de Caſtro; e na de Martim de Freitas, que foi hum dos mortos, veio D. João Pereira.

CA-

CAPITULO XI.

Como ido Nuno da Cunha para Goa, os Capitães dos Guzarates deram batalha a Mir Mahamed Zaman: e do mais que fizeram depois de elle ſer ido ao Cinde: e como Nuno da Cunha tornou a Dio.

VIndo o mez de Abril, em que Madre Maluco, e Luchan Principes dos Guzarates ſouberam que Nuno da Cunha fora invernar a Goa, ajuntáram mais de ſeſſenta mil homens de cavallo, e de pé, e vieram buſcar a Mir Mahamed Zaman, e fizeram ſeu aſſento em Uná, que ſerá huma legua de Novanaguer onde elle eſtava. Os Capitães do exercito eram Luchan, e Mujatechan, homens de muita prudencia, e authoridade, os quaes vendo que Mir Zaman tinha comſigo a flor da gente de guerra, de que Soltam Badur ſe ſervia, que eram daquellas nações que nomeámos, e aſſi os Mogoles exercitados em pelejar com Guzarates, de que faziam pouca conta, e que os ſeus ſeis mil homens valiam mais que os ſeus ſeſſenta mil que traziam, temêram de o commetter, e determináram de corromper com dadivas os Capitães daquella gente eſtrangeira que Zaman trazia, para que

no tempo que déssem batalha, elles não pelejassem, e se deixassem estar quedos. Neste negocio se detiveram mais de cincoenta dias sem o poderem acabar; mas como o dinheiro vence toda lealdade de Mouros, lhe foi concedido.

Mir Zaman, que era homem prudente, e muito cavalleiro, e que sabia de ardijs de guerra, vendo que os inimigos estavam huma legua, e com sessenta mil homens, posto que conhecia a differença dos seus poucos em comparação dos muitos, suspeitou que a detença que faziam era algum modo de engano; e como homem que se começava já a temer da gente estrangeira, que comsigo trazia, ser corrompida pelos inimigos, teve conselho secreto com os seus, e determinou-se de não esperar mais tempo, e dar batalha; e para animar os seus Mogoles, que eram mil e quinhentos, repartio o dinheiro, e ouro que tinha havido, que cada hum levasse aquella somma derredor de si que pudesse, porque não sabiam a ventura da batalha; e fazendo-lhes huma prática para os animar, disse, que elle faria duas batalhas delles, e de todos os estrangeiros huma, nos quaes tinha pouca confiança, que cada hum trabalhasse por o seguir, porque o animo determinado era o que rompia todos temores, e passava le-

vemente os perigos, e vinha a fim victorioſo. Alguns de ſeus principaes, cujo animo não era tão confiado, vendo o grande número dos inimigos, eram de parecer que ſe foſſem metter em Dio, e ſe abrigaſſem ao favor dos Portuguezes, até que o tempo lhes moſtraſſe outro caminho para proſeguirem ſua empreza. Ao que elle reſpondeo, que não queria experimentar novos amigos, e que para a opinião que a gente tinha delle, em fazendo iſſo, ninguem o ſeguiria, e perderia quanto até então havia ganhado. Finalmente elle ſe poz no campo, e foi buſcar os inimigos para lhes dar batalha, para iſſo dividio os ſeus Mogoles em dous eſquadrões, elle tomou hum de oitocentos homens; e outro de ſetecentos deo a hum ſeu Capitão, e da gente eſtrangeira toda fez hum batalhão. Eſtes como eſtavam corrompidos com dinheiro, quando veio o tempo de romper, não quizeram pelejar, e ſe deixáram eſtar quedos. Zaman com ſeus oitocentos de cavallo todos carregados d'ouro, e no meio delles hum elefante, que não levava outra couſa, rompeo hum eſquadrão da mais limpa gente dos contrarios, tão furioſamente, que deixou per onde foi feita huma eſtrada de corpos mortos, como que dera nelles algum curiſco. Mas foi logo tão fechado do grande número da gen-

te, o lugar entre elle, e ſeu Capitão dos ſetecentos, que cuidou aquelle Capitão que Zaman ſeu Senhor era ſumido entre os inimigos; e como homem deſeſperado de o mais poder ver, tomou por remedio ir buſcar o abrigo dos Portuguezes na Villa dos Rumes defronte de Dio, onde eſtava João de Mendoça por Capitão. Os Guzarates ſeguíram a eſtes de vencida, deixando a Mir Zaman, parecendo-lhe ſer ardil delle, fugirem huns para huma parte, e elle para outra, e temiam que elle os hia a metter em alguma cilada, de que não ſabiam parte, por ſerem eſtes Mogoles grandes homens de ardijs neſte ſeu modo de fugir. Todavia eſtes que ſeguíram os Mogoles, que ſe vinham acolhendo á Villa dos Rumes, não deixáram de os perſeguir até que a artilheria da meſma Villa os entreteve que não chegaſſem ao muro, onde ficavam abrigados os que até alli chegáram com vida, porque no caminho, e no campo ficáram grande parte delles; e ſenão fora que os Guzarates achavam nelles que roubar, e faziam niſſo detença, por ventura não chegáram tantos em ſalvo.

João de Mendoça, porque não tinha ordem de Antonio da Silveira Capitão de Dio para recolher eſta gente na Villa vindo armada, poſto que de Mir Zaman foſ-

ſe,

ſe, mandou-lhe dizer o que paſſava; ao que Antonio da Silveira reſpondeo, que recolheſſe alguns, entregando primeiro as armas, e os outros ficaſſem de fóra amparados ao muro. Em quanto eſtes recados foram, e vieram, alguns deſtes Mogoles que traziam ſuas mulheres ſegundo ſeu uſo, e outros ſem ellas, a que o temor da morte muito apertou, vieram a comprar a entrada a pezo d'ouro, do que tinham havido de Mir Zaman, e roubado na guerra; e hum caſado que entre elles vinha, porque o porteiro de hum poſtigo, que vendia eſtas entradas, como homem pouco caridoſo, lhe pedia por deixar entrar a elle, e a ſua mulher mais do que elle tinha, vendo-ſe naquelle aperto, diſſe que recolheſſe a mulher, que elle queria ficar de fóra. Quando ſe ella vio dentro ſem ſeu marido, tornou muito de preſſa a elle para fóra, e com hum amor honeſto lhe lançou os braços, dizendo: *O lugar de minha ſalvação he eſtar comvoſco, e não dos muros adentro ſem vós*, e aſſi ficou com elle. Vindo ordem de Antonio da Silveira, foram todos recolhidos, e os que vinham feridos bem curados, como ſe foram noſſos naturaes, e a todos fez João de Mendoça muito gazalhado, e lhes deo embarcação para Goa, Chaul, e Ormuz, como lha pedíram.

Mir

Mir Mahamed Zaman naquelle furioso rompimento da batalha perdeo sómente trinta dos seus; e quando se achou só, e entendeo que os outros o não quizeram seguir, com os que lhe ficáram poz o rostro na terra do Cinde, que he além dos Resbutos. E ainda que o caminho era comprido, e havia de passar por as terras delles, que he gente bellicosa, elle se governou com tanta prudencia, e esforço, e a fortuna o favoreceo de maneira, que com todos os seus salvos chegou ao Cinde. Depois de lá ser, escreveo a Nuno da Cunha, mostrando esperança de tornar cedo poderosamente a cumprir o que lhe tinha promettido; mas o amor da mulher, e filhos que tinha no Delij, o desviáram desta empreza, principalmente Omaum Patxiah seu cunhado, o qual movido das lagrymas de sua irmã, de que Zaman tinha dous filhos, lhe escreveo que fosse fazer vida com ella, que elle lhe perdoava o passado. Depois o fez Rey de Bengala, mas no Estado durou pouco, como adiante diremos.

Os Capitães Guzarates que houveram aquella victoria de Zaman, per corrupção de peitas, e não per armas, assi como estavam com seu exercito, se vieram aposentar em Novanaguer, e dalli mandáram recado a Antonio da Silveira, perguntando-lhe que

causa tiveram os Portuguezes para matarem seu Rey? Ao que elle respondeo, que seus peccados o matáram, e por elle o ter merecido por a morte de Manoel de Sousa, que elle matou sem causa, sendo Capitão daquella fortaleza. Depois tratáram de outras cousas, até virem a fallar em paz, pois havia tantos annos que tinham guerra; ao que elle respondeo, que não tinha para isso commissão do Governador; porém, que dando-lhe elles de Mangalor até Dio, e de Damam até Baçaim, como Mir Zaman, que se intitulava Rey do Guzarate, tinha dado ao Governador, com outras cousas que se continham em hum contrato que ambos fizeram, elle escreveria ao Governador, e sem isso não entenderia nas pazes. Com esta resposta não tornáram mais fallar em negocio de paz, e aquelle grande exercito se desfez, ficando alli em Novanaguer Luchan com dez, ou doze mil homens, como em fronteira, e guarnição. O qual para obrigar ao Governador a concerto de pazes, começou de tolher os mantimentos á Cidade, que eram carnes, e frutas, porque o mais vinha de Chaul, e Baçaim. E como entrou a força do inverno, que impedio não virem daquellas partes, houve entre os Portuguezes tanta falta, que valia huma gallinha dez tangas, que são seiscentos reaes da moeda

de

de Portugal. Isto durou até o mez de Julho, em que Antonio da Silveira fez treguas com Luchan, até a vinda de Nuno da Cunha, que avisado das cousas de Dio, entendendo que o novo Rey Mamud não havia de querer perder huma Ilha tão rica, e tão importante ao seu Estado como era a de Dio; e tendo novas da Armada que aprestavam os Rumes em Suez para irem á India, pareceo-lhe necessario acudir em pessoa a prover muitas cousas, de que aquella fortaleza, e as de Chaul, e Baçaim tinham necessidade, porque por descuido não acontecesse alguma desgraça. Polo que despachou as náos do Reino para irem tomar carga a Cochij, e espedio Martim Affonso de Sousa com quatro galés, e trinta e seis navios, para guardar a costa do Malavar, e tendo huma Armada prestes de oitenta vélas, nella se embarcou para Dio, onde chegou em Fevereiro do anno de 1538.

CAPITULO XII.

Do que fez Martim Affonſo de Souſa Capitão mór do mar, indo em buſca de huma Armada d'ElRey de Calecut, de que era Capitão mór Pate Marcar.

OS maiores inimigos que na India tem os Portuguezes, e com que mais ſe illuſtra a noſſa conquiſta naquellas partes, são os Mouros, que povoam a coſta da India deſde Chaul até o Cabo de Comorij, que ſerá de cento e noventa leguas, e neſta fralda do mar ha mais Mouros para nos damnar, e offender, aſſi per terra, como per mar, do que ha deſde a Cidade de Cepta no Eſtreito de Gibraltar até a Cidade de Damiata ſituada na mais Oriental foz do rio Nilo, e principalmente em Cananor, e Calecut; porque como a eſtes dous portos, antes que nós entraſſemos na India, concorriam as náos do Eſtreito de Méca a buſcar eſpeciaria, parece que deſte commercio de Mouros eſtrangeiros vieram a multiplicar tanto, que neſte eſpaço de coſta de cento e noventa leguas haveria mais de ſeſſenta mil homens de guerra, todos gente esforçada, a quem a prática da noſſa guerra os tem feito mais ouſados, e mais deſ-

tros

tros nella. Tambem na coſta de Calle, e Callecaré, que he além do Cabo de Comorij, na peſcaria do aljofar, por cauſa della, concorreo alli outro grande número delles; e ſe os Portuguezes não entráram na India, já foram ſenhores de toda a ſua coſta, e de Ceilão, mas á cuſta do noſſo ſangue temos deſinſado muita parte deſta má ſemente; e tem eſtes Mouros (principalmente os de Cananor) huma ventagem aos de Barberia, que eſtes não tem de pobres hum alquice para ſe cubrir, nem ouſadia para navegar, e vivem das creações, e agricultura, e os daquella parte de Cananor são muitos delles coſſairos tão poderoſos, que fazem Armadas, e tem animo de competir com os noſſos navios, principalmente quando no verão navegam aquella coſta de fortaleza a fortaleza, de maneira, que ſempre em Cananor os houve, como no decurſo deſta hiſtoria ſe póde ver. E porque neſte tempo florecia muito hum Mouro por nome Pate Marcar [a], que poderoſamente andava eſpancando aquelles mares, e fazendo-nos alguns damnos, ſerá neceſſario tratar hum pouco delle.

Vivia eſte Mouro em Cochij, e com duas náos que tinha tratava groſſamente em mui-

a *O ſeu proprio nome diz* Diogo do Couto, *que era Paichi Marcá, cap. 4. do liv. 2. da Dec. 5.*

muitas mercadorias que carregava para Cambaya, com cartazes de ſalvoconduto dos Capitães de Cochij. Eſtas náos lhe foram tomadas per Portuguezes, ſem lhes valer os cartazes que trazia. E porque deſta perda não foi reſtituido, querendo-ſe reſtituir della, como homem eſcandalizado que eſtava, ſe paſſou a Calecut com ſua caſa, e ſe fez coſſairo; para o que ElRey de Calecut vendo que os negocios de Cambaya ainda nos occupavam, lhe armou navios, além dos que elle tinha; e com ajuda de outros Mouros ricos, que deſejavam de offender aos Portuguezes, fez huma Armada de quarenta e ſete navios de remo, para ir ajuntar a Madune Pandar contra ſeu irmão ElRey de Ceilão. Com eſte Rey tinham os Portuguezes grande amizade, e pagava a ElRey de Portugal o tributo, que já eſcrevemos nas couſas do tempo de Lopo Soares, quando governava a India, e fez fortaleza naquella Ilha. E como Madune Pandar vio que além do grande poder que tinha ſeu irmão, noſſa amizade lhe dava grande ajuda, porque ſempre em Columbo, onde elle reſidia, tinham os Portuguezes ſua Feitoria por a canella que daquella Ilha vinha, e tambem ſabia a guerra que tinhamos com ElRey de Calecut, e que Pate Marcar naquelle tempo andava poderoſo, mandando-lhe ſecreta-

tamente recado que o foſſe ajudar contra ſeu irmão; e o concerto que fizeram, foi, que elle não queria mais que ficar com o titulo de Rey, e livre de dar canella aos Portuguezes; e que todo o theſouro de ſeu irmão lhe daria, de que havia fama ſer mui grande. Iſto obrigou a ElRey de Calecut a mandar lá Pate Marcar com a frota das quarenta e ſete vélas [a] que diſſemos, em que levaria mais de dous mil homens, com grande número de peças d'artilheria, tão apercebido em tudo, e com a gente tão deſtra, e esforçada, que lhe não chegavam os Turcos do mar de Levante em concerto, e animo de pelejar.

Neſte tempo Martim Affonſo de Souſa Capitão mór do mar andava com quarenta vélas guardando a coſta do Malavar. E como a ordem de a guardar he fazer huma volta ao Norte até Baticalá, e outra ao Sul até Coulam, fazendo volta ao Norte, quando tornou, ſoube que Pate Marcar era ſahido de Panane com ſua Armada, de que

era

a Eſta Armada era de cincoenta vélas, das quaes cinco eram galeotas latinas de coxia, que jogavam por proa meias eſperas: levava mais de quatrocentas peças d'artilheria, a maior parte dellas de bronze. Os ſoldados deſta Armada eram oito mil, mui bem armados com eſpingardas, arcos, e lanças, e todos os remeiros levavam arcos, e fréchas debaixo dos bancos para pelejar quando foſſe neceſſario. Diogo do Couto *cap. 4. liv. 2. Dec. 5.*

era Capitão mór, e levava ſeu irmão Cutiale Marcar [a] por ſegunda peſſoa, e por terceira Ali Abrahem hum valente Capitão d'ElRey de Calecut natural de Panane.

Pate Marcar com grande confiança do poder que levava, paſſou por Cochij, eſtando as noſſas náos tomando carga, com tenção que ſe pudeſſe commetter alguma, de o fazer; mas ellas foram logo provídas de maneira, que não ouſou de chegar a tiro de bombarda dellas. E ſeguindo ſeu caminho para Coulam, achou na ſua barra huma náo noſſa [b] á carga de pimenta. Pate Marcar a commetteo, e rodeando-a com a ſua Armada, a começou a bater. Nicoláo Juſarte, que eſtava por Capitão della, a defendeo mui esforçadamente, deſapparelhou muitos navios dos inimigos; e por remate da peleja foi elle morto de huma bombardada, e Pate Marcar ſe afaſtou da náo polo damno que recebia, e foi continuando ſua viagem; e indo adiante tomou hum navio noſſo que vinha de Ceilam com a carga de canella para as náos que haviam de ir

a *Cunhale Marcà lhe chama* Diogo do Couto.

b *Eſta náo ſe chamava S. Pedro, aquelle anno ſe fez em Cochij para vir ao Reino, e andou na carreira da India vinte e dous annos, e acabou na ribeira de Lisboa ſervindo de cabrea; e agora não faz huma náo tres viagens; tal he a madeira, tal a fábrica, e taes os Officiaes.* Diogo do Couto *cap. 4. do liv. 2. da 5. Decada.*

ir ao Reino. Deste navio era Capitão, e Feitor Antonio Barreto, que na peleja morreo, e todos os nossos que nelle vinham. Além do Cabo de Comorij deo Pate Marcar em hum lugar dos Christãos da terra chamado Tucucurij, que tomou, e destruio, matando muita gente. Finalmente correndo aquella costa de passagem, foi fazendo estas obras, de que Martim Affonso de Sousa, que lhe hia no alcance, soube, ao qual não pode alcançar áquem do Cabo Comorij. Antes tanto que alli chegou, por ser no tempo em que naquella paragem cursam os ventos, a que elles chamam Vara de Choromandel, que são contrarios, e mui forçosos a quem quer ir adiante, foi-lhe necessario deixar as seis galés, e ir nas fustas, e catures, a que os Capitães das galés se passáram, por serem com Martim Affonso naquelle feito, que hia commetter. Mas não houve então effeito, porque Martim Affonso como teve o tempo contrario, e soube que Pate Marcar não era passado a Ceilam, determinou de ir avante até dar com elle, e á força de remo quasi debaixo da agua correo a costa até chegar ao porto de Calle já noite, onde dormio.

Naquelle tempo acertou Pate Marcar de estar mettido em hum rio detrás de Calle, e parece que foi logo avisado da che-

ga-

gada de Martim Affonſo, porque quando veio pela manhã, como tinha o vento em ſeu favor, ſe fez á véla ſómente com os traquetes. Martim Affonſo tambem como ſoube de ſua vinda, com as ſuas dezenove vélas a remo, quanto os homens podiam, por o vento lhe ſer contrario, o foi receber. E ſendo huns dos outros obra de meia legua, abaixáram os Mouros os traquetes que traziam, e ſe deixáram eſtar, o que parece fizeram para ver o que os noſſos faziam. Mas como Martim Affonſo deſejava de lhe chegar, mandou que foſſem avante. E vendo Pate Marcar que o hiam demandar, virou as coſtas, e á força de remo, como que algumas couſas lhe eram impedimento, começou alijar ao mar para ſe acolher melhor. Martim Affonſo não deixando o ſeu curſo, remou quatro leguas; e ſendo já noite, tanto avante como o lugar de Tucucurij, o perdeo de viſta, e alli parou, onde teve conſelho ſobre o que fariam. E viſto como deixavam as galés no Cabo de Comorij, e quão mal apercebidos hiam do neceſſario para pelejar, e faltos de mantimentos, e que ſobre tudo as galés corriam riſco de ſerem tomadas, por a pouca gente que nellas ficava, ſe Pate Marcar com o bom tempo que tinha vieſſe dar ſobre ellas aquella noite, acordáram que ſe tornaſ-

ſe para as aſſegurar, e dahi irem a Cochij a aperceber-ſe do que haviam meſter, para tornar ſobre Pate Marcar, e aſſi ſe fez.

CAPITULO XIII.

Como Martim Affonſo de Souſa com quatrocentos Portuguezes pelejou com Pate Marcar, eſtando em terra com ſete mil homens de peleja, e o venceo, e desbaratou, e lhe tomou a Armada, com morte de muitos Mouros.

APercebido Martim Affonſo, tornou com vinte e tres navios de remo, de que eram Capitães elle, Manoel de Souſa de Sepulveda, Martim Correa da Silva, D. Diogo de Almeida, Fernão de Souſa de Tavora, Vaſco Pires de Sampaio, Jorge Barroſo de Almeida, Franciſco de Sá, Franciſco Pereira, Gaſpar de Lemos, João de Mendoça, Jeronymo de Figueiredo, Simão Rangel, Antonio de Lima, Antonio de Souſa, Miguel de Aiala, João de Souſa Rates, Diogo de Mello, Franciſco de Barros, Antonio Mendes de Vaſconcellos, Simão Gallego, Gomes Carvalho, Ruy de Moraes, Ruy Lobo, Franciſco Fernandes o Moricale, Franciſco de Sequeira Malavar, Diogo de Reinoſo; e poſto que de Cochij partio com algumas galés, foi porque

que temia que foſſe recado por terra a Pate Marcar das pequenas embarcações que levava, mas chegado a Coulam as deixou. Em quanto Martim Affonſo foi a Cochij a ſe aperceber, Pate Marcar parecendo-lhe que ſe fora por razão do máo tempo, ou porque temia pelejar, foi-ſe metter em hum porto que chamam Beadalá. A terra deſte lugar quer parecer hum dedo pollegar, porque na banda de fóra delle, quaſi na primeira juntura, onde elle ſe adjunta á mão, eſtá a povoação, e da outra parte de dentro ſe faz huma enſeada grande, como a póde figurar quem apertar todos os outros quatro dedos deſte pollegar, os quaes fazem a coſta que vai ter á ponta, e cabo, a que chamam Canhameira. No fim deſte pollegar ſobre a unha eſtá fundado hum ſumptuoſo templo de Gentios, per nome Ramanancor; e he tão delgada a terra deſte mar de fóra ao de dentro da enſeada, onde eſtá Beadalá, que João Fernandes Correa Capitão que foi da peſcaria do aljofar, que ſe peſca naquella paragem, eſteve para cortar aquella terra. E o proveito deſte rompimento era ſer aquella paſſagem dalli até Canhameira cheia de muitas ilhetas, reſtingas, e baixos; e no tempo do vento para a navegação he mui perigoſa. E paſſando por eſte rompimento que elle queria fazer,

entravam os navios na enſeada grande, e com a terra firme que tinha da parte de cima, ficavam mais abrigados, e era melhor navegação, e tambem ſeria proveitoſo para os Capitães da peſcaria, que alli andaſſem.

Pate Marcar, como homem que dalli havia de atraveſſar á Ilha de Ceilam, que tinha defronte, eſtava alimpando ſuas fuſtas, e as que já tinha eſpalmado com as popas em terra, e as proas ao mar, entre as quaes ſe mettia huma corda de baixos ao longo do dedo, que figuramos, de maneira, que não as podiam entrar de mar em fóra ſenão per huma calheta pegada á povoação, e elle eſtava apoſentado em terra em hum palmar, que corria ao longo do dedo contra o pagode de Ramanancor, e tinha huma tenda armada, e apparato de Principe em ſeu arraial, em que teria ſete mil homens, porque como elle hia áquelle feito de metter de poſſe do Reino de Ceilam a Madune Pandar, ajuntou todos os Mouros que por aquella coſta viviam, que he hum grande formigueiro delles, por razão da peſcaria do aljofar, como atrás eſcrevemos. Martim Affonſo com eſta Armada ligeira, em que não levava mais que quatrocentos homens d'armas, paſſou o Cabo de Comorij, ſabendo que os inimigos eſtavam em Beadalá, chegou huma tarde á en-

entrada de ſua barra, onde ſurgio; e por razão dos baixos que diſſemos, e alli não haver Pilotos delles, erráram o canal, e ficáram muitos navios em ſecco, que foi grande prazer para os Mouros, porque em tornar a ſahir tiveram os noſſos grande trabalho, por a artilheria que os Mouros tinham em terra, com que os varejavam de maneira, que matáram hum marinheiro na fuſta de Martim Affonſo.

Sahidos todos dos baixos, ordenou elle com conſelho dos Capitães de ir pelejar com os Mouros em terra dentro do palmar onde eſtavam alojados, e o accommettimento havia de ſer ante manhã, e o caminhar com as fuſtas, e catures havia de ſer de noite, que o não ſentiſſem os Mouros. E porque os deſcuidaſſem deſte lugar, deixou Gaſpar de Lemos, e Antonio de Souſa com ſete catures no lugar de Beadalá, (por onde elles intentáram a entrada quando encalháram,) e que commetteſſe entrar por alli com grande eſtrondo ao tempo que elle mandaſſe fazer hum ſinal per hum tiro de berço. Dada eſta ordem a Gaſpar de Lemos, e a Antonio de Souſa, como haviam de accommetter eſta entrada, para que, acudindo os Mouros áquella parte, Martim Affonſo com o pezo da gente lhe déſſe nas coſtas pela outra parte da terra; fez elle ſeu

ca-

caminho com as fuſtas até o lugar ordenado, e aconteceo, que por deſaſtre, ou deſcuido de hum bombardeiro, foi tirar com hum berço, que ouvio Gaſpar de Lemos, como quem tinha o tento neſte ſinal, que eſperava, o qual foi de ſua morte, porque ſendo mais temporão do que devêra ſer, por ainda não ſer chegado Martim Affonſo ao lugar donde o havia de mandar fazer, commetteo a entrada Gaſpar de Lemos, ſobre o qual acudíram os Mouros, parecendo-lhes que per alli os queriam entrar; e como eram muitos, e Gaſpar de Lemos era cavalleiro de ſua peſſoa, e os que com elle hiam eram deſejoſos de ganhar honra, quando Martim Affonſo já deo per ſua morte, era elle morto, e Antonio de Souſa, e ſeis, ou ſete Portuguezes; mas Martim Affonſo vingou bem a morte delles, ferindo, e matando os Mouros per tão grande eſpaço, que era já alta manhã, e os Mouros como eram muitos pelejavam valentemente ſem mover pé. Franciſco de Sequeira, de nação Malavar, Capitão de hum dos catures, como era natural da terra, e cavalleiro de ſua peſſoa, e homem prudente, e ſabia a condição daquella gente, e o modo de ſua peleja, quando vio que os Mouros não deixavam o campo por mais que ataſſalhavam nelles, diſſe a Martim Affonſo: *Senhor,*

nhor, se quereis victoria destes Mouros, mandai-lhes pôr fogo ás embarcações, que em quanto as virem, teram esperança de se salvar nellas. Tomando Martim Affonso este conselho, e mandando-o executar, ardêram algumas embarcações, e os Mouros começáram de fugir pela terra dentro, e os nossos a seguir seu alcance, até que de todo deixáram o campo, com que ficou Martim Affonso senhor delle, e da tenda de Pate Marcar, e de tudo o mais que em seu arraial havia. [a] Morrêram dos Mouros, que logo ficáram estirados naquelle sitio, mais de seiscentos, a fóra os feridos, que foram morrer entre os seus. Dos nossos seriam mortos trinta, entre os que morrêram com Gaspar de Lemos, e Antonio de Sousa, sem muitos feridos, por a batalha ser em

a Neste arraial de Pate Marcar se acháram tres Portuguezes carregados de ferros, e muitos escravos de outros Portuguezes, que fôram cativos, e huma mulher solteira, que cativáram os Mouros em huma chámpana com hum seu amigo; e porque era de bom parecer, Pate Marcar trabalhou pola tornar Moura com todas as promessas, e ameaças que pode, até lhe pôr a espada na garganta para a degollar, e mandar arrastar diante della a seu amigo; mas nada bastou para acabar com ella o que desejava, polo que a trazia carregada de ferros, com os quaes andava ella contente, e exhortava de contino aos Christãos cativos a morrer constantemente pola Fé Santa, que professavam; exemplo raro da feminil constancia, digno de tanto maior louvor, quanto se esperava menos do máo estado em que esta mulher andava. Francisco de Andrade *cap. 48. da 3. Parte.*

em terra, e os Mouros ſerem ſete mil, e os Portuguezes ſómente quatrocentos. [a] Eſta batalha foi huma das mais bem pelejadas que ſe deram na India, a qual ſuccedeo a 15. de Fevereiro do anno de 1538. Como o fogo chegou a queimar vinte e cinco paráos, mandou Martim Affonſo apagallo, e foram tomados vinte e tres. Da artilheria ſe houveram mais de quatrocentas peças, de que as ſetenta eram de metal, e mil e quinhentas eſpingardas; e porque eſte feito foi mui honrado, armou alli Martim Affonſo muitos cavalleiros.

[b] Aconteceo neſta jornada hum caſo digno de ſe notar, e foi, que indo-ſe embarcar Martim Affonſo em Cochij para vir em buſca de Pate Marcar, atraveſſou-ſe diante delle com muitas lagrimas huma mulher, dizendo: *Senhor, por amor de Deos que me tragais meu filho moço de doze annos, per nome Marcos, que eſtá cativo em poder d'aquelle que vós is buſcar.* Ao que Martim Affonſo reſpondeo: *Eu eſpero em Deos de o achar vivo, e tambem de nos dar victoria para vo-lo trazer.* E aconteceo que eſtava eſte moço na tenda de Pate Marcar,

a *Pate Marcar, e ſeu irmão, e Ali Abrahem vendo tudo perdido, ſe mettêram em dous navios ligeiros, em que ſe ſalvâram.* Diogo do Couto *no cap. 4. do liv. 2. da 5. Decada.*

b Diogo do Couto *nos cap. 4. e 5. do meſmo livro.*

car, e o trouxe Martim Affonſo, e o entregou depois pela mão a ſua mãi em Cochij.

Entre os deſpojos deſta batalha ſe tomou hum ſombreiro, que o Çamorij mandava ao Madune, o qual Martim Affonſo enviou de preſente a ElRey de Cochij per Miguel de Aiala, a quem ordenou que de Cochij paſſaſſe a Dio com cartas para o Governador, em que lhe dava relação daquella victoria. Miguel de Aiala chegou a Cochij, apreſentou a ElRey o ſombreiro, que eſtimou muito, e muito mais as novas da victoria, que tanto foi feſtejada naquella Cidade, quanto lamentada no Malavar. Partio logo Miguel de Aiala de Cochij para Dio, e perto de Challe encontrou huma galeota de Malavares, que o inveſtíram, lançando-lhe gente no ſeu catur, em que não levava mais que quinze ſoldados, os quaes de tal maneira pelejáram com os Mouros, que ſendo elles mais de duzentos, depois de durar a briga todo o dia, houve tamanho eſtrago de ambas as partes, que huns, e outros ficáram eſtirados nos navios, ou mortos, ou feridos. Os marinheiros do noſſo catur deram á véla, tomáram Cananor, onde deſembarcáram os mortos para lhe darem ſepultura, e os vivos, que não eram mais de cinco, com Miguel de Aia-

la,

la, para os curarem. O Capitão de Cananor eſpedio o catur com as cartas de Martim Affonſo para o Governador, que feſtejou muito as novas della, e pelo meſmo catur eſcreveo a Martim Affonſo, e aos Fidalgos da ſua companhia, dandolhes os parabens da victoria, e os louvores que ella merecia.

CAPITULO XIV.

De outras victorias, que Martim Affonſo de Souſa houvera na coſta do Malavar.

VIctorioſo Martim Affonſo de Souſa, partio daquelle lugar de Beadalá, e veio a Tucucurij, onde eſtava o Feitor Portuguez da Feitoria do aljofar, e dalli mandou a Cochij a maior parte dos navios que tomou com o deſpojo que houve da artilheria, munições, e cativos; e elle com a mais gente ſe paſſou á Ilha de Ceilam, que ſerá de traveſſa vinte e quatro leguas, tudo per baixo, onde ſe faz a peſcaria. Chegado ao porto de Columbo, achou ElRey com o noſſo Feitor, e Portuguezes na ſua fortaleza, a que elles chamam Cota, cercado de Madune Pandar irmão d'ElRey, que eſtava eſperando a Pate Marcar, e todos com grande alvoroço, quando víram noſſas vélas, cuidando ſerem as ſuas; mas

cer-

certificados da verdade, deixáram logo o cerco que tinham posto, e se recolhêram para huma serra, onde se Madune fez forte, temendo que os Portuguezes o fossem buscar. [a] ElRey com muito prazer recebeo os nossos, quando conheceo que hiam em sua ajuda, o que logo se vio no gazalhado que mostrou a todos, e no recebimento que fez a Martim Affonso. Os dias que o alli teve, o banqueteou per hum novo modo segundo sua usança, que foi servir-se á meza de mulheres derreadas todas pelos lombos, para que andando assi mais baixas pareçam mais humildes, e reverentes em final de cortezia; a tanto chega a ámbição de hum homem, que se honra de males alheios. Martim Affonso offereceo sua Armada a ElRey, e lhe deo conta da destruição de Pate Marcar, e que a nenhuma outra cousa partio de Cochij, senão a tirar-lhe aquelle trabalho, em que o tinham posto naquelle cerco. ElRey por mostrar o contentamento que tinha daquelle successo, que Martim Affonso por o ajudar tivera, lhe deo peças, e joias, e a todos os Capitães, e lhe mandou dar vinte mil cruzados [b] emprestados, pa-

[a] *Escreve* Diogo do Couto, *que sabendo Madune Pandar do desbarato de Pate Marcar, e chegada da nossa Armada a Columbo, mandára pedir pazes a ElRey seu irmão, que lhas concedeo.*

[b] *Quarenta mil, diz* Diogo do Couto.

para ajuda de pagar o ſoldo á gente que levava, e com muitas palavras de grande obrigação. Martim Affonſo ſe deſpedio delle, e partio para Cochij, onde chegou, com haver dado tão glorioſo fim áquella empreza.

E por ter nova, que muitos paráos de Calecut eram idos a carregar de mantimentos a Mangalor, e Braçalor, determinou de não deſcançar até ir acabar de deſinçar aquella ladroeira de paráos, e totalmente lhes tolher a navegação; e por não ſer viſto dos da terra, que podiam dar aviſo aos que hia buſcar, paſſou per Chale, e Cananor ao mar delles; e ſendo tanto avante como entre o monte Delij, e Formoſo, apparecêram ſeis paráos, de que tomou quatro, e hum dos dous que eſcapáram foi dar com João de Souſa, que vinha detrás em huma fuſta, o qual tambem foi poſto no eſtado dos outros. A maior parte dos Mouros morrêram á ponta da eſpada, e outros ſe lançáram ao mar, e delles ſe entregáram a cativeiro. Seguindo mais adiante, ao outro dia em amanhecendo ao monte Delij, vieram dar com elle dezeſete paráos, os quaes enganados com alguns dos ſeus paráos, que Martim Affonſo tomou, parecendo-lhe que eram de ſua gente, foram-ſe metter entre elles; mas como ſentíram o engano, empegá-

gáram-se no mar, por Martim Affonso se metter entre elles, e a terra, por se não acolherem a ella; mas isto lhes não valeo, antes foi causa de maior destruição sua, posto que com algum sangue dos nossos; porque vendo elles que o seu braço os havia de salvar, e não tinham modo para se acolherem, e vararem em terra, pelejáram tão valentemente, que morrêram alguns dos nossos, e foram muitos feridos; mas elles foram quasi todos perdidos, huns mortos a ferro, outros affogados no mar, onde se lançáram, e muitos foram cativos. E ao outro dia pelo mesmo modo tomou seis, e huma náo carregada de mantimentos, em que matou grande número daquelles Mouros, por castigo dos de Cananor, que favoreciam estes, e armavam com elles. E por os mais assombrar, sendo tomado hum Mouro honrado naquella peleja, que era mui aparentado, e davam por elle seis mil pardáos, não os quiz acceitar Martim Affonso, e o mandou enforcar, havendo que a serviço d'ElRey, e honra de Portuguezes convinha mais o castigo de hum máo homem, que todo o dinheiro que podia dar por si.

Em Cananor se deteve Martim Affonso de Sousa alguns dias, por não ter novas de mais paráos inimigos; e tanto que al-

alguns dos ſeus ſoldados feridos foram sãos, partio dalli para ir invernar a Cochij, e no caminho lhe foi dada huma carta do Governador Nuno da Cunha, (que já eſtava em Goa, da volta de Dio,) perque lhe fazia ſaber, que eram chegados Turcos com huma groſſa Armada áquella Cidade. Com eſta nova deixou Martim Affonſo hum galeão, em que hia, (que elle mandára fazer para ir nelle eſperar as náos de Méca,) e ſe metteo em hum catur do Meirinho da ſua Armada, e com os navios de remo, com toda a diligencia que lhe foi poſſivel, á véla, e remo tomou o caminho para Goa, no qual encontrou hum galeão da Armada dos Turcos, (que ſe apartou della com o temporal, com que ſe apartáram outros navios,) ſobre o qual arribou Martim Affonſo, e de tal maneira ſe vio acoſſado o galeão daquella cachorrada de catures, que ainda que parecia hum leão bravo entre elles, em artilheria, armas, e número de gente, foi tamanho o temor nos Turcos, que deram com o galeão á coſta, e ſe acolhêram a terra, e delle ſe carregáram os catures, e navios de remo de muita fazenda, que lhe acháram. Eſtas victorias que neſtes annos houve Martim Affonſo de Souſa, ainda que então foram grandes, parecêram ao diante muito maior, por deſtruir com ellas

as Armadas de Calecut, em que se matáram tantos dos inimigos, que se foram crescendo pelo tempo, ou estiveram inteiros quando os Turcos vieram a Dio, ellas fizeram tanto damno aos Portuguezes, que a costa do Malavar se não pudéra navegar, e as nossas náos corrêram muito risco de serem tomadas; e ainda que não fizeram mais que ajuntar-se aquellas Armadas á do Turco, fora muito grande damno para os nossos.

CAPITULO XV.

Como D. Manoel de Menezes foi prezo em Xael, e da causa porque ElRey o prendeo: e do mais que succedeo em seu livramento.

ANtes que Nuno da Cunha partisse de Goa para Dio, veio alli hum Mouro chamado Abedelá messageiro d'ElRey de Xael, que trazia dous Portuguezes dos que estavam cativos em seu poder com D. Manoel de Menezes filho bastardo de D. Tello, ao qual Abedelá Nuno da Cunha levou comsigo até Dio para o despachar. Este messageiro veio a pedir pazes da parte de seu Rey, e desculpallo do cativeiro, em que tinha a D. Manoel, de cuja prizão foi este o fundamento.

Como todos os annos os Mouros da In-

India em nosso odio levantam huma nova com que nos ameaçam, que he fazer-se Armada de Rumes no mar Roxo; os Governadores ordinariamente, além de outras intelligencias que tem per pessoas particulares, sempre mandam, ora Armadas grossas como as passadas que escrevemos, ora dous, ou tres navios de remo, como espias para entrarem dentro das portas do Estreito, e tomarem alguem per quem saibam o que lá vai; e a fim de ter noticia destas cousas, mandou Nuno da Cunha a Manoel Rodrigues Coutinho no anno de 1535. com tres catures, dando-lhe por regimento o que havia de fazer; e que da costa de Fartaque espedisse hum dos catures, de que era Capitão hum que se chamava de alcunha o Artilheiro, o qual fosse ao Xeque de Çocotorá, e lhe pedisse o que devia de huma náo que se hi perdêra; e que tambem lhe encommendasse os Christãos da Ilha, porque ElRey D. João de Portugal seu Senhor lhe escrevêra sobre isso, e que o mesmo escrevesse a ElRey de Fartaque, que o mandasse assi áquelle seu Xeque, pois mostrava querer amizade com os Portuguezes. Tornando Manoel Rodrigues do Estreito já no fim de Maio daquelle anno, por os tempos serem mui verdes, e não poder ir invernar a Ormuz, como lhe ordenára o Gover-

vernador, ficou em Xael, onde recebeo d'El-Rey muita honra, porque não sómente á sua pessoa, mas ainda a todos, que foram com elle, fez gazalhado, e lhe mandou varar os catures em terra, e serem vigiados, temendo que de noite os Mouros Baduijs, que he gente vil do campo, lhe viessem pôr fogo; e passados dous mezes e meio já meado de Agosto, Manoel Rodrigues se partio, mandando ElRey com elle hum messageiro, e hum presente de seis cavallos, e outras cousas da terra a Nuno da Cunha, pedindo-lhe houvesse por bem de lhe dar paz, porque desejava muito de a ter com elle, e com todos os Portuguezes, e que para assentar esta paz mandasse lá huma pessoa honrada com seu poder para a jurar com elle.

Chegado á India Manoel Rodrigues com este messageiro em Novembro, foi logo sabido da vinda delle, e do Embaixador que levava, e o que ElRey de Xael pedia, e desejava; e porque os homens estavam desejosos de navegar contra aquellas partes por razão de fazerem seus proveitos, sem licença do Governador, mas escondidamente, como cada hum podia, foram-se alguns áquelle porto de Xael mais a damnar a si, e a outros, que a fazer seu proveito; porque nos homens, que per cubiça entra a

desobediencia de seu Capitão, e que tem mais respeito a ella, que á verdade, e fé que devem, logo ficam postos em caminho de commetter toda maldade; e o primeiro que a commetteo, e errou contra ElRey de Xael, foi o Capitão artilheiro, por lhe pagar o bom gazalhado que delle recebêra. O qual espedido de Manoel Rodrigues Coutinho, foi-se lançar em huns ilheos, que são de Xael obra de doze leguas, a esperar os navios que sahiam do Estreito, e fazer nelles preza, deixando o caminho de Çocotorá, onde Manoel Rodrigues o mandava, ao que assima dissemos. Estando elle hi esperando a preza, veio ter com elle huma galveta, em que vinha hum primo d'ElRey de Xael, e hum seu Feitor, e outro Mouro honrado, aos quaes o Artilheiro roubou, e deo tormentos fortes, pendurando-os per partes deshonestas a fim que mostrassem o que traziam; e depois de roubados, e atormentados, os veio lançar em terra junto de Xael, os quaes se foram apresentar a ElRey com os sinaes de seus tormentos, do que elle ficou mui escandalizado, mais por as injurias que fizeram aos seus, que por a quantia da fazenda perdida, e se queixou muito de Manoel Rodrigues cumprir com elle tão mal sua palavra; porque sabendo elle como dalli havia de despedir aquel-

aquelle catur para ir a Çocotorá, temendo que este catur quizesse fazer algumas prezas, pedindo-lhe que não fosse na sua costa, e tambem que não fosse naquelles ilheos, porque esperava aquella galveta, que tinha mandado ao Estreito, por ser lugar que todos os que vem daquellas partes o vem demandar, por estarem seguros de boa navegação.

A este queixume succedeo logo occasião de outro, causado per hum navio de Gonçalo Vaz, que partio de Baticalá furtado do Governador, e (segundo diziam) com alguma pimenta, o qual não se contentando de ir com suas mercadorias junto de Xael, topou huma náo carregada de outras, das quaes a maior parte eram de Mouros de Fartaque, e de Xael, e tomada, veio alli a vender tudo, o que ElRey soffreo com paciencia por ter Embaixador seu com Nuno da Cunha, e tambem porque já a este tempo eram tantos os Portuguezes em seu porto, e importavam-lhe tanto os direitos que pagavam de suas mercadorias, que dissimulava a injúria, e damno, que recebiam seus vassallos, posto que se queixavam a elle. Sobre tudo isto, hum Alvaro Madeira, que andava levantado no rio Sinde com alguns companheiros, vindo alli ter, foi aposentado em casa de hum Mouro hon-

rado, e casado; e parece que não se contentando de entender com huma manceba do Mouro, e depois com sua mulher, ainda sobre isso o espancou, por se ir queixar a ElRey; e vendo o Mouro como ElRey isto dissimulava, deixou a casa de todo a Alvaro Madeira. Accrescentou-se mais a estas offensas, que indo hum dia ElRey folgar em casa de hum fuão Godinho Portuguez, por ser homem dado a prazer, e a banquetes, entre algumas palavras, que sobre cêa teve com ElRey, lhe chamou bebado. E posto que ElRey algum tanto estivesse alegre com o vinho, não estava tão fóra de juizo, que não soubesse conhecer, e dissimular aquella offensa; e despedido delle se foi para sua casa com a palavra injuriosa no peito. Succedeo além de tudo isto, que huns quatorze Portuguezes, que andavam levantados na costa do Cabo de Guardafú, tomáram huma náo de gente conhecida do mesmo Rey, e vieram vender a náo com toda a mercadoria ao porto de Xael; e andando em pregão, lançou ElRey nella, e sobre elle lançou hum Araujo Portuguez, que alli estava havia muitos dias. Este tinha tanto credito entre os Portuguezes, que per sua mão faziam muita fazenda, e era entre elles, e os Mouros chamado Feitor. ElRey parecendo-lhe aquil-

aquillo desacato seu, disse ao Araujo, que elle era senhor daquella terra, e quando elle entendia em alguma cousa, que ninguem ousava de olhar para ella, e que sua tenção em lançar em aquella náo não era para fazer fazenda, mas ganhar amigos, porque a queria comprar para a restituir a seus domnos por aquelle preço, por serem homens de que tinha conhecimento; e que pois elle Araujo pretendia ganhar, lhe daria quinhentos cruzados, que lhe logo mandou dar em ouro de moeda Veneciana, para que desistisse da náo. Outras muitas cousas escandalosas fizeram alguns Portuguezes, que alli andavam, as quaes ElRey, como homem mais prudente que accelerado, guardava em seu peito até vir resposta do que per seu messageiro mandára dizer a Nuno da Cunha.

Não tardou a resposta muito tempo, porque logo com o mesmo messageiro mandou o Governador em hum galeão D. Manoel de Menezes com setenta homens, ao qual deo commissão para assentar pazes com ElRey D. Manoel, que estava innocente do que os Portuguezes tinham feito em offensa d'ElRey, folgou muito de achar naquella terra estranha sessenta seus naturaes, que nella andavam com muita liberdade, parecendo-lhe que com elles ficava mais seguro.

ro. Com a chegada de D. Manoel se mostrou ElRey mui contente, e o mandou visitar ao galeão com muitos carneiros, e frutas da terra. Ao segundo dia, para assentarem as capitulações, e concerto das pazes, sahio D. Manoel em terra, e foi aposentado em humas casas das melhores da Cidade, e dahi a tres dias fez com ElRey seu assento segundo os apontamentos que trazia. Feito isto, hum Domingo pela manhã, querendo-se D. Manoel recolher ao seu galeão, mandou-lhe ElRey dizer, que elle tinha informação que alguns Mouros Baduijs do campo estavam para entrar nos arrabaldes da Cidade, e roubar huma cafila que alli era vinda; que lhe pedia muito que dos Portuguezes que tinha comsigo lhe mandasse lá vinte espingardeiros para defenderem aquella cafila. D. Manoel como estava para se embarcar, e tambem porque lhe disseram os seus, que ao redor de suas casas se ajuntavam mais Mouros que os outros dias, escusou-se dos espingardeiros, e mui á pressa mandou que lhe trouxessem o batel do galeão, e que não viessem nelle marinheiros Arabios, senão todos Portuguezes. Mas como a malicia estava já determinada, a primeira cousa que os Mouros fizeram, foi acudir á praia a tomar o batel, e hum bargantim que hi estava dos alevanta-

tados, e depois deram na Cidade pelas casas, e pelas ruas, onde achavam Portuguezes matando nelles á sua vontade, no qual insulto morrêram trinta e cinco. D. Manoel ouvindo a revolta, querendo sahir, era já cercado, e começáram de o combater, e pelejáram desde pela manhã até huma hora de Sol, em que matáram cinco Portuguezes; e porque os Mouros os achavam duros de entrar, trouxeram certas peças de artilheria para atirar á casa, na qual havia pouca defensão, porque as casas eram de adobes. Em toda esta revolta nunca ElRey appareceo, e o assestar das bombardas mais parece que foi para terror dos nossos, para que cedessem, que para outro fim, porque a vontade d'ElRey não era senão havellos vivos á mão, porque logo a este tempo mandou dizer ao Capitão que lhe fosse fallar, porque queria praticar com elle algumas cousas sobre a paz que tinha assentada; e que para seguramente o poder fazer, lhe mandaria duas, ou tres pessoas das principaes, que estivessem em arrefens com os seus, até elle vir á Mesquita onde o esperava. Havendo precedido sobre isto muitos recados de parte a parte, trouxeram os Mouros, e entregues aos Portuguezes: Foi Dom Manoel á Mesquita onde ElRey estava, o qual se começou de desculpar, dizendo, que aquel-

aquelle caſo fora furia do povo, por quanto nelle havia muita gente, que tinha recebidas muitas injúrias, e damnos d'alguns Portuguezes que alli eſtavam; e para mais juſtificação ſua, começou a propôr, e contar as couſas de que atrás fizemos menção; e diſſe, que pois já o máo recado era feito, e que os mortos que houvera de parte a parte parecia ſatisfazerem parte das culpas commettidas, que elle não queria que hum bem tão principal, como era a paz, e amizade que eſtava contratada, ficaſſe quebrada, mas que outra vez de novo ſe tornaſſe a ratificar, e reformar; porque elle jurava por o Moçafo da ſua lei, em que punha as manos, que nenhuma couſa mais deſejava que a paz dos Portuguezes; e que iſto era o que queria, e outra couſa não. D. Manoel lhe reſpondeo, que elle era ignorante de todas aquellas couſas que lhe contára, e que na verdade ſe as elle ſoubera, antes que com elle trataſſe a paz a que era vindo, primeiro houvera de tratar do caſtigo, que havia de dar áquelles culpados, porque elle trazia poderes do Governador para caſtigar malfeitores; e em quanto iſto não fizera, não ouſára de confiar ſua peſſoa de gente eſcandalizada, e deſejoſa de vingança; mas que como vio os culpados de que ſe elles queixavam eſtarem na meſ-

ma

ma terra, de quem podiam tomar vingança antes de ſua vinda, que temor podia elle ter, pois era chamado a bem de paz, e não de guerra? E pois o negocio eſtava naquelle eſtado, elle não ſabia mais que notificar-lhe, que a Nação Portugueza muito mais temia fazer huma couſa contra ſua honra, que contra a vida; e que ſe lhe a elle parecia, que por os ter cercados, e poſtos em perigo, havia com elles de tratar de pazes menos do que tinha aſſentado, podia eſtar ſeguro que elle o não faria; e que havia de eſtar em ſua liberdade para as poder fazer, e não da maneira que elle eſtava. ElRey lhe reſpondeo, que elle dizia mui bem, e que aſſi queria que foſſe, e elle ſe tornaſſe para onde eſtavam os ſeus, e praticaſſe com elles niſto que lhe dizia, porque por ſua livre vontade queria que de novo aſſentaſſem as pazes, pois as paſſadas por aquelles inſultos dos ſeus eram quebradas.

Deſpedido D. Manoel d'ElRey, e os ſeus, que eſtavam em arrefens tornados, houve grande confusão entre os Portuguezes, porque D. Manoel temendo o que depois ſuccedeo, dizia, que ou pelejando livraſſem ſuas peſſoas, ou acabaſſem de todo. Os mais daquelles, que eram alli vindos buſcar fazenda, e não honra, diziam que o melhor era

era ſalvarem huma vez as vidas, que o mais era trato de mercadoria, que em huma parte ſe perde, e em outra ſe ganha; e quando ElRey lhe mantiveſſe tão pouca fé, que os cativaſſe, que parentes, e amigos tinham na India para os reſgatarem; e os que mais inſiſtiam em não pelejar, eram os caſados na India. Finalmente D. Manoel conſentio no que lhe ElRey mandou dizer, que elle com todos os Portuguezes foſſe aos ſeus paços, para de novo publicamente aſſentarem as pazes, onde elle mandava, que os principaes foſſem preſentes para ſatisfazer a ſeu povo, e o aquietar daquella indignação que tinham. Vindo D. Manoel, tanto que entrou em hum grande terreiro das caſas d'ElRey, com a gente que levava, que ſeriam ſetenta homens, ElRey lhe mandou dizer, que elle ſómente com huma peſſoa, que elle quizeſſe, ſubiſſe a huma caſa, onde o eſperava, e que os outros aguardaſſem até elle os mandar ir. Ao que D. Manoel ſatisfez, ſubindo a huma caſa, em que ElRey eſtava, e elle mandou levantar hum ſeu parente que tinha ácerca de ſi, e em ſeu lugar fez aſſentar a D. Manoel; e praticando com elle o damno que os Portuguezes tinham feito, lhe moſtrou o ſeu parente, e criado a que o Artilheiro roubára, e atormentára, dizendo, que fazer pazes

zes verdadeiramente elle o deſejava, porém que não ſabia ſe o Governador haveria por firme o que alli trataſſem, porque por elle D. Manoel eſtar em eſtado de cativo mais que de livre, não pareciam valioſas as pazes, polo que era neceſſario que elle, e todos os ſeus eſtiveſſem alli, até elle mandar notificar ao Governador a cauſa de os reter; e por quanto os que eſtavam no galeão, e nos navios dos Chatijs que alli eram vindos, podiam fazer algum nojo á Cidade com ſua artilheria, ſabendo como elles eſtavam reteudos, lhe rogava, que lhes eſcreveſſe, que ſe foſſem em boa hora, ſem atirar com a artilheria á Cidade, e que na ſua coſta não fizeſſem algum damno. Ao que D. Manuel reſpondeo, que elle em ſua liberdade era Capitão daquella gente, e lhe obedecia; mas que no eſtado de cativo, em que o elle tinha, não creſſe que elles fariam ſenão o que quizeſſem, e não o que lhes elle mandaſſe; porém pois alli eſtava faria o que lhe mandava, e pedio papel, e tinta, e fez duas cartas, huma para a gente do mar do galeão, e dos outros navios, e outra para Nuno da Cunha, dando-lhe conta do eſtado em que ficava, e das cauſas per onde a elle viera, as quaes cartas ElRey mandou que lhe leſſem. Os que ficáram em baixo no patio, quando víram

D.

D. Manoel prezo, por o que elles tinham feito, e que o tempo não dava á outra cousa remedio, entregáram-se com esperança de sahirem dalli com elle, os quaes poucos, e poucos foram logo postos a bom recado. A gente do galeão, e dos outros navios vendo a carta de D. Manoel, por não serem causa de maior mal, pacificamente se partíram caminho da India. ElRey porque de nenhum dos cativos estava mais escandalizado que do Godinho, que lhe chamou bebado, ante si o mandou descabeçar per hum seu escravo. Dos outros que ficáram, os trinta e quatro mandou de presente ao Turco com offerta de sua pessoa, por a nova de sua Armada que se fazia em Suez, vendo que por o que fizera a Dom Manoel ficava posto em odio com os Portuguezes, e com o presente ficaria mettido na graça do Turco. Entre estes cativos que mandou foi o Alvaro Madeira, o qual fugio de Constantinopla, e veio a este Reino no anno de 1536., e deo a ElRey nova da Armada que o Turco fazia em Suez para mandar á India, como adiante diremos.

CA-

CAPITULO XVI.

Do que Nuno da Cunha aſſentou com o meſſageiro d'ElRey de Xael ſobre as pazes que pedia: e como mandou a D. Fernando de Lima, que hia por Capitão a Ormuz, que foſſe por Xael tirar a D. Manoel de Menezes do cativeiro.

DE todas eſtas couſas, que eram paſſadas em Xael, Nuno da Cunha tinha informação; e porque a prizão de D. Manoel procedeo dellas, as diſſimulou, e como foi em Dio, aonde trouxe o meſſageiro d'ElRey de Xael, aſſentou com elle pazes com eſtas condições:

Que ElRey de Xael entregaria logo D. Manoel, e os Portuguezes que com elle eſtavam, e todos os ſeus eſcravos; e pagaria a perda de ſua fazenda per eſta maneira. Que Nuno da Cunha mandaria a Xael hum Feitor, e hum Eſcrivão; e os direitos que as partes houveſſem de pagar na alfandega ſe fariam em tres terços, hum delles para pagamento deſtas fazendas, outro para ElRey de Portugal, e o outro para ElRey de Xael; e que eſte Feitor, e Eſcrivão dariam cartazes para navegarem as náos ſeguramente com ſuas mercadorias; e que em ſignal de pareas, El-

Rey

Rey de Xael daria em cada hum anno a ElRey de Portugal cem quintaes de Cifa, (que he azeite de peixe,) para os ſeus armazens da India; e que Nuno da Cunha lhe mandaria entregar dous Mouros honrados naturaes de Xael, que foram prezos em Ormuz, como repreſalia, por cauſa de D. Manoel; e aſſi daria favor, e ſeguro aos navios, que foſſem achados na coſta do ſeu Reyno dentro dos limites nomeados.

Feito eſte contrato, porque D. Fernando de Lima filho de Diogo Lopes de Lima, que ahi eſtava, e viera de Portugal na Armada do anno paſſado, hia para Ormuz a ſervir de Capitão daquella fortaleza [a], ordenou Nuno da Cunha, que foſſe por Xael a ver jurar ElRey eſte aſſento das pazes, e receber entrega de D. Manoel de Menezes, e dos outros Portuguezes. Chegan-

a Eſtava neſte tempo D. Pedro de Caſtello-branco por Capitão de Ormuz, donde mandáram a Dio ao Governador Capitulos de grandes queixas contra D. Pedro, as quaes eram de qualidade, que pareceo neceſſario a Nuno da Cunha para quietação da terra mandallo tirar da fortaleza, ao que enviou a Ormuz o Doutor Pero Fernandes Ouvidor geral, que o ſuſpendeo do cargo, e o mandou prezo á India; e com eſta occaſião deo o Governador a Capitanía de Ormuz a D. Fernando, que elle não poſſuio mais de tres mezes, falecendo nella de humas febres, com grande ſentimento de todos, pelas muitas partes de que D. Fernando era ornado. Diogo do Couto *capitulos 6. e 8. do liv. 2. da 5. Decada.*

gando D. Fernando a Xael, foi recebido d'ElRey com muita honra, e cumprio com elle tudo o que ſeu Embaixador contratou, e deo-lhe dous cavallos; e além de entregar D. Manoel, e todos os que com elle eſtavam, que em hum navio ſe foram para a India, entregou-lhe certa fazenda que hi tinha João de Sant-Iago, a que chamavam Franguechan, por ſaber que já era morto. E paſſando D. Fernando per Caxen, lhe entregou tambem ElRey outra pouca de fazenda do meſmo Sant-Iago, que ahi fora ter em hum zambuco, tudo por aprazer a Nuno da Cunha, e deſejar ſua amizade, e dos Portuguezes, e aſſentou tambem pazes com D. Fernando. E por eſtes Reys comprazerem a Nuno da Cunha, lhe mandáram novas, como não havia entre elles noticia alguma dos Rumes virem á India aquelle anno.

Chegado D. Fernando de Lima a Ormuz, eſcreveo a Nuno da Cunha o ſucceſſo de ſua viagem, e como de Baſçorá havia vinte e tres dias que era chegado hum Bartholomeu Rodrigues, que lá mandára D. Pedro de Caſtello-branco a ſaber novas dos Rumes, e conformava o que dizia com o que lhe diſſeram os Reys de Xael, e de Caxen; e a fóra os aviſos que eſtes Reys mandáram a Nuno da Cunha, os teve de ou-

outros muitos, como foi d'ElRey de Dofar, os quaes todos tratavam de o grangear; porque como viam ElRey de Cambaya morto, e Dio em poder de Portuguezes, e todos os Arabios viviam do trato, que naquella Cidade tinham, competiam huns com outros á qual o obrigaria com maiores beneficios, por o favor que pretendiam para ſuas navegações; mas Nuno da Cunha, ainda que aquella nova vinha per tantas vias, e não ſó per Mouros, mas per alguns Portuguezes, e lhe parecia que aquelle anno não viriam Rumes, com tudo para ſegurança da fortaleza, deixou começada a grande ciſterna que nella ha [a], e mandou fundar hum baluarte na Villa dos Rumes [b], e derribar a maior parte della, por ſer

a *Eſta ciſterna he de tres naves, tem vinte e cinco palmos de alto, e tão capaz, que cada palmo da ſua altura recolhe mil pipas d'agua.* Diogo do Couto *cap.* 3. *liv.* 2. *Dec.* 5.

b *Deſte baluarte deo o Governador a Capitania a Franciſco Pacheco.*

O baluarte do mar proveo de artilheria, e munições, e nelle poz por Capitão a Antonio de Souſa Coutinho com trinta ſoldados.

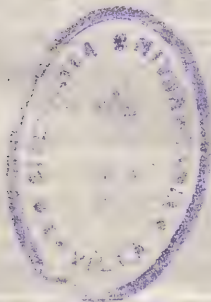
A Capitania mór da Armada, que deixava no rio, deo a Franciſco de Gouvea, e Alcaidaria mór da fortaleza a Paio Rodrigues de Araujo, e a Feitoria a Antonio da Veiga; e os Fidalgos, e Capitães, que deixou com Antonio da Silveira, foram Lopo de Souſa Coutinho, Gonçalo Falcão, Luiz Rodrigues de Carvalho, Gaſpar de Souſa, Manoel de Vaſconcellos, e Rodrigo de Proença. Diogo do Couto *cap.* 6.

ſer mui perigoſa áquella povoação, e ſómente deixou algumas caſas para os Officiaes que hi haviam de reſidir, e aſſi ordenou outras couſas para a defensão da fortaleza, no qual negocio elle levou maior trabalho que no governo, e foraes da terra; e deixando provído tudo o que era neceſſario, quando veio o mez de Março, que he o principio do inverno, ſe recolheo para Goa.

Partido Nuno da Cunha, chegou a Dio hum navio, de que era Capitão Fernão de Moraes, que partio deſte Reino em Novembro em companhia de outros dous navios, de que eram Capitães Fernão de Caſtro para ir a Ormuz, e Diogo Lopes de Souſa o Traquinas a Goa, indo aſſi ordenados para eſtas fortalezas ſe proverem, por o aviſo que ElRey D. João tinha da Armada do Turco, que eſtava feita em Suez; a qual nova ſe ſoube não ſómente por aquelle Alvaro Madeira, que diſſemos fugíra para Portugal de Conſtantinopla, aonde ElRey de Xael o mandára com outros cativos, mas de outras peſſoas de credito; do que ElRey aviſava a Nuno da Cunha por eſtes tres Capitães, e que logo para Março mandava fazer huma groſſa Armada; e no meſmo mez de Novembro, em que elles partíram, partíram tambem para a India em

dous navios Aleixo de Soufa, e Henrique de Soufa Chichorro feu irmão, filhos de Garcia de Soufa, os quaes foram a Moçambique, de cuja Capitanía hia provído Aleixo de Soufa, porque fe receou ElRey que foffem ter a ella algumas galés dos Turcos, e per efte modo quiz ter provído tudo; e porque das coufas do Reino de Bengala, fendo de nós mui frequentado, até agora não temos dado noticia, nem do fucceffo de duas Armadas, que Nuno da Cunha mandou áquellas partes, deixando com o fim defte livro as coufas da India, começando no feguinte com as de Bengala, como mais vizinhas que as de Malaca, e Maluco, de que tambem nelle havemos de efcrever, por irmos profeguindo noffa natural ordem, e caminho de Oriente.

DE-

Barros T.IV. P.II. pag. 4

DECADA QUARTA.

LIVRO IX.

Governava a India Nuno da Cunha.

CAPITULO I.

Da descripção do Reino de Bengala; e dos costumes da gente delle.

POrque na geral descripção, que em summa fizemos da costa da India na nossa primeira Decada [a], não démos mais noticia do Reino de Bengala, que da dimensão da sua enseada, e da entrada nella do Rio Ganges, (a que os naturaes chamam Ganga,) pareceo-nos que aqui onde haviamos de tratar do que aos nossos aconteceo naquelle Reino, deviamos dar maior noticia delle, e dos costumes das gentes que o habitam. [b] A situação pois do Reino de Bengala he naquella parte, onde o rio Gan-

a *Liv. 9. cap. 1.*

b *Este cap. estava no caderno de* João de Barros *mui desordenado, trocadas as cousas, e todas fóra de seu lugar, com que ficavam inintelligiveis.*

ges deſcarrega ſuas aguas per dous principaes braços no Oceano Oriental, e onde a terra retirando-ſe mais de ſuas ondas, faz a grande enſeada a que os Geografos chamáram Gangetica, e agora lhe chamamos de Bengala. Nas fozes dos dous braços do Ganges ſe mettem dous notaveis rios, hum da parte Oriental, e outro da Occidental, ambos limites deſte Reino; a hum delles chamam os noſſos de Chatigam, por entrar na foz Oriental do Ganges em huma Cidade deſte nome, que he a mais célebre, e rica daquelle Reino, por razão de ſeu porto, no qual concorrem as mercadorias de todo aquelle Oriente. O outro rio entra no braço Occidental do Ganges abaixo de outra Cidade, que ſe chama Satigam, tambem grande, e nobre, mas menos frequentada que Chatigam, por o porto não ſer tão cómmodo para a entrada, e ſahida das náos. O rio de Chatigam naſce nas ſerranias dos Reinos de Avá, e de Vagarú, e fazendo ſeu curſo do Nordeſte para o Sudueſte, devide o Reino de Bengala das terras do Codovaſcan; e ao longo das correntes deſte rio ficam os Reinos de Tipora, e de Bremma Limma, que rodeam Bengala da parte Oriental. Pela do Norte cingem eſte Reino humas ſerranias, que o apartam do Reino de Barcunda, nas quaes abrio a natureza o

ca-

caminho áquelle illuſtre rio Ganges para levar ſuas aguas ao mar; e neſta abertura, que he no eſtremo deſte Reino, tem o Rey huma fortaleza chamada Gorij para defensão das gentes que habitam aquellas ſerras, e partes montuoſas por onde o rio Ganges ſahe, para que não poſſam entrar per terra, nem per agua. Voltando eſtas meſmas ſerras ao Ponente, apartam os Bengalas dos póvos Patanes, e mais abaixo contra o meiodia do Reino de Orixá, ficando deſta parte entre as ſerras, e a corrente do rio Ganges as campinas de Bengala. Outro rio, que entra no Ganges abaixo de Satigam, corre pelo Reino de Orixá, e tem ſuas fontes nas coſtas da ſerra, a que os Indios chamam Gate, naquella parte que ella vizinha com Chaul; e por ſer eſte rio grande, e correr per muitas terras, os naturaes á imitação do Ganges, em que ſe elle mette, chamam-lhe tambem Ganga, e tem ſuas aguas por ſantas como as do Ganges. Deſta maneira jaz o Reino de Bengala pela ſua parte maritima, que he a auſtral entre os dous rios, eſte de Satigam ao Ponente, e o de Chatigam ao Oriente, e os dous braços do Ganges, em que elles entram, formam a figura da letra Delta dos Gregos, como fazem todos os rios grandes, que per bocas entram no mar.

To-

Toda a terra entre hum braço, e o outro he dividida em Ilhas, ou Leziras, que eſtam retalhadas com a agua do meſmo Ganges, e dos outros rios grandes, que nelle entram; das quaes começando da foz Oriental, são eſtes os nomes das que vieram á noſſa noticia, Tranqueteá, Sundivá, Ingudiá, Merculij, Guacalan, Tipuriá, Bulnei, Sornagam, Angará, Mularangue, Noldij, Cupitavaz, Pacuculij, Agrapara, e outras muitas. Dentro dos limites com que comprehendemos o Reino de Bengala, eſtam eſtes Reinos a elle ſujeitos, Caor, que vizinha com o Reino Cou, e foi em outro tempo parte delle, e os Bengalas o uſurpáram; e mais abaixo delle contra o mar, o Reino de Comotaij, e outro chamado Cirote, onde ſe fazem todos os capados que vem a Bengala, e vam a outras partes, de que ha grande número. O eſtado do Codavaſcam, (que he hum Principe Mouro grande Senhor, e ſe mette entre Bengala, e o Reino de Arracam,) tambem os Bengalas o contam dentro dos termos do ſeu Reino, e aſſi o de Tipóra; mas como eſtas terras são montuoſas, dizem os Bengalas, que certos ſenhores poderoſos ſe levantáram com ellas contra ElRey de Bengala; e como entre os Tiporitas, e os Bengalas houve ſempre odio, e emulação, como

mo pela maior parte ſoe haver entre Reinos vizinhos, quando algum delles pretende ſer maior que o outro, ou ſuperior, fizeram-ſe em liga os Tiporitas com os do Reino de Cou, tambem inimigo de Bengalas, com que lhe levantáram a obediencia; e ſegundo eſte Reino de Cou he grande, e tem mais gente de cavallo que nenhum de ſeus vizinhos, e he aſpero por as muitas ſerranias que tem, pudéra por ſi ſó conquiſtar Bengala, quanto mais ajudado dos Tiporitas, que he gente mui bellicoſa. Mas como eſtes dous Reinos amigos, e confederados ſão Gentios, ſem entre ſi conſentirem Mouros, que com artilheria, e artificios de guerra de que uſam, tem feito o Reino de Bengala poderoſo, vem eſtes dous Reinos amigos a perder por falta da diſciplina militar dos Mouros, que a vieram dominar, o que lhe ſobrelevam de esforço, de animo, e valentia. Da outra parte do Ponente contra o Reino de Orixá tem os Bengalas o Reino de Coſpetir, cujas campinas no tempo das creſcentes do Ganges ſão cubertas quaſi ao modo das do rio Nilo; e porque Bengala a maior parte do tempo contende com dous Reinos vizinhos, com o de Orixá, que he Gentio, e com os Patanes, de que a maior parte ſão Mouros, ficava aquelle Reino Coſpetir trilhado

da

da paſſagem delles quando entravam em Bengala, até que os Patanes totalmente ſe fizeram ſenhores delle, como adiante diremos.

Deſte Reino de Bengala, e de outros quatro ſeus vizinhos, dizem os Gentios, e Mouros daquellas partes, que a cada hum delles deo Deos ſeu particular dom; a Bengala gente de pé ſem número; ao Reino de Orixá elefantes; ao de Biſnagá gente mui deſtra na eſpada, e adarga; ao Reino do Delij muitas Cidades, e povoações; e ao de Cou grande número de cavallos. Aos quaes aſſi nomeados neſta ordem, elles dam eſtoutros nomes, Eſpatij, Gaſpatij, Norepatij, Buapatij, e Coapatij.

A terra de Bengala como jaz entre vinte dous, e vinte ſete gráos da parte do Norte, e a maïor parte della he de campos, que ſe regam de quatro rios notaveis, e he retalhada em leziras, (como diſſemos,) toda he mui fertil, não ſómente de arroz, que he ſeu geral mantimento, mas de muitos legumes, hortalizas, e frutas, dellas como as de noſſa Heſpanha, e de outras que cá não temos, que são naturaes áquellas regiões do Oriente: faz-ſe em todo eſte Reino muito, e bom aſſucar, que ſe leva em fardos para outras partes: naſce nelle muita pimenta longa, e he abundante de todo

ge-

genero de gado miudo, e groſſo, e animaes montezes, e aves de ribeira de toda ſorte: criam-ſe muitos cavallos do tamanho de facas de Inglaterra, e ſe colhe tanto algodão, e ha tantos Officiaes, que tecem finiſſimos pannos, que póde dar de veſtir com elles a toda Europa; porque não ſómente de Malaca por diante, em que ha hum infinito número de Ilhas naquelle arcipelago, mas ainda a toda a India, em cuja coſta em todos os lugares fazem infinitos pannos de algodão, por o geral da gente não ſe veſtir de outra couſa, quem ſe quer veſtir de pannos finos os ha de haver de Bengala; e nas couſas de lavores de agulha, e differenças de tecedura, a todas as gentes os Bengalas levam vantagem, como ſe vê nos lavrados das colchas riquiſſimas, e de outras couſas que de lá vem.

A gente natural da terra pela mór parte he Gentia, e fraca para pelejar, mas a mais malicioſa, e atreiçoada de todo aquelle Oriente; pelo que para injuriar hum homem em qualquer parte, baſta dizer que he hum Bengala; mas tem hum bem eſte povo, que como he gente que não tem mais de ſeu, que quanto ganham para comer aquelle dia, neſta pobreza eſtam mais ſeguros da vida que os grandes, porque a eſtes como lhe ſentem fazenda, logos lhes acham

hu-

huma culpa, per que lhes he tomada para ElRey, e muitas vezes com ella perdem a vida; e quando morrem naturalmente, ElRey he herdeiro assi do rico, como do pobre. Usa ElRey de outra tyrannia, que como os seus Officiaes da justiça, e da fazenda estam hum pouco de tempo nos officios, e a elle lhe parece que algum está já grosso em fazenda, por qualquer achaque o manda chamar, e a poder de açoutes lhe tira o que póde, e depois lhe vestem huma cabaia, que ElRey lhe manda dar, com a qual vai mais honrado que injuriado com os açoutes, por ser sinal que fica já reconciliado com ElRey, e que com aquella honra da cabaia lhe manda que torne a servir seu officio, no qual torna de novo a roubar, porque sabe que assi lhe convem para quando vierem outros açoutes.

A principal Cidade deste Reino he chamada Gouro, situada nas correntes do Gange, e dizem ter de comprido tres leguas das nossas, e duzentos mil vizinhos. De huma parte tem o rio por cerca, e da banda da terra hum muro de pedra, e cal mui alto, e na parte onde o rio lhe não chega, tem huma cava cheia d'agua, em que podem nadar grandes batéis. As ruas são largas, e direitas, e as principaes tem arvores postas em ordem ao longo das paredes,

pa-

para fazerem ſombra á gente que paſſa; e como o povo he tanto, são as ruas tão frequentadas com o trafego, e ſerviço da gente, principalmente as que vam demandar os paços d'ElRey, que não podem nellas romper huns per outros, pelo que os que acertam de cahir entre gente de cavallo, ou de elefantes, em que vam os Senhores, e homens nobres, alli ficam muitas vezes mortos, ou eſmagados dos pés das beſtas. Grão parte das caſas deſta Cidade são nobres, e bem lavradas; e a riqueza, e groſſura do trato deſta Cidade, e de todo o Reino de Bengala era tanto, antes que os Patanes o tomaſſem, (como adiante diremos,) que dizia Soltam Badur, ſendo elle hum Rey dos mais ricos daquelle Oriente, e muito arrogante, que elle era hum, e ElRey de Narſinga dous, e ElRey de Bengala era tres, querendo dizer, que ElRey de Bengala tinha ſó, quanto elle, e ElRey de Biſnagá tinham juntamente.

CAPITULO II.

Perque maneira os Reys de Bengala vieram a ſer Mouros.

EM tempos paſſados, ſegundo dizem, haverá cem annos, acertou de vir huma náo do Reino de Adem, que eſtá na bo-

boca do Eſtreito do Mar roxo , ao porto da Cidade de Chatigam , de que vinha por Capitão hum Mouro Arabio homem nobre, e abaſtado , que trazia comſigo duzentos homens. Vendo eſte o eſtado da terra , como ſagaz , e curioſo , a quem a fortuna chamava para maiores couſas , começou a inquirir o eſtado do Rey , e do Reino , e ſeu governo ; e como ſe informou bem de tudo , começou conceber em ſeu animo maiores eſperanças das com que elle veio. Carregada ſua náo com o retorno do que trouxera , a tornou a mandar para Adem , deixando-ſe elle ficar em Bengala em figura de Feitor de parentes ricos que tinha , diſſimulando ſua intenção ; aos quaes mandou a náo , e a fazenda , e lhe eſcreveo que logo o anno ſeguinte lhe mandaſſem outra náo com aquella , e nellas a mais gente que pudeſſe vir , pelo qual ardil , em tres , ou quatro viagens , dobrando as náos , e a gente , ſe achou com quinhentos homens ; e por elle ſer já conhecido dos Mandarijs , que são os Governadores , e havido por homem proveitoſo á terra , por os muitos direitos que pagava , era tido como natural. Eſta reputação em que eſtava lhe deo ouſadia de ſe elle ir offerecer a ElRey para huma guerra , que ſe moveo entre elle , e ElRey de Orixá ſeu vizinho , o que lhe ElRey acceitou ;

tou; mas nesta jornada o Arabio com sua pessoa, e gente que levava, servio de pouco, porque o Capitão geral do exercito, que era Bengala, como homem que se affrontára de lhe ElRey dar o Arabio em maneira de ajuda, não o metteo em cousa em que elle mostrasse seu animo, e industria, antes se houve este Capitão mór tão desconcertadamente em huma batalha que deo ao inimigo, que perdeo muita gente, e lhe tomáram muitos elefantes, que ElRey muito sentio. O Arabio vendo o modo que este Capitão com elle tinha em o desprezar, e quanto se ElRey enojára da parte daquella batalha, pedio a ElRey que o deixasse ir com a mesma gente, com que o seu Capitão fora desbaratado, porque com ella, e com a pouca Arabia que tinha lhe daria vingança de seus inimigos. ElRey lho concedeo, e elle o fez de maneira, que houve huma grande victoria delles, e lhes tomou dobrados elefantes. Finalmente elle servio naquelle officio da guerra tão bem, que em satisfação disso o fez ElRey Guarda mór de sua pessoa.

Neste officio veio elle a cumprir seu desejo, que foi matar a ElRey, e apoderarse da Casa Real, e do Reino. Polo que tanto que o matou, se deixou estar nos paços, que naquella Cidade de Gouro ElRey

ti-

tinha, que eram maiores que huma grande Villa, e eram a fortaleza da Cidade, em que estavam seus thesouros, suas armas, cavallos, elefantes, mantimentos. Destes paços sahio o novo Rey com seus Arabios, e outros Mouros estrangeiros que recolheo, e com alguns Bengalas que para elle se vieram, e tanta guerra fez aos da Cidade, que se fez Senhor della, e de todo o restante do Reino; e para sua defensão, e conversão daquelle Gentio, mandou vir muita gente de Arabia, pela qual, como se vio Rey pacifico, repartio os Officios, e governo do Reyno como lhe pareceo; e por este modo ficáram os Mouros senhores de Bengala; e este foi o principio de os Reys della virem a ser Mouros, sendo antes elle, e o povo Gentio. Deste tyranno, e dos seus vem todos os Reys, que depois delle succedêram em Bengala, não per successão de pai a filho, porque para succeder no Reino, tem os Bengalas hum cruel, e barbaro costume dos antigos tempos introduzido, que se algum dos servidores d'El-Rey, dos que elle tem naquelles paços, o matar, e estiver tres dias assentado em sua cadeira Real, sem alguem o mover dalli, he Rey sem mais contradição; e a razão que para isso dam, he, que pois Deos sustenta aquelle na cadeira Real aquelles dias,

o ap-

o approva por Rey para governar melhor que o paſſado, que per elle foi morto; e Martim Affonſo de Mello Juſarte, por cuja cauſa viemos contar as couſas de Bengala, dizia, que no tempo que elle eſtivera naquelle Reino, ouvíra dizer, que em eſpaço de quarenta annos ſe fizeram treze Reys per aquelle modo, entre os quaes foi hum eſcravo ſeu Abexij de nação, e outro que lhe ſervia de lhe trazer o andor em que andava; e o que reinava em tempo que Martim Affonſo de Mello lá foi, e que o prendeo, (como diremos,) ſe chamava Mamud Xiah, que na conjunção de ſua chegada matára hum ſeu ſobrinho filho de Nancarote Xiah ſeu irmão, o qual o deixára por tutor do filho á hora de ſua morte, por ſer de pouca idade; e por parecer a Mamud Xiah que não ficava ſeguro com a morte do moço, por ſe aſſegurar dos grandes do Reino, accreſcentando huma maldade á outra, mandou matar mais de duzentos homens, e tomar-lhes as fazendas, das quaes são ſenhores os Reys daquella terra, não ſómente dos que são mortos por culpas, mas dos que morrem ſem ellas.

Eſte tyranno Mamud eſtava com eſtas cruezas recolhido na fortaleza daquelles paços de Gouro, como a quem tudo era ſuſpeito; e não tinha couſa de que ſe fiaſſe

mais,

mais, que de quatrocentos homens da guarda das portas que havia antes que entrassem a elle, repartidos em quatro Capitanías. Os Capitães desta gente vigiavam a quartos, e todas as noites haviam de ser mudados de maneira, que nenhum havia de saber que porta havia de guardar a noite seguinte, senão quando era posto nella. Sómente hum Capado, que tinha cargo das mulheres d'El-Rey, que se affirmava serem mais de dez mil, e tinha a porta mais interior onde estava a pessoa d'ElRey, não era mudado della como os outros eram das outras. Este era Capitão de quatrocentos Capados, que havia das portas adentro para serviço das mulheres, os quaes nunca sahiam fóra; e os que fóra hiam, eram moços pequenos tambem Capados. Daquellas mulheres d'El-Rey, quatro eram as principaes, e da primeira destas quatro os filhos eram herdeiros. Finalmente o Estado daquelles Reys de Bengala era tão grande naquelle tempo, que haviamos mester muito para poder escrever suas cousas.

E porque a causa que nos moveo escrever o que até aqui dissemos, foi ter este tyranno prezo Martim Affonso de Mello Jusarte na sua Cidade de Gouro; será necessario repetir de longe a razão por que o prendeo, e contar quão proveitoso lhe foi

ter

ter comſigo Martim Affonſo já ſolto; e como elle, e os outros Portuguezes, que com elle foram prezos, livráram a Mamud Xiah da guerra que lhe os Patanes faziam. Em a qual narração ſe verá, que não houve guerras naquelle Oriente de huns Principes com outros, em que alguns dos noſſos ſe acháram, que a parte, que elles favorecêram, não houveſſe victoria de ſeus inimigos; e tambem ſe verá em quão breve eſpaço ſe trocam os Eſtados, por grandes que ſejam, de huns póvos em outros, quando os Principes delles os poſſuem com tyrannia.

CAPITULO III.

Como Martim Affonſo de Mello foi a El-Rey de Bengala requerer-lhe amizade, e commercio com Portuguezes: e do que ſobre iſſo lhe aconteceo.

ATrás temos dito no ſegundo Livro deſta Decada, como Coge Sabadim Mouro reſgatou Martim Affonſo de Mello, e ſeus companheiros do poder do Codavaſcam, os quaes per hum Coge Sucurulá ſeu parente mandou á India em huma ſua fuſta no anno de 1529 a Nuno da Cunha, que já áquelle tempo governava. O que moveo a eſte Mouro fazer eſte beneficio foi ter

elle negocio com o Governador Nuno da Cunha, e era eſte. Como ordinariamente os mais dos annos os Governadores da India mandam a Bengala hum Capitão, a que querem aproveitar com huma Armada, em que entram navios de homnes, que vam áquellas partes fazer commercio, de que eſte Fidalgo he Capitão mór, e leva jurdição ſobre elles, como ſobre os navios d'ElRey: deo Lopo Vaz de Sampaio eſta Capitanía a Ruy Vaz Pereira, (como atrás diſſemos,) que era hum Fidalgo de ſerviço. Eſte chegado a Chatigam, que he a Cidade de Bengala, onde concorrem todos os navios que vam tratar áquelle Reino, achou alli ao Mouro Coge Sabadim, que era Parſio de nação, e havia annos que eſtava naquella Cidade de Chatigam negociando ſua fazenda, e de alguns Mouros de Ormuz, e fizera huma galeota á noſſa uſança, ſendo defeza na India polos Governadores, e por ElRey de Bengala no ſeu Reino, á inſtancia de Rafael Pereſtrello, quando alli eſteve; e a cauſa por que ſe defendiam galeotas na India aos Mouros era porque alguns delles ſe faziam coſſairos, e andavam roubando com os navios da feição dos noſſos, e as partes roubadas ſe queixavam que os Portuguezes os roubavam.

Havendo eſta defeza, como Coge Saba-

badim tinha muito favor dos Governadores de Chatigam, por os peitar groſſamente, para bem fazer ſeus negocios, teve em pouco impedir-lhe Ruy Vaz Pereira uſar da galeota, que tinhà feito á noſſa uſança; polo que Ruy Vaz lhe tomou hum galeão que no porto tinha carregado. Queixando-ſe diſto Sabadim a Nuno da Cunha, que já governava, e pendendo demanda na India ſobre iſſo, fez o reſgate de Martim Affonſo, e dos mais Portuguezes, por obrigar ao Governador a lhe fazer juſtiça, e mandou juntamente com Martim Affonſo a ſeu parente Coge Sucurulá, para andar na demanda do galeão, (que lhe foi tornado com toda a fazenda,) praticar algumas couſas de importancia com o Governador, além de Martim Affonſo as trazer em lembrança. Eram algumas do ſerviço d'ElRey de Portugal, e outras em beneficio delle Sabadim, para libertar ſua peſſoa da violencia, que os Governadores de Chatigam lhe faziam em o não deixarem ir daquella Cidade para a Perſia ſua terra natural; porque por o muito tempo que eſte Mouro eſteve naquella Cidade, e o grande trato que tinha dalli para Ormuz, enriqueceo tanto, e era ſua eſtada alli tão proveitoſa ás rendas d'ElRey, e a toda a terra, com a entrada, e ſahida das mercadorias em que tratava, que o não

queriam deixar ir para ſua terra, dizendolhe, que ElRey o mandava aſſi. Coge Sabadim porque conhecia a natureza dos Bengalas, e a tyrannia d'ElRey, com que lhe tomaria toda a fazenda, e mais que o traziam já prezo per olho que ſe não foſſe, deo conta de tudo a Martim Affonſo de Mello, e de quão aſſombrado vivia, temendo de perder a fazenda, e com ella a vida; e não ſómente lhe deo conta dos deſejos de ſua liberdade, e ſalvação, mas lhe deo muitas razões de quanto cumpria ao ſerviço d'ElRey de Portugal ter alli huma fortaleza, e quão leve ſería de a manter, e defender, e quanto ſerviço elle podia fazer a S. Alteza em Ormuz, ſe o Governador ordenaſſe como pudeſſe ſahir daquelle cativeiro. Finalmente pedia ao Governador mandaſſe Martim Affonſo de Mello a Chatigam com huma Armada a fazer fazenda d'ElRey, para o que elle daria muita ajuda, e na envolta della recolheria ſua fazenda, e ſua peſſoa; e depois que ſe viſſe com elle, daria ordem ao mais que promettia. Nuno da Cunha praticou com Coge Suculá todo aquelle negocio, e lhe deo muita eſperança, que como foſſe tempo mandaria Martim Affonſo a Bengala, e aſſi o eſpedio contente com a promeſſa, e com o galeão, e fazenda de ſeu primo.

Nu-

Nuno da Cunha, que eſtava determinado de executar o que offerecêra a Coge Sabadim per ſeu primo Sucurulá, ſe moveo mais per huma carta que lhe ElRey Dom João eſcreveo, em que lhe encommendava aquelle negocio; porque Martim Affonſo querendo gratificar o beneficio que de Sabadim recebêra em o reſgatar, eſcreveo a ElRey nas primeiras náos que a eſte Reino vieram, e tambem lhe eſcreveo Coge Sabadim, dando-lhe grandes eſperanças de o ſervir bem naquelle particular, e em outros. Polo que no anno de 1534. mandou Nuno da Cunha a Martim Affonſo de Mello (como atrás eſcrevemos [a]) com duzentos homens, em huma Armada de cinco vélas, de que eram Capitães Chriſtovão de Mello de Sampayo de hum galeão, em que hia Martim Affonſo como Capitão mór, e dos outros navios eram Antonio Pacheco, Franciſco Bocarro, Antonio Gramaxo, e Antonio Dias; e o regimento, que Martim Affonſo levava, era ſómente para communicar com Coge Sabadim a viſta, ſitio, e diſpoſição da terra, e tentar ſe por ventura ElRey de Bengala daria lugar para ſe fazer no porto de Chatigam huma caſa forte para os Portuguezes aſſentarem huma Feitoria, e ſer azo de terem trato pacifico, e [illegible] com-

a No capitulo 22. do livro 4.

commercio, ſem temor de alevantamentos que havia naquelle porto. Para effeito diſto lhe deo Nuno da Cunha cavallos, e peças ricas para mandar a ElRey de Bengala á ſua Cidade de Gouro, onde continuamente tinha ſua Corte, ao coſtume daquellas terras, onde ſe não vai ante ElRey com as mãos vazias.

Chegado Martim Affonſo ao porto de Chatigam a ſalvamento do mar, parece que na terra lhe eſtavam guardados ſeus perigos de cativeiro, como já naquellas partes tivera; e conforme ao regimento que levava de Nuno da Cunha, ordenou logo de mandar a ElRey as cartas que levava para elle com o preſente, que em aquelle Reino chamam Adiá, onde na offerta dos preſentes ſe tem eſta ordem per coſtume mui antigo. Tanto que algum preſente he levado ante ElRey, elle o manda avaliar pelos preços da terra, e per os meſmos preços ſe paga ás partes de maneira, que qualquer preſente ante ElRey de Bengala he huma commutação de huma couſa por outra; e mais ſe contenta ElRey de lhe ſer apreſentado per eſte modo o melhor que cada hum leva, que ſer-lhe dado de graça, por as partes não eſconderem o bom para o venderem a outrem; e com terem por certo que lho ha ElRey de pagar, não tem receio

ceio de o apreſentarem. O preſente que Martim Affonſo mandava, eram alguns cavallos formoſos, e peças de brocado, e de ſeda, e outras couſas que ſe eſtimavam em Bengala; e para authorizar as cartas, e o preſente, ordenou em modo de Embaixador que o levaſſe hum cavalleiro, que ſe chamava Duarte de Azevedo, e em ſua companhia doze homens, de que eſtes eram os principaes, João de Villalobos, Lopo Cardoſo, Diogo Ferraz, Nuno Fernandes Freire, Jordão de Moraes, e Diogo Cabaço.

Quando chegáram com o preſente, não foram tão bem recebidos como elles eſperavam, por ſer em conjunção que o Mamud tinha morto pouco havia a ſeu ſobrinho, fazendo-ſe Rey de Bengala; e com temor deſta maldade, e da que commettêra na morte dos nobres, eſtava recolhido em ſeus paços, e toda a novidade lhe era então ſuſpeitoſa; e para maior deſdita dos Portuguezes, acertáram a levar no preſente certos caixões com barrilinhos d'agua roſada, ſegundo os Mouros os navegam do Eſtreito de Méca, e Ormuz, como mercadoria, em que fazem proveito naquellas partes, por os Mouros dellas ſerem mui delicioſos em couſas de cheiros. Eſtes caixões foram tomados em huma náo de Mouros per hum Damião Bernardes Portu-

tuguez [a], que andava levantado, e feito cossairo, sem Nuno da Cunha o poder haver á mão; e no proprio porto de Chatigam, onde estava Martim Affonso de Mello, tinha elle tomada huma fusta de hum Turco, (que hi andava em Bengala,) com a qual tinha roubada a náo; e conhecendo este, e os outros Mouros os números, e marcas dos caixões serem de Mouros mercadores, a quem a náo fora tomada, depois d'ElRey ter acceitado o presente, e cartas de Nuno da Cunha, taes cousas disseram ao tyranno Mamud Xiah, que faltou pouco para os mandar matar; e para melhor effectuar seu desejo, o Senhor da fusta roubada, e outros a que muito pezava da paz, e amizade que Nuno da Cunha queria, tomáram por atiçador deste fogo hum Capado chamado Agá Abdelá, o mais acceito que Mamud Xiah tinha, fazendo-lhe crer muitas suspeitas, de que Mamud se

a Damião Bernardes tendo licença de Nuno da Cunha para ir em hum navio seu tratar a Bengala, se levantou, e fez cossairo. Em Baleacate tomou muitas champanas de Mouros, e Gentios amigos dos Portuguezes; e na Ilha de Negamale huma galeota de Rumes com muita fazenda; e em Chatigam roubou muitos dos seus moradores; e voltando para a India, em seguimento da galeota, que lhe levava Nuno Fernandes Freire, foi prezo em Negapatam, e levado a Goa, onde na cadeia falleceo sentenciado em dez annos para a Ilha de Santa Elena. Fernão Lopes de Castanheda *nos capitulos 47. e 48. do liv. 8. e* Francisco de Andrade *no cap. 77. da 2. Parte.*

ſe podia temer dos Portuguezes, dizendo, que ſeu officio era eſpiar as terras, e com nome de amigos vinham depois a poder de ferro tomar poſſe do alheio; e que eſſe modo tiveram em Ormuz, e Malaca; e que não era tempo, nem conjunção para ſe fiar delles, eſtando em Chatigam huma Armada ſua, e virem em requerimento de amizade, couſa que até então não tinham feito. Ultimamente ſe os Portuguezes não tiveram alguns Mouros por ſua parte, hum dos quaes era Alfachan, homem que tinha grande authoridade ante ElRey, por ſer Aio, e Meſtre dos moços Fidalgos, que ſerviam ante elle, e aſſi hum Elche Valenciano, que naquellas partes ſe fizera Mouro, os noſſos perdêram as vidas. Mas aſſi neſte primeiro impeto d'ElRey, como no tempo que eſtiveram prezos, ſempre lhes foram bons amigos, principalmente hum Gentio homem virtuoſo moralmente, que como tal era havido entre elles por ſanto, e que diziam ſer de idade de mais de duzentos annos; porque eſte, polo credito que tinha ante ElRey, o deſviou da morte dos Portuguezes, e acabáram com elle que ſe contentaſſe com os prender; e que achando que eram os que lhe diziam, então lhe ficava tempo para os caſtigar; e lhe lembráram que não eſtava em tempo para ganhar

ini-

inimigos ; e que o Governador da India era senhor do mar, e os Portuguezes eram homens que em breve se vingavam de quem lhes fazia damno. ElRey movido com estas razões, e com outras, ou por fazer maior preza, ou porque assi teria ao Governador da India mais sujeito a seus requerimentos, secretamente espedio hum seu Guazil de muita qualidade, que fosse a Chatigam, e prendesse a Martim Affonso, e aos principaes que com elle estavam; e isto de modo que não viessem ás armas, por ser gente bellicosa; e para que os Portuguezes não fossem avisados, mandou, que nem per agua, nem per terra passasse homem algum para Chatigam; e sendo achado, fosse logo prezo; e em quanto este Guazil hia, não curou de mandar prender a Duarte de Azevedo, e seus companheiros, até lhe vir recado da obra que o Guazil tinha feito.

CA-

CAPITULO IV.

Como Martim Affonſo de Mello, e os Portuguezes que com elle hiam foram prezos per mandado d'El-Rey de Bengala.

O Guazil d'ElRey de Bengala como foi em Chatigam, fingio que vinha muito de preſſa a negociar certas couſas para ſe logo tornar á Corte donde viera. E acertou, ao tempo de ſua chegada, Martim Affonſo, e ſeus companheiros eſtarem poſtos em huma affronta com os Officiaes da Alfandega; porque como nella ſe pagavam por entrada das mercadorias grandes direitos, alguns dos Portuguezes quando deſembarcáram ſonegáram algumas couſas das que levavam para vender, para não pagarem tantos direitos. O que ſabendo os Officiaes, tomaram-lhe toda a fazenda per modo de embargo, até pagarem tudo o que eram obrigados per ſeu regimento. Sabendo o Guazil deſte embaraço, folgou com aquella occaſião para entender com os Portuguezes, e Martim Affonſo muito mais com ſua vinda, parecendo-lhe que por ſua interceſſão, por ſer peſſoa tão principal, teria mais favoravel deſpacho. Sendo apoſentado o Guazil, Martim Affonſo acompanhado de

mais

mais de cem homens bem ataviados, e armados para paz, e para guerra, o foi visitar de sua chegada. Deste apparato ficou o Guazil confuso, mas com astucia de homem de Bengala lhe mostrou bom rostro; e tocando-lhe Martim Affonso nas differenças que com elle tinham os Officiaes da Alfandega, com boas palavras lhe fez o caso leve, e lhe disse, que se informaria dos Officiaes proprios, e logo o despacharia, porque tambem elle se havia logo de tornar para ElRey. Mas elle foi entretendo o despacho até se aperceber para o feito a que era mandado, e como vio tempo, mandou dizer a Martim Affonso que elle estava de caminho, e tinha seu negocio acabado, que se fosse com seus Capitães, e pessoas principaes a jantar com elle, porque se partia ao outro dia. Martim Affonso não cuidando a traição que se lhe armava, e lembrando-lhe as cartas, e presente que tinha mandado a ElRey, sem receio algum se apercebeo, como homem que hia a hum banquete mais de festa que de guerra, levando sómente as armas que os homens na paz costumam trazer; e acompanhado de quarenta pessoas das mais principaes, se foi a casa do Guazil, onde foram recebidos com tanta festa, e gazalhado, quanto podiam receber de hum parente, ou grande amigo;

e sem

e ſem mais detença ſe aſſentáram a comer em huma varanda terrea, que cercava hum grande patio deſcuberto. Eſtando quaſi no fim do comer, fingio o Guazil que lhe tomava hum accidente, e ſe levantou dizendo, que lhe perdoaſſem, que logo tornava; e os Mouros que eram preſentes per modo de cortezia ſe foram com elle, deixando os Portuguezes ſós. Não tardou muito que per cima das paredes, e partes que cahiam ſobre o patio appareceo grande número de Mouros frécheiros, e eſpingardeiros, que atiravam aos Portuguezes, ſem lhes fallar couſa alguma,

Martim Affonſo vendo-ſe ſobreſaltado, e em tamanho perigo, mandou-lhes perguntar per hum moço que lhe ſervia de lingua, que porque os fréchavam? Ao que elles reſpondêram, que diſſeſſe ao Capitão daquella gente da parte do Guazil, que lhe pagaſſem dez mil pardáos, que lhe tomára o Capitão de Malaca. A iſto replicou Martim Affonſo, que dívidas de dinheiro, ainda que foſſem verdadeiras, não ſe requeriam daquella maneira, e mais a quem ſe vinha metter em caſa de hum homem tão honrado como era o Guazil; e que mal correſpondiam aquellas obras ao que elle vinha áquella Cidade com cartas, e preſentes a ElRey de Bengala ſobre a paz, e amizade

que

que o Governador da India queria ter com elle. A estas palavras lhe foi respondido com muitas espingardadas, com que derribáram a Christovão de Mello sobrinho de Lopo Vaz de Sampayo, Governador que fora da India, que logo morreo. Vendo Martim Affonso morto a Christovão de Mello, disse aos que estavam com elle: *Senhores, mais he isto que dívida de dez mil pardáos; venhamos á verdade, morramos com a espada na mão como cavalleiros, e não com ella na bainha, matemos quem nos quer matar.* E todos juntamente se arremessáram a huma porta do patio, para sahirem per onde entráram; mas estava tudo tão trancado, que não aproveitáram suas forças; e porque estando ahi ficavam mais descubertos para os frécharem, tornáram-se a encantoar no alpendre onde comêram, e nelle matáram ás fréchadas Gonçalo Gomes de Azevedo, Antonio de Mesquita, Antonio Gramaxo, e hum page de Gonçalo Gomes sobre seu Senhor, que querendo-o ir ajudar a levantar quando o vio cahir, o ficou acompanhando na morte. No qual tempo estando já Martim Affonso, e outros mui fréchados, enfraquecêram tanto por o sangue que se lhes hia, que cahíram. E vendo-se tão feridos, e postos ao modo de gado em curral, e que poucos a poucos os

hiam

hiam matando, disse Martim Affonso: *Senhores, aqui não ha outra cavalleria, pois estamos decepados, senão pôr-nos em estado de Christãos, pedindo a Deos perdão de nossos peccados, porque nestes taes casos mais obra a limpeza da alma, que a força de braços, quanto mais que não ha que esperar senão a misericordia de Deos; e primeiro que venhamos ao artigo da morte, em quanto temos alento, e lingua, quero perguntar a esta gente, se quer outra cousa de nós, porque se com dinheiro podemos remir as vidas, leve remissão he, e bem o podemos fazer; e se querem a mesma vida, protestemos morrer como fieis Christãos, e martyres debaixo do ferro destes infieis.* Ditas estas palavras, se puzeram todos em giolhos protestando a Fé, que confessavam, e mandou ao moço, que lhe servia de lingua, que dissesse ao Capitão daquella gente, que fosse perguntar ao Guazil que queria dos que ficavam vivos. O moço tornou com recado do Guazil, dizendo, que a culpa dos mortos fora sua, pois se não quizeram entregar á prizão, e que dos vivos não queria mais que entregarem-se para os levar a ElRey, que os mandava prender, para darem de si razão das culpas que contra elles pediam justiça; porque elle como Rey era obrigado de a fazer a quem lha pe-

pedia ; e que se elles se queriam entregar para os levar a ElRey, mandaria cessar os tiros, e para isso houvessem seu conselho. Martim Affonso quando ouvio esta resposta, disse aos que com elle estavam: *Parece-me, Senhores, ser esta a verdade, que a causa do damno que temos recebido, he mais mandado d'ElRey, que a dívida dos dez mil pardáos, que o Guazil dizia dever o Capitão de Malaca, porque por tão pouca cousa não se havia de atrever o Guazil fazer tamanho excesso, senão fora ordem d'ElRey; e pois assi he, que fará dos outros que tem comsigo? peço-vos que cada hum de vós cuide o que deveis fazer, porque eu não quero tomar sobre mim a morte alhea, nem sou tão barbaro que queira morrer como amouco, como estes Gentios fazem, pois somos aqui vindos por serviço d'ElRey Nosso Senhor, por cujo respeito havemos de cortar pola cavalleria, e não pola vida, porque segundo entendo, ElRey não quer nossa morte, senão nossa prizão, para algum interesse seu, que lhe importa mais que morrermos todos.* Praticado este negocio entre todos, assentáram em se entregar, jurando o Guazil em sua lei que os levaria vivos a ElRey; e para isso veio a huma janella do patio, onde o jurou no seu Moçafo.

Per

Per esta maneira Martim Affonso, e seus companheiros, que seriam poucos mais de trinta, se puzeram nas mãos do Guazil, os quaes logo foram mettidos em huma casa com as mãos atadas, e esbulhados de quanto traziam pelos ministros de sua prizão [a], da qual escapáram Francisco Pacheco, e João Jusarte Tição, porque o Pacheco não foi ao banquete, por ficar na pousada de todos por guarda della; e o Jusarte por ser grande monteiro, naquelle mesmo tempo era ido a monte. Os quaes sabendo o caso, e prizão de seus companheiros, se acolhêram aos navios, e se puzeram em salvo; o que não puderam fazer outros Portuguezes, e os escravos Christãos dos que foram prezos. ElRey foi logo avisado per cartas do Guazil da prizão dos Portuguezes, e ao mesmo tempo o foi Nuno Fernandes Freire per hum Gentio seu amigo per nome Darindá, que o conhecia já do tempo que estivera em Chatigam, o que Nuno Fernandes logo communicou com Duarte de Azevedo; e consultando todos, se os quizessem prender, o que fariam, como sabiam o que Martim Affonso passára antes de ser prezo, assentáram de se não

 dei-

[a] *Esta prizão de Martim Affonso escreve d'outra maneira* Francisco de Andrade *nos capitulos* 80. *e* 81. *da* 2. *Parte.*

deixarem prender; mas depois que estando elles juntos na pousada, se víram de subito accommettidos de quinhentos homens espingardeiros, lhes pareceo que sería soberba, e temeridade querer-se defender, e serem homicidas de si mesmos, disseram que se entregariam, pois ElRey o mandava, polo que não foram tão enxovalhados dos ministros como Martim Affonso, e seus companheiros.

CAPITULO V.

Como Martim Affonso de Mello, e seus companheiros foram levados a ElRey á Cidade de Gouro: e do que passou Antonio da Silva indo resgatar a Martim Affonso.

TAnto que Martim Affonso foi prezo com os seus companheiros, foram mettidos em huma casa escura, sem serem curados de suas feridas; e quando veio a noite, vieram muitos ministros de sua prizão, e apartando huns dos outros, os principaes delles puzeram em andores, e os leváram todos acompanhados de gente de guerra, e caminháram com elles toda a noite; e quando veio ao outro dia, acháram-se em huma povoação chamada Mavá, que sería seis leguas donde partíram. Este lugar era por-

porto de mar; e porque o Guazil ſe temeo que embarcando logo alli em Chatigam podiam aquelles prezos ſer tomados pelos Portuguezes, que eſtavam nos navios, os mandou de noite áquelle lugar, onde eſtavam certos navios de remo ao uſo da terra, nos quaes mettidos, com as mãos atadas aos peſcoços, os leváram á Cidade de Gouro.

A gente dos navios como ſoube que Martim Affonſo era levado prezo, e outros com elle, e que no banquete foram mortos outros, ſahiram-ſe do porto de Chatigam, temendo-ſe de outro tal perigo; e como foi tempo, foram-ſe caminho da India dar novas a Nuno da Cunha daquelle deſaſtre, de que elle foi mui anojado, por ſe lhe abrir de novo aquella guerra de Bengala em tempo, que tinha na India muitas couſas a que cuidar; e dizia, que a prizão de Martim Affonſo fora em penitencia do que elle lhe diſſera, e eſcrevêra a ElRey de Portugal em abonação de ſua ida áquellas partes, e dos bens que ſe podiam conſeguir em fazer fortaleza em Chatigam; e ſegundo os trabalhos que elle paſſou, bem purgou eſta informação, de que Nuno da Cunha ſe queixava, porque elle, e ſeus companheiros não foram tratados como homens racionaes, mas como beſtas feras. A prizão em que os mettêram eſcura, nos pa-

ços d'ElRey, defronte de outra, em que eſtava Duarte de Azevedo com os mais da embaixada, era huma ſemelhança do inferno, ſem ter algum modo de refrigerio mais que a conſolação que recebiam dos amigos que diſſemos em ſuas neceſſidades.

Nuno da Cunha como a prizão deſtes homens o atormentava, tanto que veio a monção para Bengala, a grande preſſa fez preſtes huma Armada de nove vélas, (como atrás diſſemos [a],) em que iriam até trezentos e cincoenta homens, e por Capitão Antonio da Silva de Menezes. O regimento que lhe deo, foi, que como apportaſſe a Bengala, a primeira couſa que fizeſſe foſſe mandar notificar a ElRey, como elle o mandava para ſaber a cauſa da prizão daquelle Capitão, per quem lhe mandára tratar de paz, e amizade; porque fazendo elle couſa per onde mereceſſe caſtigo, o ſeu delle Nuno da Cunha baſtava para o ElRey não mandar prender quando lhe notificára ſua culpa, por ElRey não violar o direito das gentes, que he não prender, nem matar Embaixador, ainda que ſeja de inimigos, quanto mais ſendo ſeu, que repreſentava a ElRey de Portugal ſeu Senhor, com quem elle Rey tinha paz, e commercio. Mas quando elle Antonio da Silva viſ-

ſe

a No capitulo 23. do livro 4.

ſe que ElRey não reſpondia com paz, nem lhe entregava a Martim Affonſo, e aos outros cativos, então lhe fizeſſe guerra a fogo, e a ſangue. E porque todos eſtes Principes Orientaes tem grande vaidade nos preſentes que lhe levam com as embaixadas, e he meio mui coſtumado para bem negociar com elles, ordenou Nuno da Cunha, que com Antonio da Silva foſſe Jorge Alcoforado com hum preſente para ElRey, em modo de meſſageiro, para mais levemente poder ir á Cidade de Gouro, onde ElRey eſtava; e acertou que eſtando Antonio da Silva para partir de Goa, veio hi ter huma náo de Ormuz, e nella hum criado de Coge Sabadim, que de Chatigam fora lá vender ſua fazenda, e lhe levava outra por retorno. E porque Coge Sabadim fora a principal cauſa de Nuno da Cunha mandar Martim Affonſo a Bengala, lançou mão Nuno da Cunha de ſua fazenda, e deſte ſeu criado, e entregou tudo a Antonio da Silva em modo de repreſalia, com tal ordem, que não havendo per meio de Coge Sabadim o que pedia, retiveſſe ſua fazenda, e criado, e não mandaſſe Jorge Alcoforado a ElRey.

Antonio da Silva partido de Cochij, como ſoube que em Coulam eſtava huma náo de Mouro á carga de pimenta, paſ-

ſando per alli, a tomou; e chegando a Chatigam, ordenou logo como per cartas Martim Affonſo de Mello ſoubeſſe de ſua vinda; e a elle, e aos outros cativos pareceo bem que devia logo de mandar Jorge Alcoforado com o preſente a ElRey, parecendo-lhe que com ſua ida acabaria a ſoltura de todos; mas ElRey eſtava tão duro por os máos intentos que tinha, que não reſpondeo ao propoſito da liberdade, ſómente que ſe tornaſſe a Antonio da Silva, dando-lhe huma carta para Nuno da Cunha em reſpoſta da que lhe levou, em que lhe mandava pedir certos pedreiros, armeiros, e ourivezes, quaſi em modo do reſgate dos cativos. Antonio da Silva, porque tinha aſſentado com Jorge Alcoforado, que dentro de hum mez ſe tornaſſe, porque paſſado elle, como deſeſperado do pouco que acabára com ElRey, havia de fazer guerra aos lugares do Reino da fralda do mar, vendo o tempo ſer paſſado, e mais alguns dias que lhe deo de falhas, parecendo-lhe ſer prezo como os outros, queimou grande parte da Cidade de Chatigam, por ſer de cannas; e pela meſma maneira fez entrada em tres, ou quatro lugares, fazendo quanto damno podia, em que cativou, e matou muita gente da terra; mas eſſe damno pagáram Marcos Barboſa, Gonçalo

Fer-

Fernandes, e Manoel Lobo de Sequeira, que morrêram, e outros, que foram feridos na peleja que teve. Chegada esta nova á Cidade de Gouro, mandou ElRey apôs Jorge Alcoforado, que havia tres dias que era partido; mas quiz Deos que escapou, apressando-se o mais que pode, por no caminho saber o que Antonio da Silva fazia, que o veio tomar estando já de verga d'alto para a India. ElRey com a indignação do que Antonio da Silva fizera, mandou ameaçar a Martim Affonso, e os outros prezos, e tirar-lhes ametade do comer, e apartallos de dous em dous; e se deixou de lhes fazer mais mal, foi por lhe parecer que Nuno da Cunha por sua carta lhe havia de mandar os Officiaes que pedia.

CAPITULO VI.

Como Xerchan Capitão d'ElRey dos Mogoles se foi de seu serviço para ElRey de Bengala, o qual o fez seu Capitão mór, e depois se levantou contra elle, e se tornou ao mesmo Rey dos Mogoles.

EStando Martim Affonso de Mello, e seus companheiros na dura prizão que dissemos, como Deos Nosso Senhor acode com suas misericordias nos tempos desesperados de remedios humanos, em hum momen-

mento mudou as cousas ao revés do estado em que estavam; porque a ElRey Mamud poz em tanta necessidade, que não sómente cessou do furor que tinha contra Martim Affonso, e seus companheiros, mas com mimos, e favores os começou a contentar, e animar; e para que se veja melhor quão pouca segurança os tyrannos tem no tempo do maior seu repouso, (se elles nesta vida o podem ter,) traremos algum tanto de longe a causa per que veio áquelle estado, que he hum dos maiores exemplos de nossos dias.

No tempo que Babor Patxiah Rey dos Mogoles conquistou o Reino de Delij, hum dos Capitães, que naquella conquista o serviram, foi Xerchan, (como atrás dissemos [a],) por os quaes serviços Babor lhe deo a Cidade de Chinao, e outras terras que comesse; e com a mesma reputação em que Babor o tinha, ficou per sua morte em serviço de Omaum Patxiah seu filho. Acabada a guerra do Delij, em que elle fora Capitão destes dous Reys, como os Principes acabado de não haverem tanto mester os homens os desestimam, e esquecem, e se não dam por tão obrigados por os serviços passados, como por os que esperam de futuro, e ou porque ElRey o mandou, ou porque o consentio, aconteceo hum dia, que

a *No capitulo 3. do livro 6.*

que querendo Xerchan entrar onde eſtava ElRey, como cada dia fazia, não ſómente lhe defendeo a porta o Official della, mas ainda dos Capitães, que preſentes eſtavam, recebeo máo tratamento. Do qual caſo fazendo elle queixume a ElRey, foi a ſua reſpoſta tal, que delle ſe houve por mais injuriado que dos outros; polo que entendeo que lhe tinha avorrecimento, que já havia dias ſentia nelle. Tinha Xerchan hum irmão ſeu por nome Hedelechan, homem esforçado, e de muitos merecimentos, com que communicou ſua affronta; e vendo ambos que com as guerras do Delij acabadas ElRey os eſtimava em pouco, e que os ſeus Capitães Mogoles os deſejavam deſtruir por ſerem naturaes da terra, ordenadas ſuas couſas ſecretamente, ſe foram para ElRey de Bengala. Xerchan ficou com elle em Gouro, e Hedelechan com cento e oitenta de cavallo, que tinha ſeus, foi tomar huma Cidade de Gentios chamada Rotaz per hum ardil, havendo muitos dias que ElRey de Bengala a pretendia haver, o qual mandou logo muita gente á preſſa, com que ficou Senhor da Cidade. Com eſta boa entrada ficáram eſtes dous irmãos mettidos no ſerviço d'ElRey, e acreditados, dos quaes Hedelechan ficou naquellas partes de Rotaz, e a Xerchan mandou ElRey que foſ-

ſe

ſe por Capitão de certa gente debaixo da Capitanía de Mocadam Olam, (que quer dizer Capitão do Mundo,) o qual ElRey trazia na parte do Reino dos Patanes vizinhos aos Mogoles do Reino de Delij, com grande poder de gente, por ſer ſeu cunhado, caſado com huma ſua irmã.

Correndo o tempo, veio eſte Mocadam Olam a morrer andando no campo com ſeu exercito, em cujo lugar a gente de guerra levantou por Capitão mór a Xerchan, por o grande credito que já naquelle tempo tinha por os honrados feitos d'armas que naquella guerra lhe víram fazer, no qual cargo ElRey de Bengala o confirmou. Xerchan como vio morto a Mocadam, e que elle ficava com a potencia daquelle grande exercito, per hum tempo diſſimulou o que trazia guardado em ſeu peito, que era vingar a morte do Rey menino, e dos grandes que Mamud matou. E aſſi depois de ter havido algumas victorias dos Mogoles, que deſciam do Delij ao longo do rio Ganges a roubar, com as quaes ganhou grande credito entre os Bengalas, e muito mais por ſua liberdade para todos, parte neceſſaria para ganhar as vontades da gente, começou a tomar a voz contra o tyranno Mamud, chamando-ſe vingador do ſangue do menino Rey innocente.

Não

Não paſſáram muitos dias, que eſcandalizado Omaum Patxiah de Xerchan, por o damno que fizera a ſeus Capitães, veio ſobre elle, e o desbaratou; mas Xerchan não ficou tão quebrado, que Omaum ſe não contentaſſe do concerto de paz que Xerchan lhe commetteo, dizendo, que elle faria guerra áquelle tyranno tão juſta como elle ſabia, pois matára ſeu Rey, e aos principaes homens do Reino, mas que elle o ſerviria como Capitão que já fora ſeu tão leal como elle ſabia; e que não queria mais delle que dar-lhe alguma parte do que ganhaſſe para ſe manter; e para ſegurança de tudo, lhe daria em arrefens ſeu filho maior Gilalchan, que o andaſſe ſervindo com alguma gente de cavallo. Eſte concerto acceitou Omaum, vendo que á cuſta de Xerchan, ſem pôr cabedal de ſua caſa, podia acquirir em Bengala alguma couſa, havendo tambem reſpeito que Xerchan ſervíra a ſeu pai, e a elle lealmente, e que tivera juſta cauſa de ſe ir delle, e de ſeu ſerviço; e que a guerra que fizera aos ſeus Mogoles fora como Capitão d'ElRey de Bengala, e debaixo de ſua bandeira, como ſoldado que hia ganhar vida, e não como inimigo em modo de ſe vingar delle; e tambem naquelle tempo tinha Omaum ſeu intento nas couſas de Cambaya, de que atrás eſcrevemos,

e por

e por iſſo deixou Xerchan no eſtado em que eſtava, que depois o poz a elle, no que adiante diremos. Neſta guerra de Cambaya, ſeu filho Gilalchan, que andava com Omaum em arrefens, ſe lançou com Soltam Badur, o qual ſabendo cujo filho era, e o modo como andava, o mandou a ſeu pai mui honradamente, do qual beneficio não reſultou pouco proveito ao Reino de Cambaya, como adiante ſe dirá.

Como Xerchan teve ſeu filho em ſeu poder, ficou com mais animo, e menos receio de Omaum para fazer guerra a Bengala, ſem ter com elle conta, para o que teve duas cauſas principaes; a primeira andar Omaum algum tanto quebrado daquella grande potencia de gente, com que entrou em Cambaya, porque lá perdeo muita, e alguns grandes Capitães, que naquelles deſpojos ſe fizeram ricos, foram comer com repouſo ſuas prezas, por andarem mui deſcontentes delle; porque vendo-ſe com tantas victorias, e tão poderoſo, concebeo tanta opinião de ſi, que não lhe falecia mais que mandar-ſe adorar, o que lhe cauſava o Anfiam que tomava, (que he o Opio,) com que os Indios ſe embebedam mais, do que faz o vinho por forte que ſeja [a], perque

[a] *Ao Anfiam chamam os Arabes Ofiom, e Afiom, pouco corrupto de Opio, nome que os Gregos lhe deram. Faz-*

que Xerchan o veio a ter em menos. A outra causa de se elle não temer de Omaum, era, que Rumechan, que deixando o serviço d'ElRey de Cambaya se veio para elle, houve por galardão de seus serviços a morte, acabando de lhe fazer hum mui grande serviço, e foi este.

Tomada per Omaum a Cidade de Laor, ficava-lhe o castello situado sobre huma pena viva, pelo pé da qual corria o rio a que os da terra chamam Ravé; e havendo dous mezes que se defendia, vendo Rumechan a ElRey agastado, e enfadado de esperar alli tanto tempo, disse-lhe que não levasse má vida, que se fosse, e o deixasse a elle com aquelle cargo, que elle lhe daria o castello, ou a vida. Partido ElRey dalli para huma Cidade perto, deixou dous irmãos seus quasi com todo o exercito, e mandou-lhe que deixassem usar a Rumechan de

se o Anfiam da goma, ou lagrima de dormideiras, as quaes crescem tanto em Cambaya, que ha casca de dormideira capaz de huma canada d'agua. Ha muitas differenças de Anfiam: o do Cairo, a que chamam Meceri, he o mais estimado, e de mór preço, vai tambem á India de Adem, e de outros lugares vizinhos do Mar roxo, e se faz nos Reinos de Cambaya, Mandou, e Chitor. He tanta a frialdade do Anfiam, que usando delle inconsideradamente, mata; e os que de ordinario o comem, se o não continuam, correm perigo de morte: adormece aos que o tomam, com que não sentem seus trabalhos, nem cuidam delles, e embebeda. Garcia d'Orta *no livro dos simples, e drogas da India, no Colloquio 41.*

de ſeu ardil, com que eſperava tomar aquelle caſtello, o que aſſi ſe fez per eſte artificio. Foi-ſe Rumechan pelo rio acima obra de tres leguas, e lá ordenou hum caſtello de madeira ſobre barcos, tão alto que pudeſſe igualar com o outro da Cidade ſituado ſobre a pedra; e como eſte rio Ravé he grande, e cabedal, por ſer o ſegundo braço de que ſe faz o Indo, trouxe por elle Rumechan eſta poderoſa máquina, com a qual tomou de noite o caſtello, elle ſó com os ſeus Turcos, de que era Capitão, ſem neſta entrada elle conſentir Mogoles. Os irmãos d'ElRey quizeram logo entrar dentro, mas elle o não conſentio, dizendo, que elle promettêra a ElRey de lhe fazer entrega delle, ou de ſua cabeça, por tanto a elle o havia de entregar. ElRey ſabendo a nova da tomada do caſtello, e o propoſito de Rumechan, o veio receber delle; e por ſentir nas palavras com que Rumechan lho entregou, que eſperava que elle lhe déſſe aquella peça, pois a ganhára per aquelle modo, por o não deſcontentar deo a Cidade a ſeu irmão Camiran Mirzá, dizendo que lha tinha promettida. Todavia Rumechan ſoltou algumas palavras em abonação de ſeu ſaber, e esforço, e quão mal o faziam com elle; e que per menos ſerviços tinha ElRey dado a Capitães Mogoles maiores

res coufas, não chegando á peffoa delle Rumechan com muita parte. Eftas palavras com outras defta qualidade não fatisfizeram a alguns Capitães que as ouvíram, e as aggraváram muito a Omaum Patxiah, chamando a Rumechan alevantadiço, e que não feria muito commetter alguma traição, porque entre palavras de fua abonação, e de feus Turcos differa: *Ah quem me dera dez mil Turcos comigo para fer Senhor do Mundo*! desfazendo em as outras nações, donde fe feguio que antes de muito tempo Omaum fecretamente lhe mandou dar peçonha, e affi acabou Rumechan.

CAPITULO VII.

Da guerra que Xerchan fez a ElRey de Bengala, em que os Portuguezes intervieram: e do concerto com que defiftio della.

TOrnando a Martim Affonfo de Mello, e a feus companheiros, que eftavam prezos com tanta afpereza, veio Xerchan apertar tanto a ElRey Mamud de Bengala, que delle eftava bem defcuidado, que o temor que tinha defta guerra lhe fez mudar o odio que tinha a Martim Affonfo, e aos Portuguezes em amizade, pola opinião de elles com confelho, e obra o pode-

derem ajudar; e ainda por mais de pressa terem termos os seus trabalhos, acertou de chegar ao porto de Satigam (que he o outro porto do braço occidental do Ganges,) Diogo Rebello Capitão da pescaria do aljofar, que he no Cabo de Comorij, onde chamam Callecaré. A este Capitão mandou Nuno da Cunha encommendar que fosse ver se per algum modo podia per aquella parte tirar a Martim Affonso, e aos outros cativos. O qual quando foi visto no porto com duas fustas, e huma atalaia que levava, causou tanto temor ao Capitão daquelle lugar, que logo mandou recado a ElRey, dizendo, que temia que por causa dos cativos Portuguezes, que não soltava, fizesse aquelle Capitão outro tal damno na terra, como o anno passado fizera o outro Capitão Portuguez nas partes de Chatigam. Diogo Rebello por sentir este temor, e querer levar aquelle negocio per outro modo, disse-lhe, que queria mandar hum messageiro a ElRey, e hum presente, que convinha elle dar ordem a isso; o que logo fez. O presente mandou Diogo Rebello per Diogo de Spindola seu sobrinho, e com elle Duarte Dias, os quaes chegáram á Cidade de Gouro a tempo que estava ElRey tão apertado de seu inimigo Xerchan, que não tinha outro descanço senão mandar tra-

zer

zer ante ſi a Martim Affonſo, (porém prezo; e com grande guarda, temendo que lhe fugiſſe para Xerchan,) e com elle praticava nas couſas daquella guerra; e como queria mandar hum Embaixador ao Governador da India, que lhe mandaſſe alguns Officiaes, que havia miſter; mas eſta ſimulação de Officiaes era liança de amizade que elle pretendia, com pedir ajuda de Capitães contra ſeu inimigo, por elle ter entendido que Soltam Badur Rey de Cambaya por fim de ſeus trabalhos, no Governador achára amparo de vida, e por ſe metter em ſuas mãos o livrára de ſeu inimigo Omaum Patxiah.

Finalmente chegado Diogo de Spindola á Corte, ElRey o recebeo mui bem, e mandou a grande preſſa ao Capitão de Chatigam em reſpoſta da carta que lhe eſcreveo ſobre a vinda de Diogo Rebello, que lhe fizeſſe muito gazalhado, e lhe diſſeſſe que logo deſpachava o meſſageiro que lhe mandára; e aſſi o fez, deſpachando mui bem a Diogo de Spindola. Com elle mandou ſeu Embaixador com requerimento a Nuno da Cunha de amizade, e paz [a]; e em ſinal

[a] *Eſte Embaixador chegou á India antes que Nuno da Cunha foſſe a ultima vez a Dio, donde tornando a Goa, eſpedio logo Vaſco Pires de Sampayo com huma Armada de nove vélas, para ir a ſoccorrer ElRey de Bengala, como per ſeu Embaixador lhe mandára pedir. Os Capitães*

della dava eſperança de dar em Chatigam lugar para fazer huma caſa forte, quaſi ao modo d'ElRey de Cambaya quando deo Dio; porque como Martim Affonſo não hia a outro fim ſenão de tentar ſe ElRey de Bengala daria licença para ſe fazer a fortaleza, e para ver o ſitio em que ſe faria; como vio a ElRey na neceſſidade, e temor em que eſtava, e quantas vezes o mandava chamar, foi-lhe dando a entender quão ſeguro teria ſeu Eſtado, ſe obrigaſſe a Nuno da Cunha a fazer alli huma caſa forte, por os muitos inſultos, e incendios que os Portuguezes padeciam quando a Bengala vinham a ſeus commercios; e que tendo alli eſte recolhimento ſeguro, ſempre teria até quinhentos Portuguezes preſtes para qualquer neceſſidade ſua, além de por elles obrigar a Nuno da Cunha a lhe mandar toda ajuda; e que do que o Governador fazia por elle, e por os Portuguezes, ſe veria o que faria quando eſtiveſſe obrigado por tanta gente, tudo em proveito delle Rey de Bengala, por razão dos rendimentos que havia de ter dez vezes dobrados na entrada, e ſahida das mercadorias, porque com

deſtes navios eram Antonio de Mello, Franciſco de Barros de Paiva, Manoel Maſcarenhas, Chriſtovão d'Oria, Diogo Rebello, e outros. Vaſco Pires partio de Cochij em Maio, levando comſigo o Embaixador. Fernão Lopes de Caſtanheda *no cap.* 187. *do liv.* 8.

com temor dos roubos, que alli aconteciam muitas vezes, os mais dos Portuguezes não ousavam confiar suas fazendas da guarda de huma casa edificada de cannas. Finalmente com estas, e outras razões enfiadas a este proposito da fortaleza, assi tinha Martim Affonso movido a ElRey naquelles seus temores, que não sómente despachou mui bem a Diogo de Spindola, e com elle seu Embaixador, mas ainda mandou a Nuno da Cunha vinte e dous dos cativos, como penhor de sua amizade, desculpando-se de não mandar Martim Affonso; e os outros, que ficavam por razão de folgar muito de os ter junto comsigo; e ainda por mais adoçar a vontade de Nuno da Cunha para o que lhe mandava requerer, fez que Martim Affonso lhe escrevesse huma carta em favor de seus requerimentos.

Neste tempo fazia ElRey tanta conta de Martim Affonso, que querendo seu inimigo Xerchan entrar per hum certo passo da fortaleza de Gorij, que dissemos estar na quebrada, perque o rio Ganges sahe para as terras de Bengala, per seu conselho mandou lá doze Portuguezes, quaes elle nomeou, para darem ordem aos Bengalas, como defendessem o passo, os quaes hiam em duas fustas, de que foram Capitães João de Villalobos, e João Correa; e já confiava

tanto nelle, e em ſeu conſelho, que o trazia ſolto; mas o temor o fazia per outra parte deſconfiado de o perder, e aſſi per olho o trazia prezo, poſto que mimoſo de veſtidos, e dinheiro quanto elle, e os companheiros haviam miſter.

Xerchan por lhe ſer impedido o paſſo pelo esforço, e induſtria dos noſſos per onde determinava de tomar a Cidade de Ferranduz, que eſtá vinte leguas da Cidade de Gouro, onde ElRey eſtava, foi buſcar outra quebrada da ſerra, pela qual veio á Cidade de Gouro, e affirma-ſe que trazia quarenta mil de cavallo, e mil e quinhentos elefantes de peleja, e duzentos mil homens de pé, e pelo rio abaixo trezentas almadias, cada huma com dous remeiros, e tres frécheiros. Tanto que Xerchan paſſou a ſerra per outro porto, e não per onde os noſſos eſtavam, o Capitão Bengala, que com elles eſtava na Cidade de Ferranduz, deſamparou aquelle lugar, com que o Capitão de Xerchan, que alli eſtava com aquellas almadias, ſe veio pelo rio abaixo ter á Cidade de Gouro, entre a qual, e o exercito de Xerchan, ſe mettia o Ganges, no qual tinha ElRey oitocentos paráos para lhe defender a paſſagem. Neſta defensão oito Portuguezes em hum paráo, de que era Capitão Duarte de Brito, fizeram maravi-

lhas,

lhas, principalmente por tomarem hum elefante, que vinha pela agua abaixo, que ElRey muito desejava, e mandou que lho tomassem per modo de victoria, estando elle vendo a peleja de lugar bem alto, que cahia sobre o rio. Este elefante custou a vida de João de Villalobos, de Affonso Vaz, e de Manoel Vaz, que eram dos oito do paráo. Mas todavia Xerchan assi apertou a Cidade, que veio ElRey assentar pazes com elle com tenção, que da India esperava que o seu Embaixador lhe trouxesse gente para se defender deste inimigo, que o apertava. O concerto das pazes foi, que Xerchan do arraial donde estava havia de fazer huma adoração, ou humilhação a ElRey de Bengala, a que elles chamam Sumbaia, e se fosse logo; e que ElRey de Bengala para pagar aquella gente que alli trazia, lhe déste huma somma de dinheiro; mas no conselho de ElRey dar este dinheiro, não foi Martim Affonso, antes o contrariou, dizendo, que com elle lhe faria depois a guerra. Porém como Mamud se levantára com o Reino, e não era Rey legitimo, senão tyranno, não sómente se temia dos inimigos, mas dos seus vassallos, e domesticos, e andava tão assombrado, que além daquella somma d'ouro que dera em público, deo secretamente outra tanta por se aquietar.

C A-

CAPITULO VIII.

Como ElRey de Bengala deo liberdade a Martim Affonſo de Mello, e licença que ſe foſſe para a India: e como Xerchan veio contra ElRey, e lhe tomou a Cidade de Gouro, e ElRey ſe foi a Omaum Patxiah; e do que lhe ſuccedeo.

ELRey Mamud de Bengala como ſe vio deſaſſombrado de Xerchan, e começou a ter eſperança que Nuno da Cunha o ajudaria por a embaixada que lhe mandou, deo licença a Martim Affonſo, e aos ſeus companheiros que ſe foſſem para a India, e que ſómente ficaſſem em modo de arrefens Affonſo de Brito [a], Antonio [illegible] Paes,

[a] *Eſte Affonſo Vaz de Brito deſpachou de Cochij Martim Affonſo de Souſa, per ordem do Governador Nuno da Cunha, em huma fuſta para Bengala, a reſgatar Martim Affonſo de Mello Juſarte. Chegou Affonſo Vaz a Chatigam, e dalli foi ao Gouro, onde deo a ElRey huma carta de Martim Affonſo de Souſa, em que lhe dava razão dos ſucceſſos paſſados de Cambaya, que eſtorváram ao Governador mandar-lhe aquelle anno o ſoccorro de gente, que per ſeu Embaixador lhe mandára pedir, a qual lhe enviaria o anno ſeguinte; e pedia-lhe Martim Affonſo de Souſa que déſſe liberdade a Martim Affonſo de Mello. Por eſta carta, e promeſſa deo ElRey licença a Martim Affonſo de Mello, e a ſeus companheiros para que ſe foſſem para a India, os quaes ſe embarcáram na fuſta de Affonſo Vaz de Brito, e chegáram a ſalvamento a Goa.* Fernão Lopes de Caſtanheda *nos capitulos* 173. *e* 180. *do livro* 8.

Paes, Nuno Fernandes Freire, e João Adam; e fez Deos mercê a Martim Affonſo em ſer logo partido, porque nas coſtas delle veio recado a ElRey para o entreter, por ter novas que Xerchan vinha outra vez mais poderoſo ſobre a Cidade de Gouro; e ſua vinda era por ſer paſſado hum anno depois que recebeo aquella grande quantia de dinheiro, pedindo-lhe que lhe déſſe outro tanto por ſer paſſado o tempo, dizendo que era tributo annual; e porque ElRey o negava, elle veio, e cercou a Cidade, e a ferro, e a fogo a tomou, não perdoando a couſa viva, até chegar ás caſas d'ElRey [a], das quaes lhe a ElRey conveio ſahir,

a No tempo que Xerchan tomou a Cidade de Gouro, chegou a Chatigam Vaſco Pires de Sampaio com huma Armada, que o Governador mandava em ſoccorro d'ElRey de Bengala. Achou aquella Cidade mui alvorotada com as guerras, e diſcordia que então havia entre Codavaſcam, e Amarzacam, pretendendo cada hum ſer Senhor da Cidade. Della ſe pudéra facilmente apoderar neſta occaſião Vaſco Pires, como lhe aconſelhava Nuno Fernandes Freire, e offereciam alguns Bengalas, mas elle attendeo a fazer muita fazenda em Chatigam, onde invernou, e dalli foi a Pegú, e nelle faleceo.

Em quanto eſteve em Chatigam, aportou em hum rio quatro leguas daquella Cidade huma galeota com ſeſſenta Turcos, que ſe derrotáram da Armada de Soleimão Baxia; o que ſabendo Vaſco Pires, mandou Franciſco de Barros na ſua fuſta, e alguns calaluzes com gente, que foſſe tomar a galeota dos Turcos; mas elles ſe defendêram de maneira, que voltáram os Portuguezes eſcalavrados; e poſto que Vaſco Pires pudera tomar ſatisfação deſta af-

hir, e pelejar com a mais eſcolhida gente que tinha comſigo, até receber tres, ou quatro feridas, com que ſe ſalvou trabalhoſamente, ao qual ſeguíram alguns ſeus familiares, e com elles paſſado o Ganges foi em buſca d'ElRey dos Mogoles Omaum Patxiah, a lhe pedir o vieſſe reſtituir em ſeu Reino, a quem já quando paſſou a primeira affronta com Xerchan, tinha mandado ſeus Embaixadores com grandes preſentes, e promeſſas do que lhe daria, vindo-o a ſoccorrer. Omaum movido de cubiça das promeſſas, ſabendo ſer eſte o mais rico Rey daquelle Oriente, mandou logo hum ſeu Capitão diante, que veio encontrar a ElRey ſete, ou oito jornadas de Gouro, indo ainda com as feridas abertas da batalha, de que morreo depois que ſe vio com eſte Capitão Mogol. O Capitão por honra de ſeu Rey o mandou embalſamar, e poſto em andas com toda a pompa, e ceremonia que elle pode fazer, o levou caminho de Gouro, dizendo, que hia entregar aquella Cidade ao corpo de ſeu Rey, onde com toda a ſolemnidade o havia de ſepultar.

No

fronta, o não quiz fazer; porém Chriſtovão de Oria vingou a Franciſco de Barros, tomando aos Turcos a galeota com toda a artilheria, e riqueza, que nella tinham, que era muita. Fernão Lopes de Caſtanheda *no cap.* 201. *do liv.* 8.

No tempo que eſtas couſas paſſavam, Xerchan aproveitando-ſe de ſua victoria, esbulhou o mais precioſo do theſouro, que o Rey morto tinha nos ſeus paços. A ſomma de pedraria, perolas, aljofar, ouro, e prata, foi couſa tão grande, que ſe não pode ſaber. Os Portuguezes que ſe acháram naquelle tempo no meſmo esbulho, não ſouberam dar diſſo mais razão, que per eſpaço de dezeſete dias andarem trezentos calaluzes, que são navios de remo grandes, carregados daquelles theſouros, aos paſſar da banda dalém do Ganges, e que foi o maior theſouro que ſe ſabia naquellas partes de Oriente; e era fama que paſſava aquella preza de ſeſſenta milhões d'ouro. No fim deſte recolhimento de Xerchan com eſte deſpojo, chegou Omaum Patxiah, por lhe ir nova da morte d'ElRey Mamud, ao qual Xerchan mandou offerecer hum conto d'ouro, e que não entraſſe na Cidade, por o povo della não receber algum damno da ſua gente d'armas; e vendo que ſe não contentava Omaum com eſta promeſſa, como hum eſtava de huma parte, e o outro da outra do rio Ganges, e Xerchan ſe podia ir com a preza em ſalvo, ſe foi com ella. Omaum porque o não podia ſeguir como deſejava, quiz primeiro fazer as honras ao Rey morto; e como ſeu herdeiro

to-

tomou posse da Cidade, e assi dos mercadores, como de alguma gente nobre della houve huma boa somma de dinheiro para o pagamento da gente que trazia. Tomada posse da Cidade, deixou por Rey della a Mir Mahamed Zaman seu cunhado, com quem já estava reconciliado; e assentadas todas as cousas, e ordenada gente para sua defensão, tornou-se para seu Reino de Delij. Mas Mir Mahamed Zaman não durou muito no Senhorio da Cidade, porque Xerchan como poz o dinheiro, e riquezas que della tirou em as serranias da Cidade de Rotaz, onde tinha suas mulheres, e filhos, per armas o lançou de Gouro.

CAPITULO IX.

Como se ajuntáram Xerchan, e Omaum Patxiah Rey dos Mogoles na Cidade de Canose junto do rio Ganges, e foi desbaratado Omaum.

OMaum Patxiah não podendo soffrer os mimos que a fortuna lhe fazia com tantas victorias, determinou de perseguir a Xerchan, e tentar sua fortuna contra elle; polo que buscando-o Omaum, se encontráram junto do rio Ganges antes que com elle se incorpore o rio Jamoná no lugar onde da parte do Ponente do rio está huma

Ci-

Cidade, que ſe chama Canoſe, das principaes do Reino de Delij. Xerchan eſtava além do rio na Comarca a que os naturaes chamam Purbá ; e ſabendo que Omaum o hia buſcar, chegou-ſe junto do rio Ganges, hum pouco per elle acima, apartado da Cidade de Canoſe, o qual lugar elle eſcolheo para ſe melhor defender, porque de huma parte lhe ficava o rio, e da outra o ſitio da terra, que elle por mais defenſavel eſcolheo. Omaum como ſoube que Xerchan ſe fazia alli forte, ſubio-ſe acima, e poz ſeu arraial defronte do outro de Xerchan, ſem haver mais entre elles que a agua do rio, que tambem lhe ſervia de beber tamanho exercito como trazia, ficando elle da parte de Ponente do rio, e ſeu inimigo da de Levante ; e para paſſar ordenou huma ponte de madeira aſſentada ſobre barcos, e foi tomar ſua eſtancia mui vizinho a Xerchan; e para lhe dar batalha, repartio ſua gente em tres eſquadrões, dous deo a dous ſeus irmãos Hildan Mirzá, e Aſcarij Mirzá, cada hum de trinta mil homens de cavallo, e elle tomou o terceiro que era de quarenta mil, porque ſe affirma que de cavallo eram cem mil, e de pé cento e cincoenta mil, a fóra a gente do ſerviço do arraial, que ſeria de mais de duzentas mil almas. Xerchan per o meſmo modo repartio

qua-

quarenta e cinco mil homens de cavallo, que trazia em tres batalhas, dando a seu filho Gilachan dez mil, e outros dez mil a hum seu Capitão Capado per nome Avaschan, e elle ficou com o resto. Vindo huma manhã Omaum demandar o campo de Xerchan para pelejar, elle não quiz sahir do seu arraial, e deixou-se estar esperando que o commettesse dentro das forças que tinha, polo que Omaum se tornou; e dahi a dous dias o mesmo Xerchan fez outro tanto de ir demandar a Omaum ás portas de seu arraial, a quem tambem Omaum não sahio, até que ao outro dia postos em campo se deram batalha. O Capitão Avaschan a noite que precedeo o dia da batalha se foi pelo rio acima, levando comsigo dous mil de cavallo, que elle escolheo dos dez mil que tinha, deixando com os oito mil hum seu Capitão de confiança, ao qual mandou que rompesse no tempo, em que estava ordenado que a sua gente havia de romper, sem alguem saber que elle era ausente, porque assi convinha para haverem victoria dos inimigos. Chegado este Avaschan a hum lugar perque elle sabia que o rio se vadeava, o passou da outra banda, e veio per elle abaixo, até ser na ponte que Omaum fizera, e trabalhou por vir a tempo que as batalhas já andassem travadas; e pas-

passando por ella deo nas costas dos inimigos, e acertou de ser na gente de Ascarij Mirzá irmão de Omaum. O qual como se não temia daquella parte, recebeo tanto damno naquelle primeiro impeto que deram nelle, que começáram de se pôr em fugida demandando a ponte, a qual acháram quebrada per Avaschan, por este ser o seu ardil; e quando se víram tão apertados dos inimigos, e a ponte quebrada, lançáram-se a nado por salvar as vidas. Xerchan sentindo a victoria, e sendo avisado do que passava, começou de apressar, e appellidar os seus, dizendo: *Ao rio com elles.* E pondo-se as outras batalhas de Omaum tambem em fugida, per o mesmo caminho, foi cousa lastimosa de ver lançar-se tanta gente ao rio, que andava coalhado della, e fazia reprezar a agua; porém não levantava tanto que os ajudasse para ter a sahida chã, porque havia humas ribanceiras, por o rio ir alli fundo, perque os cavallos não podiam sordir, e se afogavam a si, e a seus senhores, que por se salvar os soffreavam mais do necessario. No trabalho desta passagem esteve Omaum quasi afogado, se lhe não valêra hum seu escravo Abexij homem grande de corpo, e forçoso, que por saber bem nadar o salvou, tirando-o fóra do cavallo, de que se não sabia desembaraçar. Finalmen-

mente elle deixou ſeu arraial ſem fazer mais conta que pôr-ſe em ſalvo com vinte e cinco de cavallo, que o ſeguíram, e não parou menos que na Cidade de Laor, onde ſeu irmão Camiran Mirzá o recebeo com mais gazalhado, e amor do que elle teve quando com peçonha o quiz matar, de que ainda Mirzá não eſtava ſem perigo.

E a cauſa deſta peçonha foi, que ſendo eſte Camiran Mirzá filho ſegundo de Babor Patxiah, e irmão deſte Omaum, quando ſeu pai veio áquella conquiſta do Reino de Delij, (como atrás eſcrevemos,) deixou a eſte Camiran por Governador do ſeu Reino de Mogoſtan, o qual partido ſeu pai, lhe fez logo guerra Abiethan Rey de Samarcant, que era ſeu vizinho, vendo que Babor andava occupado na guerra do Delij. Camiran por ſer bom cavalleiro ſe defendeo de maneira, que ſendo Abiethan Emperador de Tartaros Usbeques, e Chacatais, veio a fazer pazes com Camiran, por ſe lhe abrir outra guerra com Xiah Iſmael, pela parte do Reino de Horacan, que confinava com elle. Acabada eſta guerra, Camiran Mirzá ſendo já ſeu pai falecido, e ſabendo ter Omaum ſeu irmão mais velho, e ſucceſſor do Reino, neceſſidade de gente contra Xerchan, o veio ajudar; e como Camiran em todas as victorias que Omaum hou-

houve ſe moſtrou bom cavalleiro, e era liberal, e affabil á gente, que são as partes perque os Principes mais vontades acquirem, todas as couſas que naquella guerra ſuccediam bem, eram attribuidas a elle, e não a Omaum. Polo que Omaum lhe começou a ter inveja, e odio, de que ſe cauſou, que indo Omaum em buſca de Xerchan, que o desbaratou, tendo para ſi que tinha victoria certa por a deſigualdade de ſeu poder ao do outro, por não dizerem que ſeu irmão Camiran fora cauſa de ſua victoria, determinou de o não levar comſigo; e por mais diſſimulação o levou tres, ou quatro jornadas, e alli lhe mandou dar peçonha leve, que lhe impediſſe ir mais adiante. Diſto ſe affrontou muito Mirzá, e entendendo a tenção de ſeu irmão, ſe tornou para a Cidade de Laor, que lhe elle tinha dada, e quando Omaum a elle veio desbaratado, ainda ſe eſtava curando da peçonha que obrava.

Tornando a Xerchan, tanto que ſoube que Omaum ſe puzera em fugida por ſalvar ſua peſſoa, mandou a ſeus Capitães que ninguem o ſeguiſſe, nem aos ſeus, e que os deixaſſem ir em boa hora, pois no arraial deixavam a honra, que eram ſuas mulheres, e a fazenda que tinham, que com iſſo ſe deviam por então de contentar, porque

que o mais era tentar de indignação a fortuna, que tão levemente lhe dera a victoria delles. E como Principe politico, e não como homem barbaro, achando no arraial as mulheres de Omaum, elle as mandou tratar com toda a honestidade, e fez tanta honra á principal dellas, chamada Begiun, como se fora huma Rainha sua Senhora, assi no tratamento de sua pessoa, como em todo o seu serviço. Outro tanto mandou fazer á irmã de Omaum, mulher de Mir Mahamed Zaman seu cunhado, que naquella batalha morreo; e por não trazer no campo estas mulheres nobres, e outras de sua casa, em quanto se andava segurando dos Mogoles, as mandou mui acompanhadas á Cidade de Rotaz, que seu irmão tomára aos Gentios, onde elle tinha sua mulher, por ser cousa mui forte. Passado hum anno, Xerchan mandou estas duas Princezas com algumas suas criadas a Omaum Patxiah, dando-lhes maiores joias, e mais ricas peças do que ellas tinham. Omaum chegando á Cidade de Laor no estado que dissemos, com só vinte e cinco de cavallo, que o seguiam, seu irmão Camiran Mirzá o recebeo, como se delle tivera recebido obras de muito amor, e não o bocado de peçonha que o chegára á morte; e assi o servio, e proveo do necessario tão

per-

perfeitamente como ſe elle eſtivera em ſua caſa com toda ſua proſperidade.

CAPITULO X.

Como Omaum Patxiah foi buſcar ſoccorro de alguns amigos, e vaſſallos ſeus, e lho não deram, e o foi pedir ao Xiah Tamas, que lho deo.

A Gente do arraial de Omaum Patxiah como ſoube que elle era ſalvo, e os inimigos o não ſeguiam, como cada hum pode, huns per huma parte, e outros per outra, ſe vieram ajuntar na Cidade de Laor, onde ſabiam que ſeu Rey eſtava; e os que ſe acháram nella juntos, dizem que eram duzentos mil homens, de que os vinte mil eram de cavallo. Mas não ſe atrevendo Omaum naquelle eſtado, e com aquella gente eſperar alli, antes que Xerchan o vieſſe buſcar, determinou de deixar por então o Reino de Bengala, por não eſtar poderoſo para o conquiſtar, e vencer ſeu inimigo, a quem os Patanes haviam antes de querer obedecer, por ſer ſeu natural, que a elle que era Senhor eſtrangeiro, e aſſi ſe reſolveo de deſcer ao Reino de Cinde, onde eſtavam tres, ou quatro vaſſallos ſeus, e que já foram Capitães de ſeu pai, e ſe intitulavam Reys, e pedir-lhes ajuda para

tomar outra vez o Reino de Cambaya, entrando pelos Resbutos, que ficam entre o Cinde, e o Guzarate. Para esta empreza lhe pareceo boa occasião as divisões, e desasocegos, que entre os grandes do Reino havia pola recente morte de seu Rey Badur; e por a prática que já tivera com Nuno da Cunha parecia-lhe, que dando-lhe os portos de mar que em Cambaya quizesse, (como já lhe offerecêra,) elle o ajudaria, e com esta ajuda dos Portuguezes esperava não sómente ganhar o Reino de Cambaya, e assegurallo, mas tornar-se a restituir, e reformar em tudo, para se vingar de Xerchan, de quem elle sempre fez pouca conta; mas menos a fizeram delle aquelles, em quem elle esperava.

Porque chegando Omaum perto da Cidade de Moltan, situada ao longo do Rio Indo, cujo Senhor fora Capitão de seu pai, sabendo elle que vinha Omaum desbaratado, ao costume do Mundo que favorece aos que estam mui prosperos, e despreza os que vê descuidados, por o não agazalhar em Moltan, lhe mandou per batéis a hum certo passo alguns mantimentos, para com elles escusar a Omaum de o ir buscar á Cidade, temendo que a necessidade o obrigasse a isso. O mesmo desengano achou Omaum em Mirzá Xiah Hocen seu

vas-

vassallo Senhor de Tatá, (Cidade assentada em hum cotovello, onde o rio Indo se parte em dous braços principaes, com que se mette no mar, e distante delle pouco mais de vinte e cinco leguas; e polo sitio mui célebre, por ser huma escala de quanto sóbe, e desce per aquelle famoso rio, ao longo do qual occupa huma legua e meia,) porque caminhando Omaum para esta Cidade, sabendo Mirzá Xiah Hocen de sua vinda, o não quiz ver, e para isso mandou recolher todas as embarcações que andavam no rio, porque não achassem em que o ir buscar á Cidade de Tatá, e nella se fez forte, para que vindo Omaum lhe não pudesse fazer damno. [a] O qual chegando junto desta Cidade com a maior parte de sua gente morta de fome, sede, e trabalho do largo, aspero, e despovoado caminho que ha de Laor a Tatá per distancia de cento e quarenta leguas, vendo a ingratidão daquelles seus Capitães, e vassallos antigos, frustrado das esperanças que o alli trouxeram de melhorar seu estado, determinou de se ir para o seu Reino de Mogos-

[a] *O contrario escreve* Diogo do Couto *no cap. 3. do liv. 10. affirmando que Mirzá Xiah sahio a receber Omaum com muita honra, e o consolou de sua desgraça, offerecendo-lhe seus Estados, e thesouros; e por Omaum querer passar á Persia, lhe deo Mirzá muitos cavallos, joias, e dinheiro para a jornada.*

gostan. E aconselhando-lhe seu irmão Camiran Mirzá que primeiro puzesse cerco áquella Cidade, e destruisse a Hocen, como merecia sua rebelião, Patxiah lhe respondeo: *Parece-vos que ganharei bom nome entre os Principes da terra, que vencido de hum meu Capitão poderoso, venho empregar minhas forças em outro tão fraco como este he? Deixai-o, que já póde ser que assi como eu ora o venho buscar para me ajudar com elle, assi buscará ella ajudas em outrem, que me vingará do que me ora faz.* O que succedeo assi; porque os Portuguezes lhe destruíram aquella Cidade por suas malicias, mandando-os elle buscar para sua ajuda. [a] Resoluto Omaum na jornada de Mogostam, fez volta pelo rio acima para passar á Cidade de Bacar, que atrás dissemos estar no meio do rio Indo, per onde passam as cafilas, que vem da Persia para a Cidade de Candar. Este caminho fez com não menor trabalho, porque da Cidade de Bacar até Candar ha alguns dias de deserto sem agua, onde de sede lhe morreo muita gente.

Chegado Omaum á Cidade de Candar, que era de seu Senhorio, mandou dalli hum Embaixador ao Xiah Tamas Rey da Persia a lhe

[a] *Esta Cidade de Tatá destruio Pero Barreto em tempo que governava a India Francisco Barreto sex. tio.*

a lhe pedir licença para o ir ver, e lhe dar conta de ſeus trabalhos. Ao qual elle reſpondeo, que nenhuma couſa mais deſejava que vello para lhe pagar quanta honra elle tinha dito que lhe havia de fazer quando foſſe ante elle. Eſta reſpoſta foi em modo de remoque, por o que Omaum diſſera delle; porque eſtando hum dia torvado do anfiam, (ao coſtume daquella gente que o tomam para certos fins, e ſe embebedam com elle, ſem ſe diſſo affrontarem, como as gentes ſeptentrionaes fazem quando com o vinho ſe emborracham,) entre muitos deſvarios, e deſconcertos que diſſe, foi contar perante alguns de ſeus Capitães, que elle tinha por nova que tres Principes o queriam ir ver, como ao maior Principe que havia no Mundo. Hum delles dizia que era Abiethan Rey de Comarcant, o outro era o Xiah Tamas Rey da Perſia, o terceiro o Grã Turco; e porque elle deſejava de lhes fazer honra, lhe diſſeſſem como lha faria; e dizendo os Capitães que ninguem podia ter niſſo melhor parecer que elle, que per eſtado, grandeza, e cavalleria era Senhor de toda a honra do Mundo: Omaum enlevado da vã gloria, e torvado do anfiam, diſſe, que quando aquelles Principes vieſſem a elle, havia de aſſentar á ſua mão direita a Abiethan Rey de Comarcant, por

ſer

ser Chacatai, e de sua nação; e a Xiah Tamas Rey da Persia, porque seus pais foram grandes amigos, e era bom cavalleiro, o assentaria á mão esquerda, e que ao Grã Turco por haver alcançado muitas victorias de Christãos, posto que era de baixa origem, o mandaria assentar na entrada da casa, entre si, e seus cavalleiros. Desta prática foi sabedor o Xiah Tamas, e por isso lhe respondeo daquella maneira, o que Omaum não entendeo, porque lhe lembrava pouco do que dizia, e fazia naquella torvação; e com a resposta do Xiah Tamas determinou de se ir ver com elle, e assi despedindo dalli Astarij Mirzá seu irmão, que se fosse para Cabol Cidade principal do Reino de Mogostan, lhe mandou, que em quanto elle fazia aquella viagem, lhe ajuntasse a mais gente que pudesse, para que quando tornasse estivesse prestes para ir com ella a cobrar o que tinha perdido, e com mil de cavallo fez seu caminho para a Persia.

Xiah Tamas como teve nova de sua ida tres jornadas primeiro que chegasse a elle, lhe mandou tres Capitães com grande apparato de todas as cousas para o irem receber, e lhe fizessem o custo do caminho. Chegado Omaum a hum campo, onde o Xiah Tamas tinha assentadas suas tendas ao seu

cof-

coſtume, que ſempre anda no campo, e não reſide em Cidades, dando a entender que andava á caça per alli, o recebeo dentro em ſua tenda com toda a mageſtade, e pompa que pode, porque os Mouros neſtas viſitações, e recebimentos são mui vãos, e moſtram niſſo todo ſeu poder. Omaum Patxiah, que era cortezão, e bom poeta na lingua Perſia, de que ſe prezava, e tinha graça no que dizia nella, quando veio a ſe abraçar com o Xiah Tamas, abaixou-ſe tanto, que quaſi ficou aos ſeus pés, e aludindo o ſeu proprio nome ao do páſſaro das Ilhas de Maluco [a], a que os Perſas chamam Omaum, (o qual os Principes daquellas partes trazem na cabeça por pennacho ao modo das plumas de que cá uſamos,) diſſe em

a Eſtes páſſaros, que alguns chamam páſſaros do Paraiſo, acham-ſe nas Ilhas do Maluco, aonde vem da Ilha Arus. De Maluco os trazem á India já mortos, e eſcalados pela barriga, ſeccos, e ſem pernas, ſómente com cabeça, e coſtas. A ſua penna he de côr amarella, mui gracioſa á viſta; e no cabo, que he comprido, tem huns tres, ou quatro fios mui delgados como nervos, que lhe ſahem das outras pennas; e como ſe lhe não vejam pernas, he opinião (poſto que errada) que as não tem, e que per aquelles fios ſe penduram nos ramos das arvores quando querem repouſar. Eſtes páſſaros por ſer couſa rara, e vir de partes mui remotas, são mui eſtimados dos Principes Orientaes para os trazerem na cabeça por pennacho, guarnecendo-lhe a cabeça, e peſcoço d'ouro, com pedraria; e enchendo os fios, ou nervos de perolas, com que fica huma joia rica, e galante.

em verſo ao ſeu modo: *Omaum, que naſceo para andar na cabeça dos Principes, vêlo aqui eſtá poſto aos teus pés.* O que foi mui celebrado entre os Perſas, por moſtrar neſte dito huma grande ſoberba, e huma grande humildade. O Xiah Tamas depois de lhe fazer grande honra, ſem querer ſaber a cauſa de ſua vinda, deteve-ſe hum pouco em lhe perguntar como vinha de ſua indiſpoſição de tão comprido caminho, e ſe deſpedio delle, dizendo, que ſe hia para ſeu apoſento, pois elle ficava no ſeu, deixando-lhe tendas, camas, e todas as couſas de ſeu ſerviço mui abaſtadamente, e elle foi-ſe á outra tenda, que já para aquelle effeito tinha ordenado. Paſſados dous dias Xiah Tamas o veio viſitar, e ſaber delle o que mandava; e paſſada muita prática entre elles, em que Omaum lhe deo conta de ſeus trabalhos, lhe diſſe que o vinha buſcar para remedio delles, confiado na grande amizade que ſeu pai Soltam Babor tinha com o Xiah Iſmael pai delle Xiah Tamas; e que a entrada que fizera na India, e conquiſta do Reino do Delij, tudo fora per ſeu conſelho, e pois ambos ficavam herdeiros daquella amizade de ſeus pais, e elle tinha perdida a herança do ſeu, vinha buſcar a elle Xiah Tamas para o ajudar a cobralla. Xiah Tamas depois que o

con-

consolou de seus trabalhos, approvando-lhe a confiança que delle tinha para o ajudar nelles, por causa da grande amizade, que houve entre seus pais, se despedio delle; e a primeira cousa em que mostrou o que por elle havia de fazer, foi mandar-lhe duzentos cavallos sellados de sellas guarnecidas d'ouro, e pedraria, e outras de prata, e no arção de cada huma sella seu arço, coldre, e terçado que dizia com ellas. Estes cavallos levavam duzentos escravos vestidos de seda, cada hum com sua gomia na cinta, e terçados guarnecidos de prata, o qual presente com suas tendas, e movel de todo seu serviço, que lhe deixou, foi avaliado em hum conto d'ouro. Sobre isso disse a seus Capitães todos, que no que cada hum mandasse a Omaum Patxiah havia de ver o amor que lhe tinham. Com esta palavra, como os homens naturalmente se desejam de insinuar na benevolencia dos Principes, e dos melhores da terra, foram tantos os presentes de cousas diversas que lhe mandáram, que diziam valerem mais de quinhentos mil xerafijs; e Xiah Tamas o ajudou com doze mil homens de cavallo pagos á sua custa por dous annos, e licença para que todo homem de seus Reinos, que o quizesse ir servir, pudesse ir com elle; e por mais o honrar, vendo que Soltam Xiah

Co-

Colij Rey de Quereman ſeu vaſſallo ſe eſcuſou de ir por Capitão mór daquella ſua gente, dizendo, que nunca Deos quizeſſe que elle foſſe pelejar debaixo da bandeira de outro Principe, ſenão delle Xiah, que era ſeu Senhor, ou de algum de ſeus filhos, mandou Xiah Tamas com elle hum filho ſeu menino, que ainda andava no collo de ſua ama, e que Soltam Xiah Colij foſſe com elle por Governador de ſua caſa, e de ſeu exercito que levava.

CAPITULO XI.

Do que fez Omaum Patxiah com o ſoccorro, que lhe deo o Xiah Tamas, e da morte de Xerchan.

OMaum com os doze mil homens de cavallo, que Xiah Tamas lhe deo, e com dez mil mais que o quizeram ſeguir, a primeira Cidade, em que entrou do ſeu Eſtado foi a de Candar, donde ſe elle deſpedio de ſeu irmão Aſtarij Mirzá quando foi á Perſia, na qual não pode entrar ſenão per força d'armas, e combate de muitos dias, porque ſeu irmão ſe tinha intitulado por Rey daquelle Reino Mogoſtan. Como eſta Cidade foi tomada, a deo Omaum áquelle Principe menino filho de Xiah Tamas para ſua criação, que elle mui pouco lo-

logrou, por falecer por o trabalho do caminho tão comprido, porque como era de tão pouca idade, não pode aturar os grandes cursos que os Mogoles tem em seu caminhar, e conquistar.

E porque o Xiah dera ao Soltam Xiah Colij huma Provisão, per que lhe mandava, que tanto que Omaum tomasse per armas a primeira Cidade, como começo de posse de seu Estado, elle se tornasse com o menino, e ficassem com Omaum os doze mil de cavallo, que lhe dera em ajuda, e os quatro Capitães que hiam com elles a tres mil por Capitanía, para andarem lá o tempo dos dous annos: vendo Xiah Colij o menino falecido, apressou-se mais em sua partida para o ir enterrar em huma Cidade cabeça do Reino de Oracan, onde jazem enterrados alguns Reys da Persia. Da morte do Principe Persa, e partida deste Rey pezou muito a Omaum, por ser homem mui notavel, de cujo conselho muito se aproveitava; mas como vio a carta que lhe elle mostrou do Xiah Tamas, e sobre isso a necessidade do enterramento daquelle Principe menino, o soffreo.

Os quatro Capitães que ficavam, porque Omaum se deteve algum tempo em andar esperando recado de alguns Capitães, que andavam com os irmãos, parece que en-

enfadados daquella vida, pediram-lhe licença para se tornarem para a Persia, sómente suas pessoas, e a gente de seu serviço, e que a outra que era ordenada para o ajudar, ficaria. Isto sentio Omaum; e porque insistíram muito, lhes deo licença, mas elles não ficáram sem castigo, porque o Xiah quando os assi vio tornar sem acabar o a que hiam, os mandou cavalgar em asnos virados ás avéssas, com corochas nas cabeças, e outros sinaes de infamia, e que fossem assi levados com pregão per todo o arraial, e per sentença os houve por inhabiles para nunca servirem em cousa de honra, pois deixáram de cumprir seu mandado no tempo que os mandou andar com Omaum Patxiah, dizendo mais que nenhuma morte pudera seu filho morrer mais honrosa que nos braços de sua ama, em ajuda de hum tão valeroso Principe como era Omaum Patxiah.

E para que acabemos esta tão vária tragedia de tantos Principes, deixando Omaum em guerra com seu irmão, de que os successos não tocam a esta nossa quarta Decada, tornaremos á fortuna de Xerchan, de que começamos fallar. O qual sendo tão grande Principe em Estado, e riqueza com estas victorias que houve de Omaum, assombrou todas aquellas partes da India, que

se

ſe comprehendem entre o Indo, e o Ganges; e como o favor dos homens ſe inclina aonde ſe inclina a fortuna, não houve Principe Mouro, nem Gentio naquellas regiões, que lhe não mandaſſem ſeus Embaixadores. Affirma-ſe, que por os grandes theſouros, e deſpojos que acquirio das victorias de tão ricos Principes, trazia em campo quatrocentos mil homens de cavallo. Finalmente elle foi na India hum terror de todos os Eſtados della; e ſe deixou de fazer guerra ao Reino de Guzarate, per onde elle quizera entrar para vir ao Reino de Decan, foi porque em tempo de Soltam Badur tinha recebido delle grandes obras de amizade. A primeira foi a honra que fez a ſeu filho Gilalchan, o qual (como atrás diſſemos) Omaum Patxiah trazia em arrefens comſigo; e quando ſahio do Reino de Guzarate com a victoria que de Soltam Badur houve, Gilalchan ſe lançou com o meſmo Badur, que depois o mandou a ſeu pai mui honradamente; e a ſegunda, o meſmo Badur dera o titulo de Rey a Xerchan, porque por antigo coſtume dos Mouros daquellas partes do Oriente, de que eſcrevemos, eſtá introduzido, que nenhum Principe, não lhe vindo per herança, ſe póde intitular Rey, por mui poderoſo, e rico que ſeja, ſenão per conceſsão de hum de qua-

tro

tro Principes, a que os Mouros sómente dam titulo de soberanos, como Emperadores; pelo Grã Turco, que póde dar aquelle titulo aos Principes de Ponente; pelo Rey da Persia, que póde fazer Reys aos do rio Eufrates até o rio Indo; pelo Tartaro Usbeque Rey de Samarcant do rio Geum contra a Tartaria; e ElRey de Cambaya até o rio Ganges. E não contente Xerchan com a dignidade a que chegou, quiz tambem accrescentado o Estado, accrescentado o nome, e deixando o de Xerchan, se começou a chamar Xiah Olam, que na lingua dos Patanes quer dizer Senhor do Mundo. Mas neste titulo durou poucos annos; porque tendo sitiado huma Cidade de Gentios Resbutos, per nome Calija, não tanto para se fazer Senhor della, quanto para roubar hum templo que nella estava, em que havia grandes thesouros de offertas, que os Reys Gentios de longo tempo alli offereciam, e assi toda a mais Gentilidade daquellas regiões, sendo já tomada a Cidade, por querer elle matar com hum tiro de bombarda hum elefante, que servia naquelle templo, a bombarda rebentou de maneira, que fez Xiah Olam em tantos pedaços, que sómente foi conhecida sua cabeça entre outros muitos, que tambem a bombarda espedaçou, que eram dos mais nobres Capitães que comsi-

go

go trazia; e aſſi ſe acabou como couſa que era vã, e caduca a gloria de Xiah Olam, e toda ſua felicidade. Deixou dous filhos, Soleimechan, e Eidelechan, que depois contendêram ſobre a herança, e do Reino de Bengalà ſe fez Senhor hum Patane por nome Mahamedchan.

Eſta longa digreſsão fizemos por acabarmos a hiſtoria de Mamud Rey de Bengala, e de Xerchan, que começámos ſobre o cativeiro, e reſgate de Martim Affonſo de Mello Juſarte, que na guerra deſtes dous Principes interveio; e tambem por ſer notavel exemplo para todos os que mal obram, ſaberem, que como Deos faz naſcer o Sol ſobre os bons, e os máos, aſſi he a todos igual ſua juſtiça, ainda que infieis ſejam, em não diſſimular culpas notaveis ſem caſtigo.

CAPITULO XII.

Como D. Paulo da Gama Capitão de Malaca mandou Baſtião Vieira viſitar á ElRey de Ujantana, o qual o matou, e aos Portuguezes que o acompanhâram: e como D. Paulo foi morto pelejando com huma Armada do meſmo Rey.

EM Malaca não faltâram deſgraças em quanto paſſâram as de Bengala; porque D. Paulo da Gama, (que o Governador Nuno da Cunha deſpachou para ir ſervir de Capitão daquella fortaleza, na auſencia de D. Eſtevão da Gama ſeu irmão, o qual não paſſou á India o anno de 1532., que partio deſte Reino,) como chegou a Malaca, mandou hum Baſtião Vieira natural da Ilha Terceira a Ujantana viſitar a Alaudim Rey della filho do Rey de Bintam, que Pero Maſcarenhas deſtruio, e a dar-lhe conta da ſua vinda áquella fortaleza, como a hum vizinho tão chegado, e ſaber delle ſe o havia de ter por amigo, ou inimigo, para lhe correſponder com as obras que eſtes dous nomes mereciam; e que lhe mandava fazer eſta pergunta como homem novo na terra, a quem convinha ſaber que vizinhos tinha, por algumas couſas que os moradores de Malaca diziam, a que elle

não dava credito, até o entender da ſua reſpoſta. A que ElRey deo foi mandar matar a Baſtião Vieira, e a cinco Portuguezes [a], que hiam em ſua companhia, provocado por ElRey de Pacem, que lhe perſuadio que aquelle meſſageiro era eſpia que hia reconhecer o rio, e aſſento da ſua Cidade. D. Paulo ſoube deſte ſucceſſo, que ſentio muito, e quizera ir tomar vingança de tão grande maldade; mas foi aconſelhado que o não fizeſſe, por Malaca eſtar mui deſapercebida de gente, e de embarcações para commetter tamanho feito; e que para o acabar eſperaſſe navios, e gente da India, que não podiam tardar. Outra embaixada mandou D. Paulo per Manoel Godinho aos Reys de Panda, e de Pate, com os quaes elle aſſentou paz, que foi mui proveitoſa para Malaca, porque dalli ſe provia de mantimentos, poſto que com trabalho, por cauſa das armas d'ElRey de Ujantana.

Neſte eſtado eſtavam as couſas de Malaca, quando chegou a ella em Junho de 1534 D. Eſtevão da Gama, o qual entre-

[a] *A eſtes Portuguezes mandou matar eſte tyranno com exquiſito, e cruel genero de morte, porque os mandou pôr nùos em hum campo atados de pés, e mãos, e lançar-lhes em cima tanta agua fervendo, até que ficáram meios coſidos; e deixados aſſi, foram comidos dos adibes.* Franciſco de Andrade *no cap. 83. da 2. Parte.*

gue da fortaleza, a proveo logo de mantimentos, e munições, de que eſtava falta, e para a ordinaria provisão mandou concertar navios, ſem os quaes ella ſe não póde fazer; porque como tudo lhe vem de fóra, e o mais do tempo eſtá de guerra com os vizinhos, convem ſempre ter embarcações preſtes para mandar buſcar mantimentos, e para os defender dos inimigos, que os querem tolher. Andando neſta occupação lhe vieram dizer, que no rio de Muar víram entrar lancharas, e calaluzes; e porque a gente da terra que lhe deo eſta nova não ſe affirmava no número delles, para o ſaber mandou Simão Sodré com oito balões, (que são huns barcos leves,) em cada hum dos quaes levava tres eſpingardeiros; e havendo ſeis horas que eram partidos, vio-ſe hum fumo contra a Ilha Grande, duas leguas de Malaca, que parecia ſer de bombardas, e era de huma Armada de lancharas, e calaluzes de Tuam Caba tio d'ElRey de Ujantana [a], que a ſeu rogo com

a Eſta Armada era de ſetenta vélas, de que vinha por Capitão mór Lacximena, (como eſcreve Diogo do Couto *no cap. 11. do liv. 8.) o qual ſe foi lançar em cilada detrás da Ilha das Náos, que os naturaes chamam Pongor, duas leguas de Malaca, e dalli deſpedio dez lancharas, para que correſſem até a noſſa fortaleza, contra as quaes mandou D. Eſtevão alguns bantis, e tres batéis grandes das náos, em hum dos quaes ſe embarcou D. Paulo; e nos outros dous André Caſco, e Simão Sodré: e nas outras*

com alguma gente da Jaoa era alli vindo para dar huma vista a Malaca; e quando a teve de Simão Sodré, foi-se trás elle, ladrando as bombardas, cuja fumaça era a que se vio, indo-se Simão Sodré recolhendo, por não poder resistir com os balões a tão grossa Armada. D. Estevão parecendolhe, polo fumo que víra, que Simão Sodré pelejava, acudio apressadamente á ribeira para lhe mandar soccorro, onde já achou D. Paulo seu irmão embarcado em hum batel, e sem lhe poder estorvar a ida, man-

embarcações, que seriam quinze, hiam João Rodrigues de Sousa, Balthazar Leite, Jusarte Freire, e outros nobres. Os navios dos inimigos se foram retirando até perto da Ilha, da qual sahindo Lacximena com toda sua Armada, pelejáram com ella os Portuguezes tão esforçadamente, que posto que a maior parte delles foram mortos na peleja, fizeram tal estrago nos inimigos, que não houve entre elles quem se apoderasse das nossas embarcações desamparadas de seus defensores. Lacximena se recolheo mal ferido com grande número de sua gente morta, e a maior parte das suas lancharas mettidas no fundo, e destroçadas. D. Paulo cheio de honrosas feridas veio a morrer a Malaca; e sem os que nomea João de Barros, *morrêram André Casco, Sancho Sanches filho do Commendador de Calatrava Luiz Alvares, e outros. Foi esta batalha tão celebrada dos Malaios, pelo damno que nella recebêram, que ainda hoje a lamentam elles com grande sentimento nas suas cantigas.* Fernão Lopes de Castanheda *cap. 80. liv. 8. e* Francisco de Andrade *cap. 93. da 2. Parte escrevem o mesmo que* João de Barros. *Dizem porém que os inimigos leváram D. Paulo sem sentido quasi morto na lanchara que elle abalroou, não sabendo os Mouros que o leváram senão ao dia seguinte que morreo, e o conhecêram.*

dou metter Manoel da Gama em outro, e com elles se embarcáram João Rodrigues de Sousa, D. Francisco de Lima, Vasco da Cunha, Gonçalo Baião, e outros homens nobres.

Partidos elles mais apressada que prudentemente, mandou D. Estevão nas suas costas Antonio de Abreu em hum parão, e após elle Henrique Mendes de Vasconcellos; e como os batéis de D. Paulo, e de Manoel da Gama levavam a estes ventagem, foram os primeiros no perigo, e na desgraça; porque indo já huma legua de Malaca, topáram os balões de Simão Sodré, que vinham fugindo a dez, ou doze lancharas de Mouros, sem o seu Capitão, nem Dom Paulo os poderem entreter para voltarem sobre as lancharas. D. Paulo vendo-se só, e que corria mais perigo em ir tomar o soccorro da terra, que em pelejar com os inimigos, por virem já mui perto delle, por conselho dos que levava comsigo, envestio com a lanchara dianteira, e tendo-a quasi rendida, acudio outra, na qual sem nenhum temor se lançou D. Paulo, e com elle Bernardo Queimado, Miguel Freire, Gonçalo Baião, Antonio de Farao, e Jorge Fernandes Borges, onde pelejando mui esforçadamente foram mortos. A Manoel da Gama, que com o seu batel chegou a este tem-

tempo, deram-lhe huma ferida pelo peſcoço, e outra na mão direita. D. Franciſco foi ferido pouco no roſto, e Vaſco da Cunha muito na cabeça, e João Rodrigues de Souſa morto. Dos inimigos foram tantos os mortos, e feridos, que não ouſáram as outras lancharas chegar aos noſſos batéis, os quaes com tão deſeſtrado ſucceſſo ſe recolhêram a Malaca, onde houve o ſentimento que merecia a morte de taes peſſoas. Deſta perda noſſa tomáram os Mouros ouſadia para virem com ſuas lancharas mui perto da Cidade a tomar os navios que vinham de fóra, o que ſentia muito D. Eſtevão, por não ter navios para caſtigar ſeu atrevimento; e andando em preſſa de concertar alguns, veio Tuam Mahamed enteado de Sinaia, que Garcia de Sá mandou lançar da torre abaixo, com vinte e cinco lancharas dar viſta á Cidade tão perto, que com huma eſpera lhe mettêram huma manchua no fundo. E reſentido D. Eſtevão da ſoberba deſte Mouro, mandou a Manoel da Gama com treze, ou quatorze navios, (dos que já tinha preſtes,) que o foſſe caſtigar; mas elle foi tão ſezudo, que não quiz fazer experiencia de ſeu poder.

CA-

CAPITULO XIII.

Como D. Estevão da Gama foi contra ElRey de Ujantana, e lhe destruio, e queimou a fortaleza.

DOm Estevão da Gama desejoso de vingar a morte de D. Paulo seu irmão, e deitar de Ujantana aquelle Rey, que se hia fazendo mui poderoso, e temido, por causa do sitio da sua Cidade, fundada na garganta do Estreito de Cingapura [a], pelo qual como mais principal que o de Sabá, se navegava de Malaca para todo aquelle Arcipélago, e regiões que ficam ao Oriente della, determinou de lançar este Mouro do lugar, de que tanto damno se podia seguir; e para se assegurar do animo d'ElRey de Pam, cunhado do de Ujantana, mandou lá Simão Sodré em huma náo, não tanto a comprar mantimentos, como se dizia publicamente, quanto a descubrir com destreza a tenção daquelle Rey, e o que se podia esperar que fizesse, em quanto Dom Estevão estivesse ausente de Malaca, occupado na guerra d'ElRey de Ujantana. Proveo ElRey mui largamente a náo de mantimentos, e significou com verdade a Simão Sodré, que era grande servidor d'ElRey de Por-

[a] *Que por outro nome se chama o Canal de Varela.*

Portugal, e que neſſa conta o podia ter o Capitão de Malaca para tudo o que lhe áquella Cidade cumpriſſe, e que folgaria muito que deſtruiſſe a ſeu cunhado, porque o merecia como hum grande traidor que era.

Quieto, e aſſegurado com eſta reſpoſta D. Eſtevão, eſtando já apercebido para a jornada, partio de Malaca em Outubro com huma Armada de vinte e ſeis vélas, das quaes eram duas náos, e Capitães dellas D. Franciſco de Lima, e Diogo Botelho, (neſta hia D. Eſtevão,) huma caravéla de Fernão Gomes, de que era elle Capitão, a qual, e a náo de D. Franciſco mandou D. Eſtevão que ſe adiantaſſem, e ſe foſſem lançar na boca do rio de Ujantana, e que não deixaſſem entrar, nem ſahir couſa alguma. As outras embarcações eram de remo, fuſtas, lancharas, catures, e balões; e Capitães dellas D. Chriſtovão da Gama irmão de D. Eſtevão, Manoel da Gama, Henrique Mendes de Vaſconcellos, Simão Sodré, Vicente da Fonſeca, que viera de ſervir de Capitão de Maluco, Pero Barriga, Antonio Grandio, Fernão Sodré, e outras peſſoas nobres, e moradores de Malaca, que todos faziam número de duzentos, e cincoenta homens.

E para que ſe tenha noticia do ſitio da Ci-

Cidade de Ujantana, que D. Estevão hia commetter, e o que aquelle Rey escolheo para sua morada, e a defensão que nella tinha; he de saber que Ujantana he huma ponta a mais Austral, e Oriental da terra firme da costa de Malaca, a qual desta ponta, (que dista da Equinocial quasi hum gráo, e de Malaca pouco mais de quarenta leguas,) volta para o Norte ao Reino de Sião, onde fazendo a costa huma enseada bem penetrante, na qual entra no mar o rio Menam, cuja boca está em altura de treze gráos, e hum terço, torna á terra a correr para o Sul ao Reino de Camboja. Na parte Occidental desta ponta sahe ao mar hum rio [a] tão alto, que entram per elle náos até quatro leguas da barra; e ao longo delle bem a dentro tinha ElRey Alaudim feito huma grande povoação, cujas casas eram de madeira, como são todas as daquella região; e abaixo della pouco mais de tres leguas, onde a terra fazia hum cotovêlo, estava fundada huma tranqueira como fortaleza com muitas peças de artilheria para defender o passo, que era alli tão estreito, e delle para cima até a Cidade, que ás fréchadas, e com zargunchos se podia defender; nem podia passar hum barco, por pequeno que fosse, que desta fortaleza se

[a] *Este rio se chama Jor.*

ſe não metteſſe no fundo, e ao longo della tinham os Mouros alagados juncos, e muitas arvores cortadas, e atadas, para que chegando alli as noſſas embarcações, as ſoltarem, e impedir com ellas a paſſagem.

Chegado D. Eſtevão com toda Armada á boca do rio de Ujantana, onde achou D. Franciſco, e Fernão Gomes, como delle não levaſſe Piloto prático, elle meſmo fez o officio, guiando as náos pelo rio acima até onde pudéram ſubir, e chegar mais perto da fortaleza, em que gaſtou ſeis dias, por o rio ter muita correnteza, e muitas voltas. Antes que chegaſſem á fortaleza com as embarcações menores, porque tudo ao longo do rio era cuberto de mato, e delle fréchavam os Mouros a noſſa gente, poſto que com algum damno ſeu, mandou Dom Eſtevão Pero Barriga, e Antonio Grandio com ſeſſenta eſpingardeiros em duas lancharas per huma margem do rio, e pela outra com outras duas lancharas D. Franciſco de Lima, e Henrique Mendes de Vaſconcellos, que fizeram retirar os Mouros, e ficou deſaffrontada a gente que hia nos navios, os quaes ſurgíram perto da fortaleza detrás de huma ponta da terra, onde a artilheria lhes não podia fazer algum mal; e para que os Mouros não entendeſſem per onde os haviam de accommetter, mandou D. Eſtevão

pôr

pôr defronte da fortaleza, da outra banda do rio, quatro peças de artilheria a cargo de Henrique Mendes de Vaſconcellos, com as quaes fez muito damno, ferindo muitos Mouros, e matando quinze, ou vinte, e entre elles dous Capitães.

No meſmo tempo intentou D. Eſtevão entrar a fortaleza per outra parte; e chegando-ſe a ella, vendo que não podia ſer por alli ſem notavel perda de gente, ſe retirou; e mudado de parecer, mandou fazer hum baileu á caravella de Fernão Gomes tão alteroſo, que ficaſſe igual da fortaleza, para ſe accommetter, e entrar, pondo-lhe ſuas arrombadas, que pudeſſem ſoffrer toda a artilheria que lhe tiraſſem. A Capitanía deſte aſſalto deo a D. Chriſtovão da Gama ſeu irmão, acompanhado de Simão Sodré, como de homem que daquelle exercicio era mais prático naquellas partes. Eſta caravella levava aos lados huma fuſta, e hum batel com ſuas arrombadas, nos quaes hiam Vicente da Fonſeca, e Fernão Sodré com muitos eſpingardeiros; mas foram tantos os impedimentos de tranqueiras, e juncos alagados, que não puderam eſtas embarcações chegar á fortaleza como determinavam, e della lhes fizeram os Mouros muito damno, (poſto que tambem o recebêram,) ferindo alguns homens, e matan-

tando a Fernão Gomes Capitão da caravella. Polo que vendo D. Eſtevão os eſtorvos, e perigos do mar, ſe reſolveo de bater da terra a fortaleza, para o que mandou Franciſco Bocarro Feitor de Malaca, que foſſe reconhecer o ſitio onde ſe podia plantar a artilheria, e per ſua informação ſe elegeo hum tezo, que ficava cavalleiro á fortaleza, onde mandou D. Eſtevão pôr artilheria em duas eſtancias, que entregou a Henrique Mendes de Vaſconcellos, e a Antonio Grandio, das quaes ſe bateo a fortaleza por eſpaço de oito dias, com morte de muitos Mouros. Mas vendo os Portuguezes que durava o cerco mais do que elles eſperavam, e que os mantimentos, e munições começavam a faltar, e os inimigos eſtavam mui inteiros, e com grande determinação de ſe defender, e receando mais a enfermidade, por ſer o lugar mui doentio, que as bombardadas, e eſpingardadas dos Mouros, começáram a tratar de alevantar o cerco; o que ſabendo D. Eſtevão, poz o negocio em conſelho, no qual todos ſe foram com o voto de Pero Barriga, approvando as razões que elle deo, como de homem mui experimentado na guerra, para ſe não alevantar o cerco, que era o que deſejava D. Eſtevão, porque lhe parecia menos cabo do valor Portuguez tornar para

Ma-

Malaca ſem caſtigar aquelle Rey, e aſſi mandou que todos ſe apercebeſſem para de novo combater, e aſſaltar a fortaleza dos inimigos. Os quaes brioſos com nova gente de ſoccorro que trouxe Tuam Mahamed, ſahíram das tranqueiras, e commettêram as noſſas eſtancias, e dellas ſe retiráram com tantos Mouros mortos, e feridos, que não ouſando eſperar outro combate, no ſilencio da noite ſeguinte deſampararáram as tranqueiras, e fortaleza, e ElRey ſe metteo pela terra dentro com ſeu theſouro, e mulheres. Os noſſos o ſouberam pola manhã, querendo proſeguir a bateria; e aviſado logo Dom Eſtevão, que eſtava no mar, deſembarcou com toda a gente, e ſe foi metter na fortaleza, que de todo eſtava deſpejada; e recolhida a artilheria que achou nella, e nas tranqueiras, e as melhores embarcações que eſtavam no rio, a tudo o mais ſe poz fogo. [a] Com eſta victoria ſe tornou D. Eſtevão pa-

[illegible] ra

a Fernão Lopes de Caſtanheda *nos capitulos* 87. 88. 89. 90. *do liv.* 8. *e* Franciſco de Andrade *no cap.* 6. *da* 3. *Parte conformam-ſe com* João de Barros, *poſto que eſcrevem eſta deſtruição de Ujantana mais particularmente.* Diogo do Couto *a conta em ſumma no cap.* 12. *do liv.* 8. *com alguma differença, dando por razão, que não achou quem deſta jornada o pudeſſe informar; e que chegado Dom Eſtevão victorioſo a Malaca, entendeo logo na carga da náo Santa Catharina, que havia de vir a Portugal, de que era Capitão Vaſco da Cunha, o qual partio em Dezembro ſeguinte, e chegou a Liſboa a ſalvamento.*

ra Malaca, onde foi recebido com muita festa, e universal contentamento, por quão necessario era castigar aquelle Mouro dos males que tinha feito aos Portuguezes, para exemplo dos vizinhos, que tinham posto os olhos no successo daquella empreza, para assi saberem o como se haviam de haver comnosco.

CAPITULO XIV.

De outra jornada, que D. Estevão da Gama fez contra ElRey de Ujantana; e das pazes que lhe concedeo: e como foi commettido duas vezes dos Achens.

[a] NÃo cessou ElRey de Ujantana, com as perdas que recebeo na guerra passada, de continuar com ella contra Malaca, procurando per todas as vias que pode de restaurar os damnos, e vingar as offensas recebidas; de que resentido D. Estevão da Gama, e não esquecido da morte de D. Paulo seu irmão, de que se não dava por satisfeito com a destruição da fortaleza de Ujantana, aprestou huma Armada de tres fustas com lancharas, calaluzes, e balões, em que embarcou quatrocentos Portuguezes,

[a] Francisco de Andrade *no cap.* 27. *da* 3. *Parte, e* Fernão Lopes de Castanheda *no cap.* 131. *do liv.* 8.

zes, com que partio de Malaca. Chegando ao Eſtreito de Cingapura, lhe deo huma trovoada de ventos tão impetuoſos, que ſe não ſe cozêram com a terra, nenhum remedio humano os pudéra ſalvar; e ainda aſſi corrêram riſco os navios de ſerem ſoçobrados com as arvores, que arrancadas dos ventos com raizes, e terra, vinham a cahir em cima das embarcações. D. Eſtevão hia em huma fuſta velha, que abrio per baixo, e ſe foi ao fundo, em que ſe afogáram quatro Portuguezes, e alguns remeiros, e elle ſe ſalvou no baileu da fuſta, que o vento arrancou inteiro, e lançou ao mar. Paſſada a trovoada que durou pouco, chegou Dom Eſtevão á boca do rio de Ujantana, pelo qual acima cinco leguas além da fortaleza, que elle deſtruíra, tinha ElRey a ſua povoação, em que eſtava mui fortificado; e no ſitio em que eſteve a fortaleza havia outras tranqueiras com muita artilheria, e cinco mil homens para ſua defensão, e dentro dellas varadas quarenta lancharas, que os Mouros tiráram em terra, para melhor as poderem defender. A eſte ſitio chegou D. Eſtevão em nove dias com grandes difficuldades, porque quando enchia a maré era com tanto impeto, que a grande corrente atraveſſava as embarcações, com que não podia fazer caminho ſenão com a vaſan-

ſante, atoando-ſe com cabos ás arvores, que eſtavam ao longo do rio, per onde hiam os noſſos cortando, e desfazendo muitas eſtacadas, a pezar dos inimigos, que com muitas fréchadas o impediam.

Vendo os Portuguezes a multidão dos Mouros, e ſua fortificação, não deixáram de recear o feito, e havello por duvidoſo de acabar, porém o esforçado animo de D. Eſtevão tudo lhes facilitou, e aſſegurou; e ſurgindo detrás de huma ponta, que o rio fazia, onde eſtava livre da artilheria das tranqueiras, determinou de as commetter na madrugada do dia ſeguinte, para o que ordenou que os Malaios que levava, e remeiros foſſem diante com panellas de polvora, e apôs elles os eſpingardeiros, e elle com a mais gente os havia de ſeguir. Dada eſta ordem, deſembarcando antes que amanheceſſe, commettêram as tranqueiras, em que lançáram os Malaios, e remeiros grande multidão de panellas de polvora, com que ſe accendeo tanto fogo per todas as partes, que chegou ás lancharas que eſtavam varadas, nas quaes ſe ateou com grande furia.

D. Eſtevão chegou a eſte tempo ás tranqueiras, e ſubindo per huma de taboado, teve huma mui travada peleja com os Mouros que acudíram a defender-lhe a entrada

com

com muitas efpingardadas, e fréchadas; porém os noffos per meio dellas apertáram de maneira com elles, que os desbaratáram, e puzeram em fugida, fendo já manhã clara. Morrêram nefta peleja fómente tres Portuguezes, e dos Mouros mais de quinhentos. ElRey eftava a efte tempo em hum outeiro, huma legua das tranqueiras, do qual fe defcubria o fogo dellas, e das lancharas, onde foram ter os feus abrazados, que lhe deram a nova de fer queimada a fua Armada, tomadas as tranqueiras com a artilheria, e desbaratada a fua gente, polo que fe retirou á preffa com fuas mulheres, e thefouro para o mato, onde fe havia por mais feguro que na Cidade.

D. Eftevão não quiz paffar adiante até que a gente repoufaffe do trabalho, e que foffem curados os feridos, e enterrados os mortos; o que feito, mandou que marchaffem para a Cidade. Sabendo-o ElRey, e vendo-fe fem gente, fem Armada, e fem artilheria, arrependido das guerras paffadas, conheceo que para viver quieto, e feguro lhe convinha ter paz com os Portuguezes, e conceder-lhes tudo o que elles quizeffem; e com efta refolução mandou dizer a Dom Eftevão, que lhe pedia não paffaffe dalli, porque queria ter paz com elle, para o que lhe enviaria feus Embaixadores. A D. Efte-

tevão pareceo conveniente aſſentar pazes com eſte Mouro para quietação, e beneficio de Malaca, e aſſi lhe reſpondeo, que não ouviria fallar nellas ſem refens. ElRey os mandou logo, e foram hum ſeu tio homem velho, e de muita authoridade, com ſuas mulheres, e familia, com os quaes D. Eſtevão ſe tornou para Malaca, onde foi recebido com grande feſta, e triunfo; e o tio d'ElRey de Ujantana agazalhado na fortaleza, e tratado com muita honra. [a] Deſpedio ElRey logo por Embaixadores Curutaule da Raja, Lacximena, Taucam da Raja, e Turcam Marcar filho do ſeu Bandará, os quaes chegáram a Malaca em oito, ou dez embarcações embandeiradas, com grandes ſinaes de alegria. D. Eſtevão da Gama os recebeo com grande apparato, e ouvio tudo o que lhe diſſeram da parte do ſeu Rey com roſto alegre, e os mandou agazalhar, e communicando o negocio com os Capitães, e caſados de Malaca, aſſentáram que lhes deviam conceder as pazes com condições honeſtas, para aſſi ficar aquella Cidade deſaſſombrada, e deſaprezada daquelles máos vizinhos; pelo que ſe concluíram com as condições ſeguintes:

Que toda a artilheria, que houveſſe per todo o Reino de Ujantana com as ar-

a Diogo do Couto *no cap.* 6. *do liv.* 10. *da* 4. *Dec.*

mas d'ElRey de Portugal, de muitas embarcações, que por ſuas coſtas ſe perdêram, ſeria logo tornada, e trazida a Malaca.

Que nunca mais ElRey de Ujantana faria em porto algum dos ſeus lancharas, nem outras embarcações de guerra; e todas as que ſe fizeſſem ſem o ElRey ſaber, tanto que foſſe á ſua noticia, as mandaria a Malaca com os donos dellas; e que todas as que ao preſente eſtiveſſem feitas, aſſi ſuas, como de ſeus vaſſallos, mandaria logo entregar á peſſoa, que com os Embaixadores para iſſo havia de ir.

Que nunca já mais faria tranqueira, nem fortes alguns em Bintam, nem em Ujantana, e que ſe paſſaria logo para o rio de Muar, por ficar mais perto de Malaca, para delle converſarem, e commercearem como amigos; e que naquelle lugar tambem não faria tranqueira, nem forte algum.

Que todas as dívidas que Tuam Mafamede devia aos mercadores de Malaca, das fazendas que tinha tomadas antes da guerra, as tornaria logo a ſeus donos; e não podendo ſer tudo, foſſe parte, e a demazia para o anno, de que elle Rey ficava por fiador.

Que todos os eſcravos de Portuguezes,

que

que estavam fugidos de Malaca, e dalli por diante fugissem, se tornariam logo; e se algum já fosse Mouro, o pagariam a seu dono, e o mesmo se faria em Malaca aos fugidos de Ujantana; e se ainda houvesse em seu Reino alguns filhos de Portuguezes, que se perdêram havia annos na sua costa em hum junco, que hia de Borneo para Malaca, se tornariam logo com todos os seus escravos, e escravas.

Que deixaria navegar livremente todas as embarcações de quaesquer partes que fossem para Malaca com fazenda, ou mantimentos, sem as obrigar a tomarem seus portos; e que entrando algumas nelles com tempo fortuito, ElRey lhes daria toda a ajuda, e aviamento para irem para Malaca.

Que mandaria a seus vassallos, que fossem com suas fazendas a Malaca para as venderem, e comprarem outras como amigos, a quem se faria favor, e amizade; e o mesmo se faria em seus portos aos Portuguezes.

[a] Estes Capitulos de pazes juráram os Embaixadores em nome de seu Rey; e Dom Estevão os mandou apregoar pela Cidade

Mm ii com

[a] Fernão Lopes de Castanheda *nos capitulos* 181. *e* 182. *do liv.* 8. *e* Francisco de Andrade *no cap.* 55. *da* 4. *Parte.*

com universal alegria de todos; e despedidos os Embaixadores, contentes com as peças que lhes deo, mandou com elles os que haviam de ver jurar as pazes a ElRey, que os festejou muito, e as mandou publicar, e fez logo entrega das cousas capituladas. Mudou-se ElRey para Muar, onde fundou nova Cidade, começàndo a correr em grande amizade com os Portuguezes, com que ficou Malaca em muita quietação, e se ennobreceo tanto com a frequencia de mercadores, que nella concorriam, navegando seguros por causa das pazes, que nunca em outro tempo esteve em maior prosperidade.

Depois da destruição de Ujantana, e pazes assentadas com o seu Rey, vieram os Achens duas vezes accommetter Malaca no anno de 1537. A primeira mandou ElRey hum Capitão com tres mil Achens em huma Armada, e sem terem della aviso os Portuguezes, desembarcáram os Mouros de noite, e entráram na povoação dos Quelins pelo baluarte de Bandorá, sem serem sentidos; e mortos muitos Quelins, encaminháram para a ponte. D. Estevão da Gama sahio a ella com duzentos soldados, acompanhado dos Fidalgos, que estavam em Malaca, sabendo da entrada dos inimigos, com os quaes pelejou tão esforçadamente, que os fez recolher ao baluarte de Bandorá,

don-

donde os deitou Triſtão de Taíde , (que havia pouco que chegára de Maluco ,) e retirados a hum eſpeſſo mato , em que ſe defendêram todo o dia , na noite ſeguinte ſe embarcáram na ſua Armada , que eſtava na Ilha das Náos , com menos quinhentos companheiros , que ficáram mortos em Malaca ; dos noſſos foram feridos Triſtão de Taíde , D. Franciſco de Lima , Antonio Pereira , Franciſco Bocarro , e outros , e nenhum morto. Idos eſtes Achens , fez Dom Eſtevão cercar de taipa a povoação dos Quelins , que era cercada de madeira ; e ſabendo que ElRey de Achem apreſtava outra maior Armada para mandar contra Malaca , ordenou a defensão da Cidade , e fortaleza como eſperto Capitão ; no baluarte de Bendará poz Paulo da Gama com duzentos homens , a Triſtão de Taíde , a Dom Franciſco de Lima , a D. Manoel de Lima , e a Manoel da Gama , deo a cada hum vinte e cinco homens , para que correſſem a nova cerca , e acudiſſem onde foſſe neceſſario , e elle com outros cento ſe poz junto da fortaleza. Os Achens , que eram cinco mil , deſembarcáram , e aſſentáram ſeu arraial em Tanjaquelim meia legua da Cidade , e commettêram tres noites a cerca , o baluarte , e a fortaleza ; mas de tal maneira lho defendêram os Portuguezes , que deſconfiados de

con-

conſeguirem ſeu intento, com muitos mortos, e feridos, ſe embarcáram com tanta preſſa, que Triſtão de Taíde, que foi após elles com huma Armada, os não pode alcançar.

CAPITULO XV.

Do que aconteceo a Franciſco de Barros de Paiva em Patane, e a Henrique Mendes de Vaſconcellos na peleja que ambos tiveram com huma Armada de Jaos.

NO tempo que D. Eſtevão da Gama mandou Simão Sodré a Pam a deſcubrir o animo daquelle Rey, mandou tambem Franciſco de Barros de Paiva a Patane com a meſma ordem de intentar ſe os Patanes eſtavam firmes na paz, que tinham com os Portuguezes. Chegado Franciſco de Barros á barra de Patane, eſtando nella ſurto, o veio commetter Tuam Mahamed Capitão da Armada d'ElRey de Ujantana com algumas quarenta vélas, de quem ſe defendeo Franciſco de Barros como Capitão esforçado que era, depois de huma larga peleja, em que lhe matáram alguns Portuguezes de vinte que tinha no navio. Affaſtados os Mouros com muitos mortos, e feridos para tomar algum repouſo, vendo-ſe os noſſos

ſos tão canſados, e feridos, que tornando os Mouros a elles ſe não poderiam defender, requerêram a Franciſco de Barros, que no batel do navio ſe recolheſſem á terra; o que não querendo elle conceder, tendo por melhor morrer em defensão do navio, elles ſe foram no batel á terra, e com Franciſco de Barros ficáram ſómente João Ferreira, e Baſtião Nunes, os quaes moſtrando-lhe que era temeridade aguardar mais alli os inimigos, o perſuadíram a que ſe foſſe á terra, ſalvando primeiro a artilheria, e queimando o navio. Em Patane achou Franciſco de Barros bom acolhimento, onde eſteve, até que D. Eſtevão acabada a jornada de Ujantana voltou a Malaca, e deſpachou Henrique Mendes de Vaſconcellos a Patane para o trazer, e mandar dalli á China hum junco a aſſentar o trato que antes tinham os de Malaca com os Chijs, que então eſtava quebrado.

Chegado Henrique Mendes ao porto de Patane, depois de apreſtar, e partir o navio para a China, e aviar outro, em que vieſſe Franciſco de Barros, e os Portuguezes ſeus companheiros, eſtando para ſe tornar para Malaca, teve novas de huma Armada de Jaos coſſairos, de que era Capitão mór Ericatin, o qual trazia vinte calaluzes, que remavam com duas ordens de re-

remos, huns de galé, e outros de pangaio, com muita gente de guerra, artilheria, e artificios de fogo. Estes foram demandar o porto de Patane, de que sendo os nossos avisados, se fizeram á véla; mas porque Francisco de Barros não tinha toda a sua gente dentro no junco, surgio perto da terra, esperando por ella, e Henrique Mendes se fez na volta do mar. Os Jaos havendo vista dos nossos navios, os accommettêram repartidos em duas esquadras. Dez calaluzes, porque o vento era calma, chegáram a abalroar com muito esforço o navio de Henrique Mendes, cercando-o por todas partes; mas achāram tal resistencia nos nossos, que depois de durar a peleja hum grande espaço, se affastáram os Jaos com perda de muita gente, e calaluzes espedaçados, ficando tambem no navio tres Portuguezes mortos, e muitos feridos; e cahindo Henrique Mendes sem acordo de huma frécha de peçonha, de que não tornou em si, senão depois de affastados os inimigos, polos remedios com que lhe acudíram.

Francisco de Barros com sós dezeseis Portuguezes, que tinha no seu junco, se defendeo com tanto valor de oito calaluzes que o investíram, que sem o poderem entrar se affastáram delle, e com fréchas de peçonha,

e com a artilheria começáram de novo a pelejar com os noſſos; e foi tanta a bombardada, que todo o navio era aberto dos pelouros, que ſó na camara de poppa lhe mettêram cincoenta; e hum que foi dar em hum barril de polvora, queimou tres homens. Os Mouros vendo o fogo, e fumo, dando grandes gritas, remettêram ao junco para o abalroarem, cercando-o per todas partes, e pondo nelle eſcadas para ſubirem; mas Franciſco de Barros, poſto que ferido de huma fréchada d'erva, que lhe atraveſſou huma perna, com Baſtião Nunes, e o Meſtre do navio, que ainda eſtavam vivos, fizeram tantas maravilhas com artificios de fogo, que os mais que intentáram ſubir foram queimados; porém não puderam deixar de ſer entrados, ſe a eſte tempo não chegára o navio de Henrique Mendes de Vaſconcellos, que tornando em ſeu acordo, e refreſcando o vento, dando todas as vélas, veio ſoccorrer o junco; e rompendo pelo meio dos calaluzes com a artilheria, metteo no fundo tres, e eſpedaçou outros; e dos que eſtavam per poppa do junco alcançou dous, em hum dos quaes vinha o Capitão mór, que ſe ſalvou a nado em outro, e ſe foi logo para terra ſeguido dos outros calaluzes, e o navio trás elles, tirando-lhes muitas bombardadas; e porque

em quanto Francisco de Barros pelejou lhe fugíram para terra todos os marinheiros, e nella estavam alguns Portuguezes, lhe foi forçado tornar ao porto tomar a gente que lá tinha, e prover-se do necessario para a viagem de Malaca, aonde chegáram estes dous Capitães a salvamento, encontrando no caminho outra Armada de Jaos cossairos, de que andava por Capitão Paribara, e trazia comsigo setenta vélas, de que não foram accommettidos por levarem muito vento, e irem muito ao mar.

CAPITULO XVI.

Como Antonio Galvão, que ElRey fizera Capitão de Maluco, foi por mandado do Governador a succeder a Tristão de Taíde: e do alvoroço, e festa com que foi recebido de todos.

EM quanto em Malaca havia estas inquietações, em Maluco houve outras muitas, a que deram causa os excessos, que Tristão de Taíde fez no seu cargo, com os quaes poz muitas vezes a risco perder-se aquella fortaleza com todos os Portuguezes, que nella havia. Aquella soltura causava, assi nelle, como nos que o precedêram, o respeito que tinham mais a seu proveito particular, que ao d'ElRey, e do commum,

e a

e a grande diſtancia que ha daquellas partes á India, perque o Governador não ſómente os não podia caſtigar, mas nem ſaber de ſuas culpas; e Triſtão de Taíde tomava ainda mais licença, por a confiança que tinha na muita amizade que entre elle, e o Governador Nuno da Cunha havia; e no parenteſco com D. Eſtevão da Gama, que em Malaca eſtava por Capitão, que era ſeu ſobrinho, filho de ſua meia irmã. Mas ſendo Nuno da Cunha informado por Lionel de Lima, que a Goa chegou com ElRey Tabarija, e ſua mãi, e padraſto, que Triſtão de Taíde lhe mandou prezos; e ouvindo os clamores daquella gente, de cuja innocencia lhe conſtou, determinou de mandar aquelle anno a Maluco Antonio Galvão por ſucceſſor de Triſtão de Taíde, porque por ElRey tinha a Capitanía de Ternate.

[a] Antonio Galvão, poſto que ſe lhe repreſentava quão arduo negocio era naquelle tempo acceitar a Capitanía de Maluco por a terra eſtar quaſi levantada, aſſi os Mouros, como os Chriſtãos, por as muitas vexações que os Capitães lhes faziam, que eſtavam poſtos em foro de não ſerem caſtigados por ſuas inſolencias, e por a terra eſtar falta de mantimentos, de homens, e de ar-

[a] Fernão Lopes de Caſtanheda *no cap. 127. do liv. 8.*

armas; porém como elle era mui zeloso do seviço de Deos, e d'ElRey, determinou de ir, e de maneira que remediasse as necessidades, em que aquella fortaleza estava; e porque o Veedor da Fazenda não tinha tanto dinheiro que lhe dar, quanto elle hávia mester, com toda a fazenda que tinha, e com a que pode haver de seus amigos se apercebeo do necessario. E porque para Maluco se achava gente com difficuldade, de que lá havia muita necessidade, com dadivas, rogos, e promessas ajuntou a mais que pode, além da que lhe o Governador deo; e para levar esta gente, que era a mais concertada que nunca foi a Maluco, fretou outra náo á sua custa. Além desta gente de guerra levou algumas mulheres, a que fez grandes partidos para lá casarem com Portuguezes, e formar huma colonia para arraigar a gente na terra, e saberem os Mouros que os Portuguezes faziam em Maluco sua habitação de assento: levou tambem instrumentos de cortar, serrar, e metaes para fazer outros, e muitas alfaias para os homens viverem naquella terra commodamente.

Provído Antonio Galvão desta maneira, partio de Cochij aos 8. dias de Maio daquelle anno de 1536., e chegou a Malaca aos 18. de Junho com suas duas náos, e

ou-

outros navios de ſua conſerva. [a] Alli lhe vieram cartas de Maluco, de muitos que lhe pediam com grande efficacia apreſſaſſe ſua ida para ir remir aquella terra, que eſtava falta de juſtiça, e de gente, e tanto de mantimentos, que pereciam á fome. Outra carta teve do Feitor da náo Santo Eſpirito, cheia de queixumes de Triſtão de Taíde, que lhe não quizera deixar carregar cravo para ElRey, e o detivera dous annos, por elle o comprar, e carregar para ſi. Polo que eſtando ainda mui mal de huma doença, que o chegou á morte, e em grande perigo, quiz partir contra conſelho de D. Eſtevão da Gama. [b] E porque a ſalvação daquella gente de Ternate conſiſtia em elle lhes levar mantimentos, e o Feitor da náo d'ElRey não podia comprar ſenão mui poucos, elle comprou tantos á ſua cuſta, com que carregou a ſua náo, que levava fretada; e porque não ſe ſatisfazia com eſtes, deixou em Malaca hum Antonio Soares, que foſſe com hum junco á Jaoa, e hi o carregaſſe delles; e por já não ter dinheiro, lhe deo para iſſo ſua prata lavrada. E aſſi tão doente como eſtava partio aos 18. de Agoſto, e ſurgio no porto de Ternate a 25. de Outubro, onde foi viſto da gente com tanto al-

a Fernão Lopes de Caſtanheda *no cap.* 158. *do liv.* 8.
b Caſtanheda.

alvoroço, como hum homem de que eſperavam ſer remidos do duro jugo que tinham. [a] E a primeira couſa que os homens principaes que o foram viſitar lhe diſſeram, foram grandes queixumes de Triſtão de Taíde, attribuindo-lhe toda a culpa da guerra, que os Mouros lhe faziam, e do odio que lhe tinham; e que tão eſcandalizado eſtava delle o povo, que já o tiveram mandado prezo ao Governador da India, ſe D. Eſtevão da Gama ſeu ſobrinho não eſtivera por Capitão em Malaca, onde havia de ir a parar. Tantos foram os males que de Triſtão de Taíde recontáram, que Antonio Galvão os não podia crer, e parecia-lhe que por o grangearem a elle os accreſcentavam; e como elle era humano, e de eſpiritos nobres, tinha por couſa vergonhoſa a Portuguezes, que os Capitães de Maluco todos que vinham de novo prendeſſem aos paſſados, e determinava (ſe poſſivel foſſe) não prender a Triſtão de Taíde, ſalvo ſe as culpas foſſem taes que não pudeſſe al fazer. Triſtão de Taíde o mandou viſitar á náo, e pedir-lhe foſſe logo tomar poſſe da fortaleza; mas Antonio Galvão querendo apagar aquelle impeto, que via na gente contra elle, e por o favorecer, não quiz ſahir lo-

[a] Fernão Lopes de Caſtanheda *no cap.* 159. *do liv.* 8. e Franciſco de Andrade *no cap.* 43. *da* 3. *Parte.*

logo em terra, mas ſe deteve alguns dias; parecendo-lhe que ſe viſſem que o favorecia de alguma maneira, ſe reconciliariam com elle, ou ao menos não ſe queixariam com tanta efficacia como alguns tinham feito; e como os da fortaleza eſtavão deſejoſos de ver Antonio Galvão por os bens que de ſeu governo eſperavam, e mui eſcandalizados de Triſtão de Taíde, por o máo tratamento que lhes fizera, murmuravam daquella dilação, e attribuiam a medo, que Antonio Galvão tinha do trabalho em que entrava, porque a gente da fortaleza era mui pouca, a falta dos mantimentos muita. Os Reys Mouros vizinhos todos contrarios, ſendo alguns de antes muito amigos dos Portuguezes, a gente diviſa entre ſi, e mui pouco obedientes, porque como eram poucos, e ſe hiam á India contra vontade dos Capitães, quando vinham juncos de Malaca, ou de Banda, os Capitães ainda que não quizeſſem ſoffriam os exceſſos dos que ficavam, porque ſe os caſtigaſſem, ou prendeſſem, ficaria a fortaleza ſó, e em grande perigo com os Mouros. Mas ſabendo Antonio Galvão quão mal interpretavam ſua dilação, ſahio logo em terra, onde foi recebido com prociſsão, e cantico de *Te Deum laudamus*, com grande prazer, e acclamações de todos, dizendo-lhe publica-

men-

mente que os hia remir do cativeiro, em que eſtavam, e da fome com que pereciam.

Antonio Galvão como entrou, poz logo taxa nos mantimentos, abaixando-os aos preços de antes; e para que entendeſſem aſſi os Chriſtãos que os compravam, como os Mouros que os vendiam, que os preços ſe não haviam de alterar, começou logo pelos mantimentos d'ElRey, que eſtavam na fortalaza. [a] E para metter a gente em ordem, e policia, e viverem como homens de razão, e os enfrear com leis, levou os cinco livros das Ordenações do Reino, para per elles ſe governarem; e para os Clerigos as Conſtituições do Arcebiſpado de Lisboa, que o Cardeal Infante Dom Affonſo fizera. Inſtituio para execução das Leis, e adminiſtração da juſtiça hum Juiz ordinario, e dous Almotacés, que até então não houvera. Apôs iſto entendeo logo em repairar a fortaleza de artilheria, de que a achou mui falta, porque a que havia boa dera-a Triſtão de Taíde aos juncos dos mercadores, para ſegurança do cravo que lhe levavam de graça, e a artilheria que hi achou eſtava toda deſapparelhada, nem achou ferreiro que a concertaſſe; porque a hum que havia deo Triſtão de Taíde licença que ſe

[a] *Caſtanheda, e Franciſco de Andrade.*

ſe foſſe a Malaca; mas Antonio Galvão fez tanta diligencia, que deſcubrio hum ferreiro, que andava encuberto, e em outro foro, a que deo tanto de ſua fazenda, que o obrigou a tornar ao officio, o que relevava tanto, que d'outra maneira não havia artilheria, e ſem ella não havia fortaleza. Tambem não achou polvora, pelo que logo mandou fazer muita; e para fazer carvão, e trazer madeira para os repairos das bombardas, hia Antonio Galvão meſmo ao mato com todos os Fidalgos, e cada hum trazia ás coſtas a mais que podia, de que Antonio Galvão trazia ſempre o maior cargo para os animar, o que tudo ſe não pudéra fazer ſe Antonio Galvão não levára a ferramenta, e inſtrumentos que diſſemos.

CAPITULO XVII.

Do memoravel feito, que Antonio Galvão fez em ir buſcar com cento e vinte Portuguezes a oito Reys Mouros, que com grande exercito eſtavam em Tidore: e como os desbaratou, e deſtruio a Cidade, e a queimou.

OS Mouros de Maluco como com as victorias paſſadas cobraſſem coração, e eſtiveſſem juntos em Tidore oito Reys, que contra os Portuguezes eſtavam conjura-

dos, os quatro delles de Maluco, e os outros quatro dos Papuas, com innumeravel gente de guerra, não passava momento que os Portuguezes não fossem delles salteados com suas Armadas, com que os corriam, polo que lhes era necessario a todas horas estarem com as armas vestidas; e parecendo-lhe a Antonio Galvão que por elle ser novamente vindo, e Tristão de Taíde, de quem se elles davam por offendidos se haver de ir, queriam paz com elle, lha mandou pedir per Gonçalo Vaz Sernache Capitão mór do mar; e elles se desculpáram a Gonçalo Vaz da guerra que faziam, com os males que Tristão de Taíde tinha feitos; e depois de consultarem entre si, assentáram treguas por alguns dias, para nelles saberem o estado da fortaleza, e a determinação de Antonio Galvão. Mas esta tregua guardáram elles mal, porque sahindo alguns escravos da fortaleza ao campo a buscar lenha, tomáram tres, e foram-se com elles. Antonio Galvão se lhes mandou queixar, e dizer, que pois assi passava, que elle lhes faria guerra descuberta, e não á traição; ao que elles respondêram, que fizesse o que quizesse. Polo que Antonio Galvão se determinou em hum façanhoso feito, que era ir sobre Tidore, onde aquelles oito Reys estavam com infinita gente,

e mui-

e muito esforçada, e com esses poucos que tinha dar-lhes batalha, que era cousa que o Governador com todo o poder da India não faria pouco em a commetter. [a] E posto que entendia bem o grande risco a que se punha da vida, e ainda da honra, porque, não lhe succedendo bem, poderia ser julgado por temerario, parecia-lhe que era necessario tentar a fortuna, porque para esperar mais gente, não lhe podia vir senão da India, e que por ella havia de esperar dous annos, a lhe não acontecer no caminho algum desastre; e que para a gente que ao presente tinha, não havia mantimentos para a terceira parte desse tempo, nem de outra parte os podia haver, e sem ter mantimentos não se podiam suster. Polo que o melhor conselho lhe pareceo aventurarem-se em huma batalha, com a esperança posta em Deos, que ir-se consumindo com a fome poucos, e poucos. A isto teve Antonio Galvão muitos que o contradisseram, mas em fim seu parecer se seguio; e sem mais demora se partio para Talangame, onde estavam quatro vélas, em que haviam de ir, e em duas que eram náos havia de ir elle, e Gonçalo Vaz Sernache, e em hum navio Francisco de Sousa Alcoforado, e em hum calaluz ElRey Cachil Aeiro de Ternate,

[a] Fernão Lopes de Castanheda *no cap.* 160. *do liv.* 8.

e o Samarao com cincoenta Mouros, e os Portuguezes eram cento e ſetenta. Na fortaleza de Ternate deixou Triſtão de Taíde, por ſer o mais idoneo para iſſo, por ſeu esforço, e experiencia, e por ſer tio de D. Eſtevão da Gama Capitão de Malaca, que o ſoccorreria logo, ſe elle Antonio Galvão morreſſe na batalha.

[a] Querendo Antonio Galvão partir de Talangame, lhe ſahio ao encontro huma cilada de dous mil Mouros, com que houve huma eſcaramuça, na qual foi tomado hum Mouro homem de eſpiritos, a quem Antonio Galvão perguntou por o que os Reys determinavam, e elle ſem nenhum medo livremente lhe diſſe toda a verdade, que era eſtarem em Tidore os oito Reys que diſſemos com tantas gentes, que ſe não podiam contar, e que determinavam de o tomar vivo a elle com todos os Portuguezes, para matarem com graves tormentos a Triſtão de Taíde, e aos que com elle eſtavam, e a elle Antonio Galvão, e aos que trouxe comſigo reſgatallos; e que a Cidade de Tidore eſtava fortiſſima com muros, e baluartes, e muitos eſtrepes, que per nenhuma parte podia ſer entrada, e com huma fortaleza ſobre huma rocha talhada, para on-

[a] Caſtanheda, *e* Franciſco de Andrade *no cap.* 44 *da* 3. *Parte.*

onde ſubiam per hum tão eſtreito caminho, que ás pedradas ſe defenderia a ſubida a todo o Mundo, e para ella haviam de ſubir mais de huma legua per caminho muito fragoſo, e cercado de arvoredo; e com tudo o Mouro lhe prometteo de o levar lá, porque (ſegundo elle dizia) quanto mais cedo o levava, tanto mais cedo ſe veria a ſi livre, e a Antonio Galvão cativo; iſto lhe ſoffria Antonio Galvão, porque o guardava para guia, ſe o houveſſe meſter.

Ao ſeguinte dia, em que Antonio Galvão determinava partir, em rompendo a Alva appareceo ao mar huma frota dos Mouros de mais de trezentas vélas de remo; em que vinham paſſante de trinta mil homens de peleja, com os remeiros, que tambem ſe contam por homens d'armas. [a] Porque coſtumam naquella terra os filhos dos Sangages, e dos Mandarijs, e dos meſmos Reys, em quanto são mancebos, andarem ao remo, e prezarem-ſe diſſo, porque dalli vem a ſer mais déſtros nas armas. Aquella moſtra d'Armada quizeram os Mouros dar, ſabendo que Antonio Galvão eſtava de partida para o eſpantarem; porém não ſe chegáram muito para elle, com medo de ſua artilheria; mas entendendo Antonio Galvão

que

[a] Fernão Lopes de Caſtanheda *no cap.* 161. *do liv.* 8. e Francisco de Andrade.

que tudo aquillo eram feros , não deixou de partir , e juntamente partio a Armada dos Mouros , indo ſempre a la mar.

Chegando a Tidore , foram logo as praias cubertas de gente , que o ſahio a ver com grandes gritas ; e começando a deſcubrir a Cidade , começou a diſparar a artilheria della ; mas como os pelouros paſſavam por alto , não lhe faziam damno ; e para conſultar com os ſeus perque parte daria na Cidade , ſurgio ao pé da rocha onde eſtava a fortaleza , por dalli poder melhor esbombardear a Cidade , e eſtar mais amparado da ſua artilheria. Alli tiveram grande altercação ſobre a maneira com que a eſcalariam ; huns queriam que ſe eſcalaſſe per qualquer parte que pudeſſem ; outros eram de parecer que pela parte que era mais forte , porque nella haveria menos gente que a defendeſſe ; outros eram de opinião que ſe tomaſſe a fortaleza primeiro , porque poſto que foſſe difficultoſa couſa , era de menos perigo , por quanto não tinha artilheria , nem tinha gente que a defendeſſe , porque os Mouros tinham por impoſſivel tomar-ſe couſa tão agra , e tão forte , e que ſe a tomaſſem , dahi fariam tanta guerra á Cidade , que os inimigos a deixariam , ou fariam pazes ; e que certo eſtava que ganhada a fortaleza , haviam os Mouros de

per-

perder o animo; e se tomassem primeiro a Cidade, os Mouros se haviam acolher á fortaleza, e que alli lhes não poderiam fazer damno. A este parecer se acostou Antonio Galvão, e todos acordáram, que para aquelle feito levassem cento e vinte Portuguezes escolhidos, e os cincoenta ficassem na Armada para a defenderem, e para em amanhecendo darem vista de si nos navios todos armados, tangendo as trombetas, e atambores, como que queriam desembarcar, para que assi acudissem os inimigos a tolher-lhes a desembarcação, e entre tanto Antonio Galvão com os mais escalarem á fortaleza.

No quarto da modorra do dia do Apostolo S. Thomé, quando os inimigos estavam mais açocegados, desembarcou Antonio Galvão com os seus cento e vinte Portuguezes, com suas espingardas, e lanças, que escravos lhes levavam, que com os Senhores faziam número de trezentos. Tornados os batéis para a Armada, abalou Antonio Galvão para a fortaleza per hum caminho, que estava affastado da Cidade, e hia para cima da rocha que dissemos. Na dianteira hiam Gonçalo Vaz Sernache, Diogo Lopes de Azevedo, Jorge de Brito, Antonio de Teive, D. Fernando de Monroi, Jorge de Teive, e outros homens Fidal-

gos,

gos, e hum Antonio Carneiro, que levava o Mouro que os guiava. No meio hia Antonio Galvão com a bandeira; e na trazeira hiam Francisco de Sousa, João Freire, e outros. Antonio Galvão por os seus não cansarem hia de vagar, e assi ás oito horas de dia chegou meia legua da fortaleza; e appropinquando-se mais a ella, foi sentido das atalaias dos inimigos, que lhes logo deram aviso de quão poucos eram os Portuguezes. Sabendo-os os Reys, com grande alvoroço deram rebate aos seus; e com cincoenta mil homens que se ajuntáram, sahíram logo á pressa para onde Antonio Galvão vinha; o qual ouvindo o estrepito de tanta gente, por se não embaraçar com ella, antes de chegar á fortaleza, deixando o caminho que seguia, se metteo pela espessura grande do mato, onde se encubrio tanto dos inimigos, que o perdêram de vista; e por parecer aos Mouros que com medo se retiráram os nossos, com prazer deram grandes apupadas, que naquelles valles, e lugares concavos retumbavam com tamanho éco, que a qualquer homem de grande coração fizera muito pavor; mas aquelle pequeno exercito Christão, com as esperanças postas só em Deos, hia mui esforçado.

ElRey Cachil Daialo, que era hum valen-

lente cavalleiro, e levava a dianteira, a que era encarregado que fosse o primeiro que désse nos Portuguezes, trabalhou por os atalhar antes que chegassem á fortaleza; e chegando com sua gente a hum escampado, que se fazia entre elle, e a fortaleza, foi alli ter acaso Antonio Galvão, com quem elle quizera fallar, para o deter em palavras, em quanto os outros Reys com o resto do exercito chegavam, para os tomaram vivos ás mãos, porque não se contentavam matallos em peleja. Antonio Galvão que o entendeo, não curou de praticar, senão de vir ás mãos; e mandando tocar as trombetas, arremetteo aos Mouros, chamando por Sant-Iago. Neste primeiro encontro ElRey Cachil Daialo, que armado com huma saia de malha, e huma celada na cabeça pelejava com huma espada de ambas as mãos, cahio de feridas que lhe deram; mas como era mui esforçado, se levantou logo, dizendo, que não era nada, posto que lhe sahio muito sangue. A batalha foi mui travada, trabalhando os Mouros por cercarem os Portuguezes, e os consumirem; o que sem dúvida fora, se ElRey Daialo não tornára a cahir desmaiado do muito sangue que se lhe hia das feridas mortaes, de que dahi a pouco morreo. O qual em cahindo bradou que o tirassem da

ba-

batalha , para que os Portuguezes não se alegrassem com sua cabeça. Quando os Mouros o víram assi levar já quasi morto, perdêram o coração, e sem poderem mais pelejar, começáram a fugir quanto mais cada hum podia, de que alguns por irem mais despejados deixavam as armas; e encontrando-se com a gente dos outros Reys, que os vinham ajudar, se embaraçavam huns aos outros com a pressa, indo huns para a fortaleza, outros para os matos. Antonio Galvão seguindo os que fugiam para a fortaleza, se envolveo com elles, e entrou nella com todos os seus, e os Mouros que entravam, e os que lá estavam tornáram a sahir, e lha deixáram. Antonio Galvão mandou logo pôr fogo á fortaleza; e por as casas serem de madeira, e de cannas, e a cubertura de ola, facilmente foi tudo queimado. Os Reys se acolhêram per esses matos; e o de Tidore tomando suas mulheres, e thesouros, com guarda de quatro mil homens que o ajudavam, deo comsigo em hum profundo valle. Como o fogo foi bem entregue da fortaleza, Antonio Galvão desceo á Cidade; e entrando com grande grita, e estrondo de trombetas, e atambores, os Mouros a desampararam, e toda a fazenda que nella tinham, a que tambem foi posto o fogo, com que ardeo mui-

ta

ta riqueza ; porque como os Mouros eſtavam confiados no forte ſitio em que eſtava, e difficuldade de ir a ella , tinham alli todas ſuas fazendas. Dos Mouros foram muitos mortos, e muitos cativos, e os feridos ſem conto. Da parte dos Portuguezes não morreo peſſoa alguma, tirando hum ſó eſcravo, o qual parecerá duro a quem o ouvir , como perigoſo a quem o eſcreve, ſe ſenão lembrarem quão poucos Portuguezes acabáram já maiores couſas contra mais número de inimigos, a que tiráram as vidas, e os Eſtados. Acabando a Cidade de arder, mandou Antonio Galvão derribar os muros, e baluartes della, e entupir as cavas, e aſſi ficou tudo tão raſo , como ſe nunca alli eſtivera Cidade.

CAPITULO XVIII.

Como os Reys Mouros ſe foram para ſuas terras; e o de Tidore fez pazes com Antonio Galvão.

INdignados os Reys Mouros por a victoria que os Portuguezes delles houveram, com a gente que tinham, determináram de tomar Antonio Galvão quando das náos aonde vinha dormir tornaſſe para a Cidade. Sendo diſto ſabedor Antonio Galvão, quiz-lhe contraminar ſeu diſenho, e ar-

armar-lhe huma cilada de alguma gente ao longo da terra nos navios de remo que tomára, para que vindo os inimigos lhes ficassem os da Cidade detrás, e elle diante; e para que os Mouros de melhor vontade sahissem, se embarcou em amanhecendo a som de trombetas, e atambores; e como os Mouros estavam prestes, sahíram logo a elle para lhe tomarem a dianteira antes que chegasse á terra, e indo assi, foram de subito dar com a cilada, de que logo começáram a esbombardear, e chegar-se aos Mouros, e afferráram huma coracora d'ElRey de Bacham carregada de gente, que não ousando a pelejar, se lançou toda ao mar, ficando a coracora em mão dos nossos. Vendo isto os Mouros que atrás ficavam, se retiráram; e assi não recebêram mais perda; mas os Reys se affrontáram muito, vendo quão pouco montáram seus ardijs, polo que determináram de per mar, e per terra darem em Antonio Galvão; o que vindo á sua noticia, foi sobre elles per terra; e indo per caminhos encubertos, houvera de tomar os inimigos repentinamente, se huns soldados que hiam na dianteira não dispararam as espingardas indo já perto delles; mas todavia com aquelle sobresalto se puzeram em fugida, dos quaes ainda Antonio Galvão alcançou os que hiam na retraguarda, de que

fe-

ferio, e matou alguns, e outros cativou; dos mortos foi hum parente d'ElRey de Geilolo, que era mui esforçado cavalleiro, e de que fazia muita conta, cuja perda os Mouros ſentíram muito, e fizeram por elle grandes prantos.

Os Reys de Bacham, e Geilolo, e os das Ilhas Papuas vendo-ſe desbaratados per tão poucos Portuguezes, ſendo elles tantos, e que perdiam tempo em tentar mais a fortuna contra Portuguezes, imputavam ſeu desbarato á ira de ſeu Mafoma, e ſe foram para ſuas terras, deixando o proſeguimento da guerra para outro tempo mais felice. [a] Os Portuguezes quando víram a partida dos inimigos tão ſubita, ſendo tantos, receavam que foſſem ſobre a fortaleza de Ternate, e com grande inſtancia requeriam a Antonio Galvão que lhe acudiſſe; ao que elle reſpondeo, que quem não defendia ſua caſa, mal poderia tomar a alhea, e que dalli ſe não iria até fazer pazes com ElRey de Tidore, ou o matar. Para pôr iſto em execução lhe eſcreveo huma carta toda cheia de deſculpas por a guerra que lhe fizera, e tambem de queixumes, por a occaſião que elle, e os mais Reys de ſua liga a iſſo deram com lhe engeitar a paz que lhe pedí-

ra,

[a] Fernão Lopes de Caſtanheda *no cap.* 163. *do liv.* 8. e Franciſco de Andrade *no cap.* 45. *da* 3. *Parte.*

ra ; ſendo os Portuguezes taes, que onde quer que chegavam, os maiores Reys lha commettêram ſempre, e com offertas de tributos, e vaſſallagem a ſeu Rey; e elle em vez de pedir paz, e amizade, lha negou, e mandou affrontar com ſuas Armadas, fazendo liga, e conjunção com os outros, ſem elle até então lhe ter feito aggravo algum, antes dado muitas moſtras de quem deſejava ſua amizade; e que pois pela experiencia víra quantos males trazia a guerra, quizeſſe com elle fazer paz, a qual lhe pedia, não por temor algum que tiveſſe, porque os Portuguezes eram homens em cujos animos não entrava medo, mas por a boa fama que delle Rey de Tidore corria, com quem folgára ter amizade, e vizinhança. Communicando ElRey eſta carta com os do ſeu conſelho, todos ſe inclináram a fazer pazes com Antonio Galvão, por a differença que delle viam a Triſtão de Taíde; e porque na maneira que procedia lhes parecia ſer homem humano, e modeſto, e que lealmente lhes conſervaria a paz, porque nos encontros que tiveram nunca conſentio que lhes cortaſſem ſuas palmeiras, nem arvores outras, e que até a ſua Meſquita, que os Chriſtãos tinham por couſa abominavel, lha guardou illéſa, ſem lhes tocar nella; polo que a todos pareceo que [illegible] a paz ;

a paz se havia de fazer ; e entretanto que se capitulava , se fizesse tregua de alguns dias, com condição que se fossem logo de seu porto , e que a paz se assentaria tanto que Tristão de Taíde se fosse de Maluco. Entendendo Antonio Galvão que se se fosse daquelle porto não ficava o concerto fixo, e não se contentando da dilação que haveria até a ida de Tristão de Taíde, mandou dizer a ElRey, que antes de tratar sobre pazes se haviam ambos de ver. ElRey o recusou , por o costume dos Reys daquellas partes , que o vencido não vê o rosto do vencedor antes de passarem seis mezes ; e em seu lugar mandou a Cachil Rade seu irmão , que era pessoa de grande authoridade; e por Antonio Galvão estar bem informado delle, e de suas qualidades, e querer grangeallo para o ter de sua parte contra os outros Reys, antes de entrarem em prática sobre as pazes, lhe commetteo que o faria Rey daquelle Reino de Tidore, se elle quizesse, porque seu irmão, por se levantar contra a fortaleza de Ternate o tinha perdido, e por não querer paz, sendo requerido com ella , e sobre isso lhe fazer guerra. Cachil Rade não acceitou a offerta do Reino, dizendo, que nunca Deos permittiria que elle fizesse traição a seu irmão; e de Cachil Rade lhe não acceitar aquella

of-

offerta, e de não lhe prometter que faria com ElRey ſeu irmão que lhe fallaſſe, foi Antonio Galvão tão deſcontente, que com elle não quiz tratar couſa alguma, e aſſi ficou de guerra com ElRey de Tidore como de antes; mas receando ElRey de eſcandalizar a Antonio Galvão, como experimentado polo paſſado, quebrou o uſo dos Reys de Maluco, e ſem eſperar por os ſeis mezes, ſe vio com elle, levando comſigo ſeu irmão Cachil Rade, e muitos nobres, e aſſentáram paz com condição que ElRey entregaria a Antonio Galvão toda a artilheria que tinha, e todas as armas que foram de Portuguezes; e que por o preço da Feitoria d'ElRey daria todo o cravo, que em ſua terra houveſſe, e que não ajudaria a Rey algum contra Portuguezes. [a] Ficou ElRey tão contente da arte, e brandura de Antonio Galvão, a qual parecia ainda ſendo maior oppoſta á aſpereza, e ſequidão de Triſtão de Taíde, que muitas vezes, aſſi elle como ſeus irmãos, e Mandarijs o hiam viſitar, e comer com elle, como ſe toda a vida ſe converſáram. Mas Cachil Rade em pago da boa conta, em que Antonio Galvão o tinha, e de o querer fazer Rey, o aviſou que ſe não partiſſe daquelle porto de Tidore até as pazes ficarem bem fir-

a Caſtanheda.

firmes, porque ElRey seu irmão era tão importunado dos Reys de Geilolo, e de Bacham, que receava, que tanto que se dalli partisse, lhe movesse guerra em vingança da morte de Cachil Daialo, que fora morto a ferro, que todos estavam obrigados por juramento de vingar, e que assi lho prégavam seus Cacizes. Polo que Antonio Galvão se deteve alguns dias mais; e assentadas as pazes, prometteo a ElRey de lhe mandar reedificar a Cidade de Tidore no mesmo lugar onde estava, e assi o cumprio, começando-a antes que dalli se partisse para a fortaleza de Ternate, onde com grande festa foi recebido por huma tão gloriosa victoria, que daquelles Mouros alcançára.

CAPITULO XIX.

Das muitas inquietações que sempre houve em Maluco entre os Portuguezes, e seus Capitães sobre a compra do cravo: e do trabalho que nisso passou Antonio Galvão.

FEitas as pazes com os estranhos, começáram as discordias com os domesticos sobre a compra do cravo, porque como para a viagem de Maluco, sempre na India se achou gente com difficuldade, assi por o lugar ser tão remoto, como por não

haver outro commercio, nem trato nelle senão o do cravo; e os homens que áquellas partes queriam ir eram plebeios, e de pouca conta, tirando os Capitães, e Officiaes d'ElRey, houve sempre entre elles amotinações, e alvoroços, pelo que convinha aos Capitães dissimular as offensas, e ás vezes as injurias que delles recebiam, por os não deixarem sós na fortaleza, como muitas vezes acontecia. E como ElRey de Portugal não tinha na Ilha de Ternate, e conquista della renda para supprir os gastos que fazia no presidio que hi tinha, e nas Armadas que a ella mandava, o Veedor da fazenda Affonso Mexia enviou a Maluco hum regimento em tempo de D. Jorge de Menezes, perque mandava que o Feitor comprasse quanto cravo houvesse naquellas Ilhas, e carregasse o mais que pudesse para ElRey, e o mandasse á India; e que o que sobejasse da carrega, o vendesse aos moradores da fortaleza com ganho moderado, e que desse dinheiro se pagassem os soldos, e mantimentos dos Capitães, e gente d'armas, e outros gastos da fortaleza; mas este regimento se não acceitou, nem houve effeito por a grande contradição que assi entre os Portuguezes, como entre Mouros houve; e determinando D. Jorge de Menezes, quando foi a Maluco, de executar aquel-

aquelle regimento, mandou apregoar com grandes penas que se guardasse; mas os Portuguezes vendo que se ElRey soubesse o muito que ganhava em haver o cravo todo á sua mão, que nunca mais o largaria, e elles ficariam perdidos, sem terem mais que o mantimento, e o soldo, que se lhes pagava tarde, e mal, determináram-se em não consentir, e valêram-se de Cachil Daroez Governador do Reino de Ternate, a que pedíram o estorvasse; e como elle desejava occasião de os Portuguezes o haverem mester, o fez assi, e mandou, que pois aos Mouros se lhes tolhia a liberdade de venderem o seu a quem quizessem, que tambem elles não vendessem seus mantimentos aos da fortaleza. A discordia da gente, e a falta de mantimentos foi tal, que cumprio a D. Jorge per então dissimular, já que não podia perseverar na defeza que fizera.

A execução deste regimento esteve suspensa até que Antonio Galvão veio, porque os outros Capitães como tinham o tento no cravo, que haviam de tirar de Maluco para levar á India, mais favoreciam a causa dos que compravam, que a dos Officiaes d'ElRey, que o defendiam. E como este negocio do cravo importava tanto á fazenda d'ElRey, e á sustentação da mesma

fortaleza, nunca Antonio Galvão affrouxou de fazer a diligencia possivel, por se não ir contra o regimento, com grande trabalho de sua pessoa [a]; e vindo a monção para ir a Malaca, mandou concertar a náo, de que viera por Capitão Francisco de Sousa, e a outra em que elle mesmo viera, para nella mandar cravo d'ElRey. E porque Tristão de Taíde se havia de ir naquella monção, mandou tirar devassa delle, como se faz dos Capitães que acabam; mas Tristão de Taíde como homem que sabia quantos tinha offendido com sua aspereza, perque não podia dar boa residencia, e que os mais dos que em Ternate havia o accusavam, pedio a Antonio Galvão houvesse delle piedade. E como Antonio Galvão era homem pio, e inclinado a fazer a todos bem, lhe prometteo que assi o faria onde não intervieste cargo de sua consciencia, ou deserviço d'ElRey; e assi muitos homens, que com Tristão de Taíde estavam mal, e delle tinham recebidas muitas más obras, os reconciliou com elle, e fez seus amigos antes de tirar delle devassa; o que Tristão de Taíde agradeceo tão mal, que começou secretamente amotinar a gente, assi para resis-

a Fernão Lopes de Castanheda *nos capitulos* 164. 165. 166. *do liv.* 8. *e* Francisco de Andrade *no cap.* 45. *da* 3. *Parte.*

ſiſtirem á defeza do cravo, como para irem em ſua companhia para a India, ſendo a gente da fortaleza tão pouca, que ficaria ſem ter quem a defendeſſe; e chegou iſto a tanto, que per Antonio Galvão querer executar o regimento, e defender as compras do cravo, eſteve muitas vezes em riſco de o matarem. Polo que tentou ſe com brandura de palavras os podia pacificar, e acabar com elles, que ſe contentaſſem de comprar o cravo ao Feitor d'ElRey, que era muito mais barato que o que queriam comprar dos Mouros; e que melhor era dar hum pouco de ganho a ſeu Rey, para o gaſtar na defensão daquella fortaleza, e delles meſmos, a que mantinha, e dava ſoldo, que darem tão exceſſivo ganho aos Mouros, que deſejavam de os deſtruir. Com iſto lhes jurou em hum Miſſal de não comprar algum cravo para ſi daquelle, para que ElRey lhe dava licença, e mandou a ſeus criados que fizeſſem o meſmo; e certo cravo que de preſente lhe mandáram ElRey de Tidore, e Cachil Rade, o mandou levar á Feitoria para carga das náos. Tudo iſto não pode movellos, mas juntos em aſſuada, tomando por ſua cabeça a Triſtão de Taíde, compravam dos Mouros todo o cravo que achavam, e todo carregavam em hum junco, em que Triſtão de Taíde tinha

par-

parte, e não nas náos d'ElRey; polo que receando Antonio Galvão que se fosse Tristão de Taíde com os mais sem sua licença, e lhe levasse a gente, fez vir o junco, e as náos de Talangame, onde estavam a huma calheta perto da fortaleza, e aos Capitães deo juramento que se não fossem sem sua licença, nem lhe levassem gente, o que elles não determináram guardar; mas com o favor de Tristão de Taíde se ajuntáram armados, dizendo a grandes vozes contra Antonio Galvão, que estava recolhido na fortaleza, que haviam de comprar cravo, e o haviam de defender ás lançadas. Finalmente Tristão de Taíde com os que levou da fortaleza se embarcou, e mandou-lhe Antonio Galvão requerer, que não levasse gente; elle não curou disso, mas soltou palavras descortezes contra Antonio Galvão, o qual indo ao outro dia em busca de Tristão de Taíde, e dos outros para os prender, não achou mais que Diniz de Paiva no junco, o qual se poz a bordo com toda a gente armada, e espingardas cevadas para lhe resistir; e por o mar andar grosso, e o vento ser fresco, escapou. Pelo que Antonio Galvão fez autos, perque os houve a todos por alevantados, e os condemnou em perdimento das fazendas; e logo mandou os autos ao Governador da India, aonde

não

não chegáram, com o favor de Manoel da Gama, que estava por Capitão em Banda, e de D. Estevão da Gama Capitão de Malaca. Polo que na India, nem em Portugal se pode saber dos excessos de Tristão de Taíde, nem do bom serviço que nisso fizera Antonio Galvão, como acontece onde os Reys não são presentes, e a cousa fica em Officiaes, e Ministros.

CAPITULO XX.

Como Antonio Galvão assentou pazes com os Reys de Geilolo, e Bacham, e assocegou os Ternates, que não queriam ter por Rey a Cachil Aeiro.

[a] ACháram-se os Reys de Geilolo, e Bacham tão affrontados por a perda passada, e porque sendo elles tantos, e com tão innumeravel exercito, foram desbaratados per hum Capitão com tão poucos Portuguezs, que como foram em suas terras, se começáram logo a aperceber, e buscarem novas ajudas para virem contra Antonio Galvão, e se satisfazerem daquella perda, e da morte de Cachil Daialo, que por ser morto a ferro, eram obrigados, segundo costume daquelles Mouros, a tomarem delle vingança. Polo que achando-se Antonio Gal-

vão

[a] Fernão Lopes de Castanheda *no cap.* 183. *do liv.* 8.

vão muito falto de gente, por se lhe haver ido para a India a mór parte della com Tristão de Taíde, como assima dissemos, tratou todos os meios que pode para fazer paz com aquelles Reys, a qual não querendo elles acceitar, Antonio Galvão determinou de tomar o risco todo sobre sua pessoa, por a pouca gente que comsigo tinha, e os mandou desafiar, para ambos se matarem com elle, pois elle só era o de que diziam receber offensa. Sendo acceitado o desafio pelos Reys de Geilolo, e Bacham, ElRey de Tidore, e seu irmão Cachil Rade, se mettêram de por meio, e fizeram com que o desafio não fosse por diante, concertando os Reys com Antonio Galvão. E como elle era homem tão inteiro em suas cousas, e tinha fama de homem virtuoso, foram as pazes tão aventajadas, que não sómente os Reys se fizeram seus amigos, mas lhe mandáram os Portuguezes que tinham cativos, e as armas, e artilheria, que aos nossos tinham tomado; e pela mesma maneira lhes mandou Antonio Galvão alguns presentes de cousas de Portugal, em sinal de amizade, a qual estes Reys tambem guardáram, que andando entre aquellas Ilhas dos Papuas duas náos de Castelhanos, os não consentíram desembarcar em seus portos, e lhes mandáram reque-

querer da parte de Antonio Galvão, que ſe foſſem á fortaleza, que nella ſeriam providos de todo o neceſſario; o que os Caſtelhanos não quizeram fazer; e por virem as náos mui abertas da larga navegação, com hum tempo rijo, e contrario que lhes ſobreveio, deram com elles á coſta, onde os mais acabáram, e os poucos que eſcapáram mandou Antonio Galvão reſgatar, e ſoube delles que partíram de Nova Heſpanha, e vinha por Capitão mór Fernão de Grijalva, e hum Alvarado. [a]

Com todas eſtas pazes não eſtava quie-

to

[a] *Eſcreve* Diogo do Couto, *que Fernando Cortes Marques del Vale mandou ao Perú Fernando de Grijalva no anno de* 1537. *em dous navios, hum dos quaes elle tornou a mandar á Nova Heſpanha, e com o outro partio a deſcubrir humas Ilhas, que diziam ficarem a Ponente, e ſerem mui ricas d'ouro. Correndo Grijalva per diverſas derrotas, chegando de huma dellas a 29. gráos da parte do Sul, e d'outra a 25. da parte do Norte, cuidando de tomar a California, não achou terra; polo que requerendo-lhe os do navio que arribaſſe a Maluco por curſarem para lá os tempos; e não o querendo elle fazer, por não entrar na demarcação d'ElRey de Portugal, o matáram, e a Lopo de Avalos ſeu ſobrinho, e elegêram por Capitão ao Meſtre, que logo tomou a derrota de Maluco, no qual caminho acháram tantas calmarias, que quando chegáram aos Papuas não hiam mais que ſete homens vivos. Alli deram á coſta com o navio, que vinha todo desfeito de* 10. *mezes de viagem; e mettidos no batel, chegáram a huma Ilha, que ſe chama Creſpei, onde os cativáram, e alguns foram ter a Ternate, que Antonio Galvão recolheo, agazalhou, e proveo de tudo que lhes era neceſſario. Cap.* 5. *do liv.* 6. *da Decada* 5.

to em Ternate Antonio Galvão, pelas differenças, e sedições que havia entre os mesmos Ternates sobre o Reinado de Cachil Aeiro, em que os Sangages, e Mandarijs não queriam consentir, dizendo, que era bastardo, e que o Reino pertencia per legitima succesão a Tabarija filho legitimo d'ElRey Boleife, que Tristão de Taíde mandára prezo á India sem causa. Polo que com grande instancia requeriam a Antonio Galvão, que escrevesse ao Governador da India lhes mandasse seu legitimo Rey, que injustamente fora privado do Reino per Tristão de Taíde, como foram indevidamente feitas outras muitas cousas per elle. Incitava-os ainda mais a insistirem neste requerimento ser o Samarao Governador do Reino homem de que elles não eram contentes, por a razão que dissemos. Tinha a este tempo Antonio Galvão tão pouca gente na fortaleza, que a nenhuma sedição dos Mouros que houvesse se atrevia resistir. Polo que vendo que a seguridade daquella fortaleza, e do Senhorio que ElRey de Portugal tinha em Maluco, consistia em pacificar os Ternates, que andavam divididos, trabalhou quanto lhe foi possivel por procurar a amizade com elles, e ficar Rey Cachil Aeiro. [a] Os Sangages, que de nenhuma

[a] Castanheda.

ma maneira queriam tirar o Reino a Tabarija, e desejavam com muitas véras privar do governo ao Samarao, commettiam partido a Antonio Galvão, que privasse do Reino a Cachil Aeiro, e que elle servisse de Rey, em quanto Tabarija não vinha, o que Antonio Galvão não quiz acceitar, como homem zeloso do serviço d'ElRey, e pouco ambicioso como elle era, receando tambem, que por elle ser Christão, o povo não perseveraria em querer ser rigido per elle. A bondade que Antonio Galvão nisto mostrou, e a pouca cubiça que os Mouros nelle víram, ganhou grande fama entre elles, vendo que engeitava a governança de hum Reino, de que tanta honra, e proveito lhe pudêra vir, e não acabavam de o louvar; e assi tanto pode com elles a virtude de Antonio Galvão, e o favor que ElRey de Tidore, e Cachil Rade seu irmão nisso deram, que os Sangages, e Mandarijs do Reino reconhecêram por seu Rey a Cachil Aeiro, e ao Samarao por Regedor, e os obedecêram como taes.

[a] Com este assento de concordia, que Antonio Galvão fez, todos aquelles Ternates, que por as sedições, e trabalhos passados do tempo de Tristão de Taíde, e de seus antecessores na Capitanía, andavam espalhados

a Castanheda.

dos per outras Ilhas, por aggravos, ou medo, ſe tornáram a recolher, e povoar a terra, e gozar dos bens que a paz traz comſigo; polo que huns, e outros confeſſavam ter grande obrigação a Antonio Galvão, e punham ſuas couſas no Ceo quando comparavam o bom tratamento, que nelle achavam, com o máo que recebêram dos que o precedêram no cargo.

CAPITULO XXI.

Como Antonio Galvão mandou ao Moro contra hum levantado, que foi morto, e desbaratado: e da muita diligencia que fez ſobre a conversão dos Gentios das Ilhas de Maluco.

ACabadas as differenças, que Antonio Galvão trazia com os Reys Mouros de Maluco, vindo á ſua noticia que no Moro andava hum Capitão alevantado, que aſſoberbava aquella terra com huma grande Armada que trazia, ameaçando que havia de correr a Ternate, mandou huma Armada de certas coracoras, que lhe ElRey de Tidore empreſtou, e por Capitão dellas hum Clerigo per nome Fernão Vinagre homem audaz, e de bons eſpiritos, com ſós quarenta Portuguezes, que foſſe em buſca delle, para o amançar do orgulho que trazia,

zia. O Clerigo pelejou com aquelle Capitão, e lhe deo batalha, em que o matou, e a hum ſeu irmão, e a gente foi desbaratada, e poſta em fugida.

Havida eſta victoria, Fernão Vinagre pacificou a terra, e fez muitos Chriſtãos. Antonio Galvão vendo tão bom ſucceſſo, o tornou lá mandar para ganhar a vontade daquellas gentes, e os perſuadir ſe converteſſem á Fé de Chriſto; o qual com ſua prégação, e perſuasões fez muitos mais Chriſtãos, cujos filhos trouxe comſigo a Ternate para ſe hi crearem entre os Portuguezes [a], os quaes Antonio Galvão mandava doutrinar nas couſas da Fé, e enſinallos a ler, e eſcrever; e para os noſſos ſerem mais ſeguros com os filhos daquelles homens nobres, que tinha como arrefens de ſua Chriſtandade, e amizade, aos pais quando os vinham ver, dava peças, e dadivas. Polo que era Antonio Galvão tão acreditado com aquellas gentes, por a juſtiça, e equidade, com que procedia com os homens, que entendiam, que o Deos que elle adorava era o que ſe havia de crer; e a religião que elle profeſſava, ſe havia de ſeguir: tanta efficacia tem a virtude, e o bom exemplo do que quer incitar, ou converter a outros a bem viver. Sobre a conversão deſtes Gentios houve outras

a Fernão Lopes de Caſtanheda *no cap.* 203. *do liv.* 8.

tras muitas occasiões, que Antonio Galvão buscou, porque a todos negocios a que mandava, sempre encommendava em primeiro lugar o de salvar almas, como foi quando mandou Diogo Lopes de Azevedo, Capitão mór do mar de Maluco, em busca de huma Armada mui grossa de juncos da Jaoa, Banda, Macaçar, e Amboino, que soube vinham buscar cravo a Maluco, a cujo troco traziam para dar aos Mouros muitas armas, e artilheria em nosso damno, donde depois seriam máos de lançar, por cuja vinda, e commercio se tolheria haver-se o cravo para ElRey de Portugal. Polo que Diogo Lopes com sua Armada, que era sómente de quarenta Portuguezes, e duzentos Ternates, e outros duzentos homens, que lhe emprestou ElRey de Tidore, com os quaes hia Cachil Rade seu irmão, os foi buscar, e achou a Armada em Amboino, onde pelejando com elles, os desbaratou, e fez fugir com morte de muitos; e nos juncos que tomou achou muitas armas, e artilheria, e dinheiro que levavam para emprego do que hiam buscar. Indo Diogo Lopes ao longo daquella costa, assentou paz, e amizade com toda a gente della; e aos moradores de tres lugares, que se chamam Ataviá, Matelo, e Nucivel, fez tornar-se Christãos [a]; e des-

a Castanheda.

e deſtas partes trouxe comſigo hum irmão d'ElRey de Ternate, que lá andava retraido do tempo de Triſtão de Taíde, que o perſeguia; e a Cachil Vaidua, a que Dom Jorge de Menezes mandára affrontar, como atrás diſſemos.

[a] Naquelle meſmo tempo vieram a Ternate dous irmãos Macaçares [b], homens nobres,

a Diogo do Couto *cap. 2. do liv. 7. da 5. Decada.*

b *Eſtes Macaçares, ou Macaças, como outros lhes chamam, são naturaes de huma Ilha do meſmo nome, que com outras muitas juntas, os Geografos erradamente fazem de todas huma ſó, com nome de Cellebes, prolongada do Norte ao Sul, deſde hum grão da Equinocial da parte Septentrional, até cinco e meio da parte Auſtral. São eſtas Ilhas ſenhoreadas de muitos Reys differentes nas linguas, ritos, e coſtumes. O Reino dos Bogis occupa a parte mais Septentrional, cuja Cidade principal ſe chama Savito, grande de caſas nobres de madeira. O Reino de Macaça he vizinho a eſte, ſua Cidade principal ſe chama Goa. Segue-ſe o Reino Dirapa, e a eſte o de Chirraná, e o ultimo, e mais Auſtral he o dos Cellebes. Tem eſtas Ilhas outros muitos regulos ſujeitos a eſtes Reys, e nellas ha ſandalo, aquila, lacre, algodão, cobre, ferro, chumbo, e muito ouro, de que as mulheres fazem manilhas para os braços. Tem pedraria vermelha, de que fazem joias. Tecem-ſe nellas muitos pannos de ſeda. São mui abaſtadas de arroz, legumes, frutas, ſal, tem cavallos, elefantes, carneiros, bufaros, veados, porcos, gallinhas, perdizes, e toda a mais caça do mato, mas não tem vacas. Navegam os naturaes deſtas Ilhas em humas embarcações chamadas Pelan, eſtas são de remo, e de guerra, ás de carga chamam Lopi, e Jojoga. São todas eſtas gentes de côr báça como os Malucos: os homens bem diſpoſtos, e gentis-homens: as mulheres formoſas, e de grande ſerviço.* Diogo do Couto *Dec. 5. liv. 7. cap. 2.*

bres, que ſe fizeram Chriſtãos, de que hum ſe chamou Antonio Galvão, como ſeu padrinho, e outro Miguel Galvão: eſtes tornáram á ſua terra; e querendo depois vir viſitar ſeu padrinho, trouxeram certos navios carregados de ſandalo, e algum ouro, e mercadorias, que diſſeram havia nas ſuas Ilhas, e nas dos Celebes, aonde, ſe os Portuguezes foſſem, ſe converteriam muitos, e fariam proveito em ſuas mercadorias. Com eſtes vinham alguns mancebos Fidalgos, com tenção de ſe fazerem Chriſtãos, como de feito fizeram. Vendo Antonio Galvão que de hum caminho ſe podiam ganhar almas, e fazenda, mandou áquellas partes hum cavalleiro honrado chamado Franciſco de Caſtro, e com elle dous Sacerdotes, a que deo hum regimento, para que aſſentaſſe amizade com os Reys daquellas terras, e que os induziſſe a tomarem noſſa Fé, e lhes deo peças, e preſentes. Partido Franciſco de Caſtro de Ternate, deo-lhe hum tempo tão rijo, que lhe foi forçado correr á vontade dos ventos; e no cabo de alguns dias foi dar com humas Ilhas ao Norte de Maluco mais de cem leguas, até então não deſcubertas, nas quaes ſoube, que aquella a que aportou ſe chamava Satigano, cujo povo, e Rey eram Gentios. Aſſentou logo Franciſco de Caſtro com elle amizade; e para fir-

firmeza della, se sangráram ambos no braço ao costume daquella gente, e bebeo hum o sangue do outro. ElRey se fez Christão dahi a poucos dias, e com elle se baptizáram a Rainha, e hum seu filho, e tres irmãos d'ElRey, e muitos Fidalgos, e gente popular; e gastando nisso vinte e dous dias, se partio Francisco de Castro, deixando a todos muita saudade; e passando ao longo da Ilha de Mindanao, chegou a hum rio, ao longo do qual estava huma Cidade chamada Soligano [a], cujo Rey se fez Christão, e com elle a Rainha, e duas filhas suas, e muitas pessoas outras. Na mesma Ilha se fez Christão ElRey de Butuano; (a que chamáram ElRey D. João o Grande,) e ElRey de Pimilarano, que tomou o mesmo nome de D. João; e ElRey de Camisino, que se chamou D. Francisco, e assi se convertêram as mulheres, e filhos destes Reys, e muita parte de seus vassallos. Querendo Francisco de Castro passar desta Ilha á de Macaçar, foi-lhe o vento tão contrario, que se houvera de perder, tentando-o muitas vezes. Polo que os que com-

[a] Diogo do Couto *diz, que Soligano he Ilha, e assi o são Butuano, Pimilarano, e Camisino; e que no anno de* 1543. *chegou a ellas, e a de Mindanao Bernardo de la Torre Capitão da frota de Ruy Lopes de Villalobos, o qual se tem por o primeiro descubridor de Mindanao, porém que o foi Francisco de Castro. Cap.* 2. *do liv.* 7. *da* 5. *Dec.*

comſigo levava, não quizeram que tornaſſe a tentar caminho tão perigoſo, e voltou para Ternate com muitos filhos daquelles que ſe tornáram Chriſtãos. [a] Para os quaes ordenou, e fundou Antonio Galvão com muito goſto de ſua fazenda hum Seminario, que foi o primeiro de todas aquellas partes Orientaes, em que creando-ſe aquelles moços no leite, e doutrina Chriſtã, pudeſſem vir a ſervir na conversão de ſeus naturaes, meio que para a reformação de toda a Igreja Catholica, o Sagrado Concilio de Trento depois approvou, e eſcolheo. Vendo os Cazices quanto ſe dilatava a Chriſtandade naquellas Ilhas, e que ſe abalava todo Maluco para receber, e ſeguir a noſſa Fé Santa, requerêram aos Reys que acudiſſem pola honra, e ſeita do ſeu Profeta, ſob pena de ella, e elles por lhe não valerem acabarem mui de preſſa; nem ceſſáram até os Reys de Maluco mandarem per ſuas provisões, com pena de confiſcação da fazenda, e deſterro, e cativeiro da peſſoa, que nenhum da má ſeita a deixaſſe. Mas não puderam as ameaças dos Reys, e brados dos Cazices impedir a muitos que não correſſem ao Sagrado Baptiſmo, entre os quaes Cachil Colão do conſelho d'ElRey de Ternate, trabalhando ElRey polo tirar de ſeu

bom

a Diogo do Couto *no cap.* 2. *do liv.* 7. *da* 5. *Dec.*

bom propoſito, fugio para a noſſa fortaleza, onde foi logo com todos os de ſua familia baptizado, tomando por nome Dom Manoel Galvão. Veio apôs eſte hum ſobrinho d'ElRey de Geilolo, que ſem reſpeito do tio, trocou ſanta, e animoſamente a falſidade Mahometana pola verdade da Fé; mas a conversão de hum Mouro Arabio havido por parente em ſangue do meſmo Mafamede, homem de tanta authoridade entre todos aquelles Principes, que o reſpeitavam, e veneravam como a ſeu proprio Califa, foi a que maior gloria rendeo a Chriſto. Eſte com grandes demonſtrações de alegria, e feſta de todos os Chriſtãos, foi polo Santo Baptiſmo contado entre elles; e a todos recebeo, amparou, e honrou Antonio Galvão com tanto amor, e liberalidade, que pouco mais que durára o tempo da ſua Capitanía, ou ſe lhe perpetuára, (como pediam a ElRey D. João os Reys, e póvos de todas aquellas Ilhas,) ſem dúvida todas ellas, além dos grandes intereſſes da Coroa deſte Reino, recebêram noſſa Santa Lei; mas nem nós, nem ellas merecemos huma tão grande mercê de Deos.

CAPITULO XXII.

Como Antonio Galvão ſoltou ElRey Cachil Aeiro da prizão, em que eſtava: e dos muitos beneficios que fez aos Ternates.

VEndo-ſe Antonio Galvão aſſocegado, e em paz com os Ternates, e com os Reys ſeus vizinhos, converteo o animo a fazer aos Ternates tantos beneficios, com que ſe compenſaſſem as afflicções, e damnos, que da aſpereza dos Capitães paſſados tinham recebidos; e primeiro que tudo, parecendo-lhe grande ingratidão a que ſe uſára com ElRey Boleife, em lhe prenderem todos ſeus filhos, e os terem como cativos, ſendo aquelle Rey o que agazalhou aos Portuguezes, e os acceitou por hoſpedes, e amigos, e lhes deo lugar em ſua terra para fazerem a fortaleza, ſoltou da prizão a ElRey Cachil Aeiro, e o deixou ir livremente para a Cidade, e lhe entregou inteiramente a adminiſtração do ſeu Reino, e lhe deo licença que caſaſſe, o que aos Reys de antes ſe não permittio, depois que a fortaleza ſe fez. [a] Por eſta liberdade, que Antonio Galvão deo a ElRey, lhe ficou elle tão obrigado, e o povo todo, que o nome que entre todos tinha era de pai, e co-

a Fernão Lopes de Caſtanheda *no cap. 202. do liv. 8.*

como tal o amavam, e obedeciam; nem ElRey, e ſeus Mandarijs faziam couſa alguma ſem ſeu conſelho; e para as couſas de Antonio Galvão ficarem entre elles em perpétua lembrança, faziam os Ternates cantares em ſeu louvor, que ao ſeu modo são as Chronicas, perque ſe ſabem nos tempos vindouros o que fizeram ſeus paſſados, e quem foram. Da meſma maneira era Antonio Galvão bemquiſto dos Portuguezes, e a todos obrigou com muitos beneficios, que lhes fez; porque devendo-lhes os Mouros muitas dívidas de ſeus contratos, e diſtratos, que faziam entre ſi, que os Capitães paſſados nunca foram poderoſos para lhas fazer cobrar, elle fez com que de boa vontade, e ſem contenda lhes pagaſſem; e devendo ElRey de Portugal muitos ſoldos, e mantimentos aos Portuguezes, que eſtavam em Ternate, não tendo ſeus Feitores dinheiro, elle o empreſtava com grande perda ſua: da meſma maneira gaſtava do ſeu com os doentes, que curava á ſua cuſta, e em outras obras pias que fazia aos que cahiam em neceſſidade; e como hum dos frutos da paz he o ornamento, e concérto das couſas públicas, naquelle tempo em que ſe vio quieto reedificou a fortaleza de edificios, e officinas neceſſarias de pedra, e cal, que antes ao coſ-

tu-

túme da terra eram de cannas, e materiaes fracos, e tudo cercou de muro. Aos Portuguezes fez edificar ſuas caſas de pedra, e cal, e com chaminés ao noſſo modo, com que aquella povoação ficava parecendo de Portugal; e por a entrada do porto ſer difficultoſa, por hum penedo que eſtava no meio da barra, mandou quebrar eſte penedo, e levantar tanto o arrecife, que ficou feito hum molle, com que o porto ficou facil, e ſeguro. E porque o que áquella fortaleza mais cumpria era ter gente arreigada, que por qualquer leve couſa ſe lhes não foſſe, como muitas vezes ſe fazia, ficando a fortaleza ſó ſem ter quem a defendeſſe, formou huma nova colonia, fazendo com ElRey Cachil Aeiro que déſſe terras aos Portuguezes que lavraſſem, e plantaſſem, com que fizeram quintãs, em que traziam muito genero de gado, e ave; e para ornamento da Cidade trouxe agua de tres leguas per canos, de que a gente, e os gados bebiam, e ſe regavam as hortas, e pomares; e aſſi incitou com ſeu exemplo aos Mouros, que occupados em lavrar, e ſemear as terras, e crear gado, ſe eſqueciam das guerras, em que de continuo andavam, e de ſoldados ſe tornavam lavradores. ElRey de Ternate vendo o ornato da noſſa Cidade, cubiçou fazer outro tanto

to á ſua; e com ordem de Antonio Galvão a ennobreceo de edificios, e outras couſas; muitas outras fez Antonio Galvão, perque com razão lhe pudéram os Ternates chamar Pai da Patria. [a]

DE-

a Foi Antonio Galvão o quinto filho de ſeu pai Duarte Galvão, e o menor de ſeus irmãos, que todos morrêram em ſerviço de ſeu Rey. Levou a Maluco fazenda que valia dez mil cruzados, que todos gaſtou em defender, reedificar, e conſervar em paz a fortaleza de Ternate, em reduzir os Reys daquellas Ilhas á obediencia, e amizade d'ElRey de Portugal, e em procurar que todo o cravo dellas vieſſe á mão de S. A. que lhe renderia mais de quinhentos cruzados cada anno, com grande damno da fazenda delle Antonio Galvão; porque fazendo cravo para ſi, como fizeram todos os outros Capitães de Ternate, viera a Portugal muito rico, e não ſem fazenda como veio, cheio de confiança, que pelo que tinha feito havia de ſer mais favorecido, e honrado, que ſe trouxera cem mil cruzados: mas elle não achou outro favor ſenão o dos pobres miſeraveis, que he o hoſpital onde ſe recolheo, e morreo. Do hoſpital lhe deram a mortalha; e a Confraria da Corte, como a Cortezão pobre, e deſamparado, lhe fez o enterramento, deixando dous mil cruzados de dividas, parte que trouxe da India, e parte que alguns ſeus amigos lhe empreſtáram para ſe manter dezeſete annos que viveo no hoſpital, porque em todos elles nunca d'ElRey houve mercê alguma para ſe remediar; nem de dez livros das couſas do Maluco, que deixou eſcritos, que ſe entregáram per mandado d'ElRey a Damião de Goes, ſe deo ſatisfação para deſcarregar ſua alma. Fez hum tratado dos deſcubrimentos das Antilhas, e India, que Franciſco de Souſa Tavares ſeu teſtamenteiro imprimio em Lisboa no anno de 1563. e dedicou ao Duque de Aveiro D. João; e eſta foi a ſatisfação dos aſſignalados feitos de Antonio Galvão, a quem nunca as proſperidades das victorias de Maluco enſoberbecêram, nem as adverſidades, e contínuos deſprezos de Portugal deſanimáram.

DECADA QUARTA.
LIVRO X.

Governava a India Nuno da Cunha.

CAPITULO I.

Das cousas, que houve para Soleimão Emperador dos Turcos mandar á India huma grande Armada contra os Portuguezes.

NO Sexto Livro desta Decada [a] fica dito como vindo Soltam Badur Rey de Cambaya a Dio desbaratado d'El-Rey dos Mogoles, mandou pedir soccorro ao Grão Turco per Safchan; e que para ganhar sua amizade, e favor, lhe mandára hum riquissimo presente, e dinheiro para pagamento da gente que lhe mandasse. Este Safchan foi apportar ao porto de Judá, donde de sua chegada avisou a Soleimão Baxiá Governador do Cairo, de cuja vin-da,

a Capitulo 11.

da, e causa della Soleimão o escreveo logo ao Turco; o qual cubiçoso de ver tão rico presente, mandado per hum Principe tão poderoso, e de terras tão remotas, mandou a Soleimão, que a fazenda de mais substancia, e de menos volume lhe levassem per terra ao Cairo, e a outra per mar; e para trazer a que havia de vir per terra; mandou Janá Hamed Zaoi seu Veedor da Fazenda com trezentos de cavallo, por causa dos Alarves, e cincoenta azemalas; e para a que havia de vir per mar mandou hum Hamed Raez, que depois per desgostos que teve de Soleimão Baxiá em Cambaya, se sahio da Armada, e per terra foi a Goa, onde se fez Christão, e se chamou Garcia de Noronha, por amor de D. Garcia de Noronha, que então era Viso-Rey. Esta fazenda toda esteve no Cairo em poder de Soleimão Baxiá, e Safchan, até que foi recado ao Turco como Soltam Badur Rey de Cambaya era morto pela maneira que contamos. Com esta nova, que para elle não foi mui triste, escreveo logo a Soleimão Baxiá, que lhe levasse a fazenda per terra, e com elle fosse Safchan, e Janá Hamed Zaoi, que a fora buscar a Judá. Esta fazenda toda dizia o Turco que lhe pertencia per direito, e que com justiça a podia tomar; porque quando Mustafá, que

de-

depois ſe chamou Rumechan fugíra para Cambaya, ſendo ſeu Capitão, em navios, munições, e dinheiro dos rendimentos das terras de Zeibid levára quaſi outra tanta quantia, e que ſe deſcontava huma couſa por outra; e que em ElRey Badur recolher tamanho roubo, fizera hum grande peccado, que não pudéra pagar com menos que com a maldade que lhe Rumechan fizera, até vir ao eſtado da morte que houve, e elle daquella maneira haver pagamento do ſeu.

Com o theſouro partíram Janá Hamed Zaoi, e Safchan, e tudo leváram fechado, e ſellado como viera; e porque o Turco o queria ver com Soleimão Baxiá, o mandou vir; e para o Cairo não eſtar ſem Governador, mandou que ficaſſe em ſeu lugar Ucaraf Baxiá, e Soleimão partio para Conſtantinopla, aonde chegou a tempo que havia quatro dias que os outros eram chegados com o theſouro, o qual não quiz o Turco que ſe abriſſe ſenão perante o meſmo Soleimão, por razão do ſello, que lhe elle tambem puzera. Quando o Turco vio tão grande riqueza d'ouro, pedraria, perolas, e moeda, e tanta policia de peças de diverſos uſos daquelle Principe do Oriente, cujos feitios eram de mais preço que a meſma materia, ficou maravilhado, e entendeo

a ven-

a ventagem, que as terras donde aquillo vinha, tinham ás ſuas, que ficavam parecendo pobres em ſua comparação, e accendeo-ſe em grande deſejo de conquiſtar a India, a cuja conquiſta determinou mandar logo huma Armada; e quem fazia iſto mais facil era Jorge o arrenegado, que fora de Dio com Safchan, que por ſer homem mui importante á navegação, Soleimão Baxiá o fez vir de Suez, aonde viera com a fazenda que veio per mar; eſte lhe deo muitas razões, desfazendo no poder dos Portuguezes, e dizendo-lhe quão leve couſa era ſer S. Mageſtade Senhor do Eſtado que elles na India tinham; e que, como iſto tiveſſe, ficava Senhor do Mundo, porque na India era hum Sol, que o alumiava todo. Eſtas razões abonava o Alvaro Madeira Piloto Portuguez, que fora enviado ao Turco per ElRey de Xael, com os outros Portuguezes, que tomou com D. Manoel de Menezes, como atrás diſſemos. [a] Eſte lhe promettia de ir por Piloto mór da Armada, moſtrando ſer muito experto na navegação da India, o que elle dizia, não por ter o animo tão damnado que eſperaſſe de fazer o que promettia, quanto por lhe darem algum favor em ſeu cativeiro, até lhe Deos dar modo com que ſe livraſſe; e aſſi foi, que

[a] *No cap. 14. do liv. 8.*

que fugio, e veio a Portugal, e deo conta a ElRey dos grandes apparatos que se faziam para huma Armada, que o Turco queria mandar á India.

CAPITULO II.

Como o Grão Turco mandou huma grossa Armada á India, de que fez Capitão mór Soleimão Baxiá, das qualidades de sua pessoa, e crueldades que fez antes de sua partida, e depois della.

DEterminado o Turco em conquistar a India, e tirar aos Portuguezes (se pudesse) a posse que della tinham, cuidando quem mandaria por Capitão geral para tão importante empreza, succedêram muitos meios para Soleimão Baxiá o ser, que como era homem grandemente ambicioso, e cubiçoso das riquezas da India, de que víra tão grande mostra, per todas as maneiras possiveis trabalhou por impetrar o que pertendia, não sendo elle o mais sufficiente que outros para aquelle cargo; mas de huma parte a Mãi do Turco, que queria bem a Soleimão por haver sido criado antigo de Selim seu marido, e da outra parte a mulher legitima do presente Turco Soleimão, que lhe tinha odio secreto, e o desejava

fó-

fóra do Cairo, por favorecer a Mustafá seu enteado, a que o Baxiá tinha perfilhado, o ajudáram em sua pretenção, e assi o Turco, posto que tinha homens de grande experiencia na guerra, e muito mais aptos para esta empreza, que Soleimão Baxiá Governador do Cairo elegeo para elle, e não aos outros, porque além de o ter por leal, e estava delle seguro que se lhe não levantaria, como outros fizeram, era homem menos custoso, (o que os Principes pela maior parte tem por mais proveitoso,) e sendo mui rico, tudo o que acquiria era para Mustafá seu filho, e se offereceo a fazer esta Armada á sua propria custa, sem querer mais delle que a gente, e artilheria; assi que havendo estes differentes respeitos, todos foram em lançar Soleimão Baxiá na India, sem haver mais causa que o appetite, e interesse destas partes; dos quaes respeitos particulares nascem ácerca dos conselhos dos Principes geraes damnos seus, como veremos que succedeo a este.

Era este Soleimão capado, de nação Grego Janiçaro natural da Morea, que ao Grão Turco Selim servíra de porteiro da Camera, e ao presente Soleimão seu filho de guarda de suas mulheres: as feições de sua pessoa eram correspondentes á fealdade de seus costumes. Sendo pequeno de corpo, era

era gordo em demazia, e com a gordura tinha huma papada tão grande que lhe cahia sobre os peitos, e a barriga tão lançada por diante, que parecia mais largo que comprido; e como era de mais de oitenta annos, e com a velhice tinha as sobrancelhas, e pestanas muito brancas, o faziam mais disforme, e terrivel em seu aspecto; e com a muita carne era tão decepado, que donde se assentava não podiam quatro homens levantallo; mas tudo o que lhe faltava nas forças do corpo, sobejava na malicia, e crueldade, condição natural de capados covardes.

Tanto que Soleimão Baxisi se vio eleito para esta empreza, partio de Constantinopla, mandando primeiro madeira diante ao Cairo, para dahi a levarem per terra a Suez, e se fazerem vinte e quatro galés, com que quiz accrescentar a Armada que lá estava havia tantos annos, que os Governadores do Cairo seus antecessores mandáram fazer para se levantarem. Chegado Soleimão áquella Cidade, despedio para Suez os Officiaes, e mais cousas necessarias para a Armada que havia de levar, e elle ficou no Cairo recolhendo a gente que tinha mandado fazer; e como se vio tão favorecido do Turco, a cuja cubiça, e ambição hia satisfazer, com pretexto de bom servidor, fez

fez graviſſimas extorsões , e cruezas , aſſi nos moradores do Cairo , como de outras partes , dos quaes houve a fazenda com morte de ſuas peſſoas , como foi a de hum grande Senhor de nação Arabio per nome Mir Daud , que tinha titulo de Rey da Provincia de Thebaida aſſima do Cairo , a que os naturaes agora chamam Saida , que era o homem de maior Eſtado , e poder que havia no Egypto. A cauſa da morte deſte foi mandar-lhe Soleimão Baxiá pedir cinco mil homens ſeus para remar as galés , e elle ſe deſculpar que ſeus vaſſallos não eram homens para poder ſervir no mar , por não ſerem coſtumados a iſſo ; o qual por não parecer que recuſava ſervir ás couſas de ſeu Senhor o Grão Turco , veio ver Soleimão com mil eſcravos negros dos Nubijs comprados por ſeu dinheiro , cuidando que por aquelle ſerviço o Turco lhe faria mercê , e Soleimão lhe daria agradecimentos ; e elle , em lugar delles , o mandou enforcar , com achaque , que o pão que pagava de tributo ao Turco cada anno , de que ſe fizera o biſcouto para a Armada , e os mais legumes , vieram muito miſturados com terra. A morte deſte homem foi cauſa de grande eſcandalo em todo o Egypto , por ſer cabeça dos Arabios delle , cujo Eſtado era tão grande , que o tributo que dava cada anno

ao

ao Turco em trigo , cevada, e legumes de toda ſorte, (porque a terra não era de trato , e tinha pouco dinheiro,) era em tanta quantidade, que ſe affirmava que quaſi igualava ao quinto do que rendiam as novidades de todo o Egypto, além de duzentos quiçaes d'ouro , que cada anno pagavam ao meſmo Turco, de que cada hum valia ſeiscentos e quinze cruzados. O Eſtado deſte Mir Daud deo Soleimão a Manſor parente do meſmo Daud , (que eſtava prezo havia quinze annos em modo de arrefens , por ſe o parente não levantar,) parecendo-lhe que com eſta eleição ficaria quieta aquella Provincia ; porém outros parentes , e os criados, e mais familia de Mir Daud, ſe recolhêram com hum parente poderoſo per nome Abumazá ; e ſendo em número de mais de cincoenta mil caſas, foram habitar junto das Catadupas do Nilo, a que elles chamam Cabel Elavat, que são ás ſerras que divïdem aquella região dos Reinos de Egypto. Mandou tambem Soleimão Baxiá, como homem féro, e ſem lei, matar no meſmo dia Janá Hamed Zaoi Vecdor da Fazenda do Turco, e a hum ſeu filho per nome Cide Juçuf com muita crueldade, e lhe tomou a fazenda, e depois tres náos, que tinha em hum dos portos do Eſtreito, com que accreſcentou ſua Armada,

por

por ſaber que elle eſcrevêra huma carta ao Turco dos roubos, e males que elle Soleimão fazia, a qual carta o Turco mandou ao meſmo Soleimão para que a leſſe; e aſſi matou outros tres homens principaes, por lhe não concederem o que pedia, e deixou ordem a Uçaraf Baxiá, que ficou em ſeu lugar por Governador do Cairo, para que mataſſe a Abedeliuab Mouro rico ſenhor de mais de cincoenta lugares contra Damiata, porque o não podia haver ás mãos para o matar. Eſtes foram os ſacrificios, e oblações que fez, e eſmolas que deo por lhe Deos dar proſpera viagem.

Do Cairo partio Soleimão para Suez, e chegado áquelle porto, deo preſſa á Armada, de que já achou a mór parte no mar, e em breve eſpaço ajuntou ſetenta e duas vélas, das quaes eram quinze galés baſtardas, de trinta e tres bancos cada huma, vinte e cinco galés Reaes de trinta bancos, dez galés ſubtijs, quatro albetoças, ſeis galeões de duas gáveas, quatro náos de carga, oito navios menores para munições. A gente de guerra que neſta Armada hia eram mil e quinhentos Janiçaros, dous mil Turcos, quinhentos Mamelucos da guarda do Baxiá, que elle fez no Cairo, e outros tres mil homens, que ſe levantáram na Natolia, Alexandria, Damia-

ta, e outros portos do mar Mediterraneo. Hia esta Armada mui bem chusmada, e mui provída de marinheiros, comitres, calafates, carpinteiros, e bombardeiros; a maior parte destes Officiaes foram cativos nas galés Venecianas, que a este tempo acertáram estar em Alexandria, as quaes mandára reprezar o Baxiá, por o Turco romper nesta conjunção as treguas que Baiazeto fizera com a República Veneciana. [a] E porque Soleimão per sua muita idade, e indisposição não poderia supprir todos os encarregos de Geral, fez Capitão mór do mar a Juçuf Mouro Arabio, que era Capitão de Alexandria, reservando elle para si o supremo mando, e governança de tudo. Tambem levou comsigo para o ajudarem cinco Capitães antigos, Barharam Bec, Iça Bec, Mahamed Bec, e Mustafá Bec, Qucuam Bec, todos homens experimentados na guerra de mar, e terra, ordenados para naquella jornada servirem de Capitães de quaesquer fortalezas que Soleimão tomasse; e como a gente foi junta, forneceo a Armada de muita, e mui grossa artilheria, e de todas as munições, e mantimentos necessarios, e mandou antes da sua partida que se embargassem

a Esta paz fizeram os Venecianos com Baiazeto no anno de 1503. e no de 1537. a rompeo Soleimão neto de Baiazeto filho de seu filho Selim. Pedro Bembo *na Historia de Veneza.*

ſem todos os navios que hi eſtavam, aſſi dos naturaes, como de eſtrangeiros Malavares, e Arabios, que tratavam na India, e o meſmo fez nos outros portos do Mar Roxo, para que não pudeſſe ſaber-ſe na India dos apercebimentos que elle fazia, de maneira, que todo aquelle anno, em que elle ſe apreſtou, e partio, nenhum barco podia navegar que não foſſe tomado; e eſta foi a cauſa por que na India ſe não pode ſaber deſte grande apparato ſenão depois de feito á véla, tendo o Governador Nuno da Cunha feitas muitas diligencias per muitas vias para ſaber das galés dos Rumes, que eſtavam em Suez, de que tanto havia que ſe temiam na India.

CAPITULO III.

Como Soleimão Baxia partio de Suez para a India: e do que paſſou no caminho até chegar a Dio.

FOrnecida a Armada de todo o neceſſario, começou Soleimão Baxiá alojar a gente em ſeus lugares, no que houve hum grande motim entre os ſoldados, cauſado da aſpera condição, e pouca fé de Soleimão; porque trazendo elle do Cairo muitos homens tomados a ſoldo para ſervirem de homens d'armas, tomou grande núme-

ro delles, e os mandou metter a banco per força; os quaes como não fossem cativos, nem assoldadados para remeiros, e os officiaes das galés os tratassem como taes, soffriam mal aquella força, e engano, e quatrocentos delles se amotináram, dizendo, que não haviam de servir senão no officio para que foram conduzidos; polo que destes quatrocentos foram descabeçados per mandado de Soleimão mais de duzentos, e a severidade deste exemplo fez a outros soldados soffrer o jugo, e tomarem o remo mal de seu grado. Feita prestes a Armada, e embarcada a gente, partio Soleimão de Süez a 22. de Junho: do dia que partio a tres dias chegou ao Toro, e dahi a cinco foi ao porto Jubo, e delle a outros tantos dias a Judá. Como alli chegou, quizera Soleimão Baxiá haver ElRey á mão per manha; mas elle que bem conhecia a pouca fé dos Turcos, principalmente de Soleimão, cuja crueza, e tyrannia era bem sabida, despejou a Cidade, e se poz em salvo. De Judá fez sua derrota á Cidade de Zebit situada na costa da Arabia, de que era Rey Nacodá Hamed Turco, que succedêra a Mir Escander, que levantando-se da obediencia dos Governadores do Cairo, senhoreou alguns annos; e assi por o dito alevantamento de seu antecessor, (como se nel-

nelle tivera culpa Nacodá,) como per lhe dizerem que aquelle Senhor era rico, ſem embargo dos preſentes, e refreſcos que lhe mandou á Armada, o mandou Soleimão deſcabeçar [a], e deo ſeu Eſtado a Muſtafá Naxar Mameluco.

Eſtando ainda Soleimão no Cairo, dizem que mandou hum meſſageiro a ElRey de Adem, fazendo-lhe ſaber como o Grã Turco o mandava vir com aquella Armada, e que havia de paſſar per ſeu porto, que lhe pedia lhe tiveſſe preſtes os mantimentos que lhe baſtaſſem, que elle compraria por ſeu dinheiro; e quando ſe Soleimão partio do porto de Judá, onde eſteve alguns dias, veio á Ilha de Camaram, e chegando mandou logo per terra o meſmo meſſageiro a ElRey de Adem apercebello de ſua

a *Eſcreve* Diogo do Couto, *que ElRey de Zebit mandou hum preſente ao Baxiá de eſpadas, e punhaes guarnecidos d'ouro, e prata, com alguns rubijs, turquezas, e perolas, rodellas, e coſos mui ricos, e outras peças curioſas, e lhe mandou dizer, que foſſe fazer a jornada contra os Portuguezes, e que da volta o eſperaria para o ſervir em tudo o que lhe mandaſſe; e que quando Soleimão Baxiá voltou para Suez deſembarcára junto de Zebit, para caſtigar a ElRey Nacodá, polo recado que lhe mandou quando á ida paſſou por alli; e que deſamparado ElRey dos ſeus ſe viera apreſentar ao Baxiá com huma touca atada ao peſcoço, em ſinal de culpado, e lançado a ſeus pés lhe pedira miſericordia, que como no Baxiá a não houveſſe, lhe mandou logo cortar a cabeça. Cap. 5. liv. 3. e cap. 4. liv. 5. da 5. Decada.*

ſua vinda, e pedir-lhe de ſua parte que lhe mandaſſe dar humas caſas, em que ſe agazalhaſſem alguns doentes que trazia, para ſe curarem. ElRey que não era tão ſuſpeitoſo como fora o de Judá, nem tinha tanta noticia da peſſoa de Solcimão, lho concedeo de boa mente. Chegada a Armada ao porto de Adem, lhe mandou ElRey muitos refreſcos, e mantimentos. Soleimão começou a mandar, entre alguns poucos enfermos que trazia, muitos ſoldados rijos, e valentes, fingindo que eram doentes, com tenção de metter muita gente na Cidade para ſe levantarem com ella; e a invenção era, que os doentes verdadeiros, e os fingidos hiam cada hum em ſeu leito ás coſtas de quatro ſoldados, e nos leitos levavam ſuas armas eſcondidas, e com cada hum doente ficavam em caſa dous para o curarem; e aſſi trazidos huns, tornavam buſcar outros. Per eſta maneira, e com gente das náos, que hia á Cidade buſcar os mantimentos, que ſe compravam, eram entrados nas caſas dos doentes, ſem os da Cidade ſentirem o engano, quinhentos homens dos mais esforçados daquella Armada para qualquer feito, a quem Soleimão tinha dito, que como viſſem certo ſinal, ſahiſſem a cercar as caſas d'ElRey, e ſaqueallas, e aſſi meſmo a Cidade. Como aquella gente entrou, mandou

dou Soleimão dizer a ElRey, que porque elle não podia sahir em terra, lhe pedia se fosse á galé, para se verem, e communicarem algumas cousas, que lhe relevava tratar com elle. E posto que ElRey receou muito ver-se com Soleimão, todavia sentindo o poder de tão grande Armada, foi-se a elle com tres homens principaes, aos quaes todos, em chegando, Soleimão mandou enforcar nas antenas das galés [a]; e feito sinal aos quinhentos soldados, que tinha na Cidade, mettêram a gente della á espada; e com ajuda de outros, que logo entráram, foi saqueada, e posta em poder dos Turcos; e como o Baxiá era cubiçoso, e cruel, mandou apregoar, que sob pena de morte, todo o despojo se levasse ante elle para o repartir; e posto em huma porta da Cidade, que só havia aberta, mandou sahir a todos os soldados, e lhes tomou todo

a *Escreve* Diogo do Couto, *que chegado o Baxiá a Adem, ElRey o mandára visitar com muito refresco, e peças de presente, e que o Baxiá lhe enviára hum salvo conduto do Turco, para que seguramente se viesse ver com elle á galé; o que recusando ElRey, o Baxiá ordenára que desembarcassem os Janiçaros em terra, mandando diante quem persuadisse, e segurasse ElRey, o qual vendo a resolução do Baxiá, acompanhado dos mais principaes da sua casa, o fora ver; e recebido com honra, e gazalhado do Baxiá, o despedíra com cabaias ricas; e chegando ElRey á prôa da galé, para se embarcar, o tomáram os Janiçaros, e o enforcáram na entena da galé, e junto delle quatro dos que o acompanhavam. Cap. 5. do liv. 3.*

do o ouro, prata, e joias que levavam, e mandou entregar tudo a ſeu theſoureiro, e lhes deixou para repartirem os Mouros, o fato, de que elles tinham pouca neceſſidade por o officio em que andavam, do que todos ficáram mui eſcandalizados. Em Adem ſe deteve dezeſeis dias em prover couſas da Armada, e da ſegurança da Cidade, deixando nella para ſua guarda quinhentos homens, e por Capitão Barharam Bec, hum dos cinco Capitães, que atrás nomeámos, e elle ſe partio na volta da India, fazendo ſeu caminho a Dio [a]; e a razão por que ſe moveo a ir áquelle lugar mais que a outro algum da India, foi por Coge Sofar muitas vezes ter eſcrito a Nacodá Hamed Senhor de Zebit, que era ſeu parente, e amigo, que ſe a Armada dos Turcos houveſſe de vir, vieſſe direito a Dio, porque quem

a Seis navios ſe apartáram deſta Armada com algumas trovoadas que teve, atraveſſando de Adem a Dio. Deſtes ſeis navios huma galé quaſi deſtroçada foi tomar a enſeada de Jaquete, onde os Mouros da terra lhe tomáram o batel, e matáram ſeſſenta peſſoas; e os poucos que ficáram largando a amarra ſe acolhêram. Hum galeão foi ter aos Ilheos de Santa Maria na coſta do Canará, onde eſtava Antonio de Soto-maior com humas fuſtas, com as quaes pelejou todo hum dia com o galeão, e o rendeo com morte da maior parte dos Turcos, e muito ſangue dos Portuguezes. Huma náo, e outra galé chegáram a Madreſavat, onde a náo ſe perdeo ao entrar da barra: outro galeão fez dar á coſta Martim Affonſo de Souſa, e huma fuſta foi parar a Bengala.

quem a India pertendesse conquistar, convinha-lhe muito ter aquella Cidade, por ser forte, e de bom, e seguro porto, e a balravento de toda a India, e por esta razão veio Soleimão surgir a Dio aos 4. dias do mez de Setembro daquelle anno de 1538.

O conselho de Coge Sofar parece que foi cousa ordenada por Deos para se não arriscar o Estado da India, porque se aquella Armada dos Turcos fora a Goa no tempo, em que lá podia chegar, per boa conta houvera de ser aos quinze, ou vinte dias do dito mez de Setembro ao mais tardar; e a Armada de Portugal, em que foi Dom Garcia de Noronha, chegou ao mesmo porto de Goa aos onze dias, e segundo outros a quatorze do mesmo mez, que vinham a ser quatro, ou seis dias, ou pouco mais antes da Armada dos Turcos chegar; e não houvera que fazer em se perderem as náos com aquella repentina vinda dos Turcos, e a qualquer fortaleza das nossas a que então chegára, lhe não pudéra resistir tres dias, segundo estavam mal repairadas, e fracas, mórmente que já com as novas dos Turcos alguns dos Principes da India nossos vizinhos estavam em proposito de se bandearem com elles. Da entrada dos Turcos daremos depois razão, porque agora convem primeiro escrevermos em

que

que eſtado tomou os noſſos quando chegou.

CAPITULO IV.

Como Coge Sofar ſe foi ſecretamente de Dio, e perſuadio a ElRey de Cambaya fazer guerra aos Portuguezes, e veio cercar a Cidade: e dos apercebimentos que Antonio da Silveira fez para ſe defender.

NUno da Cunha por a obrigação, em que lhe pareceo que eſtava a Coge Sofar, por a boa ordem que com ſua prudencia, e authoridade deo em pacificar a Cidade de Dio, pola morte d'ElRey de Cambaya, e por ſer grande ornamento daquella Cidade ter hum homem tão abalizado em riquezas, e credito entre Mouros, quando de Dio ſe partio, o deixou mui encommendado ao Capitão Antonio da Silveira; o qual vivendo em muita proſperidade, e reputação, e ſendo acatado de todos, e mui favorecido do Governador, e de Antonio da Silveira, propoz em ſeu animo por cauſas a que ninguem ſoube dar ſahida, de ſe ir de Dio com ſua caſa; e mais eſpanto cauſou em todos o ſegredo, e ſilencio de ſua ida, que a meſma ida: tão ſabedor, e diſſimulado era; porque tendo tanta fazenda, e tanto número de mulheres, e criados, que não podia fazer mudan-

dança ſem grande eſtrondo, ſe não ſoube da ſua ida, ſenão depois de partido [a]; porque em huma noite dos ultimos dias de Abril, ſe foi em huma ſua náo, em que tinha embarcado ſeu fato, que como mercadoria das que mandava para muitas partes, ſe não eſtranhavam as idas, e vindas dos ſeus á náo; e para ſe não attentar niſſo, e aſſegurar a todos de ſua eſtada em Dio, começou a fabricar humas caſas mui nobres. O lugar que foi demandar era a ſua Cidade de Surat, della ſe paſſou á Cidade de Abmadabat do Reino de Cambaya, onde ElRey com ſua Corte eſtava, ao qual ſe deſculpou do tempo que eſtivera entre os Portuguezes ſem fazer mais cedo o que então

a Antes da ida de Coge Sofar, ſe foi ſeu filho, que eſtava na fortaleza em refens, o qual indo algumas vezes á Cidade ver ſua mãi, com a licença que lhe deixou o Governador, o dia que determinou fugir, lhe trouxeram hum cavallo para aquelle ſeu intento experimentado, no qual chegando ao cais da Alfandega acompanhado de alguns ſoldados de guarda, pondo-ſe á borda d'agua, como que eſtava vendo as embarcações, apertou as pernas ao cavallo, e arremeſſando-ſe ao mar, em breve eſpaço paſſou o eſteiro; e poſto da outra banda na villa dos Rumes, ſe foi a Cambaieta, onde ElRey o recebeo com gazalhado. Aviſado Antonio da Silveira da fugida deſte moço, mandou trazer diante de ſi a Coge Sofar ſeu pai, que com tanta ſegurança lhe deo ſuas razões, que lhe pareceo ao Capitão que eſtava ſem culpa; e por não alterar a Cidade o não prendeo, e lhe mandou que continuaſſe com o ſerviço d'ElRey de Portugal, como tinha per obrigação. Diogo do Couto *cap. 9. do liv. 2. da Decada 5.*

tão fizera, dizendo, que com ſerviços que lhe eſperava fazer, ſe compenſaria a demora paſſada.

E por achar ElRey abalado para fazer guerra aos Portuguezes, com muitas palavras o exhortou ao proſeguimento della, pondo-lhe diante quão grande ignominia era para hum Rey tão poderoſo como elle, ver ſua terra ſujeita a huns homens eſtrangeiros, que não tinham terra em que ſe recolher ſenão a que com máo titulo, e força uſurpáram por fraqueza dos Principes que tal ſoffriam, ſendo elles tão poucos em número, e tão alongados da terra donde vieram; e que era affronta, e maſcabo de ſeu Real ſangue vizinhar, e ter commercio com os que tão cruelmente matáram ſeu tio, de que herdára tantos Eſtados, e potencia, e que os muitos apparelhos que tinha de gente de armas, d'artilheria, de mantimentos, de cavallos, e theſouros, e a liga que podia ter com os Principes ſeus vizinhos, que a elle ſe poderiam ajuntar, accuſavam ſeu deſcuido; e que mui facil ſeria debilitar tão pequenas forças como eram as dos Portuguezes, os quaes ſe começaſſem deſcahir, não ſe poderiam mais levantar, por não terem donde lhes pudeſſe vir ſoccorro, nem de quem ſe puder valer, nem aonde ſe ir, ſe ſe viſſem desbaratados; e que ſe algumas re-

reliquias delles eſcapaſſem, nem tornar-ſe poderiam á ſuas terras, ſendo ellas na mais alongada parte do Mundo. Para o mais animar offereceo-lhe ajuda de ſua peſſoa, e fazenda, e gente, que logo faria preſtes, e que o meſmo fariam muitos Principes ſeus comarcãos por honra de ſua Lei, e por livrar a ſi, e as terras, em que naſcêram, que aquelles poucos coſſairos tinham opprimidas, e eſperavam de ſujeitar; e como quem tinha conhecimento do eſtado em que eſtava Dio, e ſua fortaleza, punha-lhe tambem diante a boa occaſião que então ſe offerecia para lançar dalli os Portuguezes, porque eſtavam naquelle tempo mui faltos de mantimentos, e principalmente de agua; porque huma ciſterna que começáram fazer na fortaleza, não era ainda acabada, nem ſe poderia acabar dahi a hum anno, por o grande fundamento, em que a começáram; e que o baluarte da Villa dos Rumes, que o Governador mandára fazer, eſtava ainda mui baixo, e não tinha defensão. Lembrava mais, que nem a Ilha, nem a Cidade poderiam os Portuguezes defender, por ſerem poucos, e na Cidade haver muitos Mouros de guerra, que diſſimulados em habitos de mercadores andavam nella; e que como os Portuguezes alargaſſem a Ilha, e a Cidade, não ſe podiam

ſuſ-

fustentar na fortaleza por a dita falta d'agua; e que além diffo elle Coge Sofar tinha per nova certa, que a Armada dos Turcos eftava preftes no Mar Roxo, e não tardaria muitos mezes que não foffe na India, com cujo favor poderia acabar tudo. Eftas, e outras razões dava Coge Sofar para incitar a ElRey, ao qual como não faltavam efpiritos, e fe creára em odio dos Portuguezes, que fe accrefcentou por a morte de feu tio, não houve mefter tantas palavras para o indignar a procurar vingança della. Polo que mandou logo formar hum exercito em Champanel de cinco mil homens de cavallo, e dez mil de pé efcolhidos, de que fez Capitão geral a Aluchan, que era grande Senhor, e hum dos tres Governadores do Reino, que os Mouros elegêram per morte de Soltam Badur. Coge Sofar fe fez primeiro preftes com tres mil homens de cavallo, e quatro mil de pé.

Efta gente fe levantou o mais encubertamente que pode fer, para de fobrefalto darem em Dio; e tanto que a nova defte apparato veio á noticia de Antonio da Silveira, e como aquelles Capitães vinham a cercar Dio, por ter por acabar algumas coufas, que Nuno da Cunha mandou começar para defensão da Cidade, acudio ás

mais

mais importantes. Primeiramente mandou a grande preſſa acabar a ciſterna, por na fortaleza não haver outra alguma agua, para o que metteo muita gente até que ſe acabou, e nella mandou lançar quanta agua pudéram acarretar mais de trezentos bois per muitos dias: aſſi meſmo mandou recolher muitos mantimentos, e as mais couſas de que podia ter neceſſidade, ſe o cerco duraſſe. E para ſegurança, e defensão da Cidade, mandou muita gente á Villa dos Rumes, para ſe acabar hum baluarte que Nuno da Cunha mandou fazer, de que era Capitão Franciſco Pacheco Juiz da Alfandega da meſma Villa, que logo lá foi dormir com alguns homens ordenados para ſua defensão. Apôs iſto mandou quantos navios tinha que andaſſem no eſteiro, que cérca a terra, em que a Cidade eſtá ſituada, o qual faz que fique em Ilha, e daquella Armada fez Capitão Franciſco de Gouvea. Neſte méio tempo que Antonio da Silveira ſe apercebia para réſiſtir a Aluchan, e a Coge Sofar, por os quaes eſperava, foi tão grande medo nos Guzarates, principalmente nos que chamam Baneanes Gentios, que como gente fraca, e medroſa que são, começáram a fugir; ao que Antonio da Silveira acudio com rigoroſos pregões de morte; que ninguem ſe foſſe; e porque

não deixavam de se ir, mandou enforcar alguns, com que outros se detiveram.

CAPITULO V.

Como Coge Sofar veio á Villa dos Rumes, e deo assalto ao baluarte: e como Antonio da Silveira proveo os passos da Ilha, e o que mais succedeo.

EM quanto Antonio da Silveira se apercebeo para o cerco que esperava, lhe veio recado que Coge Sofar viera diante dos seus com vinte e cinco homens de cavallo sómente, e estava em Novanaguer, mas que deixava perto dahi seu exercito; e quando veio ao seguinte dia, que eram vinte e seis de Junho daquelle anno, ante manhã, de subito com toda sua gente, que eram os que dissemos todos escolhidos, de que os mais eram espingardeiros Arabios, Turcos, e Abexijs, deo na Villa dos Rumes, e roubou tudo o que achou da gente que alli vivia, que eram Guzarates, e matou alguns, de que André Villela Escrivão da Alfandega com outros tres Portuguezes, que com elle estavam, escapáram, e se acolhêram ao baluarte de Francisco Pacheco, que comsigo tinha doze homens espingardeiros, com os quaes se poz em defensão; e sendo dado rebate á fortaleza, acu-

acudio Antonio da Silveira deixando-a a recado; e temendo-ſe que aquelle aſſalto foſſe principio para ſe dar outro maior na fortaleza, onde ſe faria mais damno, poſto que para paſſar á Ilha, em alguns paſſos della tinham poſto guardas, mandou Lopo de Souſa Coutinho, de cujo esforço, e aviſo muito confiava, aos muros da Cidade daquella parte que reſponde ao campo da dita Ilha. Neſte tempo Coge Sofar apertava com os do baluarte, os quaes tomando esforço com a vinda de Antonio da Silveira, que já viam abalar, ſe defendêram mui valeroſamente; e ſendo de huma parte, e outra a couſa mui pelejada, do baluarte ſahio hum pelouro de eſpingarda, que deo a Coge Sofar em o bucho de hum braço, em que lhe ficou mettido, de que eſteve mui mal, e com a dor da ferida, e vinda de Antonio da Silveira, ſe affaſtou com alguma perda dos ſeus.

Eſte ſubito accommettimento de Coge Sofar, e preambulo de guerra, com a nova dos inimigos que vinham, metteo a Antonio da Silveira em maior cuidado de prover em toda a Ilha; e como havia na Cidade, (como já diſſemos,) muitos Mouros de guerra, que nos trajos andavam diſſimulados em figura de mercadores, que algumas vezes já haviam tentado de dar al-

gum desassocego; Antonio da Silveira vendo que com as cousas que se moviam, se mostrariam os Mouros da Cidade inimigos mais á descuberta, os despojou a todos das armas, e alguns dos principaes prendeo por evitar ajuntamentos, e tumultos; e logo sem mais dilação proveo os lugares do esteiro, que divide a Ilha da terra firme, que eram fracos, e se podiam facilmente vadear; e onde a agua era mais baixa, havia dous baluartes, que Soltam Badur mandára fazer no tempo que se temia de os Mogoles virem a Dio. Em hum delles mandou estar Manoel Falcão com cincoenta homens, e em o outro Luiz Rodrigues de Carvalho com vinte e cinco, bem providos d'artilheria. Em outro passo, que não era tão secco, porém era mui estreito, mandou estar Lopo de Sousa Coutinho com huma galeota, huma barcaça, e duas fustas; e a Francisco de Gouvea Capitão mór daquelle mar de Dio mandou que se fosse pôr com cinco navios no cabo da Ilha, que está contra o Norte em hum certo passo, porque alli havia hum banco de arêa, perque com baixa mar podia passar a gente a pé da terra firme para a Ilha; e além destes havia mais de vinte navios, em que andavam mais de trezentos espingardeiros para tolher a passagem, os quaes passos o

Ca-

Capitão Antonio da Silveira per ſua peſſoa vigiava muito a meude. Eſtes apercebimentos pode fazer no tempo que Coge Sofar ſe retrahio para ſe curar de ſua ferida, no qual ſe acabou o que ficava por fazer na fortaleza, e no baluarte da Villa dos Rumes, que ſe poz em quarenta palmos de alto; e nelle ſendo fornecido de muita artilheria, e munições, ſe recolheo Franciſco Pacheco com ſetenta homens eſcolhidos.

Feitos eſtes repairos, aos 14. dias do mez de Agoſto chegou Aluchan com ſeu campo, em que havia cinco mil homens de cavallo, e dez mil de pé, gente eſcolhida, e bem concertada, e ſe foi alojar ao longo do eſteiro nos paſſos perque Gonçalo Falcão, Antonio da Veiga, e Franciſco de Gouvea andavam. Coge Sofar com ſua gente ſe veio aſſentar ſobre o paſſo de Lopo de Souſa, que ſe chama Palerin, e aſſeſtou contra elle tres bombardas groſſas, com que lhe fazia muito damno; e Lopo de Souſa lhe fazia a elle tambem aſſás com ſua artilheria, aſſi na gente de pé, como na de cavallo. Como eſtes Capitães ſe víram alojados nos lugares perque eſperavam paſſar a Ilha, todo ſeu cuidado foi virem com terra em modo de vallos pouco, e pouco até a borda d'agua, amparando-ſe da artilheria de noſſos navios, até que de

todo ficáram com estes repairos encubertos. Polo que elles offendiam os nossos de maneira, que não ousavam, nem podiam passar per alli sem receberem dos Mouros muito damno da sua artilheria grossa, e espingardaria, que era muita. Antonio da Silveira vendo que era por demais poder longamente defender o rio, e que cada dia perdia gente, e munições, e a defeza da Ilha ficava em offensa dos seus, havido conselho com os Capitães, e pessoas principaes, assentou de despejar os baluartes, e alargar a Ilha, e defender a Cidade, e pôr nella toda a artilheria, que para defensão da Ilha estava espalhada; e assi aos que nos passos andavam mandou que se viessem aquella noite, e que Paio Rodrigues de Araujo Alcaide mór da fortaleza tomasse a barcaça de Lopo de Sousa Coutinho, e recolhesse nella a artilheria do baluarte de Gonçalo Falcão; e mandou huma fusta grande a Luiz Rodrigues de Carvalho, para que tambem em ella embarcasse a artilheria que no seu baluarte tinha. E como isto era de noite, e tal que parecia abrirem-se os Ceos com chuva, e a maré vasava, vindo já a barcaça atoada per hum catur que a trazia, com o grande pezo da artilheria deo comsigo em secco, e alli foi mui varejado dos Mouros, e lhe conveio deixar

a bar-

a barcaça com dez peças d'artilheria que trazia, e ſalvar-ſe no catur. Per o meſmo modo deram em ſecco aquella noite a fuſta em que vinha Luiz Rodrigues de Carvalho com tudo o que tirára do ſeu baluarte, e tres galeotas, a que os noſſos puzeram fogo, por ſe os Mouros não aproveitarem dellas, as quaes meias queimadas foram tomadas dos Mouros, com a artilheria que nellas vinha; e ſendo os Mouros muitos, e os Portuguezes ſó vinte, tiveram bem que fazer em ſe livrar delles, pelejando mais de duas horas, ſem os noſſos ſerem entrados, até que foram ſoccorridos de almadias noſſas, em que ſe ſalváram. Lopo de Souſa fez-ſe á véla em ſua galeota, e a tormenta o lançou da parte da terra firme; e como a maré já então vaſava, ficou em ſecco, e aſſi eſteve até a manhã, que lhe fez ver a muita diſtancia que havia delle á agua, e em breve foi cercado de grande cópia de Mouros, dos quaes ſe defendeo com muita perda delles, até que veio a maré, e a galeota nadou, poſto que a tormenta não ceſſava, e ſe foi para a Cidade.

CAPITULO VI.

Como Antonio da Silveira alargou a Ilha, e a Cidade, e se recolheo á fortaleza: e do que fez depois de estar nella.

DEsimpedidos os passos do esteiro, ao outro dia foi a Ilha entrada dos Mouros, assi da gente de pé, como de cavallo; e vendo Antonio da Silveira como a artilheria que estava na Ilha, com que elle determinava defender a Cidade, era perdida, e não sómente ficava elle com essa falta, mas os inimigos que a cobráram com melhoria, chamou a conselho os Capitães, e pessoas principaes, e lhes propoz, como elle já que lhe não foi possivel defender a Ilha com a artilheria que na defensa della estava, determinava defender a Cidade; e que como viam, a artilheria, e os navios, (por assi Deos o permittir,) eram em poder dos inimigos, que seu parecer era, (se elles o approvassem,) que a Cidade se deixasse, porque para a defender convinha tirar da fortaleza parte da artilheria, que nella estava, e senão podia escusar. A qual como não era muita, se ainda della tirassem, não se seguiria disso mais proveito que enfraquecer muito a fortaleza, e ajudar pouco a Cidade, porque era tão grande,

e os

e os noſſos tão poucos, e mal armados, que facilmente ſe poderia perder, e apôs ella a fortaleza, como ordinariamente acontece, quando couſas grandes, e unidas ſe ſepáram, que cada huma fica fraca; e que além diſſo era couſa ſabida, que na Cidade havia muita gente de guerra diſſimulada, de que alguns, poſto que ſe lhe tiráram as armas, ás ſuas vontades damnadas não faltariam outras; e que ſó com gritas, que deſſem em favor dos de ſua lei, fariam grande torvação. Por eſtas razões, e outras que ſe alli lembráram, o voto de todos, ſem algum diſcrepar, foi, que a Cidade ſe alargaſſe; e como já os inimigos eſtiveſſem na Ilha, vieram perto da Cidade a dar viſta tres mil de cavallo, e muita gente de pé; e como os Mouros da Cidade os viſſem tão perto, foram logo em algumas partes della levantadas bandeiras, fazendo ſinaes aos de fóra, que commetteſſem a entrada, e houve entre elles alvoroços, e ajuntamentos de gente, pelos quaes ſe vio claramente a grande cópia de inimigos, que dentro dos muros havia, dos quaes os noſſos ſe não podiam guardar; e por já ſer aſſentado o recolhimento á fortaleza, mandou o Capitão alguns homens que queimaſſem certos navios de remo, que na ribeira eſtavam varados, por ſe delles não aproveitarem os

ini-

inimigos, e que tambem queimaſſem o enxofre, e ſalitre, que em hum dos armazens tinha, para o que levavam artificios de fogo convenientes; mas com aquelles materiaes ſerem tão promptos para tomarem fogo, os miniſtros que a iſſo foram, com a preſſa de ſe recolherem á fortaleza, o fizeram de maneira que nada ardeo, e de tudo ſe aproveitáram os inimigos em damno noſſo. Antonio da Silveira ſómente com cem homens ſe metteo pela Cidade, e onde achava ajuntamentos, principalmente de homens com armas, os mandava alancear, e enforcar. [a] E dalli mandou levar prezos á fortaleza quatro mercadores principaes da Cidade, não porque nelles achaſſe culpa alguma daquelles ajuntamentos, mas para com ſuas peſſoas remir alguma neceſſidade, ſe a occaſião a offereceſſe, por o muito credito que tinham, por ſerem honrados, e ricos. Os quaes foram mui bem tratados no tempo do cerco, e depois delle poſtos em liberdade. Deſta maneira ſe ſahio o Capitão da Cidade aquelle dia com os ſeus, e ſe recolheo á fortaleza; e quando veio a noite, ſendo pelos de dentro aviſado aos inimigos, como a Cidade era deſpejada dos noſſos, entráram nella, onde

fo-

a Lopo de Souſa Coutinho *no Tratado, que fez deſte cerco de Dio, o qual dedicou a ElRey* D. *João III. e ſe imprimio em Coimbra no anno de* 1556.

foram recebidos com grandes feſtas, e luminarias; e toda a noite gaſtáram em andar viſitando as Meſquitas, dando louvores a ſeu falſo profeta por cobrarem a Cidade ſem ſangue.

Aluchan ſe alojou nas caſas da Rainha Mãi de Soltam Badur, que eſtavam em hum alto á maneira de fortaleza, porque ſua idade, que era muita, não ſoffria eſtar em lugar inquieto com rebates. Coge Sofar fez ſua eſtancia junto com a fortaleza em hum lugar que chamam Mandovin; e antes que foſſe manhã aſſentáram algumas bombardas junto a hum cais, que eſtá no meſmo Mandovin, e fica defronte do baluarte do mar, não tanto por fazer damno ao baluarte, quanto á galeota de Lopo de Souſa, e outras fuſtas das que eſcapáram, que eſtavam ao ſocairo da fortaleza; e aſſi como foi de dia atirando-lhe bombardadas, mettêram no fundo duas fuſtas, e matáram alguns marinheiros dellas; mas na galeota de Lopo de Souſa fizeram pouco damno. No proprio dia ſahio Gaſpar de Souſa per mandado do Capitão com alguma gente, para valer a alguns dos noſſos, que moravam fóra da fortaleza em caſas vizinhas a ella, que com a preſſa de ſe recolherem deixáram parte de ſua fazenda, o que ainda aproveitou a muitos; e como já os inimigos andaſſem per aquel-

aquellas caſas, matou Gaſpar de Souſa muitos, e a elle lhe matáram hum, e feríram outros. A Lopo de Souſa mandou o Capitão que déſſe guarda aos que hiam buſcar agua aos poços, que eſtavam na Cidade, e aos que mettiam na fortaleza a lenha, que ſe tirou das caſas vizinhas a ella, que ſe derribáram, porque lhe podiam fazer damno, as quaes não ſe puderam aſſolar tanto, que quando veio o tempo do cerco dos Turcos, deixaſſem de fazer dellas muito mal. Neſtas ſahidas que Lopo de Souſa fazia, indo dar guarda á gente miuda, que ſahia buſcar agua, e lenha, houve muitos recontros com a gente de Coge Sofar, em que os noſſos ſendo poucos lhe matáram bom número dos ſeus; e o dia 14. de Agoſto, ſahindo Lopo de Souſa com cincoenta homens, que repartio per as bocas de algumas rúas, para ſeguridade dos que hiam buſcar agua, e lenha, ficando elle ſó com quatorze em huma rua eſtreita, determinou de pelejar com os Mouros, poſto que o número era tão deſigual; e depois que os vio mais entrados pela rua, ajudando-ſe da commodidade do ſitio, os accommetteo, e matou trinta, e ferio outros tantos; e volvendo elles as coſtas os ſeguio matando nelles. Deſta volta ſahio Lopo de Souſa ferido de huma cutilada em huma perna, e

hum

hum page ſeu com hum olho quebrado, e outro homem com huma eſtocada per huma perna, ſem outro damno algum. Outras vezes ſahíram á meſma guarda, ora Gaſpar de Souſa, ora Gonçalo Falcão, o qual tomou hum Mouro homem de reſpeito, e aviſado, que ſendo perguntado per Antonio da Silveira per novas do exercito, que na Cidade eſtava, e vinda dos Rumes, reſpondeo, que do exercito não havia que dizer mais, que eſtarem nelle juntos dezoito, ou dezenove mil homens; e que a cauſa de fazerem guerra era eſperarem a vinda dos Rumes, e que de ſua vinda não ſabia mais que dizer-ſe no arraial, que do porto de Mangalor Cidade de Cambaya, viera nova que na Cidade de Adem ficava huma grande Armada de Rumes. Naquelles dias que reſtavam de Agoſto, não ſe fez outra couſa mais que eſtas ſahidas da guarda, em que ſempre dos inimigos ſe matáram alguns, e da fortaleza, e do baluarte da Villa dos Rumes fizeram algum damno com tiros perdidos aos inimigos, mas com muito gaſto de polvora, per que depois polo tempo foi poſta a fortaleza em muito riſco por falta della. Sendo chegado o fim de Agoſto, por o inverno não ſer muito aſpero, e ſe poder navegar, fez Antonio da Silveira ſaber ao Go-

ver-

vernador Nuno da Cunha o que até então era ſuccedido. Polo que elle deſpachou logo de Goa, onde eſtava, alguns Fidalgos, e cavalleiros, que foſſem a Dio, hum dos quaes foi Fernão de Moraes, de que depois faremos menção. [a]

CAPITULO VII.

Como Soleimão Baxiá veio com ſua Armada ao porto de Dio: e da moſtra que deram de ſi alguns Janiçaros: e do aviſo que Antonio da Silveira mandou a Nuno da Cunha.

AS couſas de Dio eſtando no eſtado, que contamos, o Capitão Antonio da Silveira ſuſpeitando a vinda dos Rumes, aſſi por o accommettimento que ElRey de Cam-

a Polo galeão dos Turcos, que Antonio de Sotomaior tomou nos Ilheos de Santa Maria, ſoube elle da Armada Turqueſca, de que em hum catur mui ligeiro aviſou ao Governador, que com grande diligencia mandou logo apreſtar a Armada com determinação de ir pelejar com os Turcos; e no meſmo dia, que eſta nova chegou a Goa, ſe embarcáram em tres catures Fernão de Moraes, Simão Rangel de Caſtello-branco, e Antonio de Araujo com ſeu irmão Gaſpar de Araujo, e partíram para Dio. Levava cada hum deſtes Capitães vinte ſoldados, e os principaes de que ſe ſoube o nome foram, Lançarote Pereira, Rodrigo Homem, Antonio Manhoz, Triſtão da Silva, e Fernão Correa. O Governador eſcreveo por Fernão de Moraes, (que ſó ſe deſpedio delle,) a Antonio da Silveira como ſe ficava apercebendo para o ir ſoccorrer. Diogo do Couto *cap. 6. liv. 3.*

Cambaya fazia, que lhe não parecia ſer ſem cauſa, como por a fama que já ſe rompia, mandou huma fuſta para a parte de Mangalor, de que hia por Capitão, e como atalaia hum cavalleiro per nome Miguel Vaz homem mui esforçado a deſcubrir novas da Armada dos Rumes; o qual tornando á preſſa, as deo a Antonio da Silveira, como diviſára huma grande Armada; e ao tempo de ſua chegada já dos lugares mais altos da fortaleza ſe víram vir pelo mar diſtantes da terra duas leguas, quatorze galés em huma batalha, e de longo da terra outra de ſete galés na meſma ordem, e que apôs eſtas duas batalhas vinham todas as mais galés, e navios, trazendo ante ſi as náos de carga; e Miguel Vaz certificou ſerem de Turcos, e que contára quarenta e cinco galés, a fóra outras que diviſára, com outros muitos navios de toda ſorte. Antonio da Silveira a grande preſſa eſcreveo logo huma breve carta a Nuno da Cunha, fazendo-lhe ſaber o eſtado em que ficava, e a deo ao meſmo Miguel Vaz, que logo foſſe na volta de Goa, e lha levaſſe, e lhe diſſeſſe de palavra o que víra. Outra tal carta eſcreveo a Simão Guedes a Chaul. Miguel Vaz por o recado que havia de dar a Nuno da Cunha ſer a relação do que elle meſmo víra, querendo affirmar-ſe mais na verdade, fez

o ca-

o caminho tão chegado á Armada, que os Turcos querendo castigar aquelle atrevimento, foram com duas galés seguindo-o ás bombardadas, e mettendo os bastardos por o alcançar; e se o vento não acalmára, o tomáram sem dúvida, mas como a fusta era leve, se salvou; e chegando a Chaul, achou que hi viera então Martim Affonso de Mello Jusarte em huma galé com gente, que Nuno da Cunha mandava em soccorro de Antonio da Silveira; porque quando Aluchan lhe poz o cerco, elle escreveo sobre isso a Simão Guedes, e Simão Guedes a Nuno da Cunha, a quem a carta se deo a 8. de Agosto, e nesse mesmo dia escreveo a Antonio da Silveira, que logo o proveria, e elle em pessoa com toda a gente nobre que pudesse, iria após a carta; e apercebeo a Simão Guedes, que lhe tivesse muitos mantimentos, e prestes todos os casados que tivessem cavallos, porque elle tambem havia de levar os de Goa, e esperava de naquelle verão dar algum castigo a Cambaya. Sobre este recado mandou logo a Martim Affonso de Mello para entrar em Dio com a gente que levava, e com a que Simão Guedes lhe havia de dar. E tinha ordenado, em quanto elle não hia com toda a força da India, de mandar trás Martim Affonso a Antonio da Silva de Menezes

com

com outras vélas de remo, para entreter os cercados com a eſperança da ſua ida, e aſſombrar a Armada dos Turcos com aquelles corredores; mas quando Miguel Vaz lhes diſſe o eſtado, e perigo em que eſtava o porto de Dio, não pareceo bem a Martim Affonſo, nem a Simão Guedes fazer mudança de ſi, até não ir Miguel Vaz com aquelle recado a Nuno da Cunha.

Sendo pois quatro dias de Setembro, naquelle dia, e n'outro ſeguinte acabou de chegar toda a Armada dos Turcos, a qual aſſi por o muito número de vélas, e força d'artilheria que trazia, como por ſer tão eſperada, e temida, e que tantos annos havia que ameaçava, não ſómente pareceo temeroſa aos Portuguezes, contra os quaes vinha, que em número, e apercebimento ſe viam tão deſiguaes, mas poz triſteza, e eſpanto aos meſmos Mouros da Cidade, que eſperavam por os Turcos como por huns remidores da ſujeição, em que os tinham poſtos os Portuguezes; o que ſe vio logo no ſeguinte dia, em que nenhum dos Mouros de Dio foi á Armada viſitar algum Turco, ſó Coge Sofar como homem criado entre elles, e que com elles tinha prática ſobre ſua vinda á India, foi á galé de Soleimão Baxiá dar-lhe os parabens da ſua chegada; e para o contentar, lhe encareceo

o eſ-

o espanto em que a subita vinda de tão poderosa Armada mettêra os nossos; polo que parecendo a Soleimão Baxiá que os assombraria verem alguma mostra de sua gente, ao dia seguinte mandou sahir em terra setecentos Janiçaros espingardeiros, e fréchеiros mui ricamente vestidos de brocadilhos, e cetijs cremesijs, e de outras sedas, e cores, os quaes com os feltros que nas cabeças trazem guarnecidos d'ouro, e ricas plumagens, perque são conhecidos por Janiçaros, pareciam em seus sembrantes mais soberbos, e altivos. [a] Estes começáram a caminhar para a Cidade, e prepassando ao longo do muro da fortaleza, desparavam seus arcabuzes, e fréchas, com que matáram seis homens dos nossos, que por os ver se puzeram no muro com pouco resguardo, e assi foram vinte feridos; mas trezentos espingardeiros dos nossos lhes respondêram de maneira, que lhes fizeram mudar o soberbo meneo de suas pessoas com que vinham, quando víram aos pés os da sua companhia; porque como em aquella grande multidão delles não se podia perder tiro, foram mortos cincoenta, e muitos feridos, que lhes fizeram ter mais tento em [illegible] si,

a *Antes que estes Janiçaros dessem vista á fortaleza, entráram na Cidade, e a mettêram a sacco, roubando o melhor della, e deshonrando as mulheres, e filhas de seus moradores.* Diogo do Couto *cap. 7. do liv. 3. da Dec. 5.*

ſi, que no compaſſo, e pompa com que paſſavam. Como chegáram á Cidade, os principaes delles quizeram ver a peſſoa do Aluchan, que pouſava nos paços d'ElRey, e os eſperava com apparato, e atavio conforme á ſua dignidade, aſſentado em huma rica cadeira; mas ſete, ou oito deſtes Capitães Turcos chegando a elle com muito deſprezo, o tomáram pela barba, e lhe deram hum par de avanaduras nella, tendo-a elle mui veneravel, e branca, por ſer de muita idade, e de tal aſpecto, que todo homem lhe tivera acatamento. Alguns dos ſeus criados vendo eſta deſcortezia, e ſoltura, quizeram logo caſtigallos; mas como elle era homem prudente, o impedio, dizendo-lhes, que não fizeſſem movimento de ſi, que aquelles homens eram eſtrangeiros, e na ſua terra uſavam aquillo em modo de ſaudação; e entendendo elle da ſoltura daquelles Turcos, que ſe os muito communicaſſe viriam a mais, fingindo que como a hoſpedes os queria agazalhar bem, lhes deixou as caſas, e com ſete, ou oito mil homens ſe paſſou á terra firme, e ſe apoſentou em hum palmar, que eſtá junto da Villa dos Rumes, por ſe affaſtar bem delles, e a mais gente deixou a Coge Sofar, para os adeſtrar no que deviam fazer.

Ao ſeguinte dia que os Turcos deram

aquella moſtra de ſi, que era aos ſeis de Setembro, logo pela manhã, por ſer o tempo ainda verde para aquelle porto, começou a ventar Sul mui rijamente, trazendo grandes, e eſcuras nuvens, e relampados; e como o lugar em que a Armada eſtava ſurta ficaſſe em traveſſia, cumprio ao Baxiá levantar-ſe dalli com toda ſua frota, e metter-ſe no porto de Madreſabat, que eſtá dahi cinco leguas. Naquelle porto perdeo quatro navios de carga com algumas munições, entre as quaes ſe acháram muitas ſellas de cavallo com ſuas guarnições, de que o mar lançou boa parte, e foram ás mãos dos Guzarates; o que lhes a elles pareceo mal, e a Aluchan peior, porque ſe moſtrava claro, que a tenção dos Turcos era fazer guerra aſſi no mar, como na terra, e quererem-ſe apoderar da India, e logo houveram por ſuſpeitoſa ſua vinda, e mais ſabendo a natureza dos Turcos, e o que fizeram em Adem. Eſta ſuſpeita, e outros ſinaes, que Aluchan, e Coge Sofar nelles víram, aproveitáram ao diante muito aos noſſos cercados. Aſſi que aquelle movimento da Armada foi felice ſucceſſo, além de declarar a tenção dos inimigos, por a detença que em Madreſabat fizeram de vinte dias.

CA-

CAPITULO VIII.

Dos apercebimentos, que Antonio da Silveira, e Coge Sofar faziam em quanto a Armada foi, e tornou de Madrefabat: e como veio nova, que era chegado a Goa o Viso-Rey D. Garcia de Noronha.

EM quanto a Armada esteve em Madrefabat, onde gastou vinte dias, poz Antonio da Silveira as cousas da fortaleza em ordem, provendo primeiro as faltas dos muros, que não estavam de maneira que pudessem soffrer tiros de basilisco, e outras peças furiosas, que os Turcos traziam para baterem a fortaleza. Polo que mandou repairar as paredes, engrossando em partes o delgado, e levantando o baixo, assi no muro, como nos baluartes de maneira, que as paredes ficáram de dobrada grossura, do que antes estavam. As estancias repartio desta maneira: o baluarte grande chamado São Thomé deo a Gonçalo Falcão; e no de Garcia de Sá poz a Gaspar de Sousa; e no lanço do muro que corre de hum ao outro poz Francisco Henriques Thesoureiro da Alfandega, e Fernão Peleja; e o muro que vai do baluarte S. Thomé para o mar, deo a Rodrigo de Proença Escrivão da Alfandega, e a Antonio Foreiro Escrivão da Fei-

toria. No outro panno do muro, que eſtava da parte do rio além das caſas do Capitão, que era bem fraco, e mal repairado deſde o fundamento da fortaleza por falta de cal, poz a Lopo de Souſa Coutinho, e mais adiante na Feitoria velha ao Feitor Antonio da Veiga; e o muro da couraça que ſahe ao mar, deo a Paio Rodrigues de Araujo; e no baluarte da entrada do mar, onde eſtavam os Armazens, poz a Franciſco de Gouvea Capitão mór do mar, os quaes todos repairáram com grande diligencia ſuas eſtancias; e quanto ao outro panno do muro, que vai ao longo da coſta brava por ſer inexpugnavel, não teve neceſſidade de mais que de vigias. O Capitão Antonio da Silveira ficou ſobreſalente com os ſeus para vigiar, e ſoccorrer todas as eſtancias; e para dar exemplo aos outros, ſe recolheo em huma tenda, que mandou armar no baluarte de S. Thomé.

Em quanto a Armada ſe deteve em Madrefabat, os Turcos que ficáram em Dio tambem gaſtáram o tempo em aſſentar ſuas eſtancias per induſtria de Coge Sofar, como de homem de caſa, e que ſabia como a fortaleza eſtava de dentro para a bateria lhe fazer damno; e o lugar onde as aſſentáram foi eſte. Havia ao redor da fortaleza muitas caſas, que no tempo da paz ſerviam

viam aos noſſos de terem ſuas provisões de mantimentos, e couſas de grande volume, que não podiam caber dentro da fortaleza. Eſtas caſas em quanto os Guzarates tiveram cercado os noſſos, deixáram eſtar em pé, por lhe ſervirem de reparo da noſſa artilheria; dellas os Turcos tambem ſe aproveitáram, até que aſſentadas alli ſuas eſtancias, as derribáram, ficando entre ellas, e a fortaleza hum terreiro deſpejado, que teria de largo cem pés. Coge Sofar, depois que deo eſta ordem aos Turcos, por ter concertado com o Baxiá, que a primeira couſa que fizeſſem foſſe combater o baluarte da Villa dos Rumes, por ſe vingar da ferida que nelle houve, paſſou-ſe lá. E para o effeito do combate mandou pedir ao Baxiá alguma artilheria groſſa, o qual mandou deſembarcar tres baſiliſcos com outra artilheria miuda para lha mandar por terra com Barharan Bec, e alguma gente; e como o caminho era longo para tão grandes peças, e de arêa ſolta a maior parte, com grande trabalho leváram hum baſiliſco, e as outras peças tornáram a embarcar. Chegado Barharan Bec, começou com Coge Sofar a preparar as couſas neceſſarias para as baterias que queriam dar áquelle baluarte da Villa dos Rumes, e á fortaleza, trabalhando nos repairos, e trincheiras de noite, e

de

de dia; e como ſua tenção era começar pelo baluarte da Villa dos Rumes, entre as couſas que para eſte effeito fizeram foi fabricarem ſobre huma grande barcaça, que ſervia de deſcarregar das náos as mercadorias, que levavam á Alfandega, huma máquina de taboado á maneira de caſtello de grande altura, que ſe igualaſſe com as ameas do baluarte, e entulhada de muitos materiaes differentes, aptos a receber fogo, como ſalitre, enxofre, rama, e couſas que de ſi lançam grandes fumaças, e fedores, a puzeram em meio do rio a quatro amarras, para com aguas vivas as acoſtarem aos muros, e lhe darem fogo, crendo que com aquelle fumo podiam affogar os que no baluarte eſtavam. Antonio da Silveira entendendo o artificio, logo no principio o diſſimulou; e como o vio em eſtado para poder ſervir, mandou Franciſco de Gouvea Capitão mór do mar, que de noite lho foſſe queimar, o que elle executou logo com muito riſco de ſua peſſoa, porque dentro daquella máquina eſtavam eſpingardeiros, que a guardavam, e aſſi chegando a ella lhe deo fogo per muitas partes, com que os que eſtavam dentro ſaltáram no rio; e depois de bem queimada, poſto que dos Mouros foi varejado de ſua artilheria, ſe tornou a recolher á fortaleza.

A eſte meſmo tempo, que foram 13. de Setembro, chegou Fernão de Moraes em hum catur que vinha de Goa [a], com recado de Nuno da Cunha, por ter já nova da vinda dos Rumes, e em ſua companhia Pero Vaz Guedes em outro catur, com algum provimento, que Simão Guedes Capitão de Chaul mandava a Antonio da Silveira, o qual logo ſe tornou; e querendo fazer o meſmo Fernão de Moraes, Antonio da Silveira lhe rogou o não fizeſſe, porque por ſua idade, e muita experiencia das couſas da guerra tinha neceſſidade delle. Era Fernão de Moraes grande amigo de Franciſco Pacheco Capitão do baluarte da Villa dos Rumes; e aſſi por o ver, como por lhe levar novas do ſoccorro, que o Governador havia de mandar, acceitou ir em hum catur com quatorze homens, a levar-lhe alguns mantimentos, que per eſte meio delles o provia de noite Antonio da Silveira; e porque Coge Sofar abrio huma cava, que das ſuas eſtancias chegava até o mar, para defender della eſta provisão de mantimentos; e por eſta cauſa Franciſco Pacheco mandára tapar de pedra, e cal a ſerventia da porta do baluarte, como cou-

ſa

a Com eſte catur de Fernão de Moraes chegáram os outros dous de Simão Rangel, e de Antonio de Araujo, que em ſua companhia partíram de Goa. Diogo do Couto *cap. 10. liv. 3.*

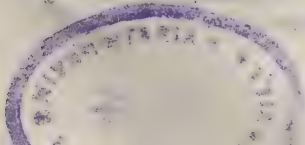
ſa de que não tinha neceſſidade para entrada, ou ſahida, não pode Fernão de Moraes dar-lhe os mantimentos que levava; mas eſtando á falla com elle do ſeu catur, lhe ſahíram da cava huma fuſta, e duas almadias com muitos Turcos, e pelejáram com elle até virem a bote de lança, com os quaes Fernão de Moraes com os ſeus ſe houve tão esforçadamente, que lhe arrombou a fuſta com hum berço, e por derradeiro os fez fugir, e elle ſahio da briga com morte de hum Portuguez, e alguns remeiros Canarijs feridos. A eſtes dous amigos Fernão de Moraes, e Franciſco Pacheco acontecêram duas couſas ſobre pontos de honra, que a huns deram materia de eſcandalo, e a outros de riſo, ſendo ambos havidos por bons cavalleiros, e que o tinham moſtrado em caſos perigoſos, e tinham dado ſempre mui boa conta de ſi, e foi, que vindo ao outro dia Franciſco Pacheco á fortaleza em hum catur, que de noite lhe levára mantimentos, dando por razão de ſua vinda, que era querer-ſe confeſſar, e fazer teſtamento, e ordenar algumas couſas de ſua alma, Antonio da Veiga Feitor da fortaleza requereo ao Ouvidor o obrigaſſe a lhe pagar certo dinheiro que devia a ElRey. Deſte requerimento feito em tal tempo, e per aquella maneira, ſe houve

Fran-

Francisco Pacheco por tão injuriado, que se determinou em não tornar á Villa dos Rumes; e vindo a Antonio da Silveira, lhe disse que elegesse outro Capitão para o baluarte, porque elle não tornaria lá em maneira alguma. Antonio da Silveira soffrendo-lhe muita sobegidão de palavras que soltou, podendo-o obrigar a servir em tempo de cerco, lhe rogou que tal não fizesse, porque daria a entender que não era verdadeira a opinião que se delle tinha, e que pois elle viera a descarregar sua consciencia, (como dizia,) houvera de agradecer a quem lhe lembrasse descargos della, como era pagar o que devia; e não o podendo persuadir o Capitão com suas boas razões, mandou a Fernão de Moraes que o tirasse daquelle erro, como tirou, e o fez tornar ao baluarte, vendo que por elle o recusar se offerecia a isso Lopo de Sousa Coutinho, que com mui grande instancia pedia a Antonio da Silveira a defensão daquelle baluarte.

Aos 26. do mez de Setembro chegou hum catur de Goa [a] com novas como era hi

a Vinha neste catur João de Cordova, que o Viso-Rey D. Garcia de Noronha despachou de Goa com cartas a Antonio da Silveira, avisando-o de sua chegada á India; e ao dia seguinte despedio Antonio da Silveira o mesmo navio, respondendo ao Viso-Rey, com relação de tudo que era passado. Diogo do Couto *cap.* 11. *do liv.* 4.

hi chegado o Viſo-Rey D. Garcia de Noronha com grande Armada, o qual eſcreveo a Antonio da Silveira, dando-lhe muitas eſperanças de o ſoccorrer mui em breve. Deſta nova foram todos mui alegres, tirando Fernão de Moraes, que perguntando ao meſſageiro ſe trazia tambem carta do Viſo-Rey para elle, e dizendo-lhe que não, diſſe que pois o Viſo-Rey lhe não eſcrevia, ſe queria ir para Goa, e aſſi o fez, ſem aproveitarem rogos do Capitão, que lhe não deo outro caſtigo, nem reprensão mais que ver a má reputação em que ficou tido de ſe anojar por lhe não eſcrever o Viſo-Rey a elle, ſendo hum cavalleiro de huma lança, onde eſtavam muitos homens Fidalgos, que mais podiam eſperar aquelle cumprimento, e ir-ſe em tempo que houvera de vir á fortaleza, ſe fóra della eſtivera; e deſejando o Capitão que os do baluarte da Villa dos Rumes ſoubeſſem as novas que eram vindas do Viſo-Rey Dom Garcia, Lopo de Souſa Coutinho ſe offereceo a lhas levar, e ſe metteo em huma fuſta com a gente neceſſaria com grande riſco da vida, e foi á viſta do baluarte, onde por a porta ſer tapada não deſembarcou; e bradando por Franciſco Pacheco, lhe fallou, e deo as novas que levava; mas ſendo ſentido dos Mouros, á ida, e á vinda

da descarregáram nelle tanta artilheria, que foi milagre tornar sem receber damno.

CAPITULO IX.

Como Soleimão Baxiá tornou de Madrefabat do combate que se deo ao baluarte da Villa dos Rumes: e como Francisco Pacheco se entregou.

SEndo passados vinte dias que Soleimão Baxiá se fora a Madrefabat a espalmar, e prover do necessario sua Armada, hum dia pela manhã, que eram vinte e sete de Setembro, começou a apparecer a Armada, que com vento prospero, e de bonança entrava toda embandeirada de muitas bandeiras de seda, e com seus tendaes de ricos paramentos, arrojando pela agua, com a gente, que nas apparencias, e ornamentos de suas pessoas mostravam virem de festa, e com grande roido de clarões, e atabales, e outros instrumentos. As galés seguindo huma fusta em que hia Juçuf Hamed Capitão mór do mar, entráram em ordem huma ante outra; e emparelhando com a lagea, que está no rostro do baluarte da barra, de que era Capitão Francisco de Gouvea, desparavam, e lançáram dentro da fortaleza grande número de pelouros; e deste ba-

baluarte, e da torre de S. Thomé lhe respondiam com groſſa artilheria, de que hum tiro lhe metteo huma galé no fundo, e della ſe ſalváram poucos; mas com os tiros que os noſſos fizeram, ſe lhes ſeguio mais damno que com os dos Turcos, porque eſtes não matáram mais que hum ſoldado [a], e algumas das noſſas bombardas arrebentáram, que feríram muitos Portuguezes, e matáram alguns, iſto cauſou a polvora não ſer a que devia, porque como a mais que na fortaleza eſtava fóra da que ſe achou nos armazens d'ElRey de Cambaya, e eſſa eſtiveſſe per erro, e pouco tento mal embarrilada, a de eſpingarda da que era fina eſtava em vaſos, que ſerviam para as bombar-

a Chamava-ſe eſte ſoldado Chriſtovão, mancebo de dezenove annos mui esforçado, filho de huma Barbara Fernandes Portugueza viuva, que vivia em Dio. Eſta mulher moſtrou na morte deſte filho huma rara fortaleza, e digna de perpétua memoria; porque recebendo ella em ſeus braços eſte filho, (nos quaes elle eſpirou,) eſpedaçado de hum pelouro, e ſuſtentando-lhe com as mãos as eſpalhadas entranhas, ſentindo nas ſuas maternaes huma tamanha dor, com tão inteiro, e igual animo a ſoffreo, que foi admiração aos circumſtantes, banhados em lagrimas, (que Barbara Fernandes não derramava,) vendo em hum peito femenil huma tão nova, e chriſtã conſtancia em caſo tão laſtimoſo. E porque eſta dor não paraſſe na morte deſte filho, aconteceo que ao outro dia ſe perdeſſe o baluarte da Villa dos Rumes, onde eſta matrona tinha outro filho maior, que ſe chamava Luiz Franciſco, para que com a perda deſte ſe lhe dobraſſe a mágoa de os perder ambos, e a fortaleza com que a ſoffreo. Lopo de Souſa Coutinho.

bardas, e ſem os bombardeiros attentarem niſſo, carregavam as peças per ſua medida, e aſſi a fineza della as fazia arrebentar. Em quanto as galés entráram, que foi des que o Sol ſahio até ás dez horas do dia, durou eſte esbombardear, e huma nuvem de fumaça que occupava grande eſpaço. Entrada aſſi a Armada, foi ſurgir junto a huma Meſquita, que eſtá em hum alto ſobre o mar, defronte do baluarte de Diogo Lopes de Sequeira, que fica no angulo da Cidade, que reſpeita ao Sul.

Coge Sofar, que todo eſte tempo não havia ceſſado de bater o baluarte da Villa dos Rumes, com o baſiliſco que trouxe de Madrefabat, e com outras peças, tendo já com ellas arraſado por cima o baluarte, e cega a artilheria, aquella tarde que entrou a Armada, deo o aſſalto com dous mil homens, dos quaes ſetecentos Janiçaros a ſom de muitos inſtrumentos, ſeguindo a hum Alferes, que os guiava com huma bandeira vermelha, arremettêram com muita furia, ſubindo per aquella ruina da bateria, e paredes derrubadas, quanto per aquelle lugar podiam caber, aos quaes os que entretanto não ſubiam favoreciam com ſuas eſpingardas, e fréchas, e defendiam aos noſſos apparecerem, e lhe reſiſtirem. Eſtando já os Turcos como vencedores em

lu-

lugar que se igualava com o mais alto; e crendo que a cousa era vencida, tentando arvorar sua bandeira, vieram ás mãos com alguns dos nossos, que vivos com muitas feridas tinham escapado da contínua bateria, os quaes ás lançadas, e com panellas de polvora os rebatêram, e lançáram em baixo, com morte de cento e cincoenta, a fóra muito número delles, que foram feridos; e os que este furioso assalto mais sustiveram, foram dous mancebos, que acertáram de estar em hum andaimo, que ficava fóra da parede do combate, os quaes primeiro ás lançadas, e depois com panellas de polvora, que os de dentro lhes davam, fizeram o que a todos os de dentro era difficultoso, e perigoso; e assi pelejando até a noite os apartar, sendo elles sós os que sustinham o pezo de tanta gente, e a que os inimigos todos assestavam seus tiros, que como eram muitos, não deixáram de lhe acertar alguns, de que foram mui mal feridos. Em fim elles fizeram tanto, que os inimigos desesperados alargáram o combate, e se recolhêram a suas estancias, espantados do esforço daquelles dous homens, dos quaes hum havia nome Antonio Pinheiro, mancebo de vinte e cinco annos, filho de hum cavalleiro da Cidade de Faro.

Naquella mesma noite veio á fortaleza hum

hum Antonio Falleiro, que eſtava no baluarte, com huma carta de crença de Franciſco Pacheco para Antonio da Silveira, dizendo, que eſtava tão mal do combate, que lhe não pudéra eſcrever, que lhe mandava Antonio Falleiro para lhe dar conta do que paſſava; e tudo o que diſſe foi recontar eſtarem todos em tal eſtado, que ſe houveſſe outro combate, ſeriam tomados ás mãos, e mortos, porque já ſe não podiam defender; e que Coge Sofar lhes commettia que ſe entregaſſem, e os deixaria com as vidas para ſe irem á fortaleza, que portanto viſſe elle Antonio da Silveira o que deviam fazer. Praticado eſte negocio com as principaes peſſoas, aſſentáram, que pois o baluarte não tinha defensão, e não podia ſer ſoccorrido da fortaleza, melhor era ſalvarem-ſe aquelles homens, que padecerem todos ao cutello ſem fruto algum, porque vivos podiam ajudar a defender a fortaleza. Eſta foi a reſpoſta que ſe deo a Antonio Falleiro, e que quando aſſentaſſe as condições de ſua entrega com Coge Sofar, foſſe de maneira que ficaſſem confirmadas por Soleimão Baxiá; e ainda para mais ſegurança lhas trouxeſſem primeiro moſtrar a elle Antonio da Silveira; mas parece que o temor occupou tanto a Franciſco Pacheco, e aos que com elle eſtavam, que quan-

do amanheceo víram os noſſos da fortaleza huma bandeira branca poſta no baluarte, em ſinal de paz, e outras no caes da meſma Villa dos Rumes. Quando veio a horas de meio dia, embarcáram todos os Portuguezes, que eſtavam no baluarte, e foi nelle poſta huma bandeira vermelha das inſignias do Turco, em cujo levantamento, e abatimento da bandeira da Cruz de Noſſo Senhor Jeſus Chriſto, que he a inſignia de ſua Milicia, e Ordem, hum João Pires homem velho indignado daquelle feito, abateo a bandeira do Turco; e ſobre eſte abater, e levantar cada hum a ſua, entre os Turcos, e ſeis Portuguezes, que com o meſmo zelo ſe ajuntáram com João Pires, houve tal debate, que por os Turcos ſerem muitos, e os noſſos poucos, vieram todos ſete a morrer, e padecer martyrio, zelando a honra de Chriſto, e ſua Fé Santa. [a]

Quando veio ao ſeguinte dia depois da ſahida deſtes homens, ſem Antonio da Silvei-

[a] Os corpos deſtes ſete Portuguezes foram lançados pelos Turcos no rio a tempo que a maré enchia: e querendo Deos meſtrar quão acceito fora diante delle o ſangue daquelles cavalleiros ſeus, per ſua honra derramado, no meſmo inſtante que os corpos tocáram a agua, refreando o mar ſeu ordenado curſo para cima, tornou com igual impeto para baixo, e levou aquelles corpos juntos até os pôr na porta da couraça da fortaleza, onde poſtos tornou a maré, que enchia a continuar ſeu ordinario curſo para cima. Notáram os da fortaleza o milagre, recolhêram os

veira ſaber as condiçóes, com que ſe deram, chegou Antonio Falleiro ao pé do baluarte de Gaſpar de Souſa já veſtido á Turqueſca, e mandou a Antonio da Silveira huma carta de Franciſco Pacheco, em que lhe dizia, como elle ſe entregára per hum ſeguro do Baxiá, e que lhe não deram tempo para lho mandar moſtrar, pelo qual lhes dava as vidas, fazenda, e eſcravos, tirando as armas, e artilheria, com tanto, que lhe foſſem fazer a ſalema á galé onde elle eſtava; e que quando os leváram á Cidade, os dividíram per eſſas caſas de dous em dous; e que elle, e Gonçalo de Almeida ſeu primo, e Antonio Falleiro foram levados á galé do Baxiá, o qual os recebêra bem, e lhes dera ſendas cabaias; e que pedindo elle a Soleimão que lhe cumpriſſe o que lhe promettêra, no formão do ſeguro que lhe dera, lhe reſpondêra, que ſe não agaſtaſſe, que elle cumpriria o que ficára, mas que por quanto queria combater a fortaleza per mar, e per terra, o tempo que niſſo gaſtaſſe os havia de reter comſigo; e que tomando a fortaleza, os mandaria á India; e que ſendo pelo contrario,

corpos; e levados com grande honra á Igreja, os enterráram defronte da Capella mór, e de crer he que ſuas almas ſubiram triunfantes diante da Mageſtade Divina, onde receberiam a glorioſa coroa de martyrio. Lopo de Souſa Coutinho.

os ſoltaria para ſe irem á fortaleza, e que lhe diſſera que eſcreveſſe a elle Antonio da Silveira, que ſe entregaſſe logo, e que a todos daria as vidas, e embarcações para ſuas peſſoas; e que fazendo de outra maneira, todos havia de metter á eſpada; e que ſobre iſſo houveſſem ſeu conſelho, em quanto carregava hum baſiliſco, e certas peças d'artilheria furioſas para combater a fortaleza. Acabando Antonio da Silveira de ler a carta, ſem conſultar a reſpoſta, eſcreveo logo a Franciſco Pacheco, que de Soleimão Baxiá não cumprir com elles, não ſe eſpantava, porque os Turcos nunca mantiveram fé, nem palavra; e que as ameaças que lhe Soleimão fazia, lhe não dava mais reſpoſta ſenão que deſcarregaſſe quantos baſiliſcos quizeſſe, que coſtumados eram a iſſo, e que por a mais pequena pedra daquella fortaleza haviam todos de morrer; e que elle, nem Antonio Falleiro não foſſe mais ouſado de lhe trazer, nem mandar taes recados, porque como a hum Turco, que elle já era, lhe mandaria tirar ás bombardadas. O preciſo termo, que Soleimão deo aos Portuguezes para lhe alargarem a fortaleza, e as ameaças que fez como homem victorioſo, por a tomada do baluarte da Villa dos Rumes, e confiado na grande Armada, e gente que trazia, em vez de di-

diminuir os animos aos cercados, foi grande incitamento para tomarem novos eſpiritos, e os animar a lhe reſiſtirem; porque por aquella quebra de ſua palavra, e pouca fé que moſtráram áquelles poucos homens cercados, e enganos que com elles uſáram, víram que nelles não podia haver esforço, nem conſtancia, polo que já deſejavam de virem ás mãos com elles, tão animoſamente como ſe elles foram gente ſem número, e baſtecidos de todo o neceſſario, e os inimigos não foram tantos, nem tão armados.

CAPITULO X.

Como os Turcos deram bateria á fortaleza de Dio vinte e cinco dias contínuos: e do muito damno, que nella fizeram.

AOs cinco dias do mez de Outubro, eſtando as galés dos Turcos derramadas pelo porto, entráram dous catures noſſos per entre ellas, em hum vinha Franciſco Sequeira Malabar de nação, (que por ſeus ſerviços ElRey de Portugal lhe mandou deitar o habito de Chriſto com tença,) ao qual o Viſo-Rey D. Garcia de Noronha mandava com cartas a Antonio da Silveira, e aos Capitães que com elle eſtavam; e em ſua companhia veio no outro catur de Baçaim, (onde eſtava Garcia de

 Sá,)

Sá,) D. Duarte de Lima filho do Monteiro mór, que por sua vontade com dez, ou doze homens se vinha metter naquella fortaleza para a ajudar a defender. Espedido logo Francisco de Sequeira com nova do estado em que ficava, houveram-se os Turcos por mui injuriados de passarem os catures per entre elles, e ordenáram-se logo para não poder entrar, nem sahir embarcação alguma; e como Soleimão Baxiá era já senhor do baluarte da Villa dos Rumes, e estava indignado por a pouca conta que Antonio da Silveira mostrou fazer delle, na resposta que deo a Antonio Falleiro, determinou não dilatar mais o combate da fortaleza, pelo que mandou assestar a artilheria em seis estancias, que lhe Coge Sofar ordenou, que como mais domestico sabia os cantos da fortaleza, posto que não tinha noticia dos repairos, e contramuros, que Antonio da Silveira per dentro tinha feitos. A somma da artilheria ordenada para bater a muralha eram nove basiliscos de desacostumada grandeza, dos quaes cada hum deitava pelouro de noventa até cem arrateis de ferro coado, cinco espalhafatos, que lançavam pedra de cinco, e seis, e sete palmos em roda, quinze leões, e aguias, quatro colobrinas, e alguns canhões de bater, que eram para espedaçar huma rocha ma-

maciça. D'outra artilheria haveria oitenta peças entre esperas, salvagens, meias esperas, e falcões; e pelo cerco adiante tirava hum quartao, que era hum temeroso instrumento. Desta artilheria eram Capitães Coge Sofar, que ordenára o assento della, e Juçuf Hamed Capitão de Alexandria; e para sua guarda havia dous mil Turcos repartidos per Capitanías nos lugares, que lhes foram ordenados, a fóra a gente Guzarate de Coge Sofar. Soleimão Baxiá esteve sempre na Armada em sua galé, sem ir a terra ver cousa alguma, ou por sua idade, e aleijão de muita gordura, ou por estar mais seguro para fazer alguma cousa de si, se a nossa Armada viesse; mas á galé lhe hiam dar razão do que se fazia, e dalli provia, e ordenava o necessario. A situação desta artilheria para nos combater, era, que a que mais longe estava da fortaleza, não passava de cento e cincoenta passos, e a mais chegada estava a sessenta, e toda amparada com mantas grossas. Entre esta artilheria, e os muros da fortaleza estavam humas estancias de gente, para logo arremetter, como houvesse cousa aberta, ou derribada para poder entrar, e toda mettida per cavas em tal ordem, que a nossa artilheria não lhe podia fazer nojo, e a sua tirava per cima delles ás ameas dos baluar-

tes,

tes, e muros, que por ſer ponteria alta eſtavam debaixo ſeguros de receber algum damno.

Com eſta ordem, e concerto começáram os Turcos a bater a fortaleza huma ſegunda feira quatro de Outubro, em ſahindo o Sol, no qual, e no ſeguinte em nenhuma outra couſa trabalháram ſenão em cegar noſſa artilheria; no qual tempo elles dos noſſos recebêram pouco damno, e os noſſos delles muito, por o grande eſtrago que faziam nas ameas, e no muro, e em toda a outra parte aonde apontavam per onde deſejavam entrar, e aſſi procuravam de nos quebrarem algumas peças, a que de propoſito apontavam, porque eram tão grandes officiaes, que ſempre acertavam no lugar em que queriam dar, do que hum dos noſſos ſoldados querendo fazer experiencia, tirou o chapeo da cabeça, e o poz de induſtria em hum páo, o qual, cuidando os artilheiros que era cabeça de homem, o leváram logo com hum pelouro; e nos lugares onde desfaziam parede, amea, ou outra couſa, que convinha aos noſſos reparar, tinham eſta aſtucia, que como ſentiam que trabalhavam, de novo tornavam atirar ao proprio lugar; o que entendido dos noſſos, batiam de dentro em outra parte sã, quando repairavam alguma quebrada,

da, e aſſi trabalhavam mais ſeguramente. Eſta ordem tiveram os Turcos em dar ſua bateria per eſpaço de vinte e cinco dias contínuos ſem ceſſarem. A parte onde fizeram maior damno foi no baluarte, em que eſtava Gaſpar de Souſa, porque como não tiveſſe travézes de que ſe pudeſſem temer, o batêram os primeiros cinco dias de maneira, que ficou raſo, derribando-lhe todas as ameas; e abaixo dellas foram comendo tanto a groſſura da parede do baluarte, que chegáram ao entulho delle. Quando Antonio da Silveira vio tanto damno, atalhou o baluarte quaſi hum terço, e dalli foi criando huma parede de pedra, e barro da banda da bateria, e veio deſcendo pela parte de dentro em degráos, para os noſſos terem per onde ſubir, e defender, ſe vieſſem com eſcadas a commettellos.

CAPITULO XI.

Como os Turcos perſeveráram em combater o baluarte de Gaſpar de Souſa; e da reſiſtencia que ſe lhes fez: e como foi morto Golçalo Falcão.

ACabados os repairos, e atalho, que Antonio da Silveira mandou fazer no baluarte de Gaſpar de Souſa, com a pedra, e ca-

e caliça que cahia do que se derribava ao pé delle, fabricáram os Turcos huma subida, que sem escadas facilmente podiam subir, e vir ter á parede que os nossos tinham feita, para virem com elles ás mãos. Pelo que passados cinco dias do combate, ao sexto, a horas de meio dia, quando lhes pareceo que sería o repouso dos nossos, (o qual elles não tinham de dia, nem de noite,) subíram por aquelle lugar cincoenta Turcos bem armados, que mais não cabiam por a estreiteza do sitio, ficando porém grande número delles mettidos na nossa cava, porque os não vissem do muro, para succederem aos que morressem, ou cansassem; e com piques, partesanas, e panellas de polvora foram a commetter Gaspar de Sousa, que com os seus se defendeo valerosamente, acudindo-lhe tambem os das outras estancias vizinhas, porque esta ordem tinha dada Antonio da Silveira em todas, que quando houvesse pressa em huma, lhe acudisse a mais vizinha, e elle com sua pessoa acudiria a todas, segundo a necessidade de cada huma, e este era o mais certo lugar em que o achavam. Com este soccorro matáram os Portuguezes tantos dos Turcos, posto que, derribados os de cima, subiam outros em seu lugar dos da cava, que os fizeram affastar mal de seu grado;

e nes-

e nesta porfia morrêram dos nossos sómente dous, mas foram muitos feridos.

Deste dia em diante, em quanto o cerco durou, sempre se pelejou neste repairo sem intermissão alguma todos os dias duas, e tres vezes, havendo sempre dos Portuguezes alguns mortos, e muitos feridos, e dos Turcos muitos mais, posto que se enxergava nelles menos, que nos nossos. No lugar da peleja nos tinham elles grande vantagem, porque pelejavam de cima para baixo, porque o seu arremesso hia com força natural, e os nossos passavam maior trabalho. E como a contínua bateria tivesse gastado, e derribado o repairo, que se fez naquelle baluarte de Gaspar de Sousa, levantou-se outra parede de terra, e pedra detrás da derribada. E porque já no pouco espaço, que ficava aos nossos do baluarte, se não podiam revolver quarenta homens, que para resistirem a algum pezo de gente eram mui poucos, nem havia lugar onde se fizesse outro repairo, foi Antonio da Silveira criando de dentro junto ao baluarte huma torre de pedra, e barro tão alta, que igualou a altura do baluarte, da qual com menos perigo, e descommodidade podiam os nossos pelejar, e defender-se.

No mesmo tempo vieram os Turcos melhorando suas estancias, chegando-as até as

pe-

pegar com a cava, ſem ſe lhe poder defender, porque fizeram de couros de bois grandes ballas, e fardos cheios de terra, e de algodão, os quaes os vinham rolando homens detrás delles em giolhos, encubertos com a groſſura deſtas ballas; e poſto que do muro trabalhaſſem os eſpingardeiros de lho defender, matando, e ferindo muitos, não foram parte para eſtorvar, que não chegaſſem á cava, onde com enxadas, e alviões cavando fizeram vallos tão altos, que podiam a ſeu ſalvo andar em pé cubertos, e ſeguros da noſſa eſpingardaria. E deſtas ſuas eſtancias fizeram outras cavas, pelas quaes hiam, e vinham ſeguramente, engroſſando os ditos repairos com muita pedra ſolta, e terra, e rama, e deſta maneira accommettiam os do muro ſem perigo cada vez que queriam. E como a terra, e caliça da bateria do baluarte impedia bater-ſe no vivo delle, deſtas eſtancias compeliam á gente de Cambaia, que com Coge Sofar eſtava, que com enxadas, e ceſtos deſpejaſſem o pé do muro. E porque Antonio da Silveira mandou tirar a artilheria daquelle baluarte, por eſtar toda cega, e não ſervir já nelle ſenão braços de cavalleiros, que á mão tente o defendiam, e os Turcos tinham ſua eſtancia perto, e não receavam a artilheria por a não haver alli, vieram-ſe ao pé do

ba-

baluarte, e minárão tanto por dentro delle, que ficava hum grande ſombreiro de parede ſobre elles, que os encubria, e não lhes podiam os noſſos fazer algum damno. E para ver aquelle lugar, mandou Antonio da Silveira eſtes quatro homens, Fernão Rodrigues, Rodrigo Alvares, Duarte Pinto, e hum homem mulato de alcunha de Silva, que foſſem ſaber ſe faziam mina, porque ſentia bater no muro. E deſcidos per cordas, acháram quatro Turcos, que eſtavam com gente de ſerviço tirando pedra, e caliça já quebrada do baluarte, dos quaes Turcos matáram dous, e os outros ſe puzeram em ſalvo, e elles ſe tornáram a recolher; e porque eſtes homens com a revolta da morte dos Turcos não pudérão ver bem o que lhe mandáram, e Antonio da Silveira não perdia dalli o ſentido, mandou lá Paio Rodrigues de Araujo Alcaide mór da fortaleza, a ver ſe faziam alguma mina per baixo da terra, o qual deſceo abaixo per cordas, levando comſigo quatro homens, e vio que não era mina, ſómente deſpejavam a pedra, e caliça das ruinas do baluarte.

Aos dezeſeis de Outubro, trabalhando Gonçalo Falcão no ſeu baluarte, em que os Turcos tinham feito muito damno com ſua artilheria, e embaçada a noſſa com cali-

liça, andando elle dando ordem para ſe açalhar huma bombarda, como era o dianteiro que encaminhava os outros, tanto que foi deſcuberto, veio hum pelouro de bombarda dos inimigos que lhe levou a cabeça pelos ares, ficando o toro do corpo entre ſeus companheiros, aonde logo Antonio da Silveira acudio, provendo de Capitão daquelle baluarte a Paio Rodrigues de Araujo. A morte de Gonçalo Falcão foi de todos mui ſentida, aſſi por as boas qualidades de ſua peſſoa, como por a ajuda que nelle achavam de conſelho, e de obras em todos negocios, e porque naquelle cerco á ſua cuſta ſuſtentava muita gente. Naquella meſma manhã tornáram os Turcos outra vez commetter a Gaſpar de Souſa, a que logo na primeira arremettida matáram tres homens, e feríram ſete, ou oito, dos quaes foi hum João de Fonſeca, que de huma eſpingardada, que lhe entrou pelo collo do braço, e lhe ſahio pelo ſangradouro, ficou com a mão direita aleijada, e inutil; e mudando a lança para a eſquerda, e a adarga para o hombro do braço aleijado, tornou a pelejar como valente homem que era, e como ſe nelle não houvera falta de ſua mão direita. E por o lugar ſer eſtreito, em que não cabiam mais que doze homens, de que elle era o dianteiro, e ficavam muitos detrás

eſ-

esperando vagante, Duarte Mendes de Vasconcellos vendo-o tão ferido, e o muito sangue de que se vasava, tirou por elle, dizendo, que se fosse curar; mas como João de Fonseca tinha mais tento nos Turcos, que nos companheiros, não lhe acudio, e tornando Duarte Mendes dizer-lhe em modo de reprensão, que se tirasse dalli, pois não podia governar seu braço direito, e lhe désse o lugar, elle anojado lhe respondeo: *Em quanto eu tenho braço esquerdo, não hei mister o direito, e vós não sejais tão desarrazoado que me peçais meu lugar.* Lopo de Sousa Coutinho, que era presente, e ouvio que aquillo fora dito com cólera, com palavras brandas lhe rogou que se fosse curar, o que elle então fez, mais por cortezia, que por a dor do braço, de que de todo ficou aleijado.

Neste combate, porque foi mui rijo, acudio Lopo de Sousa com sua gente, segundo era ordenado que acudissem os das estancias vizinhas huns aos outros. E como os Turcos per andarem escaldados dos nossos affrouxassem os combates, mandou Antonio da Silveira a Lopo de Sousa, que com sua gente descesse á cava, e désse nos Turcos que nella estavam, porque lhe faziam mais damno irem de vagar no combate, que depressa, por lhe impedirem tra-

ba-

balhar na torre que dissemos que levantava, por ser já a maior parte do baluarte tomada, e tambem porque estando muita gente no baluarte impediam o serviço, e os Turcos achavam sempre em que empregar seus tiros. Recolhendo Lopo de Sousa sua gente, se foi com seu guião ao baluarte S. Thomé, e per hum recanto delle contra o mar, ainda que o lugar era perigoso por ser mui alto, e a cava alli mais profunda, per huma corda que se atou em huma amea, se desceo ao releixo entre a cava, e o muro, e dallì lançando huma escada de corda de quarenta degráos, se calou a baixo. [a] E sendo-lhe dito de cima, que de huma mesquita fora visto de hum Mouro que hia correndo dar o rebate de sua ida aos das estancias, com esses homens que já eram descidos, que seriam trinta e cinco, sem esperar por os mais, por não ser sentido, foi commetter os Mouros, de que muitos estavam em cima do baluarte, e outros pelas quebras delle descançando, e incitando aos nossos que se descubrissem, para com sua artilheria os pescarem. E como Lopo de Sousa chegasse áquelles que mais baixos estavam, fizeram rostro; mas como os elle apertasse ás lançadas, empuxando-os, ficáram seis mortos, e os que em cima estavam, ven-

[a] Lopo de Sousa Coutinho.

vendo como os debaixo eram tratados, derribando-ſe pelas quebras, vinham mui depreſſa cahir em ſuas lanças, e delles morrêram outros poucos, e aſſi ſe deſpejou o lugar para os noſſos fazerem ſua obra. E para ſe evitarem eſtes pequenos combates, com que ſe perdia trabalharem nos repairos, mandava Antonio da Silveira muitas vezes gente á cava, e hum dia mandou a hum Simão Furtado homem valente, e ſeſudo, com outros da companhia de Lopo de Souſa, e com elles foi hum ſeu criado per nome Joanne de idade de dezoito annos, com ſua eſpada, e huma eſpingarda; e feito ſinal pelos do muro, quando foi tempo para darem nos Mouros da cava arremettêram com elles; o moço deſparando a eſpingarda em hum Mouro, e arrancando a eſpada, ſeguio a outro, não ſendo parte Simão Furtado para lho eſtorvar; e antes que o Mouro ſe pudeſſe recolher ás eſtancias que eſtavam pegadas na cava, lhe chegou o moço, e o picou de maneira que o Mouro não ſe atrevendo a defender delle, nem menos deitar-ſe nas eſtancias, poz o roſtro no rio, determinando de ſe ſalvar na agua, na qual ſe metteo até lhe dar pelos hombros. E como o moço o hia ſeguindo até lhe dar a agua pelo peſcoço, por ſer pequeno de corpo, e o Mouro ſe não atre-

veſ-

vesse a metter-se mais dentro, porque a corrente do rio o não levasse, e o moço lhe não pudesse bem chegar para o ferir, Lopo de Sousa bradou do muro ao moço que lhe désse de ponta: o moço que estava tanto em si, que conheceo na falla seu senhor, e o entendeo, começou a lhe tirar estocadas; e como a agua onde o moço estava fosse muito alta para sua pequena estatura, querendo-se melhorar para ferir o Mouro, se lhe foram os pés, e cahio, ficando mergulhado. O que vendo o Mouro, veio sobre elle, e lançando-se-lhe em cima, o queria affogar, sem até aquelle tempo lhe lembrar que trazia espada. Mas ao moço não falleceo espirito, porque posto que da agua salgada em que estava tivesse bebida muita quantidade, e estivesse cansado, e huma das mãos occupada com a espingarda que nunca a largou, lembrando-se melhor da sua espada, que o Mouro da sua, lha metteo tres, ou quatro vezes pela barriga, e o matou, e elle se levantou cheio de sangue do Mouro. E tirando-lhe os inimigos grande somma de espingardadas, e fréchadas, sem nenhuma dellas lhe tocar, se sahio da agua seus passos contados, com a espada em huma mão, e a espingarda na outra, e pegado aos Turcos passou com o rostro nelles, como quem os tinha em

pou-

pouco, e assi entrou na cava sem ferida alguma.[a]

Outra vez mandou Antonio da Silveira a Manoel de Vasconcellos per duas vezes a entrar nesta cava, por se achar bem do damno que per alli se fazia aos Mouros. E da primeira, posto que elle, e os seus pelejáram mui valentemente, matáram-lhe Christovão de Sousa, homem fidalgo, e mancebo em grande maneira esforçado, e de grandes esperanças, que neste cerco tinha servido muito, e assi lhe feríram alguns homens outros. Mas da segunda vez por ir com mais ordem, fez muito damno aos inimigos, ferindo, e matando muitos delles. Lopo de Sousa Coutinho tambem teve sua hora de damno, porque cabendo-lhe ir vigiar no quarto da alva o baluarte dos combates, vindo a manhã o accommêtteram os inimigos, e como lho defendesse, de hum través foi ferido de hum pelouro de meia espera pela hombro, e espadoa direita, de que recebeo huma grande ferida, e das laminas das couraças que tinha vestidas houve outras feridas pelas costas, das quaes foi levado a curar á sua estancia. E tudo o que succedeo até o ferimento de Lopo de Sou-

a Este moço se chamou depois João Gil de alcunha o Pequeno, e viveo depois muitos annos casado em Dio, rico, e abastado, onde o conheceo Diogo do Couto, *como o escreve no cap. 9. do liv. 4. Dec. 5.*

ſa, diz elle meſmo em hum tratado que deſte cerco fez, que de tudo foi teſtemunha de viſta, e o que dahi em diante eſcreveo, foi do que ſoube, e ouvio a peſſoas dignas de fé. Do qual tratado no que toca a eſte cerco, como de author tão authentico, nos aproveitámos em muitas couſas.

CAPITULO XII.

Da doença grande que ſobreveio aos cercados; e como as mulheres ajudáram a trabalhar nos repairos.

ERa vinda a tanta diminuição a fortaleza com a contínua bateria que os Turcos davam havia tantos dias, e com as ſahidas, que os noſſos faziam para lançarem os Turcos das cavas, que fazia parecer a muitos, que ſe não poderia defender, porque viam mortos muitos homens valeroſos, e grande número de feridos, que com ſuas curas occupavam os ſãos. A polvora de eſpingarda, e bombarda eſtava quaſi acabada, e da meſma maneira todas as mais munições, e artificios para a defensão. As lanças dos continuos tiros as mais eram cortadas. A eſperança, em que a gente commum ſe ſuſtentava de ſoccorro do Viſo-Rey, hia-ſe perdendo. Ajuntava-ſe a iſto, que as fortalezas vizinhas á que o Capitão man-

dá-

dára pedir algumas couſas neceſſarias, de nenhuma maneira acudiam. E mandando ſó Simão Guedes Capitão de Chaul certa polvora, teve tão máo recado nella o que a trazia, que em a deſembarcando, cahíram os vaſos, em que vinha, na agua, e ſe perdeo toda. Outro infortunio, que áquelles cercados miſeravelmente tratava, e que era intoleravel, foi a doença geral, que a todos ſobreveio da boca damnada, e gingivas corruptas. Eſta enfermidade era tão exceſſiva, que lhes cahiam os dentes, e com as grandes dores lhes era forçado vigiarem eſſe pouco eſpaço, que alguma hora do trabalhar nos repairos, ou de pelejar com os inimigos lhes ficava para poderem dormir, ou repouſar, porque todo o paſſavam em gemidos. E ſobretudo de nenhuma maneira podiam comer, e da boca tornavam a deitar muitas vezes eſſe pouco arroz, que comiam. Eſta doença lhes cauſou a agua, que bebiam da ciſterna; porque como com a preſſa da guerra deitáram nella agua, eſtando de freſco guarnecida com hum betume, que ſe faz em Ormuz, que ſe chama Charú, corrompeo-ſe a agua, e cauſou aquelle trabalhoſo mal. Polo que com o continuo trabalho das baterias, e rebates dos inimigos, e da pouca ſubſtancia do mantimento, e por andarem diſvelados os homens de tanto tem-

 po,

po, andavam triſtes, e debilitados, mas não que por iſſo ſe viſſem ir com menos esforço a pelejar.

[a] Havia na fortaleza de Dio entre as mais mulheres, que a ella ſe recolhêram da Cidade, quando ſe começou a guerra, huma Dona Iſabel da Veiga filha de hum nobre Cidadão de Goa chamado Franciſco Ferrão, Juiz que foi da Alfandega daquella Cidade, e mulher de Manoel de Vaſconcellos muito bom cavalleiro, e homem Fidalgo, natural da Ilha da Madeira, que foi Juiz da Alfandega de Dio, a qual por ſuas muitas virtudes, e animo heroico ſe não deve pôr em eſquecimento o muito que no trabalho deſte cerco ajudou com muitas mulheres, que a iſſo incitou. Era eſta Dona na idade ainda moça, e mui gentil mulher, e de tão honeſto, e authorizado aſpecto, que ninguem haveria que lhe não tiveſſe grande acatamento, e reverencia; e já no princípio deſte cerco tinha ella dado huma grande prova de ſeu valor; porque quando Antonio da Silveira deſpedio o catúr em que veio João de Cordova com a nova da chegada a Goa do Viſo-Rey D. Garcia de Noronha, Manoel de Vaſconcellos a quizera mandar naquelle catúr a Goa a ſeu pai, receando que ſe perdeſſe a fortaleza, e que foſſe ſua mu-

a Lopo de Souſa Coutinho.

mulher despojo dos Turcos ; e communicando com ella esta sua determinação, lhe respondeo, que não permittisse Deos que ella se ausentasse donde elle ficava; que se tinha conhecido nella alguma fraqueza, ou descuido em seu serviço, que lho dissesse, e que se emendaria; mas dar-lhe tão aspera pena, como era apartalla de si, ella o não merecia; e que não cuidasse, que a segurava apartando-a daquelles perigos, porque em sua companhia lhe não pareciam taes, o que lhe não aconteceria estando ausente, porque seu espirito seria sempre atormentado de grandes receios, e temores, e que cuidando elle que a tinha segura dos inimigos, a matariam imaginações; pelo que lhe pedia que houvesse por bem que ficasse ella alli, ao menos para ser sua enfermeira quando lhe fosse necessario. Mas porque tivesse menos de que cuidar, mandasse a Goa huma filha pequena, que de entrambos havia, porque se Deos daquella fortaleza alguma desaventura tivesse ordenada, por sua pouca idade se não perdesse. Pudéram estas honestas, e discretas razões de Isabel da Veiga tanto com seu marido, que desistindo elle de sua determinação, quiz antes sua companhia com temores, que sem elles apartalla de si. Continuando-se o cerco, e vendo Isabel da Veiga que o número dos cavalleiros,

ros, e ſoldados que alli havia era vindo a muita diminuição, e que lhes era neceſſario dividirem-ſe huns para pelejarem, e outros para ſervirem nos repairos, e acarretos da terra, e pedra, e outras achegas, em que conſiſtia ſua defensão, e que dividindo-ſe, não ficava delles número baſtante para bem acudir a huma couſa, e outra; e que o ajudar a tirar, e a acarretar a pedra que hia, ſendo muita, podiam fazer mulheres, que não era obra viril, nem de artificio, com que ellas não pudeſſem, determinou-ſe de ella, com as mulheres que na fortaleza havia, tomarem ſobre ſi eſſe cargo, e deſoccupar outros tantos homens para ſeu officio das armas. E communicando iſto com huma Anna Fernandes, mulher honrada, de idade velha, caſada com o Bacharel João Lourenço Fyſico, a qual era de grandes eſpiritos, e fóra da commum medida das outras mulheres, e que naquelle cerco uſou de grande caridade com os feridos, e enfermos, ambas incitáram todas as outras mulheres de toda qualidade a acarretarem em ſuas alcofas, e vaſilhas terra, pedra, agua, e outras couſas neceſſarias, ſendo governadas pelas duas Iſabel da Veiga, e Anna Fernandes, e com ſua diligencia, e exemplo obrigavam aos homens ſoffrer dobrado trabalho.

Não ſe ſatisfazia o eſpirito de Anna Fer-

nan-

nandes com estes exercicios, porque sem tomar repouso como anoitecia, hia correr as estancias das vigias, e quando havia assaltos acudia a elles, e com animo varonil se mettia em meio dos soldados, animando-os; e vendo pelejar alguns froxamente, os reprehendia, e esforçava. Visitando ella hum dia o baluarte dos combates, achou nelle morto de huma espingardada pela cabeça a hum filho, que tinha de dezoito annos, mui bom soldado, ao qual com grande inteireza tomou nos braços, recolheo, e como se acabou a briga, lhe fez dar sepultura; com huma segurança, e soffrimento que espantou a todos, não deixando de continuar com seus piedosos exercicios, encubrindo a dor de tal perda por não entristecer a todos, que como mãi a amavam.

CAPITULO XIII.

Como os Turcos tentáram minar o baluarte dos combates; e como Gaspar de Sousa foi morto.

SEndo o baluarte de Gaspar de Sousa o que os Turcos mais combatiam que nenhum outro, por o terem já tão raso, que do chão subiam per elle, como quem vai per huma costa acima, não se contentáram senão de irem melhorando tanto suas estancias,

cias,

cias, até que deram com ellas na borda da nossa cava; e como as alli tiveram, começáram de minar o baluarte, em que muitos dos seus perdêram a vida. Para o que usáram de huma máquina da fórma que são os cavallos de pôr sellas, os quaes eram de taboado, cubertos de couro de boi, e assi eram altos por cima, e largos per baixo, que em cada hum delles vinham mettidos cinco, e seis homens, de que huns hiam a minar o baluarte, outros subiam em cima delle a pelejar com os nossos, sem haver entre huns, e outros mais que huma parede. Mas como os Turcos víram que esta invenção lhe servia pouco, porque os nossos com panellas de polvora, ola, azeite, e lenha miuda lhe queimavam estes cavallos, tornáram-se ás ballas, com as quaes tiveram encuberta para irem pegar suas estancias em a nossa cava. Antonio da Silveira como não perdia o sentido deste lugar, e sempre temeo ser minado, por se tirar desta suspeita, mandou a elle Cide de Sousa, e Rodrigo de Proença, ambos escoteiros, por elles serem pessoas de que podia confiar isto, os quaes trouxeram recado que o baluarte se minava. E porque Luiz Neto, que já lá fora antes destes, porfiava que não podia ser mina, dando sobre isso muitas razões, não descançou Antonio da Silveira até que lá

man-

mandou Gaſpar de Souſa Capitão do meſmo baluarte, que deſceo pelas roturas, e quebradas com ſetenta homens bem armados, e preſtes para tal accommettimento, e que huns foſſem accommetter as eſtancias dos Mouros, para que em quanto eſtes deſſem, e entendeſſem com elles, outros a quem o cargo hia encommendado, viſſem bem o que elles faziam, e ſe minavam, ou não; e que nas coſtas deſtes ficaſſem outros preſtes para acudir de dentro da fortaleza. Deſcido Gaſpar de Souſa antemanhã a eſte feito, os que levavam as bombas, e lanças de fogo tiveram cuidado de as logo pegarem nas ballas que os Mouros tinham por repairo. Os quaes como gente confiada, que os noſſos não ouſariam chegar áquelle lugar, eſtavam tão deſcançados, que ſe vingáram os noſſos bem delles, matando, e ferindo, como ſe fora gado ſonorento. Neſte tempo aquelles a que foi dado cargo de verem a mina, a víram, e medíram quanto entrava pelo corpo do baluarte.

Dado com eſte alvoroço rebate nas outras eſtancias dos Turcos, acordáram ao appellidar daquelles feridos, onde logo foram juntos mil e quinhentos delles, e ſeguíram a Gaſpar de Souſa, o qual vinha já perto da boca da çava, recolhendo os ſeus, e fazendo-os andar. E porque vio dous homens

a que

a que quiz acudir, ficando elle só detrás de todos, como sempre fazia no recolher dos seus, foi accommettido de grande número de Turcos. E como elle era homem de grande animo, e primor, não querendo salvar-se, apressando o passo, fez rostro a elles com grande valentia, e assi os accommetteo, que sendo o lugar estreito, fez tornar atrás aos que diante hiam, até vir ao largo com elles, onde foi cercado de todos, e defendendo-se valerosamente, foi decepado das pernas, e assi se defendeo quanto lhe foi possivel, até que com o muito sangue que se lhe hia, e multidão dos inimigos, foi derribado. Os Turcos lhe cortáram os pés, e mãos, e a cabeça posta em huma comprida lança, trouxeram com triunfo per todas as estancias, e o corpo lançáram na praia, onde depois foi achado, e conhecido, enterrado com muitas lagrimas de todos por sua grande bondade, e valentia. Recolhidos os que com Gaspar de Sousa foram, e sabido per Antonio da Silveira como a mina dos Turcos entrava ainda mais que ao meio do baluarte, mandou com muita diligencia fazer huma contra-mina, cavando o entulho delle, e levantar a torre que fazia. E do baluarte deo a Capitanía a Rodrigo de Proença, homem esforçado, e soffredor de trabalho.

Nes-

Neſtes meſmos dias os Turcos combatiam outras partes, como foram a caſa do Capitão, e eſtancia de Lopo de Souſa Coutinho. E como as paredes eram delgadas, com dez, ou doze tiros vieram ao chão; mas logo de dentro foram reformadas com outra parede mais groſſa de muro terraplenado, e outros entulhos. E de tal maneira accommettêram os Turcos a eſtancia de Franciſco Henriques, que era de muro delgado, que não ficou amea ſobre ella, de maneira que não podiam andar per elle de raſo; mas logo reformáram os noſſos outras dobradas em largura em parte, que quando os inimigos combateſſem eſtes lugares, podiam receber damno do baluarte do mar, em que eſtava Antonio de Souſa, ao qual tambem combatiam, e aſſi a torre de homenagem, que era do meſmo baluarte, onde todos, aſſi os de dentro, como os de fóra, ſempre recebiam damno de homens mortos, e feridos. O que ſe enxergava mais nos noſſos, que eram poucos, por os mais ſerem mortos, e feridos, e eſſes dos principaes em que conſiſtia a defensão.

CA-

CAPITULO XIV.

Do ardil, com que os Portuguezes tratáram de impedir os combates que se davam ao baluarte; e do soccorro que o Viso-Rey mandou a Dio; e da confusão que causou aos Turcos.

SEndo os assaltos, e combates, que os Turcos davam á fortaleza, tão continuos de dia, e de noite, sem intermissão alguma, estavam os Portuguezes tão cansados, e disvelados, por não terem hora de repouso, que se não podiam ter em pé, e tinham perdido muito de suas forças, se as do animo lhes não valêram. Porque como os inimigos eram muitos mil, e quando cansavam huns, succediam outros em seu lugar, que estavam folgados, podiam continuar os combates, sem o trabalho que os cercados padeciam, os quaes eram tão poucos, que começando em seiscentos, veio o número diminuir-se tanto por os mortos, e feridos, que era necessario aos mesmos pelejarem sempre em hum tempo, e em todos lugares, e repairar o que os Turcos derribavam, e assi não tinham socego de hum momento. Polo que para terem algum repouso, inventáram hum ardil de guerra nunca visto, não para desaliviarem de todo do trabalho, mas para o di-

diminuirem em alguma parte, tomando por remedio o que outros puderam ter por damno. E o ardil era efte. Ao pé do baluarte, que defendiam no lugar dos atalhos, e quebras delle, fe fazia hum terreiro, em que os Turcos fe punham, e pelejavam com os que eftavam no baluarte. E para os noffos os defviar que não pudeffem vir a miude aos combater, como faziam, lançáram naquelle terreiro muita quantidade de lenha fecca acceza, que com outra mais fecca hiam accrefcentando, com que fizeram huma grande fogueira, cujas brafas com ganchos, e inftrumentos de ferro efpalhavam per todo o campo do terreiro. Efte fogo veio a fer tão grande, que os inimigos não fe podiam chegar a elle, nem com grande parte defviados o foffrer. E os noffos mefmos, que entre o fogo, e o lugar onde eftavam fe não mettia mais que huma parede, lá fentiam feu trabalho de exceffiva quentura fobre a do Sol, que então era mui grande. Mas tinham nifto alguma maneira de defcanço do continuo trabalho. E ainda efte lhe durou pouco; porque os inimigos vendo efta invenção, perque os noffos lhes impediam chegar a elles, a bateria que houveram de dar ao baluarte, davam aos tições, e brafido, que ás bombardadas começáram de o desfazer, e esborralhar de maneira, que os

met-

mettiam dentro do baluarte, de que os nossos recebiam muito máo tratamento, não deixando todavia Rodrigo de Proença de accrescentar o fogo com cópia de lenha com que o hia cevando; mas foi sem fruto, porque o fogo se affogou de todo, e os Turcos tornáram dar grande oppressão aos nossos.

Aos 26 dias daquelle mez de Outubro, sendo já o fogo de todo acabado, huma grande multidão de Turcos bem armados commettêram a entrada do baluarte, lançando dentro muitas panellas de polvora, e artificios de fogo, das quaes os nossos se livráram com mandar banhar a parte do eirado, que elles occupavam de muita agua, que mandavam acarretar, para que a polvora das panellas não tomasse fogo. Finalmente os Capitães das estancias sahindo com os Turcos ao chão, que sobre os repairos se fazia, resistíram de maneira ao furor, e impeto, com que os Turcos os commettêram, que depois de huma grande, e bem perfiada peleja os empuxáram, e lançáram do lugar, dos quaes foram mortos quarenta, e feridos grande número, e dos nossos mortos quatro, e feridos vinte e cinco, entre os quaes Francisco de Gouvea sahio queimado de pés, e mãos, e rosto, que se não conhecia, e feridos Manoel de Vasconcel-

los

los de duas fréchadas pelo roſto, e Duarte Mendes em huma perna, os quaes naquelle combate moſtráram bem ſeu esforço, e outros homens honrados, que poſto que mal feridos, não deixáram de pelejar, e trabalhar como os mais sãos.

Ao dia ſeguinte, que foram 26 do mez, ante manhã entráram pela barra quatro catures, que o Viſo-Rey D. Garcia mandára de Goa para favorecer a gente, de que eram Capitães Gonçalo Vaz Coutinho, Martim Vaz Pacheco, com Gabriel Pacheco ſeu primo, Antonio Mendes de Vaſconcellos, e com elles vinte oito homens, taes quaes havia miſter aquelle accommettimento. E poſto que não traziam polvora, que era a couſa de que na fortaleza mais falta havia, nem outras munições, por ſerem conhecidos em ſuas obras, alegráram a todos. E por a entrada deſtes catures ſer ás duas horas depois da meia noite, uſou Antonio da Silveira de cautela, que por os inimigos não ſaberem quão poucos eram, porque per hi poderiam colligir a gente que entrava, mandou que logo antes de amanhecer-ſe tornaſſem a ir. Os Turcos por o luar que fazia houveram ſentimento dos catures, ainda que não viſta do número delles. E ouvindo a feſta que hia na fortaleza, julgavão que lhe viria grande ſoccorro, a qual ſuſpeita fez nel-

nelles grande alteração, posto que Coge Sofar, e os seus lhes mostravão fazer pouco caso da gente da fortaleza. Porque lançavam conta que ao tempo da chegada de Soleimão Baxiá, era sabido não haver nella mais de seiscentos homens de peleja, que com o longo cerco estavam cansados, e em número muitos menos, por nos combates serem muitos mortos, e feridos, sem lhes ter vindo soccorro mais que aquelle, que era de crer seria de pouca gente, pois os navios eram sómente de remo. E que a artilheria que tinham era pouca, e déssa lhe arrebentára alguma, por a principio os viam tirar mais que ao presente.

O que tambem fazia confusão a Soleimão Baxiá era ver, que elle tinha perdida muita gente, e de quantas vezes accommettêram a fortaleza, sempre foram lançados dos combates com muito damno seu, e que mão por mão hum dos Portuguezes era para dez dos seus Turcos. Tambem começou tomar desgosto de Coge Sofar, porque fora causa de elle quebrar a furia, e força de sua Armada em cercar aquella fortaleza, fazendo-lhe crer que em dous combates a levaria nas mãos, e depois íria a pelejar com nossa Armada, o que elle tudo víra ao contrario. E que em seguir o conselho de Coge Sofar, estava dando tempo a que o Viso-

ſo-Rey vieſſe mais poderoſo contra elle, pelo que lhe diziam da grande Armada que ajuntava. A iſto ſe chegava, ſegundo ſe tinha por certo, que o regimento, que trazia do Turco ſeu Senhor, era quebrar as forças do mar aos Portuguezes por ter ſabido, que eſtas lhes tinham dado ſerem Senhores da India, e que o modo que elles tiveram para a ſenhorear, eſſe lhe convinha a elle ter. Eſta indignação que trazia veio a quebrar na cabeça de Antonio Falleiro, o qual ſendo perguntado por Soleimão Baxiá, quando tomou a Villa dos Rumes, quanto poderia tardar o ſoccorro do Viſo-Rey com ſua Armada, porque lhe diſſe que não poderia paſſar de certo termo per razões que deo, e não ſuccedeo aſſi, lhe mandou cortar a cabeça.

CAPITULO XV.

Dos aſſaltos que os Turcos deram ao baluarte do mar, e ao dos combates: e refere-ſe hum caſo de hum esforçado ſoldado.

HAviam per aquelles dias os Turcos batido o baluarte do mar, e aberto nelle grande caminho para ſer accommettido da gente. Polo que a terça feira ſeguinte, que foram vinte e nove do mez, foram

juntas cincoenta barcas das galés, e galeões que na Armada vinham, e embarcados nellas fetecentos homens, e Mahamud Queuan Bec por Capitão delles. E em rompendo a manhã, a fom de muitos clarões o foram accommetter. E antes de chegarem ao baluarte, os noffos lhes tiráram da fortaleza certos tiros, com que lhes mettêram no fundo duas barcas. E fahindo das outras a gente de que o defembarcadouro era capaz, accommettêram a fubida, que já lhes era facil. Ao que os que nas barcas ficavam ajudavam defendendo com feus arcos, e efpingardas apparecer ninguem nos repairos. Subindo affi os inimigos, Antonio de Soufa, e os companheiros os vieram receber, lançando nelles muitos artificios de fogo, e após iffo pondo-lhes as lanças os fizeram defcer, em que lhes pezou, matando alguns delles. E fendo feridos pelos das barcas tres, ou quatro dos do baluarte, cuidando os inimigos que era maior o damno, tornáram a fubir, e infiftir na entrada; o que tão rijo lhes foi refiftido, que em fim mui depreffa tornáram a fe defcer, e embarcando-fe fe tornáram. E praticando entre fi, que fora affronta para elles defiftirem do que accommettêram, fendo tão poucos os que lhe refiftiam, deram todos volta, e tornáram a combater o baluarte. Antonio de Soufa, e

os

os que nelle estavam vendo a volta dos Turcos, deram-se por perdidos, e como taes determináram de vender as vidas. E antes que os inimigos desembarcassem, já eram com elles, fazendo-lhes tal resistencia, que poucos puderam desembarcar. E assi por a pressa que Antonio de Sousa, e os seus lhes davam, como por serem varejados da fortaleza, cheios de medo, e de vergonha se tornáram a embarcar, levando muitas apupadas dos da fortaleza. Vendo Queuan Bec, que era Capitão mui esforçado, o pouco que tinham feito naquelles dous accommettimentos, e quanto lhes tinha custado, os fez tornar, e pondo-se elle na dianteira, em chegando ao baluarte, foi ferido mortalmente de hum berço, de que ao outro dia morreo. E de outros tiros de bombardas foram as barcas arrombadas, perque com dobrada vergonha se tornáram, deixando quarenta mortos, e levando muito número de feridos. Dos do baluarte morrêram dous, e foram feridos cinco. Das barcas, que a nossa artilheria arrombou, como a maré então vasava, foram pela agua alguns Turcos, que as outras suas barcas não puderam tomar, aos quaes Antonio da Silveira mandou huma almadia, e em ella alguns homens, para que os trouxessem; mas elles escandalizados dos males que dos seus ti-

nham recebidos , os matavam , e a poder de brados , que do baluarte da barra lhe davam , trouxeram sós dous vivos.

[a] Os feridos nossos mandou Antonio de Sousa á fortaleza para se curarem , entre os quaes vinha hum Fernão Penteado , homem mancebo mui esforçado , natural da Covilhã , mui mal ferido na cabeça de huma racha de pedra de bombarda. E porque ao tempo que estes feridos vieram , os Turcos affrontados de assi serem mal tratados dos nossos aquella manhã no baluarte do mar , querendo logo vingar-se , commettêram o baluarte dos combates , e assi apertavam como quem queria cobrar o perdido ; durando a peleja , aconteceo a Fernão Penteado , de que atrás fallámos , hum caso que he para lembrar , e foi ; que chegando ao Cirurgião que o curasse da ferida que dissemos , achou-o occupado na cura de outro ferido , dos que do combate vinham , e ao redor de si tinha outros dez , ou doze esperando por vez para serem curados ; e ouvindo Fernão Penteado os gritos , e estrondo que o combate causava , não lhe soffrendo o coração não acudir lá , e achar-se presente , não esperando ser curado , disse ao Cirurgião , que curasse outro ; e correndo como pode , se foi ao combate , e envolvendo-se na pe-

le-

[a] Lopo de Sousa Coutinho.

leja, que foi mui brava, houve outra grande ferida tambem na cabeça; e apertado assi de duas, tornou ao Cirurgião, ao qual achou muito mais occupado. E como áquelle tempo os Turcos apertassem muito os nossos, e elles com dobrado esforço, e fervor lhes resistissem, ouvia-se fóra hum horrendo estrondo, e concorrencia de vozes; o que sentindo Fernão Penteado, deixando o que cumpria á sua saude, e vida, parecendo-lhe que lá aquietaria mais seu espirito, tornou á peleja, não como ferido, mas com novas forças, e espiritos, onde recebeo outra ferida de hum pique que lhe encravou o braço direito, e então impedido delle, se veio curar de todas tres, dando mostra de seu grande animo, e valentia, das quaes, sendo todas mui perigosas, escapou. Durou aquelle combate hum bom espaço, em que dos nossos morrêram tres, e foram feridos muitos. Dos Turcos morrêram mais de vinte, e foram feridos mais de cento. A este tempo se achavam dos nossos para pelejar duzentos e cincoenta homens, pouco mais, ou menos, e desses muitos feridos, e os mais eram mortos, havia mais setenta homens, que em nenhuma maneira podiam tomar armas. E dos inimigos, (segundo se soube per tormento dos dous Turcos que se tomáram das barcas,) eram mortos

áquel-

áquelle tempo mais de oitocentos, e eſtavam feridos mais de mil.

CAPITULO XVI.

Do grande aſſalto, que os Turcos deram á fortaleza com quatorze mil homens de peleja: e do grande aperto, em que a puzeram com morte de muitos dos noſſos.

[a] VEndo os Turcos que nos paſſados combates não tinham aproveitado mais que gaſtarem o tempo, e diminuirem ſuas forças, e temendo-ſe do ſoccorro que os noſſos eſperavam do Viſo-Rey [b], quizeram dar hum aſſalto com toda a ſua gente, e averiguarem de huma vez o que podiam fazer contra os Portuguezes, e não irem-ſe desfazendo pouco, e pouco, como a experiencia lhes moſtrava. Para iſto determinaram de uſar de manha, fingindo que ſe queriam ir, e deixar Dio, para tornarem com grande poder, e tomarem a fortaleza de improviſo. E quando veio ao outro dia, que foram trinta de Outubro, não curáram de continuar a peleja com os noſſos, ſómen-

a Lopo de Souſa Coutinho.

b *Eſte aſſalto, que foi o ultimo que os Turcos deram á fortaleza, não eſtava eſcrito nos cadernos de* João de Barros, *nos quaes havia duas folhas em branco para ſe eſcrever.*

mente tiráram alguns tiros aos muros, como ſempre faziam, com que de todo tinham roto o repairo do baluarte, e desfeitas as caſas do Capitão, e parte das de Lopo de Souſa Coutinho. Mas aquelle dia á tarde para maior diſſimulação ſahíram de ſuas eſtancias á viſta da fortaleza mais de mil homens com ſua bandeira, e paſſando pela Villa dos Rumes, ſe vieram pela praia embarcar na Armada, que eſtava áquella parte, para que os noſſos cuidaſſem, que levantavam o cerco, e fizeram-ſe logo á véla doze galés, e foram na volta do mar, para que os noſſos mais ſe deſcuidaſſem. Mas Antonio da Silveira, que por ſeu entendimento, e grande providencia anteveio o engano, nunca ſe tanto temeo como então, e com muita diligencia proveo todo o neceſſario para reſiſtir a todos engenhos, e máquinas com que os inimigos o podiam accommetter. E andando vigiando tudo o que cumpria, quando acabava a ſegunda vigia, em que a Lua já era poſta, huma das vigias que no baluarte dos combates vigiava, diſſe ſentir ao pé do meſmo baluarte, e per outros lugares gente que com muito ſilencio movia madeira. Para o que Antonio da Silveira mandou que deitaſſem huma panella de polvora, e viſſem o que era. Com a claridade que a polvora fez, ſe víram muitas

tas

tas efcadas, que os inimigos punhão nos lugares onde haviam de fervir. O Capitão vendo tanto número de efcadas, creio que por fuas cafas, e pela eftancia de Lopo de Soufa queriam os inimigos accommetter, porque humas, e outras eftavam batidas. E para que elles não pudeffem arvorar as efcadas, mandou que nenhum efpingardeiro fizeffe tiro, fenão aos inimigos que vieffem pegar dellas; e que os das lanças, e outras armas fe oppuzeffem aos portaes, e roturas das paredes batidas.

Os Turcos, que de dia na vifta de todos fe embarcáram, como foi noite, defembarcáram todos, e fe vieram para as eftancias, onde os Mouros eftavam, e juntamente os mais dos Capitães de toda a Armada. E fendo poftos em ordem por Juçuf Hamed Capitão do mar, e por Barharan Bec homens esforçados, e praticos na guerra, quando começou a manhã fe aprefentáram ante a fortaleza em tres batalhas de mui luzida gente, em que haveria quatro mil homens. Trás eftes eftavam dez mil, das companhias de Aluchan, e de Coge Sofar, derramados, que com innumeraveis tiros efperavam o affalto. Antes de outra coufa defparáram toda a fua artilheria nos lugares per onde efperavam entrar; e ceffando as bombardas, a primeira daquellas tres batalhas, feguindo

hu-

huma bandeira vermelha, a ſom de muitos atambores, e clarões, rompendo o ar com gritos, arrèmettêram huns ao baluarte, e os outros ás eſcadas, que tentáram levantar pelas caſas do Capitão. Mas como os noſſos eſtavam de aviſo para ſó nellas empregarem ſeus tiros, e nos que dellas ſe quizeſſem aproveitar, deſparavam, e tratavam os inimigos de maneira, que quantos a ellas vieram cahíram mortos, ou gravemente feridos, ſem algum tiro ſe perder; porque como o lugar era pequeno para tamanho corpo de gente, não ficava tiro algum em vão. Polo que morrendo quantos nas eſcadas ſe occupavam, ſe ajuntáram todos em hum corpo para a entrada do baluarte, o que aos noſſos foi menos trabalhoſo por ſe não dividir o combate, ſendo elles tão poucos. Naquelle inſtante, aſſi a gente das batalhas, como os de Coge Sofar, começáram a deſparar innumeravel cópia de tiros de eſpingardas, e de fréchas, com que cubria o ar, e fazia hum horrendo eſpectaculo, por ſer a gente tanta, e junta em pequeno eſpaço. Os noſſos da outra parte com muitos artificios de fogo, e panellas de polvora, que lançavam em lugar tão cheio de gente, cauſavam, que de huma parte, e outra houveſſe hum immenſo eſtrondo, e confusão de vozes, gritando huns que morriam, e outros

tros incitando que mataſſem; huns atraveſſados das fréchas dos arcos, e pelouros das eſpingardas, e outros apparecendo queimados feitos braſa, e em tudo brados, e gemidos, e varias imagens de morte. No meſmo tempo vieram quatorze galés Reaes, e baſtardas chegando-ſe á eſtacada, e deſcarregáram muitas vezes ſua artilheria na fortaleza; mas ſem effeito algum, das quaes Franciſco de Gouvea de algumas bombardadas que do ſeu baluarte da barra lhe tirou, deſapparelhou duas, matando-lhe alguma gente, e as fez affaſtar. E ſendo já dos Turcos mais de duzentos em cima do baluarte com ſua bandeira levantada, ſe ajuntáram dos noſſos vinte e cinco, ou trinta homens na praça, que já diſſemos que ſe fazia ſobre o repairo do baluarte, ás lançadas, e com artificios de fogo, matando muitos, e com elles o Alferes, os fizeram perder o que tinham ganhado, e com iſto ſe reforçou a peleja, e ſe foi embravecendo mais. Achando-ſe em ella Martim Vaz Pacheco Cavalleiro mui esforçado, que com muito animo ſoſtinha o impeto dos inimigos, e tendo mortos muitos delles, foi ferido de hum pique por baixo da faldra do coſſolete, de que cahio logo morto. O que vendo Gabriel Pacheco ſeu primo, e grande amigo, que nunca ſe delle apartava, que

era hum mancebo mui esforçado, e de grandes esperanças, movido de grande dor, e desejos de vingar sua morte, ferindo, e matando nos inimigos, foi ferido de duas grandes feridas no rosto com que dobrou o pelejar; e sendo-lhe dito per hum da companhia que se fosse curar, e não quizesse que seu esforço, e mocidade se perdesse tão em breve, respondeo, que pois seu primo, e grande amigo era morto, a vida lhe não servia já de nada, e perseverando na peleja, foi ferido na cabeça de huma espingardada, de que cahio logo morto sobre o corpo de seu primo, dando em idade de poucos annos grande exemplo de esforço, e de amizade. Durando esta revolta, do baluarte do mar, e da torre de S. Thomé dispararam alguns tiros de cameletes, que como por a multidão da gente junta, e apinhoada não podiam dar em vão, lhes fizeram grande damno. Estando pois os Turcos nesta contenda de entrar, e os nossos de lho defender, hum homem, que estava mettido em huma rasgadura do repairo tirando com huma espingarda, e aquella descarregada, dando-lhe outra, matou muitos sem perder tiro, e de hum matou o segundo Alferes, que ao primeiro succedeo.

Sendo desta primeira batalha mortos os melhores, e muitos feridos, começáram os nos-

noſſos a apertallos muito. Os da ſegunda batalha, em que vinham homens eſcolhidos, vendo eſta quebra, fizeram affaſtar os primeiros, e ſubíram ao baluarte com quatro bandeiras que levantáram, e com grande furia apertavam aos noſſos, que lhe arremeſſavam muitos zargunchos, pedras, e artificios de fogo, e os de fóra infinito número de eſpingardadas, e fréchadas, com que as lanças, e as mãos dos noſſos que as tinham, e as rodellas, e os roſtos encravavam. Muitos dos noſſos feridos, e com ſuas faces cheias de ſangue, deſciam do muro, e lugares da peleja a curar-ſe. Outros abrazados, e queimados do fogo da polvora, com o deſaſſocego das dores corriam como furioſos, de que alguns que em lugares da fortaleza acháram tinas de agua ſalgada, ſe mettiam nellas, cuidando de mitigar aquelles ardores com a frialdade da agua; mas como era ſalgada, lhes accreſcentava mais a dor, e alli expiravam. O Capitão Antonio da Silveira, que em ſeu animo padecia o mal de todos, não aſſocegava, e esforçando a huns, e exhortando a outros, e conſolando a todos, e provendo a todos os lugares, mandava aos eſpingardeiros que continuaſſem em ſeus tiros, porque em todo lugar podiam os inimigos ſer feridos. O que bem guardou hum, que tendo deitada a pol-

vo-

vora na eſpingarda, não achando pelouro, com o fervor da peleja, lançou mão a hum dente, (que per ventura teria abalado,) e arrancando-o, o atacou á eſpingarda com elle, e atirou aos inimigos. Eſta ſegunda batalha tinha ganhado mais que a primeira, poſto que tinha ante ſi mui esforçados cavalleiros, entre os quaes ſe achàram Antonio Mendes de Vaſconcellos, Gonçalo Vaz Coutinho, Manoel de Vaſconcellos, Cide de Souſa, Franciſco de Gouvea, que, depois de fazer afaſtar do baluarte as galés, ſe veio ao combate, Rodrigo de Proença Capitão do meſmo baluarte, Duarte Mendes, Simão Furtado, Rodrigo Alvares, Manoel Moreno, Franciſco Mendes de Vaſconcellos, Lançarote Pereira, Antonio Coelho, Lourenço de Mello, Antonio Foreiro, Paio Rodrigues de Araujo, Manoel de Aguiar, Bartholomeu Freire, Diogo da Silva Almoxarife, Bartholomeu Correa, Manoel Rodrigues, Gil Thomé, Franciſco Serrão, Franciſco Henriques Theſoureiro, e outros mui valentes homens, os quaes como trabalhaſſem por ſuſter o pezo de tantos inimigos, Rodrigo de Proença cavalleiro mui esforçado, que alli tinha pelejado mui valentemente, e tinha mortos muitos per ſuas mãos, tirando a viſta a hum elmette, que tinha na cabeça, lhe deo huma frécha pe-

los

los olhos, que voltando ao cerebro, o matou, que todos sentíram muito por perder tal homem em tal tempo. No mesmo lugar Antonio de Vasconcellos, sendo ferido de duas feridas, de que huma era mortal, não cessando de pelejar, sobre ellas foi ferido de hum tiro de berço pelo hombro esquerdo, e passado da outra parte, de que nesse dia morreo, e assi morrêram, e foram feridos outros muitos. Durando a furia desta peleja, hum João Rodrigues mancebo valente natural das Ilhas, trazendo ás costas huma jarra de polvora tapada, em que haveria huma arroba, que para aquelle effeito tinha guardada, segundo a falta havia della, subindo ao baluarte, e fazendo afastar os que defendiam a entrada aos Turcos, lhes disse, que o deixassem passar, que a seus hombros levava a morte para si, e para os contrarios. E rompendo per entre elles, arremetteo aos Turcos, e ajudando-se das mãos, lançou a jarra entre elles, e com muita presteza se recolheo entre os nossos. A jarra posto que mui rija era, como cahio em pedras, quebrou, e tomou fogo a polvora, com que levou pelos ares mais de vinte Turcos feitos brazas, e chamuscou outros muitos. O que sendo favorecido dos nossos com outros artificios de fogo, e panellas de polvora, dando o fogo nos Alferezes, ardêram elles,

les, e as bandeiras, e dando os noſſos ás trombetas, e nomeando vitoria, e ferindo, e matando nelles, os foram empuxando. Os eſpingardeiros Portuguezes não ceſſavam de mui á preſſa deſpararem ſeus tiros, de que nenhum ficava em vão. Áquelle meſmo tempo o baluarte do mar deſparou huma bombarda, que dando o pelouro ao pé do baluarte, em que o combate ſe dava, como tudo o em que deo foſſe gente, matou, e deſpedaçou muitos. Não tardou outro tiro, que diſparou do baluarte de S. Thomé, que dando o pelouro no meſmo lugar, fez outro tanto damno, perque a furia dos Turcos começou a remittir-ſe. E como os noſſos de cima trataſſem da meſma maneira aos que debaixo pelejavam, lhes derribáram outras duas bandeiras que ficavam, e aos Alferezes que as tinham começáram a levallos de vencida.

Á terceira batalha, vendo o fim que houvera a ſegunda, fazendo apartar os feridos, e canſados, com novas bandeiras ſe puzeram no lugar delles. Mas como eſtavam á viſta do que os noſſos fizeram daquellas duas batalhas, que tão animoſamente pelejáram, parecia que o não faziam com tanto calor. Andava entre elles no mais aſpero da peleja ferindo com grande esforço, e incitando os ſeus a outro tanto, Carahacen genro de

Co-

Coge Sofar, que diziam ſer Janiçaro de nação, ao qual por ſer differente dos outros, aſſi na diſpoſição, e esforço, como nas ricas armas que trazia, lhe foi deitada huma grande panella de polvora, que dando nelle, o abrazou, queimando-lhe o roſto, pernas, e braços, o qual com grandes gritos ſe ſahio, ficando todo feio, e aleijado, do que ſe elle depois gloriava. Com a falta deſte homem, que era cabeça daquella batalha, afrouxáram muito os inimigos, poſto que entre elles havia outros muito esforçados. Os noſſos havendo tanto tempo que com ſeus desfallecidos, e feridos corpos ſuſtinham o pezo da peleja, cobrando novos eſpiritos, e renovando a peleja, fizeram aos Turcos deſcerem do baluarte, e volver ás coſtas, retirando-ſe, e deixar o que tinham adquirido, com morte de tantos bons cavalleiros ſeus, e noſſos. Durou eſte grande, e perfiado combate mais de quatros horas, ſem os Portuguezes tomarem folego, porque ſempre pelejavam os meſmos, o que não era nos inimigos, que por ſerem tantos ſe renovavam.

Lançados aſſi os Turcos do baluarte, ſe foram ás ſuas eſtancias com grande ſilencio, como aconteceo aos que recebêram algum grande mal, deixando tinto de ſangue todo o ſitio, que pelejando occupavam, e dos

ſeus

ſeus mortos naquelle combate mais de quinhentos dos mais esforçados, e levando feridos mais de mil. Eſte combate, por ſer o que mais eſpaço durou, e dado per tantos mil homens juntos em hum corpo, foi o que chegou aos noſſos ao ultimo da afflicção, e deſtruição total, ſe Deos lhes não valêra. Porque nelle foram mortos dos noſſos quatorze homens esforçados, e feridos mais de duzentos de crueis feridas; polo que não ficavam mais que quarenta homens para poderem pelejar. Paſſado o meio dia, começáram os Turcos de recolher-ſe ás galés, levando a artilheria miuda, que com menos abalo ſeu, e ſem viſta dos noſſos podiam levar, eſperando por a noite para recolherem a groſſa. E para mais facilidade de a embarcarem, chegáram-ſe as galés mais á Villa dos Rumes do que eſtavam, e por encubrirem ſua determinação, não deixou por iſſo ſua artilheria de tirar á fortaleza, como faziam de antes.

CAPITULO XVII.

Do que o Capitão Antonio da Silveira fez quando os Turcos cessáram dos combates: e das causas perque tão de subito levantáram o cerco.

[a] AO tempo que os Turcos se retiráram, e desistíram de seus combates, estava a fortaleza no mais infelice, e miseravel estado que podia ser; porque da gente que a defendia grande parte era morta, e toda a mais ferida, só ficavam quarenta homens, (como dissemos,) que podiam tomar armas. As munições eram todas desfeitas. A polvora de bombarda, em que consistia a principal defensão, era acabada, e as vasilhas della varridas. Da de espingarda não havia mais que a que cada espingardeiro trazia em seu frasco mal cheio. As lanças eram todas quebradas, que não serviam senão para bordões, em que se arrimavam os feridos, e aleijados. Ver o edificio da fortaleza era hum triste, e medonho espectaculo; porque pela parte de fóra da contínua bateria estava toda arruinada, e pela de dentro, com a necessidade que havia de pedra para os repairos, que contínuo faziam os nossos, desfizeram muitas casas, e paredes, e pareciam rui-

[a] Lopo de Sousa Coutinho.

ruinas de casas, que com algum terremoto cahíram. Em nenhuma cousa punham aquelles cercados os olhos, de que pudessem esperar remedio, nem defensão, senão no invencivel animo de seu Capitão Antonio da Silveira, o qual tanta seguridade mostrava em seu rosto, e assi esforçava a todos, que lhes dava esperança não sómente de se defenderem com aquelle pouco, mas de offenderem aos inimigos; e com tanta confiança o affirmava, que parecia não faltar cousa alguma das necessarias, e que tudo se reformára. Mas elle comsigo de nenhuma maneira se assegurou na desistencia, que os Turcos fizeram de seus costumados combates, e de mostrarem que se embarcavam; porque tinha para si, que era outro tal estratagema, e ardil, como o do dia atrás passado; polo que com muita vigilancia mandou prover esse pouco que havia, esperando ser combatido. E vendo que na casa da polvora não havia alguma, mandou descarregar certas bombardas, que estavam carregadas, e esta polvora repartio per certas panellas que se buscáram, porque tambem isso era acabado nos combates. Os lugares que estavam fracos, fez repairar, e ajuntar nelles muita pedra solta para arremessar; pelos muros mandou pôr os poucos espingardeiros, que havia em seus lugares; e para

que parecessem mais dos que eram, vieram aos muros muitos dos feridos, que podiam andar, e se punham entre os sãos, para fazer volume, e gente. E muitos dos que em cama estavam, se mandavam levar aos muros, parecendo-lhes que acabavam mais honradamente, morrendo no lugar, onde houveram de morrer sendo sãos. Com este pequeno apparato estava o Capitão esperando o successo que Deos ordenasse. A gente estava tão leda em seu aspecto, como quem do estado em que estava esperava em breve glorioso fim, ou morte santa, e honrada, que como calis de sua ultima determinação tinham bebido. O que não sómente mostravam os homens, mas as mulheres, que para tal empreza dizem que algumas se armáram. Aquella noite, para que a gente estivesse vigilante, e não se descuidassem algum momento, mandou o Capitão dar alguns rebates falsos, em que se vio o que fariam quando de verdade vissem os inimigos comsigo.

Polo contrario nos Turcos começou a crescer novo receio; porque como no combate passado, onde mettêram o resto de tudo o que podiam, lhe succedeo tão mal, morrendo tantos homens da flor da sua gente, e ficando todos os outros feridos, lhes pareceo que deviam mudar o conselho, e

tor-

tornarem-ſe para ſuas terras. Iſto não foi medo que inconſideradamente tomáram Soleimão Baxiá, e os ſeus; mas diſcurſos que fizeram, e couſas que concorrêram, perque vieram entender que lhes compria aſſi. Porque como ſe elles foram fazendo tantos menos, e as munições, e os mantimentos lhes hiam faltando, com que os da terra já lhe acudiam de má vontade, não ſe fiava o Baxiá do Aluchan, de Coge Sofar, e dos Guzarates, que tinha armados comſigo, e em cuja terra eſtava, e que ſabia lhe não terem sã vontade, receava que vendo ſua fraqueza, emprenderiam contra elle alguma novidade. Iſto naſceo da ſoberba de Soleimão, e dos ſeus, que logo na entrada tratáram tão mal a Aluchan (como temos dito) perque ſe veio auſentar delles. Chegou-ſe a iſto ſaber-ſe por as ſellas, que ſe lhe perdêram em Madrefabar, e por os ſelleiros que traziam, ſer ſua determinação (como diſſemos) per terra conquiſtarem o Reyno de Cambaya. O que ſe mais entendeo por mandar Soleimão Baxiá, quando logo veio hum ſeu Faratebec por Embaixador a El-Rey de Cambaya, e a ſeus Governadores, notificando-lhes ſua vinda, que dizia ſer a fim de vingar a morte de Soltão Badur, e encarregar a eſte ſeu enviado, que lhe compraſſe em Abmadabad os mais cavallos que

pu-

pudeſſe. O que ſentindo os Governadores, o detiveram quarenta, ou cincoenta dias, ſem lhe dar lugar que fallaſſe a ElRey, nem licença para comprar cavallo algum, antes ſe defendeo, que ninguem lhos vendeſſe, havendo muitos na Cidade. E por as novas que Aluchan, e Coge Sofar eſcreviam a ElRey, e aos Governadores do que ſentiam da tenção de Soleimão, lhes reſponděram, que ſe a fortaleza de Dio ſe pudeſſe tomar da mão dos Portuguezes, para ficar com ElRey de Cambaya, que trabalhaſſem niſſo, mas não para ficar em poder dos Turcos, porque antes queriam noſſa ſujeição, que a ſoberba delles. Coge Sofar per outra parte, que de Soleimão andava mui eſcandalizado, ainda que o diſſimulava, por o pouco reſpeito com que o chamava, e mandava como hum ſeu eſcravo, determinava de o não deixar ſem alguma vingança, a qual Deos permittio que elle intentaſſe para a fortaleza ſe não acabar de perder.

Havia naquelles dias proximos, que em Chaul eſtava parte da Armada que de Goa vinha em ſoccorro de Dio, e eram as vélas que atrás diſſemos que Nuno da Cunha mandára per Martim Affonſo de Mello; e vendo Coge Sofar naquelle dia do grande aſſalto, e ultimo combate, que dando outro

ſe-

ſegundo combate, eſtando a fortaleza desfeita como eſtava, ſem dúvida ſeria entrada; e ſabendo o temor que já Soleimão tinha, com grande preſſa mandou per terra hum ſeu criado, de que muito fiava, a Madrefabar, dando-lhe huma carta, a qual elle fingia que lhe eſcrevia Cide Acut ſeu Capitão que tinha em Surat. E nella ſe continha, que áquelle porto eram chegados trinta navios da noſſa Armada que ficava em Baçaim, que era de cento e cincoenta vélas, em que vinham ſeis mil ſoldados, e que mandava o Viſo-Rey aquellas diante em ſoccorro á fortaleza de Dio, que lhe fazia a ſaber eſta nova por o muito que lhe importava. A eſte ſeu criado mandou Coge Sofar, que em Madrefabat tomaſſe huma galveta, que he hum barco mui leve, e ſe metteſſe pelo meio da Armada dos Turcos, e ſe o tomaſſem, diſſeſſe como era ſeu, e vinha de Surat com aquella carta de Cide Acut ſeu Capitão para elle. Eſte criado veio na galveta, e tanto que foi no porto de Dio, os Turcos o tomáram, e leváram ao Baxiá, o qual ſabendo que trazia recado a Coge Sofar, o mandou chamar, apreſentando-lhe o criado, que lhe deo a carta. Coge Sofar a leo entre ſi, e no fim della ſe moſtrou triſte, e deo conta ao Baxiá do que lhe ſeu Capitão eſcrevia, por o muito

que

que importava ſaber aquella nova para ſe aperceber. Soleimão como era ſabedor, diſſimulou a nova, e para fazer o que eſperava, eſpedio a Coge Sofar, e aquella noite fez grande matinada, dando a entender, que era para ao outro dia dar combate. E para ſe Soleimão mais apreſſar em ſua partida, acertou de ouvir muitos tiros de bombarda, que ſe tiravam em Madrefabat, que eram de certas fuſtas que o Viſo-Rey Dom Garcia mandára per Antonio da Silva, para de longe com ellas favorecer noſſa fortaleza, e crerem os Turcos, que trás ellas vinha a Armada do Viſo-Rey. Com iſto ficou tão acreditada a carta de Coge Sofar, que pareceo a Soleimão que pela manhã ſeria a Armada com elle. Polo que com grande preſſa recolheo aquella noite a mais artilheria que pode, e a outra entregou a Coge Sofar, e juntamente as eſtancias, em que lhe mandou que puzeſſe ſua gente, para que a ſua ida ſe não ſentiſſe, e os noſſos lha não impediſſem, como quem ignorava o que na fortaleza paſſava, e as faltas que nella havia de tudo, de maneira, que já ſe temiam os Turcos de os noſſos os commettêrem. Tantas são as mudanças que ha nas couſas humanas.

[a] Ao outro dia, que era dia da feſta de to-

[a] Lopo de Souſa Coutinho.

todos os Santos, que os noſſos eſperavam foſſe o derradeiro de ſua vida, e em que com morte honroſa dariam fim a ſeus trabalhos, eſtando com as armas preſtes para o que vieſſe, lhes amanheceo huma bem aſſombrada, e quieta manhã, ſem as coſtumadas alvoradas de tanta artilheria, de que perpetuamente eram perſeguidos, e ſem verem nenhuma da inimiga gente de que eſtavam cercados, que parecia couſa de encantamento, e que os noſſos cuidavam que era ſonho em que eſtavam. Os inimigos no meſmo dia, eſtando ao longo da praia meia legua da fortaleza, com outros ſeis dias ſeguintes que mais eſtiveram, fizeram ſua aguada, e tomáram o neceſſario para ſua viagem, que os naturaes da terra, vendo-os deſtroçados, ao coſtume do Mundo, lhes impediam, matando-ſe alguns de huma parte, e outra.

Neſtes dias não ſe deſcuidava Antonio da Silveira, nem dormia, antes como ſe as moſtras dos Turcos foſſem falſas, fazia officio de Capitão vigilante, repairando os lugares rotos, e levantando mais a torre que detrás do baluarte fizera, e ajuntando muita pedra para novos repairos, ſe neceſſarios foſſem. E no meſmo dia de todos os Santos á tarde, em que claro ſe vio a ida dos Turcos, e como a gente de Coge Sofar occupava o lugar que elles deixáram, mandou

dou o Capitão dar alguns rebates, não tanto por o damno que lhes podia fazer, como porque os Mouros não conhecessem nossa fraqueza, e quizessem proseguir o que pelos Turcos não pudera ser acabado, e para que lhes derribassem as trincheiras, que dentro em nossa cava tinham plantadas. Para o que mandou Antonio da Veiga Feitor da fortaleza com vinte cinco homens, o qual dando nas estancias, matando alguns, e afugentando muitos, derribou as mais vizinhas a nós. Em quanto isto se fez, hum dos soldados chegou a hum bastião que achou despejado, com huma bandeira ainda arvorada, que com a pressa os Mouros nelle deixáram, e huma grande peça de artilheria de metal; e tomando a bandeira, tornou-se para Antonio da Veiga, a quem deo relação da bombarda que víra, e elle a deo a Antonio da Silveira, e lhe pedio licença para a ir recolher, que com grande importunação lha concedeo. Sahio Antonio da Veiga da fortaleza mui galante de medalha, e plumas com alguns soldados, e chegado ao lugar onde estava a bombarda, vio que era arrebentada, e querendo-a assi mandar levar, foi morto de hum pelouro de huma espingarda que de mui longe hum Mouro tirou a montão áquella parte, e deo na cabeça a Antonio da Veiga, que estava no

meio

meio de ſeus ſoldados, e era o mais pequeno de corpo de todos elles. Foi eſte caſo mui ſentido do Capitão pola perda daquelle homem, e por ſucceder contra ſua vontade, forçado da importunação de Antonio da Veiga: o que deve ſer aviſo para ſe não haver nenhum lugar por ſeguro, pois eſtá o perigo tão certo, onde ſe elle menos eſpera.

Os Turcos feita ſua aguada, e deixando mortos tantos, e tão valentes homens, e gaſtadas innumeraveis munições, e com muito menos vélas das que trouxeram, que per diverſos caſos ſe lhes perdêram, e desbaratados ſe fizeram á véla aos cinco dias daquelle mez de Novembro do anno de 1538. E como ventaſſe o Levante rijo, e ſe achaſſem carregados com tanto número de feridos, tornáram a ſurgir no meſmo lugar, onde ao outro dia á tarde, que era o ſexto dia do mez, deſembarcáram dos feridos os mais perigoſos, que não podiam ſoffrer o trabalho de tão longa viagem, e ſe tornáram logo a fazer á véla. E como o vento abrandou mais, ſahíram a huma ponta que eſtá huma legua e meia da fortaleza contra a enſeada de Cambaya, e alli ſurgíram, para como a maré da noite vaſaſſe, darem ás vélas. Aquella meſma noite chegáram á fortaleza de Dio duas fuſtas das ſete da companhia de Antonio da Silva de Menezes, que

que (como dissemos) estava em Madrefabat. Em huma dellas vinha D. Luiz de Taíde, em outra D. Martinho de Sousa, que traziam homens bem armados, e outras cousas necessarias. [a] Na mesma noite ás onze horas poz a gente de Coge Sofar fogo á Cidade per muitas partes, e queimada a desampararam, e se foram. E ao mesmo tempo as galés dos Turcos, e os mais navios seus deram ás vélas, e seguíram o caminho do mar Roxo, e foram deixando pelas terras onde aportavam mais de quatrocentos feridos, a que não podiam acudir.

Este foi o fim daquelle grande, e memoravel cerco de Dio, que soou per todo o Mundo, e perque de Antonio da Silveira, e dos que com elle foram, ficará sempre perpétua lembrança.

CA-

a Escreve Diogo do Couto *no cap.* 4. *do liv.* 5. *que na madrugada do dia primeiro de Novembro chegára á fortaleza Francisco de Sequeira o Malavar com aviso da vinda de Antonio da Silva, o qual aos* 6. *de Novembro sobre a tarde, havendo vista da terra, e da Armada Turquesca, se fora detendo para de noite commetter a barra de Dio, o que não quizeram fazer D. Luiz de Taíde, e D. Martinho de Sousa, que vinham na sua companhia; e que na manhã seguinte, sendo partida daquella noite antes a Armada, entrára Antonio da Silva com todas as suas fustas em Dio, onde no caes o esperou, e recebeo com grandes mostras de alegria Antonio da Silveira, e que aquelle proprio dia escrevêram ambos ao Viso-Rey tudo o que havia passado, despachando com as cartas o mesmo Francisco de Sequeira.*

CAPITULO XVIII.

Do que aconteceo a Soleimão Baxiá, como foi em Constantinopla, e do fim que houve.

HAvendo recontado sobre a vinda dos Rumes á India as grandes crueldades, e tyrannias nunca vistas, que Soleimão Baxiá seu Capitão usou com os homens de sua mesma lei, e vassallos de seu mesmo Senhor, de quem não recebêra aggravo, mas serviços, e hospitalidade, pareceo-nos que para exemplo dos que os feitos daquelle homem ouvíram, se devia tambem fazer menção do fim que houve, para que se saiba que nunca a Divina justiça se esquece do castigo que aos máos se deve, ainda que por seus secretos juizos dilate a execução della. [a] Pro-

se-

[a] *Da ponta de Jaquete atravessou Soleimão á costa da Arabia, onde aos 27. de Novembro foi tomar Acer lugar d'ElRey de Dofar, o qual mandou presentar ao Baxiá quarenta Portuguezes, que alli estavam fazendo suas mercadorias, que se afferrolhâram logo nas galés.*

Aos 16. de Dezembro surgio no porto de Adem, na qual deixou por Capitão Emir Mostafá com quinhentos Turcos, guarnecendo a fortaleza de cem peças d'artilheria, e provendo-a de muitas munições, e mantimentos, e de cinco fustas para serviço da fortaleza. Na praia de Zebit, (onde degolláram a ElRey Nacodá,) mandou cortar as cabeças, narizes, e orelhas aos Portuguezes, que levava, entre os quaes foi Francisco Pacheco, e seus companheiros, o que tudo fez salgar, e enviou de presente ao Grã Turco, para mostrar as grandes cruezas que deixava feitas nos Portuguezes. Diogo do Couto *cap. 4. liv. 5.*

ſeguindo pois Soleimão Baxiá ſua viagem pelo mar Roxo, pelos meſmos caminhos que trouxe, tornou a Conſtantinopla per grandes trabalhos do tempo que levou, onde na terra achou outros peiores. Porque como a mulher do Grão Turco lhe tinha odio por a creação que fez em Muſtafá filho de Soleimão ſeu marido, que tinha perfilhado; tanto que elle foi em Conſtantinopla, fez com Ucerá Baxiá, (que eſtivera no Cairo por Governador em auſencia de Soleimão Baxiá,) que contra Soleimão moveſſe alguma culpa das que commettêra no Cairo em tempo de ſeu governo, perque vieſſem a más razões; e havendo modo para iſſo, o mataſſe, que ella o livraria, e faria com ſeu marido lhe déſſe a elle o cargo do ſêllo que elle tinha, e ſeu lugar. Aſſentado iſto, eſtando elles, e outros Baxiás fallando, trouxe Ucerá propoſito para vir fallar em couſas do Cairo, e dizer a Soleimão, que de huns certos tributos, que elle levantára no Cairo, não houvera o Grão Senhor couſa alguma. Deſta prática ſe eſcandalizou Soleimão Baxiá tanto, por ſua idade, e authoridade, e muita valia, que ſoltou muitas palavras mui feias, e injurioſas contra Ucerá, e mui anojado ſe foi para ſua caſa. O Grão Turco ſabendo o caſo, mandou chamar Ucerá, e lhe perguntou, que palavras

fo-

foram as que dissera a Soleimão, porque elle se anojára. Ucerá lhas contou, e para o indignar contra Soleimão, lhe descubrio outras culpas. O Turco em alguma maneira desculpou a Soleimão, dizendo, que tudo o que elle adquiria era para Mustafá seu filho, que tinha feito seu herdeiro. Mas ainda que não culpou muito a Soleimão, todavia se indignou contra elle, por se ir para casa sem primeiro lhe fazer queixume de Ucerá. Com este impeto lhe mandou pedir o sêllo per hum seu porteiro de camera, com algumas palavras, de que Soleimão ficou descontente. E mandando-lhe o sêllo, se foi para huma sua quintã, onde o Turco o mandou chamar, o qual crendo que este chamado era para o matarem, por não dar esse gosto ao Turco, se matou elle com peçonha, e o Turco mandou recolher sua fazenda, e ao Ucerá deo seu sêllo, e lugar; de maneira, que aquelle, que tantos roubos fez a outros, fazendo-se Senhor de suas fazendas, lhe foram confiscadas suas grandes riquezas; e o que a outros tirou os Estados, e os officios, e a honra, em huma hora se vio privado da honra, e da grandeza de seu officio; e o que foi matador de tantos homens sem culpas, foi elle o matador, e algoz de si mesmo por a suas.

CA-

CAPITULO XIX.

Como D. Garcia de Noronha chegou á India, e foi entregue do governo della, e da Armada que ajuntou para ir soccorrer Dio.

POr não interromper o processo, que contavamos do cerco, em que os Turcos, e Guzarates tinham á fortaleza de Dio, que começára em tempo de Nuno da Cunha, e que com a ordem que a elle dera se acabou, não fallámos até agora na vinda, e entrega do governo do Viso-Rey D. Garcia de Noronha, que ainda não era chegado á India. Porque começando o cerco dos Turcos a 4. dias de Setembro de 1538, e o de Aluchan, e Coge Sofar muitos dias antes, D. Garcia de Noronha chegou a 14. do mesmo mez de Setembro, e a 26. se soube em Dio a nova da sua chegada. Tornando pois a elle, e á sua Armada, sendo ElRey D. João certificado de diversas partes da Armada dos Turcos, que estava em Suez para ir á India, determinou de mandar a ella na Primavera daquelle anno por Viso-Rey D. Garcia de Noronha, assi polas partes, e qualidades de sua pessoa, como per sua prudencia, e esforço, mostrado em todas as occasiões, em que se na India achou em com-

pa-

panhia do grande Affonſo d'Alboquerque ſeu tio. Partio D. Garcia de Noronha deſte Reyno no anno de 1538. com huma Armada de doze náos com tres mil homens d'armas, em que entravam muitos Fidalgos, e moradores da caſa d'ElRey, e outra gente limpa, e honrada.

Os Capitães eram eſtes, D. João de Caſtro cunhado do meſmo Viſo-Rey, filho de D. Alvaro de Caſtro Governador da caſa do Civel, que depois foi por Governador á India, e lá foi feito Viſo-Rey della. [a] Dom Garcia de Caſtro filho de D. Franciſco de Caſtro, que hia para Capitão de Goa, Dom Chriſtovão da Gama filho do Conde Almirante D. Vaſco da Gama, provído da fortaleza de Malaca. Ruy Lourenço de Tavora filho de Alvaro Pires de Tavora Senhor do Mogadouro, que levava a Capitanía de Baçaim, D. João Deça filho de D. Pedro Deça Alcaide mór de Moura, deſpachado com Goa, D. Franciſco de Menezes filho de D. Henrique de Noronha, irmão do Marquez de Villa-Real, que hia para Capitão

a Frota da India do anno de 1538. Deſpachou ElRey a D. João de Caſtro para ir á India com a fortaleza de Ormuz, que elle não acceitou, dizendo, que a não tinha merecido, que como a mereceſſe, lhe faria S. A. mercê della, o que ElRey eſtimou muito, e lhe fez mercê de quatrocentos mil reaes de tença, em quanto andaſſe na India.

de Baçaim, Luiz Falcão filho de João Falcão, provído da mesma fortaleza, João de Sepulveda filho de Diogo de Sepulveda, Francisco Pereira de Berredo, e Bernardim da Silveira filho de Francisco da Silveira Coudel mór, que se perdeo sem saber onde, nem como, [b] indo todos os outros a salvamento. [c] D. Garcia chegou com as onze náos a Moçambique, donde despedio para

b Nesta náo de Bernardim da Silveira embarcáram todos os homiziados, degredados, e condemnados á morte, que se tiráram das cadeias do Reino; parece que quiz Deos fazer justiça delles, já que em Portugal se não fizera.

c Os Fidalgos aventureiros, que se embarcáram nesta Armada, foram D. Alvaro, e D. Bernardo filhos do Viso-Rey D. Garcia, D. Martinho de Sousa filho de Dom Jorge, D. João Manoel o Alabastro filho de D. Nuno, D. Luiz de Taíde, que depois foi Conde de Atouguia, e Viso-Rey da India duas vezes, filho de D. Affonso de Taíde, D. Antonio de Noronha Catarras, Fernão da Silva Commendador, e Alcaide mór de Alpalhã, D. Diogo de Almeida o Alfenim, D. João Mascarenhas, Francisco Lopes de Sousa, e Pero Lopes de Sousa seu irmão; Dom João Henriques, D. Duarte Deça, Manoel de Mendoça, João de Mendoça, e Diogo de Mendoça irmãos, filhos de Antonio Furtado de Mendoça, dos quaes João de Mendoça governou a India, D. Jorge de Menezes, que depois se chamou Baroché, e outros muitos Fidalgos, e cavalleiros.

Foi tambem nesta Armada Dom Frei João de Albuquerque, segundo Bispo de Goa, Frade da Ordem de São Francisco da Provincia da Piedade de Portugal, varão de grande virtude, e religião, que succedeo a D. Francisco de Mello primeiro Bispo daquella Cidade, (que hoje he Metropolitana,) o qual morreo antes de passar á India.

ra o Reyno com as novas da ſua boa viagem Henrique de Souſa Chichorro na náo em que alli viera com ſeu irmão Aleixo de Souſa; e partido de Moçambique, chegou a Goa, como diſſemos, a 14. de Setembro de 1538. onde Nuno da Cunha eſtava, que lhe logo entregou a governança com as ſolemnidades coſtumadas. E como as cauſas, por que ElRey D. João mandou á India D. Garcia de Noronha por Viſo-Rey com tantas náos, e tanta gente nobre, e eſcolhida, era o receio que tinha de ir de Suez huma grande Armada de Turcos, a fim de lançarem os Portuguezes da India: tanto que D. Garcia chegou a Goa, ſe começou a fazer preſtes; e com mais diligencia, por os Turcos eſtarem já ſobre Dio, e terem em cerco a fortaleza. E poſto que tratarmos da Armada, que ajuntou para a ir ſoccorrer, póde parecer a alguns que he tirar a materia aos que hão de continuar eſta hiſtoria da India, e eſcrever as couſas do meſmo Dom Garcia; conſiderado bem, não he aſſi. Porque como aquella Armada ſe apercebeo para ſoccorro daquelle cerco, que nos propuzemos contar até o fim, e o cerco ſe começou em tempo do Governador Nuno da Cunha, e per ſua ordem, ſem D. Garcia niſſo poder intervir, por elle chegar do Reyno, quando os noſſos eſtavam já cercados, e com

as armas nas mãos; e porque sobre a dita Armada, e partida della deo Nuno da Cunha seu parecer per cartas que aqui referiremos, não he defraudar o que se ao diante per outros escrever, pois desta Armada não resultou effeito algum, por primeiro se acabar o cerco, que D. Garcia se acabasse de determinar.

Vindo pois a Armada, como D. Garcia foi mandado por Viso-Rey principalmente para resistir aos Turcos, e em Portugal, e outras partes engrandeciam mais a potencia da Armada do que na verdade era, determinou D. Garcia de fazer outra tão grande, com que se defendesse Dio, e assegurasse o Estado da India, em que o Turco tanto desejava metter o pé. Polo que elle ajuntou cento e setenta vélas, em que havia dezesete galeões, de que eram eleitos Capitães Dom Bernardo de Noronha seu filho, em que havia de ir o Viso-Rey seu pai, Antonio de Lemos, D. Paio de Noronha, D. Jorge Tello, D. João Lobo, Luiz Xira, D. Garcia de Castro, Henrique de Sousa, Balthazar da Silva, Vasco da Cunha, D. Francisco de Lima, Fernão de Moraes, Bernabé Drago, Fernão de Castro, Pedralvares de Mesquita, D. Jorge de Castro, e Francisco Pereira o moço.

Quinze náos, de que os Capitães eram es-

eſtes, D. João Deça, Pero de Faria, Franciſco Pereira de Berredo, Gonçalo Pereira, Ruy Lourenço de Tavora, Chriſtovão da Gama, Luiz Falcão, D. Manoel de Menezes, Triſtão Fogaça, Fernão Rodrigues de Caſtello-branco Veedor da Fazenda, Miguel Froes, João Juſarte, Garcia de Sá, Luiz Coutinho, e Franciſco Freire.

Sete caravelas, de que eram Capitães Antonio Correa, Manoel de Mello, Diogo de Souſa, Chriſtovão de Mello, Franciſco de Barros de Paiva, Franciſco da Cunha, e Baſtião de Souſa.

Oito galés, de que hiam por Capitães Martim Affonſo de Souſa, D. Pedro de Caſtello-branco, D. João de Caſtro, D. Alvaro de Noronha, João de Mendoça, Fernão de Lima, Diogo Lopes de Souſa, e João de Souſa.

Dezoito galeotas, Capitães dellas, Dom Diogo de Almeida, Martim Affonſo de Mello, Martim Correa, Antonio da Silva, Manoel de Souſa, Franciſco de Sá, Fernão de Souſa, Jorge de Lima, Antonio Mendes de Vaſconcellos, D. João de Menezes, Bernardim de Souſa, Vicente Pegado, Dom Triſtão de Monroi, Franciſco de Menezes, Jorge de Mello de Souſa, D. Manoel de Lima, e Pero Vaz Guedes.

Nove bargantijs, de que eram Capitães

An-

Antonio de Sá, Alvaro de Mendoça, Valençuela, D. Diogo de Almeida, Diogo de Mesquita, Gaspar Rodrigues, Lopo de Sousa, Braz Fernandes, e hum Tanador mór.

Trinta e tres fustas, Capitães dellas Dom Christovão da Gama, Affonso Bernardes, Antonio Pereira, D. Manoel de Lima, Diogo Fernandes, Monis Sardinha, o Patrão mór, Gaspar de Sousa Freire, D. Francisco de Noronha, Francisco Mendes de Vasconcellos, D. Luiz de Taíde, D. Martinho de Sousa, Francisco de Ilhes, Mattheus Pereira, Gaspar Mendes, Pero Barriga, Thomé Velloso, Francisco Mendes, Fernão de Lemos, Alvaro de Sequeira, Francisco Velho, Jeronymo de Figueiredo, Balthazar Pimentel, Gonçalo Alvares, Jacome Tristão, Thomé Gomes, Antonio Fernandes Malavar, Antonio Jorge, e outros quatro, que vieram de Cananor em companhia de Manoel Sodré.

Treze catúres, Capitães Lourenço Botelho, Francisco Martins, Manoel Affonso, Filippe Rodrigues, Thomé Nunes, Jorge Fernandes, Duarte Pereira, Francisco Dias, Antonio Boto, Antonio Fernandes, Francisco de Sequeira, João de Cordova, e Affonso Luiz.

Havia mais vinte catures, e fustas d'ElRey, e de partes, que andavam no caminho de Goa

pa-

para Dio com recados, e a fóra eſtas vélas havia outras de mantimentos, e munições, que per todas faziam dita ſomma de cento e ſetenta, nas quaes eſtavam para embarcar quatro mil e quinhentos homens d'armas, á fóra a gente do mar, e remeiros da terra.

CAPITULO XX.

Como o Viſo-Rey D. Garcia eſtava indeterminado ſobre a maneira perque accommetteria os Rumes: e do conſelho que niſſo lhe deo Nuno da Cunha.

TEndo já o Viſo-Rey D. Garcia preſtes de tudo a Armada, e a gente, que nella ſe havia de embarcar em ordem, não ſe acabava de determinar ſobre o modo perque havia de accommetter os Turcos, e com o as náos, e navios haviam de pelejar, polo que ſe hia perdendo a occaſião de acudir a tempo aos cercados de tantos inimigos. E tendo ſobre iſſo muitos conſelhos, quiz ſaber o parecer de Nuno da Cunha, por lho ElRey mandar aſſi quando do Reyno partio, por a muita experiencia que tinha da guerra daquellas partes, e do governo dellas. E além de D. Garcia ter muitas vezes praticado com Nuno da Cunha ſobre iſſo, eſtando elle ainda em Goa, aos 15. dias de Outubro lhe mandou o Viſo-Rey pedir ſeu

pa-

parecer per eſcrito, moſtrando-lhe huma carta, que Antonio da Silveira lhe eſcreveo de Dio, dando-lhe conta do eſtado em que eſtava; e o voto de Nuno da Cunha, ſem accreſcentar, nem diminuir couſa alguma, referiremos aqui, por ſer de homem tão inſigne, e tão prudente.

Senhor, eu vi a carta, que me V. S. mandou moſtrar de Antonio da Silveira, que agora D. Duarte trouxe de Dio. E na primeira parte della ſe agaſta muito da bateria que lhe dam, e de como o apertam, e que lhe fizeram cerrar as ameas do baluarte de Garcia de Sá, e aſſi que lhe tinham derribado huma amea nelle, e outra ſobre a porta, e que Dio he mui fraco. E torna logo abaixo a dizer, que ha ſeis dias que batem nelle, principalmente no baluarte de Garcia de Sá, e que lhe tem feito pouco nojo; e que a artilheria com que diz que lhe tiram, são tres baſiliſcos, e tres eſpalhafatos, e muitas eſperas, e meias eſperas, e falcões, e berços, e que iſto lhe tiram todolos dias manhã, e tarde continuadamente. E não aponta que lhe tenham morto, nem ferido homem, donde parece que não he Dio tão fraco, como elle o faz na primeira parte da ſua carta. E aſſi vi o que eſcreveo a V. S. per Sequeira, e tenho eu eſperança que os quatro catúres,

que

que V. S. tem mandado com huns homens Fidalgos, ſe entrarem em Dio, que não ſómente esforçaráõ os que lá ora eſtam fracos, e canſados, mas ſeguraráõ a fortaleza, que não haja medo dos Rumes. E quanto ao que diz do baluarte do mar, tambem ei que lhe he feito muito pouco nojo; porque ſe V. S. ſoubeſſe quão pequena couſa he, e quão fraca, eſpantar-ſe-hia como podem nelle eſtar quarenta homens, que Antonio da Silveira diz que tem, ſem os matarem todos, com mui pouco nojo que lhe fizeſſem. Aſſi, Senhor, que a fortaleza não me parece que eſtá tão fraca como dizem, e mais eſtá nella Antonio da Silveira, que he tão eſpecial cavalleiro, e outros Fidalgos, a que V. S. ſabe o nome, que todos ſobre ella hão de morrer. Quanto á mingua da polvora que diz que tem, e da que poderão ter, e tambem de mantimentos, não indo V. S. tão preſtes, a iſto não poſſo eu mais dizer do que ſempre diſſe: Quanto compre voſſa ida daqui ſer mui cedo. E ainda que ſe faça preſtes com tanta preſſa quanta póde, vejo eu lançar mão de tantos navios, que ſerão cauſa de tardardes muito, e tambem de eſpalhardes a gente, artilheria, e munições, donde ficareis mais fraco. E parece-me a mi, que ſe poderão eſcolher entre todas eſtas vélas oitenta mui boas, e pa-

para em qualquer parte da Christandade serem de receber , e para as temer , e recear , que para cinco mil homens , que V. S. poderá levar , esta Armada bastava , porque iria ella mui cheia de gente , e mui bem apparelhada para tudo o que cumprisse. E eu cada vez que fiz fundamento de pelejar com os Rumes , nunca puz ponto em mais que setenta , ou oitenta vélas , e assi se achará per minhas cartas , que a ElRey Nosso Senhor tenho escrito , e esta me parecia que era a força da India , porque a mais havia eu por fraqueza. Esta Armada se poderá apparelhar mui prestes , e as mais náos , e navios de Chatijs , e todalas outras seram necessarias para vos levarem mantimentos , polvora , e outras cousas , de que tereis necessidade : e he bem que cada dia vos vá soccorro do que cumprir , assi para vossa Armada , como para bastecerdes a fortaleza cada vez que quizerdes. E eu ei segundo as novas dos que vem a Armada , de quão mal apparelhada ella está ; e tambem Antonio da Silveira escreve , que a maior parte da vitoria está na presteza da ida de V. S. E tambem valerá muito sua ida para esforçar os Guzarates , que não façam partido com os Rumes para os recolherem na terra , e fallo-hão com V. S. para os destruir. Se V. S. tão cedo não póde

ir

ir por alguns negocios, ou impedimentos que terá, póde fazer hum feito mui honrado nelles, e com muita ſegurança, que he tomar quinze, ou vinte fuſtas, e catúres, os mais leves, e melhores que para iſſo ſe acharem, com hum homem principal, que vá nelles por Capitão, a que dará a mais honra que póde dar a nenhuma peſſoa, e eſcolheitos tambem Capitães para os outros navios, homens que ſaibam a guerra, e valentes cavalleiros que aqui ha, e com muitas panellas de polvora, e eſpingardas, não duvído eu que indo eſtes navios, que podem levar trezentos, ou quatrocentos homens, que dando nas galés de noite, ou antemanhã, que lhe não fiquem meia duzia nas mãos tomadas, ou queimadas. E iſto tudo, Senhor, são paſſos ſeguros, porque elles não tem navios, que ſe remem para lhe fazer nojo, ſe ſe delles quizerem ſahir, nem podem eſtar apercebidos para ſaberem parte da Armada que vai, nem o que vai fazer. E pollos-hão em tanta confusão, pela eſperança que tem que ha de ir V. S. cada hora, que ficarão meios desbaratados. E podeis, Senhor, iſto julgar polo alvoroço em que vos poriam, ſe deſſem na voſſa Armada de noite outros tantos navios; e quiçá que alargarão Dio deſta maneira, ou o ſoccorrereis, com que não haja medo a todo Mun-

Mundo. E assi podem ir em companhia destes, tres, ou quatro fustas grandes de Chatijs, que aqui ha muitas boas, carregadas de biscouto, e polvora, para que em estes dando, na volta possam ellas passar, e entrar em Dio, e dar-lhe o que levarem. Esta gente, e Armada que V. S. manda, não desfaz na vossa, porque lá a tem diante, e estam prestes, e se está mal esquipada, ir-se-ha esquipando pelos rios. Eu lhe digo isto como seu servidor, e com aquellas salvas com que lhe já disse outras cousas, e tambem por me parecer serviço d'ElRey Nosso Senhor. E peço-lhe por mercê, que não queira que nisto lhe ponham muitos inconvenientes diante, porque as cousas da guerra não se perdem senão per inconvenientes; e em cousa que tanto importa, como he tomar Dio, ou salvar Dio, muito mais se deve aventurar, quanto mais que isto que eu digo são passos mui seguros, indo nisso homem, que o saiba mui bem fazer, e escolhendo bons homens. Este, Senhor, he o meu parecer, que V. S. quiz que lhe désse per escrito.

A este parecer respondeo o Viso-Rey D. Garcia a Nuno da Cunha com esta carta:

Senhor, vi este parecer de V. S. e por minha salvação, e assi me Deos valha, que fico tão contente delle, como fiquei de mi de acer-

acertar de ir per estes passos cá no parecer que tomei com estes Senhores. E para saber que todos somos desta volta, ordenamos de mandar seis fustas as melhores, e mais remeiras, e quatro catúres com ellas, e Antonio da Silva Capitão mór, e vam dar rebate de noite, ou de dia, como melhor puderem nas galés. E porque os quatro catúres, que são diante, os hão de metter em muita confusão, e vendo agora outra volta de fustas sobre si, ha-lhes de parecer que eu devo estar perto. Assi, Senhor, que seguimos o parecer de V. S. que me a mi parece mui bem, e temos nós bem acertado, em ter mandado taes cavalleiros naquelles catúres, que certo hão de entrar dentro; e eu dou hoje este dia os Rumes por vencidos, tanto que nos elles virem, que aquelle apressar-se a combater a fortaleza per muitas partes, não he senão saber que sua salvação está em tomar a fortaleza. Quanto á minha ida daqui, este foi sempre meu proposito, pôr-me no mar com esta Armada que aqui tenho, e lhe beijo as mãos por essa lembrança que me faz, e assi o farei. E o que he feito até agora, parece obra de S. Frei Gil, nem se faz mais na calçada dos galhardos, pois até hoje, que são dezoito de Outubro, não temos mais que dous mil fardos de arroz, que hontem chegáram, tra-

trabalhando tanto por haver mantimentos, que isto he o que nos aqui estorvou, com acharmos esta Armada de todo desapercebida, que a pouca esperança que V. S. tinha de virem estes homens a esta terra, e que em Portugal assi tambem se cuidava, este foi o engano que Nosso Senhor permittio que tivessemos; mas ha no-lo de pagar na honra que havemos de levar em os desbaratar. Beijo as mãos de V. S. hoje 18. de Outubro de 1538.

CAPITULO XXI.

Do aggravo que o Viso-Rey D. Garcia fez a Nuno da Cunha sobre sua embarcação; e como apercebendo-se em Cochij para se vir para o Reyno, escreveo huma carta ao Viso-Rey em resposta de algumas suas.

EStas cousas, e outras desta qualidade, passáram entre o Viso-Rey, e Nuno da Cunha, em que ambos estavam conformes. Mas como he costume do Mundo, mórmente de Portuguezes, que não são huns amigos das honras dos outros, e muito mais dos que andam na India, que aos Governadores que acabam tratam mal, e com ingratidão, ainda aos que o melhor fazem, por grangearem aos que vem; não faltáram

ho-

homens que ante D. Garcia calumniáram a Nuno da Cunha de descuidado, de não ter feito maiores apercebimentos [a] para tamanha Armada, como era a que esperava dos Turcos, e outras cousas, e mexericos, que pudessem damnar a vontade a D. Garcia. Mas Nuno da Cunha por furtar o corpo áquellas calumnias, sendo o tempo em que D. Garcia tinha mais necessidade de seu conselho, por sua muita prudencia, e experiencia se foi a Cochij a se fazer prestes para vir a Portugal. E tendo elle Provisão d'El-Rey para em quanto estivesse em Cochij, depois de alargar a governança, usar dos poderes de Governador, que antes tinha, e fazer a carga da pimenta, e tomar para sua pessoa qualquer náo que quizesse, D. Garcia lha não guardou, nem lhe quiz dar alguma náo das d'ElRey, e chegou a haver cartas, e requerimentos de parte a parte, até Nuno da Cunha pedir a D. Garcia, que pois lhe não queria dar náo d'ElRey das que de cá do Reyno hiam para trazer pimenta, lhe désse a náo de hum Armador pa-

a *Escreve* Diogo do Couto *no cap.* 9. *do* 3. *liv. que o Governador Nuno da Cunha entregou ao Viso-Rey Dom Garcia huma Armada, que estava já de verga de alto, de oitenta vélas, das quaes as quarenta eram galeões, náos, e caravellas, e as demais galés, e fustas, e os armazens cheios de muita artilheria, muitas munições, e mantimentos, como quem tinha tudo apercebido para ir buscar os Rumes, e pelejar com elles.*

para vir nella. Ao que D. Garcia deo por resposta, que elle lha não podia dar por ser de Armador, a que por razão de seu contrato lhe não podia tomar a Capitanía. E que além disso, que elle Nuno da Cunha havia de occupar tanta parte da náo com sua pessoa, e familia, que viria mal carregada: que se elle quizesse obrigar-se a pagar todas as perdas, e damnos que o Armador pedisse contra a fazenda d'ElRey, por elle vir naquella náo, o podia fazer, mas que elle lha não podia dar. Finalmente o Feitor do Armador requereo a Nuno da Cunha, que não viesse naquella náo sem se obrigar ás perdas, e damnos, que por isso o Armador contra elle pedisse. Com estas obrigações houve Nuno da Cunha embarcação ao cabo de dez annos que governou a India, onde além de muitos, e grandes serviços perque merecia mui grande remuneração, fez as fortalezas de Challe, Baçaim, e Dio, que foram de tanta importancia ao Estado da India, e do Reyno, quanto são Ormuz, Goa, e Malaca, que deixou feitas Affonso d'Alboquerque, a quem tambem no fim de seu governo mais o enterráram ingratidões, que trabalhos, e idade. Este pouco respeito que á pessoa de Nuno da Cunha se teve na terra, que elle governára tanto tempo, pedindo embarcação para o Reyno, que a nenhum

nhum homem de grande, ou pequeno eſtado ſe negou, ſentio elle tanto, que ſe crê que junto iſto a ſuas indiſpoſições, lhe cauſou a morte; porque lhe lembrava tambem que em Portugal, para onde elle hia, tinha tantos émulos, e tão poderoſos, que fariam que ſe não eſtranhaſſem aggravos, que na India ſe lhe fizeram, mas os teriam por gloria. E porque pertence á hiſtoria de Nuno da Cunha huma carta ſua, que foi a derradeira que elle eſcreveo de Cochij ao Viſo-Rey, queremos pôr aqui a cópia della.

Senhor, em Goa mandei a V. S. huma lembrança, por me parecer que devia eu iſto ao ſerviço d'ElRey Noſſo Senhor, por S. A. aſſi mo mandar per huma ſua carta, que em todalas couſas vos déſſe meu parecer: e V. S. me diſſe tambem, que iſſo meſmo vos mandava S. A. e hum pouco tambem o fazia pola amizade do Paço, e pouſada que tivemos. E verdadeiramente eſta me obrigou a fallar-vos verdade, como me obrigára a tomar as armas por vós quando cumprira, contra a peſſoa a que eu não tivera maiores obrigações. Tambem diſſo vos fiz, Senhor, outro eſcrito de mi a vós, e reſpondeſtes a elle mais aſpero do que me parecia que convinha, a quem vos tambem aconſelhava; e pela reſpoſta que me mandaſtes, vi eu que eſtaveis com tantos receios,

e temores, que era escusado responder-vos naquelle tempo, nem tambem me parecia serviço d'ElRey Nosso Senhor, e por tanto me calei. Nem agora menos o fizera de Cochij, senão víra outra resposta, e lembrança que fiz á V. S. quando me parti de Goa. Bem vos deve, Senhor, lembrar, que sempre vos disse quão fracos os Rumes vinham, e quantas razões para isso vos dei; e que se vós quizereis fazer Armada prestes, que bastára pelejar com estes homens, e em que toda a gente que na India tinheis coubera muito bem, vós podereis fazer duas cousas mui grandes, ganhar a mais honra que nunca homem ganhou, e fazer o maior serviço a ElRey Nosso Senhor, do que nunca homem fez. Mas parece-me que folgaveis mais de tomar o conselho d'outros homens que o meu, que certo não entendiam o negocio tão bem como eu entendia. Devêra-me V. S. a mi de crer, por haver dez annos que esta terra governava, e conhecia a gente della, e as cousas como se haviam de ordenar, e fazer: e se vos nisso fallava verdade, ou não, a sabida do negocio o mostrou. Eu sempre, Senhor, vos disse, e a todos os homens com que fallei, que pois se os Rumes punham a combater Dio, que não haviam de pelejar com vossa Armada; pois se desejaveis de pelejar com elles, devêra-lhe a V.

S.

S. lembrar, que tinham elles ſeſſenta e tres vélas, nas quaes traziam ſeis, ou ſete mil homens de peleja, e vós fizeſtes cento e ſetenta para levardes quatro mil e quinhentos até cinco mil. E pois tendo tantas vélas, e tão grandes, peço-vos por mercê, que me digais como havieis de repartir voſſa gente, e artilheria, tendo diſto mui pouco; e mais que tão grande Armada, e deſneceſſaria vos gaſtava o tempo, e o dinheiro. Aſſi que eu a eſtas couſas lhe não ſei pôr o nome; e porque eu via iſto tudo, lembrava a V. S. que mandaſſe duas náos a S. A. que desfaziam mui pouco em voſſa Armada, e accreſcentaveis muito no credito, aſſi do Reyno, como deſte Malavar, que quaſi eſtava levantado por iſſo. E quem com os Rumes quizer pelejar, não havia de ſer com muitas vélas, e ſem gente, ſenão com navios eſcolhidos, e cheios de gente que lhe baſtaſſe. E quanto ao que, Senhor, dizeis, que tinheis a eſpada dos Rumes ſobre voſſo peſcoço, antes que V. S. chegaſſe, já eu ſabia que eram vindos, e não havia que me tinham elles tanto a eſpada ſobre o peſcoço; antes me parecia, que ficando eu neſta terra, e vindo-me a gente que comvóſco veio, que era huma das maiores mercês que me Deos neſte Mundo podia fazer, pelejar eu com elles, porque

esperava eu nelle que me désse vitoria. E quando disso não fora servido, não sei eu jornada em que melhor pudera acabar, nem mais honradamente que nesta. Porque assi como vos, Senhor, diziam, que eram tantas as galés de Turcos, e tantos medos, com isso mettiam tambem dizerem-lhe todos os que os víram, e os que escreviam de Dio, quão desesquipadas eram, e como se não podiam bolir; e os homens que de lá vieram fugidos, confessavam, que escassamente podiam virar a poppa com o remo. Pois a estes se devêra dar credito, porque o medo faz parecer que os inimigos trazem azas para voar, e pois lhas elles não achavam, ainda o mal não era muito: Assi, Senhor, que por estas razões vós podereis ter Armada mui grande, e mais mandar para o Reyno carga, que bastará para S. A. suster os gastos, e o credito que ha mester que tenha. E quanto ao offerecimento que lhe eu agora fiz do dinheiro, e cravo, não era de nenhum homem desses, que queriam ir ao Reyno, nem vos requeria que mandasseis pessoa nenhuma; e pois vós achaveis offerecimento disso per outras pessoas, sereis vós muito de culpar em o não acceitardes para soccorrer a S. A. com carga de tres náos; sendo cousa, que quando me elle mais lembrança fazia dos Rumes, me mandava,

que

que não perdeſſe o cuidado da carga, que havia de ir para o Reyno. Mas tornando a fallar no dinheiro que eu dava, eu vos juro por vida de meu pai, que nenhuma peſſoa aqui mettia dinheiro, ſenão eu, que o queria empreſtar, e meus criados, aſſi alguns que na India ficavam, como os que comigo levo. E quanto ao que V. S. diz, que algumas peſſoas lhe aconſelhavam que me fizeſſe requerimentos, para que eu ficaſſe na India, per ventura o não fariam eſſes homens, ſenão per lhes parecer que era para huma couſa de tamanho pezo, como eſta era, e teria eu muitas qualidades para terem de mi neceſſidade. E quando me vós, Senhor, requerereis, ou elles, não houvera de ſer para ficar per homem d'armas, que não me pario minha mãi ſenão para Capitão, e não voſſo laſcarim; ſenão ſe fora para tomar parte do trabalho, de mandar, e pelejar, e me ſer dado muito credito para aconſelhar. Ora vós, Senhor, para eſta primeira não me déſtes diſſo nenhuma parte, nem ma offereceſtes; e para a ſegunda, que he o conſelho, vós nunca o tomaſtes meu, e agora neſta voſſa reſpoſta me dizeis, que vos dou conſelho ſem mo pedirdes. Aſſi que não ſei para que minha ficada foſſe na India, ſenão foſſe para teſtemunha de muitas couſas, que me não pa-

re-

reciam bem. E devêra-vos de lembrar, que D. Francisco de Almeida em Cananor topou vosso tio, que vinha de Ormuz; e lhe offereceo a metade da Armada, e da honra, e que fossem aos Rumes, e elle o não quiz fazer. E eu com menos cumprimento que me fizeram, folgára de servir a Deos, e a ElRey Nosso Senhor. Quanto a pôr fazenda, e criados por serviço de Deos, e de S. A. isso sem vosso conselho fiz eu já muitas vezes; e que he o que eu fiz dez annos ha nesta terra, onde me são mortos tantos? Não fallo em irmãos, que tambem morrêram em seu officio. E que vós, Senhor, pelejasseis muitas vezes, e eu algo tenho feito disso, e se me não feríram, dou eu muitas graças a Deos, que não foi por me não pôr em lugar onde se os cavalleiros, e Capitães deviam pôr. E assi tambem me diz V. S. que me não quizestes fazer requerimentos, ácerca de me pedirdes dinheiro, como ElRey Nosso Senhor mandava, se o eu tevera, bem escusado eram os taes requerimentos, porque eu o dera com mui boa vontade, e não dera a minha prata por prata quebrada, e a de Frandes por prata baixa, de que vos agora servis á vossa meza, e assi vos dava toda a minha dourada, que a quebrasseis, e fizesseis della o que quizesseis. Mandai, Senhor, olhar

as

as contas dos Feitoires de Goa, e das outras fortalezas, e achareis quanto dinheiro emprestei a ElRey Nosso Senhor para suas necessidades. E não sómente lhe emprestei o meu, mas ainda me não paguei de meus ordenados, e levo por arrecadação para o Reyno dez mil cruzados de meus proprios vencimentos. Ora vede vós, Senhor, se fez nunca isto Governador da India. E quanto ao que me V. S. diz, que como não tinha eu sentimento da perda do baluarte da Villa dos Rumes, e do cerco de Dio, que era cousa que eu fizera, por isso me hia eu para Portugal polos não ver perder ante os meus olhos, sem lhe poder valer. Porque não aproveitavam as lembranças que vos fazia para soccorro de Dio, e me dissestes muitas vezes, que vos não havieis de ir senão com toda a Armada junta. Ora quem quer V. S. que estivesse nesta terra, vendo isto que tanto magoava? E pois eu não podia aproveitar em cousa alguma, houve por melhor ir-me, que ficar nesta terra, vendo mais verdadeiramente a espada sobre os pescoços dos que estavam em Dio, que dos que estavam em Goa. E o que peior era, que os homens com que fallava, todos me diziam, que ninguem ousava de vo-lo dizer. Tambem me dizeis, que me deixastes trazer todos meus criados, e outros que o não

eram,

eram, havendo quem vos disseſſe á orelha que eram muito ricos, e que vos poderiam emprestar vinte mil cruzados, se na India ficaſſem. Por eſtas, e outras couſas que vos, Senhor, diſſeram, e V. S. ouvia, vos mudáram do bom propoſito que me diziam que trazieis do Reyno, e a mi damnáram a vontade de ficar neſta terra comvoſco. Bem ſe ſabe, que todolos criados que levo, todos eram meus criados, ſenão hum ſó, que vos mandei dizer per João de Paiva, que ſe quizeſſeis que ficaſſe que ficaria, pois a ſerem tão ricos como iſſo, perguntem á matricola, e achar-ſe-ha, que do meu dinheiro lhe mandei repartir hum conto de reaes para poderem comprar camiſas, e ſe aperceberem para o Reyno. E ſe alguns cá tenho que tenham alguma couſa, na India ficam, huns por ſerem officiaes em Baçaim, e outros por eſtarem em Dio, e outros porque vós não quizeſtes que lhes tomaſſem ſuas contas, nem os deſpachaſſem. E eſtes criados que eu levo, S. A. mos deo per ſua carta, que levaſſe todos os que me foſſem neceſſarios para ſegurança de minha náo. E não ſei como tanto caſo fazeis diſſo, porque neſtas náos que ora cá vieram, vi eu muitos criados, que vós, Senhor, déſtes a homens que nunca tiveram tantos como eu: e além deſtes homens, muitos mancebos, que

ſe

ſe vam para o Reyno pedir ſatisfação a ElRey Noſſo Senhor de ſerviços que elles nunca fizeram. E aſſi ſe vam cá de Cochij outros muitos á que ſe dam licenças, e ſe pagam muitos ſoldos aos que ſe forem. E mais verdade he iſto, que outras muitas couſas que vos á vós diſſeram. E ao que me mais dizeis, que eu folgava de levar muita carga de pimenta para ſer bem recebido no Reyno; ſe vos eu, Senhor, mal quizera, bem folgára eu de ir ſó em huma náo, como me mandaveis, porque ahi veria S. A. a differença das cargas que lhe eu ſempre mandei, da que lhe mandaſtes em chegando. Não levo eu para Portugal para me receberem bem, ſenão dez annos de muitos ſerviços, que eu neſta terra tenho feitos a S. A. e tão bons, que tarde virá a ella Governador que me ponha o pé diante: e vos entreguei a India de maneira, que polo que eu tenho feito, ſe desbaratáram os Rumes, ſem mais ninguem pelejar com elles, e ſe tornáram per onde vieram. E tão baſtecida de navios, e munições, que de cento e ſetenta vélas que vós nella ajuntaſtes, todas achaſtes na India, e munições para ellas, e não ſe compráram outras, ſenão as que eu tinha nos armazens, aſſi em Goa, como nas outras fortalezas. Não vos peze, Senhor, de vos reſ-

pon-

ponder a todalas cousas miudamente desta maneira, porque he bem que as saibais por mi, pois vo-las outrem não ha de dizer; porque derredor de V. S. não andam homens que me querem bem, e os que cá estavam na India, eu lhes tenho feito muitas honras, e boas obras, e sei que mo agradecem mal; e por isso lançai as barbas em remolho, e fiai-vos mais de vossa discrição, e bondade, que da sua delles.

Ao tempo que Nuno da Cunha escreveo esta carta ao Viso-Rey em resposta de outras suas, era o negocio de Dio acabado, como atrás escrevemos, e o Viso-Rey tinha despachado a Martim Affonso de Sousa para vir em huma náo, e Vicente Pegado veio per Capitão de outra com a carga de especiaria, os quaes vieram a este Reyno a salvamento, depois que chegou a náo de Nuno da Cunha, e diante delle mandou o Viso-Rey hum navio, de que Antonio da Silva veio por Capitão com nova à ElRey da ida dos Rumes. E parece que permittio Deos que antes que Nuno da Cunha partisse da India, visse duas cousas, os Rumes idos, da maneira que se foram, e hum grande número de cartas que lhe escrevêram homens que ficavam na India, muitos dos quaes tinha elle castigado por suas culpas, confessando todos, quanto sen-

tiam

tiam ſua partida. Fallamos neſta particularidade por nos ſerem entregues duas arcas de ſeus papeis, de cuja relação nos compuzemos o diſcurſo de ſeus feitos. E as feſtas que eſte Reyno tinha ordenadas para o receber, mais por inveja, que por culpas ſuas, eſtas calará a noſſa pena por honra do meſmo Reyno. O que Deos per honra de Nuno da Cunha, e por não dar gloria aos Miniſtros dellas, atalhou com ſua morte, da maneira que logo diremos.

CAPITULO XXII.

Como Nuno da Cunha partio da India para Portugal, e no caminho falceo.

NUno da Cunha partindo de Cochij pelo mez de Janeiro de 1539. na náo de Duarte Triſtão, como diſſemos, tão deſcontente, como a India o eſpedio, por as razões que lhe fizeram eſcrever a carta atrás, veio ter a Cananor mal diſpoſto entre paixão do eſpirito, e trabalho de ſua embarcação. E alli em Cananor ſahio em terra a ſe confeſſar, e tomar o ſanto Sacramento da Communhão, onde Fernand' Anes de Souto-maior Capitão da fortaleza, por elle vir aſſi mal diſpoſto, e agaſtado, o recebeo com muito prazer, e agazalhado, como homem agradecido a ſeu Capitão. Parti-

tido daqui, foi sua má disposição crescendo de maneira, que cada dia se achava peior. A principal enfermidade foram humas camaras, e sendo passados cincoenta dias que navegava, desejou de comer hum pouco de leite de cabras que levava; e posto que lho deram ferrado por sua enfermidade, elle o corrompeo de todo, e chegou a estado, que começou a entender na sua alma mais, que em outra cousa. E além do testamento que tinha feito, fez per sua mão huma cedula, na qual disse entre outras palavras, que jurava por aquella hora em que estava, não ter da fazenda d'ElRey mais que cinco moedas d'ouro, que tomára da fazenda de Soltam Badur Rey de Cambaya, para as mostrar a ElRey em Portugal, por serem formosas, e grandes. E assi disse outras palavras iguaes a estas ácerca da limpeza de sua pessoa nas obrigações de seu officio. Vendo os seus familiares o estado em que estava, principalmente hum seu Capellão, perguntou-lhe se havia por bem que levando-o Nosso Senhor, o trouxessem salgado em huma pipa, para cá no Reyno lhe darem sua sepultura; e elle respondeo: *Que pois Deos havia por bem de o levar no mar, que o mar fosse sua sepultura, pois a terra o não quizera. E se ella tão mal recebia seus serviços, não lhe queria entregar seus ossos.*

ſos. E vendo-ſe apreſſado da hora da morte, chamou o meſmo Capellão, e lhe diſſe, que porque podia ſer que não eſtaria ainda com defunto que foſſe Cavalleiro do habito, o que havia de fazer era, que tanto que Noſſo Senhor o levaſſe, tomaſſe o ſeu manto da Ordem, e lho veſtiſſe, e lhe puzeſſe a eſpada na cinta, e lhe ataſſem hum par de camaras de ferro aos pés, porque ſeu corpo ſe foſſe logo ao fundo, e o lançaſſem pela varanda no mar, por não fazer torvação na gente da náo. O Capellão quando lhe ouvio fallar naquelle eſtado de ſua morte, moſtrou em lagrimas, e palavras o ſentimento que tinha de lhe ouvir aquellas, ao qual Nuno da Cunha conſolou com huma conſtancia de animo Chriſtão; e olhando para hum Crucifixo que tinha pendurado ante dos olhos, que elle alli mandára pôr, diſſe: *Senhor, pois vos appraz que eu vos vá dar conta de minha vida, eu acceito o que vós haveis por voſſo ſerviço, e recebo em grande mercê ſer antes neſte lugar onde eſtou, que na terra, que não tem os ſerviços que lhe fiz por taes, que della poſſa eſperar algum galardão. Vós, Senhor, que ſois o galardão verdadeiro, eu vo-lo peço, e vós mo dai, não per juſtiça, que per ella ſerei condemnado, mas por voſſa miſericordia, que nunca faleceo a quem nella confiou.*

fiou. Finalmente com eſtas, e outras palavras de varão prudente, e Catholico, conformando-ſe com a vontade de Deos, lhe entregou ſua alma.

Foi Nuno da Cunha filho de Triſtão da Cunha, e de ſua mulher D. Antonia de Alboquerque. Era a eſte tempo que faleceo em idade de cincoenta e dous annos: foi homem grande de corpo, bem apeſſoado, e tendo hum olho quebrado, que lhe quebráram em hum jogo de cannas, em que ElRey D. João III. jogava, não era nelle fealdade. Foi mui ſuave, e gracioſo na converſação, tendo muita mageſtade em mandar, e no governo de couſas de ſubſtancia. Era mui humano, e paciente nas paixões que os homens tinham, e mui facil em recolher em ſua amizade aquelles, que elle ſabia que ſe aggravavam, e murmuravam delle. Foi mui zeloſo de fazer bem aos homens, e com os que lhe eram ingratos diſſimulava, e trabalhava por os não perder de amigos. Na juſtiça era mui inteiro, ſem alguma paixão, e mui limpo em ſeu officio, ſem ſe enxergar nelle modo algum de cubiça. Teve algumas letras Latinas, e muita diſcrição em qualquer prática, como homem que era univerſal em muitas couſas. Foi inclinado a mulheres, de que foi mais notado, por razão do offi-

cio

cio que tinha, e authoridade de ſua peſſoa, que por commetter niſſo couſa que redundaſſe em injuria, ou offenſa de alguem. Tinha cá no Reino muitos émulos, mais por inveja de o terem por muito rico, que por elle fazer couſas para o ſer, os quaes lhe fizeram muito damno ante ElRey, por a muita authoridade que tinham ante elle. Mas o galardão com que houvera de ſer recebido, não quiz Deos que o elle viſſe, e vingou ſuas injurias com ſua morte, por não dar gloria aos que faziam a ElRey crer mal delle. E ainda permittio, que depois de ſua vida vieſſem as couſas da India a tal eſtado, que os dez annos que elle governou foſſem ſempre lembrados, e ſeus proprios inimigos que teve na vida, louvaſſem ſua peſſoa, e obras depois da morte.

Fim da Asia de João de Barros.